



AS GRANDES HISTÓRIAS DE

SHERLOCK HOLMES

 SIR ARTHUR CONAN DOYLE



APRESENTAÇÃO



A obra de Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930) contempla gêneros tão variados quanto a ficção científica, as novelas históricas, a poesia e a não ficção. Porém, sem dúvida, seu maior reconhecimento vem dos contos e romances do detetive Sherlock Holmes e seu fiel parceiro e amigo, o Dr. Watson. Mais de 130 anos após sua criação, continua sendo o detetive ficcional mais popular da história.

A primeira aparição dos personagens se dá em *Um Estudo em Vermelho*, publicado em 1887 pela revista *Beeton's Christmas Annual*, que introduziu ao público aqueles que se tornariam os mais conhecidos personagens de histórias de detetive da literatura universal. Doyle não esconde que a obra de Edgar Allan Poe teve grande influência em sua escrita. O personagem de Monsieur C. Auguste Dupin, de *Os assassinatos na Rua Morgue*, em muito ajudou a compor Holmes, principalmente no que diz respeito à técnica do “princípio da dedução”, utilizada para resolver os casos. Mas é com Holmes e Watson que o método é imortalizado.

Os contos nunca deixaram de ser reimpressos desde que o primeiro deles foi publicado, e são traduzidos até hoje em diversas línguas pelo mundo. Centenas de encenações encarnaram a dupla nos palcos, no rádio e nas telas; revistas e livros sobre o detetive são lançados todo ano. Infinitamente imitado, parodiado e citado, Holmes já foi identificado como uma das três personalidades mais conhecidas do mundo ocidental, ao lado de Mickey Mouse e do Papai Noel.

Outros trabalhos de Conan Doyle foram obscurecidos pelo personagem, e, em dezembro de 1893, ele mata Holmes no conto *O problema final*

(*Memórias de Sherlock Holmes*), mas o ressuscita no romance *O Cão dos Baskerville*, publicado entre 1902 e 1903, e no conto *A Casa Vazia* (*A ciclista solitária*), de 1903, quando Conan Doyle sucumbe à pressão do público e revela que o detetive conseguiu burlar a morte.

Todos os direitos reservados
Copyright © 2021 by Editora Pandorga.

Direção Editorial: *Silvia Vasconcelos*
Produção Editorial: *Equipe Vital Editora*
Preparação: *Isabel Aparecida da Costa*
Revisão: *Ludmila Bortolozo*
Henrique Tadeu Malfará de Souza
Diagramação e *Cristiane*
Produção Digital: *[Saavedra Edições]*
Capa: *Priscilla Andrade*

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) DE ACORDO
COM ISBD**

ELABORADO POR VAGNER RODOLFO DA SILVA - CRB-8/9410

D754g

Doyle, Arthur Conan

As grandes histórias de Sherlock Holmes [recurso eletrônico] / Arthur
Conan Doyle ; traduzido por Tania Costa Nezio, Alice Kleisck, Sarah Bento
Pereira. - Cotia: Editora Pandorga. Brasil, 2021.

ISBN: 978-65-5579-126-6 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Arthur Conan Doyle. I. Nezio, Tania Costa. II.
Kleisck, Alice. III. Pereira, Sarah Bento. IV. Título.

CDD 823

CDD 821.111

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Literatura inglesa 823
2. Literatura inglesa 821.111



DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À EDITORA PANDORGA
www.editorapandorga.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

UM ESTUDO EM VERMELHO

PARTE I

CAPÍTULO I: Sr. Sherlock Holmes

CAPÍTULO II: A ciência da dedução

CAPÍTULO III: O mistério de Lauriston Gardens

CAPÍTULO IV: O que John Rance tinha a dizer

CAPÍTULO V: Nosso anúncio traz um visitante

CAPÍTULO VI: Tobias Gregson mostra o que pode fazer

CAPÍTULO VII: Luz na escuridão

PARTE II

CAPÍTULO I: Na grande planície alcalina

CAPÍTULO II: A flor de Utah

CAPÍTULO III: John Ferrier fala com o Profeta

CAPÍTULO IV: Uma fuga desesperada

CAPÍTULO V: Os Anjos Vingadores

CAPÍTULO VI: A continuação das reminiscências do Dr. John Watson

CAPÍTULO VII: A conclusão

O SIGNO DOS QUATRO

CAPÍTULO I: A ciência da dedução

CAPÍTULO II: A exposição do caso

CAPÍTULO III: Em busca de uma solução

CAPÍTULO IV: A história do calvo

CAPÍTULO V: A tragédia de Pondicherry Lodge

CAPÍTULO VI: Sherlock Holmes faz uma demonstração

CAPÍTULO VII: O episódio do barril

CAPÍTULO VIII: Os frequentadores não habituais de Baker Street

CAPÍTULO IX: O rompimento da corrente

CAPÍTULO X: O fim do ilhéu

CAPÍTULO XI: O magnífico tesouro de Agra

CAPÍTULO XII: A estranha história de Jonathan Small

O CÃO DOS BASKERVILLE

CAPÍTULO I: Sr. Sherlock Holmes

CAPÍTULO II: A maldição dos Baskerville

CAPÍTULO III: O problema

CAPÍTULO IV: Sir Henry Baskerville

CAPÍTULO V: Três fios partidos

CAPÍTULO VI: O Solar Baskerville

CAPÍTULO VII: Os Stapleton da Casa Merripit

CAPÍTULO VIII: Primeiro relatório do Dr. Watson

CAPÍTULO IX: A luz sobre a charneca (Segundo relatório do Dr. Watson)

CAPÍTULO X: Extrato do diário do Dr. Watson

CAPÍTULO XI: O homem sobre o penhasco

CAPÍTULO XII: Morte na charneca

CAPÍTULO XIII: Armandando as redes

CAPÍTULO XIV: O cão dos Baskerville

CAPÍTULO XV: Uma retrospectiva

EDITORA PANDORGA

The background is a red-tinted historical map of London, showing streets, landmarks, and areas like Lambeth, Southwark, and the River Thames. Overlaid on this map is a large, dark silhouette of a person, possibly a detective, wearing a hat and a long coat. The silhouette is positioned in the center, with its head tilted slightly to the right. The text of the title is placed over the silhouette and the map.

UM ESTUDO
Em
VERMELHO
SIR
ARTHUR
CONAN
DOYLE





UM ESTUDO Em VERMELHO



Direção Editorial: *Silvia Vasconcelos*

Produção Editorial: *Equipe Editora Pandorga*

Tradução: *Sarah Bento Pereira*

Preparação e Revisão: *Gabriela Peres*

Diagramação: *Cristiane Saavedra* | Saavedra Edições

Composição de Capa: *Lumiar Design*

PARTE I



(Sendo uma reimpressão das reminiscências do DR. JOHN H. WATSON, ex-membro do Departamento Médico do Exército).

Sr. Sherlock Holmes



No ano de 1878, consegui meu diploma de Doutor em Medicina pela Universidade de Londres e prossegui para Netley para participar do curso para cirurgiões oferecido pelo exército. Tendo completado meus estudos ali, fui devidamente enviado à 5ª Companhia de Fuzileiros de Northumberland como um cirurgião assistente. Nesse período, o regimento estava estacionado na Índia, mas a segunda guerra do Afeganistão estourou antes que pudesse me juntar a eles. Chegando em Bombaim, descobri que minha corporação já havia avançado pelos desfiladeiros e se encontrava bem adentro do território inimigo. No entanto, eu os segui, juntamente com muitos outros oficiais que estavam na mesma situação que eu, e conseguimos chegar a salvo em Candahar. Ali encontrei meu regimento e comecei meus novos deveres.

A campanha trouxe honras e promoção para muitos, mas, para mim, não trouxe nada além de desastres e infortúnios. Fui removido da minha brigada e enviado à de Berkshires, na qual servi na mortal batalha de Maiwand. Nessa ocasião, fui atingido no ombro por uma bala jezail, que estraçalhou o osso e passou de raspão na artéria subclávia. Eu teria caído nas mãos dos *ghazis*^[1] se não fosse pela coragem e devoção mostrada por Murray, meu superior, que me jogou no lombo de um cavalo de carga e conseguiu me trazer em segurança para as linhas de frente britânicas.

Esgotado por conta da dor e combalido pelas prolongadas privações por que passara, fui removido, com um grande comboio de feridos, para o hospital base em Peshawar. Ali me reanimei, e já havia me restabelecido a ponto de ser capaz de caminhar pelas enfermarias, e até de tomar um pouco

de sol na varanda, quando fui acometido pela febre entérica, aquela maldição de nossas possessões indianas. Fiquei desenganado por meses, e, quando finalmente voltei a mim e comecei a convalescer, estava tão fraco e emaciado que uma junta médica decidiu que não deveria esperar nem mais um dia sequer antes de me mandar de volta para a Inglaterra. Fui despachado no navio de transporte de tropas *Orontes*, em conformidade, e atracamos um mês depois no cais de Portsmouth, com minha saúde totalmente arruinada, mas com permissão de um governo paternal para empregar os nove meses seguintes na tentativa de melhorá-la.

Eu não tinha amigos nem parentes na Inglaterra e, portanto, estava livre como o ar – ou tão livre quanto um salário de onze xelins e seis *pence* por dia permite que um homem seja. Dentro dessas circunstâncias, naturalmente me precipitei para Londres, aquela grande fossa para onde todos os vadios e ociosos do Império são inevitavelmente drenados. Fiquei hospedado por um tempo em um hotel privado em Strand, vivendo uma existência desconfortável e insignificante, gastando todo meu dinheiro de forma mais permissiva do que deveria. O estado das minhas finanças ficou tão alarmante que rapidamente percebi: ou deveria sair da metrópole e viver rusticamente no campo ou deveria fazer uma completa alteração no meu estilo de vida. Escolhendo a segunda opção, comecei convencendo-me a sair do hotel e levar meu parco dinheiro para um lugar menos pretensioso e mais barato.

No mesmo dia em que cheguei a essa conclusão, estava parado no pub Criterion quando alguém bateu em meu ombro. Virando-me, reconheci o jovem Stamford, que havia sido meu assistente no Bart's. Avistar um rosto amigo dentro da imensidão de Londres é uma alegria para um homem solitário. Naqueles anos, Stamford não havia sido um amigo íntimo, mas agora eu o saudava com entusiasmo, e ele, em troca, pareceu satisfeito em me ver. Em minha empolgação, convidei-o para almoçar comigo em Holborn, e seguimos juntos em um cabriolé de aluguel.

— O que tem acontecido em sua vida, Watson? — perguntou com admiração mal disfarçada conforme percorríamos as ruas lotadas de Londres. — Você está tão magro quanto uma ripa e marrom como uma noz.

Dei a ele um pequeno resumo das minhas aventuras e concluí com dificuldade no momento em que chegamos ao nosso destino.

— Pobre coitado! — exclamou com compaixão após ouvir meus infortúnios. — O que você está fazendo agora?

— Procurando acomodações — respondi. — Tentando descobrir se é possível conseguir quartos confortáveis a preços razoáveis.

— Que coisa estranha — observou meu companheiro. — Você é o segundo homem a usar essa expressão comigo hoje.

— E quem foi o primeiro? — perguntei.

— Um camarada que está trabalhando no laboratório químico do hospital. Essa manhã, ele estava se lamentando porque não conseguia encontrar alguém para dividir o aluguel de alguns quartos que havia arranjado e que eram muito além do que podia pagar.

— Por Deus! — exclamei. — Se ele realmente quer alguém para dividir as acomodações e os gastos, eu sou o homem certo. Prefiro ter um companheiro a morar sozinho.

Jovem Stamford me olhou de forma estranha por sobre a taça de vinho.

— Você ainda não conhece Sherlock Holmes. Talvez você se incomode com sua companhia constante.

— Por quê? O que há de errado com ele?

— Oh, eu não disse isso. Ele é meio esquisito das ideias, e um aficionado em algumas áreas da ciência. Até onde sei, ele é um camarada decente.

— Suponho que é um estudante de medicina?

— Não. Mas não tenho ideia do que pretende. Acredito que é grande conhecedor de anatomia e é excelente químico, mas, até onde sei, nunca frequentou aulas sistemáticas de medicina. Seus estudos são inconstantes e excêntricos, mas ele tem acumulado estudos não tradicionais que poderiam surpreender seus professores.

— Você nunca perguntou o que ele estava almejando? — questionei.

— Não, ele não é um homem que se abre facilmente, apesar de que pode ser bem comunicativo quando a imaginação o prende.

— Gostaria de conhecê-lo — respondi. — Se for para me hospedar com alguém, prefiro um homem com hábitos quietos e estudiosos. Ainda não estou forte o suficiente para aguentar muito barulho ou agito. Tive o suficiente disso no Afeganistão para o resto da minha existência. Como posso conhecer esse seu amigo?

— Ele com certeza está no laboratório — replicou meu companheiro. — Ou ele evita o lugar por semanas, ou trabalha lá o dia inteiro. Se quiser,

iremos juntos após o almoço.

— Certamente — confirmei, e a conversa mudou para outros assuntos.

A caminho do hospital, após sairmos de Holborn, Stamford dividiu mais algumas particularidades sobre o cavalheiro que talvez viesse a ser meu companheiro de casa.

— Você não pode me culpar se não se der bem com ele — declarou. — Não sei nada dele além do que aprendi em alguns encontros ocasionais no laboratório. Você propôs o arranjo, então não pode me responsabilizar.

— Se não nos dermos bem, será fácil nos separar — rebati. — Parece-me, Stamford — acrescentei, olhando firme para ele —, que tem alguma razão para lavar suas mãos sobre o assunto. O temperamento desse camarada é tão formidável, ou o quê? Não seja tão hesitante sobre isso.

— Não é fácil expressar o inexpressível — retrucou com uma risada. — Holmes é um científico demais para o meu gosto... aproxima-se de sangue frio. Consigo imaginá-lo dando uma pitada do mais recente alcaloide vegetal a um amigo. Veja, não seria por malevolência, mas simplesmente vindo de um espírito de investigação, a fim de ter uma ideia precisa dos efeitos. Para ser justo, acredito que ele tomaria com a mesma prontidão. Parece haver nele uma paixão pela exatidão e pelo conhecimento.

— Muito correto da parte dele.

— Sim, mas talvez seja levado ao excesso. Quando se trata de espancar cadáveres de animais nos dissecadores com um bastão, a história certamente está sendo conduzida de uma forma bizarra.

— Batendo nos cadáveres!

— Sim, para verificar quantas contusões podem ser produzidas após a morte. Eu o vi fazendo isso com meus próprios olhos.

— E mesmo assim você afirma que ele não é estudante de Medicina?

— Não. Só Deus sabe quais são os seus objetos de estudo. Mas aqui estamos e você deve formar suas próprias opiniões. — Enquanto ele falava, viramos em um beco estreito e passamos por uma pequena porta lateral que abria em uma ala do hospital grandioso. Era um lugar familiar para mim e não precisava de guia conforme fazíamos nosso caminho pelo grande corredor com suas vistas para paredes pintadas de branco e portas de cor parda. No final dele, havia uma passagem arqueada que levava até o laboratório químico.

Esta era uma sala alta, revestida e bagunçada com inúmeros frascos. Mesas baixas e largas estavam espalhadas, repletas de retortas, tubos de ensaio e pequenos bicos de Bunsen com suas chamas azuis cintilantes. Só havia um estudante na sala que estava se curvando sobre uma mesa, compenetrado em seu trabalho. Olhou para cima com o som dos nossos passos e pulou de felicidade, exclamando.

— Encontrei! Encontrei! — gritou para meu companheiro, correndo em nossa direção segurando um tubo de ensaio. — Encontrei um reagente que é precipitado pela hemoglobina, e nada mais. — Suas feições não mostrariam uma felicidade maior nem se ele houvesse descoberto uma mina de ouro.

— Dr. Watson, Sr. Sherlock Holmes — disse Stamford, apresentando-nos.

— Como está? — perguntou ele de forma cordial, apertando minha mão com uma força que não imaginei que teria. — Percebo que estive no Afeganistão.

— Como você sabia disso? — perguntei, maravilhado.

— Não importa — respondeu, rindo consigo mesmo. — A questão agora é sobre a hemoglobina. Sem dúvida você percebe a importância do que descobri?

— Quimicamente é interessante, sem dúvidas, mas na prática...

— Ora, homem, essa é a descoberta médico-legal mais prática dos últimos anos. Não percebe que isso nos dá um teste infalível para manchas de sangue? Venha aqui agora! — Em sua ânsia, agarrou-me pela manga do casaco e me levou até a mesa em que estava trabalhando. — Vamos tirar algum sangue novo — falou enquanto furava o dedo com uma longa agulha e colocava o sangue em um conta-gotas. — Agora eu acrescento um litro de água a essa pequena quantidade de sangue. Perceba que a mistura resultante tem aparência de água pura. A proporção de sangue não pode ser maior do que uma em um milhão. No entanto, não tenho dúvidas de que serei capaz de obter a reação característica. — Enquanto falava, jogou um pouco de cristais brancos dentro da vasilha e então adicionou algumas gotas de um líquido transparente. Em um instante, o conteúdo assumiu uma maçante cor de mogno e um pó amarronzado precipitou para o fundo do jarro de vidro.

— Ahá! — exclamou, batendo as mãos, olhando para o seu novo brinquedo com a empolgação de uma criança. — O que acha disso?

— Parece ser um teste bastante delicado — observei.

— Lindo! Lindo! O velho teste de Guaiaco era bagunçado e incerto. Assim como o exame microscópico para corpúsculos de sangue, que não funciona se as manchas já tiverem algumas horas. Agora, este parece funcionar tanto com sangue novo quanto velho. Se este teste já houvesse sido inventado, centenas de homens andando por esta Terra já estariam há muito tempo pagando por seus crimes.

— De fato — murmurei.

— Casos de crimes continuam dependentes desse ponto. Um homem vira suspeito de um crime meses após tê-lo cometido. Examinam-se as roupas e são descobertas manchas amarronzadas. São manchas de sangue, de poeira, de fruta, ou do quê? Essa é a questão que tem intrigado muitos experts, e por quê? Porque não havia testes confiáveis. Agora nós temos o teste Sherlock Holmes e não haverá mais qualquer dificuldade.

Seus olhos brilharam conforme falou, e ele pousou as mãos sobre o coração e curvou-se como se uma multidão tivesse sido conjurada em sua mente para aplaudi-lo.

— Você deve ser parabenizado — observei com considerável surpresa pelo seu entusiasmo.

— Ano passado, em Frankfurt, houve o caso do Von Bischoff. Ele com certeza teria sido enforcado se este teste já existisse. E então houve os casos do Mason de Brandford, o notório caso Muller, do Lefevre de Montpellier e de Samson de Nova Orleans. Eu poderia nomear dezenas de casos nos quais o teste teria sido decisivo.

— Parece que tem acompanhado o calendário de crimes — comentou Stamford com uma risada. — Poderia dar início a um jornal nessa linha. Chamaria “Notícias Policiais do Passado”.

— Seria uma leitura deveras interessante — disse Sherlock Holmes, colocando um pouco de emplastro no furo em seu dedo. Virou-se para mim com um sorriso e continuou: — Tenho que ser cuidadoso porque mexo com venenos constantemente. — Ergueu a mão enquanto falava e vi que estava toda manchada com pedaços semelhantes de emplastro e descolorida por ácidos fortes.

— Viemos aqui a negócios — anunciou Stamford, sentando-se em um banquinho alto com três pernas e empurrando outro com os pés em minha direção. — Meu amigo aqui quer dividir uma hospedagem e, como você

estava reclamando por não conseguir alguém para morar com você, pensei que era melhor juntar os dois.

Sherlock Holmes parecia encantado com a ideia de dividir acomodações comigo.

— Estou de olho em um apartamento em Baker Street — contou ele — que seria ótimo para nossas necessidades. Não se importa com o cheiro forte de tabaco, espero?

— Eu mesmo sempre fumo *ships* — respondi.

— É bom o suficiente. Geralmente tenho produtos químicos ao redor e às vezes faço experimentos. Isso o incomodaria?

— De forma alguma.

— Deixe-me ver quais são minhas outras falhas. Há períodos em que fico depressivo e não abro minha boca por dias inteiros. Não deve pensar que estou mal-humorado quando fizer isso. Apenas deixe-me sozinho e em breve estarei bem. O que você tem para confessar? É bom que dois companheiros saibam o pior do outro antes de começarem a viver juntos.

Ri do seu interrogatório.

— Tenho um filhote de buldogue — respondi —, oponho-me a barulhos porque tenho nervos fracos, levanto-me a qualquer hora ingrata e sou extremamente preguiçoso. Tenho outros conjuntos de vícios quando estou bem, mas esses são os principais atualmente.

— Você incluiria tocar violino em sua categoria de barulhos? — perguntou, ansioso.

— Depende do músico — repliquei. — Um bom tocador de violino é um presente dos deuses, um mau tocador...

— Oh, está tudo bem! — exclamou com uma risada feliz. — Acho que devemos considerar como decidido... Isso se os quartos estiverem de seu agrado.

— Quando podemos vê-los?

— Encontre-me aqui amanhã ao meio-dia e iremos juntos para decidir tudo.

— Tudo bem, ao meio-dia em ponto — respondi, apertando sua mão.

Nós o deixamos trabalhando em suas químicas e caminhamos juntos até o meu hotel.

— Aliás — perguntei subitamente, parando e virando-me para Stamford —, como raios ele sabia que eu estive no Afeganistão?

Meu companheiro sorriu enigmaticamente.

— Esse é só seu jeito peculiar. Um bom número de pessoas já quis saber como ele descobre as coisas.

— Oh! Então é um mistério, não é? — exclamei, esfregando as mãos. — Isso é bem estimulante. Sou-lhe muito grato por nos apresentar. “O estudo adequado da humanidade é o homem”, como você sabe.

— Então, deve estudá-lo. Você descobrirá que é um problema complicado. Aposto que ele aprende mais de você do que o contrário. Adeus — despediu-se Stamford.

— Adeus — respondi enquanto caminhava para o meu hotel, consideravelmente interessado em meu novo conhecido.

[1].Designação honrosa para guerreiros muçulmanos veteranos. Os ghazis tinham fama de usar tortura e métodos penosos.

A ciência da dedução



Encontramo-nos no dia seguinte, conforme tínhamos combinado, e inspecionamos os quartos do número 221B, na Baker Street, dos quais ele tinha falado em nosso encontro. Os aposentos consistiam em dois quartos confortáveis e uma única sala de estar arejada, com móveis alegres e iluminada por duas janelas largas. O apartamento era tão desejável em todos os sentidos, e os custos eram tão razoáveis quando divididos entre nós dois, que a negociação foi concluída no local e obtivemos a posse imediatamente. Levei minhas coisas do hotel naquela mesma noite, e na manhã seguinte, Sherlock Holmes me seguiu com diversas caixas e malas. Por um dia ou dois, ficamos ocupados em desempacotar nossas coisas e as dispor para nosso melhor proveito. Feito isso, gradualmente começamos a nos estabelecer e a nos acomodar em nosso novo ambiente.

Holmes certamente não era um homem difícil de conviver. Era quieto do seu jeito e seus hábitos eram regulares. Era raro que ficasse acordado após as dez da noite e costumava fazer o desjejum e sair antes que eu acordasse. Às vezes passava os dias no laboratório químico, outras vezes nas salas de dissecação e, ocasionalmente, em longas caminhadas, que pareciam levá-lo às áreas mais pobres da cidade. Nada poderia exceder sua energia quando as pressões do trabalho estavam sobre ele, mas, uma vez ou outra, uma reação o abateria e ele passaria dias deitado no sofá da sala de estar, mal pronunciando uma palavra ou movendo um músculo, do amanhecer ao anoitecer. Nessas ocasiões, eu notava uma vaga expressão sonhadora em seus olhos, o que poderia me fazer suspeitar de que talvez fosse viciado em

algum tipo de narcótico, não fosse pela sobriedade e limpeza em toda sua vida que me impediam tal pensamento.

Conforme as semanas se passavam, meu interesse nele e em seus objetivos de vida cresceram gradualmente e se aprofundaram. Sua própria pessoa e aparência chamavam a atenção do observador mais casual. Tinha mais de 1,80 m de altura e era excessivamente magro, o que o fazia parecer mais alto. Seus olhos eram penetrantes e afiados, salvo durante aqueles intervalos de torpor que mencionei; e seu nariz fino como o de um falcão conferia ao seu semblante um ar de alerta e decisão. O queixo, quadrado e proeminente, também marcava a determinação do homem. Suas mãos invariavelmente estavam salpicadas de tinta ou manchadas com químicos, mas, mesmo assim, ele era dotado de uma extraordinária delicadeza no toque, como frequentemente tive a ocasião de observar quando o assistia manipular os frágeis instrumentos científicos.

O leitor pode me classificar como um intrometido inveterado, porém, devo confessar o quanto esse homem intrigava minha curiosidade e com que frequência tentei romper a reticência que ele mostrava com tudo que o interessava. Todavia, antes de julgar, lembre-se de que minha vida não era dotada de objetivos e que não havia muito que prendesse minha atenção. Minha saúde impedia de me aventurar do lado de fora, a menos que o tempo estivesse excepcionalmente bom, e eu não tinha amigos a quem pudesse chamar para quebrar a monotonia da minha existência. Nessas circunstâncias, saudei com avidez o mistério que rodeava o meu companheiro e empreguei muito tempo esforçando-me para desvendá-lo.

Ele não estava estudando Medicina. Tinha confirmado a mim a opinião formulada por Stamford a esse respeito. Também não parecia ter procurado algum curso que conferisse a ele um diploma em ciências ou qualquer outro reconhecimento que poderia garantir-lhe a entrada ao mundo do ensino. Mesmo assim, seu zelo por certos estudos era notável e, dentro dos limites excêntricos, seu conhecimento era tão extraordinário, amplo e minucioso que suas observações me surpreendiam em demasia. Certamente, nenhum homem trabalharia tanto ou obteria tantas informações precisas a menos que tivesse um objetivo final em mente. Leitores que não se prendem a um assunto específico raramente são notados pela exatidão da sua aprendizagem. Ninguém sobrecarrega a mente com certos pormenores a menos que haja alguma boa razão para tanto.

Sua ignorância era tão estonteante quanto seu conhecimento. Ele parecia saber quase nada sobre literatura contemporânea, filosofia e política. Quando citei Thomas Carlyle, perguntou-me com a maior naturalidade quem ele poderia ser e o que havia feito. No entanto, meu nível de surpresa atingiu o clímax quando, de forma acidental, descobri que ele era ignorante em relação à Teoria Copernicana e à composição do Sistema Solar. Pareceu-me um fato extraordinário que qualquer homem civilizado no século XIX não soubesse que a Terra viaja ao redor do Sol; eu mal conseguia acreditar.

— Você parece atônito — disse ele, sorrindo da minha expressão de surpresa. — Agora que sei disso, farei o meu melhor para esquecer.

— Esquecer!

— Veja — explicou —, considero que o cérebro de um homem originalmente é como um sótão vazio, e você tem que enchê-lo de móveis da sua escolha. Um tolo amontoa todo tipo de coisas velhas que chegam. Então, quando aquele conhecimento que pode lhe ser útil fica perdido em meio ao entulho, fica difícil encontrá-lo. No entanto, o trabalhador hábil é muito cuidadoso em relação ao que permite entrar em seu cérebro-sótão. Ele nunca guardará nada lá além das ferramentas que poderão ajudá-lo em seu trabalho, das quais possui grande variedade, e tudo na mais perfeita ordem. É um erro pensar que essa pequena área possui paredes elásticas e pode se expandir em qualquer extensão. Portanto, chega um momento em que, para cada adição de conhecimento, você esquece algo que sabia antes. Por isso, é de maior importância não possuímos fatos inúteis que expulsem os úteis.

— Mas o Sistema Solar! — protestei.

— Que diabos isso significa para mim? — interrompeu-me sem paciência. — Você diz que giramos ao redor do Sol. Se fosse ao redor da Lua, não faria a mínima diferença para mim ou para meu trabalho.

Estava a ponto de perguntar o que seria esse trabalho, mas algo em sua postura me mostrou que esse questionamento não seria bem-vindo. Contudo, ponderei sobre nossa rápida conversa e me esforcei para tirar minhas conclusões. Ele disse que não iria adquirir nenhum conhecimento que não acrescentasse aos seus objetos de estudo. Assim, todo conhecimento que possuía era e seria útil para ele. Enumerei em minha mente todos os pontos variados em que ele me mostrou ser excepcionalmente bem-informado. Até peguei um lápis e os anotei. Não pude deixar de sorrir ao papel quando o completei. Ficou deste jeito:

Sherlock Holmes: suas limitações.

Literatura	Zero
Filosofia	Zero
Astronomia	Zero
Política	Fraco
Botânica	Variável: conhecimento alto em beladona, ópio e venenos em geral. Não sabe nada de jardinagem prática.
Geologia	Prático, mas limitado: capaz de distinguir diferentes tipos de solo em um relance. Após caminhadas, mostrou-me salpicos em suas calças e me disse, com base em sua cor e consistência, em que parte de Londres se sujou.
Química	Profundo
Anatomia	Preciso, mas assistemático.
Literatura sensacionalista	Imenso. Ele parece saber cada detalhe de cada horror perpetrado no século.
Leis britânicas	Tem conhecimento prático.
É especialista em esgrima, um exímio boxer e espadachim.	
Toca violino muito bem.	

Quando minha lista já estava completa, lancei-a no fogo com aflição. “Se apenas pudesse descobrir o que impulsiona o camarada relacionando todas essas conquistas e descobrindo o que as conecta. Talvez eu devesse desistir de tentar de uma vez”, murmurei para mim mesmo.

Percebi que fiz rápida menção aos seus talentos como violinista. Eram bem notáveis, mas tão excêntricos quanto as outras realizações. Que ele podia tocar peças, e as mais difíceis, eu bem sabia, porque eu já havia solicitado que me tocasse algumas de *Lieder* de Mendelssohn e outras famosas. Todavia, quando deixado sozinho, ele raramente produzia alguma

música ou tentava tocar algo conhecido. Reclinado em sua poltrona ao anoitecer, ele fechava os olhos e arranhava de forma descuidada o violino apoiado em seus joelhos. Algumas vezes os acordes soavam melancólicos. Em outras ocasiões, eram alegres e fantásticos. Era evidente que refletiam os pensamentos que o governavam, mas eu não conseguia determinar se a música era o resultado da sua mente ou um ato de capricho. Eu poderia ter me rebelado contra esses solos exasperados se ele geralmente não terminasse tocando uma rápida sucessão de uma série dos meus favoritos como uma compensação pelo tormento a que minha paciência fora submetida.

Não tivemos visitas durante a primeira semana, ou pouco mais, e comecei a pensar que meu companheiro era tão sem amigos quanto eu. Contudo, um pouco depois descobri que ele tem diversos conhecidos das mais diferentes classes da sociedade. Havia um sujeito pálido, com cara de rato e olhos escuros, que foi apresentado a mim como Sr. Lestrade, e que veio três ou quatro vezes na mesma semana. Outra manhã, foi uma jovem dama que chegou elegantemente vestida e ficou por uma hora e meia ou mais. A mesma tarde trouxe um senhor grisalho, decadente, com ares de ambulante judeu, que me pareceu bastante agitado e que foi seguido de perto por uma senhora idosa desleixada.

Em outra ocasião, um cavalheiro de cabeleira branca teve uma entrevista com meu companheiro; em outra, foi um porteiro ferroviário em seu uniforme de veludo. Quando qualquer um desses indescritíveis indivíduos aparecia, Sherlock Holmes costumava implorar pelo uso da sala de estar e eu me retirava para o meu quarto. Ele sempre se desculpava pela inconveniência:

— Tenho que usar esse cômodo como um lugar de negócios — dizia —, e essas pessoas são meus clientes. — Novamente tive a oportunidade de perguntar sobre seu trabalho, e novamente minha sensibilidade me impediu de forçar outro homem a depositar sua confiança em mim. Na época, imaginei que ele tivesse algum motivo forte para não se referir a isso, mas ele logo afastou essa ideia quando levantou o assunto por conta própria.

Foi por volta do dia 4 de março, como tenho um bom motivo para lembrar, já que por alguma razão acordei mais cedo do que o normal e descobri que Sherlock Holmes ainda não tinha terminado seu desjejum. A governanta já estava tão acostumada com meus hábitos tardios que meu lugar não havia sido arrumado nem meu café preparado. Com a petulância

irracional da humanidade, toquei o sino e dei uma breve sugestão de que estava pronto. Então, peguei uma revista da mesa e tentei matar o tempo com ela enquanto meu companheiro mastigava sua torrada silenciosamente. A manchete de um dos artigos estava marcada a lápis e eu naturalmente comecei a correr meus olhos por ela.

O título, meio ambicioso, era “O livro da vida”, e tentava mostrar como um homem atento poderia aprender por meio de um exame correto e sistemático de tudo que chegava até ele. Isso me pareceu uma mistura notável de perspicácia e de absurdo. O raciocínio era rigoroso e intenso, mas as deduções me pareceram absurdas e exageradas. O autor alegava compreender os pensamentos mais íntimos de um homem mediante a observação de uma expressão momentânea, um movimento dos músculos ou de um olhar. Engano, de acordo com ele, era uma impossibilidade para alguém treinado em observar e analisar. Suas conclusões eram tão infalíveis quanto às de Euclides. Seus resultados pareceriam tão surpreendentes aos leigos que, até que aprendessem os processos pelos quais ele havia passado, poderiam considerá-lo um necromante.

“De uma gota de água”, dizia o autor, “uma pessoa lógica pode inferir a possibilidade de ser do Atlântico ou do Niágara sem ter visto ou ouvido a respeito de qualquer um deles. Então, toda a vida é uma grande corrente, cuja natureza é conhecida sempre que um único elo nos é mostrado. Como todas as artes, a Ciência da Dedução e Análise é uma que só pode ser adquirida após longo e paciente estudo, e a vida não é longa o suficiente para permitir que qualquer mortal obtenha o seu mais alto nível de perfeição. Antes de recorrer aos aspectos morais e mentais da matéria a qual apresentamos as maiores dificuldades, deixemos o indagador começar dominando os problemas mais elementares. Deixe-o, encontrando outro mortal, aprender rapidamente a distinguir a história do homem, o comércio e a profissão a qual pertence. Apesar de tal exercício parecer pueril, aguça as faculdades de observação e ensina para onde olhar e o que procurar. Pelas unhas de um homem, pela manga de seu casaco, pela bota, pelos joelhos das calças, pelas calosidades de seu dedo indicador e polegar, por sua expressão, pelos punhos da camisa – o chamado de um homem é claramente revelado por cada uma dessas coisas. Que todas essas coisas somadas não sirvam para esclarecer o investigador competente é, em qualquer caso, quase inconcebível.”

— Que tolice inefável! — exclamei, batendo a revista na mesa. — Nunca li tamanha tolice em minha vida.

— O que é? — perguntou Sherlock Holmes.

— Ora, este artigo — respondi, apontando com a minha colher de ovos conforme me sentava para o desjejum. — Percebo que você já o tinha lido, já que o marcou. Não nego que é escrito de forma inteligente. Todavia, irritou-me. Evidentemente é a teoria de algum homem desocupado que desenvolveu todos esses pequenos paradoxos na reclusão de seu próprio escritório. Não é prático. Gostaria de vê-lo atulhado na terceira classe do metrô de Londres perguntando a profissão dos seus companheiros de viagem. Apostaria mil por um contra ele.

— Você perderia dinheiro — comentou Sherlock Holmes calmamente. — Já que fui eu quem escreveu o artigo.

— Você!

— Sim, tenho uma inclinação tanto para a observação quanto para a dedução. As teorias que apresentei aí, as quais lhe parecem ser tão utópicas, na verdade são extremamente práticas; tanto que dependo delas para o meu sustento.

— Como? — perguntei, involuntariamente.

— Bem, tenho um negócio próprio. Acredito que sou o único do mundo. Sou um detetive consultor, se consegue entender o que é isso. Aqui em Londres temos vários detetives do governo e aqueles que são particulares. Quando estes se deparam com alguma dificuldade, eles me procuram e eu os oriento, colocando-os na pista certa. Eles apresentam todas as evidências a mim e geralmente sou capaz de conduzi-los com a ajuda do meu conhecimento sobre a história do crime. Há uma semelhança familiar entre os crimes, e se você tem em mãos todos os mil detalhes, é estranho que não consiga desvendar os mil e um detalhes. Lestrade é um detetive muito conhecido. Ele se meteu em uma situação complicada de um caso de falsificação, e foi isso que o trouxe aqui.

— E as outras pessoas?

— A maioria é enviada por agências de investigação privadas. Há todo tipo de pessoa com algum tipo de problema que precisa de um esclarecimento. Eu escuto suas histórias, eles escutam meus comentários e então embolso minha taxa.

— Mas você quer dizer — contrapuz — que, sem sair do lugar, pode desvendar algo que outro homem não consegue, apesar de ele ter visto todos os detalhes?

— Por aí. Tenho um certo tipo de intuição. De vez em quando aparece um caso que é um pouco mais complexo. Então, fico empolgado para ver tudo com meus próprios olhos. Entenda, sou detentor de uma vasta gama de conhecimentos especiais que aplico ao problema e que facilitam tudo maravilhosamente. Aquelas regras de dedução descritas no artigo que despertaram seu desprezo são inestimáveis para mim em meu trabalho prático. Para mim, observação é uma segunda natureza. Você pareceu surpreso quando lhe disse, em nosso primeiro encontro, que você viera do Afeganistão.

— Contaram-lhe, sem dúvidas.

— Nada do tipo. Eu *sabia* que tinha vindo do Afeganistão. Devido a um antigo hábito, o trem de pensamentos correu de forma tão rápida em minha mente que cheguei à conclusão sem estar consciente dos passos intermediários. Mas eles existiram. O trem de raciocínio seguiu assim: “Aqui está um cavalheiro do tipo médico, mas com ar de um militar. Claramente um médico do Exército. Acabou de chegar dos trópicos, pois o rosto está bronzeado, e essa não é a cor natural de sua pele, já que seus pulsos estão pálidos. Passou por dificuldades e doenças, como seu rosto abatido demonstra. Seu braço esquerdo foi ferido; ele o mantém de maneira rígida e anormal. Onde, nos trópicos, um doutor do Exército britânico poderia ter passado por tanto sofrimento e ter machucado o braço? Obviamente, no Afeganistão”. Toda linha de pensamento não durou um segundo. Foi quando comentei que veio de lá e você foi surpreendido.

— É simples o suficiente quando você explica — disse eu, sorrindo. — Você me lembra Dupin, de Edgar Allan Poe. Não tinha ideia de que indivíduos assim existiam fora das histórias.

Sherlock Holmes levantou-se e acendeu seu cachimbo.

— Não duvido que você pense que está me elogiando ao me comparar com Dupin — observou. — Agora, em minha opinião, Dupin foi um camarada bem inferior. Seu truque de adentrar o pensamento dos amigos com um propósito marcante após um quarto de hora de silêncio é realmente muito pomposo e superficial. Ele tinha um gênio analítico, sem dúvidas, mas não era de forma alguma tal fenômeno como Poe parecia imaginar.

— Você leu as obras de Gaboriau? — questionei. — Lecoq atinge seu ideal de detetive?

Sherlock Holmes fungou sarcasticamente.

— Lecoq era um miserável trapalhão — respondeu com raiva —, e tinha só uma coisa a seu favor, que era sua energia. Aquele livro me deixou totalmente desgostoso. A questão era como identificar um prisioneiro desconhecido. Eu poderia ter feito isso em vinte e quatro horas. Lecoq levou aproximadamente seis meses. Poderia ter sido um livro para ensinar o que os detetives não devem fazer.

Fiquei indignado por ver dois personagens que admirava sendo tratados sem cerimônia. Segui até a janela e observei a rua movimentada. “Esse camarada pode ser bastante inteligente, mas certamente é pretensioso”, disse para mim mesmo.

— Não há crimes ou criminosos por esses dias — falou de forma rabugenta. — Qual é o sentido de termos cérebros em nossa profissão? Sei bem que tenho capacidade de fazer com que meu nome fique conhecido. Nenhum homem que vive ou já viveu trouxe a mesma quantidade de estudos ou de talento natural na arte de deter crimes como eu tenho feito. E qual é o resultado? Não há crimes para deter ou, no máximo, algum vilão incompetente com um motivo tão transparente que até mesmo um oficial da Scotland Yard seria capaz de resolver.

Eu ainda estava irritado com seu estilo arrogante de conversa. Achei melhor mudar de assunto.

— Eu me pergunto o que aquele sujeito estaria procurando? — questionei, apontando para um indivíduo robusto, trajando roupas simples, que caminhava devagar do outro lado da rua, olhando ansiosamente para os números.

— Você está se referindo ao sargento aposentado da Marinha — falou Sherlock Holmes.

“Quanta bravata!”, pensei comigo mesmo. “Ele sabe que não posso comprovar seu palpite.”

O pensamento mal passara pela minha mente quando o homem que observávamos distinguiu o número em nossa porta e atravessou a rua rapidamente. Ouvimos uma batida alta, uma voz profunda e passos pesados subindo a escada.

— Para o Sr. Sherlock Holmes — disse ele, entrando no cômodo e entregando a carta ao meu amigo.

Ali estava a oportunidade de tirar-lhe a presunção. Ele pouco pensou nisso quando deu aquele palpite aleatório.

— Posso perguntar-lhe, meu rapaz — comecei com voz branda —, qual é o seu ofício?

— Comissário, senhor — respondeu de forma ríspida. — O uniforme foi levado para reparos.

— E o que você era antes? — indaguei com um olhar um pouco malicioso em direção ao meu companheiro.

— Um sargento, senhor. Infantaria Ligeira da Marinha Real, senhor. Sem resposta? Certo, senhor.

Ele bateu continência, levantou a mão em saudação e foi embora.

O mistério de Lauriston Gardens



Confesso que fiquei consideravelmente assustado com a recente prova da natureza prática das teorias do meu companheiro. Meu respeito por seus poderes de análise aumentou tremendamente. Ainda existia certa suspeita espreitando em minha mente, no entanto, de que todo episódio foi pré-arranjado para me deslumbrar, embora com que objetivo ele teria para querer me enganar estava além da minha compreensão. Quando olhei, ele já havia terminado de ler a nota e seus olhos assumiram um olhar vago, uma expressão sem brilho que mostrava abstração mental.

— Como você conseguiu deduzir isso? — questionei.

— Deduzir o quê? — devolveu ele de forma petulante.

— Ora, que ele era um sargento reformado da Marinha.

— Não tenho tempo para insignificâncias — respondeu bruscamente, depois, acrescentou com um sorriso: — Perdoe minha grosseria. Você interrompeu minha linha de raciocínio, mas talvez não tenha problema. Então você realmente não foi capaz de ver que o homem era um sargento da Marinha?

— Não, de verdade.

— Foi mais fácil saber do que explicar como soube. Se lhe pedissem que provasse porque dois mais dois são quatro, você poderia encontrar alguma dificuldade, ainda que estivesse certo do fato. Mesmo do outro lado da rua, pude ver uma âncora tatuada no dorso da mão do camarada. Isso está relacionado ao mar. No entanto, ele tinha uma carruagem militar e costeletas características. Então, temos a Marinha. Era um homem com pompa e certo ar de comando. Você deve ter observado a maneira que

erguia a cabeça e balançava a bengala. Era um respeitável e estável homem de meia-idade também, como parecia. Todos os fatos me levaram a acreditar que ele tinha sido um sargento.

— Incrível! — bradei.

— Banalidade — disse Holmes, apesar de que sua expressão parecia denotar prazer ao ver a minha evidente surpresa e admiração. — Disse agora há pouco que não havia criminosos. Parece que estou errado... olhe isto! — Entregou-me o papel que o comissário trouxera.

— Ora, isso é terrível! — exclamei enquanto passava meus olhos pelo bilhete.

— Realmente parece ser um pouco fora do comum — observou calmamente. — Importa-se de ler em voz alta para mim?

Esta é a carta que li para ele:

Caro Sr. Sherlock Holmes,

Ocorreu um grave incidente durante a noite em Lauriston Gardens, nº 3, próximo de Brixton Road. Nosso homem de ronda viu luz ali por volta das duas da manhã, e, como a casa estava vazia, desconfiou que houvesse algo errado. Encontrou a porta aberta e, na sala da frente, desmobiada, avistou o corpo de um cavalheiro bem-vestido que tinha no bolso cartões com o nome de “Enoch J. Drebber, Cleveland, Ohio, EUA”. Não houvera roubo e tampouco há sinais de como se deu a morte do homem. Há marcas de sangue na sala, mas nenhum ferimento no corpo. Não fazemos ideia de como ele entrou na casa vazia; de fato, o caso é um completo enigma. Se o senhor for até a casa a qualquer hora antes do meio-dia, vai me encontrar lá. Deixei tudo in statu quo^[2] até ter notícias suas. Se não puder vir, enviarei mais detalhes, e eu estimaria em demasia se pudesse fazer a bondade de amparar-me com sua opinião.

Cordialmente,

Tobias Gregson

— Gregson é o policial mais inteligente da Scotland Yard — comentou meu amigo. — Ele e Lestrade são os melhores de um grupo podre. Ambos são rápidos e enérgicos, mas convencionais de uma forma chocante. Têm uma animosidade mútua, e são invejosos como moçoilas. Haverá alguma diversão se ambos estiverem investigando esse caso.

Fiquei impressionado com a sua calma.

— Então não há tempo a perder! — exclamei. — Devo lhe chamar um carro?

— Não tenho certeza de que devo ir. Sou o preguiçoso mais incurável que já existiu, apesar de algumas vezes ser ágil o suficiente.

— Ora, essa era a chance que estava procurando.

— Meu caro companheiro, o que importa para mim? Suponha que eu desvende o mistério, pode ter certeza de que Gregson, Lestrade e companhia embolsarão todo o crédito. Isso é o que acontece quando não se é um personagem oficial.

— Mas ele implorou por sua ajuda.

— Sim. Ele sabe que sou superior e reconhece isso para mim, mas cortaria a língua antes de admitir isso para outra pessoa. Contudo, podemos ir e dar uma olhada. Vou trabalhar nisso nos meus termos. No mínimo, darei algumas risadas deles. Vamos!

Vestiu o casaco depressa e saiu a passos largos de uma forma que mostrou que seu caráter enérgico havia substituído o apático.

— Pegue seu chapéu — ordenou.

— Você deseja que eu vá junto?

— Desejo, se não tiver nada melhor para fazer.

Um minuto depois estávamos em um cabriolé alugado seguindo rapidamente para a Brixton Street.

Era uma manhã nublada, com uma cerração espalhando-se sobre os telhados e assemelhando-se ao reflexo das ruas lamacentas abaixo. Meu companheiro estava no melhor espírito e tagarelava sobre os violinos de Cremona e as diferenças entre os Stradivarius e os Amantis. Quanto a mim, fiquei em silêncio, porque o tempo nublado e a melancolia do problema de que iríamos tratar deixaram meu espírito deprimido.

— Você não parece pensar muito sobre o que vamos enfrentar — disse eu enfim, interrompendo a divagação musical de Holmes.

— Ainda não temos informações — respondeu. — É um grande erro tentar teorizar antes de ter todas as evidências. Atrapalha o julgamento.

— Logo você terá as informações — observei, apontando com o dedo. — Essa é a Brixton Street e aquela é a casa, se não estou enganado.

— É mesmo. Pare, condutor, pare! — Ainda estávamos a aproximadamente cem metros do destino, mas ele insistiu em nosso desembarque, então, terminamos a jornada a pé.

O número 3 de Lauriston Gardens parecia infeliz e ameaçador. Era uma das quatro casas que ficavam na parte de trás da rua; duas estavam ocupadas e duas não. As desocupadas tinham três fileiras de janelas vazias e sombrias, salvo uma ou outra com cataratas de cartazes de “Aluga-se” nas vidraças.

Um jardim cheio de plantas maltratadas e dispersas separava cada uma das casas da rua e era atravessado por um trilha estreita e amarelada, consistindo de uma mistura de argila e cascalho. O lugar todo parecia cheio de lama por conta da chuva que caíra a noite inteira. O jardim era delimitado por um muro de aproximadamente noventa centímetros de altura com uma grade de madeira no topo, e, recostado no muro, estava um policial robusto, cercado por um pequeno grupo de desocupados que esticavam o pescoço e estreitavam os olhos na esperança de pegar algum vislumbre dos procedimentos do lado de dentro.

Eu havia imaginado que Sherlock Holmes adentraria na casa de imediato e mergulharia na análise do mistério. Isso não parecia ser sua intenção. Com um ar de indiferença que, nessas circunstâncias, parecia-me no limite da simulação, percorreu a calçada de um lado ao outro e observou vagamente o chão, o céu, as casas opostas e a linha de trilhos. Tendo terminado seu escrutínio, prosseguiu lentamente pelo caminho, ou melhor, pela orla de grama que o flanqueava, mantendo os olhos fixos no chão. Parou duas vezes, e em uma delas o vi sorrir e soltar uma exclamação de satisfação.

Havia muitas pegadas no solo argiloso, mas como a polícia havia perambulado por ali, não compreendi como meu parceiro poderia intuir qualquer coisa com isso. Mesmo assim, eu já tivera tantas evidências extraordinárias de sua ágil faculdade perceptiva que não tive dúvidas de que ele podia ver muitas coisas que estavam escondidas de mim.

À porta da casa, fomos recebidos por um homem alto, branco e de cabelos louros, com um caderno em mãos, e que correu para apertar a mão do meu companheiro com entusiasmo.

— É realmente uma bondade sua ter vindo — disse ele. — Deixei tudo intocado.

— Exceto aquilo! — replicou meu amigo, apontando para a trilha. — Se uma manada de búfalos tivesse passado por ali não haveria tamanha bagunça. No entanto, sem dúvidas você tirou suas próprias conclusões, Gregson, antes de permitir isso.

— Tive tanta coisa para fazer dentro da casa — respondeu o detetive de forma evasiva. — Meu colega, Sr. Lestrade, está aqui. Confiei que ele iria vigiar isso.

Holmes me olhou de relance e levantou as sobrancelhas sarcasticamente.

— Com dois homens como você e o Lestrade na área, não haverá muita coisa para um terceiro descobrir — comentou ele.

Gregson esfregou a mão de um jeito vaidoso.

— Acredito que fizemos tudo que tínhamos que fazer. É um caso esquisito, no entanto, e sei que você tem um gosto para isso.

— Você não veio aqui em uma carruagem de aluguel? — perguntou Sherlock Holmes.

— Não, senhor.

— Nem Lestrade?

— Não, senhor.

— Então deixe-nos entrar e analisar o cômodo. — Com essa observação imponderada, ele adentrou a casa, seguido por Gregson, cuja feição mostrava seu espanto.

Uma pequena passagem com assoalho empoeirado e vazio levava à cozinha e aos aposentos de serviço. Duas portas se abriam à esquerda e à direita. Uma delas obviamente havia permanecido fechada por semanas. A outra pertencia à sala de jantar, o apartamento onde tal caso misterioso havia acontecido. Holmes entrou e eu o segui, com aquele sentimento subjugado que acomete o coração que a presença da morte suscita.

Era um grande cômodo quadrado, parecendo ainda maior com a ausência de móveis. Um deslumbrante papel comum adornava as paredes, mas estava manchado com mofo em alguns pontos, e aqui e ali grandes tiras haviam se descolado e expunham o gesso amarelo por baixo. Em frente à porta, havia uma lareira vistosa, emoldurada por uma imitação de mármore branco. Em um canto dela havia um toco de vela vermelha. A única janela estava tão suja que a luz era débil e obscura, dando uma coloração

acinzentada a tudo, o que era intensificado pela grossa camada de poeira que revestia toda a sala.

Só observei todos esses detalhes mais tarde. No primeiro momento, minha atenção estava centrada em uma única figura imóvel estendida sobre as tábuas, com um olhar vago fixo no teto descolorido. Era um homem de 43 ou 44 anos, de porte mediano, com ombros largos, cabelos pretos encaracolados e uma barba curta e eriçada. Vestia um sobretudo de casimira de boa qualidade, um colete, calças de cor clara, golas e punhos imaculados. Uma cartola bem escovada e guarnecida estava no chão ao seu lado. Suas mãos estavam cerradas, os braços estendidos e as pernas entrelaçadas, como se sua morte tivesse sido dolorosa. Em seu rosto havia uma expressão rígida de horror e, como também me parecia, de ódio, de um jeito que nunca havia visto em uma feição humana antes. Essa contorção maligna e terrível combinada com a testa pequena, o nariz contorcido e a mandíbula proeminente conferiram ao morto uma aparência singularmente simiesca, o que foi aumentada por sua postura não natural.

Já vi a morte em muitas formas, mas nunca havia aparecido para mim em um aspecto tão temível quanto naquele cômodo escuro e sujo, que dava para uma das principais áreas do subúrbio de Londres.

Lestrade, esguio como um furão, estava parado perto da porta e nos cumprimentou.

— Esse caso vai causar um agito, senhor — mencionou. — É pior do que qualquer coisa que eu já tenha visto, e não sou nenhum frangote.

— Não há pistas? — indagou Gregson.

— Nenhuma — declarou Lestrade.

Sherlock Holmes se aproximou do corpo e, ajoelhando-se, examinou-o meticulosamente.

— Têm certeza de que não há feridas? — perguntou, apontando para diversas gotas e salpicos de sangue que estavam ao redor.

— Positivo! — exclamaram os dois detetives.

— Então, é claro, esse sangue pertence a um segundo indivíduo... Possivelmente o assassino, se um assassinato tiver sido cometido. Isso me lembra das circunstâncias da morte de Van Jansen, em Utrecht, no ano de 1834. Você se recorda do caso, Gregson?

— Não, senhor.

— Leia sobre isso... você realmente deveria fazê-lo. Não há nada novo sob o sol. Tudo já foi feito antes.

Conforme falava, seus dedos ágeis passavam aqui, ali, em toda parte, sentindo, pressionando, desabotoando, examinando, enquanto seus olhos exibiam a mesma expressão distante que eu já havia notado. O exame foi feito de forma tão rápida que dificilmente se teria notado a minúcia com qual foi conduzido. Por fim, ele cheirou os lábios do homem morto e, em seguida, olhou para as solas de suas botas de couro.

— Ele não foi movido de nenhuma forma? — perguntou.

— Nada além do que o necessário para os propósitos de nossa verificação.

— Vocês podem levá-lo para o necrotério agora — ordenou. — Não há nada mais a averiguar.

Gregson tinha uma maca e quatro homens à espera. A seu chamado, eles adentraram o cômodo, levantaram o estranho e o carregaram para fora. Quando o levantaram, um anel tilintou e rolou pelo chão. Lestrade o pegou e o analisou com olhos incrédulos.

— Uma mulher esteve aqui! — exclamou ele. — Esse é o anel de casamento de uma mulher.

Ele o segurou no alto e, conforme falava, colocou-o na palma da mão. Todos nos reunimos ao seu redor e o analisamos fixamente. Não poderia haver dúvidas de que o aro de ouro puro um dia havia adornado o dedo de uma noiva.

— Isso complica a questão — disse Gregson. — Deus sabe que já era bastante complicada antes.

— Tem certeza de que não a simplifica? — observou Holmes. — Não há nada a ser aprendido observando isso. O que você achou nos bolsos dele?

— Está tudo ali — respondeu Gregson e apontou para um sortimento de objetos em um dos degraus inferiores das escadas. — Um relógio de ouro, nº 97163, da Barraud, de Londres. Corrente de ouro Albert, muito pesada e sólida. Anel de ouro com signo maçônico. Alfinete de ouro, cabeça de buldogue e rubi como os olhos. Carteira para cartões de couro russo, com cartões de Enoch J. Drebber, de Cleveland, o que corresponde às iniciais E.J.D. da roupa. Sem carteira, mas dinheiro solto na quantia de sete libras e treze xelins. Uma edição de bolso do *Decameron* de Boccaccio, com o nome

de Joseph Stangerson sobre a folha de rosto. Duas cartas: uma endereçada a E. J. Drebber e outra a Joseph Stangerson.

— Em qual endereço?

— No American Exchange, em Strand, a serem deixadas até que fossem solicitadas. Ambas são da Guion Steamship Company, e dizem respeito à partida dos seus navios vindos de Liverpool. Está claro que esse homem azarado estava prestes a retornar a Nova York.

— Você investigou esse tal de Stangerson?

— Fiz de imediato, senhor — respondeu Gregson. — Enviei anúncios para todos os jornais e um dos meus homens foi ao American Exchange, mas ainda não retornou.

— Você enviou algum para Cleveland?

— Telegrafamos esta manhã.

— Como você formulou suas perguntas?

— Simplesmente detalhamos as circunstâncias e dissemos que ficaríamos agradecidos com qualquer informação que pudesse nos ajudar.

— Não perguntou por particularidades ou algum ponto que lhe pareceu crucial?

— Indaguei sobre o Stangerson.

— Nada mais? Não há nenhuma circunstância de que todo esse caso pareça depender? Você não telegrafará novamente?

— Eu disse tudo que tinha para falar — respondeu Gregson com tom ofendido.

Sherlock Holmes riu para si mesmo e parecia estar pronto para replicar quando Lestrade, que estivera no cômodo da frente enquanto conversávamos no saguão, reapareceu na cena, esfregando as mãos de um jeito pomposo e vaidoso.

— Sr. Gregson — disse —, acabei de descobrir algo de maior importância, uma coisa que teria sido negligenciada se eu não tivesse feito um exame minucioso das paredes.

Os olhos do homenzinho brilhavam enquanto falava, e estava evidentemente em estado de exultação reprimida por ter marcado um ponto contra seu colega.

— Venham aqui — pediu ele, agitando-se de volta para o cômodo, cuja atmosfera parecia mais leve desde a remoção do habitante medonho. — Agora, fiquem de pé ali!

Acendeu um fósforo em sua bota e o segurou contra a parede.

— Olhem para isso! — exclamou de forma triunfante.

Eu observara que o papel havia descascado em algumas partes. Nesse canto em particular, uma grande parte havia sido exposta, deixando um quadrado de reboco de gesso amarelo à mostra. Dentro desse espaço, uma única palavra estava rabiscada em letras vermelho-sangue:

RACHE

— O que pensam disso? — bradou o detetive com ar de apresentador exibindo seu espetáculo. — Passou despercebido porque estava no canto mais escuro do cômodo e ninguém pensou em olhar ali. O assassino, ou assassina, deve ter escrito isso com o próprio sangue. Vejam essa mancha onde ele escorreu pela parede! De qualquer forma, isso elimina a ideia de suicídio. Por que esse canto foi escolhido para a escrita? Eu lhes digo. Vejam aquela vela na moldura. Estava acesa na hora e, assim, esse canto seria o mais iluminado da sala, não o mais escuro.

— E o que significa isso que *você* encontrou? — perguntou Gregson com desdém na voz.

— O significado? Ora, significa que a pessoa ia escrever o nome Rachel, mas foi perturbada antes que tivesse tempo de terminar. Marquem o que estou dizendo, quando esse caso for esclarecido, vocês descobrirão que uma mulher chamada Rachel tem algo a ver com isso. Pode rir quanto quiser, Sr. Sherlock Holmes. Você pode ser bastante esperto e inteligente, mas, no fim, o velho cão de caça é que se sai melhor.

— Realmente imploro por seu perdão! — bradou meu companheiro após explodir em risadas, o que irritou o homenzinho. — Você certamente merece o crédito por ser o primeiro de nós a descobrir isso, e, como diz, tem todos os indícios de ter sido escrito por outro participante do mistério da noite passada. Ainda não tive tempo de examinar este cômodo, mas, com sua permissão, irei fazê-lo agora.

Enquanto falava, tirou do bolso uma fita métrica e uma grande lupa redonda. Com isso, trotou silenciosamente pela sala, às vezes parando, de vez em quando se ajoelhando, e uma vez deitando-se de bruços. Ele estava tão absorto em sua ocupação que pareceu ter se esquecido de nossa presença, porque tagarelava baixinho consigo mesmo o tempo todo, em uma sequência de exclamações, gemidos, assobios e pequenos gritos sugestivos de esperança e encorajamento.

Conforme eu o observava, era inevitável não pensar em um cão de caça de sangue-puro bem treinado, que corre para frente e para trás do encoberto choramingando em sua ânsia de chegar ao rastro perdido. Por mais ou menos vinte minutos ele continuou procurando, medindo a distância entre as marcas com a maior exatidão, as quais eram invisíveis para mim e, ocasionalmente, aplicando sua fita métrica à parede em uma maneira igualmente incompreensível. Em um lugar, juntou de forma cuidadosa uma pequena pilha de poeira do chão e a guardou em um envelope. Finalmente, examinou com a lupa a palavra na parede, passando por cada letra com uma minúcia rigorosa. Feito isso, pareceu satisfeito, porque guardou os instrumentos no bolso.

— Dizem que um gênio tem uma capacidade infinita de gastar esforços — comentou com um sorriso. — É uma definição muito ruim, mas que se aplica ao trabalho de detetive.

Gregson e Lestrade tinham observado as manobras do companheiro amador com considerável curiosidade e certo desprezo. Eles com certeza falharam em compreender o fato, que eu tinha começado a perceber, de que as menores ações do Sherlock Holmes eram direcionadas para algum objetivo preciso e prático.

— O que você acha, senhor? — perguntaram ambos.

— Eu lhes roubaria o crédito se os ajudasse — pontuou meu companheiro. — Vocês estão indo tão bem agora que seria uma pena que qualquer um interviesse. — A voz estava carregada de sarcasmo. — Se me deixarem saber o rumo das investigações — prosseguiu —, ficarei feliz em fornecer qualquer ajuda que puder. Enquanto isso, gostaria de conversar com o policial que encontrou o corpo. Podem me passar o nome e o endereço?

Lestrade procurou em seu caderno.

— John Rance — disse. — Ele está de folga agora. Você o encontrará na Audley Court, nº 46, em Kennington Park Gate.

Holmes anotou o endereço.

— Venha comigo, Doutor — pediu —, vamos visita-lo. Direi uma coisa que pode ajudá-los no caso — continuou, virando-se para os dois detetives. — Aconteceu um homicídio e o assassino foi um homem. Ele tinha mais que 1,80m, estava na flor da idade, tinha pés pequenos para sua altura, usava botas quadradas e grosseiras e fumava um charuto Trichinopoly. Ele veio

aqui com a sua vítima em um fiacre de quatro rodas, que foi puxado por um cavalo com três ferraduras velhas e uma nova em sua pata dianteira. O assassino provavelmente tinha um rosto corado e as unhas da mão direita surpreendentemente longas. Essas são somente algumas indicações, mas podem ajudá-los.

Lestrade e Gregson olharam um para o outro com um sorriso de incredulidade.

— Se esse homem foi assassinado, como aconteceu? — questionou Lestrade.

— Veneno — respondeu Sherlock Holmes secamente enquanto saía. — Uma outra coisa, Lestrade — acrescentou, virando-se à porta. — “Rache” significa “vingança” em alemão, então não perca tempo procurando uma Senhorita Rachel.

Com essa batata quente em seus colos, ele foi embora, deixando os dois rivais boquiabertos para trás.

[2] Expressão proveniente do latim cujo significado é “no estado atual”.

O que John Rance tinha a dizer



Era uma da tarde quando deixamos a cena do crime em Lauriston Gardens. Sherlock Holmes me levou à agência escritório telegráfica mais próxima de onde despachou um longo telegrama. Então, chamou um cabriolé e ordenou ao motorista que nos levasse ao endereço fornecido por Lestrade.

— Não há nada como uma evidência em primeira mão — comentou. — Na verdade, minha opinião a respeito do caso já está formada, mas mesmo assim podemos aprender tudo que tiver para ser aprendido.

— Você me impressiona, Holmes — disse eu. — Certamente não tem tanta certeza quanto pretende passar com todas essas particularidades que forneceu.

— Não há margem para erros — respondeu. — A primeira coisa que observei ao chegar foi que um cabriolé deixara dois sulcos com as rodas perto do meio-fio. Agora, até ontem à noite, fazia uma semana que não chovia, então, para que essas rodas deixassem uma marca tão profunda, devem ter permanecido ali durante a noite. Havia marcas de cascos de cavalo, o contorno de um deles estava muito mais delimitado do que o dos outros três, mostrando que aquela era uma nova ferradura. Como o cabriolé esteve ali depois que a chuva começou, e não estava lá a qualquer hora desta manhã, e tenho a palavra de Gregson quanto a isso, concluímos que deve ter sido durante a noite. Portanto, foi o que levou aqueles dois indivíduos para a casa.

— Isso parece bem simples, mas e em relação à altura do outro homem?

— Ora, a altura do homem, de nove casos dentre dez, pode ser estipulada pelo comprimento das suas passadas. É um cálculo bastante

simples, apesar de não haver necessidade de entediá-lo com os números. Tinha a passada do sujeito tanto na lama do lado de fora quanto na poeira do lado de dentro. Então, tive um jeito de checar meus cálculos. Quando um homem escreve na parede, seu instinto o leva a escrever no nível dos olhos. Aquela escrita estava a aproximadamente 1,80 m do chão. Foi uma brincadeira de criança.

— E a sua idade? — questionei.

— Bem, se um homem pode dar uma passada de quase um metro e meio sem o menor esforço, não pode ser um idoso. Essa era a largura de uma poça no jardim a qual ele evidentemente transpôs. As botas de couro envernizadas tinham dado a volta, e as de bico quadrado tinham saltado sobre a poça. Não há mistério algum nisso. Estou apenas aplicando à vida real alguns daqueles preceitos de observação e dedução aos quais advoguei naquele artigo. Há algo mais que o intriga?

— As unhas e o charuto? — sugeri.

— A escrita na parede foi feita com o dedo indicador do homem molhado em sangue. Minha lupa permitiu que eu observasse que o gesso foi levemente arranhado durante o processo, o que não teria acontecido se as unhas dele estivessem cortadas. Recolhi algumas cinzas do chão. Eram escuras e flocosas, como as cinzas feitas pelo Trichinopoly. Realizei alguns estudos especiais sobre cinzas de charuto... na verdade, escrevi uma monografia sobre o assunto. Sinto lisonja por ser capaz de distinguir com um relance a cinza de qualquer marca conhecida, tanto de charuto quanto de tabaco. É precisamente em tais detalhes que um detetive hábil difere-se do tipo de Gregson e de Lestrade.

— E o rosto corado?

— Ah, esse foi um palpite mais destemido, apesar de não ter dúvidas de que estava certo. Você não deve me perguntar isso nesta fase do caso.

Passei a mão sobre a testa.

— Minha mente está em um turbilhão; quanto mais se pensa sobre o assunto, mais misterioso fica. Como é que esses dois homens, se é que eram dois homens, entraram em uma casa vazia? O que aconteceu com o cocheiro que os levou até lá? Como um homem pôde obrigar outro a tomar veneno? De onde o sangue veio? Qual foi o objetivo do crime, já que não houve roubo? Como o anel da mulher foi parar ali? Acima de tudo, por que o segundo homem escreveria a palavra germânica “Rache” antes de fugir?

Confesso que não consigo ver nenhum modo possível de conciliar todas essas coisas.

Meu companheiro sorriu, aprovando.

— Você resumiu as dificuldades da situação de uma forma boa e sucinta — disse ele. — Ainda há muito que está obscuro, apesar de eu já ter opinião formada acerca da maioria dos fatos. Quanto à descoberta do pobre Lestrade, era simplesmente uma emboscada com intuito de colocar a polícia no caminho errado, sugerindo o socialismo e sociedades secretas. Não foi feito por um alemão. A letra “A”, se você notou, foi marcada ao estilo germânico. Ora, um alemão verdadeiro escreve em caracteres latinos, então podemos dizer com segurança que isso não foi escrito por um, mas por um imitador desajeitado que exagerou. Isso foi simplesmente um truque para desviar a investigação para um lado errado. Não contarei muito mais sobre o caso, Doutor. Você bem sabe que um mágico perde seus méritos ao explicar o seu truque, e se eu lhe mostrar o meu método de trabalho, você chegará à conclusão de que, no fim das contas, sou um indivíduo comum como qualquer outro.

— Nunca farei isso — respondi. — Você foi quem mais aproximou a dedução a uma ciência exata neste mundo.

Meu companheiro ruborizou com prazer diante das minhas palavras e da sinceridade com que as pronunciei. Eu já tinha observado que ele era tão sensível a elogios em relação à sua arte quanto uma moçoila poderia ser de sua beleza.

— Direi apenas mais uma coisa — disse ele. — Couro Envernizado e Botas Quadradas vieram no mesmo cabriolé e caminharam juntos da maneira mais amigável possível, provavelmente de braços dados. Quando entraram, andaram de um lado para o outro no cômodo, ou, na verdade, Couro Envernizado ficou parado enquanto Botas Quadradas andava. Pude perceber tudo isso na poeira. Também pude ver que ele se empolgava cada vez mais conforme caminhava. Isso é mostrado pelo aumento da largura das passadas. Ele falou durante todo o processo e, indubitavelmente, ficava mais furioso a cada instante. Então a tragédia aconteceu. Agora lhe disse tudo que sei; o resto é pura suposição e conjectura. No entanto, temos uma boa base para começar o trabalho. Devemos nos apressar, porque quero ir ao concerto de Hallé para ouvir Norman-Neruda esta tarde.

Essa conversa ocorreu enquanto nosso cabriolé abria caminho por uma longa sucessão de ruas sombrias e vias desertas. Subitamente, nosso cocheiro parou na mais suja e sombria delas.

— Ali é a rua Audley Court — disse ele, apontando para uma fenda estreita na linha de tijolos foscos. — Vocês me encontrarão aqui quando retornarem.

Audley Court não era uma localização atraente. A passagem estreita nos levou a um quadrilátero pavimentado e ladeado por moradias sórdidas. Cortamos caminho por grupos de crianças sujas e por varais com lençóis descoloridos até acharmos o número 46, cuja porta foi decorada com um pedaço de latão com o nome Rance esculpido. Quando indagamos, descobrimos que o policial estava na cama e fomos levados a uma saleta para esperar por sua chegada.

Ele finalmente apareceu, apresentando certa irritação por ter o sono perturbado.

— Eu fiz meu relatório na delegacia — disse ele.

Holmes pegou uma moeda de ouro do bolso e brincou com ela, pensativamente.

— Achamos que preferiríamos ouvir dos seus próprios lábios — retrucou.

— Ficarei muito feliz em lhe contar o que puder — respondeu o policial, os olhos fixos no pequeno disco dourado.

— Apenas nos conte, do seu jeito, tudo o que aconteceu.

Rance se sentou no sofá de crina de cavalo e franziu as sobrancelhas, como se estivesse determinado a não omitir nada da narrativa.

— Contarei desde o início — disse. — Meu turno começa às dez da noite e segue até as seis da manhã. Às onze houve uma briga no pub White Hart, mas, depois, tudo estava tranquilo. Começou a chover à uma da manhã e encontrei Harry Murcher, que policiava a área de Holland Grove, e ficamos juntos na esquina da Henrietta Street proseando. Pouco depois, talvez duas da madrugada ou pouco mais, pensei em dar uma olhada ao redor e ver se estava tudo bem na Brixton Street. Estava muito suja e deserta. Não deparei com viva alma em todo o caminho, embora um cabriolé ou outro tenham passado por mim. Estava andando, pensando em como seria bom ter uma dose de gin para me esquentar, quando subitamente captei o brilho de uma luz na janela daquela mesma casa. Ora, eu sabia que aquelas duas casas de

Lauriston Gardens estavam vazias, porque o dono não queria contratar alguém para limpar os bueiros, mesmo que o último inquilino tenha morrido de febre tifoide. Então, fiquei desconfiado ao ver uma luz na janela e suspeitei de que havia algo errado. Quando cheguei à porta...

— Você parou e voltou em direção aos jardins — interrompeu meu companheiro. — Por que fez isso?

Rance sobressaltou-se e encarou Sherlock Holmes com uma expressão espantada.

— Ora, é verdade, senhor — disse ele —, apesar de que só Deus sabe como você descobriu isso. Você vê, estava tudo tão parado e solitário quando fui até a porta que pensei que não seria ruim se alguém fosse comigo. Não tenho medo de nada desse lado do túmulo, mas pensei que poderia ser o camarada que morreu de tifoide inspecionando os bueiros que o mataram. A ideia me encheu de pavor, então caminhei de volta ao portão para ver se conseguia achar a lanterna do Murcher, mas não havia sinal dele nem de mais ninguém.

— Não havia ninguém na rua?

— Nenhuma alma viva, senhor, nem mesmo um cachorro. Então, eu me recompus, voltei e abri a porta. Lá dentro tudo estava quieto, então fui até o cômodo onde a luz estava acesa. Havia uma vela tremulando na cornija da lareira, uma vela de cera vermelha, e com a luz eu vi...

— Sim, eu sei tudo que viu. Você caminhou pelo cômodo diversas vezes, ajoelhou-se ao lado do corpo, e depois saiu e tentou abrir a porta da cozinha, e então...

John Rance levantou-se de um salto com uma expressão aterrorizada e desconfiada em seus olhos.

— Onde você estava escondido para ter visto tudo isso? — exclamou. — Parece-me que sabe muito mais do que deveria.

Holmes riu e empurrou seu cartão pela mesa até o policial.

— Não me prenda pelo assassinato — respondeu ele. — Sou apenas um dos cães de caça, e não o lobo; Sr. Gregson e Sr. Lestrade podem atestar isso. Entretanto, continue. O que fez em seguida?

Rance voltou a sentar sem, no entanto, perder a expressão de espanto.

— Voltei para o portão e soei o meu apito. Isso trouxe o Murcher e outros dois ao local.

— A rua estava vazia nesse momento?

— Bem, estava, pelo menos vazia de qualquer pessoa direita.

— O que quer dizer?

A feição do policial ampliou-se com um sorriso.

— Já vi muitos bêbados — disse —, mas nunca alguém tão alcoolizado quanto aquele parceiro. Ele estava no portão quando saí, apoiando-se contra a grade e cantando a plenos pulmões sobre *Columbine's New-flanged Banner* ou algo do tipo. Ele não conseguia ficar de pé, muito menos ajudar.

— Que tipo de homem era ele? — questionou Sherlock Holmes.

John Rance pareceu um pouco irritado com a divagação.

— Ele era um beerrão — respondeu. — Teria acabado na delegacia se não estivessemos tão ocupados.

— Seu rosto, suas roupas, você não reparou nisso? — interrompeu Holmes com impaciência.

— Devo dizer que sim, já que tive que, com auxílio de Murcher, colocá-lo de pé. Ele era um sujeito alto, com rosto rosado e o queixo coberto...

— Isso é o suficiente! — exclamou Holmes. — O que aconteceu com ele?

— Nós tínhamos muito a fazer além de cuidar dele — respondeu o policial com agressividade na voz. — Aposto que ele encontrou o caminho de volta para casa.

— Como ele estava vestido?

— Com um sobretudo marrom.

— Ele tinha um chicote em mãos?

— Um chicote... não.

— Ele deve ter deixado para trás — murmurou meu companheiro. — Por um acaso você não viu ou ouviu um cabriolé depois disso?

— Não.

— Aqui está uma moeda de ouro — disse meu parceiro enquanto se levantava e pegava o chapéu. — Temo, Rance, que nunca chegará muito longe na polícia. Essa sua cabeça deveria ser usada para algo, e não só como enfeite. Você poderia ter ganhado suas divisas de sargento ontem à noite. O homem que você teve em suas mãos era quem tinha a chave para desvendar esse mistério, e é quem estamos procurando. Não há razão para discutir sobre isso agora; digo-lhe que é assim. Venha comigo, Doutor.

Sáímos juntos para nosso cabriolé, deixando nosso informante incrédulo, mas bastante desconfortável.

— Que tolo desajeitado — disse Holmes amargamente enquanto dirigíamos de volta aos nossos alojamentos. — Só de pensar que ele teve tamanha sorte e não se aproveitou disso.

— Ainda não estou entendendo. É verdade que a descrição desse homem coincide com a sua ideia de um segundo indivíduo nesse mistério. Mas por que ele voltaria para a casa após deixá-la? Não é como criminosos costumam agir.

— O anel, homem, o anel: foi por isso que ele retornou. Se não tivermos outro jeito de pegá-lo, sempre podemos atraí-lo com o anel. Vou apanhá-lo, Doutor; aposto dois contra um como vou. Preciso lhe agradecer por tudo isso. Eu poderia não ter ido se não fosse por você, então teria perdido o melhor estudo que encontrei; um estudo em vermelho, hein? Por que não devemos usar um pouco de jargão da arte? Há a linha vermelha de assassinato correndo pela confusão incolor da vida, e nosso dever é desemaranhá-la, isolá-la e expor cada centímetro dela. E agora, vamos almoçar e depois para a Norman-Neruda. Sua abordagem e arquejo são esplêndidos. Como é aquela pequena peça de Chopin que ela toca tão magnificamente: Tra-la-la-lira-lira-lá.

Recostando-se no cabriolé, esse cão de caça amador cantarolou como uma cotovia enquanto eu meditava sobre as multifaces da mente humana.

Nosso anúncio traz um visitante



Os esforços de nossa manhã foram demais para a minha saúde frágil, e à tarde eu estava exausto. Depois que Holmes saiu para o concerto, deitei-me no sofá e tentei dormir por algumas horas. Foi inútil. Minha mente estava muito alerta por tudo que havia ocorrido e apinhada de estranhas conjecturas e fantasias. Toda vez que fechava os olhos, via diante de mim o semblante distorcido do homem assassinado, que se assemelhava ao de um babuíno. A impressão que aquela face tinha deixado em mim foi tão sinistra que achei difícil sentir algo além de gratidão por aquele que tinha removido seu dono desse mundo. Se alguma vez as características humanas anunciassem o tipo de vício mais maligno, eram certamente aquelas de Enoch J. Drebber, de Cleveland. Mesmo assim, eu reconhecia que a justiça devia ser feita, e que a depravação da vítima era de nenhuma anuência aos olhos da lei.

Quanto mais pensava sobre isso, mais extraordinária era a hipótese de meu companheiro de que homem tinha sido envenenado. Lembrei-me de como ele havia cheirado os lábios do morto e não tinha dúvidas de que havia detectado alguma coisa que deu origem à ideia. Então, novamente, se não foi veneno, o que causou a morte do homem, já que não havia feridas nem marcas de estrangulamento? Mas, por outro lado, de quem era o sangue tão denso no chão? Não havia sinais de luta, e nem havia na vítima alguma arma para que pudesse ter machucado seu antagonista.

Enquanto todas essas questões não fossem resolvidas, sentia que o sono não viria facilmente para mim ou para o Holmes. Seu jeito quieto e

confiante convenceu-me de que ele já possuía alguma teoria formada que explicava todos os fatos, ainda que eu não fizesse ideia de qual seria.

Ele demorou para retornar... tanto que eu sabia que o concerto não o havia detido por todo aquele tempo. O jantar estava na mesa antes de ele aparecer.

— Foi magnífico — disse ele enquanto tomava seu lugar. — Você se lembra do que Darwin falou sobre música? Ele afirma que o poder de produção e apreciação existia na raça humana muito antes de que existisse a fala. Talvez esse seja o motivo por sermos sutilmente influenciados por isso. Há memórias vagas em nossa alma de todos aqueles séculos enevoados de quando o mundo estava em sua infância.

— Essa é uma ideia ampla — comentei.

— Nossas ideias devem ser tão ampla quanto a Natureza se têm a intenção de interpretá-la — respondeu ele. — Qual é o problema? Você não está bem. Esse caso da Brixton Road o incomodou.

— Para dizer a verdade, incomodou, sim. Eu devia estar mais endurecido pelas minhas experiências no Afeganistão. Não perdi a cabeça nem quando vi meus camaradas destróçados em Maiwand.

— Consigo entender. Há um mistério sobre isso que estimula a imaginação: onde não há imaginação, não há horror. Você viu o jornal da noite?

— Não.

— Ele dá uma boa explicação do caso. Não menciona o fato de que, quando o homem foi levantado, a aliança de uma mulher caiu no chão. Ainda bem.

— Por quê?

— Leia este anúncio — respondeu ele. — Eu enviei um para cada jornal esta manhã imediatamente após o caso.

Entregou-me o jornal e olhei o lugar indicado. Era o primeiro anúncio na coluna de “Achados”. “Na Brixton Road, esta manhã, um anel de ouro simples foi encontrado no caminho entre o pub White Hart e Holland Grove. Procurar Dr. Watson, Baker Street, número 221B, entre oito e nove da noite.”

— Perdoe-me por usar seu nome — disse ele. — Se usasse o meu, algum desses imbecis poderia reconhecê-lo e tentar se meter no caso.

— Não tem problema — respondi. — Mas supondo que alguém responda, eu não tenho nenhum anel.

— Ah, você tem sim — contrapôs ao me entregar um. — Esse servirá perfeitamente, é quase idêntico.

— E quem você espera que responda a esse anúncio?

— Ora, o homem com o sobretudo marrom, nosso amigo corado com as botas quadradas. Se ele não vier, mandará um cúmplice.

— Ele não achará que é perigoso?

— De forma alguma. Se minha visão do caso estiver correta, e tenho toda razão em pensar que está, esse homem preferiria arriscar tudo a perder o anel. De acordo com o que sei, ele derrubou o anel quando curvava-se sobre o corpo de Drebbler e não percebeu na hora. Após sair da casa, deu falta e correu de volta, mas descobriu que o policial já estava em posse do anel, devido à sua própria insensatez em deixar a vela queimando. Teve que se fingir de bêbado para acalmar as suspeitas que poderiam surgir com seu aparecimento no portão. Agora, coloque-se no lugar daquele homem. Pensando na situação, deve ter lhe ocorrido que era possível ter perdido o anel depois de sair da casa. O que ele faria então? Procuraria ansiosamente nos jornais na esperança de vê-lo entre os pertences encontrados. Seu olhar, é claro, recairia sobre isso. Ele ficaria esfuziante. Por que sentiria medo de uma armadilha? Não haveria razão, em seu modo de ver, para que o achado do anel estivesse ligado ao crime. Ele viria. Ele virá. Nós o veremos dentro de uma hora.

— E então? — perguntei.

— Oh, você pode deixar que lido com ele. Tem alguma arma?

— Tenho meu antigo revólver e alguns cartuchos.

— É melhor que esteja limpo e carregado. O homem estará desesperado, e ainda que eu vá pegá-lo desprevenido, é melhor estar pronto para qualquer coisa.

Fui ao meu quarto e segui seu conselho. Quando retornei com a pistola, a mesa já havia sido tirada e Holmes se engajara em sua ocupação favorita de treinar em seu violino.

— A trama se complica — declarou ele quando entrei. — Acabei de receber uma resposta ao meu telegrama americano. Minha opinião acerca do caso é a correta.

— E qual é? — perguntei, ansiosamente.

— Meu violino ficaria melhor com cordas novas — comentou. — Ponha seu revólver no bolso. Quando o sujeito chegar, interaja com ele normalmente. Deixe o resto comigo. Não o assuste fitando-o em demasia.

— Agora são oito horas — anunciei, olhando meu relógio.

— Sim. Ele provavelmente estará aqui em poucos minutos. Abra só uma fresta da porta. Será o suficiente. Agora coloque a chave na parte de dentro. Obrigado! Este é um livro curioso e antigo que peguei em uma banca ontem, *De Jure inter Gentes*,^[3] publicado em latim em Liège, em 1642, nos Países Baixos. A cabeça de Carlos I ainda estava firme em seu pescoço quando este volume de lombada marrom foi impresso.

— Quem foi o impressor?

— Philippe de Croy, quem quer que tenha sido. No frontispício, em tinta enfraquecida, está escrito “*Ex libris Guliolmi Whyte*”. Pergunto-me quem foi William Whyte. Suponho que algum advogado pragmático do século XVII. Sua escrita tem um quê de jurídico. Acho que ali vem o nosso homem.

Enquanto ele falava houve um toque estridente da campainha. Sherlock Holmes levantou-se suavemente e moveu sua cadeira na direção da porta. Ouvimos a empregada passar pelo corredor e o clique agudo do trinco ao ser aberto.

— O Dr. Watson reside aqui? — perguntou uma voz clara, mas um tanto áspera. Não conseguimos ouvir a resposta da empregada, mas a porta foi fechada e alguém começou a subir as escadas. O passo era incerto e arrastado. Um olhar de surpresa passou pelo rosto do meu companheiro conforme ele ouvia. Ele veio lentamente pelo corredor e então houve uma batida débil na porta.

— Pode entrar! — exclamei.

Ao meu chamado, em vez do homem violento que esperávamos, uma mulher muito velha e enrugada entrou mancando no apartamento. Pareceu ficar ofuscada pela súbita luminosidade e, depois de fazer uma reverência, ficou parada piscando com os olhos turvos e mexendo no bolso com dedos nervosos e trêmulos. Olhei para meu parceiro e seu rosto assumira uma expressão tão desconsolada que tive que me esforçar para manter meu semblante impassível. A velha pegou o jornal da noite e apontou para o nosso anúncio.

— Isso foi o que me trouxe, bons cavalheiros — disse ela, abaixando-se para outra reverência. — O anel de ouro da Brixton Road. Pertence à minha filha, Sally, que se casou um ano atrás; seu marido é camareiro a bordo de um navio da Union. Nem consigo imaginar o que ele diria se voltasse para casa e a encontrasse sem o anel, pois tem temperamento forte algumas vezes, principalmente quando bebe demais. Se os senhores querem saber, ela foi ao circo ontem à noite com...

— Este é o anel dela? — perguntei.

— Graças ao Senhor! — exclamou a velha. — Sally será uma mulher feliz esta noite. Esse é o anel.

— E qual é o seu endereço? — indaguei, pegando um lápis.

— Duncan Street, Houndsditch, número 13. Fica bem longe daqui.

— A Brixton Road não fica entre qualquer circo e Houndsditch — disse Sherlock Holmes bruscamente.

A velha senhora se virou e o fitou intensamente com seus olhos avermelhados.

— O cavalheiro pediu pelo *meu* endereço — disse. — Sally vive em uma pensão em Mayfield Place, número 3, em Peckham.

— E seu sobrenome é...?

— Meu sobrenome é Sawyer, e o dela é Dennis, já que ela se casou com Tom Dennis, um rapaz inteligente e honesto, desde que esteja no mar, e não há camareiro mais trabalhador que ele na companhia; mas quando está em terra, com mulheres e bebidas...

— Aqui está seu anel, Sra. Sawyer — interrompi, obedecendo ao sinal dado por meu companheiro. — Claramente pertence à sua filha e estou contente por ter sido capaz de devolvê-lo à sua legítima dona.

Com muitas declarações de gratidão e bênçãos murmuradas, a anciã guardou o anel no bolso e desceu as escadas. Sherlock Holmes levantou-se rapidamente no momento em que ela se foi e correu para seu quarto. Retornou alguns segundos depois com um sobretudo e um cachecol.

— Vou segui-la — disse apressadamente. — Ela deve ser a cúmplice e vai me levar até ele. Espere por mim acordado.

A porta do corredor mal batera atrás da nossa visitante quando Holmes se pôs escada abaixo. Olhando pela janela, pude observá-la andando debilmente do outro lado da rua enquanto seu obstinado perseguidor a seguia a uma pequena distância. “De qualquer maneira, ou toda essa teoria

está incorreta, ou ele será levado agora para o centro desse mistério”, pensei comigo mesmo. Não havia necessidade para me pedir que esperasse acordado, porque sentia que seria impossível dormir até que ouvisse os resultados de sua aventura.

Era perto das nove horas quando ele partiu. Eu não tinha ideia de quanto tempo demoraria, mas fiquei sentado, impacientemente fumando meu cachimbo e folheando *Vie de Bohème*, de Henri Murger. Passara das dez horas quando ouvi os passos da empregada seguindo em direção ao seu quarto. Às onze, os passos mais imponentes da governanta passaram por minha porta com o mesmo objetivo. Era quase meia-noite quando ouvi o som agudo da chave dele no trinco. No instante que entrou, vi em seu rosto que não tinha sido bem-sucedido. Divertimento e desgosto pareciam lutar para dominá-lo até que o primeiro venceu e ele explodiu em uma gargalhada calorosa.

— Eu não deixaria que os oficiais da Scotland Yard soubessem disso por nada no mundo! — exclamou ao se jogar na poltrona. — Já zombei tanto deles que nunca me deixariam em paz por conta disso. Eu posso me dar ao luxo de rir porque sei que darei o troco no final.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Oh, não me importo em contar a história contra mim mesmo. Aquela criatura tinha andado um pouco quando começou a mancar e mostrar todos os sinais de estar com os pés doendo. Então, ela parou e chamou um cabriolé que estava passando. Consegui chegar perto para ouvir o endereço, mas não precisava ter ficado tão ansioso, porque ela gritou o mesmo endereço que nos deu alto o suficiente para que se ouvisse do outro lado da rua. “Leve-me até Duncan Street, número 13, Houndsditch”, bradou ela. Pensei que isso começava a parecer genuíno, e tendo visto que ela estava segura do lado de dentro, empoleirei-me na parte de trás. Essa é uma arte em que todo detetive deveria se aperfeiçoar. Bem, prosseguimos aos sacolejos e não paramos até que estivéssemos na rua em questão. Pulei antes que chegássemos à porta e descí a rua de maneira fácil e tranquila. Vi quando o cabriolé estacionou. O cocheiro pulou e o assisti abrir a porta e aguardar com expectativa. Ninguém saiu, no entanto. Quando me aproximei, ele tateava a cabine freneticamente e dava vazão à melhor coleção de imprecações que já ouvi. Não havia nem sinal da passageira e temo que vá demorar algum tempo antes que ele consiga receber o que lhe é devido.

Quando investigamos o número 13, descobrimos que a casa pertencia a um respeitável empapelador chamado Keswick, e que ninguém ouvira falar de ninguém com sobrenome Sawyer ou Dennis por ali.

— Você não está querendo dizer que aquela velha senhora cambaleante e frágil foi capaz de saltar da carruagem em movimento sem que você ou o cocheiro tivessem percebido! — exclamei com espanto.

— Que velha senhora que nada! — disse Sherlock Holmes bruscamente. — Nós é que fomos as velhotas por termos caído nessa. Deve ter sido um homem jovem e ativo, além de ser um ator incomparável. O disfarce foi inimitável. Ele percebeu que estava sendo seguido, sem dúvidas, e usou desse meio para me despistar. Isso mostra que o homem que procuramos não age sozinho, como eu imaginava, mas tem amigos que estão prontos a correr riscos por ele. Mas, Doutor, você parece exausto. Aceite meu conselho e vá descansar.

Como realmente sentia-me cansado, obedeci à sua prescrição. Deixei Holmes sentado em frente à lareira acesa, e, madrugada adentro, escutei o som baixo e melancólico de seu violino, então soube que ele ainda estava ponderando sobre o estranho problema que havia se colocado para desvendar.

[3] Expressão latina cujo significado é “lei entre as nações”, ou Direito Internacional.

Tobias Gregson mostra o que pode fazer



Os jornais do dia seguinte estavam lotados de menções ao “Mistério de Brixton”, como o definiram. Todos faziam uma longa descrição do caso e alguns tinham adicionado comentários. Havia algumas informações que eram novas para mim. Ainda mantenho em meu álbum numerosos recortes e fragmentos sobre o caso. Aqui estão alguns deles:

O *Daily Telegraph* observou que na história do crime raramente houve uma tragédia que apresentasse características tão estranhas. O nome alemão da vítima, a ausência de um motivo e a inscrição sinistra na parede apontavam para uma ação perpetrada por refugiados políticos e revolucionários. Os socialistas apresentavam muitas ramificações na América, e o falecido tinha, sem dúvida, infringido algum acordo tácito e fora rastreado por eles. Após aludir vagamente ao Vehmgericht, à aquatofana, aos carbonários, à marquesa de Brinvilliers, à teoria darwiniana, aos princípios de Malthus e aos assassinatos na Ratcliff Highway, o artigo concluía advertindo o governo e advogando por um olhar mais atento aos estrangeiros na Inglaterra.

O *Standard* comentou sobre o fato de que atrocidades sem lei como essas geralmente ocorrem sob a administração liberal. Surgiam da inquietação das massas e do conseqüente enfraquecimento de toda autoridade. O falecido era um cavalheiro americano que estava residindo na Metrópole havia algumas semanas. Ele tinha se hospedado na pensão de Madame Charpentier, na Torquay Terrace, Camberwell. Era acompanhado em suas viagens por um secretário particular, Sr. Joseph Stangerson. Os dois se despediram da proprietária na terça-feira, dia 4 do mês corrente, e partiram

para a Euston Station com a intenção declarada de pegar o expresso de Liverpool. Depois disso, foram vistos juntos na plataforma. Não se soube mais nada até que o corpo do Sr. Drebbler foi, como registrado, descoberto em uma casa vazia na Brixton Road, a muitos quilômetros de Euston. Como ele chegou lá ou como encontrou seu destino, são questões que ainda estão envoltas em mistério. O paradeiro do Sr. Stangerson não é conhecido. Estamos contentes em saber que o Sr. Lestrade e o Sr. Gregson, da Scotland Yard, estão engajados nesse caso, e nos permite acreditar que esses dois conhecidos policiais lançarão luz no assunto em pouco tempo.

O *Daily News* observou que não havia dúvida em relação à natureza política do crime. O despotismo e o ódio ao liberalismo que contagiavam os governos do Continente tinham tido o efeito de trazer à nossa costa muitos homens que poderiam ter sido excelentes cidadãos, se não fossem azedados pelas lembranças de tudo que haviam sofrido. Entre esses homens havia um rigoroso código de honra, e qualquer violação a ele era punida com morte. Todos esforços deveriam ser dedicados a encontrar o secretário, Stangerson, e para verificar os hábitos do falecido. Um grande passo fora dado com a descoberta do endereço da casa em que ele havia se hospedado, um resultado inteiramente devido à energia e ao raciocínio do Sr. Gregson da Scotland Yard.

Sherlock Holmes e eu lemos essas notícias juntos durante o desjejum, e elas pareciam-lhe fornecer considerável divertimento.

— Eu não disse que, independentemente do que tenha acontecido, Lestrade e Gregson receberiam todos os créditos?

— Isso depende de como o caso vai acabar.

— Oh, abençoado seja, isso não importa nem um pouco. Se o homem for pego, será *por conta* de seus empenhos; se escapar, será *apesar* dos seus empenhos. É um jogo de cara ou coroa. O que quer que façam, terão admiradores. *Un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire.*^[4]

— Que raios é isso? — exclamei, porque naquele instante ouvimos o tamborilar de muitos passos no corredor e nas escadas, acompanhados por expressões audíveis de repugnância por parte de nossa governanta.

— É a divisão de detetives da força policial da Baker Street — respondeu meu companheiro solenemente; e, enquanto falava, entraram apressados no cômodo meia dúzia dos moleques de rua mais sujos e esfarrapados que já vi.

— Sentido! — bradou Holmes em uma voz firme e os seis miseráveis perfilaram-se como estatuetas desonrosas. — No futuro, vocês deverão enviar o Wiggins para reportar sozinho e o resto deverá esperar na rua. Você encontrou, Wiggins?

— Não, senhor, não achamos — disse um dos moleques.

— Dificilmente esperaria que tivessem conseguido. Vocês devem continuar até conseguir. Aqui estão seus pagamentos. — Entregou um xelim para cada. — Agora, vão embora e da próxima vez voltem com um relatório melhor.

Ele acenou com a mão e eles fugiram para o andar de baixo como ratos e, no momento seguinte, ouvimos suas vozes estridentes na rua.

— É possível obter mais resultado de uns desses pobres coitados do que de uma dúzia de policiais — comentou Holmes. — A mera visão de uma pessoa com aparência oficial sela os lábios dos homens. Esses jovens, no entanto, vão a qualquer lugar e escutam de tudo. Também têm a mente afiada como uma agulha, só deixam a desejar no quesito organização.

— Você está os empregando no caso Brixton? — perguntei.

— Sim, há um ponto que desejo averiguar. É apenas uma questão de tempo. Pronto! Vamos ouvir algumas notícias mais cedo do que o esperado. Ali vem Gregson caminhando pela rua com satisfação estampada no rosto. Está vindo para cá, eu sei. Isso mesmo, está parando. Ali está ele!

Houve um violento puxão da campainha e, em poucos segundos, o detetive de cabelos louros subia as escadas, de três em três degraus, e irrompia em nossa sala.

— Meu caro amigo! — exclamou, apertando a mão estática de Holmes. — Felicite-me! Fiz com que tudo se tornasse claro como o dia.

Pareceu-me que uma onda de ansiedade atravessou o rosto expressivo do meu companheiro.

— Você quer dizer que está na pista certa? — perguntou.

— A pista certa! Ora, senhor, nós temos o homem preso.

— E o nome dele é?

— Arthur Charpentier, o subtenente da Marinha de Sua Majestade — declarou Gregson de forma pomposa, esfregando as mãos gordas e inflando o peito.

Sherlock Holmes suspirou com alívio e relaxou com um sorriso.

— Sente-se e experimente um desses charutos — disse ele. — Estamos ansiosos para saber como conseguiu isso. Quer um pouco de uísque com água?

— Aceito, sim — respondeu o detetive. — Os tremendos esforços que tenho feito nos últimos dois dias me desgastaram. Entenda, não foi tanto o cansaço do corpo, e, sim, da mente. Você compreenderá, Sr. Sherlock Holmes, porque ambos trabalhamos com a mente.

— Você me faz grande honra — disse Holmes gravemente. — Vamos ouvir como chegou a esse resultado tão gratificante.

O detetive sentou-se na poltrona e deu uma baforada complacente em seu charuto. Então, de súbito, deu um tapa em sua coxa em um paroxismo de diversão.

— O mais divertido disso tudo — começou — é que aquele tolo do Lestrade, que se julga tão inteligente, guiou-se por uma pista totalmente equivocada. Ele está atrás do secretário Stangerson, que tinha tanta ligação com o crime quanto um bebê que ainda não nasceu. Não tenho dúvidas de que ele o tenha capturado a essa hora.

A ideia divertia tanto o Gregson que ele riu até engasgar.

— E como você conseguiu sua pista?

— Ah, contarei tudo sobre isso. É claro, Dr. Watson, que isso fica estritamente entre nós. A primeira dificuldade que tivemos que enfrentar foi encontrar os antecedentes desse americano. Algumas pessoas teriam esperado até que seus anúncios fossem respondidos, ou até que as partes se apresentassem e oferecessem informações. Mas não é desse jeito que Tobias Gregson faz seu trabalho. Lembra-se da cartola ao lado do homem morto?

— Lembro-me — respondeu Holmes. — Fabricada por John Underwood & Sons, Camberwell Road, número 129.

Gregson pareceu um pouco desanimado.

— Não tinha ideia de que tinha notado isso. Você já foi lá?

— Não.

— Rá! — exclamou Gregson com alívio na voz. — Você não deve negligenciar uma oportunidade, mesmo que seja pequena.

— Para uma grande mente, nada é pequeno — observou Holmes sentenciosamente.

— Bem, eu fui ao Underwood e perguntei se tinha vendido uma cartola com aquela descrição e tamanho. Ele procurou em seus livros e a identificou

de imediato. Enviara a cartola para o Sr. Drebber, residindo na Pensão Charpentier, em Torquay Terrace. Foi dessa forma que consegui seu endereço.

— Esperto... muito esperto! — murmurou Sherlock Holmes.

— Depois visitei Madame Charpentier — prosseguiu o detetive. — Encontrei-a muito pálida e angustiada. Sua filha também estava no cômodo, aliás, uma garota extremamente bela, mas os olhos pareciam avermelhados e seus lábios tremiam quando lhe dirigi a palavra. Isso não me escapou. Senti que havia algo ali. Você conhece o sentimento, Sr. Sherlock Holmes, quando chegamos ao rastro certo... um tipo de estremecimento nos nervos. Perguntei se elas haviam escutado sobre a misteriosa morte do último pensionista, Sr. Enoch J. Drebber, de Cleveland. A mãe assentiu. Parecia incapaz de dizer uma palavra sequer. A filha caiu no choro. Senti mais do que nunca que aquelas pessoas sabiam mais sobre o assunto.

“A que horas o Sr. Drebber deixou a casa para pegar o trem?”, perguntei.

“Às oito horas”, respondeu ela, engolindo em seco para controlar sua agitação. “O secretário dele, o Sr. Stangerson, falou que havia dois trens; um às nove e quinze e outro às onze. Ele ia pegar o primeiro.”

“E essa foi a última vez que o viu?”

— Uma terrível mudança marcou o rosto da mulher quando fiz esse questionamento. Suas feições se tornaram totalmente lívidas. Passaram-se alguns segundos antes que ela conseguisse falar uma única palavra, “Sim”, e quando saiu, foi em um tom anormal e rouco. Houve silêncio por um momento e então a filha falou em uma voz calma e clara: “Nenhum bem pode sair de uma mentira, mãe. Vamos ser francas com esse cavalheiro. Nós realmente vimos o Sr. Drebber novamente”.

— “Que Deus te perdoe!” — exclamou Madame Charpentier, jogando os braços para o alto e caindo na poltrona. — “Você matou seu próprio irmão”.

— “O Arthur preferiria que falássemos a verdade,” — replicou a garota firmemente.

— “É melhor que me contem tudo sobre isso agora” — declarei. — “As meias confissões são piores do que nenhuma. Além disso, a senhora não sabe o quanto sabemos sobre o assunto”.

— “Isso é culpa sua, Alice!” — gritou a mãe e, então, virando-se para mim: — “contarei tudo, senhor. Não imagine que minha agitação em nome do meu filho surge de qualquer medo de que ele tenha tido qualquer

participação nesse caso terrível. Ele é totalmente inocente. Contudo, meu temor é que, aos seus olhos e aos dos demais ele pareça comprometido. Isso certamente é impossível. Seu excelente caráter, sua profissão e seus antecedentes não permitiram que o fizesse”.

— “O melhor a fazer é esclarecer os fatos” — afirmei. — “Dependendo disso, se seu filho for inocente, não passará por coisa pior”.

— “Talvez, Alice, é melhor nos deixar sozinhos” — disse ela, e sua filha se retirou. — “Agora, senhor, não tinha intenção de dizer-lhe tudo isso, mas já que minha pobre filha deu com a língua nos dentes, não tenho alternativa. Tendo decidido falar, contarei tudo sem omitir qualquer detalhe”.

— “É a conduta mais sábia.”

— “Sr. Drebbler ficou conosco por aproximadamente três semanas. Ele e seu secretário, Sr. Stangerson, tinham viajado pelo Continente. Notei uma etiqueta de Copenhague em ambas as malas, mostrando que essa tinha sido a última parada deles. Stangerson era um homem quieto e reservado, mas seu empregador, lamento dizer, era o oposto. Tinha hábitos grosseiros e maneiras brutais. Na mesma noite de sua chegada, ficou em um estado lastimável por conta da bebida e, na verdade, depois do meio-dia, dificilmente se poderia dizer que alguma vez ficara sóbrio. Seus modos para com os criados eram livremente repugnantes e familiares. Pior de tudo, ele rapidamente assumiu a mesma atitude para com a minha filha, Alice, e lhe falou dessa maneira mais de uma vez, mas, felizmente, ela é muito inocente para entender. Em uma ocasião, ele chegou a agarrá-la e abraçá-la... um ultraje que levou o seu próprio secretário a aproximar-se e censurá-lo por sua conduta indigna”.

— “Mas por que a senhora suportou tudo isso? Suponho que pode se livrar dos hóspedes quando desejar”.

— A Sra. Charpentier ruborizou diante da minha questão pertinente. — “Bem que eu queria tê-lo mandado embora no mesmo dia que ele chegou. Mas a tentação era grande. Eles estavam pagando uma libra por dia cada um, catorze libras por semana, e essa é uma temporada lenta. Sou uma viúva e meu filho na Marinha tem me dado muitos custos. Não queria perder o dinheiro. Agi pelo bem maior. Contudo, esse último episódio foi demais e eu pedi a ele que saísse. Essa foi a razão de ele ter ido embora”.

— “E então?”

— “Meu coração ficou mais leve quando o vi partindo. Meu filho está de licença agora, mas ainda não lhe disse nada sobre tudo isso, porque seu temperamento é violento e ele tem grande afeição pela irmã. Quando fechei a porta após a saída deles, pareceu que um peso fora retirado da minha mente. Mas, ah! Em menos de uma hora houve um toque da campainha e descobri que o Sr. Drebber tinha retornado. Estava muito empolgado e tinha bebido muito. Ele forçou sua entrada na sala, onde eu e minha filha estávamos sentadas, e fez alguma observação incoerente sobre ter perdido o trem. Então, virou-se para Alice e, na minha frente, propôs-lhe que fugisse com ele. ‘Você tem idade’, disse ele, ‘e não há lei que possa impedi-la. Tenho bastante dinheiro. Não se importe com a velhota e vamos logo embora comigo. Você viverá como princesa’. Pobre Alice estava tão assustada que se encolheu para longe, mas ele a agarrou pelo pulso e esforçou-se para arrastá-la até a porta. Gritei e, naquele momento, meu filho Arthur entrou na sala. Não sei o que aconteceu depois disso. Ouvi xingamentos e barulhos provenientes de briga. Eu estava aterrorizada demais para levantar a cabeça. Quando finalmente olhei para cima, vi Arthur em pé ao lado da porta, rindo, com um porrete na mão. ‘Não acho que aquele bom sujeito nos incomodará de novo’, disse. ‘Vou atrás dele apenas para ver o que vai fazer’. Com essas palavras, ele pegou o chapéu e começou a descer a rua. Na manhã seguinte, ouvimos falar da misteriosa morte do Sr. Drebber.”

— Essa declaração veio dos lábios da Sra. Charpentier com muitas pausas e suspiros. Houve momentos em que falou tão baixo que mal conseguia ouvir as palavras. Todavia, fiz anotações de forma abreviada de tudo que ela disse para que não houvesse a possibilidade de erro.

— É bastante empolgante — disse Sherlock Holmes com um bocejo. — O que aconteceu depois?

— Quando a Sra. Charpentier terminou — prosseguiu o detetive —, vi que o caso inteiro se apoiava em um ponto. Fitando-a de uma maneira que acredito surtir efeito nas mulheres, perguntei a que horas o filho havia retornado.

— “Eu não sei,” — respondeu ela.

— “Não sabe?”

— “Não, ele tem a chave da porta e entrou sozinho”.

— “Depois que a senhora foi dormir?”

— “Sim”.

— “A que horas foi se deitar?”

— “Por volta das onze.”

— “Então seu filho ficou pelo menos duas horas fora de casa?”

— “Ficou.”

— “Possivelmente quatro ou cinco horas?”

— “Sim.”

— “O que ele estava fazendo durante esse tempo?”

— “Eu não sei”, respondeu ela e seus lábios ficaram brancos.

— Claro que depois disso não havia nada mais a ser feito. Descobri onde o tenente Charpentier estava, levei dois policiais comigo e o prendi. Quando bati em seu ombro e o alertei para que viesse calmamente conosco, ele respondeu de forma insolente: “Suponho que está me prendendo por conta da morte daquele canalha do Drebber”. Não tínhamos dito nada a ele sobre isso, de modo que sua alusão tinha um aspecto muito suspeito.

— Muito — concordou Holmes.

— Ele ainda carregava o porrete descrito pela mãe de quando seguiu Drebber. Era de carvalho e bem sólido.

— Qual é a sua teoria, então?

— Bem, minha teoria é que ele seguiu Drebber até a Brixton Road. Chegando lá, aconteceu uma nova briga, durante a qual Drebber recebeu um golpe do porrete, talvez na boca do estômago, que o matou sem deixar qualquer marca. A noite estava tão chuvosa que não havia ninguém nas redondezas, então Charpentier carregou o corpo da vítima para dentro da casa vazia. Quanto à vela, o sangue, a palavra na parede e o anel, podem ter sido apenas truques para despistar a polícia.

— Muito bem! — disse Holmes com um tom encorajador. — Realmente, Gregson, você está se dando bem. Ainda faremos algo de você!

— Eu me vanglorio de ter me portado de forma bastante organizada — respondeu o detetive com orgulho. — O jovem voluntariou-se para prestar um depoimento no qual afirma que, depois de seguir Drebber por algum tempo, foi avistado por ele e pegou um cabriolé para se afastar. No trajeto para sua casa, encontrou um antigo companheiro de bordo e fizeram uma grande caminhada. Ao ser questionado sobre onde esse amigo mora, ele não conseguiu dar uma resposta satisfatória. Acredito que o caso todo se encaixa de forma excepcional. O que me diverte é pensar no Lestrade, que seguiu

por uma pista errada. Temo que ele não conseguirá muito disso... Ora, por Deus, aqui está o homem!

Era mesmo Lestrade, que havia subido as escadas enquanto conversávamos e agora entrava na sala. No entanto, a confiança e galhardia que costumavam marcar seu porte e vestimenta estavam em falta. O rosto estava perturbado e incomodado, e as roupas estavam sujas e desalinhadas. Ele evidentemente viera com a intenção de se consultar com Sherlock Holmes, mas, ao perceber seu colega, pareceu ficar envergonhado e aborrecido. Parou no centro da sala, mexendo o chapéu nervosamente e sem saber o que fazer.

— Esse é um caso muito extraordinário — disse por fim. — Um caso muito incompreensível.

— Ah, você acha mesmo, Sr. Lestrade! — exclamou Gregson triunfalmente. — Achei que chegaria a essa conclusão. Conseguiu encontrar o secretário, o Sr. Joseph Stangerson?

— O secretário, o Sr. Joseph Stangerson — falou Lestrade gravemente — foi assassinado às seis da manhã no Halliday's Private Hotel.

[4] Refere-se ao verso final do Canto I de *L'Art poétique* de Nicolas Boileau-Despréaux (1636-1711). Em tradução livre, “Um tolo sempre encontra outro ainda mais tolo que o admira”.

Luz na escuridão



O conhecimento com o qual Lestrade nos brindou foi tão importante e inesperado que ficamos todos bastante estupefatos. Gregson saltou da cadeira e derramou o restante do uísque com água. Observei Sherlock Holmes em silêncio, e vi que seus lábios estavam comprimidos e as sobrancelhas, franzidas.

— Stangerson também! — murmurou ele. — A trama se complica.

— Já era bastante complicada antes — resmungou Lestrade, puxando uma cadeira. — Parece que adentrei em um conselho de guerra.

— Você tem... tem certeza dessa pequena informação? — gaguejou Gregson.

— Acabei de vir do seu quarto — respondeu Lestrade. — Fui o primeiro a descobrir o que ocorreu.

— Estávamos escutando a opinião de Gregson sobre o assunto — observou Holmes. — Importa-se de nos informar o que tem feito e visto?

— Não tenho objeção — respondeu Lestrade, sentando-se. — Eu livremente confesso que tinha a opinião de que Stangerson tinha culpa na morte de Drebbler. Essa nova revelação me mostrou que eu estava completamente enganado. Com a mente fixa nessa única ideia, coloquei-me a descobrir o que tinha acontecido com o secretário. Eles tinham sido visto juntos na Euston Station cerca de oito e meia da noite. Às duas da manhã, Drebbler foi achado na Brixton Road. A questão que me confrontou foi o que Stangerson fez entre esses horários e o que aconteceu com ele depois. Enviei um telegrama para Liverpool dando a descrição do homem e os alertando a vigiar os navios americanos. Depois fui trabalhar, buscando todos os hotéis

e pensões na vizinhança de Euston. Veja, eu intuí que se Drebbler e seu companheiro tinham se separado, então o último procuraria se hospedar na vizinhança pela noite, e depois ficaria à espera na estação de novo pela manhã.

— Eles provavelmente combinaram um lugar de encontro antes — observou Holmes.

— Isso foi provado. Gastei toda a noite de ontem fazendo questionamentos sem resultado. Esta manhã comecei bem cedo, e às oito horas cheguei ao Halliday's Private Hotel na Little George Street. Ao questionar se o Sr. Stangerson estava hospedado ali, todos responderam afirmativamente de imediato.

— “Sem dúvidas o senhor é o cavalheiro que ele estava esperando,” — disseram-me. — “Ele tem esperando pelo cavalheiro há dois dias”.

— “Onde ele está agora?” — perguntei.

— “Está lá em cima na cama. Desejava ser chamado às nove”.

— “Subirei de uma vez para vê-lo” — declarei.

— Tive a impressão de que minha aparição súbita poderia abalar seus nervos e o levar a dizer algo sem pensar. O criado voluntariou-se para me mostrar o quarto; ficava no segundo andar e era acessado por um pequeno corredor. O criado me apontou a porta e estava quase descendo de novo quando vi algo que me deixou enjoado, apesar dos meus vinte anos de experiência. Pela fresta inferior da porta, rolava um filete de sangue, que escoara pelo corredor e formara uma pequena poça ao longo do rodapé do outro lado. Gritei, o que trouxe o criado de volta. Ele quase desmaiou quando viu aquilo. A porta estava trancada pelo lado de dentro, mas a empurramos com os ombros e a arrombamos. A janela do quarto estava aberta e, ao lado, jazia o corpo de um homem trajando roupas de dormir. Estava realmente morto, e já por algum tempo, porque seus membros estavam frios e rígidos. Quando o viramos de frente, o criado imediatamente o reconheceu como sendo o mesmo cavalheiro que ocupara o quarto sob o nome de Joseph Stangerson. A causa da morte foi uma punhalada profunda no lado esquerdo, que provavelmente acertou o coração. E agora vem a parte mais estranha do caso: o que vocês supõem que estava em cima do homem assassinado?

Senti um arrepio no corpo e um pressentimento de horror antes mesmo que o Sherlock Holmes respondesse.

— A palavra RACHE, escrita com sangue — respondeu ele.

— Exatamente — disse Lestrade com uma voz espantada, e todos ficamos em silêncio por um tempo.

Havia algo tão metódico e incompreensível sobre esses atos do assassino desconhecido que conferia um ar ainda mais sinistro aos seus crimes. Meus nervos, que eram firmes o suficiente para o campo de batalha, estremeceram diante do pensamento.

— O homem foi visto — prosseguiu Lestrade. — Aconteceu que um leiteiro, seguindo rumo à leiteria, passou pela pista que levava aos estábulos do hotel. Ele notou que uma escada, que geralmente ficava jogada ali, fora erguida contra a janela do segundo andar, que estava escancarada. Ao continuar a caminhada, olhou para trás e viu um homem descendo a escada. Ele o fez tão silenciosamente que o menino pensou ser algum carpinteiro ou marceneiro que trabalhava no hotel. O menino não notou nada em particular nele, com exceção de pensar que era cedo para que o homem estivesse trabalhando. Teve a impressão de que o sujeito era alto, tinha um rosto corado e estava vestido com um longo sobretudo marrom. Deve ter permanecido no quarto por um tempo depois do assassinato, porque encontramos manchas de sangue na bacia de água onde ele lavou as mãos e marcas nos lençóis onde ele limpou a faca deliberadamente.

Olhei de relance para Holmes ao ouvir a descrição do assassino, que se encaixava exatamente com a sua própria explanação. No entanto, não havia traços de exultação ou satisfação em seu rosto.

— Você não achou nada na sala que pudesse fornecer uma pista para o assassino? — perguntou.

— Nada. Stangerson tinha a carteira do Drebber em seu bolso, mas isso parecia comum, já que ele fazia todos os pagamentos. Havia nela oitenta libras, mas nada foi roubado. Quaisquer que sejam os motivos para esses crimes, assalto certamente não é um deles. Não havia documentos ou memorandos no bolso do homem morto, exceto um único telegrama, datado de Cleveland cerca de um mês atrás, contendo as palavras: “J.H. está na Europa.” Não havia um nome junto à mensagem.

— E não havia nada mais? — indagou Holmes.

— Nada de importante. O livro do homem, o qual tinha lido antes de dormir, estava sobre a cama, e o seu cachimbo estava em uma cadeira ao seu

lado. Havia um copo d'água em cima da mesa e, no parapeito da janela, uma pequena caixa com unguento e algumas pílulas.

Sherlock Holmes pulou da cadeira com uma exclamação de alegria.

— O último elo — bradou exultante. — Meu caso está completo.

Os dois detetives o encararam com espanto.

— Agora tenho em minhas mãos — disse meu companheiro com confiança na voz — todos os fios que formaram tamanho novelo. Existem, é claro, detalhes que devem ser preenchidos, mas estou certo sobre todos os detalhes principais, desde quando Drebbler se separou de Stangerson na estação até a descoberta do corpo deste último, como se tivesse visto com meus próprios olhos. Darei prova do meu conhecimento. Você conseguiu pegar aquelas pílulas?

— Eu as tenho — afirmou Lestrade, puxando uma caixinha branca. — Eu as trouxe junto com a carteira e o telegrama com a intenção de guardá-los a salvo na Delegacia de Polícia. Foi obra do acaso eu ter apanhado essas pílulas, pois devo dizer que não dou qualquer importância a elas.

— Dê-me aqui — pediu Holmes e virou-se para mim. — Agora, Doutor, estas são pílulas comuns?

Certamente não eram. Eram de um cinza perolado, pequenas, redondas e quase transparentes contra a luz.

— Por sua leveza e transparência, imaginaria que são solúveis em água — observei.

— Precisamente — concordou Holmes. — Agora, você se importaria de ir lá embaixo buscar aquele pobre terrier que tem sofrido por tanto tempo e que a governanta queria que você sacrificasse ontem?

Desci e carreguei o cachorro em meus braços para o andar de cima. Sua respiração ofegante e o olhar vidrado mostraram que ele não estava longe do fim. De fato, seu focinho branco como a neve proclamava que já havia excedido o tempo usual da existência canina. Coloquei-o sobre uma almofada no tapete.

— Agora cortarei esta pílula ao meio — disse Holmes, e puxando o canivete, adequou as ações à palavra. — Uma metade devolveremos à caixa para propósitos futuros. A outra metade colocarei nessa taça de vinho na qual há uma colher de chá de água. Vocês percebem que nosso amigo, o Doutor, está certo, e ela se dissolve quase instantaneamente.

— Isso pode ser bem interessante — falou Lestrade em um tom ofendido de alguém que suspeita que está sendo alvo de zombaria. — Não vejo, todavia, o que isso tem a ver com a morte do Sr. Joseph Stangerson.

— Paciência, meu amigo, paciência! Em tempo você descobrirá que tudo está interligado. Agora adicionarei um pouco de leite para deixar a mistura mais agradável e, ao presenteá-la ao cachorro, descobriremos que a lambe com bastante rapidez.

Enquanto falava, virou todo o conteúdo da taça em um pires e o colocou à frente do terrier, que o lambeu de imediato. O comportamento sério de Sherlock Holmes até então nos convencera tanto que ficamos sentados em silêncio, observando o animal atentamente e esperando algum efeito surpreendente. O cachorro continuou deitado na almofada, respirando com dificuldade, não aparentando estar melhor ou pior para o projeto.

Holmes pegara seu relógio e quando os minutos passaram sem resultado, apareceu em seu rosto uma expressão de pesar e desapontamento. Ele mordeu os lábios, tamborilou os dedos sobre a mesa e mostrou outros sintomas de sua impaciência aguda. Sua emoção era tão grande que senti uma pena sincera dele, enquanto os dois detetives sorriam com desprezo, de modo algum descontentes com esse revés com que ele tinha se deparado.

— Não pode ser uma coincidência — gritou ele, finalmente pulando de sua poltrona e andando descontroladamente pela sala. — É impossível que tudo seja mera coincidência. As mesmas pílulas de que suspeitei no caso do Drebbler são encontradas mais tarde após a morte do Stangerson. E ainda assim não têm eficácia. O que isso quer dizer? Certamente que toda minha linha de raciocínio não pode ser falsa. É impossível! E mesmo assim esse cachorro miserável não piorou nem um pouco. Ah, já sei! Já sei!

Com um grito de puro prazer, ele correu até a caixa, cortou a outra pílula pela metade, dissolveu-a, acrescentou leite e entregou ao cachorro. A língua da infeliz criatura mal tocara o líquido antes que um tremor convulsivo se espalhasse por todos seus membros e o cão se deitou tão rígido e sem vida como se tivesse sido atingido por um raio.

Sherlock deu um grande suspiro e enxugou o suor da testa.

— Eu deveria ter mais fé — disse. — A essa altura, já deveria saber que quando um fato parece se opor a uma longa série de deduções, ele invariavelmente revela ser passível de outra interpretação. Das duas pílulas

da caixa, uma era mortalmente venenosa e a outra era inteiramente inofensiva. Eu devia saber disso antes mesmo de ter visto a caixa.

Essa última afirmação pareceu-me tão surpreendente que mal pude acreditar que ele estava sóbrio. No entanto, havia um cachorro morto para provar que suas conjecturas estavam corretas. Pareceu-me que as névoas em minha própria mente foram clareando gradativamente, e comecei a ter uma vaga percepção da verdade.

— Tudo isso parece estranho a vocês — continuou Holmes —, porque falharam em compreender, no início da investigação, a importância real de uma única pista que lhes mostrei. Eu tive a sorte de aproveitá-la e tudo o que tem ocorrido desde então serviu para confirmar minha suposição original e, de fato, era a melhor sequência lógica. Por isso, as coisas que os deixaram perplexos e tornaram o caso mais obscuro serviram para me esclarecer e fortalecer minhas conclusões. É um erro confundir estranhamento com mistério. O crime mais comum é frequentemente o mais misterioso porque não apresenta características novas ou especiais a partir das quais possam ser feitas deduções. Esse assassinato teria sido infinitamente mais difícil de desvendar se o corpo da vítima houvesse sido encontrado deitado na estrada sem qualquer uma das circunstâncias exageradas e sensacionais que o tornaram notável. Esses detalhes estranhos, longe de tornar o caso mais difícil, na verdade tiveram o efeito contrário.

Sr. Gregson, que tinha escutado essas palavras com considerável impaciência, não conseguiu mais se conter:

— Olhe aqui, Sr. Sherlock Holmes, estamos todos prontos para reconhecer que é um homem inteligente e que tem seus próprios métodos de trabalho. Só que agora queremos algo mais do que mera teoria e pregação. Trata-se de pegar o homem. Já apresentei minha opinião sobre o caso, e parece que eu estava errado. O jovem Sr. Charpentier não poderia estar envolvido no segundo crime. Lestrade foi atrás desse homem, Stangerson, e parece que também estava errado. Você plantou dicas aqui e ali, e parece saber mais do que nós, mas chegou o momento em que julgamos ter o direito de pedir-lhe para que seja direto sobre o quanto sabe a respeito do caso. Pode nomear o homem que fez isso?

— Não posso deixar de sentir que Gregson está correto, senhor — concordou Lestrade. — Nós dois tentamos e ambos falhamos. Você

observou mais de uma vez, desde que cheguei, que tinha toda a evidência de que necessitava. Com certeza não as reterá mais.

— Qualquer atraso em prender o assassino — observei — pode lhe dar a oportunidade de perpetuar alguma nova atrocidade.

Apesar de pressionado por todos nós, Holmes mostrou sinais de irresolução. Continuou a andar ao redor do cômodo com a cabeça afundada no peito e as sobrancelhas abaixadas, como costumava fazer quando estava absorto em pensamentos.

— Não haverá mais assassinatos — disse ele por fim, parando abruptamente e nos encarando. — Vocês podem desconsiderar essa hipótese. Tinham me perguntado se sei o nome do assassino. Sei, sim. Todavia, o mero conhecimento do seu nome é uma coisa pequena se comparado ao poder de colocar as mãos sobre ele. Isso eu espero fazer em breve. Tenho esperanças de conseguir isso através dos meus próprios arranjos; mas é uma coisa que precisa ser tratada com delicadeza, pois temos que lidar com um homem astuto e desesperado, que tem apoio, como tive a oportunidade de provar, de outro tão inteligente quanto ele. Enquanto esse homem não suspeitar de que alguém pode ter uma pista — prosseguiu —, há alguma chance de prendê-lo; mas se tiver a menor suspeita, ele mudaria de nome e desaparecia em um instante entre os quatro milhões de habitantes desta grande cidade. Sem querer ferir o sentimento de qualquer um dos dois, devo dizer que considero que esses homens são mais do que a força policial pode aguentar, e é por isso que não pedi sua ajuda. Se eu falhar, devo, é claro, incorrer toda a culpa devida a essa omissão, mas estou preparado. No momento, estou pronto para prometer que no instante em que puder me comunicar com vocês sem pôr em risco minhas próprias combinações, farei isso.

Gregson e Lestrade pareceram pouco satisfeitos por essa garantia ou pela depreciação da força policial. O primeiro tinha corado até as raízes de seu cabelo louro, enquanto os olhos redondos do outro brilhavam com curiosidade e ressentimento. No entanto, nenhum deles teve tempo de falar antes que houvesse uma batida na porta e o porta-voz dos moleques de rua, o jovem Wiggins, introduzisse sua figura insignificante e desagradável.

— Por favor, senhor — disse ele, em posição —, eu tenho o cabriolé lá embaixo.

— Bom rapaz — falou Holmes de forma afável. — Por que vocês não introduzem esse padrão na Scotland Yard? — continuou, pegando um par de algemas na gaveta. — Vejam como a mola funciona lindamente. Elas prendem em um instante.

— O modelo antigo é bom o suficiente — comentou Lestrade — desde que sejamos capazes de encontrar o homem em quem usá-lo.

— Muito bem, muito bem — disse Holmes com um sorriso. — O cocheiro pode muito bem ajudar com as minhas caixas. Apenas peça para que suba, Wiggins.

Fiquei surpreso ao ver meu companheiro falando como se fosse sair em uma grande jornada, já que não havia comentado nada comigo. Havia uma pequena maleta na sala e ele a puxou e começou a amarrar com correias. Estava ocupado com isso quando o cocheiro entrou no cômodo.

— Ajude-me com esta fivela, cocheiro — pediu, ajoelhando-se ao lado da mala e sem virar a cabeça em momento algum.

O camarada avançou com um ar um pouco sóbrio e desafiador e estendeu as mãos para ajudar.

Nesse instante, houve um clique agudo, o som estridente de metal, e Sherlock Holmes ficou de pé novamente.

— Cavalheiros — bradou com olhos brilhando. — Deixe-me lhes apresentar o Sr. Jefferson Hope, o assassino de Enoch Drebber e de Joseph Stangerson.

A coisa toda ocorreu em um momento – tão rápido que não tive tempo de perceber. Tenho uma lembrança vívida do instante, da expressão triunfante do Holmes e o badalar de sua voz, do rosto selvagem e aturdido do cocheiro conforme encarava as algemas brilhantes que pareciam ter surgido em seus pulsos por mágica. Por um segundo ou dois, poderíamos ser confundidos com um grupo de estátuas. Então, com um rugido de fúria inarticulada, o prisioneiro libertou-se do aperto do Holmes e atirou-se pela janela. Madeira e vidro caíram diante dele, mas antes que conseguisse desaparecer, Gregson, Lestrade e Holmes saltaram sobre ele como cães de caça.

Ele foi arrastado de volta para a sala, e então começou um conflito terrível. Ele era tão poderoso e feroz que nós quatro éramos jogados longe. Parecia ter a força de um homem em uma crise de epilepsia. O rosto e as mãos estavam terrivelmente mutilados por sua passagem através do vidro,

mas a perda do sangue não teve efeito em diminuir sua resistência. Foi só quando Lestrade conseguiu dar uma gravata em seu pescoço para estrangulá-lo que o fizemos entender que sua luta seria em vão; e, mesmo assim, não nos sentimos em segurança até prender suas mãos e seus pés. Isso feito, levantamo-nos sem fôlego e ofegantes.

— Temos seu cabriolé — comentou Sherlock Holmes —, que servirá para levá-lo até a Scotland Yard. E agora, cavalheiros — continuou com um sorriso de satisfação —, chegamos ao fim do nosso pequeno mistério. Fiquem à vontade para me perguntarem qualquer questão que tiverem, e não há perigo de que eu me recuse a responder todas elas.

PARTE II



A terra dos Santos.

Na grande planície alcalina



Na porção central do grande continente da América do Norte, há um grande deserto árido e inóspito, que por muitos anos serviu como barreira contra o avanço da civilização. Desde Sierra Nevada ao Nebraska, e do rio Yellowstone, no norte, até o Colorado, no sul, espalha-se uma região de desolação e silêncio. Nem a natureza está sempre com o mesmo humor em todo esse território sombrio que compreende altas montanhas cobertas de neves e vales escuros e tristes. Há rios de correntezas rápidas que atravessam cânions irregulares e há enormes planícies que no inverno ficam brancas como a neve, e no verão ficam cinzentas com a poeira salina de álcali. Todavia, tudo preservava uma característica comum de esterilidade, inospitalidade e miséria.

Não há habitantes nessas terras de desespero. Um grupo de *pawnees* ou de *blackfeets* pode atravessá-lo ocasionalmente para chegar a outras regiões de caça, mas o mais corajoso dos homens fica feliz em perder essas planícies impressionantes de vista, e encontrar-se mais uma vez em suas pradarias. O coioote se esconde entre o matagal, o abutre plana pesadamente pelo ar e o urso pardo atravessa as encostas para pegar seu sustento entre as rochas. Esses são os únicos moradores do deserto.

Em todo mundo não pode haver uma paisagem mais triste do que a vista a partir da encosta norte de Sierra Blanco. Até onde a vista alcança, estende-se uma grande planície, toda coberta de manchas de álcali e cortada por arbustos anões de chaparral. Na borda extrema do horizonte, há uma longa cadeia de montanhas com seus cumes irregulares salpicados de neve. Nesse grande trecho, não há sinal de vida nem de qualquer coisa relacionada a ela.

Não há nenhum pássaro no céu azul-acinzentado, nenhum movimento sobre a terra opaca e, acima de tudo, há um silêncio absoluto. Não há sombra de um som em todo aquele deserto poderoso; nada além de silêncio – silêncio completo e subjugador de corações.

Tem sido dito que não há nada semelhante à vida na ampla planície. Isso dificilmente é verdade. Olhando-se de Sierra Blanco, é possível ver um caminho traçado pelo deserto, que se meandra para longe e se perde na distância extrema. É esburacado pelas rodas e pisoteado por muitos aventureiros. Aqui e ali há objetos brancos espalhados que brilham ao sol e destacam-se contra o depósito de álcali. Aproxime-se e examine-os! São ossos: alguns largos e ásperos, outros pequenos e mais delicados. Os primeiros pertenceram a bois, os últimos a um homem. Por dois mil e quatrocentos quilômetros, pode-se traçar a rota medonha de caravanas mediante esses restos dispersos daqueles que tombaram pelo caminho.

Olhando para essa mesma cena, no dia 4 de maio de 1847, estava um viajante solitário. Sua aparência era tal que poderia ter sido o próprio gênio ou o demônio da região. Um observador teria achado difícil dizer se ele estava próximo dos quarenta ou dos sessenta anos. Seu rosto era magro e abatido, e a pele, que parecia um pergaminho marrom, estava bem esticada sobre os ossos salientes; seus longos cabelos castanhos e barba estavam salpicados e pontilhados de branco; os olhos estavam fundos nas órbitas e ardiam com um brilho não natural; enquanto a mão que segurava seu rifle era dificilmente mais carnuda do que a de um esqueleto.

Parado ali, usou a arma como apoio para se manter de pé, mas sua figura alta e a estrutura maciça de seus ossos sugeria que possuía uma constituição forte e vigorosa. Todavia, a face magra e as roupas, que pendiam sobre os membros enrugados, proclamavam o que lhe dava aquela aparência senil e decrépita. O homem estava morrendo de sede e de fome.

Havia descido a encosta a duras penas na vã esperança de ver algum sinal de água pela elevação. Agora a grande planície de sal se estendia diante de seus olhos, e o cinturão distante de montanhas selvagens não exibia nenhum sinal de plantas ou árvores, o que indicaria a presença de umidade. Em toda aquela paisagem ampla não havia uma centelha de esperança. Olhou para o norte, para o leste e oeste com olhos selvagens e questionadores, e então entendeu que suas andanças tinham chegado ao fim, e que bem ali, naquele rochedo estéril, estava prestes a morrer. “Por que não

aqui, tão bem quanto em um colchão de penas daqui a vinte anos?” murmurou, sentando-se no abrigo de um penedo.

Antes de se sentar, havia colocado no chão o rifle inútil e também um grande pacote amarrado em um xale cinza, que vinha carregando pendurado no ombro direito. Parecia ser um pouco pesado demais para ele, pois o desceu com um pouco de violência. Instantaneamente, um pequeno gemido saiu do pacote, e dali se projetou um rosto pequeno e assustado, com olhos castanhos muito brilhantes e dois pequenos punhos manchados.

— Você me machucou! — disse uma voz de criança em tom acusador.

— Desculpe, não tive a intenção — respondeu o homem penitentemente. Enquanto falava, desembrulhou o xale cinza e libertou uma menina bonita de cerca de cinco anos de idade, cujos sapatos delicados e o belo vestido cor-de-rosa com seu aventalzinho de linho transpareciam todos os cuidados de uma mãe. A criança estava pálida e abatida, mas seus braços e pernas saudáveis mostravam que tinha sofrido menos que seu companheiro.

— Está melhor agora? — perguntou ele ansiosamente, porque a menina ainda esfregava os cachos dourados que cobriam a parte de trás da cabeça.

— Dê um beijo para sarar — disse ela com voz muito séria, mostrando a parte machucada para ele. — Isso é o que mamãe costumava fazer. Onde ela está?

— Sua mãe se foi. Acho que você logo a verá.

— Foi, é? — falou a garotinha. — Engraçado que ela não disse adeus. Ela sempre dizia, mesmo quando só estava indo para casa da titia para tomar chá, e agora já faz três dias que ela se foi. Olha, está bastante seco, não é? Não tem nada para comer, nenhuma água?

— Não, não há nada, querida. Você terá que ser paciente por um tempinho, e então ficará bem. Apoie sua cabeça em mim, e então se sentirá mais valente. Não é fácil falar quando seus lábios parecem couro, mas acho que é melhor você saber tudo. O que tem aí?

— Coisas lindas! E graciosas! — exclamou a garotinha com entusiasmo, segurando dois fragmentados brilhantes de mica. — Quando voltarmos para casa as darei para o meu irmão Bob.

— Você logo verá coisas mais bonitas que isso — disse o homem com convicção. — Espere só um pouquinho. Mas eu estava para lhe contar: você se lembra de quando deixamos o rio?

— Ah, lembro, sim.

— Bem, pensamos que chegaríamos a outro rio logo, sabe. Mas algo deu errado, com a bússola ou o mapa, não sei, e não o encontramos. A água acabou. Só restaram algumas gotas para você, e... e...

— E você não conseguiu se lavar! — interrompeu a menina, encarando sua cara suja.

— Não, nem beber. O Sr. Bender foi o primeiro a partir, depois o índio Pete, e então a Sra. McGregor seguida por Johnny Jones e depois, querida, sua mãe.

— Então a mamãe está morta — choramingou a menina, esfregando o rosto em seu avental e soluçando amargamente.

— Sim, todos estão mortos, exceto você e eu. Então achei que havia alguma chance de ter água nessa direção, coloquei você em meu ombro e caminhamos juntos. Mas não parece que melhoramos as coisas. Agora há uma minúscula chance para nós!

— Você quer dizer que também vamos morrer? — perguntou a criança, controlando seus soluços e levantando o rosto molhado de lágrimas.

— Acho que isso é certo.

— Por que não disse nada antes? — questionou ela, rindo com alegria. — Você me deu um baita susto! É claro, agora que vamos morrer, eu posso ficar com a mamãe de novo.

— Sim, você ficará, minha querida.

— E você também. Direi a ela como você tem sido incrivelmente bom comigo. Aposto que ela vai nos encontrar na porta do Céu com um jarro de água e um bolo quente, tostados dos dois lados, como eu e o Bob gostamos. Quanto tempo vai demorar?

— Eu não sei, não muito. — Os olhos do homem estavam fixos no horizonte norte. Na abóbada do céu azul haviam aparecido três pequenas manchas que aumentavam a cada momento, aproximando-se rapidamente. Logo se mostraram como grandes pássaros marrons que circulavam sobre as cabeças dos dois caminantes, e então pousaram em algumas rochas para observar. Eram aves grandes, os abutres do Oeste, e sua vinda era precursora da morte.

— Galos e galinhas! — gritou a menininha com alegria, apontando para as formas agourentas e batendo as mãos para fazê-los voar. — Diga, Deus fez este lugar?

— Claro que fez — respondeu seu companheiro, surpreendido por essa questão inesperada.

— Ele fez a terra de Illinois, e também o Missouri — continuou a garota. — Mas acho que foi outra pessoa quem fez estas terras. Não está tão bem-feito. Eles esqueceram a água e as árvores.

— O que você acha de fazer uma oração? — perguntou o homem timidamente.

— Não é noite ainda — respondeu ela.

— Não tem problema. Não é comum, mas Ele não se importará, pode acreditar. Faça aquelas orações que costumava fazer toda noite quando estávamos nos vagões pelas planícies.

— Por que você não reza também? — quis saber a criança com olhos questionadores.

— Não me lembro como se reza — respondeu. — Não faço isso desde que eu tinha metade da altura dessa arma. Mas acho que nunca é tarde demais. Você reza e eu a acompanho nos coros.

— Então você precisa se ajoelhar, e eu também — disse ela, estendendo o xale para esse propósito. — Você tem que colocar as mãos para cima assim. Faz a gente se sentir bem.

Se houvesse alguém além dos abutres para observá-los seria uma visão estranha. Os dois caminhantes se ajoelharam lado a lado sobre o xale estreito; a pequena criança tagarela e o endurecido aventureiro imprudente. O rosto rechonchudo dela e o semblante anguloso dele estavam voltados para o céu sem nuvens em súplica sincera àquele temível Ser com quem estavam cara a cara, enquanto as duas vozes – uma fina e clara, a outra profunda e áspera – se uniam no pedido de misericórdia e perdão. A oração terminou e eles retomaram os assentos à sombra do penedo até que a criança adormeceu aninhada no peito largo do seu protetor. Ele vigiou seu sono por algum tempo, mas a natureza provou ser muito forte para ele. Por três dias e três noites ele não havia se permitido descansar nem repousar. Lentamente, suas pálpebras se fecharam sobre os olhos cansados, e a cabeça se afundou no peito, até que a barba grisalha do homem se misturou ao cabelo dourado da sua companheira, e os dois dormiram o mesmo sono profundo e sem sonhos.

Se o caminhante tivesse permanecido acordado por mais meia hora, seus olhos teriam encontrado uma visão estranha. Bem longe, na extrema

beirada da planície alcalina, levantou-se um pouco de poeira, muito leve de início, dificilmente distinguida das névoas distantes, mas que foi crescendo gradativamente até formar uma neve sólida e bem definida. Essa nuvem continuou a aumentar de tamanho até se tornar evidente que só poderia ser levantada por uma grande multidão em movimento. Em pontos mais férteis, o observador chegaria à conclusão de que era um daqueles grandes rebanhos de bisão que pastavam nas pradarias que se aproximavam deles. Isso obviamente era impossível naquelas regiões selvagens e áridas.

Quando o redemoinho de poeira se aproximou do penhasco solitário onde os dois párias descansavam, os dosséis cobertos de lona dos vagões e as figuras dos cavaleiros armados começaram a se mostrar através da névoa, e a aparição revelou-se como sendo uma grande caravana em sua jornada para o Oeste. Mas que caravana! Quando a frente dela alcançou a base das montanhas, a retaguarda ainda não estava visível no horizonte. Do outro lado da enorme planície, estendia-se o cortejo disperso de vagões e carroças, homens a cavalo e a pé. Inúmeras mulheres cambaleavam sob fardos e crianças andavam ao lado dos vagões ou espreitavam debaixo das lonas brancas. Isso evidentemente não era um grupo comum de imigrantes, mas, sim, alguns nômades que tinham sido forçados a procurar uma nova terra. Ali, através do ar puro, levantou-se uma algazarra estrondosa proveniente dessa grande massa humana, junto ao rangido das rodas e o relinchar dos cavalos. Mas, alto como estava, não foi o suficiente para despertar os dois viajantes cansados.

Na base do grupo vinham dezenas de homens com semblantes duros, vestidos com roupas simples pretas e armados com rifles. Ao alcançar a base do penhasco, pararam e fizeram uma breve reunião entre eles.

— Os poços estão à direita, meus irmãos — disse um homem de lábios rijos, barba feita e cabelo grisalho.

— À direita de Sierra Blanco... então chegaremos ao Rio Grande — falou outro.

— Não se preocupe com água! — exclamou um terceiro. — Aquele que pode fazer água brotar das rochas não abandonará o Seu povo escolhido.

— Amém! Amém! — concordou todo o grupo.

Eles estavam prestes a retomar sua jornada quando um dos mais jovens e de olhar mais atento proferiu uma exclamação e apontou para o penhasco acidentado acima deles. Ao alto, um tufo cor-de-rosa esvoaçava ao vento,

destacando-se contra o cinzento das pedras. À vista disso, houve um movimento geral para montar os cavalos e desembainhar as armas, enquanto os cavaleiros recém-chegados galopavam para reforçar a vanguarda. A palavra “peles-vermelhas” estava em todos os lábios.

— Não pode haver grande número de índios por aqui — disse o homem idoso que parecia estar no comando. — Nós passamos pelos *pawnees*, e não existe nenhuma tribo até cruzarmos as grandes montanhas.

— Devo verificar, irmão Stangerson? — perguntou outro do bando. Algumas outras vozes também se prontificaram.

— Deixem seus cavalos e esperaremos aqui — respondeu o idoso. Em um momento, os jovens apearam, amarraram os cavalos e subiram a encosta íngreme que levava ao objeto que despertou tamanha curiosidade. Avançaram de forma rápida e silenciosa, com a confiança e a destreza de batedores experientes. Aqueles que observavam da planície abaixo podiam vê-los passando rapidamente de pedra em pedra até suas figuras se destacarem contra o horizonte. O jovem que tinha dado o alarme estava guiando. De repente, seus seguidores o viram jogar as mãos para o alto, como em perplexidade, e, ao se juntarem a ele, tiveram a mesma ação ao perceber o que ele via.

No pequeno planalto que coroava a colina estéril, havia um único penedo gigantesco, e contra ele havia um homem alto, de barba longa e traços endurecidos, mas de magreza excessiva. Seu rosto plácido e a respiração regular mostravam que estava dormindo. Ao lado dele havia uma criancinha, com seus braços brancos e redondos envolvendo-lhe o pescoço queimado e forte, a cabeça de cabelos dourados repousando sobre o peito de sua túnica de veludo. Os lábios rosados estavam separados, mostrando a linha perfeita de dentes brancos como a neve, e um sorriso brincalhão passou por suas feições infantis. As perninhas brancas e rechonchudas, que terminavam em meias brancas e sapatos limpos de fivelas brilhantes, ofereciam um estranho contraste com os longos membros enrugados de seu companheiro. Na borda da rocha acima dos estranhos viajantes, havia três abutres solenes que, diante dos recém-chegados, soltaram gritos estridentes de decepção e alçaram voo para longe.

Os gritos das aves despertaram os dorminhocos, que os encararam, perplexos. O homem cambaleou sobre os pés e olhou para a planície abaixo, que estivera desolada quando fora tomado pelo sono, e que agora estava

atravessada por aquele enorme grupo de homens e animais. Seu rosto assumiu uma expressão de incredulidade enquanto observava, e ele passou a mão ossuda nos olhos. “Acho que é isso o que chamam de delírio”, murmurou. A criança ficou de pé ao seu lado, segurando a ponta do casaco, e não disse nada, mas observou o arredor com um olhar interrogativo típico da infância.

A equipe de resgate rapidamente foi capaz de convencer os dois párias de que seu aparecimento não era ilusão. Um deles agarrou a menina e a colocou sobre os ombros, enquanto outros dois apoiaram seu companheiro esquelético e o ajudaram a chegar até os vagões.

— Meu nome é John Ferrier — explicou o caminhante. — Eu e essa pequena somos tudo o que resta de um grupo de vinte e uma pessoas. Os outros morreram de sede ou de fome pelo sul.

— Ela é a sua filha? — perguntou alguém.

— Acho que agora é — exclamou o outro de forma desafiadora. — Ela é minha porque a salvei. Nenhum homem vai tirá-la de mim. Ela é Lucy Ferrier de hoje em diante. Quem são vocês, afinal? — continuou, observando seus resgatadores queimados pelo sol com curiosidade. — Parece haver um grande grupo de vocês.

— Quase dez mil — disse um dos jovens. — Somos os filhos perseguidos de Deus; os escolhidos do anjo Morôni.

— Nunca ouvi falar sobre ele — respondeu o andarilho. — Parece ter escolhido um grande grupo.

— Não brinque com aquilo que é sagrado — repreendeu o outro, severamente. — Somos aqueles que acreditam nos Escritos Sagrados, desenhados em letras egípcias em placas de ouro batido, que foram entregues ao santo Joseph Smith, em Palmyra. Nós viemos de Nauvoo, no estado de Illinois, onde havíamos fundado nosso templo. Viemos buscar o refúgio contra um homem violento e dos ímpios, embora seja no coração do deserto.

O nome Nauvoo obviamente refrescou a memória de John Ferrier.

— Percebo — disse ele — que são mórmons.

— Nós somos os mórmons — responderam os indivíduos em uma só voz.

— E para onde estão indo?

— Não sabemos. A mão de Deus está nos levando sob a pessoa do nosso Profeta. Você deve ser levado à sua presença. Ele dirá o que deve ser feito com vocês.

A essa altura, haviam alcançado a base da colina e estavam cercados por uma multidão de peregrinos – mulheres pálidas de aparência mansa, crianças risonhas e fortes e homens ansiosos de olhar sério. Muitos foram os gritos de espanto e comiseração quando perceberam a pouca idade de um dos estranhos e a situação miserável do outro. Porém, sua escolta continuou andando, seguida pela multidão de mórmons até chegar a um vagão que era notável por seu tamanho, pela ostentação e elegância de sua aparência. Seis cavalos estavam unidos a ele, enquanto os outros eram movidos por dois, ou, no máximo, quatro. Ao lado do cocheiro estava sentado um homem que não poderia ter mais de trinta anos, mas cuja cabeça enorme e expressão resoluta o marcavam como líder. Estava lendo um volume de capa marrom, mas quando a multidão se aproximou, colocou-o de lado e ouviu atentamente o relato do episódio. Então, virou-se para os dois párias.

— Se os levarmos conosco — falou com voz solene — será somente como fiéis ao nosso credo. Não teremos lobos em nosso rebanho. Melhor que seus ossos se deterioreem no deserto do que provarem ser aquela pequena partícula de apodrecimento que destrói a fruta com o tempo. Vocês virão com esses termos?

— Acho que irei com você sob quaisquer termos — afirmou Ferrier com tanta ênfase que os anciãos de aparência grave não conseguiram evitar de sorrir. Somente o líder manteve a expressão firme e impressionante.

— Leve-o, irmão Stangerson — disse ele. — Dê comida e água a ele e à criança. Deixo-lhe a tarefa de ensinar-lhes nosso santo credo. Já nós atrasamos em demasia. Adiante! Avante para Sião!

— Avante para Sião! — gritou a multidão de mórmons, e as palavras ondularam pela longa caravana, passando de boca em boca até morrer em um murmúrio surdo à grande distância. Com um estalar de chicotes e um ranger de rodas, os grandes vagões estraram em movimento e logo toda a caravana estava andando mais uma vez. O ancião responsável pelo cuidado dos párias os conduziu ao seu vagão, onde uma refeição já os aguardava.

— Vocês devem esperar aqui — disse-lhes ele. — Em alguns dias vocês terão se recuperado das fadigas. Enquanto isso, lembrem-se de que de agora

para todo o sempre vocês pertencem à nossa religião. Brigham Young disse isso e falou com a voz de Joseph Smith, que é a voz de Deus.

A flor de Utah



Esse não é o lugar para comemorar as provações e privações sofridas pelos mórmons imigrantes antes de chegarem ao seu refúgio final. Desde as margens do Mississipi até as encostas ocidentais das Montanhas Rochosas, eles tinham lutado contra uma constância quase sem precedentes na história. Haviam superado, com a tenacidade anglo-saxônica, todo impedimento que a natureza pudesse colocar no caminho, o homem selvagem, as feras, a fome, a sede e as doenças. Mesmo assim, a longa jornada e os terrores acumulados abalaram os corações dos mais fortes entre eles. Não havia ninguém que não se ajoelhara em oração sincera quando viu o largo vale de Utah banhado pela luz do sol, e souberam pela boca do líder que aquela era a terra prometido e que aqueles acres virgens eram deles para sempre.

Young rapidamente provou ser um administrador habilidoso e um chefe resoluto. Mapas foram traçados e gráficos preparados nos quais a futura cidade foi esboçada. Todas as fazendas eram repartidas e distribuídas em proporção a cada indivíduo. O comerciante foi encaminhado para seu chamado e o artesão ao seu ofício. As ruas e praças da cidade surgiam como em um passe de mágica. No campo, havia drenagem e cobertura, plantio e limpeza, até que o verão seguinte viu todo a região dourada com a colheita de trigo. Tudo prosperava no estranho assentamento. Acima de tudo, o grande templo que erguiam no centro da cidade ficava cada vez maior e mais alto. Desde o primeiro raiar da alvorada até o cair do crepúsculo, o barulho do martelo e o ranger da serra nunca ficavam ausentes do

monumento que aqueles imigrantes erigiram Àquele que os levou a salvo em meio a muitos perigos.

Os dois párias, John Ferrier e a menininha que compartilhou seu destino e foi adotada como sua filha, acompanharam os mórmons até o fim da sua grande peregrinação. A pequena Lucy Ferrier foi transportada com grande conforto na carroça do velho Stangerson, um vagão que ela dividia com as três esposas do mórmon e o filho, um rapaz de doze anos. Tendo se recuperado do choque causado pela morte da mãe com a facilidade de adaptação da infância, ela logo se tornou a queridinha das mulheres e se adaptou a essa nova vida nessa casa em movimento. Enquanto isso, Ferrier, tendo se recuperado de seus infortúnios, destacou-se como um guia útil e um caçador incansável. Ganhou a estima de seus novos companheiros tão rapidamente que, quando chegaram ao fim de suas andanças, decidiram por unanimidade que deveria ser fornecido a ele um território tão grande e fértil quanto o de qualquer outro colono, com exceção do próprio Young e de Stangerson, Kemball, Johnston e Drebber, que eram os quatro anciões principais.

Na fazenda recém-adquirida, John Ferrier construiu uma casa de toras tão grande e que recebeu tantos acréscimos ao longo dos anos que se tornou uma *villa* espaçosa. Ele era um homem de mentalidade prática, interessado em negócios e habilidoso com as mãos. Sua constituição forte permitia que trabalhasse de manhã até a noite para melhorar e cultivar as suas terras. Isso fez com que sua fazenda e tudo que possuía prosperasse incrivelmente. Em três anos estava melhor do que seus vizinhos; em seis, estava bem de vida; em nove, estava rico e em doze não havia meia dúzia de homens em toda Salt Lake City que poderiam ser comparados a ele. Não existia nome mais conhecido desde o Grande Mar Interior até as Montanhas Wahsatch que o dele.

Houve apenas um ponto que ofendeu as suscetibilidades de seus correligionários. Nenhum argumento ou persuasão jamais conseguiu convencê-lo a se estabelecer com alguma mulher à maneira dos seus companheiros. Ele nunca deu razão para essa recusa persistente, mas contentou-se em prosseguir de forma resoluta e inflexível em sua determinação. Alguns o acusavam de indiferença para com a religião, outros atribuíram a relutância em incorrer as despesas à ganância para riqueza. Outros, ainda, falavam de algum caso de amor da juventude e de uma jovem

de cabelos claros que tinha perdido as forças às margens do Atlântico. Seja qual fosse o motivo, Ferrier permaneceu estritamente celibatário. Em todos os outros aspectos, ele se conformava à religião do jovem povoado e ganhou a reputação de ser um homem direito e ortodoxo.

Lucy Ferrier cresceu na casa de toras e ajudava o pai adotivo em todos os seus empreendimentos. O ar afiado das montanhas e o odor balsâmico dos pinheiros assumiram o papel de ama e mãe da jovem. Conforme os anos passaram, ela ficou mais alta e mais forte, com bochechas mais coradas e os passos mais resistentes. Muitos dos que passavam pela estrada ao lado da fazenda de Ferrier sentiam reviver pensamentos havia muito esquecidos enquanto observavam a figura feminina tropeçando nos campos de trigo, ou a encontravam montada sobre o arisco cavalo do pai, guiando-o com a facilidade e graça de um verdadeiro filho do Ocidente. Assim, o botão se transformou em uma flor, e o ano em que viu o pai se tornar o fazendeiro mais rico a transformou na mais bela espécime de moça americana que podia ser encontrada em toda a costa do Pacífico.

Não foi o pai, no entanto, quem descobriu primeiro que a criança havia se transformado uma mulher. Raramente é de outro jeito. Essa misteriosa mudança é muito sutil e gradual para ser medida por datas. É mais demorado ainda para a donzela saber disso, até que o tom de uma voz ou o toque de uma mão deixe seu coração emocionado. Aí ela aprende, com uma mistura de orgulho e medo, que uma nova e maior natureza despertou dentro de si. A maioria não consegue se lembrar do dia e do pequeno incidente que anunciava o alvorecer de uma nova vida. No caso de Lucy Ferrier, a ocasião era suficientemente séria além de sua influência futura em seu destino ou de muitos outros.

Era uma manhã quente de junho e os Santos dos Últimos Dias estavam tão ocupados quanto abelhas, cuja colmeia haviam escolhido como emblema. Nos campos e nas ruas se elevava o mesmo zumbido da indústria humana. Descendo as estradas altas e poeirentas, desfilavam dezenas de mulas carregadas pesadamente, todas indo para o Oeste, porque a febre do ouro tinha explodido na Califórnia e a rota terrestre cruzava a Cidade do Eleito. Ali também passou rebanhos de ovelhas e de bois que vinham das terras das pastagens e cortejos de imigrantes cansados da sua jornada, tanto homens quanto cavalos. Passando por todo esse conjunto heterogêneo, Lucy Ferrier galopava, abrindo caminho com a habilidade de um cavaleiro

experiente, seu rosto bonito corando com o exercício e seus longos cabelos castanhos fluando atrás de si. Tinha recebido uma incumbência de seu pai na cidade e estava correndo como havia feito muitas vezes com toda a audácia da juventude, pensando apenas em sua tarefa e em como ela deveria ser executada. Os aventureiros marcados pela viagem olhavam-na com espanto, e até os índios sem emoção, viajando com suas peles, emergiram de seu estoicismo costumeiro enquanto se maravilhavam com a beleza da donzela de cara pálida.

Ela havia chegado à periferia da cidade quando encontrou a estrada bloqueada por um grande rebanho de gado, conduzido por meia dúzia de pastores de aparência selvagem vindo das planícies. Em sua impaciência, esforçou-se para passar por esse obstáculo, empurrando o cavalo pelo que lhe parecia ser uma lacuna. No entanto, mal entrara nela e os animais se fecharam atrás da moça, e ela se viu completamente imersa no fluxo em movimento de bois com olhos ferozes e chifres longos. Não ficou alarmada com a situação, pois estava acostumada a lidar com o gado. Porém, aproveitou todas as oportunidades para empurrar o cavalo na esperança de abrir caminho pela boiada. Infelizmente, por acidente ou desígnio, os chifres de uma das criaturas entraram em contato violento com o flanco do cavalo e o levou à loucura. Em um instante, ergueu-se sobre suas patas traseiras com um bufo de raiva, e saltou de um jeito que teria desalojado qualquer um, exceto o cavaleiro mais hábil. A situação estava cheia de perigos. Cada salto do cavalo agitado o levava novamente contra os chifres e a uma nova loucura. Tudo o que a garota podia fazer era tentar se manter na sela, porque um deslizaria significaria uma morte terrível debaixo das patas de animais pesados e assustados.

Sem estar acostumada a emergências repentinas, a sua cabeça começou a girar e ela afrouxou a rédea. Sufocada pela nuvem crescente de poeira que se levantava e pelo fedor das criaturas lutando, poderia ter se desesperado, mas uma voz bondosa ao seu lado lhe assegurou uma assistência. No mesmo momento, forçando um caminho entre o rebanho, uma mão morena e forte puxou o cavalo assustado para o canto e a levou para o lado de fora.

— Espero que não esteja machucada, senhorita — disse o salvador de forma respeitosa.

Ela olhou para seu rosto forte e escuro e riu descaradamente.

— Estou bastante assustada — respondeu ela com ingenuidade. — Quem poderia imaginar que o Poncho teria medo de um bando de vacas?

— Graças a Deus que se manteve na sela — comentou o outro com sinceridade. Ele era um jovem alto, de aparência selvagem, montado em um vigoroso cavalo ruano, com trajes de um caçador e um longo rifle pendurado nos ombros. — Acredito que seja a filha de John Ferrier — observou ele. — Eu a vi sair a cavalo da casa dele. Quando o vir, pergunte se ele se lembra dos Jefferson Hopes, de Saint Louis. Se ele é o mesmo Ferrier, meu pai e ele eram bastante chegados.

— Não é melhor vir e perguntar o senhor mesmo? — questionou ela com timidez.

O rapaz pareceu feliz com a sugestão, e seus olhos escuros cintilaram de prazer.

— Farei isso — respondeu ele. — Faz dois meses que estamos nas montanhas, e nossa aparência não está das melhores. Ele vai ter que nos aceitar do jeito que estamos.

— Ele tem muito para lhe agradecer, e eu também — declarou ela. — Ele tem muita afeição por mim. Se essas vacas tivessem me pisoteado, ele não ia suportar.

— Nem eu — afirmou seu companheiro.

— O senhor! Bem, não vejo como isso faria diferença para o senhor, de qualquer forma, já que nem é amigo nosso.

O rosto moreno do jovem caçador ficou tão sombrio com essa observação que Lucy Ferrier deu uma gargalhada.

— Calma, não quis dizer isso — disse ela. — Claro que é meu amigo agora. O senhor deve ir nos visitar. Bem, agora preciso ir andando ou papai não vai confiar seus negócios a mim. Adeus!

— Adeus — respondeu ele, levantando seu grande sombreiro e curvando-se sobre a mão dela. Ela virou seu cavalo, fustigou-o com o chicote de montaria e disparou em uma nuvem de poeira pela estrada larga.

O jovem Jefferson Hope prosseguiu com seus companheiros, sombrio e taciturno. Eles tinham estado entre as montanhas de Nevada procurando por prata, e estavam voltando para Salt Lake City na esperança de levantar capital suficiente para trabalhar em alguns veios de minérios que haviam descoberto. Ele estivera tão interessado nesse negócio como qualquer outro, mas esse incidente tinha levado seus pensamentos para outro lugar. A visão

daquela bela jovem, tão franca e saudável como a brisa de Sierra, estremecera as profundezas do seu vulcânico e indomável coração. Quando ela desapareceu da sua vista, ele percebeu que uma crise havia chegado à sua vida, e que nem especulações de prata, nem quaisquer outras questões poderiam ser-lhe de tamanha importância tal como esse novo e absorvente sentimento. O amor que surgiu em seu coração não era uma fantasia súbita e mutável de um menino, mas a paixão selvagem e feroz de um homem de vontade forte e temperamento impetuoso. Tinha sido acostumado a ter sucesso em tudo o que empreendia e jurou em seu coração que não falharia se o esforço e perseverança o recompensassem.

Visitou John Ferrier naquela noite e em muitas outras depois, até que seu rosto se tornou familiar naquela casa. John, confinado no vale e absorto em seu trabalho, tivera poucas chances de saber sobre as notícias do mundo exterior durante os últimos doze anos. Jefferson Hope foi capaz de contar-lhes tudo, em um estilo que interessou tanto ao pai quanto a Lucy. Ele tinha sido um pioneiro na Califórnia, e podia narrar muitos contos estranhos de fortunas feitas e perdidas naqueles dias bonitos e selvagens. Também fora batedor, caçador, explorador de prata e vaqueiro. Onde quer que houvesse aventuras emocionantes, Jefferson Hope estivera em busca deles. Logo se tornou o favorito do velho fazendeiro, que falava eloquentemente sobre suas virtudes. Nessas ocasiões, Lucy ficava em silêncio, mas sua face ruborizada e seus olhos radiantes e felizes mostravam claramente que o coração da jovem já não era mais dela. Seu honrado pai pode não ter observado os sintomas, mas eles claramente não foram despercebidos pelo homem que havia conquistado a sua afeição.

Era uma tarde de verão quando ele veio galopando pela estrada e parou na porteira. Ela estava à porta e desceu para encontrá-lo. Ele jogou o arreio sobre a cerca e fez o caminho a passos largos.

— Estou indo embora Lucy — disse ele, segurando suas mãos nas dele e olhando seu rosto com ternura. — Não pedirei para vir comigo agora, mas estará pronta para partir comigo quando eu voltar?

— E quando será isso? — perguntou ela, rindo e corando.

— Daqui a uns dois meses. Mas voltarei e a reivindicarei, minha querida. Ninguém pode ficar entre nós.

— E o meu pai? — questionou ela.

— Ele deu sua permissão desde que consigamos manter essas minas funcionando direito. Não tenho preocupação quanto a isso.

— Oh, bem, é claro, se você e meu pai já arranjaram tudo, não há nada mais a ser dito — sussurrou ela com o queixo apoiado no peitoral largo do rapaz.

— Graças a Deus! — exclamou ele com voz rouca, inclinando-se para beijá-la. — Está resolvido, então. Quanto mais tempo eu ficar, mais difícil será partir. Eles estão esperando por mim no cânion. Adeus, minha querida... adeus. Daqui a dois meses você me verá.

Afastou-se dela enquanto falava e, montando no cavalo, seguiu em um galope veloz, sem sequer olhar em volta, como se temesse que sua resolução pudesse falhar se espiasse o que deixava para trás. Ela ficou ao lado da porteira, fitando-o até que desapareceu de vista. Então voltou para casa sentindo-se a garota mais feliz de todo o Utah.

John Ferrier fala com o Profeta



Três semanas haviam se passado desde que Jefferson Hope e seus camaradas tinham partido de Salt Lake City. O coração de John Ferrier estava dolorido ao pensar no retorno do jovem e na iminente perda da filha adotiva. No entanto, o rosto radiante e feliz da moça fez com que se reconciliasse com o arranjo mais do qualquer argumento poderia ter feito. Ele havia determinado muito tempo antes, no fundo do seu coração resoluto, que jamais consentiria que a filha se casasse com um mórmon. Para ele, tal união não se tratava de um casamento, mas, sim, de uma vergonha e desgraça. Seja o que for que pensasse sobre as doutrinas mórmons, ele era inflexível sobre aquele ponto. No entanto, teve que permanecer de boca calada sobre o assunto, porque expressar uma opinião pouco ortodoxa era perigoso naqueles dias na terra dos Santos.

Sim, era um assunto perigoso – tanto que até mesmo os mais santos ousavam apenas sussurrar suas opiniões religiosas com a respiração suspensa, temendo que algo que saísse dos seus lábios pudesse ser mal interpretado e levasse a uma rápida punição. As vítimas da perseguição tinham agora se transformado em perseguidores, e dos mais terríveis. Nem a Inquisição Espanhola, nem o Vehmgericht alemão, nem as sociedades secretas da Itália foram capazes de colocar em movimento maquinaria mais formidável do que aquela que projetava uma sombra sobre o estado de Utah.

A invisibilidade e o mistério associados a isso tornavam a organização duplamente terrível. Parecia ser onisciente e onipotente, e mesmo assim não era vista nem ouvida. O homem que fosse contra à Igreja desapareceria e ninguém ficaria sabendo o que tinha acontecido ou para onde ele havia ido.

Sua esposa e filhos o esperavam em casa, mas nenhum pai retornava para lhes contar como havia sido julgado nas mãos dos seus juízes secretos. Uma palavra imprudente ou um ato precipitado era seguidos por aniquilação, e, ainda assim, ninguém sabia qual era a origem desse terrível poder que pairava sobre eles. Não era de se admirar que os homens andassem tremendo de medo, e que mesmo no coração do deserto não ousassem sussurrar as dúvidas que os oprimiam.

A princípio, esse poder vago e terrível foi exercido apenas sobre os teimosos que, tendo abraçado a fé mórmon, desejaram abandoná-la ou pervertê-la. Logo, no entanto, teve um alcance mais amplo. O suprimento de mulheres adultas estava acabando, e a poligamia sem uma população feminina para alimentá-la era de fato uma doutrina estéril. Rumores estranhos começaram a surgir – rumores de imigrantes assassinados e acampamentos saqueados em regiões onde os índios nunca haviam sido vistos.

Novas mulheres apareciam nos haréns dos anciãos – mulheres que definhavam e choravam, mostrando em seus rostos um horror inextinguível. Andarilhos retardatários nas montanhas falavam de grupos de homens armados, mascarados, furtivos e silenciosos que passeavam por eles na escuridão. Esses contos e rumores tomaram sustância e forma: foram corroborados e confirmados, até que eles mesmos resolveram colocar um nome definitivo. Até hoje, nas fazendas solitárias do Oeste, o nome da Bando Danita, ou os Anjos Vingadores, é sinistro e de mau agouro.

O conhecimento completo da organização que produzia resultados tão terríveis serviu para aumentar o horror que inspirou a mente dos homens. Ninguém sabia quem pertencia a essa sociedade implacável. Os nomes dos participantes dos atos de sangue e violência feitos em nome da religião foram mantidos em segredo profundo. O mesmo amigo a quem você comunicava suas dúvidas quanto ao Profeta e sua missão poderia ser um daqueles que saem à noite para exigir uma horrível reparação a ferro e fogo. Consequentemente, todo homem temia o seu vizinho, e ninguém falava das coisas que afligiam o coração.

Em uma bela manhã, John Ferrier estava prestes a partir para seus campos de trigo quando ouviu o clique de uma trava e, olhando pela janela, viu um homem de meia-idade, corpulento e com cabelos cor de areia, subindo pela trilha. Seu coração saltou para a boca, pois o homem não era

outro senão o grande Brigham Young. Cheio de temor – pois sabia que tal visita não era um presságio muito bom –, Ferrier correu para a porta para cumprimentar o chefe mórmon. Esse último, no entanto, recebeu suas saudações friamente e o seguiu para a sala de estar com uma expressão severa no rosto.

— Irmão Ferrier — disse ele, sentando-se e observando o fazendeiro com profundo interesse debaixo dos cílios claros. — Os verdadeiros crentes têm sido bons amigos para você. Nós o acolhemos quando estava morrendo de fome no deserto, dividimos nossa comida com você, o levamos em segurança para o Vale Escolhido, demos a você um considerável pedaço de terra e permitimos que ficasse rico sob nossa proteção. Não é verdade?

— É, sim — respondeu John Ferrier.

— Em troca de tudo isso, impusemos somente uma condição: que você abraçasse a fé verdadeira e se conformasse com todos os aspectos em seus costumes diários. Você prometeu fazer isso, e se o que dizem é verdadeiro, tem sido negligente.

— E como tenho sido negligente? — questionou Ferrier, jogando as mãos para o alto em admoestação. — Não tenho doado para o fundo comum? Não tenho comparecido ao Templo? Não tenho...?

— Onde estão suas esposas? — indagou Young, olhando ao redor. — Chame-as aqui, para que eu as conheça.

— É verdade que não me casei — respondeu Ferrier. — Mas havia poucas mulheres, e muitos tinham melhores reivindicações que as minhas. Não sou um homem solitário: tenho minha filha que me ajuda em tudo que preciso.

— É da sua filha que quero falar — retrucou o líder dos mórmons. — Ela cresceu e se transformou na flor de Utah e é agradável aos olhos de muitos que são importantes nessa terra.

John Ferrier gemeu internamente.

— Há histórias que eu gostaria de não acreditar... histórias que afirmam que ela foi prometida a algum gentio. Deve ser uma fofoca das línguas ociosas. Qual é a décima terceira regra no código do santo Joseph Smith? “Que toda donzela da verdadeira fé se case com um dos eleitos, pois se ela se casar com um gentio, comete um pecado grave”. Assim sendo, é impossível que você, que professa o santo credo, permita que sua filha pratique tal violação.

John Ferrier não respondeu, mas brincou nervosamente com seu chicote de equitação.

— Nesse ponto, toda sua fé será testada. Assim foi decidido no Conselho Sagrado dos Quatro. A garota é jovem e não queremos que se case de cabelos grisalhos, nem a privaríamos de uma escolha. Nós, anciãos, temos muitas novilhas, mas nossos filhos também precisam ter as deles. Stangerson tem um filho e Drebber também, e os dois ficariam felizes em acolher sua filha em casa. Deixe-a escolher entre eles. Eles são jovens, ricos e de verdadeira fé. O que tem a dizer sobre isso?

Ferrier permaneceu em silêncio por um tempo, as sobrancelhas unidas.

— Você nos dará um tempo — disse finalmente. — Minha filha é muito nova, ainda é jovem para se casar.

— Ela terá um mês para escolher — declarou Young, levantando-se do seu lugar. — No final desse tempo, ela deverá dar a resposta.

Estava passando pela porta quando se virou e, com o rosto vermelho e os olhos cintilando, trovejou:

— Teria sido melhor, John Ferrier, que vocês estivessem agora deitados como esqueletos branqueados sobre a Sierra Blanco, do que tentar colocar suas vontades fracas contra as ordens dos Quatro Santos!

Com um aceno ameaçador, virou-se para porta e Ferrier ouviu seus passos pesados triturando os seixos da trilha.

Ainda estava sentado com os cotovelos apoiados nos joelhos e considerando como deveria abordar o assunto com a filha, quando uma mão suave pousou sobre seu ombro. Ergueu o olhar e a viu em pé ao seu lado. Um olhar em seu rosto apavorado e pálido lhe mostrou que ela tinha ouvido o que havia se passado.

— Não pude evitar — disse em resposta ao seu olhar. — A voz dele soou pela casa. Oh, pai, meu pai, o que faremos?

— Não fique assustada — respondeu ele, puxando-a para si e acariciando-lhe os cabelos com sua mão larga e áspera. — Vamos consertar tudo de uma forma ou de outra. Você não acha que sua afeição por aquele rapaz está diminuindo, não é?

A resposta dela foi um soluço e um aperto na mão.

— Não, é claro que não. Eu não gostaria de ouvir você dizer que sim. Ele é um bom rapaz e é cristão, o que é mais do que posso dizer desse povo daqui, apesar de todas essas orações e pregações. Há um grupo saindo para

Nevada amanhã: vou enviar uma mensagem para que ele saiba o buraco em que nos metemos. Se sei algo a respeito desse jovem, ele estará de volta com a velocidade de um telegrama.

Lucy riu em meio às lágrimas com a descrição feita pelo pai.

— Quando ele estiver aqui, vai nos aconselhar para o melhor. Mas estou com medo por você, querido. Ouvem-se histórias terríveis sobre aqueles que se opõem ao Profeta: algo horrível sempre acontece com eles.

— Mas ainda não nos opusemos a ele — respondeu o pai. — Quando fizermos isso, será hora de nos prepararmos para uma tempestade. Temos um mês inteiro à nossa frente; no fim dele, acredito que teremos que fugir de Utah.

— Deixar Utah!

— Não tem mais o que fazer.

— Mas e a fazenda?

— Conseguiremos o máximo de dinheiro possível e deixamos o resto para trás. Para dizer a verdade, Lucy, essa não é a primeira vez que cogito fazer isso. Não gosto de submeter a homem nenhum como essas pessoas fazem com seu maldito Profeta. Eu sou um americano nascido livre e tudo isso é novo para mim. Acho que sou velho demais para aprender. Se ele vier vasculhar esta fazenda, pode se deparar com uma rajada de balas viajando na direção oposta.

— Mas eles não nos deixarão ir embora — objetou a filha.

— Espere até o Jefferson chegar, e vamos dar um jeito. No meio-tempo, não se preocupe, minha querida, e não deixe os olhos inchados, senão ele vai brigar comigo quando a vir. Não há nada com o que se preocupar, nem qualquer perigo.

John Ferrier proferiu essas palavras consoladoras em um tom muito confiante, mas ela não pôde deixar de observar que ele teve um cuidado incomum ao trancar as portas naquela noite, e que limpou e carregou cuidadosamente a espingarda velha e enferrujada que tinha na parede do seu quarto.

Uma fuga desesperada



Na manhã que se seguiu ao interrogatório do profeta mórmon, John Ferrier foi a Salt Lake City e, tendo encontrado seu conhecido que estava a caminho das montanhas de Nevada, confiou-lhe sua mensagem a Jefferson Hope. Nela, narrou ao jovem o perigo iminente que os ameaçava e disse como era necessário que ele retornasse. Tendo feito isso, sentiu sua mente mais tranquila e voltou para casa com o coração mais leve.

Ao se aproximar de sua fazenda, ficou surpreso ao ver um cavalo amarrado a uma das madeiras da porteira. Surpreendeu-se ainda mais ao entrar e encontrar dois jovens em sua sala de estar. Um deles, com o rosto comprido e pálido, recostava-se na cadeira de balanços com os pés apoiados no fogão. O outro, um jovem de pescoço de touro e com traços inchados e grosseiros, estava de pé na frente da janela, as mãos no bolso, assobiando um hino conhecido. Ambos acenaram quando Ferrier entrou, e o que estava balançando na cadeira começou a conversa.

— Talvez o senhor não nos conheça — disse. — Esse aqui é o filho de Elder Drebber, e eu sou filho do Joseph Stangerson, que viajou com o senhor pelo deserto quando o Senhor estendeu Suas mãos e os juntou com o verdadeiro rebanho.

— Como Ele fará com todas as nações em Seu próprio tempo — falou o outro com uma voz nasalada. — Ele mói lentamente, mas a farinha é finíssima.

John Ferrier fez uma reverência fria. Ele adivinhara quem eram seus visitantes.

— Nós viemos — prosseguiu Stangerson — a conselho de nossos pais para pedir a mão de sua filha para aquele entre nós que parecerá bom para o senhor e para ela. Como eu tenho apenas quatro mulheres e o irmão Drebber aqui tem sete, parece-me que minha reivindicação é a mais forte.

— Não, não, irmão Stangerson! — exclamou o outro. — A questão não é quantas esposas temos, mas quantas somos capazes de sustentar. Meu pai recentemente me deu seus moinhos e eu sou o homem mais rico.

— Mas as minhas perspectivas são melhores — contrapôs o outro calorosamente. — Quando o Senhor levar o meu pai, eu terei seu curtume e sua fábrica de couro. E, ainda, sou mais velho, e estou em posição superior na Igreja.

— A donzela que decidirá — retornou o jovem Drebber, sorrindo para seu próprio reflexo no espelho. — Vamos deixar que ela decida tudo.

Durante o diálogo, John Ferrier ficou fumegando na porta, mal conseguindo manter seu chicote longe das costas dos visitantes.

— Olhem aqui — disse por fim, caminhando até eles. — Quando minha filha lhes chamar, vocês poderão vir, mas, até lá, não quero ver seus rostos novamente.

Os dois jovens mórmons olharam para ele com espanto. A seu ver, essa competição pela mão da donzela era a mais alta honra para ela e para o pai.

— Há dois modos de sair da sala — gritou Ferrier. — A porta ou a janela. Qual gostariam de usar?

Seu rosto moreno parecia tão selvagem e suas mãos esqueléticas tão ameaçadoras que seus visitantes se puseram de pé e bateram em retirada rapidamente. O velho fazendeiro os seguiu até a porta.

— Avisem-me quando tiverem resolvido qual dos dois vai se casar com ela — falou com ironia.

— Você há de pagar por isso! — gritou Stangerson, branco de raiva. — Você desafiou o Profeta e o Conselho dos Quatro. Vai lamentar até o fim dos seus dias.

— A mão do Senhor pesará sobre você! — exclamou o jovem Drebber. — Ele se levantará para puni-lo!

— Então vou começar a punição — bradou Ferrier furiosamente, e teria corrido pelas escadas com sua arma se Lucy não tivesse agarrado seu braço e o impedido. Antes que ele conseguisse escapar dela, o barulho dos cascos dos cavalos lhes disse que eles estavam além de seu alcance.

— Que jovens malandros! — ladrrou, enxugando o suor da testa. — Eu prefiro vê-la em seu túmulo, minha filha, a vê-la como esposa de qualquer um deles.

— Eu também, pai — respondeu ela com presença de espírito. — Mas Jefferson logo estará aqui.

— Sim. Não demorará muito para que ele chegue. O quanto antes melhor, pois não sabemos quais poderão ser os próximos passos deles.

Na verdade, já era tempo de alguém ser capaz de dar conselhos e de vir ao auxílio do velho fazendeiro e de sua filha adotiva. Nunca houve um caso de tamanha desobediência aos anciãos em toda a história do assentamento. Se pequenos erros eram punidos com severidade, imagine qual seria o destino desse inimigo rebelde. Ferrier sabia que sua riqueza e posição não lhe valiam de nada. Outros tão conhecidos e ricos quanto ele já haviam sido levados embora e seus bens entregues à Igreja. Ele era um homem corajoso, mas tremeu com a vaga sombra de terrores que pairavam sobre ele. Poderia enfrentar com bravura qualquer perigo conhecido, mas esse suspense era enervante. No entanto, escondeu seus medos da filha, e tentou tornar todo o assunto mais leve, porém, o olhar aguçado de amor da filha percebeu claramente que ele estava pouco à vontade.

Esperava receber alguma mensagem ou advertência de Young quanto à sua conduta e não estava errado, ainda que isso tenha vindo de uma maneira inesperada. Ao acordar na manhã seguinte, encontrou, para sua surpresa, um pequeno papel quadrado preso à colcha de sua cama, próximo ao seu peito. Nele foi escrito em letras nítidas: “Vinte e nove dias foram dados a você para se corrigir, e depois disso...”

As reticências inspiraram mais medo do que qualquer ameaça. Como colocaram essa advertência em seu quarto intrigou John Ferrier, porque seus criados dormiam em uma casa do lado de fora e as portas e janelas estavam bem fechadas. Ele amassou o papel e não disse nada para a filha, mas o incidente lhe deu calafrios. Os vinte e nove dias eram evidentemente o que restava do mês que Young prometera. Que força ou coragem poderia valer contra inimigos armados com poderes tão misteriosos? A mão que prendeu o alfinete poderia tê-lo atingido no coração, e ele nunca saberia quem o havia matado.

Ele estava ainda mais abalado na manhã seguinte. Sentaram-se para o desjejum quando Lucy apontou para o alto e deu um grito de surpresa. No

centro do teto estava rabiscado, aparentemente com um graveto queimado, o número 28. Para a filha isso era incompreensível e ele não a esclareceu. Naquela noite, sentou-se na cama com a arma em mãos e ficou vigiando. Não viu nem ouviu coisa alguma, contudo, na manhã seguinte um grande 27 tinha sido pintado do lado de fora de sua porta.

Assim os dias se seguiram: tão certo quanto a manhã chegava, ele descobria que seus inimigos invisíveis tinham mantido seus registros e haviam marcado em alguma posição conspícua quantos dias ainda lhe restavam do mês da graça. Às vezes, os números fatais apareciam nas paredes, outras no chão, ocasionalmente em pequenos cartazes presos no portão do jardim ou nos corrimões.

Mesmo com toda a vigilância, John Ferrier não conseguiu descobrir de onde vinham essas advertências diárias. Um horror quase supersticioso o atingia quando os via. Ficou abatido e inquieto e seus olhos tinham a aparência de perturbação de uma criatura acossada. Agora, só tinha uma esperança na vida: a chegada do jovem caçador de Nevada.

Vinte transformara-se em quinze e quinze em dez, mas não houve notícias do ausente. Um por um os números diminuíram e ainda não havia sinal dele. Sempre que um cavaleiro fazia barulho na estrada ou um cocheiro gritava com sua parelha, o velho fazendeiro corria para a porteira pensando que sua ajuda finalmente havia chegado. Por fim, quando viu o cinco dar lugar ao quatro e depois ao três, perdeu a coragem e abandonou toda a esperança de escapar. Sozinho e com o conhecimento limitado das montanhas que cercavam o assentamento, ele sabia que era impotente. As estradas mais frequentadas eram estritamente vigiadas com guardas e ninguém poderia passar por elas sem uma ordem do Conselho. Cogitando todos os caminhos que poderia trilhar, parecia não haver como evitar o golpe que pairava sobre ele. No entanto, o velho nunca hesitou em sua resolução de renunciar à própria vida antes de consentir com o que considerava a desonra de sua filha.

Uma noite, estava sentado sozinho pensando profundamente sobre seus problemas e procurando em vão alguma forma de escapar deles. Aquela manhã tinha mostrado o número 2 na parede da casa, e outro dia seria o último do tempo que lhe fora concedido. O que aconteceria então? Todos os tipos de fantasias vagas e terríveis povoaram a sua imaginação. E a filha... o que seria dela depois que ele se fosse? Não havia escapatória da rede invisível

que era jogada sobre eles? Ele afundou a cabeça em cima da mesa e soluçou ao pensar em sua própria incapacidade.

O que era aquilo? No silêncio, ouviu um leve arranhar – baixo, mas muito distinto no silêncio da noite. Vinha da porta da casa. Ferrier foi até o vestíbulo e ouviu atentamente. Houve uma pausa breve e então o som baixo e traiçoeiro se repetiu. Alguém estava claramente batendo muito suavemente em um dos painéis da porta. Era algum assassino da meia-noite que viera para cumprir as ordens do tribunal secreto? Ou algum agente marcando que o último dia da graça havia chegado? John Ferrier achava que a morte instantânea seria melhor do que o suspense que abalava seus nervos e gelava seu coração. Saltando para frente, puxou o ferrolho e abriu a porta.

Lá fora tudo estava calmo e quieto. A noite estava tranquila e as estrelas cintilavam no céu. O pequeno jardim da frente se estendia diante dos olhos do fazendeiro, delimitado pela cerca e a porteira, mas nem ali nem na estrada havia qualquer ser humano. Com um suspiro de alívio, Ferrier olhou para os lados, até que acabou olhando para os próprios pés. Para seu espanto, viu um homem deitado com a cara no chão e com os braços e pernas estirados.

Ficou tão enervado com a visão que se encostou contra a parede e levou a mão à garganta para reprimir a vontade de gritar. Seu primeiro pensamento foi que a figura prostrada era a de um homem ferido ou morrendo, mas, ao analisá-lo, viu que se contorcia pelo chão e adentrava a sala com a rapidez e o silêncio de uma serpente. Uma vez dentro da casa, o homem levantou-se de um salto e fechou a porta, revelando ao fazendeiro atônito a expressão feroz e resoluta de Jefferson Hope.

— Bom Deus! — arfou John Ferrier. — Você me assustou! O que aconteceu para que entrasse desse jeito?

— Dê-me comida — pediu o outro com rouquidão. — Não tive tempo para comer ou beber nada nas últimas quarenta e oito horas. — Ele atirou-se sobre a carne fria e o pão que ainda estavam na mesa do jantar do seu anfitrião e devorou-os com voracidade. — Lucy está lidando bem com a situação? — perguntou quando estava satisfeito.

— Está, ela não sabia do perigo — respondeu o pai.

— Assim é melhor. A casa está sendo vigiada por todos os lados. Foi por esse motivo que rastejei até aqui. Eles podem ser bastante espertos, mas não o suficiente para pegar um caçador *washoe*.

John Ferrier sentiu-se um homem diferente agora que tinha um aliado devoto. Agarrou a mão áspera do jovem e a apertou cordialmente.

— Sinto orgulho de você — disse. — Não há muitos que viriam partilhar dos nossos perigos e problemas.

— Você acertou nisso, parceiro — respondeu o jovem caçador. — Tenho grande respeito por você, mas, se eu estivesse sozinho nesse negócio, eu pensaria duas vezes antes de me colocar nesse ninho de vespas. Venho pela Lucy, e, antes que o mal caía sobre ela, acredito que terá menos um membro da velha família Hope em Utah.

— O que devemos fazer?

— Amanhã é o seu último dia, e a menos que faça algo hoje à noite, você está perdido. Tenho uma mula e dois cavalos esperando em cânion da Águia. Quanto dinheiro você tem?

— Dois mil dólares em ouro e cinco em notas.

— Será o suficiente. Tenho muito mais para acrescentar. Devemos passar por Carson City em meio às montanhas. É melhor acordar a Lucy. Ainda bem que os criados não dormem na casa.

Enquanto Ferrier ausentou-se preparando sua filha para a jornada que se aproximava, Jefferson Hope empacotou tudo o que poderiam comer em uma viagem e encheu um jarro com água, pois sabia por experiência que os poços da montanha eram bem espaçados entre si. Mal terminara seus arranjos quando o fazendeiro retornou com a filha toda vestida e pronta para partir. A saudação entre os amados foi calorosa, mas breve, porque os minutos eram preciosos e havia muito a ser feito.

— Devemos partir imediatamente — disse Jefferson Hope em voz baixa, mas resoluta, como alguém que percebe a grandeza do perigo, mas que fortaleceu seu coração para enfrentá-lo. — As entradas frontais e traseiras estão vigiadas, mas com cautela podemos sair pela janela lateral e atravessar os campos. Chegando à estrada, estaremos a apenas três quilômetros da ravina onde os cavalos estão esperando. Ao amanhecer, devemos estar a meio caminho das montanhas.

— E se formos impedidos? — questionou Ferrier.

— Se eles forem muitos para nós, vamos levar dois ou três conosco — respondeu com um sorriso sinistro, dando um tapa na ponta do revólver que se projetava na frente de sua túnica.

Dentro da casa, todas as luzes tinham sido apagadas, e, da janela escurecida, Ferrier espiou por cima dos campos que tinham sido seus, e que agora estava prestes a abandonar para sempre. Porém, passara muito tempo se acostumando ao sacrifício, e o pensamento da honra e da felicidade de sua filha superou qualquer pesar por suas fortunas arruinadas. Tudo parecia tão pacífico e feliz, as árvores farfalhando e o amplo e silencioso trecho de campos de grãos, que era difícil acreditar que a aura de assassinato estava à espreita. No entanto, o rosto branco e a expressão fixa do jovem caçador mostravam que, ao se aproximar da casa, vira o suficiente para acreditar.

Ferrier carregava o saco de ouro e notas, Jefferson Hope levava as escassas provisões e a água, enquanto Lucy carregava uma trouxinha contendo alguns dos seus bens mais valiosos. Abrindo a janela com cuidado e muito devagar, esperaram até que uma nuvem obscurecesse a noite e então passaram pelo jardim um por um. Agachados e com a respiração suspensa, atravessaram o caminho e ganharam o abrigo da cerca, a qual contornaram até chegarem à lacuna que se abria para os campos de milho. Tinham acabado de chegar a esse ponto quando o jovem puxou seus dois companheiros e os arrastou para sombra, onde ficaram tremendo em silêncio.

Ainda bem que o treinamento nas pradarias dera a Jefferson Hope os ouvidos de um lince. Ele e os amigos mal haviam se abaixado antes de ouvirem o melancólico pio de uma coruja a alguns metros, que imediatamente foi respondido por outro pio a uma pequena distância. No mesmo momento, uma figura sombria emergiu da lacuna para onde estavam indo e proferiu o sinal melancólico novamente, o que fez um segundo homem aparecer.

— Amanhã à meia-noite — disse o primeiro, que parecia estar comandando a situação. — Quando o curiango piar três vezes.

— Tudo bem — respondeu o outro. — Devemos avisar o irmão Drebber?

— Avise-o, e ele que avise os outros. Nove por sete!

— Sete por cinco! — completou o outro, e as duas figuras se deslocaram por direções diferentes. Suas palavras finais evidentemente tinham sido algum tipo de senha e contrassenha. No instante em que o ruído dos passos morreu ao longe, Jefferson Hope ficou de pé, e, depois de ajudar seus

companheiros a passar pela abertura, liderou o caminho através dos campos em alta velocidade, apoiando e carregando a garota um pouco, quando a força dela parecia falhar.

— Depressa! Depressa! — dizia de vez em quando, ofegante. — Estamos passando pela linha das sentinelas. Tudo depende da velocidade. Depressa!

Quando chegaram à estrada, fizeram grande progresso. Encontraram um conhecido apenas uma vez, mas conseguiram entrar em um campo e evitar que os reconhecessem. Antes de chegarem à cidade, o caçador virou em um caminho estreito que levava às montanhas. Dois picos escuros e irregulares pairavam acima deles em meio à escuridão e o desfiladeiro que ficava entre eles era o cânion da Águia, no qual os cavalos aguardavam. Com um instinto infalível, Jefferson Hope encontrava o caminho entre as grandes rochas e ao longo de um curso de água seco até chegar ao canto extremo, protegido por pedras, onde os fiéis animais haviam sido amarrados. A garota foi colocada sobre a mula e o velho Ferrier em um dos cavalos, com o seu saco de dinheiro, enquanto Jefferson Hope levou o outro ao longo do caminho íngreme e perigoso.

Era uma rota desconcertante para quem não estava acostumado a enfrentar a natureza em seu humor mais selvagem. De um lado, um grande penhasco se elevava a centenas de metros, negro, severo e ameaçador, com longas colunas basálticas em sua superfície acidentada como as costelas de um monstro petrificado. Por outro lado, um caos selvagem de pedregulhos e escombros tornava o avanço impossível. Entre eles passava uma trilha irregular, tão estreita em alguns lugares que tiveram que viajar em fila indiana, e tão difícil que só cavaleiros experientes poderiam ter atravessado. Apesar de todos os perigos e dificuldades, o coração dos fugitivos estava leve, pois cada passo aumentava a distância entre eles e o terrível despotismo de que fugiam.

Todavia, eles logo tiveram uma prova de que ainda estavam na jurisdição dos Santos. Haviam chegado à parte mais selvagem e desolada do trajeto quando a garota deu um grito de surpresa e apontou para cima. Em uma rocha acima da trilha, destacada de forma nítida e escura contra o céu, havia uma sentinela solitária. Percebeu que havia sido notado e seu desafio militar de “Quem vem aí?” ecoou pelo silêncio da ravina.

— Viajantes a caminho de Nevada — respondeu Jefferson Hope, com a mão no rifle em sua sela.

Podiam ver a sentinela solitária segurando a arma e os fitando como se estivesse insatisfeito com a resposta.

— Com permissão de quem? — perguntou.

— Dos Quatro Santos — respondeu Ferrier. Sua experiência com os mórmons lhe ensinara que essa era a maior autoridade a qual ele poderia se referir.

— Nove por sete — bradou a sentinela.

— Sete por cinco — retornou Jefferson Hope prontamente, lembrando da contrassenha que havia ouvido no jardim.

— Passem, e que o Senhor esteja com vocês — disse a voz do alto.

Depois disso, o caminho se alargava e os cavalos conseguiram trotar. Olhando para trás, puderam ver o observador solitário apoiado em sua arma, e sabiam que haviam passado pelo último posto do povo escolhido, e que a liberdade estava diante deles.

Os Anjos Vingadores



Durante toda a noite, o curso deles passou por intrincados desfiladeiros e por caminhos irregulares cobertos de pedras. Perderam-se mais de uma vez, mas o profundo conhecimento de Hope das montanhas permitiu que eles recuperassem o rumo todas às vezes. Quando a manhã raiou, uma visão de beleza maravilhosa e selvagem estendia-se diante deles. Os grandes picos cobertos de neve os cercavam em todas as direções, espreitando sobre o ombro de cada um pelo horizonte distante. As encostas rochosas eram tão íngremes em ambos os lados que as árvores pareciam estar suspensas sobre suas cabeças e só seria necessária uma rajada de vento para derrubá-las por cima deles. Não era inteiramente um medo ou ilusão, pois o vale estéril estava densamente repleto de árvores e pedras que haviam despencado de uma maneira similar. Mesmo quando estavam passando, uma grande rocha veio rolando com um chocalhar rouco que causou ecos nos desfiladeiros silenciosos e assustou os cavalos cansados, que logo se puseram em um galope.

Enquanto o sol nascia lentamente acima do horizonte leste, um a um, os picos das montanhas se iluminavam como as lanternas de um festival, até ficarem corados e brilhantes. O magnífico espetáculo alegrou o coração dos três fugitivos e lhes deu nova energia. Pararam em uma torrente impetuosa que se despencava de uma ravina e deram água aos cavalos enquanto faziam um desjejum apressado. Lucy e o pai gostariam de descansar mais, porém, Jefferson Hope estava inflexível.

— A essa hora, eles já devem estar atrás de nós — explicou. — Tudo vai depender da nossa velocidade. Quando estivermos seguros em Carson,

poderemos descansar pelo resto das nossas vidas.

Durante todo o dia, lutaram através dos desfiladeiros, e à tarde, calcularam que estavam a quase cinquenta quilômetros de seus inimigos. Quando a noite chegou, escolheram a base de um penhasco onde as rochas ofereciam proteção contra o vento frio e ali se amontoaram para se aquecer e desfrutar de algumas horas de sono. Antes de amanhecer, contudo, já estavam a caminho mais uma vez. Eles não viram sinais de quaisquer perseguidores, então Jefferson Hope começou a pensar que estavam mesmo fora do alcance da terrível organização em cuja inimizade eles tinham incorrido. Mal sabia o poder de alcance daquela mão de ferro, ou o quanto ela estava próxima de se fechar sobre eles e esmagá-los.

No meio do segundo dia de fuga, o estoque escasso de provisões começou a acabar. Isso não causou intranquilidade ao caçador, pois havia como caçar entre as montanhas, e ele já dependera muitas vezes de seu rifle para as necessidades da vida. Escolhendo um recanto abrigado, empilhou alguns galhos secos e fez uma fogueira, na qual seus companheiros puderam se aquecer, pois agora estavam a quase mil e quinhentos metros acima do nível do mar, e o ar estava ríspido e cortante. Tendo amarrado os cavalos e dito adeus para Lucy, ele jogou a arma sobre o ombro e partiu em busca de qualquer coisa que aparecesse em seu caminho. Olhando para trás, viu o velho e a jovem agachados perto do fogo intenso, enquanto os três animais ficaram imóveis ao fundo. Então as rochas os esconderam de sua visão.

Andou por alguns quilômetros por diversas ravinas sem ter sucesso, embora as marcas nas árvores e outras indicações lhes mostrassem que havia muitos ursos na região. Finalmente, após duas ou três horas de buscas infrutíferas, estava pensando em abraçar o desespero, quando olhou para cima e teve uma visão que encheu seu coração de prazer. No pico de um monte, cerca de cem metros acima dele, havia uma criatura que aparentava ser uma ovelha, mas possuía um par de chifres gigantescos. O carneiro-selvagem, pois assim era chamado, provavelmente estava agindo como o guardião do rebanho que estava invisível para o caçador; felizmente, no entanto, estava virado para a direção oposta e não o havia notado. Deitando de bruços, apoiou o rifle em cima de uma pedra e fixou a mira com estabilidade antes de apertar o gatilho. O animal saltou no ar, cambaleou por um momento sobre a borda do precipício, e depois despencou no vale abaixo.

A criatura era muito pesada para se carregar, então o caçador se contentou em cortar a coxa e o peito. Com esse troféu sobre os ombros, apressou-se a refazer os passos porque a noite já estava chegando. Contudo, mal começara a andar quando percebeu a dificuldade que lhe encarava. Em sua ânsia, vagou para longe das ravinas que eram conhecidas por ele, e não era fácil descobrir o caminho que havia tomado. O vale em que se encontrava era subdividido em muitos desfiladeiros, tão parecidos entre eles que era impossível distinguir um do outro. Seguiu por quase dois quilômetros até chegar a uma torrente de montanha que tinha certeza de que nunca tinha visto antes. Convencido de que havia tomado a direção errada, tentou outra, mas com o mesmo resultado. A noite foi chegando rapidamente, e estava quase escuro quando finalmente se viu em um desfiladeiro que lhe parecia familiar. Ainda assim, não era fácil manter o caminho certo, pois a lua ainda não havia surgido e os altos penhascos de ambos os lados tornavam a escuridão mais intensa. Vergado com o peso de seu fardo e cansado por conta do esforço, cambaleou pelo caminho, mantendo o coração firme na esperança de que cada passo o aproximava de Lucy e que levava consigo o suficiente para garantir comida para o restante da viagem.

Tinha chegado agora à entrada do desfiladeiro que havia deixado. Mesmo na escuridão, podia reconhecer o contorno das falésias que o delimitavam. Refletiu que eles deviam estar aguardando ansiosamente, pois tinha estado ausente por quase cinco horas. Com alegria no coração, levou as mãos à boca e emitiu um assobio forte, que ecoou pelo vale, como sinal de que estava chegando. Ele pausou e esperou uma resposta. Ninguém respondeu ao chamado, que passou triste pelas ravinas silenciosas e ecoou de volta aos seus ouvidos em incontáveis repetições. Gritou mais uma vez, ainda mais alto do que antes, e novamente não recebeu nenhum sussurro dos amigos que havia deixado havia tão pouco tempo. Um vago e desconhecido pavor caiu sobre ele, que correu freneticamente, e em sua agitação, largou o precioso pedaço de comida.

Quando atravessou a curva, viu claramente o local onde a fogueira fora acesa. Havia ainda uma pilha incandescente de cinzas de madeira, mas as chamas evidentemente não haviam sido alimentadas desde a sua partida. O mesmo silêncio mortal ainda reinava por toda parte. Com seus medos confirmados, ele se apressou. Não havia criatura viva perto do fogo: tanto o

homem quanto a donzela e os animais haviam partido. Estava muito claro que um terrível e repentino desastre havia ocorrido em sua ausência – um que envolvera todos eles, e que, todavia, não deixara vestígios.

Desconcertado e atordado por esse golpe, Jefferson Hope sentiu a cabeça girar e teve que se apoiar em seu rifle para não cair. Contudo, ele era essencialmente um homem de ação, e rapidamente se recuperou de sua impotência temporária. Aproveitando um pedaço de madeira meio consumido e com um pouco de fogo, soprou a chama e prosseguiu a examinar o pequeno acampamento. O chão estava todo pisoteado pelos cavalos, mostrando que um grande grupo de homens montados tinha levado os fugitivos, e a direção de seus rastros provou que voltaram para Salt Lake City.

Teriam eles levado seus companheiros? Jefferson Hope havia quase se convencido disso quando seus olhos perceberam um objeto que fez formigar cada nervo do seu corpo. Em um pequeno caminho de um lado do acampamento havia um pequeno monte de terra avermelhada que certamente não estava lá antes. Não havia como confundir isso com nada além de um túmulo recém-cavado. Quando o jovem caçador se aproximou, percebeu que haviam fincado um graveto com uma folha de papel presa na fenda. A inscrição era breve e ia direto ao ponto:

JOHN FERRIER,
ANTERIORMENTE DE SALT LAKE CITY,
MORREU EM 4 DE AGOSTO DE 1860.

O velho resistente, a quem ele deixara havia tão pouco tempo, estava morto, e esse era seu único epitáfio. Jefferson Hope olhou em volta com desespero para ver se havia um segundo túmulo, mas não havia sinal de um. Lucy tinha sido levada de volta por seus terríveis perseguidores para cumprir seu destino original, tornando-se parte do harém do filho de um ancião. Quando o jovem percebeu a certeza da sina dela e sua própria impotência para impedi-la, desejou que também estivesse deitado com o velho fazendeiro em seu último lugar de descanso silencioso.

Todavia, mais uma vez seu espírito ativo sacudiu a letargia que brotou do desespero. Se não lhe restava mais nada, pelo menos poderia dedicar sua vida à vingança. Além da perseverança e paciência indomável, Jefferson

Hope também possuía uma firme sede de vingança, que talvez tivesse aprendido com os índios entre os quais havia vivido. Conforme ficava de pé ao lado da fogueira desolada, sentiu que a única coisa que poderia acalmar seu luto seria a completa retribuição contra seus inimigos alcançada por suas próprias mãos. Sua força de vontade e energia incansável deveriam ser dedicadas a esse fim, ele determinou. Com uma expressão sombria e lívida, refez seus passos até onde havia deixado a comida cair e, depois de alimentar as chamas, cozinhou o suficiente para durar por alguns dias. Colocou as coisas em uma trouxa e, ainda que estivesse cansado, obrigou-se a caminhar através das montanhas no intuito de rastrear os Anjos Vingadores.

Durante cinco dias caminhou firme e cansado pelos desfiladeiros que já havia atravessado a cavalo. À noite, jogava-se em algumas rochas e tirava algumas horas de sono, mas antes do raiar do dia já estava a caminho. No sexto dia, alcançou o cânion da Águia, de onde haviam começado a fuga malfadada. Dali ele poderia olhar para a terra dos Santos. Desgastado e exausto, apoiou-se em seu rifle e balançou ferozmente a mão magra para a cidade silenciosa que se estendia abaixo dele. Enquanto a observava, percebeu que havia bandeiras nas ruas e alguns outros sinais de festividades. Ainda estava especulando sobre o que isso poderia significar quando ouviu o barulho dos cascos dos cavalos e viu um cavaleiro se seguindo em sua direção. Ao se aproximar, ele reconheceu o mórmon chamado Cowper, a quem prestara serviços em diferentes épocas. Portanto, abordou-o a fim de descobrir qual tinha sido o destino de Lucy Ferrier.

— Sou Jefferson Hope — disse ele. — Você deve se lembrar de mim.

O mórmon olhou para ele sem disfarçar o espanto – na verdade, era difícil reconhecê-lo como o jovem caçador de outrora quando mais parecia um andarilho esfarrapado e desleixado, com rosto cadavérico e feroz e olhos selvagens. Tendo enfim reconhecido a identidade de quem o chamara, a surpresa do homem deu lugar à consternação.

— Você é louco de vir aqui! — exclamou ele. — Corro risco de vida se formos vistos conversando. Há um mandato feito pelos Quatro Santos contra você por ter ajudado os Ferrier a fugir.

— Não os temo, ou o mandato — respondeu Hope com honestidade. — Você deve saber algo a respeito do assunto, Cowper. Eu lhe rogo por tudo

que você ama para responder a algumas perguntas. Sempre fomos amigos. Pelo amor de Deus, não se recuse a me responder.

— O que é? — questionou o mórmon com dificuldade. — Seja rápido. As próprias rochas têm ouvidos e as árvores têm olhos.

— O que aconteceu com Lucy Ferrier?

— Casou-se ontem à noite com o jovem Drebber. Espere, homem, espere, parece que a vida se esvaiu de você.

— Não se importe comigo — disse Hope com sinceridade. Até seus lábios estavam pálidos e havia se afundado contra a pedra a qual estava inclinado. — Você disse casada?

— Casou-se ontem... é para isso que são as bandeiras na Casa da Investidura.^[5] Houve alguma discussão entre o jovem Drebber e o jovem Stangerson a respeito de quem deveria ficar com ela. Ambos estavam no grupo que os seguiu e Stangerson tinha atirado no pai dela, o que parecia lhe dar uma melhor reivindicação, mas quando discutiram no conselho, o apoio ao Drebber era mais forte, então o Profeta a deu para ele. Mas nenhum deles a terá por muito tempo, no entanto, porque vi a morte em seu rosto ontem. Ela estava mais parecida com um fantasma do que com uma mulher. Você está indo, então?

— Sim, estou indo — retrucou Jefferson Hope e levantou-se de onde estava. Sua expressão estava tão dura e definida que poderia ter sido esculpida em mármore, enquanto os olhos faiscavam com uma luz maligna.

— Para onde você está indo?

— Não importa — retorquiu, e pendurando a arma em seu ombro, desceu o desfiladeiro e se afastou para o centro das montanhas, para as cavernas das feras selvagens. Dentro delas não havia nenhum animal feroz mais perigoso do que ele próprio.

A previsão do mórmon não demorou a se cumprir. Se foi a morte terrível do pai ou os efeitos do casamento odioso ao qual tinha sido forçada, a pobre Lucy nunca levantou a cabeça novamente, mas definhou e morreu dentro de um mês. Seu marido embevecido, que tinha se casado principalmente por conta da propriedade de John Ferrier, não sentiu nenhum pesar em seu luto; mas suas outras esposas lamentaram a perda e a velaram durante a noite anterior ao sepultamento, como é o costume mórmon.

Elas agruparam-se ao redor do caixão nas primeiras horas da manhã, quando para o espanto e inexprimível medo de todas, a porta foi escancarada e um homem de aparência selvagem, castigado pelo tempo e com roupas esfarrapadas adentrou a sala. Sem olhar ou dirigir uma palavra para as mulheres encolhidas, caminhou até a figura branca e silenciosa que outrora contivera a alma pura de Lucy Ferrier. Inclinando-se sobre ela, pressionou os lábios contra a testa fria, e então, pegando sua mão, tirou o anel de casamento do dedo dela.

— Ela não será enterrada com isso! — gritou com um grunhido feroz e, antes que se levantasse um alarme, desceu as escadas correndo e foi embora.

O episódio foi tão estranho e breve que os observadores poderiam ter achado difícil acreditar em si mesmos ou persuadir outras pessoas, não fosse pelo fato inegável de que o anel de ouro que a havia marcado como esposa tinha desaparecido.

Por alguns meses, Jefferson Hope permaneceu entre as montanhas, levando uma estranha vida selvagem e nutrindo em seu coração o feroz desejo de vingança que o possuía. Histórias de uma figura estranha vista rondando os arredores foram contadas na cidade. Uma vez uma bala assobiou pela janela de Stangerson e se achatou na parede a poucos centímetros de distância dele. Em outra ocasião, quando Drebber passava sob um penhasco, uma grande pedra caiu sobre ele, que só escapou de uma morte terrível jogando-se no chão.

Os dois jovens mórmons não demoraram a descobrir o motivo desses atentados contra suas vidas e lideraram repetidas expedições nas montanhas na esperança de capturar ou matar o seu inimigo, mas sempre sem sucesso. Então, adotaram a precaução de nunca saírem sozinhos ou depois do anoitecer, e de trancarem suas casas. Depois de um tempo, relaxaram dessas medidas, porque nada foi ouvido ou visto do seu oponente, e esperavam que o tempo houvesse mitigado sua sede de vingança.

Longe disso, o que tinha acontecido fora o oposto: havia aumentado. A mente do caçador era de natureza dura e inflexível; a predominante ideia de vingança tomara posse dele de forma tão completa que não havia espaço para qualquer outra emoção. Porém, acima de tudo, ele era prático. Logo percebeu que até sua constituição forte não poderia suportar a tensão incessante a qual havia se colocado. A exposição e a falta de alimento saudável estava acabando com ele. O que seria da sua vingança se acabasse

morto como um cachorro em meio às montanhas? E, no entanto, tal morte certamente o atingiria se ele persistisse. Sentiu que isso era contribuir para o jogo do inimigo, então, relutantemente retornou às antigas minas de Nevada para recuperar sua saúde e acumular dinheiro o suficiente para permitir-lhe prosseguir sem privação.

Sua intenção era ficar ausente por no máximo um ano, mas uma combinação de circunstâncias imprevistas o impediu que deixasse as minas por quase cinco anos. Todavia, no final desse período, a memória de seus erros e o desejo de vingança eram tão fortes quanto naquela noite marcante quando estava ao lado do túmulo de John Ferrier. Disfarçado e com um nome falso, voltou a Salt Lake City, sem preocupação com o que poderia acontecer com a própria vida, contanto que conseguisse o que ele considerava como justiça. Lá, encontrou más notícias à sua espera. Houvera uma cisão entre o Povo Escolhido alguns meses antes. Alguns dos membros mais jovens da Igreja tinham se rebelado contra a autoridade dos anciãos, e o resultado foi a separação de um grande número de descontentes, que saíram de Utah e se tornaram gentios. Entre eles estavam Drebber e Stangerson, e ninguém sabia para onde tinham ido. Rumores relataram que Drebber conseguira converter sua grande propriedade em dinheiro, o que o havia tornado um homem muito rico, enquanto seu companheiro, Stangerson, estava relativamente pobre. Contudo, não havia nenhuma pista quanto ao paradeiro deles.

Muitos homens, por mais vingativos que fossem, teriam abandonado todo pensamento de vingança em face dessa dificuldade, mas Jefferson Hope não vacilou por um momento sequer. Com a pouca habilidade que possuía, encontrou qualquer emprego que poderia pegar e viajou de cidade em cidade pelos Estados Unidos em busca de seus inimigos. Um ano sucedeu o outro, seu cabelo ficava grisalho, e ainda assim ele vagava, como um sabujo humano, a mente totalmente fixada no único objetivo a que dedicara sua vida.

Finalmente sua perseverança foi recompensada. Foi apenas um olhar de relance em um rosto em uma janela, mas aquele olhar lhe disse que os homens que ele procurava estavam em Cleveland, Ohio. Retornou aos alojamentos miseráveis com o seu plano de vingança todo arranjado. Aconteceu que, aquele Drebber, olhando de sua janela, tinha reconhecido o vagabundo na rua e lera o assassinato estampado em seus olhos. Correu a

um juiz de paz, acompanhado por Stangerson, que havia se tornado seu secretário particular, e afirmou que estavam em risco de vida por causa do ódio e ciúme de um velho rival. Naquela noite, Jefferson Hope foi levado em custódia, e sem ser capaz de pagar a fiança, ficou detido por algumas semanas. Quando finalmente foi libertado, foi para casa de Drebbler e a encontrou deserta: ele e seu secretário haviam partido para a Europa.

Mais uma vez o vingador foi frustrado, e novamente o seu ódio concentrado o incitou a continuar a perseguição. Entretanto, seus fundos estavam acabando e ele teve que retornar ao trabalho por um tempo, economizando cada dólar para a jornada que se aproximava. Por fim, tendo reunido o suficiente para se manter, partiu para a Europa e rastreou seus inimigos de cidade em cidade, aceitando qualquer atividade servil pelo caminho, mas sem nunca alcançar os fugitivos. Quando chegou a São Petersburgo, eles haviam partido para Paris; quando os seguiu até lá, soube que tinham acabado de partir para Copenhague. Na capital dinamarquesa, ele também chegou alguns dias atrasado, pois haviam viajado para Londres. Foi ali que finalmente os encontrou. Quanto ao que ocorreu ali, não podemos fazer melhor do que citar o próprio relato do velho caçador, conforme devidamente registrado no diário do Dr. Watson, a quem já devemos tanto.

[5] Usada pela Igreja mórmon em alguns rituais de investidura ou ordenação em determinadas ordens sacerdotais.

A continuação das reminiscências do Dr. John Watson



A resistência furiosa do nosso prisioneiro aparentemente não indicava qualquer ferocidade em sua disposição contra nosso grupo, pois ao encontrar-se impotente, ele sorriu de uma maneira afável e expressou sua esperança de que não tivesse ferido nenhum de nós durante o tumulto.

— Acho que me levarão para a delegacia — comentou ele com Sherlock Holmes. — Meu cabriolé está à porta. Se soltarem as minhas pernas, seguirei até lá. Não sou tão leve quanto costumava ser.

Gregson e Lestrade trocaram olhares, como se achassem aquela proposição bastante ousada, mas Holmes imediatamente acreditou na palavra do prisioneiro e afrouxou a toalha com a qual havia lhe amarrado os tornozelos. Ele se levantou e esticou as pernas, como se para se assegurar de que mais uma vez estava livre. Recordo que pensei comigo mesmo, conforme olhava para ele, que raramente vira uma estrutura física mais poderosa em um homem, e seu rosto queimado pelo sol tinha uma expressão de determinação e energia que era tão formidável quanto a sua força física.

— Se houver uma vaga para a posição de chefe de polícia, reconheço que é o homem para isso — afirmou ele, olhando com indisfarçada admiração para o meu habilidoso companheiro. — A maneira que seguiu meu rastro foi notável.

— É melhor que venham comigo — falou Holmes aos dois detetives.

— Posso levá-los — disse Lestrade.

— Bom! E Gregson vai dentro comigo. Você também, Doutor, já que teve um interesse nesse caso, e pode muito bem continuar conosco.

Aceitei de bom grado e todos descemos juntos. Nosso prisioneiro não fez nenhuma tentativa de fuga, e entrou calmamente no cabriolé que havia sido seu, e nós o seguimos. Lestrade sentou-se na boleia do cocheiro e, chicoteando o cavalo, guiou-nos rapidamente ao nosso destino. Fomos levados a uma pequena sala onde um inspetor de polícia anotou o nome do prisioneiro e os nomes dos homens que ele havia sido acusado de assassinar. O policial era um homem sem emoção, que exerceu suas funções de uma maneira mecânica e maçante.

— O prisioneiro será levado diante dos magistrados no decorrer da semana — avisou ele. — Nesse meio-tempo, Sr. Jefferson Hope, tem algo que queira dizer? Devo avisá-lo que suas palavras serão registradas e podem ser usadas contra o senhor.

— Tenho muito a dizer — falou nosso prisioneiro lentamente. — Quero contar tudo aos senhores.

— Não é melhor reservar para o julgamento? — questionou o inspetor.

— Pode ser que eu nunca seja julgado — respondeu ele. — Você não precisa parecer tão assustado. Não estou pensando em suicídio. Você é médico? — perguntou, virando-se para mim com os olhos escuros e ferozes.

— Sim, eu sou — respondi.

— Então coloque sua mão aqui — pediu com um sorriso, apontando para seu peito com os pulsos algemados.

Obedeci e ao mesmo tempo tornei-me consciente de uma pulsação extraordinária e uma comoção que estava acontecendo dentro dele. As paredes de seu peito pareciam vibrar e tremer como um prédio frágil que contivesse um motor poderoso em seu interior. No silêncio da sala, pude ouvir um zumbido surdo que vinha da mesma fonte.

— Ora, você tem um aneurisma na aorta! — exclamei.

— É assim que eles chamam — disse ele placidamente. — Fui a um médico na semana passada para me consultar e ele me disse que é questão de tempo até que exploda fatalmente. Isso vem piorando há anos. Teve início com o excesso de exposição e a subnutrição nas montanhas de Salt Lake. Agora que já fiz o meu trabalho, não me importo com o pouco tempo que me resta, mas gostaria de deixar alguns relatos do caso. Não quero ser lembrado como um assassino comum.

O inspetor e os dois detetives tiveram uma discussão apressada sobre a conveniência de permitir que ele contasse a história.

— Você consideraria, Doutor, que há perigo imediato? — perguntou o primeiro.

— Certamente há — respondi.

— Nesse caso, é claramente o nosso dever, no interesse da justiça, tomarmos a sua declaração — afirmou o inspetor. — Você tem a liberdade, senhor, para dar o seu relato. Eu novamente lhe aviso que pode ser usado contra o senhor.

— Vou me sentar, com a sua licença — disse, unindo a palavra à ação. — Esse meu aneurisma me deixa facilmente cansado, e a briga que tivemos há meia hora não ajudou em nada. Estou à beira do túmulo e não tenho motivos para mentir para vocês. Cada palavra que digo é a verdade absoluta, e como vão usá-las não terá consequências para mim.

Com essas palavras, Jefferson Hope recostou-se na cadeira e começou a seguinte declaração notável. Falou de uma forma calma e metódica, como se os eventos que narrava fossem bastante comuns. Posso garantir a precisão do relato anexado, pois tive acesso ao caderno de anotações de Lestrade, do qual as palavras do prisioneiro foram retiradas exatamente como foram pronunciadas:

— Não lhes importa muito saber a causa do meu ódio por aqueles homens — afirmou ele. — É suficiente que saibam que eram culpados da morte de dois seres humanos, um pai e uma filha, e que, portanto, tinham perdido o direito às suas próprias vidas. Depois do lapso de tempo que passou desde o crime, era impossível que eu lhes garantisse uma condenação em qualquer tribunal. Mas, sabendo da sua culpabilidade, eu determinei que seria o júri, juiz e o carrasco, tudo em um. Os senhores teriam feito o mesmo se estivessem em meu lugar e se possuem alguma masculinidade.

“Vinte anos atrás, era para eu ter me casado com a garota da qual falei. Ela foi forçada a se casar com o mesmo Drebbler, aquele que partiu o seu coração. Tirei o anel de casamento do seu dedo morto e prometi que, quando ele estivesse morrendo, seus olhos veriam aquele anel pela última vez, e que seus últimos pensamentos seriam sobre o crime pelo qual ele estava sendo punido. Carreguei o anel sempre comigo e segui Drebbler e seu cúmplice por dois continentes até que os peguei. Eles pensaram que eu desistiria, mas não conseguiram fazer isso. Se eu morrer amanhã, como é provável, morrerei sabendo que meu trabalho neste mundo está muito bem-

feito. Eles pereceram pelas minhas mãos. Não há mais nada que posso desejar ou esperar.

“Eles eram ricos e eu pobre, de modo que segui-los não foi tarefa fácil. Quando cheguei a Londres, meu bolso estava quase vazio e percebi que deveria fazer algo para sobreviver. Conduzir e cavalgar eram tão naturais para mim quanto andar, então me candidatei em um escritório de um dono de cabriolés e logo consegui o emprego. Tinha que pagar certa quantia por semana ao proprietário e o que sobrava poderia ficar comigo. Raramente sobrava muito, mas consegui me manter. O trabalho mais difícil foi aprender a me guiar, pois acho que de todos os labirintos que já foram construídos, esta cidade é o mais confuso deles. Embora tivesse um mapa ao meu lado, passei a me virar muito bem depois de situar os principais hotéis e estações ferroviárias.

“Demorou algum tempo até que descobrisse onde os dois cavalheiros estavam morando, mas perguntei e perguntei até que finalmente esbarrei neles. Estavam em uma pensão em Camberwell, do outro lado do rio. Quando os encontrei, sabia que os tinha à minha mercê. Minha barba tinha crescido e não havia chance de me reconhecerem. Eu os vigiaria até que minha oportunidade chegasse. Estava determinado a não deixar que escapassem novamente.

“Apesar de tudo, isso quase aconteceu. Para onde quer que fossem em Londres, eu sempre estava na cola deles. Às vezes os seguia em meu cabriolé, e às vezes a pé, mas o primeiro era melhor, pois então não havia forma de eles escaparem. Como era apenas no início da manhã, ou tarde da noite, que eu poderia ganhar qualquer coisa, comecei a ficar em atraso com o meu empregador. Mas eu não me importava contanto que pudesse colocar as mãos nos homens que desejava.

“Todavia, eles eram muito espertos. Deviam ter pensado que havia alguma chance de serem seguidos, pois nunca saíam sozinhos e nunca depois do anoitecer. Durante duas semanas, dirigi atrás deles e nunca os vi separados. Na metade do tempo, o próprio Drebber estava bêbado, mas Stangerson nunca foi apanhado baixando a guarda. Eu os observava dia e noite, mas nunca vislumbrei uma chancezinha sequer; mas isso não me desanimou, pois algo me dizia que a hora estava chegando. Meu único medo era de que essa coisa no meu peito pudesse estourar um pouco cedo demais e deixasse meu trabalho inacabado.

“Finalmente, uma noite eu estava seguindo pela Torquay Terrace, a rua em que eles estavam hospedados, quando vi um cabriolé parar na porta da pensão. Então, algumas malas foram levadas e, depois de um tempo, Drebber e Stangerson adentraram e partiram. Chicoteei meu cavalo e esforcei-me para não perdê-los de vista, sentindo-me pouco à vontade porque temia que mudassem de hospedagem. Desceram na Euston Station, então deixei um menino segurando meu cavalo e os segui até a plataforma. Eu os ouvi perguntando pelo trem de Liverpool e o guarda respondendo que havia acabado de sair e que não haveria outro por algumas horas. Stangerson parecia incomodado com isso, mas Drebber estava tão satisfeito quanto antes. Na agitação, cheguei tão perto deles que pude ouvir cada palavra trocada. Drebber disse que tinha um pequeno negócio a fazer e que, se o outro esperasse por ele, logo voltaria para lhe encontrar. Seu companheiro protestou e lembrou-lhe de que haviam decidido ficar juntos. Drebber respondeu que o assunto era delicado e que precisava ir sozinho. Não pude entender o que Stangerson contrapôs, mas o outro explodiu em improperios e o lembrou de que não era nada além de seu criado, e que não deveria lhe dizer o que fazer. Com isso, o secretário desistiu e simplesmente combinou com ele que, se perdesse o último trem, deveria voltar para o Halliday's Private Hotel. Então, Drebber respondeu que estaria de volta à plataforma antes das onze, e caminhou para fora da estação.

“O momento pelo qual tanto esperei finalmente tinha chegado, e meus inimigos estavam em meu poder. Juntos, eles poderiam proteger um ao outro, mas sozinhos eles estavam à minha mercê. Contudo, não agi com precipitação indevida. Meus planos já estavam formados. Não há satisfação na vingança a menos que o ofensor tenha tempo para perceber quem é aquele que o ataca e por que a retribuição tinha chegado a ele. Eu organizara planos que me permitiram a oportunidade de fazer o homem que me ofendera entender que seu antigo pecado o havia encontrado. Aconteceu que, alguns dias antes, um cavalheiro que estivera empenhado em examinar algumas casas da Brixton Road havia esquecido a chave de uma delas na minha carruagem. Foi reivindicada e entregue naquela mesma noite, mas, no intervalo, fiz um molde da chave e providenciei uma cópia. Foi assim que tive acesso a uma área desta grande cidade onde podia confiar que estaria livre de interrupções. Como conseguir que o Drebber fosse para essa casa era o difícil problema que agora eu tinha que resolver.

“Ele desceu a rua e entrou em algumas lojas de bebidas, ficando quase meia hora na última. Quando saiu, estava cambaleante e evidentemente muito bêbado. À minha frente havia uma carruagem de aluguel, e ele a chamou. Segui-o tão de perto que o focinho do meu cavalo ficou a menos de um metro do seu cocheiro durante o caminho inteiro. Seguimos pela Waterloo Bridge e por quilômetros de ruas, até que, para meu espanto, estávamos de volta ao Torquay Terrace, onde ele se hospedara. Eu não conseguia imaginar qual seria a sua intenção ao voltar para lá, mas o segui e estacionei meu cabriolé a aproximadamente cem metros da casa. Ele entrou e sua carruagem foi embora. Deem-me um copo de água, por favor. Minha boca ficou seca de tanto falar.”

Entreguei-lhe o copo e ele bebeu tudo.

— Assim é melhor — disse ele. — Bem, esperei por quase meia hora quando, de repente, ouvi um barulho de pessoas lutando dentro da casa. No momento seguinte a porta foi aberta e dois homens apareceram, um dos quais era o Drebber, e o outro era um jovem que eu nunca tinha visto antes. Esse sujeito segurava Drebber pelo colarinho, e quando chegaram ao fim dos degraus, ele lhe deu um empurrão e um chute que o enviou para o outro lado da rua. “Seu miserável! Vou lhe ensinar a não insultar uma donzela direita!” gritou, balançando o porrete em sua direção. Ele estava tão nervoso que acho que teria dado cabo em Drebber com o porrete, só que o cafajeste cambaleou pela estrada o mais rápido que suas pernas permitiram. Correu até a esquina e então, vendo meu cabriolé, saudou-me e pulou para dentro. “Leve-me para o Halliday’s Private Hotel”, pediu ele.

“Quando o tive dentro da minha carruagem, meu coração saltava com tanta alegria que temi que, nesse momento, meu aneurisma pudesse explodir. Conduzi lentamente, refletindo qual era a melhor forma de agir. Eu poderia levá-lo diretamente para o campo, e lá, em alguma estrada deserta, ter minha última entrevista com ele. Quase decidi seguir por esse caminho quando ele resolveu o problema. O vício em bebidas o atacou novamente e ele me ordenou que parasse do lado de fora de um bar elegante. Entrou, deixando a ordem que lhe esperasse. Ali permaneceu até a hora de fechar, e quando saiu estava tão bêbado que eu sabia que o jogo estava em minhas mãos.

“Não pensem que eu pretendia matá-lo a sangue frio. Isso só teria sido uma justiça rígida, mas não conseguiria fazê-lo. Havia muito tempo eu tinha

determinado que ele deveria ter a chance de salvar sua vida se escolhesse se aproveitar disso. Entre os muitos cargos que ocupei nos Estados Unidos durante minha vida de errante, fui certa vez zelador do laboratório do York College. Um dia, o professor discorria sobre venenos e mostrou a seus alunos um alcaloide, como ele chamava, que tinha sido extraído de um veneno para flechas sul-americano, e que era tão poderoso que a menor gota significaria morte instantânea. Vi o frasco no qual a preparação estava mantida, e peguei um pouco quando todos foram embora. Eu era um farmacêutico muito bom, então transformei esse alcaloide em duas pílulas solúveis, e coloquei cada uma delas em uma caixa com uma pílula semelhante preparada sem o veneno. Decidi naquele momento que, quando tivesse minha chance, os cavalheiros teriam a oportunidade de escolher uma da caixa enquanto eu ingeriria a pílula restante. Seria bem mais mortal e menos barulhento do que atirar com a arma abafada por um lenço. A partir daquele dia, sempre carregava as minhas caixas de pílulas comigo e tinha chegado a hora em que eu deveria usá-las.

“Era perto de uma hora de uma noite selvagem e sombria, com ventos fortes e chuvas torrenciais. Sombrio como estava do lado de fora, fiquei contente por entrar – tão feliz que poderia ter gritado de pura exultação. Se algum de vocês, senhores, alguma vez ansiou por algo durante vinte anos, e depois viram isso ao seu alcance, podem compreender os meus sentimentos. Acendi um charuto e o fumei para acalmar meus nervos, mas minhas mãos tremiam e minhas têmporas latejavam de excitação. Enquanto conduzia, pude ver o velho John Ferrier e a doce Lucy me olhando na escuridão e sorrindo para mim, de forma tão nítida quanto vejo todos vocês nesta sala. Permaneceram à minha frente durante todo o caminho, um de cada lado do cavalo, até que parei diante da casa na Brixton Road.

“Não havia uma alma a ser vista nem um som a ser ouvido, exceto pelas gotas das chuvas. Quando olhei pela janela, encontrei Drebbler em um sono profundo de bêbado. Sacudi-o pelo braço e disse: “É hora de descer”. Ele respondeu: “Tudo bem, cocheiro”. Suponho que pensou que havíamos chegado ao hotel que havia mencionado, porque saiu sem dizer outra palavra e me seguiu pelo jardim. Tive que andar ao lado dele para mantê-lo firme, porque ainda andava aos cambaleios. Quando chegamos, abri a porta e o levei para a sala da frente. Dou-lhes minha palavra de que o pai e a filha estavam andando à nossa frente durante todo o caminho.

“Está infernalmente escuro”, disse ele, pisoteando ao redor. “Em breve teremos uma luz”, respondi, acendendo um fósforo e acendendo uma vela de cera que tinha trazido comigo. “Agora, Enoch Drebber”, continuei, virando-me para ele e segurando a luz próximo ao meu rosto. “Quem sou eu?” Ele me olhou por um momento com os olhos embriagados e então eu vi quando o horror surgiu neles, e convulsionou todo o seu semblante, o que me mostrou que ele havia me reconhecido. Cambaleou para trás com o rosto pálido e vi a transpiração surgir em sua testa, enquanto seus dentes rangiam. Ao ver isso, inclinei-me contra a porta e ri alto por muito tempo. Sempre soubera que a vingança seria doce, mas nunca tinha esperado pelo contentamento que invadia minha alma.

“Seu miserável!” disse eu. “Segui-o desde Salt Lake City até São Petersburgo e você sempre me escapou. Agora, finalmente, suas andanças chegaram ao fim, pois um de nós não verá o nascer do sol amanhã.” Ele se encolheu para ainda mais longe enquanto eu falava e pude ver em seu rosto que pensava que eu estava louco. E eu realmente estava naquele momento. As minhas têmporas pulsavam como marteladas e acredito que teria tido algum tipo de ataque se o sangue não tivesse jorrado do meu nariz e me aliviado.

“O que acha de Lucy Ferrier agora?” exclamei, tranquei a porta e agitei a chave em seu rosto. “A punição demorou a chegar, mas finalmente o alcançou”. Vi os lábios covardes tremerem quando falei. Ele teria implorado por sua vida, mas sabia que seria inútil. “Você vai me assassinar?” gaguejou ele. “Não há assassinato”, respondi. “Quem fala em matar um cachorro louco? Que misericórdia você teve pela minha pobre querida quando a arrastou de seu pai abatido e a carregou para seu harém maldito e impudico?”. “Não fui eu quem matou o pai dela!” ele gritou. “Mas foi você quem partiu seu coração inocente!” bradei alto, empurrando a caixa diante dele. “Deixemos que Deus julgue entre nós. Escolha uma e a engula. Uma é a morte e a outra é a vida. Eu tomarei a que sobrar. Vamos ver se há justiça sobre a Terra ou se somos governados pelo acaso”.

“Ele se encolheu com gritos e súplicas de misericórdia, mas puxei minha faca e a segurei contra sua garganta até que me obedeceu. Então, engoli a outra pílula e ficamos de um de frente para o outro em silêncio por um minuto ou mais, esperando para ver qual viveria e qual morreria. Será que esquecerei a expressão que apareceu em seu rosto quando as primeiras dores

avisaram que o veneno estava em seu sistema? Eu ri quando percebi e segurei o anel de casamento de Lucy diante dos seus olhos. Foi só por um momento, porque a ação do alcaloide foi rápida. Um espasmo de dor contorceu suas feições; ele jogou as mãos à frente, cambaleou e, então, com um grito rouco, caiu pesadamente no chão. Mudei sua posição com meu pé e pousei a mão sobre seu coração. Não houve movimento. Ele estava morto!

“O sangue estava escorrendo do meu nariz, mas eu não havia percebido. Não sei o que passou por minha cabeça para usá-lo para escrever na parede. Talvez tenha sido alguma ideia travessa de colocar a polícia em uma pista errada, porque me senti leve e alegre. Lembrei-me de um alemão encontrado em Nova York com a palavra RACHE escrito acima dele, o que naquela época foi discutido nos jornais como um crime das sociedades secretas. Imaginei que se isso havia intrigado os nova-iorquinos, também intrigaria os londrinos, então mergulhei o dedo no meu próprio sangue e escrevi em um lugar conveniente na parede.

“Então, fui até meu cabriolé e descobri que não havia ninguém ao redor, porque a chuva ainda caía ameaçadora. Eu tinha me distanciado quando coloquei a mão no bolso onde o anel da Lucy normalmente ficava e descobri que não estava lá. Fiquei desolado com isso, porque era a única lembrança que tinha dela. Pensando que poderia ter deixado cair quando me inclinei sobre o corpo de Drebber, dei meia-volta, estacionei o cabriolé em uma rua lateral e corajosamente voltei para a casa, pois estava pronto para enfrentar qualquer coisa para recuperar o anel. Quando cheguei lá, dei de cara com um policial que estava saindo e só consegui desarmar suas suspeitas fingindo estar irremediavelmente bêbado.

“Foi assim que Enoch Drebber encontrou o seu fim. Tudo que me restava fazer era encontrar Stangerson e repetir o ato, então a dívida da morte de John Ferrier estaria paga. Eu sabia que ele estava hospedado no Halliday's Private Hotel e fiquei vigiando o dia inteiro, mas ele não saiu uma vez sequer. Creio que ele tenha suspeitado de algo quando Drebber falhou em aparecer. Ele era esperto e estava sempre alerta. Se pensou que poderia me impedir ficando dentro do quarto o dia todo, estava muito enganado. Logo descobri qual era a janela do seu quarto, e, na manhã seguinte, aproveitei uma escada jogada atrás do hotel e subi por ela no fim da madrugada. Acordei-o e disse-lhe que chegara a hora em que deveria responder pela vida que tirara havia tanto tempo. Descrevi a morte de Drebber e dei-lhe a

mesma escolha entre as pílulas envenenadas. Em vez de aceitar a chance que lhe ofereci, pulou da cama e voou em minha garganta. Em autodefesa, esfaqueei-o no coração. Teria dado no mesmo de qualquer maneira, porque a Providência nunca teria permitido que suas mãos culpadas escolhessem nada além do veneno.

“Tenho pouca coisa a acrescentar, e é bom, porque já estou exausto. Continuei conduzindo o cabriolé por um ou dois dias com a intenção de economizar e voltar para os Estados Unidos. Eu estava parado no jardim quando um jovem esfarrapado perguntou se eu era o cocheiro chamado Jefferson Hope e disse que minha carruagem era pedida por um cavalheiro no número 221B, em Baker Street. Fui até lá sem suspeitar de nenhum mal, e a próxima coisa que vi foi esse jovem me algemando e me imobilizando tão eficazmente como nunca vi na vida. Essa é toda a minha história, cavalheiros. Vocês podem me considerar um assassino, mas eu sustento que sou tanto um agente da justiça quanto os senhores.”

A narrativa do homem havia sido tão emocionante, e suas maneiras tão impressionantes que todos havíamos escutado em absoluto silêncio. Mesmo os detetives profissionais, que estavam indiferentes a todos os detalhes do crime, pareciam profundamente interessados na história do homem. Quando ele terminou, ficamos alguns minutos sentados em quietude que só foi quebrada pelo roçar do lápis do Lestrade conforme ele dava os últimos retoques em seu relato.

— Há apenas um ponto em que gostaria um pouco mais de informação — disse Sherlock Holmes enfim. — Quem foi seu cúmplice que veio pegar o anel quando publiquei o anúncio?

O prisioneiro piscou jocosamente para meu amigo.

— Eu posso contar meus próprios segredos — respondeu ele —, mas não causarei problemas para outras pessoas. Vi seu anúncio e pensei que poderia ser uma armadilha ou podia ser o anel que eu queria. Meu amigo se voluntariou para ir descobrir. Acredito que concordará que ele agiu de forma inteligente.

— Sem sombras de dúvidas — respondeu Holmes cordialmente.

— Agora, senhores — declarou o inspetor gravemente —, as formalidades da lei devem ser cumpridas. Na quinta-feira o prisioneiro será levado perante os magistrados e suas presenças serão requeridas. Até lá, eu serei o responsável por ele. — Ele balançou o sino e dois guardas entraram e

levaram o homem, enquanto meu amigo e eu saíamos da Delegacia e tomávamos uma carruagem de volta para Baker Street.

A conclusão



Todos tínhamos sido intimados a comparecer diante dos magistrados na quinta-feira, mas quando o dia chegou, não houve necessidade do nosso testemunho. Um juiz superior tomou a responsabilidade do assunto e Jefferson Hope tinha sido convocado perante um tribunal onde a justiça estrita lhe seria feita. Na mesma noite após a sua captura, o aneurisma estourou e ele foi encontrado estirado no chão da cela pela manhã, com um sorriso plácido no rosto, como se tivesse sido capaz de relembrar uma vida útil e um trabalho bem-feito em seus momentos de morte.

— Gregson e Lestrade ficarão loucos quando souberem dessa morte — comentou Holmes, enquanto conversávamos sobre isso na noite seguinte. — O que acontecerá com a grande publicidade que pretendiam ter?

— Na minha opinião, eles não tiveram muito a ver com a captura dele — respondi.

— O que você faz neste mundo é uma questão pouco importante — retorquiu meu companheiro amargamente. — A questão é como agir para que as pessoas acreditem que você fez algo. Não importa — prosseguiu mais empolgado depois de uma pausa. — Eu não teria perdido a investigação por nada. Não me lembro de caso melhor. Simples como era, havia muitos pontos instrutivos.

— Simples! — exclamei.

— Bem, na verdade, dificilmente poderia ser descrito de outra forma — respondeu Sherlock Holmes, sorrindo da minha surpresa. — A prova da sua simplicidade intrínseca é que, sem qualquer ajuda, salvo algumas deduções

muito comuns, consegui colocar as mãos no criminoso em um período de três dias.

— Isso é verdade — respondi.

— Eu já lhe expliquei que o que está fora do comum geralmente é um guia, e não um obstáculo. Ao resolver um problema desse tipo, o mais importante é ser capaz de raciocinar o caminho contrário. Essa é uma habilidade muito fácil e útil, mas não é muito praticada pelas pessoas. Nos assuntos cotidianos da vida, é mais útil raciocinar para o futuro, e assim a outra forma passa a ser negligenciada. Para cada pessoa que consegue raciocinar analiticamente, há cinquenta pessoas que podem fazê-lo sinteticamente.

— Confesso que não consegui acompanhar — revelei.

— Eu dificilmente esperava que fizesse. Deixe-me ver se posso deixar isso mais claro. Se você descrever uma sequência de eventos, a maioria das pessoas lhe diria qual seria o resultado. Elas podem juntar esses eventos em suas mentes e argumentar que algo acontecerá a partir deles. Existem poucas pessoas, no entanto, que em posse de um resultado, seriam capazes de evoluir em sua mente os passos que levaram ao desfecho. Essa é a habilidade a qual me refiro quando falo de raciocinar de trás para frente ou analiticamente.

— Entendi — disse eu.

— Esse foi um caso em que recebemos o resultado e tivemos que encontrar todo o resto por nós mesmos. Agora, deixe-me tentar lhe mostrar os diferentes passos do meu raciocínio. Para começar do começo, como sabe, aproximei-me da casa a pé, e com a minha mente totalmente livre de todas as impressões. Naturalmente, comecei examinando a estrada, e lá, como já lhe expliquei, vi claramente marcas de uma carruagem que tinha passado a noite ali, como verificamos no inquérito. Eu me convenci de que era uma carruagem de aluguel, e não particular, devido ao espaço estreito entre as rodas. Os fiacres em Londres costumam ser bem mais estreitos do que o *brougham* de um cavalheiro.

“Esse foi o primeiro ponto marcado. Então, caminhei lentamente pela trilha do jardim, que era composto por um solo argiloso, particularmente adequado para registrar impressões. Sem dúvida, pareceu-lhe ser uma mera linha de lama pisoteada, mas para meus olhos treinados cada marca em sua superfície tinha um significado. Não há nenhum ramo da ciência de

detecção que seja tão importante e tão negligenciada quanto a arte de rastrear pegadas. Felizmente, sempre dei grande ênfase a isso, e tornou-se uma segunda natureza para mim após muita prática. Vi as pegadas pesadas dos policiais, mas também vi o rastro de dois homens que tinham passado primeiro pelo jardim. Era fácil dizer isso, porque em alguns lugares as marcas haviam sido totalmente obliteradas pelas outras que vinham acima delas. Dessa forma, meu segundo elo foi formado, o qual me disse que os visitantes noturnos estavam em dois, um notável pela sua altura (como calculei a partir do comprimento do seu passo), e o outro elegantemente vestido, julgando a partir da pequena e elegante impressão deixada por suas botas.

“Ao entrar na casa, esta última inferência foi confirmada. O homem bem-vestido estava diante de mim, então o alto cometera o assassinato, se um assassinato tivesse sido cometido. Não havia feridas no morto, mas a expressão agitada em seu rosto me assegurou que ele havia previsto seu destino antes de sobrevir a ele. Homens que morrem de doenças cardíacas ou de qualquer causa natural repentina de maneira nenhuma exibem esses traços em suas feições. Depois de cheirar os lábios do morto, detectei um leve cheiro azedo e cheguei à conclusão de que ele havia sido forçado a tomar o veneno. Pensei de tal maneira, mais uma vez, por causa do ódio e medo expressado em seu rosto. Cheguei a esse resultado pelo método de exclusão, porque nenhuma outra hipótese satisfaria os fatos. Não imagine que tenha sido uma ideia muito inusitada, pois a administração forçada de veneno é muito comum dentro dos crimes. Qualquer toxicologista lembrará imediatamente dos casos de Dolsky em Odessa e de Leturier em Montpellier.

“E agora vinha a grande questão do motivo. Não fora um roubo, porque nada tinha sido levado. Então, fora político ou por causa de uma mulher? Essa foi a questão que me confrontou. Eu estava inclinado para a última. Os assassinos políticos contentam-se em fazer o trabalho e fugir. Esse assassinato, pelo contrário, fora feito de uma forma deliberada e o perpetrador deixara seus rastros por toda a sala, mostrando que estivera lá o tempo todo. Deveria ter sido um motivo privado que pedia por uma vingança metódica, e não político. Quando a inscrição foi descoberta na parede, eu estava mais decidido do que nunca em minha opinião. Aquilo era evidentemente para despistar. Quando o anel foi encontrado, no entanto,

resolveu a questão. Claramente, o assassino usara isso para lembrar sua vítima de alguma mulher morta ou ausente. Foi quando questionei Gregson se ele havia perguntado, em seu telegrama para Cleveland, a respeito de qualquer ponto particular na carreira do Sr. Drebber. Você se lembra de que ele respondeu com uma negativa.

“Então, prossegui fazendo um exame cuidadoso da sala, o que confirmou a minha opinião sobre a altura do assassino, e me forneceu os detalhes adicionais sobre o charuto Trichinopoly e o comprimento de suas unhas. Eu já tinha chegado à conclusão, já que não havia sinais de luta, de que o sangue que cobria o chão tinha irrompido do nariz do assassino em sua empolgação. Pude perceber que a faixa de sangue coincidia com o rastro de seus pés. É raro que qualquer homem, a menos que seja muito forte, sangre desse jeito devido à emoção. Então, arrisquei a opinião de que o criminoso provavelmente era um homem robusto e de rosto corado. Os eventos provaram que eu havia julgado corretamente.

“Tendo deixado a casa, comecei a fazer o que o Gregson havia negligenciado. Telegrafei para o chefe de polícia em Cleveland, limitando minha consulta às circunstâncias relacionadas ao casamento de Enoch Drebber. A resposta foi conclusiva: dizia-me que Drebber já havia pedido a proteção da lei contra um velho rival no amor, chamado Jefferson Hope, e que esse mesmo Hope também já estava na Europa. Agora eu sabia que tinha a chave do mistério em mãos, e tudo o que restava era prender o assassino.

“Eu já havia concluído em minha mente que o homem que entrara na casa com o Drebber não era outro senão o mesmo que conduzia a carruagem. As marcas na estrada me mostravam que o cavalo tinha vagado de um jeito que seria impossível se houvesse alguém tomando conta dele. Onde, então, o cocheiro poderia estar a não ser dentro da casa? Mais uma vez, é absurdo supor que qualquer homem são levaria a cabo um crime deliberado sob os olhos, por assim dizer, de uma terceira pessoa que com certeza o trairia. Por fim, supondo que um homem desejasse perseguir o outro por Londres, que meios melhores poderia adotar do que se tornando um cocheiro? Todas essas considerações me levaram à conclusão irresistível de que Jefferson Hope poderia ser encontrado entre os cocheiros da Metrópole.

“Se ele tinha sido um cocheiro, não havia razão para acreditar que tivesse deixado de ser. Pelo contrário, do ponto de vista dele, qualquer mudança súbita provavelmente atrairia atenção para si mesmo. Então, por um tempo, ele provavelmente continuaria a executar seus deveres. Não havia razão para supor que estivesse usando um nome falso. Por que ele deveria mudar o nome em um país que ninguém conhecia o original? Portanto, organizei meu grupo de detetives de moleques de rua e enviei-os sistematicamente a todos os proprietários de carruagens em Londres, até que descobrissem o homem que eu queria. O quanto foram bem-sucedido e com que rapidez eu tirei proveito disso ainda está fresco em sua memória. O assassinato do Stangerson foi um incidente inteiramente inesperado, mas que dificilmente poderia ter sido evitado. Por conta dele, como sabe, tomei posse das pílulas, cuja existência eu já havia imaginado. Você vê, a coisa toda é uma cadeia de sequências lógicas sem quebra ou falhas.

— É incrível! — exclamei. — Seus méritos deveriam ser reconhecidos publicamente. Deveria publicar um artigo do caso. Se não fizer, eu faço para você.

— Pode fazer o que quiser, Doutor — respondeu ele. — Veja isso! — prosseguiu, estendendo-me um jornal. — Dê uma lida nisso!

Era o jornal *Echo* do dia, e o parágrafo ao qual ele apontava fora dedicado ao caso em questão e dizia o seguinte:

“O público perdeu um divertimento sensacional com a morte de um tal de Hope, que era suspeito do assassinato do Sr. Enoch Drebber e do Sr. Joseph Stangerson. Os detalhes do caso provavelmente nunca serão conhecidos, apesar de termos sido informados por fonte segura de que o crime foi o resultado de uma antiga rivalidade e uma contenda romântica, da qual faziam parte o amor e o mormonismo. Parece que ambas as vítimas pertenciam, quando jovens, aos Santos dos Últimos Dias, e Hope, o prisioneiro falecido, também vinha de Salt Lake City. Se o caso não teve outro efeito, pelo menos traz à tona a eficiência louvável da nossa força policial de detetives, e servirá como uma lição para todos os estrangeiros que perceberão que é mais sábio resolverem suas disputas em casa, e não trazê-las para o solo britânico. Não é segredo que o crédito dessa captura inteligente pertence inteiramente aos bem conhecidos policiais da Scotland Yard, Srs. Lestrade e Gregson. Aparentemente, o homem foi preso nos aposentos de um certo Sr. Sherlock Holmes, que tem mostrado algum

talento na linha de detetive, como amador, e que, com tais instrutores, pode esperar que evolua sua habilidade. Espera-se que algum tipo de homenagem seja prestada aos dois policiais como reconhecimento de seus serviços.”

— Eu não lhe disse quando começamos? — questionou Sherlock Holmes com uma risada. — Esse é o resultado de todo nosso *Um Estudo em Vermelho*: possibilitar que eles recebam uma homenagem!

— Não importa — respondi. — Tenho todos os fatos em meu diário e o público deve conhecê-los. Enquanto isso, você deve contentar-se com a consciência do sucesso, como o romano avarento...

“Populus me sibilat, at mihi plaudo

ipse domi simul ac nummos contemplar in arca.”^[6]

^[6] Trecho da *Primeira Sátira*, de Horácio. Pode ser traduzido como “Vaia-me na rua, mas eu em casa me aplaudo ao contemplar o meu dinheiro no cofre.”

**O
SIGNO
DOS QUATRO**
SIR ARTHUR CONAN DOYLE



O SICNO DOS QUATRO



Direção Editorial: *Silvia Vasconcelos*

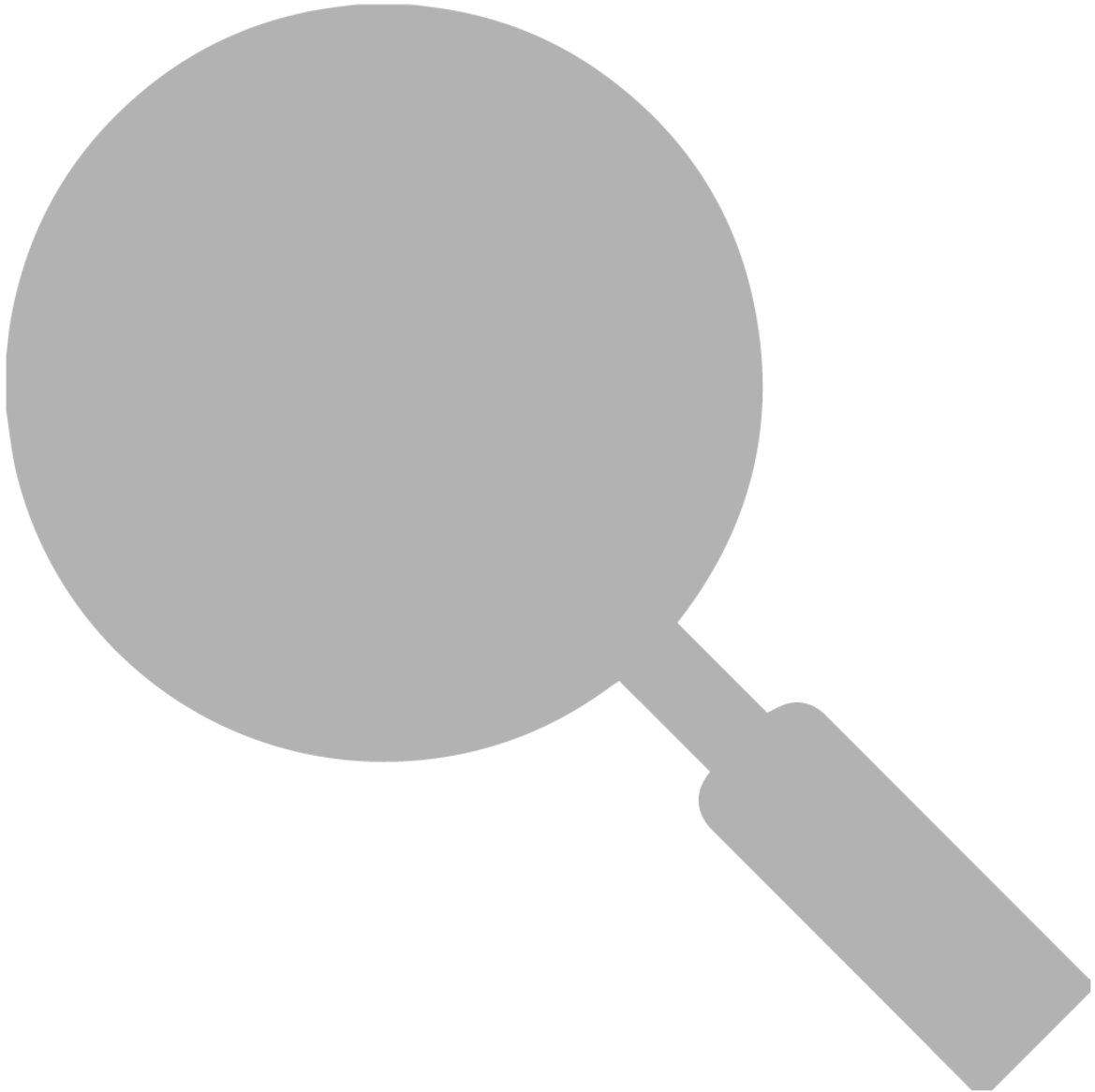
Produção Editorial: *Equipe Editora Pandorga*

Tradução: *Alice da Silva Kleisck*

Preparação e Revisão: *Gabriela Peres*

Diagramação digital: *Cristiane Saavedra* | Saavedra Edições

Capa: *Lumiar Design*



CAPÍTULO I

A ciência da dedução



Sherlock Holmes pegou o frasco na cornija da lareira e tirou a seringa hipodérmica do elegante estojo marroquino. Com seus dedos longos, brancos e nervosos, ajustou a agulha delicada e arregaçou o punho esquerdo da camisa. Seus olhos pensativos pousaram brevemente sobre o antebraço e o punho musculosos, pontilhados por inúmeras picadas. Por fim, inseriu a ponta da agulha, apertou o pequeno êmbolo, e recostou-se na poltrona forrada de veludo, dando um longo suspiro de satisfação.

Durante muitos meses, por três vezes ao dia, eu havia presenciado essa cena, mas o hábito não me permitia aceitá-la. Ao contrário, a cada dia eu me irritava mais com aquela visão, e, toda noite, minha consciência pesava pela minha falta de coragem para contestar. Muitas e muitas vezes eu prometera expor meus sentimentos sobre a questão, porém, algo no ar sereno e indiferente do meu companheiro o fazia parecer o último homem com quem uma pessoa se atreveria a ter liberdade. Seus talentos grandiosos, seus modos esmerados e minha experiência com suas qualidades extraordinárias me deixavam acanhado e reticente em contrariá-lo.

Naquela tarde, contudo, talvez por conta do Beaune que eu havia bebido no almoço, ou da exasperação adicional decorrente de seus modos deliberados, subitamente senti que já não podia mais me conter.

— O que será o de hoje? — perguntei. — Morfina ou cocaína?

Ele ergueu preguiçosamente os olhos do velho livro com caracteres góticos que abrira.

— Cocaína — disse ele —, uma solução a sete por cento. Gostaria de experimentar?

— Absolutamente não — respondi, bruscamente. — Meu corpo ainda não se recuperou da campanha afegã. Não posso impor-lhe qualquer

extenuação adicional.

Ele sorriu de minha veemência.

— Talvez você tenha razão, Watson — disse. — Suponho que os efeitos físicos por ela causados sejam ruins. Ainda assim, considero-a tão transcendentalmente estimulante e aclaradora da mente que não ligo muito para seus efeitos colaterais.

— Mas reflita! — disse eu, com seriedade. — Pese o custo! Seu cérebro pode, como está dizendo, ser estimulado e incitado, mas esse é um processo patológico e mórbido, que abrange maior mutação dos tecidos e pode acabar levando a uma debilidade permanente. Você também conhece bem a reação de melancolia que o acomete. Certamente não vale a pena. Por que deveria você, por um simples prazer passageiro, arriscar a perda dos talentos desmedidos de que é dotado? Lembre-se de que falo não somente como um companheiro, mas como um médico que, até certo ponto, é responsável pelo seu bem-estar físico.

Ele não pareceu se ofender. Ao contrário, uniu as pontas dos dedos e apoiou os cotovelos nos braços da poltrona, como se desejasse conversar.

— Minha mente — disse ele — se rebela contra a estagnação. Dê-me problemas, dê-me trabalho, dê-me o criptograma mais dificultoso, ou a mais complexa análise, e eu fico à vontade. Posso então dispensar os estimulantes artificiais. Mas abomino a rotina da existência tediosa. Anseio pela exaltação mental. Por isso que escolhi minha própria profissão. Ou melhor, eu a inventei, pois sou o único no mundo a exercê-la.

— O único detetive não oficial? — perguntei, arqueando as sobrancelhas.

— O único detetive consultor não oficial — respondeu ele. — Sou o último e mais elevado tribunal de apelação na detecção. Quando Gregson, Lestrade ou Athelney Jones ficam desnorteados, o que, aliás, é o estado habitual deles, a questão é trazida a mim. Examino os dados, como um especialista, e expeço uma opinião de especialista. Nesses casos, abro mão de qualquer mérito. Meu nome não aparece em jornal algum. O trabalho em si, o prazer de encontrar um campo para minhas habilidades peculiares, é a minha maior recompensa. Mas você mesmo teve alguma experiência de meus métodos de trabalho no caso de Jefferson Hope.

— Sim, de fato — concordei, cordialmente. — Nada me impressionou tanto na vida. Cheguei até a fazer uma compilação, em uma brochura, com o título um tanto extravagante de Um estudo em vermelho.

Ele sacudiu a cabeça tristemente.

— Dei uma olhada — disse. — Francamente, não posso parabenizá-lo. A detecção é uma ciência exata, ou deveria ser, e tinha de ser tratada da mesma maneira fria e isenta de emoção. Você tentou pontuá-la de romantismo, o que resulta em um efeito parecido com uma história de amor, ou a fuga de um casal de amantes, na quinta proposição de Euclides.

— Mas ali havia romance — contestei. — Eu não podia adulterar os fatos.

— Alguns fatos devem ser omitidos ou, pelo menos, observados com um senso justo e proporcional em seu tratamento. O único ponto digno de nota no caso foi o curioso raciocínio analítico dos efeitos para as causas, por meio do qual consegui destrinchá-lo.

Irritei-me com a crítica a um trabalho que havia sido elaborado especialmente para agradá-lo. Também confesso que me aborreci com a egolatria que parecia exigir que cada frase de meu texto fosse dedicada a suas façanhas especiais. Durante os anos em que eu havia morado com ele em Baker Street, mais de uma vez observara uma ponta de vaidade por trás do modo sereno e didático de meu amigo. Ainda assim, não teci nenhum comentário, e limitei-me a afagar minha perna contundida. Ela fora transpassada por uma bala de jezail tempos atrás e, apesar de não me impedir de caminhar, doía muito a cada mudança de tempo.

— Recentemente, a minha clientela estendeu-se ao Continente — disse Holmes depois de algum tempo, abastecendo seu antigo cachimbo com raiz de urze-branca. — Semana passada, fui consultado por François Le Villard que, como você provavelmente sabe, recentemente assumiu uma posição bem elevada no serviço de detecção francês. Ele tem todo o talento celta da intuição veloz, mas carece de um escopo abrangente nos conhecimentos exatos, algo essencial para maior desenvolvimento de sua arte. O caso referia-se a um testamento e apresentava algumas características interessantes. Pude referenciá-lo a dois casos paralelos, um ocorrido em Riga, em 1857, o outro em St. Louis, em 1871, que lhe sugeriram a verdadeira solução. Esta é a carta que recebi esta manhã em agradecimento por meu auxílio.

Enquanto falava, arremessou-me uma folha amassada de papel de carta estrangeiro. Corri os olhos no papel, notando a profusão de observações

admiráveis, percebendo os magníficos, coups de maître e tours de force,^[1] por todo lado, atestando a fervorosa admiração do francês.

— Ele fala como um pupilo dirigindo-se a seu mestre — comentei.

— Ah, ele valoriza excessivamente a minha ajuda — disse Sherlock Holmes, indiferente. — Ele próprio possui dons consideráveis. Tem duas das três qualidades necessárias ao detetive ideal: tem capacidade de observação e dedução. Só carece de conhecimento, e isso pode vir com o tempo. Agora está traduzindo todos os meus pequenos trabalhos para o francês.

— Seus trabalhos?

— Ah, você não sabia? — exclamou ele, rindo. — Sim, confesso que compus várias monografias. São todas de assuntos técnicos. Aqui está uma, por exemplo, Sobre a distinção entre as cinzas de vários tabacos. Nela eu listo cento e quarenta formas de tabaco de charuto, cigarro e cachimbo, com paletas coloridas ilustrando a diferença na cinza. Esse é um ponto que está sempre surgindo em julgamentos criminais, e que ocasionalmente tem suprema importância como pista. Se você pode dizer com certeza, por exemplo, que um assassinato foi cometido por um homem que fumava um lunkah indiano, isso evidentemente estreita seu campo de busca. Para o olho treinado, há tanta diferença entre as cinzas negras de um Trichinopoly e a plumagem de um bird's-eye, quanto entre um repolho e uma batata.

— Você tem uma genialidade extraordinária para as minúcias — frisei.

— Aprecio a relevância delas. Aqui está minha monografia sobre o rastreamento de pegadas, com algumas observações sobre o uso de gesso de Paris para conservar as impressões. Aqui também tem um trabalhinho curioso sobre a influência de um determinado ofício na forma da mão, com linotipias das mãos de pedreiros, marinheiros, cortadores de cortiça, tipógrafos, tecelões e polidores de diamantes. É um conteúdo de grande interesse prático para o detetive científico, especialmente em casos de corpos não reclamados, ou na descoberta de antecedentes criminais. Mas eu o estou cansando com meu hobby.

— De modo algum — respondi, sinceramente. — Isso é do maior interesse para mim, principalmente depois que tive a oportunidade de observar sua aplicação prática. Mas há pouco falou de observação e dedução. Certamente, uma envolve a outra, até certo ponto.

— Ora, nem tanto — respondeu ele, recostando-se na poltrona de modo exuberante, dando baforadas azuladas com o cachimbo. — Por exemplo, a observação me mostra que você esteve na agência dos Correios de Wigmore Street esta manhã, mas a dedução me leva a crer que, ao estar ali, você passou um telegrama.

— Correto! — disse eu. — Correto nas duas coisas! Mas confesso que não vejo como chegou a essa conclusão. Foi um impulso repentino que tive e não o mencionei a ninguém.

— É a simplicidade em si — observou ele, achando graça de minha surpresa. — Tão absurdamente simples que torna supérflua uma explicação; no entanto, ela pode servir para definir os limites entre a observação e a dedução. A observação me diz que você tem um bocadinho de barro avermelhado grudado no pé. Diante da agência dos Correios de Wigmore Street, o pavimento foi retirado e aterrado, e há um bocado de terra no caminho, dificultando a entrada, sem que se pise nela. A terra tem esse tom avermelhado específico que, pelo que sei, não pode ser encontrado em nenhum outro lugar da vizinhança. Tudo isso é observação. O restante é dedução.

— Então, como foi que deduziu quanto ao telegrama?

— Ora, claro que eu sabia que você não havia escrito uma carta, já que passei a manhã sentado à sua frente. Também vejo ali, em sua escrivaninha, uma folha de selos e um maço de postais. Então, por que iria até o correio, senão para enviar um telegrama? Excluíam-se todos os fatores e o remanescente deve ser a verdade.

— Neste caso, certamente é — confirmei, depois de refletir brevemente. — No entanto, como diz, a coisa é bem simples. Você me tomaria por impertinente se eu submetesse suas teorias a um teste mais severo?

— Pelo contrário — respondeu ele —, isso evitaria que eu tomasse uma segunda dose de cocaína. Eu ficaria encantado em examinar qualquer problema que possa me apresentar.

— Eu o ouvi dizer que é difícil para um homem ter qualquer objeto de uso diário, sem nele deixar sua marca individual, de modo que um observador treinado possa identificá-la. Ora, tenho aqui um relógio que veio parar em minhas mãos recentemente. Faria o obséquio de me prover sua opinião sobre o caráter ou os hábitos de seu antigo proprietário?

Entreguei-lhe o relógio, com um leve divertimento íntimo, pois aquele era, a meu ver, um teste impossível, e minha intenção era que isso servisse de lição contra um tom um tanto dogmático que ele ocasionalmente assumia. Holmes segurou o relógio na mão, olhou fixamente o mostrador, abriu a tampa traseira e examinou o mecanismo, primeiro a olho nu, depois com uma poderosa lupa. Eu mal conseguia conter o sorriso diante de sua fisionomia desanimada, quando ele finalmente fechou a tampa com um estalido e me devolveu o relógio.

— Não há quase nenhum dado — comentou. — O relógio foi limpo recentemente, o que me furta dos fatos mais sugestivos.

— Você está certo — respondi. — Foi limpo antes que me fosse enviado.

Em meu coração, acusei meu companheiro de dar a desculpa mais esfarrapada para encobrir seu fracasso. Que dados ele poderia esperar de um relógio que não tivesse sido limpo?

— Apesar de insatisfatória, minha investigação não foi inteiramente infrutífera — observou ele, encarando o teto com olhos sonhadores e embaçados. — Corrija-me se eu estiver errado, mas eu diria que o relógio pertenceu ao seu irmão mais velho, que o herdou de seu pai.

— Isso, sem dúvida, você deduziu das iniciais H.W. na traseira?

— Exatamente. O W. sugere seu próprio nome. O relógio data de quase meio século atrás e as iniciais são tão antigas quanto ele: portanto, ele foi feito para geração passada. Joias geralmente são deixadas para o filho mais velho, e seria bem provável que ele tivesse o mesmo nome do pai. Seu pai, se bem me lembro, faleceu há muitos anos. Ele estava, portanto, com seu irmão mais velho.

— Até agora, correto — disse eu. — Mais alguma coisa?

— Ele era um homem bem displicente... muito displicente e descuidado. Foi deixado com boas perspectivas, mas desperdiçou suas oportunidades, viveu algum tempo na pobreza com breves intervalos de prosperidade e, finalmente, passou a beber e veio a falecer. Isso é tudo que consigo deduzir.

Dei um pulo da cadeira e saí mancando pela sala, com grande amargura no coração.

— Isso é indigno de você, Holmes — disse eu. — Não posso acreditar que você desceria a um nível tão baixo. Fez indagações sobre a história de meu pobre irmão e agora finge deduzir esse conhecimento de um modo fantasioso. Não pode esperar que eu acredite que decifrou tudo isso com

esse relógio velho! Isso é descortês e, para dizer a verdade, tem um tom de charlatanismo.

— Meu caro Watson — disse ele, bondosamente —, rogo que aceite minhas desculpas. Olhando a questão como um problema abstrato, eu me esqueci do quanto poderia ser pessoal e doloroso para você. Asseguro-lhe, no entanto, que jamais soube que você sequer tivesse um irmão até que me entregou o relógio.

— Então, mediante que milagre obteve todos esses fatos? Eles estão absolutamente corretos, em cada detalhe.

— Ora, foi sorte. Posso dizer que foi apenas o resultado da probabilidade. De forma alguma eu esperava ser tão preciso.

— Mas não foi somente adivinhação?

— Não, não, eu nunca adivinho. É um péssimo hábito, danoso às faculdades lógicas. O que lhe parece estranho assim é somente por você não acompanhar minha sequência de ideias, ou observar os pequenos fatos de que grandes conclusões podem depender. Por exemplo, comecei dizendo que seu irmão era displicente. Observando a parte inferior da caixa do relógio, perceba que não está apenas amassada, em dois lugares, mas toda arranhada e marcada por ter sido guardada no mesmo bolso com outros objetos rijos, como moedas ou chaves. Certamente não é uma grande façanha supor que seja displicente um homem que trata um relógio de cinquenta guinéus com tanto desdém. Tampouco é uma conclusão ousada supor que um homem herdeiro de objeto tão valioso seja igualmente bem provido em outros aspectos.

Assenti para mostrar que acompanhava seu raciocínio.

— Quando estão de posse de um relógio, os penhoristas da Inglaterra têm o costume de riscar os números da cautela com um alfinete no interior da caixa. É mais prático que uma etiqueta, pois não há perigo de o número se perder, ou ser trocado. No interior da caixa, há nada menos que quatro desses números visíveis à minha lupa. Conclusão secundária: ele passou por fases alternadas de prosperidade, ou não teria conseguido resgatar o penhor. Por fim, peço-lhe que veja a placa interior, que contém o orifício para a chave. Veja os milhares de arranhões em volta, marcas decorrentes do atrito da chave. Como a chave de um homem sóbrio teria produzido ranhuras como essas? Mas você nunca verá o relógio de um bêbado sem elas. Ele lhe

dá corda à noite, e deixa esses sinais pela mão vacilante. Onde está o mistério em tudo isso?

— É claro como o dia — respondi. — Lamento por ter sido injusto. Eu deveria ter tido mais fé em suas habilidades maravilhosas. Posso perguntar se tem alguma investigação profissional em curso no momento?

— Nenhuma. Por isso a cocaína. Não consigo viver sem trabalho intelectual. Que outra razão há para se viver? Chegue aqui, junto à janela. Será que já existiu um mundo tão monótono, melancólico e inútil? Olhe como o nevoeiro amarelado rodopia acima da rua e paira sobre as casas cinzentas. O que poderia ser mais irremediavelmente prosaico? De que valem as habilidades, Doutor, se não temos nenhum campo no qual exercê-las? O crime é trivial, a existência é trivial, e nenhuma habilidade, exceto as que são triviais tem função alguma sobre a terra.

Cheguei a abrir a boca para replicar, quando, com uma batida forte, nossa governanta entrou, trazendo um cartão na bandeja de bronze.

— Uma moça quer vê-lo, senhor — informou ela, dirigindo-se ao meu companheiro.

— Srta. Mary Morstan — leu ele. — Hum... Não me lembro desse nome. Peça à moça que suba, Sra. Hudson. Não vá, Doutor. Prefiro que fique.

[1] Respectivamente, em tradução livre: “esplêndido”, “que façanha!” e “golpes de mestre”.

A exposição do caso



A Srta. Morstan adentrou a sala com um passo firme e aparentemente tranquila. Era uma jovem loura, miúda e delicada, de mãos caprichosamente enluvadas e trajada de modo impecável. Em seu traje, no entanto, havia uma simplicidade que sugeria recursos limitados. O vestido era de tom bege escuro, acinzentado, sem detalhes nem debruns, e ela usava um pequeno turbante do mesmo tom insosso, realçado apenas por uma ínfima pluma branca na lateral. Seu rosto não tinha nem traços regulares, nem uma bela pele, mas sua expressão era meiga e amistosa, seus imensos olhos azuis eram particularmente espirituais e compreensivos. Em minha vivência com mulheres, que se estende por muitas nações e três continentes, jamais vi um rosto que guardasse mais claramente uma natureza refinada e sensível. Não pude deixar de observar que, quando tomou o assento que Holmes lhe oferecera, seus lábios e mãos tremiam, e ela demonstrava todos os sinais de nervosismo contido.

— Vim procurá-lo, Sr. Holmes — disse ela —, porque uma vez o senhor permitiu à minha patroa, Sra. Cecil Forrester, solucionar um pequeno problema doméstico. Ela ficou muito impressionada com sua bondade e habilidade.

— Sra. Cecil Forrester — repetiu ele, pensativo. — Creio que lhe tenha prestado algum serviço irrelevante. Pelo que me lembro, no entanto, o caso foi bem simples.

— Ela não pensava assim. Mas não se pode dizer o mesmo do meu. Mal consigo imaginar coisa mais estranha, mais inexplicável, que a situação em que me encontro.

Holmes esfregou as mãos e os olhos cintilaram. Inclinou-se à frente em sua poltrona com uma expressão de incrível concentração nos traços bem definidos e aquilinos.

— Explique seu caso — disse ele, em tom breve e profissional.

Senti que eu estava em uma posição embaraçosa.

— A senhora certamente me perdoará — falei ao me levantar.

Para minha surpresa, a jovem estendeu a mão enluvada para me impedir.

— Se o seu amigo — disse ela — tiver a bondade de ficar, pode ser de ajuda inestimável para mim.

Sentei-me novamente.

— Vou resumir os fatos — continuou ela. — Meu pai, oficial em um regimento indiano, mandou-me de volta para casa quando eu era bem pequena. Minha mãe havia morrido e eu não tinha nenhum parente na Inglaterra. Contudo, puseram-me em um confortável internato em Edimburgo, e lá fiquei até completar dezessete anos. Em 1878, meu pai, que era capitão veterano de seu regimento, obteve uma licença de doze meses e veio para a Inglaterra. Ele me telegrafou de Londres contando que havia chegado bem e pedindo que eu voltasse para cá imediatamente, dando como seu endereço o Langham Hotel. Lembro-me que sua mensagem estava repleta de bondade e amor. Ao chegar a Londres, fui até o Langham e disseram-me que o capitão Morstan estava hospedado lá, mas saíra na noite da véspera e não regressara. Esperei o dia todo, sem qualquer notícia dele. Naquela noite, a conselho do gerente do hotel, entrei em contato com a polícia e, na manhã seguinte, nós publicamos anúncios em todos os jornais. Nossas indagações não resultaram em nada; e, desde aquele dia, jamais se soube algo sobre meu pobre pai. Ele voltou à pátria cheio de esperança de encontrar um pouco de paz, algum conforto e, em vez disso...

Ela levou a mão ao pescoço e um soluço contido terminou a frase.

— A data? — perguntou Holmes, abrindo sua agenda.

— Ele desapareceu no dia 3 de dezembro de 1878, há quase dez anos.

— A bagagem dele?

— Ficou no hotel. Nela não havia nada que servisse de pista... algumas roupas, alguns livros, e um número expressivo de curiosidades das ilhas Andamão. Ele tinha sido um dos oficiais encarregados da guarda dos prisioneiros de lá.

— Ele tinha algum amigo na cidade?

— Pelo que sabemos, apenas um, o major Sholto, de seu próprio regimento, o 34º Regimento de Infantaria de Bombaim. O major havia se reformado um tempo antes e morava em Upper Norwood. Entramos em contato com ele, claro, que sequer sabia que seu companheiro estava na Inglaterra.

— Um caso singular — observou Holmes.

— Ainda não lhe descrevi a parte mais singular. Há cerca de seis anos, no dia 4 de maio de 1882, para ser exata, apareceu um anúncio no Times indagando o endereço da Srta. Mary Morstan, e declarando que seria de interesse dela apresentar-se. Não havia nenhum nome ou endereço anexado. Naquele momento, eu começava a trabalhar como governanta para a família da Sra. Cecil Forrester. A conselho dela, publiquei meu endereço na coluna de anúncios. No mesmo dia chegou pelo correio uma caixinha de papelão endereçada a mim. Nela, encontrei uma imensa pérola reluzente. Não havia nenhuma palavra dentro. Desde então, a cada ano, na mesma data, sempre apareceu uma caixa semelhante, contendo uma pérola parecida, sem nenhuma pista do remetente. Segundo um especialista, elas são de uma espécie rara e de considerável valor. Pode ver, por si mesmo, como são lindas.

Enquanto falava, ela abriu uma caixa e mostrou-me seis das mais lindas pérolas que eu já vira.

— Seu relato é extremamente interessante — disse Sherlock Holmes. — Mais alguma coisa lhe ocorreu?

— Sim, e justamente hoje. Foi por isso que eu o procurei. Hoje de manhã eu recebi esta carta, que talvez queira ler.

— Obrigado — disse Holmes. — O envelope também, por favor. Carimbo: Londres, S.W. Data: 7 de julho. Hum! Uma digital de polegar masculino, no canto... provavelmente o carteiro. Papel da melhor qualidade. Envelopes de seis pence o pacote. Um homem exigente com seus artigos de papelaria. Nenhum endereço. “Fique junto à terceira coluna, a partir da esquerda, em frente ao Lyceum Theatre, esta noite, às sete horas. Se estiver desconfiada, leve dois amigos. Foi lesada e a justiça lhe será feita. Não leve a polícia. Se levar, será tudo em vão. Seu amigo desconhecido.” Bem, realmente este é um pequeno enigma encantador! Que pretende fazer, Srta. Morstan?

— Isso é exatamente o que quero lhe perguntar.

— Nesse caso, certamente devemos ir... a senhora, eu e... sim, claro, o Dr. Watson é o homem certo. Seu correspondente diz dois amigos. Ele e eu já trabalhamos juntos em outra ocasião.

— Mas ele iria? — perguntou ela com um tom de súplica na voz e no rosto.

— Será uma honra e um prazer — respondi, fervorosamente —, se eu puder lhe ser útil de alguma forma.

— São ambos muito bondosos — disse ela. — Levei uma vida reclusa e não tenho amigos a quem recorrer. Se eu estiver aqui às seis horas estará bem, não é?

— Não deve chegar mais tarde que isso — respondeu Holmes. — Mas há outra coisa. Essa letra é a mesma dos endereços das caixas das pérolas?

— Estou com eles aqui — avisou ela, pegando meia dúzia de pedaços de papel.

— A senhorita é sem dúvida uma cliente exemplar. Tem a intuição correta. Agora, vejamos. — Ele espalhou os papéis sobre a mesa e deu uma olhada em todos. — A letra está disfarçada, com exceção à carta — disse ele, depois de um instante. — Mas não há dúvida quanto à autoria. Está vendo como a letra E grega surge, e o S floreado no final? Indubitavelmente são todos da mesma pessoa. Não quero dar falsas esperanças, Srta. Morstan, mas há alguma semelhança entre essa letra e a de seu pai?

— Não poderia ser mais diferente.

— Imaginei que diria isso. Ficaremos à sua espera, então, às seis horas. Deixe-me ficar com estes papéis, por favor. Posso analisar o caso até lá. São só três e meia. Então, au revoir.

— Au revoir — disse a nossa visitante; e, lançando o olhar radiante e bondoso a nós dois, ela pôs a caixa de pérolas de volta no colo e logo saiu.

Junto à janela, eu a observei descendo a rua, até que o turbante cinza com a pluma branca não passasse de um pontinho na multidão.

— Mas que mulher atraente! — exclamei ao virar para meu companheiro.

Ele reacendera o cachimbo e estava recostado, de pálpebras caídas.

— É mesmo? — perguntou, languidamente. — Nem notei.

— Você é realmente um autômato... uma máquina de calcular! — exclamei. — Às vezes há algo realmente desumano em você.

Ele sorriu levemente.

— É de suma importância que não deixemos nosso juízo ser influenciado por qualidades pessoais. Para mim, um cliente é meramente uma unidade, o fator de um problema. As qualidades emocionais são antagônicas ao raciocínio claro. Posso lhe garantir que a mulher mais formosa que conheci foi enforcada por envenenar três criancinhas pelo dinheiro do seguro delas, e o homem mais repulsivo que já vi é um filantropo que gastou quase um quarto de milhão com os pobres de Londres.

— Nesse caso, no entanto...

— Nunca faço exceções. Uma exceção anula a regra. Já teve alguma oportunidade de estudar o caráter segundo a caligrafia? O que acha dos rabiscos desse sujeito?

— É uma letra legível e comum — respondi. — Hábitos de um homem de negócios e alguma força de caráter.

Holmes meneou a cabeça.

— Olhe estas letras longas — disse ele. — Mal se elevam uma acima das outras. Aquele d poderia ser um a, e aquele l um e. Homens de caráter sempre diferenciam as letras longas, por mais ilegível que seja a sua caligrafia. Há vacilação nos ks e amor-próprio nas maiúsculas. Vou sair agora. Tenho algumas consultas a fazer. Permita que lhe recomende esse livro... um dos mais notáveis já escritos. *Martyrdom of Man*, de Winwood Reade. Estarei de volta em uma hora.

Sentei-me junto à janela com o livro na mão, mas meus pensamentos iam longe das especulações audazes do autor. Minha mente desviava para nossa visitante recente: seus sorrisos, os tons fortes e profundos de sua voz, o estranho mistério envolvendo sua vida. Se ela tinha dezessete anos na época do desaparecimento do pai, agora devia estar com vinte e sete, uma idade encantadora, em que a juventude perdeu seu acanhamento e já ganhou alguma moderação pela experiência. Permaneci refletindo até que me ocorreram pensamentos tão perigosos que rapidamente segui até a escrivaninha e mergulhei no último tratado de patologia. Quem era eu, um médico do exército, com uma perna enfraquecida, e uma conta bancária ainda mais fraca, para ousar pensar em tais coisas? Ela era uma unidade, um fator... nada além disso. Se meu futuro era sombrio, era melhor encará-lo como um homem, em lugar de tentar adorná-lo com meras ilusões.

Em busca de uma solução



Eram cinco e meia quando Holmes regressou. Ele estava animado, ansioso, de ótimo humor, um estado que, em seu caso, alternava com episódios de terrível depressão.

— Não há nenhum grande mistério nesse assunto — disse ele, pegando a xícara de chá que eu lhe servira. — Os fatos parecem admitir apenas uma explicação.

— O quê? Já o resolveu?

— Bem, isso seria exagero. Descobri um fato sugestivo, apenas isso. No entanto, é bem sugestivo. Ainda carece acrescentar os detalhes. Consultando os arquivos do Times, eu acabo de descobrir que o major Sholto, de Upper Norwood, ex-membro do 34º Regimento de Infantaria de Bombaim, morreu no dia 28 de abril de 1882.

— Talvez eu seja muito obtuso, Holmes, mas não consigo ver o que isso quer dizer.

— Não? Você me surpreende. Então, veja a coisa da seguinte maneira. O capitão Morstan some. A única pessoa em Londres que ele poderia ter visitado é o major Sholto. O major Sholto nega ter sabido que ele estava em Londres. Quatro anos depois, Sholto morre. Menos de uma semana depois de sua morte, a filha do capitão Morstan recebe um presente valioso, que é enviado, repetidamente, ano após ano, culminando com a atual carta que a descreve como “mulher lesada”. A que dano estariam se referindo, se não a essa privação de seu pai? E por que os presentes teriam começado a vir imediatamente após a morte de Sholto, a menos que o herdeiro deste saiba

algo sobre o mistério e deseje recompensá-la? Tem alguma outra teoria que corresponda aos fatos?

— Mas que compensação mais estranha! E feita de um jeito igualmente esquisito! Fora isso, por que haveria ele de escrever uma carta agora, e não seis anos atrás? Além disso, a carta fala de lhe fazer justiça. Que justiça pode ser feita? Seria demais supor que seu pai ainda está vivo. No caso dela, não há outra injustiça de que se tenha conhecimento.

— Há certas dificuldades; certamente há dificuldades — disse Sherlock Holmes, pensativo. — Mas nossa averiguação de hoje à noite resolverá todas elas. Ah, ali está um four-wheeler, e a Srta. Morstan está dentro dele. Está pronto? Então, é melhor descermos, pois estamos ligeiramente atrasados.

Peguei meu chapéu e minha bengala mais pesada, mas notei que Holmes tirou seu revólver da gaveta e o enfiou no bolso. Evidentemente pensava que nosso trabalho da noite poderia ser sério.

A Srta. Morstan estava agasalhada com uma capa escura e sua feição sensível estava serena, apesar de pálida. Seria preciso ser mais que uma mulher para não sentir nenhuma angústia diante daquela estranha aventura em que estávamos ingressando, mas seu autocontrole era perfeito e ela prontamente respondeu às perguntas adicionais feitas por Sherlock Holmes.

— O major Sholto era um amigo muito especial do papai — disse ela. — Suas cartas são repletas de alusões ao major. Ele e papai estavam no comando das tropas nas ilhas Andamão, por isso estavam sempre juntos. Aliás, foi encontrado na escrivaninha do papai um papel curioso que ninguém conseguiu entender. Não dei qualquer importância ao fato, mas achei que talvez quisesse vê-lo e trouxe-o comigo. Aqui está.

Holmes desdobrou o papel cuidadosamente e alisou-o por cima do joelho. Em seguida, examinou-o muito atentamente com sua lente dupla.

— É papel de fabricação nativa indiana — observou. — Em algum momento esteve pregado em um quadro. O diagrama nele contido parece ser a planta de parte de um edifício vultoso, com muitos vestibulos, corredores e passagens. Em um ponto, há uma pequena cruz de tinta vermelha, e sobre ela se lê “3,37 a partir da esquerda”, em uma escrita já desbotada feita a lápis. No canto esquerdo há quatro cruces, semelhantes a um hieróglifo, em linha com os antebraços se tocando. Ao lado, está escrito, em caracteres bem rústicos: “O signo dos quatro – Jonathan Small, Mahomet Singh, Abdullah Khan, Dost Akbar”. Não, confesso que não vejo

que relação isso pode ter com o caso. Mas é evidente que se trata de um documento importante. Foi cuidadosamente guardado em uma carteira, pois está tão limpo de um lado quanto de outro.

— Foi na carteira dele que nós o encontramos.

— Sendo assim, guarde-o com cuidado, Srta. Morstan, pois pode vir a ser útil para nós. Começo a suspeitar que esse assunto pode ser bem mais profundo e sutil do que eu havia suposto no início. Preciso reconsiderar minhas impressões.

Ele se recostou na carruagem e eu pude ver, pela testa retraída e os olhos vagos, que estava absorto em pensamentos. A Srta. Morstan e eu ficamos papeando baixinho, falando sobre aquela expedição e seu possível resultado, mas nosso companheiro manteve-se reservado e impenetrável até o fim do trajeto.

Era um fim de tarde de setembro e ainda não eram sete horas, mas havia sido um dia sombrio, chuviscava e um nevoeiro denso recaía sobre a grande cidade. Nuvens cor de lama pendiam desanimadoramente acima das ruas enlameadas. Ao longo do Strand, os lampiões não passavam de borrões de luz difusa que projetavam um reflexo débil e tremulante na calçada escorregadia. O clarão amarelo das vitrines penetrava o ar denso, lançando fachos tenebrosos pela rua apinhada. Eu tinha a impressão de que havia algo sinistro e fantasmagórico na procissão infindável de rostos que rapidamente passavam por esses estranhos fachos de luz; rostos tristes e alegres, abatidos e risonhos. Como toda humanidade, moviam-se rapidamente da escuridão para a luz, e voltavam à escuridão. Não sou sujeito a impressões, mas a tarde enevoada, pesada, mesclada ao estranho negócio em que estávamos envolvidos, deixou-me nervoso e deprimido. Pelos modos da Srta. Morstan, eu via que ela estava tomada pelo mesmo sentimento. Só Holmes conseguia se sobrepôr a essas influências efêmeras. Mantinha sua agenda aberta no colo e, de tempo em tempo, anotava números e lembretes à luz de sua lanterna de bolso.

No Lyceum Theatre, a multidão já se formava junto às entradas laterais. Na frente, de uma procissão de ruidosos hansoms e four-wheelers, desembarcavam homens de peitilho engomado e mulheres trajando capas e repletas de diamantes. Mal tínhamos chegado à terceira coluna, local de nosso encontro, quando um moreno baixinho arisco vestido de cocheiro nos abordou.

— São os acompanhantes da Srta. Morstan? — perguntou ele.

— Sou a senhorita Morstan e estes dois cavalheiros são meus amigos — respondeu ela.

Ele nos fitou com olhar penetrante e inquisitivo.

— Perdoe-me, senhorita — disse ele, com tom insistente —, mas tenho que lhe pedir sua palavra de que nenhum de seus companheiros é da polícia.

— Tem minha palavra — respondeu ela.

Ele deu um assobio agudo, e um garoto de rua trouxe um four-wheeler e abriu a porta. O homem que falara conosco subiu na dianteira, enquanto nós entramos na cabine. Mal havíamos nos instalado quando o cocheiro fustigou o cavalo e saímos rapidamente pelas ruas enevoadas.

Era uma situação curiosa. Seguíamos para um local desconhecido, com uma missão desconhecida. No entanto, ou o convite que recebêramos era uma enganação absoluta, hipótese inconcebível, ou tínhamos bons motivos para achar que assuntos importantes dependiam de nossa viagem. A postura da Srta. Morstan estava resolvida e controlada como sempre. Procurei alegrá-la e diverti-la falando de minhas aventuras no Afeganistão, mas, a bem da verdade, eu mesmo estava tão ansioso com a situação, e tão curioso quanto ao nosso paradeiro, que minhas histórias ficaram meio confusas. Até hoje ela afirma que eu lhe contei uma história comovente sobre um mosquete que entrou em minha barraca, tarde da noite, e como disparei um filhote de tigre de cano duplo contra ele. No começo, eu fazia alguma ideia da direção em que estávamos seguindo, mas, depois, por conta de nossa velocidade, da neblina e de meu conhecimento limitado de Londres, fiquei desorientado, sem saber de nada, exceto que seguíamos por um trajeto bem longo. Sherlock Holmes nunca se enganava, porém, e ia murmurando nomes à medida que o carro avançava, aos trancos, passando pelas quadras, entrando e saindo de ruas sinuosas.

— Rochester Row — disse ele. — Agora Vincent Square. Agora saímos na Vauxhall Bridge Road. Parece que estamos indo para o lado de Surrey. Sim, é o que pensei. Agora estamos seguindo sobre a ponte. Dá para ter um vislumbre do rio.

De fato tivemos uma visão passageira de um trecho do Tâmesa, com as lâmpadas refletidas na água vasta e silenciosa; mas nosso carro fez uma conversão e logo seguiu por um labirinto de ruas do lado oposto.

— Wordsworth Road — disse meu companheiro. — Priory Road. Lark Hall Lane. Stockwell Place. Robert Street. Cold Harbour Lane. Nossa busca não parece nos levar para regiões muito refinadas.

Havíamos de fato chegado a uma vizinhança questionável e perigosa. Longas linhas de casas de tijolinho abrandadas apenas pelo clarão vulgar das tabernas de esquina. Depois vieram as fileiras de sobrados de dois andares, cada um com um jardim em miniatura na frente, depois novamente fileiras intermináveis de prédios de tijolos novos e espalhafatosos, tentáculos monstruosos que a cidade gigantesca lançava em direção ao campo. Por fim, a carruagem parou diante da terceira porta de um novo punhado de casas geminadas. Nenhuma das outras casas estava ocupada e aquele onde paramos estava tão escura quanto as vizinhas, exceto por uma única luz empalidecida na janela da cozinha. Porém, ao batermos, a porta foi logo aberta por um criado hindu de turbante amarelo, roupas brancas e largas e uma faixa igualmente amarela. Havia algo de estranhamente incompatível nessa figura oriental emoldurada pelo portal simples de uma morada suburbana de terceira classe.

— O sahib os aguarda — informou ele, e, enquanto falava, ouviu-se uma voz aguda e estridente vinda de algum cômodo interno.

— Traga-os aqui, khitmutgar — disse a voz. — Traga-os aqui imediatamente.

A história do calvo



Seguimos o indiano por uma galeria sórdida e comum, de iluminação ruim e mobília ainda pior, até chegarmos a uma porta à direita, que ele abriu. Fomos banhados por um fecho de luz amarelada e no centro havia um homenzinho de cabeça bem pontuda, com uma auréola de cabelos ruivos eriçados e um couro cabeludo careca e reluzente, mais parecendo um pico montanhoso. De pé, retorcia as mãos, com as feições em contínuo movimento – ora sorrindo, ora franzindo as sobrancelhas, mas nunca imóveis. A natureza lhe dera lábios caídos e dentes projetados, amarelos e irregulares, que ele tentava, em vão, esconder, passando constantemente a mão na parte inferior do rosto. Apesar da calvície evidente, parecia ser jovem. De fato, mal havia chegado aos trinta anos.

— Seu criado, Srta. Morstan — repetia em uma voz fina e aguda. — Seu criado, cavalheiros. Por favor, entrem em meu pequeno santuário. Um lugar pequeno, senhorita, mas mobiliado a meu gosto. Um oásis no desolado deserto do sul londrino.

Ficamos todos espantados diante do aspecto do cômodo que ele nos convidava a entrar. Naquela casa deplorável, parecia tão deslocado quanto um diamante em um engaste de latão. As mais ricas e brilhosas cortinas e tapeçarias forravam as paredes, afastadas em alguns lugares para expor uma pintura ricamente emoldurada ou um vaso oriental. O tapete era âmbar e preto, tão macio e espesso que o pé afundava agradavelmente, como em um leito de musgo. Duas imensas peles de tigre estendidas obliquamente sobre ele aumentavam a impressão do luxo oriental, bem como o enorme narguilé em um canto, em cima da esteira. No centro da sala, uma lamparina em

formato de pomba pendia de um fio de ouro quase invisível. Enquanto ardia, permeava o ar com um aroma sutil e perfumado.

— Sr. Thaddeus Sholto — disse o homenzinho, ainda remexendo o rosto e sorrindo. — Este é meu nome. A senhora é a Srta. Morstan, é claro. E esses cavalheiros...

— Este é o Sr. Sherlock Holmes e este é o Dr. Watson.

— Um médico, hã? — exclamou ele, em alvoroço. — Trouxe seu estetoscópio? Posso lhe pedir... faria uma gentileza? Tenho grandes dúvidas quanto à minha válvula mitral, se tivesse a bondade. Posso confiar na aórtica, mas gostaria de sua opinião a respeito da mitral.

Auscultei-lhe o coração, como pediu, mas não consegui encontrar nada de errado, exceto, de fato, que ele estava agitado pelo medo, pois tremia dos pés à cabeça.

— Parece normal — falei. — Não há motivo para se preocupar.

— Peço perdão por minha ansiedade, Srta. Morstan — disse ele com afetação. — Sou muito doente e há tempos desconfio dessa válvula. Alegro-me em saber que são desconfianças infundadas. Se seu pai, Srta. Morstan, tivesse evitado exigir demais de seu coração, talvez estivesse vivo agora.

Eu poderia tê-lo acertado na cara, tal foi minha ira diante desse comentário insensível e incalculado a respeito de um assunto tão delicado. A Srta. Morstan se sentou com o rosto empalidecido.

— No fundo de meu coração eu sabia que ele estava morto — disse ela.

— Posso lhe dar todas as informações — disse ele. — Mais ainda, eu posso lhe fazer justiça; e é o que farei, não importa o que o irmão Bartholomew diga. Estou muito satisfeito por ter seus amigos aqui, não só como seus acompanhantes, mas também como testemunhas do que estou prestes a fazer e dizer. Nós três podemos enfrentar o irmão Bartholomew. Mas nada de estranhos... nada de polícia nem autoridades. Podemos acertar tudo de maneira satisfatória entre nós, sem qualquer interferência. Nada irritaria o irmão Bartholomew mais do que publicidade.

Ele se sentou em um pufe baixo e nos olhou inquisitivamente com seus olhos azuis fracos e lacrimosos.

— De minha parte — disse Holmes —, qualquer coisa que decida fazer não sairá daqui.

Assenti concordando.

— Ótimo! Ótimo! — exclamou ele. — Posso lhe oferecer um copo de Chianti, Srta. Morstan? Ou de Tokay? São os únicos vinhos que tenho. Devo abrir uma garrafa? Não? Bem, nesse caso, espero que não faça objeção ao fumo, ao perfume balsâmico do tabaco oriental. Estou meio nervoso e considero meu narguilé um sedativo inestimável.

Ele aproximou a vela do grande forninho e a fumaça borbulhou alegremente através da água de rosas. Nós três nos sentamos em um semicírculo, as cabeças estendidas à frente e os queixos apoiados nas mãos, enquanto, constrangido, o homenzinho careteiro de cabeça pontuda e reluzente dava suas baforadas no centro.

— Quando decidi lhe fazer essa comunicação — disse ele —, poderia ter lhe dado meu endereço. No entanto, tive receio que pudesse desconsiderar meu pedido e trazer pessoas desagradáveis consigo. Desse modo, tomei a liberdade de marcar um encontro de forma que meu criado Williams os visse primeiro. Confio inteiramente em seu discernimento e ele tinha ordens para que, caso ficasse insatisfeito, não levasse o plano adiante. Vão me perdoar por essas preocupações, mas sou um homem de gostos bem reclusos, posso até dizer refinados, e não há nada mais inestético que um policial. Sinto uma aversão natural por todas as formas de materialismo rude, e é raro que eu tenha contato com a multidão grosseira. Como vocês podem ver, eu vivo cercado por minha pequena atmosfera de elegância. Posso me intitular um protetor das artes. Essa é a minha fraqueza. A paisagem é um Corot autêntico e, embora um connoisseur talvez possa lançar dúvida sobre aquele Salvator Rosa, não há a menor dúvida quanto ao Bouguereau. Sou apreciador da escola francesa moderna.

— Perdoe-me, Sr. Sholto — começou a Srta. Morstan —, mas vim aqui a seu pedido para ser informada sobre algo que deseja me contar. Está muito tarde e eu gostaria que nosso encontro fosse o mais breve possível.

— Na melhor das hipóteses ele deverá demandar algum tempo — respondeu ele —, pois certamente teremos de ir a Norwood para ver o irmão Bartholomew. Iremos todos para ver se conseguimos nos sair bem. Ele está muito enraivecido comigo por ter tomado o caminho que me pareceu correto. Tivemos uma altercação exaltada ontem à noite. Você não faz ideia de que sujeito terrível ele é quando fica irritado.

— Se temos de ir a Norwood, talvez fosse melhor partir imediatamente — arrisquei comentar.

Ele riu até ficar de orelhas vermelhas.

— Sem condições — exclamou. — Não sei o que ele diria se eu os levasse repentinamente. Não, eu preciso prepará-los, mostrando-lhes em que pé estamos um em relação ao outro. Primeiramente, devo lhes dizer que há vários pontos da história que eu mesmo ignoro. Só posso lhes apresentar os fatos na medida em que os conheço.

“Meu pai era, como talvez já imaginem, o major John Sholto, ex-membro do Exército indiano. Ele se reformou há cerca de onze anos e veio morar em Pondicherry Lodge, em Upper Norwood. Prosperou na Índia e trouxe consigo considerável quantia de dinheiro, uma vasta coleção de curiosidades valiosas e vários criados nativos. Com essas vantagens, comprou uma casa e viveu de forma luxuosa. Meu irmão gêmeo Bartholomew e eu éramos seus únicos filhos.

“Lembro-me muito bem da sensação causada pelo desaparecimento do capitão Morstan. Lemos os detalhes nos jornais e, sabendo que ele havia sido amigo de nosso pai, discutimos o caso abertamente em sua presença. Ele costumava participar de nossas especulações quanto ao que poderia ter acontecido. Nunca, nem por um instante, suspeitamos de que ele guardasse o segredo todo no próprio peito; que, entre todos os homens, ele era o único que conhecia o destino de Arthur Morstan.

“Sabíamos, porém, que algum mistério, algum perigo real, pairava sobre nosso pai. Ele tinha muito medo de sair sozinho, e sempre empregava dois pugilistas para servirem de porteiros em Pondicherry Lodge. Williams, que os trouxe até aqui esta noite, era um deles. Foi outrora campeão dos pesos leves da Inglaterra. Nosso pai nunca nos contou seus temores, mas tinha extrema aversão aos homens com pernas de pau. Em certa ocasião, chegou até mesmo a disparar seu revólver em um perna de pau, que se provou inofensivo comerciante em busca de encomendas. Tivemos que pagar uma quantia significativa para abafar o caso. Meu irmão e eu achávamos que isso fosse mero capricho de meu pai, mas os acontecimentos posteriores fizeram com que mudássemos de opinião.

“No começo de 1882, meu pai recebeu uma carta da Índia que o chocou profundamente. Ao abri-la, quase desmaiou à mesa do desjejum e, desde esse dia, adoeceu cada vez mais, até morrer. Não conseguimos descobrir o que a carta dizia, mas pude ver, quando ele a segurava, que era curta e escrita com uma letra garranchada. Fazia anos que ele vinha sofrendo com

um inchaço no baço, mas então piorou rapidamente e no fim de abril fomos informados de que estava condenado e desejava fazer uma última comunicação.

“Quando adentramos seu quarto, ele estava recostado em travesseiros e respirava com dificuldade. Rogou que trancássemos a porta e ficássemos em ambos os lados de sua cama. Então, envolvendo nossas mãos com as suas, ele fez uma declaração incrível em uma voz embargada de emoção e dor. Farei um esforço para repeti-la da forma mais fiel possível.

“Há apenas uma coisa” — disse ele — “pesa em minha consciência nesse momento supremo. A forma como tratei a pobre órfã de Morstan. A maldita cobiça que foi um pecado constante durante toda minha vida e a privou de seu tesouro, do qual pelo menos a metade deveria ter sido dela. Porém, eu mesmo não fiz uso dele, tão cega e insensata é a avareza. A mera sensação de posse me era tão cara que eu não conseguiria aguentar ter que partilhá-lo com mais ninguém. Estão vendo aquele diadema guarnecido de pérolas junto ao frasco de quinino? Nem dele suportei me separar, embora o tenha tirado com a intenção de enviá-lo para ela. Vocês, meus filhos, vão dar a ela uma justa parte do tesouro de Agra. Mas não lhe enviem nada, nem mesmo o diadema, até que eu me vá. Afinal, homens que estiveram tão doentes como estou conseguiram se recuperar.

“Vou contar a vocês como foi que Morstan morreu” — continuou ele. — “Ele já sofria do coração havia anos, mas escondia isso de todos. Eu era o único que tinha conhecimento disso. Na Índia, graças a uma série de circunstâncias, quando ele e eu ficamos de posse de um tesouro extraordinário. Eu o trouxe para a Inglaterra e, na noite em que chegou, Morstan seguiu direto para cá a fim de reclamar sua parte. Veio a pé da estação e foi recebido por meu velho e fiel Lal Chowdar, que já faleceu. Morstan e eu tínhamos opiniões divergentes a respeito da divisão do tesouro e chegamos a trocar palavras inflamadas. Morstan havia se levantado de sua cadeira de um salto em meio a uma crise de raiva quando subitamente levou a mão ao peito, seu rosto adquiriu uma tonalidade escura e ele caiu para trás, cortando a cabeça na quina da arca do tesouro. Ao me debruçar sobre ele constatee, para meu horror, que estava morto.

“Durante muito tempo fiquei ali, sentado e aturdido, perguntando-me o que deveria fazer. Naturalmente, meu primeiro impulso foi pedir ajuda, mas não pude deixar de reconhecer que havia grandes chances que eu fosse

acusado de tê-lo assassinado. Sua morte, em meio a uma briga, e o corte em sua cabeça, deporiam contra mim. Além disso, não era possível que um inquérito oficial ocorresse sem que fatos sobre o tesouro fossem revelados, fatos que eu estava particularmente aflito para manter em segredo. Ele havia me dito que não havia viva alma que sabia para onde ele tinha ido. E, para mim, parecia não haver necessidade de que alguém viesse a saber.

“Ainda estava ponderando sobre isso, quando, ao erguer os olhos, avistei meu criado, Lal Chowdar, no vão da porta. Ele entrou e a trancou atrás de si. Não tema, sahib, disse ele; ninguém precisa saber que o senhor o matou. Podemos escondê-lo e quem saberá? ‘Não o matei,’ eu disse. Lal Chowdar meneou a cabeça e sorriu. Ouvi tudo, sahib, disse ele. Ouvi a briga e ouvi o golpe. Meus lábios estão lacrados. Todos na casa estão dormindo. Vamos escondê-lo juntos. Foi o suficiente para que eu me decidisse. Se nem meu criado conseguia acreditar que eu era inocente, como poderia eu esperar que convenceria uma dúzia de comerciantes parvos em uma banca de jurados? Naquela noite, Lal Chowdar e eu demos fim ao corpo e, depois de alguns dias, os jornais de Londres estavam apinhados de relatos sobre o misterioso desaparecimento do capitão Morstan. Pelo que digo, vocês verão que eu dificilmente poderia ser culpado por isso. Meus equívocos repousam no fato de termos escondido não apenas o corpo, mas também o tesouro, e por eu ter me apossado da parte de Morstan além da minha. Portanto, meu desejo é que façam a restituição. Venham e aproximem seus ouvidos à minha boca. O tesouro está escondido no...

“Nesse instante, sua expressão mudou de forma terrível; os olhos se arregalaram, o queixo caiu e ele gritou, com uma voz que jamais me esqueci: ‘Não o deixem entrar! Pelo amor de Deus, não o deixem entrar!’ Viramos os dois para a janela atrás de nós, onde ele fixava o olhar. Um rosto fitava na escuridão. Era possível distinguir a mancha branca onde o nariz achatava a vidraça. O rosto era barbudo, de olhos selvagens e cruéis, com uma expressão de perversidade concentrada. Meu irmão e eu corremos em direção à janela, mas o homem havia desaparecido. Quando regressamos ao leito de meu pai, sua cabeça pendia e seu pulso cessara de bater.

“Naquela noite, vasculhamos o jardim, mas não encontramos sinal do intruso, com exceção de uma única pegada deixada em um canteiro bem embaixo da janela. Se não fosse por isso, poderíamos ter achado que aquele rosto feroz era fruto de nossa imaginação. No entanto, logo em seguida

tivemos outra e mais impactante prova da existência de forças ocultas ao nosso redor. A janela do quarto de meu pai estava aberta pela manhã. Os armários e caixas haviam sido revirados e, em cima de seu peito, havia um pedaço de papel rasgado em que se lia: “O signo dos quatro”. O significado delas, ou quem teria sido nosso visitante, jamais descobrimos. Até onde pudemos calcular, nenhum pertence de meu pai havia sido roubado, embora tudo estivesse revirado. Naturalmente, meu irmão e eu associamos esse incidente singular ao temor que havia assombrado meu pai durante sua vida, mas ele continua sendo um mistério completo para nós.

O homenzinho interrompeu a fala para reacender seu narguilé e fumou pensativo por alguns minutos. Sentados em nossos lugares, estávamos todos envolvidos ouvindo esse relato impressionante. Durante a breve narrativa da morte de seu pai, a Srta. Morstan ficara mortalmente empalidecida e, por um momento, temi que estivesse prestes a desmaiar. Mas ela se recuperou com um copo d’água que lhe entreguei em silêncio de uma garrafa veneziana que vi em uma mesinha. Sherlock Holmes estava recostado na cadeira com uma expressão distraída e as pálpebras semicerradas sobre os olhos cintilantes. Ao observá-lo, não pude deixar de pensar como ele havia se queixado da trivialidade da vida mais cedo naquele dia. Ali, pelo menos estava um problema que exigiria o máximo de sua perspicácia. O Sr. Thaddeus Sholto nos percorria com o olhar, com orgulho evidente diante do efeito causado pelo relato, e em seguida prosseguiu, em meio às baforadas que produzia com o imenso cachimbo.

— Como podem imaginar — disse ele —, meu irmão e eu ficamos muito agitados com o tesouro de que meu pai falara. Durante semanas e meses, nós cavamos e vasculhamos cada canto do jardim sem descobrir sua localização. Era enlouquecedor pensar que o esconderijo estivera nos lábios dele no momento de sua morte. Era possível avaliar o esplendor das riquezas desaparecidas com o diadema. Meu irmão Bartholomew e eu discutimos um bocado por esse diadema. Era evidente que as pérolas tinham grande valor e ele não aceitava se desfazer delas, pois, aqui entre nós, ele próprio era um pouco propenso ao defeito de meu pai. Ele também achava que se nos desfizéssemos do diadema poderíamos suscitar boatos, acabando por nos envolver em apuros. Não pude fazer nada além de convencê-lo a me deixar descobrir o endereço da Srta. Morstan e enviar-lhe uma pérola avulsa, em intervalos fixos, a fim de que ao menos ela nunca conhecesse a privação.

— Foi uma ideia generosa — disse nossa companheira de forma sincera.
— Foi um ato de extrema bondade por parte dos senhores.

O homenzinho fez um gesto com a mão, contestando.

— Nós éramos seus depositários — disse ele. — Assim que eu enxergava as coisas, apesar de meu irmão Bartholomew não conseguir vê-las exatamente assim. Nós tínhamos dinheiro suficiente. Eu não queria mais. Além disso, teria sido de péssimo tom tratar uma jovem dama de maneira tão mesquinha. *Le mauvais goût mène au crime*^[2]. Os franceses têm uma maneira bem contundente de expressar essas coisas. Nossa divergência de opinião sobre esse assunto chegou a tal ponto que decidi que era melhor vir morar sozinho. Então, deixei Pondicherry Lodge, trazendo o khitmutgar e Williams comigo. No entanto, ontem fiquei sabendo que ocorrera um fato de extrema importância. O tesouro havia sido descoberto. Comuniquei-me imediatamente com a Srta. Morstan e agora só nos resta ir até Norwood e reclamar nossa parte. Ontem à noite comuniquei meu ponto de vista ao irmão Bartholomew, de modo que seremos visitantes esperados, se não bem-vindos.

O sr. Thaddeus Sholto calou-se e ficou sentado, remexendo-se em seu pufe suntuoso. Ficamos todos em silêncio, absortos no novo desdobramento do caso misterioso. Holmes foi quem se levantou primeiro.

— O senhor agiu muito bem do começo ao fim, senhor — disse ele. — Existe a possibilidade de que sejamos capazes de lhe dar uma pequena retribuição elucidando o que continua obscuro a seus olhos. Mas, como a Srta. Morstan mencionou há pouco, já está tarde e o melhor seria resolver as coisas o mais rápido possível.

Nosso novo conhecido enrolou o tubo de seu narguilé de forma meticulosa e apanhou atrás de uma cortina um comprido sobretudo com gola e punhos de astracã, abotoado com alamares. Fechou-o até em cima, apesar da noite abafada e deu um toque final em seus trajes com um barrete de pele de coelho com abas pendentes que cobriam suas orelhas de modo que nada não se via a não ser seu rosto móvel e emaciado.

— Minha saúde é um tanto quanto frágil — observou ele, conduzindo-nos pela galeria. — Sou obrigado a agir como um valetudinário.

Nossa carruagem nos aguardava do lado de fora, e era evidente que nosso programa fora organizado de antemão, porque o cocheiro logo

fustigou o cavalo a partir a galope. Thaddeus Sholto tagarelava sem parar com uma voz que se sobrepunha ao tropel das rodas.

— Bartholomew é um sujeito esperto — disse. — Como acham que descobriu onde estava o tesouro? Ele concluíra que devia estar em algum ponto dentro de casa. Portanto, calculou toda a área cúbica dela e fez medições meticulosas por todo lado, de modo que nem um centímetro ficou de fora. Entre outras coisas, constatou que o prédio tinha quase vinte e três metros de altura, mas ao somar o pé-direito de todos os pavimentos, incluindo o espaço entre eles, os quais conferiu por meio de perfurações, não conseguiu chegar a mais que vinte e um metros e trinta centímetros. Havia, então, um metro e vinte centímetros não justificados, que só poderiam estar no teto da casa. Então, abriu um buraco no teto de estuque e ripas do cômodo mais alto e lá, como já imaginava, de fato avistou sobre ele outro sótão, que havia sido selado e cuja existência todos ignoravam. No centro dele, sobre duas vigas, estava a arca do tesouro. Ele o desceu pelo buraco e lá está ela. Bartholomew calcula o valor das joias em não menos que meio milhão de libras esterlinas.

Diante da menção dessa soma gigantesca, nós três nos entreolhamos boquiabertos. A Srta. Morstan, se fôssemos capazes de garantir-lhe os direitos, passaria de uma governanta necessitada à mais rica herdeira da Inglaterra. Seguramente caberia a um amigo leal jubilar-se com essa notícia. No entanto, envergonho-me de confessar que fui arrebatado pelo egoísmo e que meu coração pesou como chumbo em meu peito. Balbuciei algumas palavras hesitantes ao parabenizá-la e permaneci abatido, de cabeça baixa, alheio ao falatório de meu novo conhecido. Era evidente que ele era um hipocondríaco, pois eu tinha vaga consciência de que despejava uma série interminável de sintomas, rogando por informações acerca da composição e efeito de inúmeras panaceias de curandeiros, algumas das quais trazia no bolso dentro de um estojo de couro. Torço para que não se lembre de nenhuma das respostas que lhe dei aquela noite. Holmes afirma que me ouviu preveni-lo a respeito do grande perigo de tomar mais de duas gotas de óleo de rícino, ao mesmo tempo em que recomendava estricnina em grandes doses como sedativo. De qualquer modo, certamente fiquei aliviado quando nossa carruagem parou com um tranco e o cocheiro saltou para abrir a porta.

— Esta, Srta. Morstan, é Pondicherry Lodge — disse o Sr. Thaddeus Sholto, ajudando-a a descer.

[2] Em tradução livre: “O mau gosto leva ao crime”.

A tragédia de Pondicherry Lodge



Eram quase onze horas quando chegamos à última parte de nossa aventura noturna. Deixáramos para trás o nevoeiro úmido da cidade grande e a noite estava razoavelmente boa. Uma brisa morna soprava do oeste e nuvens pesadas atravessavam o céu lentamente, deixando frestas pelas quais a lua minguante ocasionalmente espiava. Estava claro o suficiente para se enxergar a alguma distância, mas Thaddeus Sholto apanhou uma das lanternas laterais da carruagem para iluminar melhor nosso caminho.

Pondicherry Lodge erguia-se no meio de uma grande propriedade e ficava cercada por um muro bem alto de pedra coberto de cacos de vidro. Um portão estreito guarnecido com ferro era a única forma de acesso. Nosso guia bateu com as palmas típicas de carteiros.

— Quem é? — gritou uma voz rude lá de dentro.

— Sou eu, McMurdo. A essa altura, você certamente já conhece minha batida.

Ouvimos resmungos e um tilintar de chaves. A porta foi aberta pesadamente e um homem baixo, de peito largo, parou no vão, a luz amarela da lanterna iluminando o rosto projetado e olhos piscantes e desconfiados.

— É o Sr. Thaddeus? Mas quem são os outros? O patrão não me deu ordem quanto a eles.

— Não, McMurdo? Você me surpreende! Ontem à noite eu disse ao meu irmão que traria alguns amigos.

— Ele não deixou o quarto hoje, Sr. Thaddeus, e eu não recebi ordem alguma. O senhor sabe muito bem que devo me ater às regras. Posso deixar o senhor entrar, mas seus amigos terão que ficar aí fora.

Era um empecilho inesperado. Thaddeus Sholto olhou em volta com uma expressão perplexa e impotente.

— Está agindo muito mal, McMurdo — disse ele. — Se eu respondo por eles, isso deveria lhe bastar. Além disso, há aqui uma jovem dama. Ela não pode ficar no meio da rua a essa hora da noite.

— Sinto muito, Sr. Thaddeus — lamentou-se o porteiro, irredutível. — Eles podem ser seus amigos, mas não são amigos do patrão. Ele me paga muito bem para que eu cumpra minha obrigação, e é minha obrigação que vou cumprir. Não conheço nenhum dos seus amigos.

— Conhece, sim, McMurdo — exclamou Sherlock Holmes em tom jovial. — Creio que ainda não pode ter se esquecido de mim. Não se lembra daquele amador que disputou três rounds com você nos salões de Alison na noite em seu benefício, quatro anos atrás?

— Ora, se não é o Sr. Sherlock Holmes! — gritou o pugilista. — Por Deus! Como é que não o reconheci? Se em vez de ficar aí tão quieto o senhor tivesse avançado com um daqueles seus cruzados no queixo, eu logo o teria reconhecido. Ah, o senhor desperdiçou seus talentos! Se tivesse seguido carreira no boxe, poderia ter chegado longe.

— Como vê, Watson, se nada mais der certo, uma das profissões científicas continua aberta para mim — disse Holmes, rindo. — Estou certo de que nosso amigo não vai nos deixar ao relento.

— Pode entrar, senhor, pode entrar... O senhor e seus amigos — respondeu ele. — Sinto muito, Sr. Thaddeus, mas as ordens são muito rigorosas. Precisava me certificar em relação aos seus amigos antes de deixá-los entrar.

Lá dentro, uma trilha de cascalho serpenteava pelo terreno desolado até uma edificação grande, quadrada e prosaica, toda envolta nas sombras, exceto pela janela de um sótão, em um canto, em que reluzia um raio de luar. A construção volumosa, com sua escuridão e aquele silêncio mortal, dava calafrios. Até Thaddeus Sholto não parecia tão à vontade e a lanterna tremia em sua mão.

— Não consigo entender — disse ele. — Deve haver algum engano. Eu disse claramente a Bartholomew que nós viríamos aqui, mas ainda assim não vejo luz alguma em sua janela. Não sei o que pensar a respeito disso.

— Ele sempre mantém a casa vigiada dessa maneira? — perguntou Holmes.

— Sim, adotou o mesmo costume de meu pai. Era o filho preferido, sabe, e às vezes penso que meu pai pode ter lhe contado mais coisas do que a mim. Aquela janela ali, onde o luar está refletindo, é a de Bartholomew. Está bem clara, mas me parece que nenhuma luz vem de seu interior.

— De fato nenhuma — disse Holmes. — Mas vejo um lampejo de luz naquela janelinha ao lado da porta.

— Ah, aquele é o quarto da governanta. Ali que fica a velha Sra. Bernstone. Ela poderá nos contar tudo. Mas talvez não se incomodem de esperar aqui por um momento, pois se formos todos juntos, e ela não estiver a par de nossa vida, é capaz que fique assustada. Mas, psiu! Que é isso?

Ele ergueu a lanterna e sua mão tremia tanto que o facho de luz estremecia e oscilava à nossa volta. A Srta. Morstan agarrou meu punho e ficamos todos em silêncio, com o coração aos pulos, aguçando os ouvidos. Do lado totalmente escuro do casarão, em meio ao silêncio da noite, ecoou o mais triste e lúgubre som: uma lamúria estridente e entrecortada de uma mulher amedrontada.

— É a Sra. Bernstone — disse Sholto. — É a única mulher na casa. Aguardem aqui. Voltarei em um instante.

Ele correu em direção à porta e bateu com seu modo peculiar. Vimos quando uma velha alta lhe abriu a porta e estremecer de prazer em vê-lo.

— Oh, Sr. Thaddeus, que bom que o senhor veio! Que bom que veio, senhor!

Ouvimos suas exclamações repetidas de alívio, até que a porta se fechou e sua voz sumiu em um tom monótono e abafado.

Nosso guia nos deixou com a lanterna. Holmes girou-a lentamente, examinando a casa com atenção, vendo os grandes montes de terra espalhados pelo terreno. A Srta. Morstan e eu continuamos juntos, sua mão ainda na minha. Que coisa maravilhosa e sutil é o amor, pois ali estávamos nós dois, que nunca nos víamos antes, que sequer havíamos trocado uma palavra ou mesmo um olhar afetuoso e, no entanto, agora, naquele momento de inquietação, nossas mãos se buscavam instintivamente. Mais tarde, fiquei deslumbrado com isso, mas, naquele instante, parecia a coisa mais natural que eu me aproximasse dela, e, como me disse muitas vezes depois, ela também teve o impulso de se voltar para mim, buscando conforto e proteção. Ficamos assim, de mãos dadas feito duas crianças, e,

apesar de todas as coisas sinistras que nos cercavam, nosso coração estava repleto de paz.

— Que lugar estranho! — disse ela, olhando ao redor.

— Parece que soltaram todas as toupeiras da Inglaterra aqui. Já vi coisa parecida na encosta de um morro, perto de Ballarat, onde garimpeiros haviam feito escavações.

— E pelo mesmo objetivo — disse Holmes. — Esses são os vestígios dos caçadores do tesouro. Não se esqueçam de que eles passaram seis anos em busca dele. Não é de admirar que o terreno pareça uma mina de cascalho.

Nesse momento, a porta da casa se abriu de súbito e Thaddeus Sholto aproximou-se de nós correndo, as mãos estendidas e os olhos aterrorizados.

— Há algo errado com Bartholomew! — gritou ele. — Estou apavorado! Meus nervos não são capazes de suportar isso.

Estava, de fato, quase chorando de medo, e seu rosto frágil e contorcido, sobressalente em meio à enorme gola de astracã, estampava o desamparo suplicante de uma criança apavorada.

— Entremos na casa — disse Holmes com seu jeito firme, decidido.

— Sim, entrem, por favor! — rogou Thaddeus Sholto. — Realmente não me sinto em condições de dar instruções.

Todos nós seguimos até o quarto da governanta, que ficava do lado esquerdo do corredor. A velha andava de um lado para o outro, com uma expressão aterrorizada, remexendo os dedos, mas ao ver a Srta. Morstan, pareceu se acalmar um pouco.

— Deus abençoe seu rosto meigo e tranquilo! — exclamou ela, com um soluço nervoso. — Vê-la me faz bem. Ah, mas passei por duras provações hoje!

Nossa companheira afagou-lhe a mão descarnada e cheia de calos e murmurou algumas palavras de bondoso e feminino consolo, que lobo levaram a cor de volta à face pálida.

— O patrão se trancou e não me responde — explicou ela. — Fiquei esperando que ele me chamasse o dia todo, pois ele gosta de ficar sozinho com certa frequência. Porém, uma hora atrás, temendo que alguma coisa houvesse acontecido, subi e espiei pelo buraco da fechadura. O senhor deve subir, Sr. Thaddeus... Suba e olhe por si mesmo. Já vi o Sr. Bartholomew Sholto na alegria e na tristeza durante dez longos anos, mas nunca o vi com aquela cara.

Sherlock Holmes tomou a lamparina e seguiu na frente, pois Thaddeus Sholto estava rangendo os dentes. Ele estava tão aturdido que tive de segurar seu braço ao subirmos a escada, pois seus joelhos vacilavam. Enquanto subíamos, Sherlock Holmes por duas vezes subitamente sacou a lupa do bolso e examinou minuciosamente marcas que, para mim, pareciam meras manchas sem forma de poeira no tapete de fibra de coco que revestia a escada. Ele subia lentamente, degrau a degrau, mantendo a lamparina baixa e lançando olhares penetrantes à direita e à esquerda. A Srta. Morstan ficara lá embaixo com a governanta apavorada.

O terceiro lance de escada terminava em um corredor estreito e comprido, com uma imensa tapeçaria indiana à direita e três portas à esquerda. Holmes seguiu por ele do mesmo modo lento e metódico, enquanto seguíamos logo atrás, nossas sombras alongadas e negras estendendo-se pelo corredor. A terceira porta era a que buscávamos. Holmes bateu sem receber qualquer resposta e depois tentou girar a maçaneta e forçar para abri-la. Mas estava trancada por dentro e com um trinco forte, como pudemos verificar ao aproximar a lamparina da fechadura. No entanto, como a chave não havia sido girada, o buraco não estava totalmente fechado. Sherlock Holmes curvou-se para olhar e se ergueu no mesmo instante, sorvendo o ar bruscamente.

— Tem algo diabólico nisso, Watson! — disse ele, mais abalado que jamais o vira. — O que acha?

Curvei-me sobre o buraco para espiar e recuei horrorizado. O luar banhava o quarto, dando-lhe um esplendor vago e enganoso. Olhando diretamente para mim, como se estivesse suspenso no ar, porque tudo sob ele estava mergulhado em sombras, pendia um rosto, o mesmíssimo rosto de nosso companheiro Thaddeus. Era a mesma cabeça pontuda, a mesma auréola de cabelos ruivos e eriçados, as mesmas feições pálidas. Os traços, no entanto, estavam inertes, fixas em um sorriso horrendo, um esgar fixo e artificial que naquele quarto silencioso e banhado pelo luar abalava os nervosos mais intensamente que qualquer carranca. Era um rosto tão semelhante ao de nosso amigo que virei-me para ele a fim de me certificar de que realmente estava conosco. Lembrei-me, em seguida, de que ele havia mencionado que ele e o irmão eram gêmeos.

— Que terrível — disse eu a Holmes. — Que fazer agora?

— Temos que arrombar a porta — respondeu ele e, chocando-se contra ela, pôs toda sua força sobre a fechadura.

A porta rangeu, mas não cedeu. Juntos, nós nos lançamos contra ela e, dessa vez, escancarou-se com um estrondo súbito e nos vimos dentro do quarto de Bartholomew Sholto.

O cômodo parecia estar equipado como um laboratório químico. Uma fileira dupla de frascos com tampas de vidro se estendia na parede oposta à porta e a mesa estava repleta de bicos de Bunsen, tubos de ensaio e retortas. Nos cantos, havia garrações de ácido revestidos de um trançado de palha. Um deles parecia estar vazando, ou ter se quebrado, pois dele escorria um fio de líquido escuro, e o ar estava impregnado por um odor particularmente pungente, como de alcatrão. De um lado do cômodo, havia uma escada de mão, em meio a um monte de ripas e estuque, e, acima dela, via-se uma abertura no teto, grande o suficiente para dar passagem a um homem. Ao pé da escada, uma corda comprida estava jogada descuidadamente.

Junto à mesa, em uma poltrona, o dono da casa estava sentado de forma desmantelada, a cabeça afundada no ombro esquerdo e aquele sorriso horripilante e indecifrável no rosto. Estava rígido e frio, e evidentemente morrera muitas horas antes. Pareceu-me que não só seus traços, mas todos os membros estavam contorcidos de modo estranho. Sobre a mesa, ao lado de sua mão, havia um instrumento peculiar: um bastão sólido marrom com ranhuras e uma cabeça de pedra, parecida com a de um martelo, rudemente amarrada com um cordão grosseiro. Ao lado dele estava uma folha rasgada de uma caderneta de anotações na qual havia algumas palavras rabiscadas. Holmes correu os olhos por ela e entregou-a a mim.

— Veja — disse ele, arqueando as sobrancelhas de modo expressivo.

À luz da lamparina, li com um arrepio de horror: “O signo dos quatro”.

— Por Deus, o que significa tudo isso? — perguntei.

— Significa assassinato — respondeu ele, curvando-se acima do morto.

— Ah! Eu esperava isso. Olhe aqui!

Ele apontou ao que parecia um espinho comprido e escuro cravado no pele do morto, pouco acima da orelha.

— Parece um espinho — constatei.

— E é um espinho mesmo. Pode arrancá-lo. Mas tome cuidado, pois contém veneno.

Segurei-o entre o indicador e o polegar. Saiu da pele com tanta facilidade que quase nem deixou marca. Um ínfimo pontinho de sangue surgiu no local da perfuração.

— Isso tudo é um mistério insolúvel para mim — disse eu. — Está ficando cada vez mais obscuro, em lugar de mais claro.

— Pelo contrário — contestou Holmes. — Fica mais claro a cada instante. Preciso apenas de alguns elos perdidos para ter um caso inteiramente coerente.

Quase nos esquecêramos da presença de nosso companheiro desde que tínhamos entrado no aposento. Ele continuava no limiar da porta, a própria personificação do terror, torcendo as mãos e gemendo baixinho. Contudo, subitamente soltou um grito agudo e lamurioso.

— O tesouro desapareceu! — exclamou ele. — Roubaram o tesouro! Ali está o buraco pelo qual o tiramos. Eu mesmo o ajudei a fazer isso! Fui a última pessoa que o viu! Deixei-o aqui, ontem à noite, ouvi-o trancar a porta enquanto eu descia as escadas.

— Que horas eram?

— Dez da noite. E agora ele está morto, e a polícia será chamada, e eu serei suspeito de ter participação nisso. Ah, estou certo disso. Mas os senhores não pensam assim, não é, cavalheiros? Com certeza não pensam que fui eu! Se tivesse sido, por que eu os teria trazido aqui? Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! Sei que vou enlouquecer!

Começou a sacudir os braços e a bater os pés em uma espécie de crise convulsiva.

— Não há motivo algum para temer, Sr. Sholto — disse Holmes, afavelmente, pondo a mão em seu ombro. — Ouça meu conselho e siga até a delegacia de polícia para comunicar os fatos. Ofereça-se para ajudá-los em tudo. Ficaremos esperando aqui até que volte.

O homenzinho obedeceu, perplexo, e nós o ouvimos cambaleando escada abaixo às escuras.

Sherlock Holmes faz uma demonstração



— Agora, Watson — disse Holmes, esfregando as mãos —, temos meia hora para nós. Vamos aproveitá-la. O caso, conforme já lhe disse, está quase completo, mas não devemos pecar pelo excesso de confiança. Por mais simples que pareça agora, pode esconder algo mais profundo.

— Simples! — exclamei.

— Sem dúvida — retrucou, parecendo um professor a expor um caso clínico para seus alunos. — Apenas sente-se ali naquele canto para que suas pegadas não compliquem a questão. Agora, mãos à obra! Em primeiro lugar, como essas pessoas entraram e como saíram? A porta permaneceu fechada desde a noite de ontem. E quanto à janela?

Ele seguiu até lá com a lamparina, murmurando suas observações, mas dirigindo-se a si mesmo, não a mim.

— A janela está aferrolhada por dentro. A moldura é sólida. Não há dobradiças laterais. Vamos abri-la. Nenhum encanamento próximo. Telhado totalmente fora de alcance. No entanto, um homem entrou pela janela. Choveu um pouco ontem à noite. Aqui está a marca de uma pegada com barro sobre o peitoril. E aqui está uma marca lamacenta circular, e outra aqui no piso, e mais uma ali, perto da mesa. Veja aqui, Watson! Esta é realmente uma ótima prova.

Fitei os discos redondos e delimitados pela lama.

— Isso não é uma pegada — observei.

— É algo bem mais valioso para nós. É a impressão de uma perna de pau. Pode ver aqui, no peitoril, a marca da bota, uma bota pesada com um largo salto metálico e, ao lado, a marca da ponta de madeira.

— É o homem da perna de pau.

— Exatamente. Mas outra pessoa esteve aqui... um aliado muito hábil e eficiente. Seria capaz de escalar aquela parede, Doutor?

Espiei para o lado de fora da janela aberta. A lua ainda brilhava intensamente naquele lado do casarão. Estávamos a quase vinte metros do chão e, para onde quer que eu olhasse, não conseguia ver nenhum apoio para os pés, nem ao menos uma fenda na parede de tijolo.

— É absolutamente impossível — respondi.

— Sem auxílio, é mesmo. Mas suponha que você tivesse um amigo aqui em cima que lhe estendesse aquela corda boa e resistente que vejo ali no canto, amarrando uma ponta dela àquele enorme gancho na parede. Dessa forma, creio que se você fosse um homem ágil, conseguiria subir, com perna de pau e tudo. Certamente sairia da mesma maneira, e seu cúmplice recolheria a corda e, desamarrando-a do gancho, fecharia a janela, passaria o ferrolho por dentro e se safaria da maneira como havia entrado. Com um pequeno pormenor, podemos observar — prosseguiu ele, manuseando a corda — que nosso amigo da perna de pau, apesar de bom de escalada, não é um marinheiro profissional. Suas mãos estão longe de ser calejadas. Minha lente revela mais de uma marca de sangue, especialmente perto da extremidade da corda, e com isso deduzo que ele escorregou com tal velocidade que arrancou a pele das mãos.

— Tudo isso está muito bem — disse eu —, mas a coisa fica mais ininteligível do que antes. E esse cúmplice misterioso? Como ele adentrou o quarto?

— Sim, o cúmplice! — repetiu Holmes, pensativo. — Há aspectos interessantes ligados a ele. É ele que tira o caso da trivialidade. Imagino que esse cúmplice esteja desbravando um terreno novo nos anais do crime da Inglaterra... embora casos paralelos da Índia se façam lembrar e, se não me falha a memória, da Senegâmbia.

— Mas como ele entrou? — repeti. — A porta está trancada. A janela é inacessível. Poderia ter sido pela chaminé?

— A abertura da lareira é pequena demais — respondeu ele. — Já considere essa possibilidade.

— Então, como foi? — persisti.

— Você não está colocando o meu preceito em prática — disse ele, meneando a cabeça. — Quantas vezes eu já lhe disse que, depois de

eliminarmos o impossível, o que resta, por mais improvável que seja, deve ser a verdade? Sabemos que ele não entrou pela porta, nem pela janela, nem pela chaminé. Também sabemos que não poderia estar escondido no quarto, pois não há esconderijo possível. Portanto, como foi que ele entrou?

— Pelo buraco no teto! — exclamei.

— Precisamente. Deve ter vindo dali. Se você fizer a gentileza de segurar a lamparina para mim, estenderemos nossas investigações ao cômodo acima, o quarto secreto onde o tesouro foi encontrado.

Ele subiu os degraus e, agarrando um mastro com as duas mãos, içou-se para o sótão. Depois, deitando-se de bruços, estendeu a mão para pegar a lamparina e segurou-a enquanto eu subia atrás dele.

O cômodo que adentramos tinha cerca de três metros por dois. O piso era formado por vigas de ripas finas, entremeadas de estuque, de modo que era preciso andar de uma trave para outra. O teto se erguia até um vértice e o verdadeiro telhado da casa ficava à vista. Não havia uma mobília sequer e anos de poeira haviam se acumulado sobre o piso.

— Veja, aqui está — disse Sherlock Holmes, apoiando a mão na parede inclinada. — Isto é um alçapão que dá para o telhado. Posso empurrá-lo, e aqui está o telhado, inclinando-se ligeiramente em ângulo. Portanto, foi por esse caminho que o Número Um entrou. Agora, vamos ver se conseguimos encontrar outros sinais que sejam específicos dele?

Baixou a lamparina em direção ao piso e, quando o fez, vi, pela segunda vez naquela noite, uma expressão espantada lhe invadir o rosto. Quanto a mim, quando acompanhei seu olhar, senti o sangue enregelar. O piso estava coberto de pegadas de um pé descalço, eram marcas nítidas, bem definidas, perfeitamente formadas, mas mal chegavam à metade do tamanho dos pés de um homem comum.

— Holmes — sussurrei —, foi uma criança que cometeu esse crime horrendo.

Em um instante ele havia se recomposto.

— Fiquei atônito por um momento — disse ele. — Mas a coisa é bastante natural. Minha memória falhou, ou eu teria sido capaz de prever isso. Não há mais nada a descobrir aqui. Vamos descer.

— Então, qual é a sua teoria quanto àquelas pegadas? — perguntei, aflito, quando estávamos de volta ao aposento abaixo.

— Meu caro Watson, tente analisar um pouco você mesmo — disse ele, com um quê de impaciência. — Conhece meus métodos. Aplique-os e será instrutivo compararmos os resultados.

— Não consigo conceber coisa alguma que condiz com os fatos — respondi.

— Logo tudo ficará bastante claro para você — disse ele com um tom brusco. — Acredito que não há mais nada importante neste lugar, mas vou averiguar.

Sacou a lupa e uma fita métrica e esquadrinhou o cômodo rapidamente, de joelhos, medindo, comparando, examinando, o nariz comprido e fino a poucos centímetros do piso e os olhos redondos, fundos como os de uma ave de rapina, cintilando. Tão velozes, silenciosos e furtivos eram seus movimentos, parecidos com um cão de caça treinado a farejar uma pista, que não pude deixar de pensar que criminoso terrível ele teria sido se tivesse direcionado sua energia e sagacidade contra a lei, em vez de aplicá-las em defesa dela. Absorto em sua caçada, murmurava incessantemente consigo mesmo, até que, enfim, emitiu um grito sonoro de satisfação.

— Certamente estamos com sorte — disse ele. — Já não teremos muito trabalho daqui em diante. O Número Um teve o azar de pisar no creosoto. É possível ver o contorno de seu pezinho aqui, ao lado dessa lambança malcheirosa. Vê-se que o garrafão rachou e o líquido escorreu.

— E daí? — perguntei.

— Ora, nós já o apanhamos, só isso — disse ele. — Conheço um cão que seria capaz de seguir esse cheiro até o fim do mundo. Se uma matilha consegue rastrear um arenque arrastado através de um condado, o que faria um cão especialmente treinado no rastro de um cheiro tão pungente quanto esse? Tudo começa a parecer um mero problema de regra de três. A resposta deve nos indicar o... Mas, escute só! Aí vêm os representantes autorizados da lei.

Passos pesados e o vozerio ecoavam do térreo, e a porta do vestíbulo bateu com força.

— Antes que eles cheguem — disse Holmes —, ponha sua mão aqui no braço e na perna desse pobre sujeito. Que sente?

— Os músculos estão rijos como pedra — respondi.

— Exatamente. Encontram-se em estado de extrema contração, ultrapassando em muito o rigor mortis habitual. Isso, somado a essa

distorção da face, esse sorriso hipocrático, ou “risus sardonicus”, como os antigos autores o chamavam, que conclusão isso lhe instigaria?

— Morte provocada por algum poderoso alcaloide vegetal — respondi.

— Alguma substância semelhante à estricnina que produz o tétano.

— Foi isso que me ocorreu no instante em que vi os músculos contraído do rosto. Ao entrar no quarto, logo procurei o meio pelo qual o veneno havia adentrado o sistema. Como vi, encontrei um espinho fincado ou lançado sem muita força no couro cabeludo. Observe que a parte alvejada foi precisamente aquela que estaria voltada para o buraco do teto, se o homem estivesse empertigado em sua cadeira. Agora examine este espinho.

Peguei-o cautelosamente e o ergui contra a luz da lamparina. Era comprido, pontudo e preto, com um aspecto vítreo perto da ponta, como se nela alguma substância gomosa tivesse se secado. A outra extremidade havia sido aparada e arredondada com uma faca.

— Esse é um espinho inglês? — perguntou ele.

— Não, definitivamente que não.

— Com todas essas informações, você seria capaz de fazer uma dedução acertada. Mas como as forças regulares chegaram, as auxiliares devem se retirar.

Enquanto ele falava, os passos que se aproximavam pelo corredor ressoaram em volume alto e um homem corpulento e lauto, trajando um terno cinza, adentrou o quarto. Tinha o rosto vermelho, era pesadão e pletórico, com olhos bem miúdos, piscantes, que perscrutavam por entre as pálpebras vultuosas. Era acompanhado de perto por um inspetor fardado e pelo ainda ofegante Thaddeus Sholto.

— Aqui tem coisa! — exclamou ele com uma voz rouca e abafada. — Eis que temos algo aqui! Mas quem são essas pessoas? Ora, a casa mais parece um ninho de coelhos!

— Creio que deva se lembrar de mim, Sr. Athelney Jones — disse Holmes, tranquilamente.

— Ora, mas é claro que me lembro — disse ele, ofegante. — É o Sr. Sherlock Holmes, o teórico. Lembrar-me de você! Jamais me esquecerei da aula que deu a todos nós a respeito de causas, deduções e efeitos no caso das joias de Bishopgate. É verdade que nos colocou na pista correta, mas deve confessar agora que aquilo foi mais um golpe de sorte que qualquer outra coisa.

— Não passou de um raciocínio demasiadamente simples.

— Ora, essa! Não tenha vergonha de confessar. Mas o que é isso aqui? Um caso complicado! Complicadíssimo! Mas vamos aos fatos... Aqui não há lugar para teorias. Por sorte que eu estava em Norwood, dedicando-me a um outro caso! Eu estava no distrito policial quando a mensagem chegou. Do que acha que o homem morreu?

— Oh, certamente este não é um caso em que eu possa exprimir teorias — respondeu Holmes de forma irônica.

— Definitivamente não. No entanto, não há como negar que vez ou outra você acerta em cheio. Meu Deus! Porta trancada, fiquei sabendo. Joias desaparecidas no valor de meio milhão. Como estava a janela?

— Trancada por dentro, mas há pegadas no peitoril.

— Ora, ora, se estava trancada, as pegadas nada têm a ver com o assunto. É uma questão de bom senso. O homem poderia ter morrido de um ataque. Contudo, as joias desapareceram. Ah! Tenho uma teoria. Vez ou outra sou acometido por esses lampejos. Vá para o corredor, sargento. Vá com ele, Sr. Sholto. Seu amigo pode ficar. Que acha disso, Holmes? Sholto, segundo ele próprio confessou, esteve com o irmão na noite passada. O irmão morreu de um ataque, em seguida, Sholto deu no pé com o tesouro. Que tal?

— E depois disso o morto, muito atencioso, levanta-se e tranca a porta por dentro.

— Hum! Há uma falha nisso aí. Então vamos aplicar senso comum à questão. Esse Thaddeus Sholto esteve com o irmão e de fato houve uma alteração: isso nós sabemos. O irmão está morto e as joias desapareceram. Disso também sabemos. Ninguém viu o irmão desde o momento em que Thaddeus o deixou. Sua cama está do jeito que foi deixada. Thaddeus evidentemente se encontra em um estado de extrema perturbação mental. Sua aparência é... bem, nem um pouco atraente. Perceba que estou tecendo a minha trama ao redor de Thaddeus. O cerco começa a se fechar sobre ele.

— O senhor ainda não tem todos os fatos — disse Holmes. — Esta farpa de madeira, que tenho motivos para crer que está envenenada, encontrava-se fincada no couro cabeludo do homem bem ali, onde se vê a marca. Este papel, rabiscado como vê, estava na mesa, e ao lado dele estava este curiosíssimo instrumento de cabeça pedra. Como tudo isso se adequa à sua teoria?

— Vem a confirmá-la em todos os aspectos — respondeu pomposamente o detetive gordo. — A casa está cheia de curiosidades indianas. Thaddeus trouxe isso até aqui, e se essa farpa de madeira está envenenada, ele pode ter feito, como qualquer outro homem, uso dela para cometer o crime. O papel é um embuste qualquer, uma simulação, muito provavelmente. A única questão é: por onde ele saiu? Ah, naturalmente, ali está um buraco no teto.

De forma bastante ágil, ao levar-se em conta seu porte corpulento, o investigador subiu a escada e espremeu-se para entrar no sótão. Logo depois, nós ouvimos sua voz exultante proclamando ter encontrado o alçapão.

— Pode ser que ele descubra alguma coisa — disse Holmes, encolhendo os ombros. — Tem lampejos esporádicos de lucidez. Il n'y a sots si incommodes que ceux qui ont de l'esprit!^[3]

— Está vendo? — disse Athelney Jones, descendo os degraus. — Fatos são melhores que teorias, afinal de contas. Minha opinião a respeito do caso está confirmada. Há um alçapão que desemboca no telhado e está semiaberto.

— Fui eu que o abri.

— Ah, foi mesmo? Então, você o viu? — Ele pareceu ligeiramente desapontado ao saber disso. — Bem, quem quer que o tenha visto, ele mostra como nosso homem escapou. Inspetor!

— Sim, senhor — respondeu uma voz no corredor.

— Peça ao Sr. Sholto que entre... Sr. Sholto, devo informá-lo de que tudo que disser poderá ser usado contra você. Eu o prendo, em nome da rainha, por envolvimento na morte de seu irmão.

— Viram só? Eu não lhes disse? — gritou o homenzinho, erguendo as mãos e desviando o olhar entre nós.

— Não se preocupe com isso, Sr. Sholto — disse Holmes. — Creio que posso livrá-lo da acusação.

— Não prometa em demasia, Sr. Teórico, não prometa em demasia! — retrucou o detetive em tom áspero. — Isso pode ser mais difícil do que pensa.

— Não apenas o livrarei da acusação, Sr. Jones, como ainda vou lhe presentear com o nome e a descrição de uma das duas pessoas que estiveram

neste cômodo ontem à noite. Tenho todos os motivos para acreditar que ele se chama Jonathan Small. É um homem de pouca instrução, baixo, ágil, com a perna direita amputada e, por conta disso, usa uma perna de madeira que está gasta do lado interno. Sua bota esquerda tem um solado grosseiro, de ponta quadrada, e tem uma faixa de ferro contornando o salto. Já é um homem de certa idade, muito queimado de sol, e cumpriu pena na prisão. Essas poucas indicações podem lhe servir de alguma coisa, assim como o fato de que falta um bom pedaço de pele na palma de sua mão. O outro homem...

— Ah! O outro homem? — perguntou Athelney Jones em tom debochado, ainda que impressionado, como vi facilmente, pela precisão do meu companheiro.

— É uma pessoa bastante curiosa — disse Sherlock Holmes, girando sobre os calcanhares. — Espero que possa apresentar ambos a você em pouco tempo. Podemos trocar uma palavra, Watson?

Levou-me ao topo da escada.

— Essa ocorrência inesperada — disse ele — quase fez com que perdêssemos de vista o objetivo original de nossa viagem.

— Eu estava pensando justamente nisso — respondi. — Não convém que a Srta. Morstan permaneça nesta casa infortunada.

— Não. Você deve acompanhá-la a casa. Ela mora com a Sra. Cecil Forrester, em Lower Camberwell, portanto, não é tão distante. Fico o esperando aqui, se quiser voltar. Ou talvez esteja muito cansado?

— De forma alguma. Acho que não seria capaz de descansar até saber mais sobre esse caso fantástico. Já tive relances do lado brutal da vida, mas dou-lhe minha palavra de que essa rápida sucessão de estranhas surpresas desta noite abalou-me completamente os nervos. Ainda assim, gostaria de acompanhar o caso até o fim com você, agora que já fui tão longe.

— Para mim, a sua presença será de grande utilidade — respondeu ele. — Devemos trabalhar no caso por conta própria e deixaremos Jones vibrar com qualquer descoberta ilusória que venha a fazer. Depois que tiver deixado a Srta. Morstan em casa, eu quero que vá até a Pinchin Lane, no 3, perto da margem do rio, em Lambeth. Na terceira casa do lado direito reside um empalhador de aves chamado Sherman. Você verá uma doninha segurando um filhote de coelho na vitrine. Acorde o velho Sherman e diga-

lhe, com meus cumprimentos, que preciso de Toby imediatamente. Traga Toby junto na carruagem.

— É um cão, eu suponho.

— Sim, um curioso cão mestiço que possui um faro extraordinário. Prefiro ser auxiliado por Toby a receber ajuda de todo o corpo de detetives de Londres.

— Então trago-o comigo — disse eu. — Agora é uma hora. Devo estar de volta antes das três, se conseguir um cavalo descansado.

— E eu — disse Holmes — verei o que posso descobrir com Sra. Bernstone e o criado indiano que, segundo me diz o Sr. Thaddeus, dorme no sótão vizinho. Depois estudarei os métodos do grande Jones e ouvirei seus sarcasmos não muito sutis. Wir sind gewohnt das die Menschen verhöhnen was sie nicht verstehen.^[4] Goethe é sempre expressivo.

[3] Em tradução livre: “Não existem tolos mais incômodos do que aqueles que têm espírito.”

[4] Em tradução livre: “É comum ver os homens menosprezarem aquilo que não são capazes de compreender.”

O episódio do barril



Os policiais haviam trazido um cabriolé consigo, e foi nele que acompanhei a Srta. Morstan até sua casa. Com o jeito angelical das mulheres, ela enfrentara os percalços com um rosto sereno enquanto havia alguém mais fraco a amparar, de modo que eu a encontrei tranquila e calma ao lado da governanta amedrontada. No cabriolé, porém, primeiro desmaiou e depois rompeu em uma crise de choro, tão duramente tinha sido afetada pelas aventuras da noite. Contou-me, depois, que nessa jornada achou-me frio e distante. Mal poderia imaginar a luta dentro de meu peito, ou o esforço que eu empreendia para me conter. Minha compaixão e meu amor a buscavam, como minha mão buscara a sua no jardim. Parecia-me que longos anos de uma vida convencional não poderiam me ensinar a conhecer melhor sua doce e destemida natureza como fizera aquele único dia de estranhas experiências. No entanto, dois pensamentos selavam as palavras de afeição em meus lábios. Ela estava fraca e desamparada, com a mente e os nervos abalados. Seria desleal impor-lhe amor em um momento como aquele. Ainda pior, ela era rica. Se Holmes fosse bem-sucedido em suas investigações, ela seria uma herdeira. Era justo, era decente, que um médico cirurgião mal pago se aproveitasse de uma intimidade provocada por mero acaso? Não seria possível que ela me visse com um caça-dotes ordinário? Não estava disposto a correr o risco de que tal ideia lhe passasse pela cabeça. Aquele tesouro de Agra se interpunha entre nós como uma barreira intransponível.

Eram quase duas horas quando chegamos à casa da Sra. Cecil Forrester. Os criados haviam se recolhido muitas horas antes, mas a Sra. Forrester

ficara tão interessada na estranha mensagem que a Srta. Morstan recebera que ainda estava acordada aguardando seu regresso. Foi ela quem abriu a porta, uma esbelta mulher de meia-idade, e fiquei satisfeito de ver com que ternura seu braço enlaçou a cintura da outra, e como era maternal seu tom ao cumprimentá-la. Era evidente que a Srta. Morstan não era uma mera governanta, mas uma amiga muito estimada. Fui apresentado e a Sra. Forrester insistiu para que eu entrasse e lhe contasse nossas aventuras. Expliquei, no entanto, a importância de minha incumbência e prometi que voltaria para contar-lhe qualquer progresso que viéssemos a ter no caso. Quando o cabriolé pôs-se em movimento, olhei para trás e até hoje tenho a impressão de ver aquela cena que acontecia no topo da escada: as duas figuras graciosas enlaçadas, a porta entreaberta, a luz do vestíbulo penetrando através do vitral, o barômetro e os lustrosos varões da passadeira. Era acalentador observar, ainda que de relance, a tranquilidade de um pacato lar inglês em meio àquele caso tormentoso e soturno que nos absorvera.

E quanto mais eu pensava no ocorrido, mais tormentoso e soturno tudo aquilo me parecia. Revi toda a extraordinária série de fatos enquanto o cabriolé sacudia pelas ruas silenciosas e iluminadas por lampiões a gás. Havia o problema original: esse pelo menos estava bastante claro agora. A morte do capitão Morstan, o envio das pérolas, o anúncio, a carta... todos nos tinham sido esclarecidos. No entanto, eles haviam nos guiado para um mistério ainda mais profundo e muito mais trágico. O tesouro indiano, a curiosa planta encontrada em meio à bagagem de Morstan, a estranha cena que ocorrera na morte do major Sholto, a redescoberta do tesouro imediatamente seguida pelo assassinato do descobridor, as próprias circunstâncias tão ímpares do crime, as pegadas, as armas excepcionais, as palavras rabiscadas no papel, iguais àquelas presentes na planta do capitão Morstan... Era de fato um labirinto do qual um homem menos singularmente dotado que meu companheiro de apartamento por certo se desesperaria ao tentar sair.

Pinchin Lane era uma fileira de sórdidos sobrados de tijolo na parte baixa de Lambeth. Tive de bater durante algum tempo no número 3 até que alguém aparecesse. Enfim, vi o lampejo de uma vela por trás da persiana e um rosto surgiu na janela do alto.

— Vá embora, seu bêbado vagabundo — disse o rosto. — Se fizer mais arruaça eu vou abrir os canis e mandar quarenta e três cães atrás de você.

— Se quiser soltar só um, foi justamente por isso que eu vim buscar — respondi.

— Dê o fora! — gritou a voz. — Que Deus me ajude, tem uma víbora neste saco, e vou arremessá-la na sua cabeça se não der o fora daqui.

— Mas eu quero um cão! — exclamei.

— Não discuta comigo! — gritou o Sr. Sherman. — Agora saia já daqui, pois quando eu disser “três”, lá vai a víbora.

— O Sr. Sherlock Holmes... — comecei, mas as palavras tiveram um efeito mágico, porque a janela se fechou de imediato e depois de um minuto a porta estava destrancada e aberta. O Sr. Sherman era um velho alto e esguio, de ombros caídos, pescoço fino e óculos de lentes azuladas.

— Um amigo do Sr. Sherlock é sempre bem-vindo — disse ele. — Entre, senhor. Tome cuidado com o texugo, pois ele morde. Ah, danadinho, danadinho! Quer dar uma mordidela no cavaleiro? — disse ele para um arminho de olhos vermelhos que metera o focinho perverso por entre as grades da gaiola. — Não liguei para ele, senhor. É só um licranço. Já não tem mais as presas, por isso eu o deixo solto na sala para dar um jeito nos besouros. Não se ressinta por eu ter inicialmente sido um pouco rude com o senhor; acontece que as crianças zombam de mim, e muitas vêm a esta rua só para me acordar. Que é que o Sr. Sherlock Holmes quer, senhor?

— Ele quer um de seus cachorros.

— Ah! Deve ser o Toby.

— Sim, Toby foi o nome que ele disse a mim.

— O Toby mora no número 7, à esquerda, aqui.

Avançou lentamente com a vela por entre a estranha família de animais que reunira ao seu redor. À luz tênue e irregular, eu distinguia vagamente olhos oblíquos e reluzentes que nos espiavam de todas as fendas e cantos. Até as ripas do telhado acima de nós estavam repletas de aves solenes, que mudavam o peso de um pé para o outro de forma preguiçosa quando nossas vozes perturbavam seu cochilo.

Toby se revelou um animal feio, de pelo comprido, orelhas caídas, metade sabujo, metade perdigueiro, marrom e branco, com um andar bamboleante e desairoso. Após alguma hesitação, ele aceitou um torrão de açúcar que o velho naturalista me entregara e, selando dessa forma nossa

aliança, seguiu-me até o cabriolé, sem criar dificuldades em me fazer companhia. Acabavam de soar três horas no carrilhão do Palácio quando retornei a Pondicherry Lodge. O ex-pugilista McMurdo, logo fiquei sabendo, fora preso como cúmplice, e tanto ele quanto o Sr. Sholto haviam sido levados para a delegacia. Dois guardas vigiavam o portão estreito, mas deixaram-me passar com o cão quando mencionei o nome do detetive.

Holmes estava de pé na soleira da porta, as mãos enfiadas nos bolsos, fumando seu cachimbo.

— Ah, você o trouxe! — exclamou ele. — Que ótimo cão! Athelney Jones já partiu. Tivemos uma grandiosa demonstração de energia desde que você saiu. Ele prendeu não apenas nosso amigo Thaddeus, como o porteiro, a governanta e o criado indiano. A casa é toda nossa, com exceção de um sargento lá em cima. Deixe o cão aqui e suba comigo.

Amarramos Toby à mesa do vestíbulo e subimos as escadas novamente. O cômodo estava do jeito que o havíamos deixado, exceto por um lençol que agora cobria a figura central. Um sargento da polícia com aparência exausta estava reclinado em um canto.

— Emprésteme sua lanterna, sargento — disse meu companheiro. — Agora amarre esse pedaço de cordão em volta do meu pescoço, para que fique pendurado à minha frente. Obrigado. Agora tenho que tirar as botas e meias. Pode levá-las lá para baixo, Watson? Farei uma pequena escalada. E mergulhe meu lenço no creosoto. Assim mesmo. Agora suba ao sótão comigo por um instante.

Passamos pelo buraco do teto. Holmes novamente mirou o facho de luz às pegadas na poeira.

— Repare bem nessas pegadas — disse ele. — Nota algo especial nelas?

— São de uma criança, ou de uma mulher miúda — respondi.

— Mas, fora o tamanho, não vê mais nada?

— Parecem pegadas como quaisquer outras.

— De jeito nenhum. Olhe só! Esta é a pegada de um pé direito, aqui na poeira. Agora, eu faço uma com o pé descalço ao lado dela. Qual é a diferença?

— Os seus dedos estão todos juntos. Na outra pegada, cada dedo está claramente separado.

— Exatamente isso. Esse é o ponto. Tenha isso em mente. Agora, poderia fazer a gentileza de ir até aquele alçapão e cheirar a o quadro da madeira?

Ficarei aqui, pois estou segurando esse lenço.

Fiz o que ele pediu e imediatamente senti o cheiro forte de alcatrão.

— Foi aí que ele pisou ao sair. Se até você consegue rastreá-lo, acho que Toby não terá dificuldade alguma. Agora, corra até o andar térreo, solte o cão e espere pelo Blondin.^[5]

Quando cheguei ao jardim, Sherlock Holmes já estava no telhado, assemelhando-se a um enorme vaga-lume engatinhando devagar pela borda. Perdi-o de vista atrás de um conjunto de chaminés, mas um instante depois ele reapareceu e depois sumiu de novo, do lado oposto. Quando contornei a casa, encontrei-o sentado em um dos beirais.

— É você, Watson? — gritou ele.

— Sim.

— Esse é o lugar. O que é essa coisa preta aí embaixo?

— Um barril de água.

— Tem tampa?

— Tem.

— Nenhum sinal de escada?

— Não.

— Raios que o partam! Esse é um lugar extremamente perigoso. Era para eu conseguir descer por onde ele subiu. O cano d'água parece bem firme. De qualquer forma, lá vou eu.

Ouvi o som de passos arrastados e o foco da lanterna começou lentamente a descer pela parede de forma uniforme. Depois, ele deu um pequeno salto sobre o barril e em seguida fincou os pés no chão.

— Foi fácil segui-lo — disse ele, calçando as meias e as botas. — As telhas estavam frouxas ao longo do caminho e, na pressa, ele deixou isso cair. É algo que confirma meu diagnóstico, como vocês, médicos, costumam dizer.

O objeto que ele estendia a mim era uma bolsinha tecida de palhas coloridas, bordada com miçangas vistosas. No formato e tamanho era bem semelhante a uma cigarreira. Dentro havia meia dúzia de espinhos de madeira escura, afiados em uma extremidade e arredondados na outra, como aquele que alvejara Bartholomew Sholto.

— São diabólicos — disse Holmes. — Cuidado para não se espetar. Estou contentíssimo em tê-los comigo, pois provavelmente são os únicos que ele

possuía. Há menos temor de você ou eu encontrarmos um desses fincado em nossa pele em breve. Eu preferiria enfrentar uma bala de Martini. Está disposto para uma caminhada de uns dez quilômetros, Watson?

— Certamente — respondi.

— Sua perna vai suportar?

— Ah, sim.

— Aí está você, cãozinho! Meu velho Toby! Cheire isto, Toby, cheire isto.

Posicionou o lenço embebido em creosoto em frente ao focinho do cão, que abria as patas peludas e empinava a cabeça comicamente, como um connoisseur inalando o bouquet de um vinho de safra famosa. Então, Holmes arremessou o lenço, amarrou uma corda grossa no pescoço do cão mestiço e o guiou para junto do barril de água. O animal logo começou a emitir uma porção de ganidos agudos e trêmulos e, com o focinho no chão e o rabo empinado, lançou-se em direção ao rastro tão depressa que esticou a corda e nos pôs a correr o mais rápido que podíamos.

Começava lentamente a clarear no leste, e agora conseguíamos enxergar a alguma distância, sob a luz fria e cinzenta. O casarão quadrado, sólido, com suas janelas escuras vazias e paredes altas e desnudas, erguia-se triste e abandonado atrás de nós. Nosso caminho nos conduziu diretamente pelo terreno, em meio às trincheiras e poços que o marcavam e cruzavam. O local inteiro, com seus montinhos de terra espalhados e arbustos frágeis, tinha um aspecto sinistro, agourento, compatível com a tragédia aterradora que pairava sobre ele.

Ao chegar ao muro divisor, Toby começou a correr ao longo de sua sombra, ganindo ansiosamente. Por fim, estancou em um canto encoberto por um broto de faia. No local onde os dois muros se encontravam, vários tijolos haviam sido arrancados e as fendas restantes estavam gastas e arredondadas na parte inferior, como se frequentemente fossem utilizadas como escada. Holmes subiu e, tomando o cão de mim, jogou-o do outro lado.

— Aqui está a marca da mão do perna de pau — observou ele quando subi o muro e postei-me ao seu lado. — Veja aquela leve mancha de sangue no estuque branco. Ainda bem que não caiu nenhuma chuva pesada desde ontem! O rastro permanecerá na estrada, apesar das vinte e oito horas que tiveram de vantagem.

Confesso que eu mesmo tive minhas dúvidas quando pensei no intenso tráfego londrino que tivera lugar na estrada. Mas meus temores logo se acalmaram. Toby não hesitava, nem desviava em momento algum, seguindo com seu gingado peculiar. Claramente, o odor pungente do creosoto se destacava muito em relação a outros cheiros.

— Não pense — disse Holmes — que meu sucesso nesse caso dependa do mero acidente de um desses sujeitos ter pisado no produto químico. Já conheço elementos suficientes que me permitiriam rastreá-los de muitas maneiras distintas. Esta, no entanto, é a mais prática e, como a sorte a colocou em nossas mãos, seria censurável que a desprezasse. Contudo, ela impediu que o caso se transformasse no lindo problema intelectual que prometia ser, em determinado momento. Não fosse essa pista excessivamente palpável, haveria algum mérito em solucioná-lo.

— Mas há mérito de sobra — disse eu. — Garanto-lhe, Holmes, que estou maravilhado com as formas que empregou para obter seus resultados nesse caso, mais ainda do que fiquei no crime de Jefferson Hope. Algo que me parece mais profundo e inexplicável. Como, por exemplo, foi capaz de descrever o homem da perna de pau com tanta precisão?

— Ora, meu caro rapaz! É tudo tão simples. Não quero ser teatral. É tudo óbvio e sem subterfúgios. Dois oficiais que estão no comando da guarda de um presídio ficam sabendo de um importante segredo relativo a um tesouro enterrado. Um inglês chamado Jonathan Small desenha um mapa para eles. Recorde-se de que vimos esse nome no mapa que estava em posse do capitão Morstan. Ele o assinara em seu próprio nome e no de seus associados, o signo dos quatro, como chamou aquilo com um quê de dramaticidade. Auxiliados por esse mapa, os oficiais, ou um deles, encontram o tesouro e o trazem para a Inglaterra, deixando, supostamente, em aberto, alguma condição sob a qual recebeu o tesouro. Ora, sendo assim, por que Jonathan Small não obteve o tesouro ele mesmo? A resposta é óbvia. O mapa está datado de uma época em que Morstan mantinha estreita relação com prisioneiros. Jonathan Small não apanhou o tesouro porque ele e seus comparsas eram eles próprios prisioneiros, e não tinham como sair de onde estavam.

— Mas isso é pura conjectura — disse eu.

— Vai muito além disso. É a única hipótese que explica todos os fatos. Vejamos se ela se encaixa na sequência de acontecimentos. O major Sholto

permanece em paz por alguns anos, feliz na posse de seu tesouro. Depois recebe uma carta da Índia que o deixa apavorado. Do que se tratava?

— Uma carta informando que os homens a quem ele ludibriara haviam sido soltos.

— Ou tinham fugido. Essa possibilidade é bem mais provável, pois ele saberia qual era a duração da sentença e não teria ficado surpreso com a notícia. O que ele faz, então? Previne-se contra um homem de perna de pau. É bom frisar que se trata de um homem branco, porque o confunde com um comerciante e chega a alvejá-lo com uma pistola. Ora, no mapa, consta somente um nome de um homem branco. Os outros são hindus ou maometanos. Não há outro homem branco. Sendo assim, podemos dizer com convicção que o homem da perna de pau e Jonathan Small são a mesma pessoa. Esse raciocínio lhe parece falho?

— Não. É claro e conciso.

— Bem, agora vamos nos colocar no lugar de Jonathan Small. Consideremos as coisas sob sua perspectiva. Ele chega à Inglaterra com o duplo intento de reconquistar o que devia julgar seu direito e se vingar do homem que o havia ludibriado. Descobriu onde Sholto morava e, muito provavelmente, estabeleceu contato com alguém de dentro da casa. Há o mordomo, Lal Rao, que não vimos. A Sra. Bernstone não o descreveu como detentor de um bom caráter, longe disso. No entanto, Small não conseguiu descobrir onde o tesouro estava escondido, pois ninguém jamais soube disso, com exceção do major e de um fiel criado já falecido. Subitamente, Small fica sabendo que o major está em seu leito de morte. Agitado, teme que o segredo do tesouro morra com ele. Então, desafia os vigias, vai até a janela do moribundo e só não entra por conta da presença de seus dois filhos. Porém, enfurecido com o morto, naquela noite ele entra no quarto, vasculha sua papelada particular na esperança de descobrir alguma pista relativa ao tesouro e por fim deixa uma lembrança de sua visita no breve escrito rabiscado no pedaço de papel. Sem dúvida, ele havia calculado de antemão que, caso matasse o major, deixaria um manifesto semelhante sobre o corpo assinalando que ele não era um assassino banal, mas, do ponto de vista dos comparsas, característico de um ato de justiça. Ideias caprichosas e esquisitas como essa são muito comuns no meio do crime e geralmente fornecem valiosas indicações a respeito do criminoso. Está acompanhando isso tudo?

— Muito claramente.

— Ora, então o que poderia fazer Jonathan Small? Apenas continuar a manter guarda secreta sobre o empenho dedicado à localização do tesouro. É possível que ele deixe a Inglaterra e só regresse de tempos em tempos. Ocorre, então, a descoberta do sótão, e ele é imediatamente informado sobre ela. Mais uma vez detectamos a presença de algum cúmplice na casa. Jonathan, com sua perna de pau, é inteiramente incapaz de alcançar o quarto alto de Bartholomew Sholto. Entretanto, leva consigo um comparsa bastante curioso, que transpõe essa dificuldade, mas afunda o pé descalço em creosoto, motivo pelo qual entram em cena Toby e quase dez quilômetros de marcha difícil para um oficial com tendão de Aquiles machucado.

— Mas foi o cúmplice, não Jonathan, quem cometeu o crime.

— Precisamente. E para o grande desagrado de Jonathan, a julgar pela maneira como ele bateu o pé por todo lado ao entrar no quarto. Ele não tinha qualquer ressentimento em relação a Bartholomew Sholto e teria preferido que ele tivesse sido simplesmente amarrado e amordaçado. Não queria pôr uma corda em seu pescoço. Mas a circunstância era irremediável: os instintos selvagens de seu companheiro haviam irrompido e o veneno fizera seu efeito. Então, Jonathan Small deixou seu registro, levou a arca com o tesouro até o solo e desapareceu com ele. Essa foi a sequência de fatos até onde consegui decifrá-los. É evidente que, quanto à sua aparência pessoal, ele deve ser de meia-idade e queimado de sol, após cumprir pena em um lugar tão quente como as ilhas Andamão. É fácil calcular sua altura a partir do comprimento de seus passos, e sabemos que tinha barba. Na verdade, esse foi o único ponto que impressionou Thaddeus Sholto quando o viu na janela: o quanto era peludo. Ao que eu saiba, não há mais nada.

— E o comparsa?

— Ah, bem, não há grande mistério nisso. Mas em breve você ficará sabendo de tudo. Que delicioso é o ar matinal! Veja como aquela pequena nuvem flutua como uma pena rosada que se soltou de um gigantesco flamingo. Agora o contorno vermelho do sol empurra o manto nebuloso de Londres. Brilha sobre muitas pessoas, mas nenhuma delas, ousar dizer, está envolvida em uma missão tão estranha quanto a nossa. Como nos sentimos pequenos, com nossas ambições e anseios insignificantes, na presença de

grandes forças elementares da natureza! Está bem familiarizado com seu Jean-Paul?

— Razoavelmente. Conheci-o por meio das referências de Carlyle.

— Isso é como acompanhar o córrego até o lago onde se origina. Ele faz uma observação curiosa, porém profunda. É que a maior prova da verdadeira grandeza do homem está em sua percepção de sua própria pequenez. Essa afirmação demonstra uma capacidade de comparação e apreciação que é, em si mesma, uma prova de nobreza. Em Richter há muito em que se pensar. Você não está armado, está?

— Estou com a minha bengala.

— Pode ser que precisemos de algo desse tipo, quando chegarmos ao covil deles. Quanto ao Jonathan, vou deixá-lo para você, mas, se o outro demonstrar que é perigoso, vou eliminá-lo com um tiro.

Ao dizer isso, pegou o revólver e, depois de carregar duas balas no tambor, guardou-o de volta no bolso direito do casaco.

Durante esse tempo, tínhamos seguido Toby por estradas rurais, perfiladas de casas de campo, que conduziam à metrópole. Porém, agora adentrávamos ruas contínuas, onde operários e estivadores já circulavam, e mulheres desgrenhadas abriam a persiana e varriam as entradas das casas. Nas esquinas, as tabernas acabavam de abrir, e homens de aspecto rude surgiam, limpando as barbas nas mangas, depois da bebedeira matinal. Cães esquisitos perambulavam e nos lançavam olhares assustados, mas nosso inimitável Toby não olhava nem à direita, nem à esquerda, seguindo veloz, com o focinho no chão e, vez ou outra, emitindo um ganido ávido que indicava que seguia uma pista promissora.

Já havíamos atravessado Streatham, Brixton, Camberwell, e agora nos encontrávamos em Kennington Lane, tendo atravessado as ruas laterais a leste do Oval. Parecia que os homens que estávamos perseguindo tinham ziguezagueado pelo trajeto, provavelmente no intuito de passar despercebidos. Nunca seguiam pela rua principal se pudessem seguir por uma lateral paralela. No fim de Kennington Lane haviam desviado à esquerda pela Bond Street e a Miles Street. Onde essa última se transformava em Knight's Place, Toby parou e começou a correr para trás e para frente, com uma orelha empinada e outra caída, a personificação da indecisão canina. Logo depois, começou a andar em círculos, gingando e

nos lançando olhares vez ou outra, como se pedisse perdão por seu embaraço.

— Que diabos se passa com esse cachorro? — resmungou Holmes. — Eles certamente não seguiram em um cabriolé, nem partiram em um balão.

— Pode ser que tenham ficado parados aqui por algum tempo — sugeri.

— Ah, ótimo! Ele resolveu andar de novo — disse meu companheiro, aliviado.

De fato o cão resolvera andar, porque depois de farejar os arredores mais uma vez, tomou uma decisão repentinamente e pôs-se a correr com energia e determinação ainda não demonstradas. O rastro parecia estar bem mais forte que antes, pois mal encostara o focinho no chão e já puxava a corda com força, na tentativa de sair correndo. Pelo brilho nos olhos de Holmes, eu podia ver sua suposição de estarmos chegando ao fim de nossa jornada.

Nosso trajeto nos levou por Nine Elms abaixo, e por fim chegamos à grande madeireira de Broderick e Nelson, que ficava logo depois da taberna White Eagle. Ali, o cão alvoroçado adentrou o recinto pelo portão lateral, onde os serradores já estavam trabalhando. O animal seguiu correndo em meio à serragem e tiras de marceneiros, desceu um beco, chegou ao fim de um corredor entre duas pilhas de madeira e, por fim, com um latido triunfal, saltou sobre um grande barril que ainda se encontrava em cima do carrinho de mão em que fora carregado. Com a língua para fora e piscando, Toby permaneceu sobre o tonel, seu olhar desviando entre nós, aguardando um sinal de aprovação. As aduelas do barril e as rodas do carrinho estavam sujas com um líquido escuro e o ar estava impregnado pelo cheiro de creosoto.

Sherlock Holmes e eu nos entreolhamos com perplexidade, e em seguida caímos em um ataque de riso incontrollável.

[5] Referência a Charles Blondin, um equilibrista de corda e acrobata de circo francês. Sherlock Holmes chama a si mesmo de Blondin, pois está prestes a andar sobre o telhado.

Os frequentadores não habituais de Baker Street



— E agora? — perguntei. — O Toby perdeu sua reputação de infalível.

— Ele fez o que pôde, com o que dispunha — disse Holmes, tirando-o de cima do barril e levando-o para fora da serralheria. — Levando-se em conta a quantidade de creosoto que é transportada em Londres no decorrer de um único dia, não é de se espantar que nossa trilha tenha sido interceptada. Hoje em dia é um produto muito utilizado, principalmente para curar madeira. Não podemos culpar o pobre Toby.

— Imagino que precisemos voltar ao rastro principal.

— Precisamos, e por sorte não precisamos ir longe. Logicamente o que confundiu o cão na esquina da Knight's Place foi a presença de duas pistas distintas que seguem em direções opostas. Nós pegamos a pista errada. Só resta seguir a outra.

Não houve dificuldade a esse respeito. Guiando Toby de volta ao local onde cometera o erro, ele logo farejou em um grande círculo e finalmente seguiu correndo em uma nova direção.

— Precisamos tomar cuidado para que ele não nos guie mais uma vez para o lugar de onde veio o barril de creosoto — comentei.

— Eu já tinha pensado nisso. Mas repare que ele segue pela calçada, ao passo que o carrinho passou pela pista. Não, agora estamos na pista certa.

A pista descia a margem do rio, atravessando Belmont Place e Prince's Street. No fim da Broad Street, seguia direto para a beira da água, onde havia um pequeno cais de madeira. Toby nos levou até a margem e ficou ali ganando e olhando a corrente turva.

— Estamos sem sorte — disse Holmes. — Eles tomaram uma embarcação aqui.

Vários pequenos esquifes e chalanas espalhavam-se pela água e à margem do cais. Levamos Toby a cada um deles, sucessivamente, porém, embora fungasse avidamente, ele não deu nenhum sinal.

Próximo à plataforma tosca erguia-se uma casinha de tijolos, com uma tabuleta de madeira pendurada na segunda janela. “Mordecai Smith”, dizia, em letras de forma volumosas, e embaixo: “Alugam-se barcos por hora ou por diária”. Outro letreiro acima da porta informava que a lancha a vapor havia sido alugada, o que era confirmado por uma grande pilha de carvão no cais. Sherlock Holmes olhou lentamente ao redor e seu rosto assumiu uma expressão agourenta.

— Isso parece ruim — disse ele. — Esses camaradas são mais vivos do que eu esperava. Parece que apagaram seu próprio rastro. Receio que tenha havido um plano previamente organizado.

Ele se aproximava da porta da casa quando esta se abriu e um garotinho de seis anos, com cabelos encaracolados, saiu correndo, seguido por uma mulher corpulenta e corada segurando uma enorme esponja.

— Volte já aqui para tomar banho, Jack — gritou ela. — Volte aqui, seu danadinho, porque se o seu pai chegar em casa e o encontrar assim, você vai ver só!

— Meu caro menino! — disse Holmes, estrategicamente. — Que bochechas coradas você tem, seu maroto! Agora, diga, Jack, você quer algo?

O menino refletiu por um momento.

— Eu queria um xelim — respondeu.

— Não tem outra coisa de que gostaria ainda mais?

— Gostaria mais de dois xelins — respondeu o esperto, depois de pensar um pouco.

— Então, tome aqui! Pegue!... Um rapazinho muito esperto, Sra. Smith!

— Deus o abençoe, senhor, é mesmo, e atrevido. Quase não dou conta de acompanhá-lo, principalmente, quando meu marido passa dias viajando.

— Ele está fora? — perguntou Holmes com decepção na voz. — Que pena, pois eu queria falar com o Sr. Smith.

— Está fora desde ontem de manhã, senhor, e, para dizer a verdade, eu estou começando a me preocupar. Mas se era um barco que queria, senhor, talvez eu possa ajudá-lo.

— Eu queria alugar uma lancha a vapor.

— Ah, ora só, senhor! Foi justamente na lancha a vapor que ele saiu. É isso que me deixa intrigada, pois sei que ela só tinha carvão para chegar até Woolwich e voltar. Se ele tivesse saído na barça, eu não estaria aflita, já que muitas vezes teve de ir a serviço até Gravesend, e, nesse caso, se tivesse muito que fazer, pernoitava por lá. Mas de que serve uma lancha a vapor sem carvão?

— Talvez ele tenha comprado um pouco em algum cais rio abaixo.

— Talvez, senhor, mas não tinha costume de fazer isso. Muitas vezes, eu o ouvi reclamar dos preços que cobram por poucos sacos. Além disso, não simpatizo com aquele homem de perna de pau, com sua cara feia e fala esquisita. Qual será que era sua intenção, sempre rondando por aqui?

— Um homem de perna de pau? — perguntou Holmes, com uma leve surpresa.

— Isso mesmo, senhor, um sujeito moreno, com cara de macaco, que já veio procurar meu marido várias vezes. Foi ele que o acordou ontem, e de certo meu marido sabia que ele viria, pois já tinha colocado pressão na lancha. Preciso lhe dizer, senhor, francamente isso não está me cheirando bem.

— Mas, minha cara Sra. Smith — disse Holmes, encolhendo os ombros — está se afligindo à toa. Como a senhora poderia saber que foi o homem da perna de pau que veio aqui durante a noite? Não vejo como pode estar tão certa disso.

— A voz dele, senhor. Conheço a voz dele, que é grossa, enrolada. Ele bateu na janela... eram umas três horas. “Levante, amigo”, ele disse. “Já vão chamar a polícia”. Meu marido acordou o Jim, meu filho mais velho, e lá se foram eles sem me dizer nada. Pude ouvir a perna de pau batendo nas pedras.

— E esse homem de perna de pau estava sozinho?

— Não posso dizer com certeza, senhor. Mas não ouvi mais ninguém.

— Ora, eu lamento, Sra. Smith, pois eu queria uma lancha a vapor e tive boas informações a respeito da... Como é mesmo o nome dela?

— Aurora, senhor.

— Ah! Não é aquela velha lancha verde, com uma faixa amarela, com a proa bem larga?

— Na verdade, não. É uma lanchinha bacana, como nenhuma outra no rio. Faz pouco tempo que foi pintada de preto com duas listras vermelhas.

— Obrigado. Espero que o Sr. Smith retorne logo. Vou descer o rio e, se avistar Aurora, informarei a ele sobre sua preocupação. Uma chaminé preta, não é?

— Não, senhor. Preta com uma listra branca.

— Ah, é claro. Os costados é que são todos pretos. Bom dia, Sra. Smith. Ali está um barqueiro com um bote, Watson. Vamos tomá-lo para atravessar o rio.

“O principal com esse tipo de gente”, disse Holmes, quando nos sentamos nos bancos do bote, “é nunca deixar que percebam que temos algum interesse em suas informações. Se o fizermos, eles se fecham como ostras de imediato. No entanto, se os ouvirmos como que a contragosto, é muito provável que consigamos arrancar o que quisermos.”

— Agora o nosso rumo parece bem claro — disse eu.

— O que você faria nesse caso?

— Alugaria uma lancha e desceria o rio seguindo a pista da Aurora.

— Meu caro amigo, esta seria uma tarefa colossal. Ela pode ter parado em qualquer cais entre este ponto e Greenwich. Abaixo da ponte, estende-se um verdadeiro labirinto de cais que se prolonga por quilômetros. Nós levaríamos dias e dias para percorrê-los caso tentássemos fazer isso sozinhos.

— Então empregue a polícia.

— Não. Provavelmente só chamarei Athelney Jones no último instante. Ele não é um mau sujeito, e de forma alguma eu gostaria de fazer algo que o prejudicasse profissionalmente. Mas gostaria de resolver isso por minha conta, agora que viemos tão longe.

— Então, não poderíamos colocar um anúncio pedindo informações de donos de cais?

— Pior ainda! Nossos homens saberiam que estamos em sua cola e sairiam do país. Do jeito que as coisas estão, é bem provável que façam isso mesmo, mas, enquanto julguem que estão perfeitamente seguros, não terão pressa. A energia de Jones será útil a nós nesse ponto, pois sua visão do caso certamente aparecerá na imprensa diária e os fugitivos pensarão que todos estão na pista errada.

— O que vamos fazer, então? — perguntei quando desembarcamos perto da Penitenciária de Millbank.

— Entrar nessa charrete, ir para casa, tomar um bom desjejum e dormir por uma hora. É bem provável que estaremos em serviço hoje à noite também. Cocheiro, pare em uma agência telegráfica! Vamos ficar com o Toby, pois talvez ele ainda nos seja de alguma utilidade.

Paramos na agência dos correios de Great Peter Street e Holmes enviou seu telegrama.

— Para quem acha que enviei isso? — perguntou ele quando nós recomeçamos nossa jornada.

— Não faço a menor ideia.

— Lembra-se da divisão de Baker Street, da força policial de detetives que eu empreguei no caso de Jefferson Hope?

— Sim? — respondi, rindo.

— Esse é exatamente um caso em que eles podem ser inestimáveis. Se fracassarem, eu tenho outros recursos. mas vou tentar empregá-los primeiro. Enviei esse telegrama para meu pequeno e sujo tenente Wiggins, e espero que ele e sua gangue se juntem a nós antes de terminarmos nosso desjejum.

Eram entre oito e nove horas, naquele momento, e eu começava a sentir o resultado da série de tumultos daquela noite. Eu estava exausto, com a perna coxeando, a mente conturbada e o corpo cansado. Não tinha o entusiasmo profissional que movia meu companheiro, nem era capaz de enxergar o assunto como um mero problema intelectual abstrato. No que tangia a morte de Bartholomew Sholto, não ouvira muita coisa boa a seu respeito, e não conseguia sentir nenhuma grande aversão por seus assassinos. O tesouro, no entanto, era outra coisa. Aquilo, ou parte daquilo, pertencia legitimamente à Srta. Morstan. Enquanto existisse uma chance de reavê-lo, eu estaria disposto a dedicar minha vida a esse único objetivo. Na verdade, se eu o encontrasse, ele provavelmente a deixaria fora de meu alcance. Mas apenas um amor mesquinho e egoísta se deixaria influenciar por um pensamento ruim como esse. Se Holmes trabalhava para encontrar os criminosos, motivos dez vezes mais fortes me motivavam a encontrar o tesouro.

Um banho em Baker Street e uma troca completa de roupa fizeram maravilhas para meu ânimo. Ao descer para nossa sala, encontrei o desjejum

pronto e Holmes servindo o café.

— Aqui está — disse ele, rindo e apontando para um jornal aberto. — O diligente Jones e o onipresente repórter resolveram tudo entre si. Mas você já deve estar farto desse caso. É melhor que coma seus ovos com presunto primeiro.

Apanhei o jornal dele e li a breve notícia intitulada “Caso misterioso em Upper Norwood”.

Por volta de meia-noite de ontem — dizia o Standard —, o Sr. Bartholomew Sholto, de Pondicherry Lodge, Upper Norwood, foi encontrado morto em seu aposento em circunstâncias que indicam um ato criminoso. Até onde foi possível apurar, nenhum sinal de violência foi encontrado no corpo do Sr. Sholto, mas uma valiosa coleção de gemas indianas que o falecido cavalheiro havia herdado do pai tinha desaparecido. A descoberta foi constatada inicialmente pelo Sr. Sherlock Holmes e o Dr. Watson, que chegavam de visita com o Sr. Thaddeus Sholto, irmão do falecido. Por um golpe de sorte ímpar, o Sr. Athelney Jones, conhecido membro da força policial de detetives, encontrava-se na delegacia policial de Norwood, e compareceu ao local menos de meia hora depois do primeiro alarme. Seus talentos treinados e experientes logo foram direcionados para a detecção dos criminosos, com o satisfatório resultado da detenção de Thaddeus Sholto, irmão da vítima, assim como a da governanta, Sra. Bernstone, e de um mordomo indiano chamado Lao Rao e de um porteiro de nome McMurdo. É certo que o ladrão ou os ladrões conheciam bem a casa, pois o notório conhecimento técnico do Sr. Jones e sua habilidade de observação de detalhes lhe permitiram provar, conclusivamente, que os malfeitores não teriam conseguido passar pela porta ou janela, tendo certamente chegado pelo telhado da edificação e, em seguida, por meio de um alçapão, adentrando um quarto que tinha ligação com o cômodo onde o corpo foi encontrado. Essa circunstância, que foi muito muito bem estabelecida, é uma prova conclusiva de que o caso não se trata de mero roubo. A ação pronta e enérgica dos funcionários da lei denota a enorme vantagem da presença, em tais ocasiões, de um espírito vigoroso e ágil. Não podemos deixar de pensar que isso provê um argumento para que os que desejam ver nossos detetives mais descentralizados, e assim postos em um contato mais íntimo e efetivo com os casos que têm o dever de investigar.

— Não é magnífico? — perguntou Holmes, sorrindo acima de sua xícara de café. — O que acha disso?

— Acho que nós dois escapamos por pouco de ser presos pelo crime.

— Eu acho o mesmo. Não garantiria nossa segurança agora, caso ele viesse a ter mais um desses acessos de energia.

Nesse momento, a campainha tocou ruidosamente, e pude ouvir a Sra. Hudson, nossa governanta, erguer a voz em um gemido de protesto e consternação.

— Meu Deus, Holmes — disse eu, levantando-me da cadeira. — Acredito que realmente estejam atrás de nós.

— Não, não é nada tão grave assim. Trata-se da força não oficial... os frequentadores não habituais de Baker Street.

Enquanto ele falava, ouvimos um estardalhaço de pés descalços escada acima, um vozerio de timbres agudos e uma dúzia de moleques sujos e maltrapilhos irromperam na sala. Apesar da entrada tumultuada, eles tinham um ar de disciplina, pois logo se perfilaram e nos olharam com grande expectativa. Um deles, mais alto e mais velho que os demais, deu um passo à frente, com um olhar indolente de superioridade que chegava a ser engraçado em um garoto tão espantoso como aquele.

— Recebi seu recado, senhor — disse ele — e os trouxe pontualmente. Três xelins e seis pence para as passagens.

— Aqui estão — disse Holmes, entregando-lhe algumas moedas de prata. — Futuramente, eles podem se apresentar a você, Wiggins, e você a mim. Não posso ter a casa invadida dessa forma. Ainda assim, é ótimo que vocês todos ouçam as instruções. Quero descobrir o paradeiro de uma lancha a vapor chamada Aurora, de propriedade de Mordecai Smith. É uma embarcação preta com duas listras vermelhas, chaminé preta com uma faixa branca. Está em algum lugar do rio. Quero que um menino fique no ancoradouro de Mordecai Smith, em frente a Millbank, para informar caso o barco regresse. Vocês devem se dividir entre si e vasculhar atentamente as duas margens. Informem-me assim que tiverem alguma novidade. Entenderam tudo?

— Entendemos, chefe — respondeu Wiggins.

— Seguimos a antiga tabela de pagamento e um guinéu a mais para o menino que encontrar o barco. Aqui está um dia adiantado. Agora podem ir!

Ele entregou um xelim para cada um, e eles desceram a escada em grande alvoroço. Um instante depois, eu os vi correndo pela rua.

— Se a lancha estiver na água, eles a encontrarão — disse Holmes ao se levantar da mesa e acender seu cachimbo. — Eles podem ir a todo canto, ver tudo, ouvir todo mundo. Espero receber notícias de que a avistaram antes que a noite chegue. Nesse ínterim, só nos resta aguardar os resultados. Não podemos retomar a pista interrompida até encontrarmos ou a Aurora, ou o Sr. Mordecai Smith.

— Acho que Toby poderia comer esses restos, não? Vai se deitar, Holmes?

— Não. Não estou cansado. Tenho uma constituição física curiosa. Não me lembro de alguma vez ter me sentido exaurido pelo trabalho, ao passo que a ociosidade me deixe totalmente fatigado. Vou fumar e pensar sobre esse estranho caso em que minha bela cliente nos envolveu. Se já houve uma tarefa fácil, deve ser essa com que estamos lidando. Homens de perna de pau não são muito comuns, mas eu arriscaria dizer que o outro homem deve ser absolutamente ímpar.

— Esse outro homem de novo!

— Bem, não desejo fazer dele um mistério para você. Mas já deve ter formado sua própria opinião. Agora, analise os dados. Pegadas pequeninas, dedos jamais apertados por botas, pés descalços, marreta de cabeça de pedra, muito ágil, dardos miúdos envenenados. Que acha disso tudo?

— Um selvagem! — exclamei. — Talvez um daqueles indianos cúmplices de Jonathan Small.

— Dificilmente — disse ele. — Assim que vi indícios de armas estranhas, inclinei-me a cogitar isso. No entanto, o caráter singular das pegadas fez com que eu reconsiderasse minhas ideias. Alguns habitantes da Península Indiana são baixos, mas não a ponto de deixar marcas como aquelas. O hindu propriamente dito tem pés longos e finos. O maometano, que usa sandálias, tem o polegar bem separado dos outros dedos por conta da tira de couro que costuma passar entre eles. Os minúsculos dardos também só poderiam ser lançados de uma maneira: com uma zarabatana. De onde, então, vem nosso selvagem?

— Da América do Sul — arrisquei.

Ele estendeu a mão e apanhou um livro grosso da estante.

— Este é o primeiro volume de um dicionário geográfico em vias de publicação. Pode ser considerado a mais recente autoridade no assunto. E que temos aqui? “Ilhas Andamão, situadas a quinhentos e cinquenta

quilômetros ao norte de Sumatra, na Baía de Bengala”. Hum! Que é isso? “Clima úmido, recifes de corais, tubarões, Port Blair, penitenciária, ilha de Rutland, choupos”... Ah, aqui está! “Os aborígenes das ilhas Andamão talvez possam reivindicar a distinção de serem a menor raça da face da Terra, embora alguns antropólogos prefiram os boxímanes da África, os índios escavadores da América, e os fueguinos. A estatura média gira em torno de um metro e vinte, embora seja possível encontrar vários adultos já plenamente desenvolvidos que apresentam estatura até bem menor que essa. São pessoas ferozes, rabugentas e intratáveis, embora sejam capazes de formar laços de amizade dos mais devotados uma vez que sua confiança tenha sido conquistada”. Registre isso, Watson. Agora ouça. “Eles são naturalmente medonhos, têm cabeças grandes, malformadas, olhos pequenos e cruéis e feições deformadas. Os pés e mãos, no entanto, são notavelmente pequenos. São tão ferozes e intratáveis que todas as tentativas dos funcionários britânicos em conquistá-los fracassaram completamente. Sempre foram um terror para as tripulações de navios naufragados, pois desferem golpes em suas cabeças com seus porretes de cabeça de ferro ou os alvejam com suas flechas envenenadas. Esses massacres invariavelmente terminam com um banquete canibal”. Uma gente boa e amável, Watson! Se esse sujeito tivesse sido deixado solto por aí, esse caso poderia ter assumido um aspecto ainda mais horripilante. Parece-me que, apesar da forma como as coisas se desenrolaram, Jonathan Small definitivamente teria preferido não tê-lo utilizado.

— Mas como será que ele arranjou um companheiro tão singular?

— Ah, isso é mais do que posso dizer. Mas, como já havíamos concluído que Small viera das ilhas Andamão, não é tão espantoso que tenha esse ilhéu consigo. Sem dúvida saberemos tudo a respeito no devido momento. Mas você parece completamente exaurido, Watson. Deite-se no sofá e verei se consigo fazê-lo dormir.

Apanhou o violino em um canto e, enquanto eu me esticava, começou a tocar uma ária suave, sonhadora e melodiosa... dele mesmo, sem dúvida, pois tinha um talento digno de nota para a improvisação. Lembro-me vagamente de seus membros esguios, de seu semblante sério e do subir e descer do arco. Depois tive a impressão de flutuar tranquilamente em um mar manso e sonoro, até que me vi na terra dos sonhos, com o doce semblante de Mary Morstan a me observar.

O rompimento da corrente



Era fim de tarde quando acordei revigorado e disposto. Sherlock Holmes continuava sentado exatamente do mesmo jeito, exceto por ter deixado de lado o violino e estar absorto em um livro. Quando me mexi, lançou-me um olhar de esguelha e percebi que seu rosto estava sombrio e conturbado.

— Você dormiu profundamente — disse ele. — Fiquei com receio de que nossa conversa o despertasse.

— Não ouvi nada — respondi. — Então, teve novidades?

— Infelizmente, não. Confesso que estou surpreso e desapontado. A essa hora já esperava ter algo definido. Wiggins esteve aqui há pouco. Revelou que não se consegue encontrar nem sinal da lancha. É um obstáculo enervante, porque cada hora importa.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer? Estou perfeitamente descansado agora e pronto para outra incursão noturna.

— Não. Não há nada que possamos fazer. Só nos resta esperar. Se sairmos, a mensagem pode chegar durante a nossa ausência e isso causaria um atraso. Faça o que quiser, mas eu devo ficar de prontidão.

— Sendo assim, vou dar um pulo em Camberwell e fazer uma visita à Sra. Cecil Forrester. Ela me convidou ontem.

— A Sra. Cecil Forrester? — perguntou Holmes com um lampejo brincalhão no olhar.

— Sim, é claro, e a Srta. Morstan também. Elas estavam ansiosas para saber o que aconteceu.

— Eu não contaria demais — disse Holmes. — As mulheres nunca são inteiramente confiáveis, não as melhores delas.

Não me detive para discutir esse comentário cruel.

— Voltarei dentro de uma ou duas horas — falei.

— Muito bem! Boa sorte! Mas, já que vai cruzar o rio, seria bom que levasse Toby, pois agora não me parece provável que ainda nos servirá para alguma coisa.

Assim, peguei o cão e deixei-o, juntamente com meio soberano, na casa do velho naturalista em Pinchin Lane. Em Camberwell, encontrei a Srta. Morstan um pouco abatida após as aventuras da noite, mas bem ansiosa por saber as novidades. A Sra. Forrester estava igualmente curiosa. Contei-lhes o que havíamos feito, omitindo, no entanto, os pontos mais assombrosos da tragédia. Desse modo, embora tenha comentado sobre o assassinato do Sr. Sholto, nada revelei sobre a forma exata e o método usado para cometê-lo. Apesar de tudo que omiti, havia material o suficiente para deixá-las surpresas e espantadas.

— Mas que enredo! — exclamou a Sra. Forrester. — Uma dama ofendida, um tesouro de meio milhão, um canibal negro e um rufião de perna de pau. Eles tomam o lugar do habitual dragão ou do conde maléfico.

— E dois cavaleiros andantes que acorrem para acudir — acrescentou a Srta. Morstan, olhando-me vivamente.

— Ora, Mary, sua fortuna depende do resultado dessa investigação. Mas você não me parece muito empolgada. Imagine só como deve ser possuir tamanha fortuna e ter o mundo a seus pés!

Senti uma onda de alegria no coração ao constatar que ela não demonstrou nenhum sinal de júbilo diante dessa possibilidade. Muito pelo contrário, meneou sua nobre cabeça como se aquela não fosse uma questão de seu interesse.

— É com o Sr. Thaddeus Sholto que me preocupo — disse ela. — Nada mais tem importância. Acho que ele se portou da forma mais benevolente e honrosa do começo ao fim. É nosso dever inocentá-lo dessa acusação horrível e infundada.

Anoitecia quando deixei Camberwell e já estava escuro quando cheguei em casa. O livro e o cachimbo de meu companheiro estavam junto à sua poltrona, mas ele havia sumido. Olhei ao redor na esperança de ver algum bilhete, mas não havia nenhum.

— Imagino que o Sr. Sherlock Holmes tenha saído, não? — perguntei à Sra. Hudson quando ela apareceu para baixar as persianas.

— Não, senhor. Foi para o quarto. Sabe... — disse ela, baixando o tom de voz a um sussurro — eu temo pela saúde dele.

— Mas, por que, Sra. Hudson?

— Bem, ele está tão esquisito... Depois que o senhor saiu, ficou andando para cima e para baixo, repetidamente, a ponto de eu ficar farta do som de seus passos. Depois, escutei-o falando sozinho e resmungando, e sempre que a campainha tocava, ele aparecia no topo da escada e perguntava: “Quem é, Sra. Hudson?”. E agora se trancou no quarto, mas continuo ouvindo enquanto anda de um lado para outro, como antes. Espero que ele não adoça, senhor. Ousei falar-lhe sobre algum remédio revigorante, mas ele se virou para mim, senhor, e me olhou de tal forma que nem sei como foi que consegui sair do quarto.

— Creio que não tem nenhum motivo para se afligir, Sra. Hudson — respondi. — Já o vi nesse estado antes. Tem um probleminha acossando-lhe a mente que o deixa agitado.

Procurei falar de forma despreocupada com nossa digna governanta, porém, eu mesmo fiquei um pouco angustiado quando, durante a longa noite, conseguia ouvir, de tempo em tempo, o som vago de seus passos, sabendo como seu espírito ávido se inquietava com aquela inatividade involuntária.

Na hora do desjejum, ele parecia pálido e cansado, com um toque de rubor febril no rosto.

— Está se extenuando, meu velho — observei. — Pude ouvir enquanto perambulava durante a noite.

— Não, não consegui dormir — respondeu ele. — Esse problema infernal está me consumindo. É inadmissível ficar estacado por conta de um empecilho tão irrelevante, quando todo o restante já foi resolvido. Conheço os homens, a lancha, tudo. E, ainda assim, não consigo obter notícias. Acionei outras forças e usei todos os meios disponíveis. O rio inteiro foi vasculhado, de ambos os lados, mas nada foi apurado, e a Sra. Smith tampouco teve notícias do marido. Logo terei que concluir que eles afundaram a lancha. Mas há objeções quanto a essa hipótese.

— Ou aquela Sra. Smith nos colocou na pista errada.

— Não, acho que isso pode ser descartado. Mandeí averiguar e existe uma lancha como a que ela descreveu.

— Poderia ter subido o rio?

— Também considereei essa possibilidade e há um grupo de busca que irá até Richmond. Se hoje nenhuma notícia vier até nós, eu mesmo partirei amanhã, à procura dos homens, e não mais da lancha. Mas, é certo, é certo, sim, que ficaremos sabendo de alguma coisa hoje.

Mas não soubemos. Nenhuma palavra nos veio de Wiggins ou das outras fontes. Saíram matérias sobre a tragédia de Norwood na maioria dos jornais. Todos pareciam bastante hostis ao desventurado Thaddeus Sholto. No entanto, não havia nenhum novo detalhe em qualquer um deles, exceto a informação de que um inquérito seria realizado no dia seguinte. Fui até Camberwell no fim da tarde para narrar nosso insucesso para as senhoras, e ao voltar encontrei Holmes desanimado e um pouco mal-humorado. Mal respondeu às minhas perguntas e passou o anoitecer ocupado com a análise química confusa que envolvia alto aquecimento de tubos e destilação de vapores, resultando em um cheiro que quase me enxotou do apartamento. Até a madrugada, eu conseguia ouvir o tilintar dos tubos de ensaio, o que me indicava que ele prosseguia às voltas com sua experiência fétida.

Ao raiar do dia, acordei em um sobressalto e fiquei surpreso ao encontrá-lo de pé ao lado de minha cama, com um traje rude de marinheiro, um casacão de lã e um lenço vermelho grosseiro no pescoço.

— Vou descer o rio, Watson — disse ele. — Estive matutando sobre esse assunto e só consegui enxergar uma saída. De qualquer forma, vale a pena tentar.

— Nesse caso, com certeza posso acompanhá-lo, sim?

— Não. Você será mais útil para mim se permanecer aqui como meu representante. Estou relutante em ir, porque é bastante provável que chegue alguma mensagem durante o dia, ainda que Wiggins estivesse sem esperanças ontem à noite. Quero que abra todos os bilhetes e telegramas, e aja conforme seu próprio julgamento no caso de novas notícias. Posso contar com você?

— Sem dúvida.

— Receio que não vai poder me telegrafar, pois ainda não sei para onde vou. Porém, se eu tiver sorte, não tardarei a voltar. Devo ter algum tipo de notícia, seja qual for, antes de retornar.

Ele não havia dado sinal de vida quando me sentei para o desjejum. Porém, ao abrir o Standard, constatei que havia uma nova menção do caso.

No que diz respeito à tragédia de Upper Norwood, temos razões para acreditar que o assunto promete ser ainda mais complexo e misterioso do que inicialmente se imaginava. Novos indícios evidenciaram que é inteiramente impossível que o Sr. Thaddeus Sholto possa ter tido qualquer envolvimento no crime. Ele e a governanta, Sra. Bernstone, foram ambos libertados na tarde de ontem. No entanto, acredita-se que a polícia tenha uma pista dos verdadeiros culpados, e que esteja sendo investigada pelo Sr. Athelney Jones, da Scotland Yard, com toda sua conhecida energia e sagacidade. Outras detenções podem ser esperadas a qualquer momento.

“Bastante satisfatório”, pensei. “De qualquer maneira, o amigo Sholto está a salvo. E essa nova pista, qual será? Apesar de que isso parece aquela forma estereotipada que costuma ser utilizada sempre que a polícia comete algum erro.”

Joguei o jornal na mesa, mas nesse momento meu olhar se recaiu sobre a coluna de assuntos pessoais, onde se lia:

DESAPARECIDOS – Tendo Mordecai Smith, barqueiro, e seu filho Jim deixado o cais de Smith por volta das três horas da última terça-feira, na lancha a vapor Aurora, embarcação preta com duas listras vermelhas, chaminé preta com faixa branca, a soma de cinco libras será paga a qualquer pessoa que possa dar informações à Sra. Smith, no cais de Smith, ou em Baker Street, 221B, a respeito do paradeiro do supracitado Mordecai Smith e da lancha Aurora.

Isso era evidentemente obra de Holmes. O endereço de Baker Street era o bastante para provar isso. Fiquei impressionado com a engenhosidade, pois os fugitivos poderiam lê-lo sem notar mais do que a ansiedade natural de uma esposa diante do desaparecimento do marido.

Foi um longo dia. Cada vez que alguém batia à porta, ou que passos apressados percorriam a rua, eu imaginava que era ou Holmes regressando, ou uma resposta ao seu anúncio. Tentei ler, mas meus pensamentos se desviavam para nossa estranha busca e para a dupla incompatível e vil que perseguíamos. Poderia haver, pensei, alguma falha expressiva na linha de raciocínio do meu companheiro? Não poderia ele estar se iludindo amplamente? Não poderia sua mente ágil e especulativa ter elaborado essa teoria extravagante sob falsas premissas? Eu jamais o vira cometer um erro, porém, até o detentor do mais aguçado raciocínio pode se enganar, ocasionalmente. Ele era propenso, pensei eu, a cair em erro por conta do

excessivo refinamento de sua lógica; sua predileção por uma explicação sutil e estranha, quando uma mais simples e trivial estava à mão. Por outro lado, eu mesmo vira os indícios e ouvira as razões que embasavam suas deduções. Quando recapitulei a longa sequência de circunstâncias curiosas, muitas das quais banais em si mesmas, mas todas tendendo para a mesma direção, não tive como ocultar para mim mesmo que, ainda que a explicação de Holmes estivesse incorreta, a verdadeira teoria só podia ser igualmente excêntrica e espantosa.

Às três da tarde, a campainha soou de forma ruidosa, e uma voz impositiva se fez ouvir no saguão e, para minha surpresa, ninguém menos que o Sr. Athelney Jones foi anunciado. Parecia, no entanto, muito diferente do brusco e autoritário professor de bom senso que assumira o caso de forma tão confiante em Upper Norwood. Apresentava uma fisionomia deprimida e uma postura humilde, até contida.

— Bom dia, senhor, bom dia — disse ele. — O Sr. Sherlock Holmes saiu, pelo que entendi?

— Saiu, e não sei bem ao certo quando voltará. Mas talvez o senhor queira esperar. Sente-se naquela poltrona ali e experimente um desses charutos.

— Obrigado. Acho que vou aceitar — disse ele, enxugando o rosto com um grande lenço vermelho e estampado.

— E um uísque com soda?

— Bem, meio copo. O calor está excessivo para esta época do ano. E preocupações e aborrecimentos é o que não me falta. O senhor conhece a minha teoria a respeito do caso de Norwood?

— Recordo-me que expressou uma.

— Bem, fui obrigado a revê-la. Eu tinha fechado o cerco em torno do Sr. Sholto, senhor, quando ele escapou por uma frestinha. Conseguiu um álibi que não havia como ser contestado. Desde o instante em que saiu do quarto do irmão, não ficou sequer um segundo fora da vista de uma pessoa ou outra. Dessa forma, não pode ter sido ele que subiu em telhados e passou por alçapões. É um caso muito sinistro e meu prestígio profissional está em jogo. Eu agradeceria muito por alguma ajuda.

— Todos nós precisamos de ajuda em algumas ocasiões — disse eu.

— Seu amigo, o Sr. Sherlock Holmes, um homem formidável, senhor — disse ele com um tom rouco e confidencial. — Ele é um homem imbatível. Já

vi aquele rapaz se envolver em um grande número de casos e jamais houve sequer um que ele não conseguisse elucidar. É incomum em seus métodos e talvez se jogue depressa demais às teorias; porém, no geral, acho que teria dado um policial dos mais promissores e não me incomodo que saibam disso. Esta manhã recebi um telegrama dele, e pelo que diz entendi que encontrou alguma pista nesse caso Sholto. Aqui está a mensagem.

Apanhou o telegrama do bolso e estendeu-o a mim. Estava datado de Poplar, ao meio-dia.

Vá até Baker Street de imediato. Se eu não tiver voltado, espere por mim. Estou no encalço dessa gangue de Sholto. Pode ir conosco esta noite se quiser participar do desfecho.

— Isso me soa bem. É evidente que ele reencontrou o rastro — disse eu.

— Ah, então ele também andou cometendo erros! — exclamou Jones com evidente satisfação. — Às vezes até mesmo os melhores de nós são induzidos ao erro. Claro que isso poderá acabar se provando um alarme falso, mas, como agente da lei, é meu dever não deixar escapar nenhuma chance. Há alguém à porta, talvez seja ele.

Ouvimos um passo pesado subindo a escada, acompanhado do ruído ofegante de um homem sem fôlego. Parou uma ou duas vezes, como se a subida fosse demais para ele, mas por fim chegou até nossa porta e adentrou a sala. Sua aparência estava compatível com o som que ouvíamos. Era um homem idoso, trajado de marinheiro, com um velho casacão de marujo abotoado até o pescoço. As costas estavam encurvadas, os joelhos tremiam intensamente e sua respiração parecia penosa e asmática. Enquanto se amparava em um cajado grosso de carvalho, seus ombros se erguiam pelo esforço de puxar o ar para dentro dos pulmões. Um cachecol colorido lhe envolvia o queixo, e dava para ver pouco de seu rosto, exceto por um par de olhos vivos e escuros, abaixo de sobrancelhas brancas e costeletas grisalhas. O conjunto dava a impressão de ser um capitão respeitável e prostrado pelos anos e pela pobreza.

— Pois não, senhor? — perguntei.

Ele olhou à sua volta, à maneira metódica da velhice.

— O Sr. Sherlock Holmes está? — perguntou.

— Não, mas eu o represento. Pode passar a mim qualquer mensagem que tenha para ele.

— Mas era para ele mesmo que eu devia comunicá-la.

— Mas eu lhe garanto que o represento. É a respeito do barco do Sr. Mordecai?

— Sim. Sei exatamente onde ele está. E sei também onde estão os homens que ele procura. E sei onde está o tesouro. Sei tudo sobre isso.

— Então, conte-me, e eu transmitirei tudo a ele.

— Era para ele que eu queria contar — repetiu ele, com a teimosia petulante de um homem bem velho.

— Bem, então terá que esperar por ele.

— Não, não. Não vou perder um dia inteiro só para agradar alguém. Já que o Sr. Holmes não está aqui, ele que trate de descobrir tudo sozinho. Não gosto do jeito de nenhum dos senhores e não vou dizer nem uma palavra.

Ele seguiu com o passo arrastado na direção da porta, mas Athelney Jones passou na sua frente.

— Espere um instante, meu amigo — disse ele. — O senhor tem uma informação importantíssima e não deve ir embora. Vou mantê-lo aqui, o senhor gostando ou não, até que nosso amigo volte.

O velho deu uma corridinha em direção à porta, mas, assim que Athelney Jones recostou suas costas largas contra ela, ele reconheceu como sua resistência era inútil.

— Mas que belo tratamento! — gritou, batendo o cajado no piso. — Vim até aqui para ver um cavalheiro e os senhores, que nunca vi na vida, detêm-me e tratam-me dessa forma!

— O senhor não será prejudicado — disse eu. — Será recompensado pela perda de seu tempo. Sente-se aqui no sofá e não terá que esperar muito.

Atravessou a sala com a expressão carrancuda e sentou-se com o rosto apoiado nas mãos. Jones e eu voltamos aos nossos charutos e à nossa conversa. De repente, porém, a voz de Holmes irrompeu em nossos ouvidos.

— Bem que poderiam me oferecer um charuto também — disse ele.

Nós dois tomamos um susto. Ali estava Holmes sentado perto de nós com um ar de divertimento em suas feições.

— Holmes! — exclamei. — Você aqui! Mas onde está o velho?

— Aqui está — disse ele, segurando um chumaço de cabelos brancos. — Aqui está o velho: peruca, costeletas, sobranceiras e tudo. Apesar de achar

que meu disfarce fosse muito bom, garanto que não esperava passar por esse teste.

— Ah, seu trapaceiro! — exclamou Jones com grande deleite. — Poderia ter sido um ator, e um dos bons. Tinha aquela tosse de asilo de pobres, e aquelas suas pernas trôpegas valem dez libras por semana. Mas tive a impressão de reconhecer o brilho em seus olhos. Não escapou de nós com tanta facilidade, sabe?

— Estive trabalhando nesse disfarce o dia todo — disse ele, acendendo seu charuto. — Sabem, muitas pessoas dos meios criminosos começam a me conhecer, principalmente desde que meu companheiro aqui passou a publicar alguns de meus casos. Dessa forma, só posso partir para a ação sob algum disfarce simples como esse. Recebeu meu telegrama?

— Sim, foi por isso que vim até aqui.

— Fez progressos no caso?

— Deu tudo em nada. Tive que soltar dois de meus prisioneiros e não tenho nenhuma prova contra os outros dois.

— Não se preocupe. Eu lhe entregarei dois outros no lugar deles. Mas você deve seguir minhas ordens. Todo o mérito oficial lhe será atribuído, mas vai ter que agir conforme minha determinação. Está de acordo?

— Inteiramente, se me ajudar a encontrar os homens.

— Bem, sendo assim, primeiro quero que uma embarcação veloz da polícia, uma lancha a vapor, esteja na Escada de Westminster às sete horas.

— Isso é fácil de conseguir. Há sempre uma atracada por ali, mas posso ir até o outro lado da rua e fazer um telefonema para garantir.

— Depois disso, preciso de dois homens fortes para o caso de haver resistência.

— Haverá dois ou três na lancha. O que mais?

— Quando prendermos os homens, nós teremos o tesouro. A meu ver, creio que meu amigo aqui teria um enorme prazer de levar a caixa até a jovem senhora que tem direito à metade do seu conteúdo. Ela deve ser a primeira pessoa a abrir a caixa. Que pensa disso, Watson?

— Seria mesmo um enorme prazer para mim.

— Trata-se de um procedimento muito irregular — disse Jones, meneando a cabeça. — Mas, como todo esse caso é irregular, suponho que devemos fazer vista grossa para isso. Depois, o tesouro deve ser entregue às autoridades, até que seja encerrada a investigação oficial.

— Sem dúvida. Não haverá dificuldade nisso. Mais uma questão. Eu gostaria muito de ouvir alguns detalhes sobre este caso dos lábios do próprio Jonathan Small. Sabe que gosto de esmiuçar os detalhes dos meus casos. Há alguma objeção a que eu tenha uma entrevista não oficial com ele, seja em meu apartamento, ou em algum outro local, contanto que ele esteja devidamente escoltado?

— Bem, você é o senhor da situação. Ainda nem sequer tenho provas da existência de Jonathan Small. Porém, se você conseguir apanhá-lo, não vejo como poderia lhe recusar uma entrevista com ele.

— Então, isso está entendido?

— Perfeitamente. Mais alguma coisa?

— Apenas insisto que jante conosco. A comida estará pronta em meia hora. Tenho ostras e duas perdizes, com algumas opções de vinho branco. Você nunca reconheceu meus méritos como dona de casa, Watson.

O fim do ilhéu



Tivemos uma refeição alegre. Holmes sabia falar extremamente bem quando queria e foi o que fez nessa noite. Parecia encontrar-se em um estado de entusiasmo nervoso. Eu nunca o vira tão brilhante. Discorreu sobre uma rápida sucessão de assuntos: milagres, cerâmica medieval, violinos Stradivarius, budismo do Ceilão e navios de guerra do futuro, tratando de cada um como se o tivesse estudado atentamente. Seu excelente estado de espírito frisou a reação à sua intensa depressão dos dias anteriores. Athelney Jones provou ser uma alma sociável em suas horas de relaxamento e encarou o jantar com ar de bon vivant. Quanto a mim, sentia-me elevado com a ideia de que estávamos nos aproximando da conclusão de nossa tarefa e absorvi um pouco da jovialidade de Holmes. Durante o jantar, nenhum de nós comentou o motivo que nos reunira.

Quando a mesa foi retirada, Holmes espiou o relógio e encheu três copos de vinho do Porto.

— Um brinde — disse ele — ao sucesso de nossa pequena expedição. E agora chegou o momento de partirmos. Tem uma pistola, Watson?

— Meu antigo revólver de serviço está na minha escrivaninha.

— Então é melhor apanhá-lo. É bom que esteja preparado. Vejo que o cabriolé está à porta. Pedi que o trouxessem às seis e meia.

Passava um pouco das sete quando chegamos ao cais de Westminster e encontramos a lancha à nossa espera. Holmes examinou-a atentamente.

— Há algo nela que indique tratar-se de uma embarcação da polícia?

— Sim, aquela grande lâmpada verde na lateral.

— Então, retire-a.

Feita essa pequena mudança, embarcamos e as amarras foram soltas. Jones, Holmes e eu nos sentamos na popa. Havia um homem no leme, outro cuidando das máquinas e dois inspetores policiais parrudos à frente.

— Para que direção? — perguntou Jones.

— Para a Torre. Peça para que parem diante do Estaleiro de Jacobson.

Nossa lancha era evidentemente bem veloz. Ultrapassamos as longas linhas das barcas carregadas como se elas estivessem ancoradas. Holmes sorriu com satisfação quando alcançamos um vapor fluvial e o deixamos para trás.

— Provavelmente podemos alcançar qualquer coisa no rio — disse ele.

— Bem, talvez não seja para tanto. Mas não há muitas lanchas capazes de nos superar.

— Teremos de capturar a Aurora e ela tem fama de ser muito veloz. Vou lhe deixar a par das coisas, Watson. Recordar-se de como fiquei aborrecido por ter ficado empacado por algo tão insignificante?

— Recordo-me.

— Bem, dei um descanso à minha mente, mergulhando em uma análise química. Um de nossos maiores estadistas disse certa vez que uma mudança de trabalho é o melhor descanso. E é mesmo. Assim que fui capaz de dissolver hidrocarboneto com que estava trabalhando, voltei para nosso problema dos Sholto e refleti profundamente sobre todo o assunto outra vez. Meus meninos haviam vasculhado rio acima e abaixo, mas foi uma busca infrutífera. A lancha não estava em nenhum cais ou ancoradouro, tampouco havia regressado. Porém, dificilmente poderiam tê-la afundado para encobrir seus rastros, embora isso permanecesse como uma possibilidade no caso de todo o restante falhar. Eu sabia que esse Small tinha certo grau de astúcia vulgar, mas não o julgava capaz de qualquer ação de requinte ou finesse. Em geral, isso advém de instrução superior. Ocorreu-me então que, como ele certamente estava em Londres havia algum tempo, pois tínhamos indícios de que ele mantivesse vigilância permanente à Pondicherry Lodge, dificilmente poderia ter deixado a cidade subitamente; precisaria de algum tempo, ao menos um dia, para organizar suas coisas. De qualquer forma, esse era o balanço das probabilidades.

— Parece-me meio fraco — disse eu. — É mais provável que tivesse organizado suas coisas antes de dar início a essa expedição.

— Não, definitivamente não concordo. Seu covil lhe era um refúgio demasiadamente valioso em caso de necessidade para que ele o abandonasse antes de ter certeza de poder descartá-lo. Jonathan Small deve ter percebido que a aparência peculiar de seu companheiro, por mais que o cobrisse de roupas, instigaria boatos e provavelmente seria associada à tragédia de Norwood. Era perspicaz demais para ver isso. Eles haviam partido de seu quartel-general sob o manto da escuridão, e ele desejaria regressar antes que o dia estivesse claro. Ora, passava das três horas, segundo a Sra. Smith, quando eles pegaram a lancha. Aproximadamente uma hora depois, estaria completamente claro e as pessoas estariam circulando. Sendo assim, deduzi que não podem ter ido para muito longe. Pagaram bem a Smith para que ficasse de bico calado, reservaram sua lancha para a fuga final e correram para seu esconderijo com a arca do tesouro. Duas noites depois, quando já tivessem visto a perspectiva adotada pelos jornais, e se havia alguma suspeita, seguiriam, também protegidos pela escuridão, para algum navio em Gravesend ou nos Downs, onde sem dúvida já teriam providenciado passagens para os Estados Unidos ou as colônias.

— Mas e a lancha? Não poderiam tê-la levado para o esconderijo.

— Exatamente. Calculei que a lancha não deve estar muito distante, apesar de não ter sido avistada. Coloquei-me então no lugar de Small e passei a encarar a questão como faria um homem com sua capacidade. Ele provavelmente imaginaria que mandar a lancha de volta ou mantê-la em algum píer facilitaria a busca no caso de a polícia estar em seu encalço. Como, então, poderia esconder a lancha e ainda assim tê-la à mão, quando necessário? Imaginei o que eu mesmo faria se estivesse no lugar dele. Só consegui encontrar uma saída. Eu poderia entregar a lancha a algum fabricante ou consertador de embarcações, instruindo-o a fazer ligeiras alterações. Ela seria então levada a um galpão ou estaleiro, permanecendo escondida, ao mesmo tempo em que poderia tê-la dentro de poucas horas, quando a requisitasse.

— Isso parece bem simples.

— São exatamente essas coisas muito simples que costumam passar despercebidas. De todo modo, decidi agir me baseando nessa ideia. Trajado com essa roupa inofensiva de marujo, logo comecei a perguntar em todos os estaleiros rio abaixo. Em quinze deles, não deu em nada, porém, no décimo sexto, o de Jacobson, fiquei sabendo que a Aurora lhes fora entregue dois

dias antes, por um homem de perna de pau, com algumas instruções simples quando ao leme. “Não havia nada de errado com o leme”, disse o encarregado. “Lá está ela, com as listras vermelhas.” Naquele momento, quem haveria de chegar, senão Mordecai Smith, o proprietário desaparecido! Estava bastante bêbado. Eu não o teria reconhecido, é claro, mas ele berrou seu nome e o de sua lancha. “Preciso dela esta noite, às oito horas”, disse ele. “Oito em ponto, pois tenho dois cavalheiros que não podem esperar.” Evidentemente eles lhe haviam remunerado bem, pois estava cheio de dinheiro e jogava xelins para os homens. Segui-o a certa distância, mas ele ficou bebendo em uma cervejaria. Então, voltei ao estaleiro e, tendo encontrado um dos meus meninos no caminho por acaso, eu o deixei vigiando a lancha. Deveria ficar na beira da água e agitar seu lenço para nós quando eles partissem. Estaremos na água, a certa distância, e será bem estranho se não capturarmos homens, tesouro e tudo.

— Você planejou tudo muito bem, quer eles sejam os homens certou ou não — disse Jones. — Mas se o caso estivesse em minhas mãos, eu teria deixado um pelotão de policiais no Estaleiro de Jacobson para prendê-los no instante em que chegassem.

— O que não teria acontecido nunca. Esse Small é um sujeito bem ardiloso. Ele mandaria um observador na frente e, se algo despertasse sua desconfiança, permaneceria escondido por mais uma semana.

— Mas você poderia ter se colado a Mordecai Smith, e, dessa forma, seria guiado até o esconderijo deles — disse eu.

— Nesse caso, teria desperdiçado o meu dia. Acho que as chances são de cem contra um de que Smith não saiba onde eles ficam. Contanto que tenha bebida e bom pagamento, por que faria perguntas? Eles lhe enviam mensagens dizendo o que fazer. Não, cogitei todas as rotas possíveis e esta é a melhor.

Enquanto a conversa se desenrolava, nós seguíamos velozes, passando pela longa série de pontes que cruzam o Tâmis. Ao passarmos pela City, os últimos raios de sol douravam a cruz na cúpula da St. Paul's. O crepúsculo desceu antes de chegarmos à Torre.

— Ali está o Estaleiro de Jacobson — disse Holmes, apontando para um punhado de mastros e cordas do lado de Surrey. — Vamos seguir lentamente, circulando para cima e para baixo, usando essa fileira de embarcações como cobertura. — Ele tirou do bolso um par de binóculos

noturnos e ficou olhando a margem por algum tempo. — Vejo meu vigia em seu posto — comentou —, mas nem sinal de lenço.

— E se descermos um pouco o rio para esperá-los? — perguntou Jones com impaciência.

Àquela altura, já estávamos todos ansiosos, até os policiais e foguistas, que tinham apenas uma ideia vaga do que sucedia.

— Não podemos nos dar ao luxo de presumir nada — disse Holmes. — Certamente, as probabilidades são de dez contra um que eles descerão o rio, mas não podemos ter certeza. Deste ponto, é possível ver a entrada do estaleiro, e é quase certo que eles não podem nos ver. A noite será clara, muito iluminada. Melhor ficarmos onde estamos. Observem quantas pessoas estão ali adiante, à luz do lampião.

— Estão saindo do trabalho no estaleiro.

— Gente com pinta de canalha, mas imagino que todos tenham uma centelha imortal por dentro. Olhando para eles, não é de se pensar. A priori, não. Que estranho enigma é o homem!

— Há quem chame de alma oculta em um animal — observei.

— Winwood Reade discorre bem sobre esse assunto — disse Holmes. — Ele observa que, enquanto o homem individual é um enigma indecifrável, em conjunto, ele se torna uma certeza matemática. Nunca podemos prever, por exemplo, o que um único homem fará, mas podemos prever, com precisão, o comportamento de um número médio. Os indivíduos são variáveis, mas porcentagens permanecem constantes. Assim dizem os estatísticos. Mas eu estou vendo um lenço? Certamente há algo branco tremulando ali adiante.

— Sim, é o nosso menino! — exclamei. — Posso vê-lo nitidamente.

— E lá vai a Aurora — exclamou Holmes — disparada como o demônio! Avante, a todo vapor, marujo. Siga aquela lancha com a luz amarela. Por Deus, jamais me perdoarei se a perdermos de vista!

Ela havia passando sorratoriamente pela entrada do estaleiro, sem que a víssemos, por entre duas ou três pequenas embarcações, de modo que já estava bem acelerada antes que pudéssemos avistá-la. Agora voava rio abaixo, não muito afastada da margem, em uma velocidade espantosa. Jones olhou-a seriamente e meneou a cabeça.

— É muito veloz — disse ele. — Duvido que sejamos capazes de alcançá-la.

— Temos de alcançá-la! — exclamou Holmes por entre os dentes. — Mais carvão, foguistas! Façam-na dar tudo que pode! Precisamos apanhá-los mesmo que para isso tenhamos que queimar esta lancha!

Agora já estávamos a uma distância razoável deles. As fornalhas rugiam e as máquinas potentes zuniam como um coração de metal. A proa pontuda cortava a água plácida do rio e lançava duas ondas à nossa esquerda e direita. A cada pulsação da máquina, ela dava um tranco e estremecia como um ser vivo. Uma grande lanterna amarela em nossa proa lançava um fecho de luz à nossa frente. Diante de nós, uma mancha escura na água mostrava onde estava Aurora e seu rastro espumante mostrava a velocidade com que seguia. Passávamos como raios por barcas, vapores, navios mercantes, à direita e à esquerda, por trás de um, contornando outro. Vozes nos saudavam da escuridão, mas a Aurora seguia estrondosa e nós nos mantínhamos a seu encalço.

— Mais carvão, homens, mais carvão! — gritava Holmes, lançando olhares para a casa de máquinas, abaixo, enquanto o intenso fulgor que subia se refletia em seu rosto aflito. — Arranquem cada libra de pressão que conseguirem.

— Acho que estamos um pouco mais perto — disse Jones, os olhos fixos na Aurora.

— Estou certo que sim — disse eu. — Estaremos emparelhados a ela em poucos minutos.

Nesse instante, porém, para nosso grande azar, um rebocador que vinha puxando três barcas se meteu entre nós. Só conseguimos evitar uma colisão girando o leme inteiramente para um lado, e antes que pudéssemos contorná-los e retomar nosso curso, a Aurora havia ganhado bons duzentos metros de vantagem. Continuava, ainda assim, bem à nossa vista, e o crepúsculo sombrio e incerto dava lugar a uma noite clara e estrelada. Nossas caldeiras funcionavam no limite, e o casco frágil vibrava e estalava com a energia feroz que nos conduzia. Havíamos passado a toda pelo Pool, pelas West India Docks, descido o longo Deptford Reach e voltado a subir depois de contornar a Isle of Dogs. A mancha escura à nossa frente agora se definia nitidamente, revelando a encantadora Aurora. Jones apontou nosso holofote para ela, de forma que conseguimos enxergar claramente as silhuetas em seu convés. Um homem ia sentado à popa, curvado sobre algo preto que tinha entre os joelhos. Ao seu lado havia uma massa escura, que

parecia um cão terra-nova. O menino segurava o leme, enquanto, diante do clarão vermelho da fornalha, vi o velho Smith nu da cintura para cima, arremessando carvão desesperadamente. A princípio, eles talvez tivessem tido alguma dúvida quanto a estarmos em seu encalço, porém, agora, conforme seguíamos cada volta e guinada que davam, não podia mais haver dúvida. Em Greenwich, estávamos a cerca de duzentos e trinta metros deles. Em Blackwell, não passávamos de cento e cinquenta. Durante minha carreira diversificada, cacei muitos animais, em muitos países, mas nunca senti uma emoção tão intensa no esporte quanto a causada por essa louca caçada humana pelo Tâmis. Metro a metro, nós nos aproximávamos deles de forma constante. No silêncio da noite, podíamos ouvir suas máquinas resfolegando e tinindo. O homem na popa continuava agachado no convés, e seus braços se moviam como se ele estivesse fazendo algo, e ocasionalmente erguia a cabeça, medindo a distância que ainda nos separava. Chegávamos cada vez mais perto. Jones gritou para que parassem. Estávamos a menos do comprimento de quatro embarcações atrás deles, ambas as lanchas disparadas, a toda. Em um trecho desimpedido do rio, com Barking Level de um lado e os melancólicos Plumstead Marshes do outro. Ao ouvir nossos gritos, o homem da popa saltou do convés e sacudiu os punhos fechados para nós, enquanto praguejava com voz aguda e rouca. Era um homem corpulento, vigoroso e, quando se equilibrou de pernas afastadas, pude ver que da coxa para baixo, ele tinha apenas uma perna de pau do lado direito. Ao som de seus gritos estridentes e irritados, houve um movimento em um montinho escuro no convés. Este monte se revelou como um homenzinho preto, o menor que eu já vira, com uma cabeça grande e malformada e cabeleira desgrenhada. Holmes já havia sacado seu revólver e eu saquei o meu ao avistarmos aquela criatura selvagem e monstruosa. Ele estava enrolado em uma espécie de casacão ou manta escura, que expunha apenas o seu rosto, mas esse rosto era o suficiente para tirar o sono de um homem. Eu nunca vira traços tão profundamente marcados pela bestialidade e de expressão tão cruel. Seus olhinhos reluziam com tom sinistro e os lábios grossos arreganhados deixavam à mostra dentes que rangiam para nós com fúria quase animalesca.

— Atire se ele levantar a mão — disse Holmes, calmamente.

Estávamos agora a uma embarcação de distância, e quase nos era possível tocar a nossa presa. Ainda os vejo como naquele instante, o branco

de pernas bem arqueadas, praguejando, e o bárbaro anão de rosto monstruoso e dentes fortes, amarelos, que mostrava para nós sob a luz de nossa lanterna.

Felizmente, nós tínhamos uma visão bem nítida dele. Sob nossos olhos, ele puxou da manta um pedaço de madeira curto e arredondado, como uma régua escolar, e o levou aos lábios. Nossas pistolas dispararam juntas. Ele rodopiou, jogou os braços para o ar e, como uma espécie de tosse asfixiante, tombou de lado na correnteza. Vi, em um lampejo, os olhos malignos e ameaçadores em meio à espuma na água. No mesmo instante, o homem de perna de pau se jogou sobre o leme e girou-o inteiro, fazendo com que seu barco guinasse para a margem sul, enquanto passávamos a menos de um metro de sua popa. Rapidamente nós contornamos e partimos para cima dele, mas já estava próximo da costa. Era um lugar agreste e isolado, onde a lua brilhava sobre uma vasta extensão de mangues, com poços de água estagnada e trechos de vegetação deteriorada. A lancha, com um baque abafado, lançou-se na margem lamacenta, de proa no ar e popa no nível da água. O fugitivo saltou, mas a perna de pau afundou instantaneamente no solo encharcado. Ele relutou e se contorceu em vão. Não conseguia dar um passo sequer, nem para frente, nem para trás. Gritava de raiva, impotente, e chutava freneticamente a lama, com a outra perna. No entanto, seus esforços só serviram para afundar ainda mais sua perna de pau na ribanceira lodosa. Quando atracamos nossa lancha junto à deles, estava tão fincado que só conseguimos arrancá-lo e arrastá-lo depois de amarrarmos uma corda aos ombros. Os dois Smith, pai e filho, permaneceram na lancha, cabreiros, mas, a uma ordem nossa, entraram em nosso barco sem resistência. A própria Aurora foi arrastada e amarrada à nossa popa. Sobre o convés, havia uma robusta arca de ferro de fabricação indiana. Não havia dúvida de que era a mesmo que guardara o tesouro ominoso dos Sholto. Não havia chave, mas como era consideravelmente pesada, nós tratamos de transferi-la cuidadosamente para nossa pequena cabine. Quando voltamos a avançar lentamente rio acima, apontamos nosso holofote para todas as direções, mas não avistam nem sinal do ilhéu. Em algum lugar nos recônditos obscuros que forram o Tâmis, jazem os ossos daquele estranho visitante à nossa costa.

— Olhe só — disse Holmes, apontando para a escotilha de madeira. — Não conseguimos ser rápidos o bastante com nossas pistolas.

De fato, bem ali, pouco atrás do ponto onde estávamos, estava cravado um daqueles dardos assassinos que conhecíamos tão bem. Deve ter passado zunindo entre nós no momento em que atiramos. Holmes sorriu diante daquilo e encolheu os ombros, com seu jeito despreocupado, mas confesso que me revirou o estômago pensar na morte horrenda que passara tão perto de nós naquela noite.

O magnífico tesouro de Agra



Nosso prisioneiro sentou-se na cabine, diante da arca de ferro pela qual tanto fizera e que tanto esperou por ganhar. Era um camarada queimado de sol, de olhos inquietos. A teia de linhas e rugas cobrindo seus traços morenos traduzia uma vida árdua ao ar livre. Seu queixo barbado, bem projetado, caracterizava um homem que não desvia facilmente de seu propósito. Devia ter cerca de cinquenta anos, pois os cabelos pretos e cacheados já estavam bem salpicados de cinza. Seu rosto não tinha uma expressão desagradável, embora as sobrelanceiras grossas e o queixo rude lhe dessem, como eu vira pouco antes, uma expressão terrível quando enfurecido. Agora estava sentado, de mãos algemadas no colo, a cabeça caída junto ao peito, enquanto mantinha os olhos vivos na arca que fora a causa de suas transgressões. Tive a impressão de que havia mais tristeza que ódio em sua fisionomia rígida e contida. Em certo momento, fitou-me com um lampejo de algo semelhante a humor nos olhos.

— Bem, Jonathan Small — disse Holmes, acendendo um charuto —, eu lamento que as coisas tenham terminado assim.

— Eu também lamento, senhor — disse ele com franqueza. — Não creio que possa ser enforcado por isso. Posso lhe jurar sobre a Bíblia que nunca levantei a mão contra o Sr. Sholto. Foi Tonga, o diabinho, que disparou um de seus malditos dardos contra ele. Fiquei triste como se fosse com um parente meu. Chicoteei o diabinho com a ponta da corda, mas o mal já estava feito e eu não tinha como desfazê-lo.

— Tome um charuto — disse Holmes. — E seria bom tomar um trago do meu frasco, pois está todo molhado. Como poderia esperar que um homem

tão pequeno e fraco como esse negrinho dominasse o sr. Sholto e o segurasse enquanto você escalava a corda?

— O senhor parece saber tão bem o que sucedeu como se estivesse lá. A verdade é que eu esperava encontrar o cômodo vazio. Tinha bastante conhecimento a respeito dos hábitos da casa, e aquela era a hora em que o Sr. Sholto costumava descer para jantar. Não esconderei o que sucedeu. A melhor defesa que posso apresentar é dizer a verdade. Agora, se fosse o velho major, eu teria arriscado a força e o assassinaria de coração leve. Esfaqueá-lo não teria sido esforço maior que fumar esse charuto. Mas é horrível ser preso por causa desse jovem Sholto, com quem jamais tive qualquer desavença.

— Você está sob os cuidados do Sr. Athelney Jones, da Scotland Yard. Ele vai acompanhá-lo até meu apartamento e eu lhe pedirei um relato fiel do ocorrido. Se confessar tudo, é possível que eu possa lhe ser útil. Creio que tenho meios de provar que o veneno age tão depressa que o homem já estava morto antes que você chegasse ao quarto.

— E estava mesmo, senhor. Nunca fiquei tão espantado como ao vê-lo sorrindo para mim, com aquela cabeça caída no ombro, quando entrei pela janela. Aquilo me abalou bastante, senhor. Quase matei o Tonga, mas ele conseguiu zarpar. Foi por isso que ele deixou seu porrete e alguns de seus dardos também, como me contou, que certamente ajudaram a pôr o senhor na nossa pista, embora eu não faça ideia de como conseguiu mantê-la. Não lhe quero mal por isso. Mas realmente parece uma coisa estranha — acrescentou ele, com um sorriso amargo — que eu, que tenho legítimo direito a meio milhão de libras, tenha passado metade de minha vida construindo um quebra-mar nas ilhas de Andamão, e provavelmente passarei a outra metade cavando esgotos em Dartmoor. Maldito o dia em que avistei pela primeira vez o mercador Achmet e me envolvi com o tesouro de Agra, que nunca levou a nada, a não ser desgraça para o homem que o detinha. Para ele, levou ao assassinato, para o major Sholto, medo e culpa, ao passo que, para mim, significou a escravidão eterna.

Nesse instante, Athelney Jones enfiou a cabeça e os ombros para dentro da pequena cabine.

— Uma festinha em família — comentou ele. — Acho que preciso de um gole desse frasco, Holmes. Bem, acho que podemos nos parabenizar. Pena que não tenhamos pegado o outro vivo, mas não havia escolha. Sabe,

Holmes, você tem que admitir que foi por um triz. Mal conseguimos alcançá-los.

— Tudo fica bem quando acaba bem — disse Holmes. — Mas de fato eu não sabia que a Aurora era tão veloz.

— Smith diz que é uma das lanchas mais rápidas do rio e que, se tivesse contado com mais um homem para ajudá-lo com as máquinas, nós nunca a teríamos alcançado. Ele jura que não sabia de nada desse caso de Norwood.

— Não sabia mesmo! — exclamou nosso prisioneiro. — Nadinha. Escolhi a lancha dele porque ouvi dizer que era muito veloz. Não lhe contamos nada, mas pagamos bem e ele receberia uma bela recompensa se chegássemos ao nosso navio, o Esmeralda, em Gravesend, de onde partiríamos para o Brasil.

— Bem, se ele não fez nada de mal, temos que tomar providências para que nada de mal lhe aconteça. Somos muito rápidos em prender nossos homens, mas não tão rápidos em condená-los.

Era divertido ver como o pomposo Jones já demonstrava força na captura. A julgar pelo leve sorriso estampado no rosto de Sherlock Holmes, eu via que isso não havia lhe escapado.

— Logo estaremos em Vauxhall Bridge — disse Jones — e vamos desembarcá-lo, Dr. Watson, com a arca do tesouro. Nem preciso dizer aos senhores que estou assumindo uma responsabilidade imensa ao concordar com isso. É extremamente irregular, mas trato é trato, claro. No entanto, tenho o dever de enviar um inspetor para acompanhá-lo, já que leva uma carga tão valiosa. Irá de carro, sem dúvida?

— Sim, tomarei um carro.

— É uma pena que não tenhamos uma chave para podermos fazer primeiro um inventário. O senhor vai precisar arrombá-lo. Onde está a chave, Small?

— No fundo do rio — foi a resposta.

— Hum! Não havia necessidade de você nos dar mais esse trabalho. Já nos deu o bastante. Seja como for, doutor, nem preciso recomendar que tenha cuidado. Leve a arca de volta consigo para o apartamento de Baker Street. Lá nos encontrará, a caminho da delegacia.

Eles me deixaram em Vauxhall, com a pesada arca de ferro e com um bronco, porém amável inspetor como companheiro. Um trajeto de quinze minutos nos levou até a casa da Sra. Cecil Forrester. A criada pareceu

surpresa com uma visita tão tardia. Explicou que a Sra. Cecil Forrester havia saído e provavelmente voltaria bem tarde. A Srta. Morstan, no entanto, estava na sala de estar. Assim, segui até lá, com a arca, deixando o inspetor no carro.

A Srta. Morstan estava sentada junto à janela, vestida com um tecido branco leve, com pequenos detalhes vermelhos no pescoço e na cintura. A luz suave do abajur caía sobre ela, recostada na cadeira de vime, bailando sobre seu rosto meigo e sério, lançando um colorido fosco nas ondas magníficas de seus cabelos. Um braço branco pendia da lateral da cadeira e toda sua postura e silhueta traduziam uma imensa melancolia. Ao som dos meus passos, ela se levantou sobressaltada, mas logo um vivo rubor de surpresa e alegria tomou seu rosto pálido.

— Ouvi o carro chegar — disse ela. — Pensei que a Sra. Forrester tivesse voltado cedo, mas nunca imaginei que pudesse ser você. Que notícias me traz?

— Trouxe algo melhor que notícias — respondi, colocando a arca na mesa e falando de forma impetuosa e jovial, embora o coração estivesse apertado no peito. — Trouxe-lhe algo que vale todas as notícias do mundo. Trouxe-lhe uma fortuna.

Ela lançou um olhar à arca de ferro.

— Esse é o tesouro, então? — perguntou ela em um tom gélido.

— Sim, é o magnífico tesouro de Agra. Metade dele é seu e metade é de Thaddeus Sholto. Vocês terão algumas centenas de milhares cada um. Imagine só! Uma renda anual de dez mil libras. Haverá poucas jovens senhoritas mais ricas na Inglaterra. Não é estupendo?

Creio que devo ter exagerado ao expressar minha satisfação, e que ela tenha identificado um tom falso em meus cumprimentos, pois vi suas sobrancelhas se arquearem ligeiramente e ela me fitou de forma curiosa.

— Se o tenho — disse ela — devo a você.

— Não, não — respondi. — Não a mim, mas ao meu amigo Sherlock Holmes. Nem com toda a vontade deste mundo eu teria sido capaz de seguir uma pista que desafiou até seu gênio analítico. E ainda assim, quase a perdemos no fim.

— Por favor, sente-se e conte-me tudo a respeito, Dr. Watson — pediu ela.

Discorri de forma sucinta sobre o que havia acontecido desde que eu a vira pela última vez. O novo método de investigação de Holmes, a descoberta de Aurora, o aparecimento de Athelney Jones, nossa expedição noturna e a perseguição desesperada pelo Tâmis. Ela ouviu o relato de nossas aventuras de lábios entreabertos e olhos brilhantes. Quando mencionei o dardo que por um triz não nos atingira, ela ficou tão branca que tive receio de que fosse desmaiar.

— Não é nada — disse ela quando me apressei a lhe servir um pouco de água. — Já estou bem. Para mim, foi um choque ouvir o terrível perigo a que expus meus amigos.

— Já acabou — respondi. — Não foi nada. Não lhe contarei mais detalhes sinistros. Passemos a algo mais animador. Aqui está o tesouro. Que poderia ser mais animador que isso? Consegui permissão para trazê-lo comigo, pensando que teria interesse em ser a primeira a vê-lo.

— Seria realmente do meu maior interesse — disse ela, mas não havia nenhum pinga de ansiedade em sua voz. Ocorrera-lhe, sem dúvida, que talvez parecesse indelicado de sua parte demonstrar indiferença por um prêmio cuja conquista havia sido tão penosa.

— Que caixa linda! — disse, inclinando-se sobre ela. — É um trabalho indiano, não?

— Sim, é trabalho em metal Benares.

— E tão pesada! — exclamou ela, ao tentar erguê-la. — Só a arca já deve ter algum valor. Onde está a chave?

— Small atirou-a no Tâmis — respondi. — Preciso pedir emprestado o atizador de brasas da sra. Forrester.

Na frente, havia uma argola grossa e larga de cadeado, trabalhada na forma de uma imagem de um Buda sentado. Sob a argola, enfiei a ponta do atizador e o torci para fora, como um pé de cabra. A argola se abriu com um estalo ruidoso. Com os dedos trêmulos, abri a tampa. Nós dois ficamos olhando, assombrados. A caixa estava vazia!

Não era de se espantar que fosse tão pesada. O ferro que a revestia tinha quase dois centímetros de espessura, em todo seu interior. Era maciça, bem-feita e sólida, como um baú construído para transportar coisas de grande valor, mas dentro dela não havia um único resquício de metal ou pedrarias. Estava absoluta e completamente vazia.

— O tesouro desapareceu — disse a Srta. Morstan, calmamente.

Quando ouvi essas palavras e compreendi seu significado, pareceu-me que uma grande sombra abandonava minha alma. Eu não sabia o quanto aquele tesouro de Agra pesara-me sobre os ombros até aquele momento em que a carga finalmente deixava de existir. Não havia dúvida de que era egoísta, desleal e errado, mas eu não podia pensar em nada senão que a barreira de ouro que se erguia entre nós havia desabado.

— Graças a Deus! — exclamei do fundo do coração.

Ela me olhou com um sorriso rápido e inquisitivo.

— Por que diz isso?

— Porque você está novamente ao meu alcance — respondi, tomando-lhe a mão. Ela não recuou. — Porque eu a amo, Mary, tão verdadeiramente quanto um homem já amou uma mulher. Porque esse tesouro e essas riquezas selavam meus lábios. Agora que desapareceram, eu posso lhe dizer como a amo. Foi por isso que eu disse “Graças a Deus”.

— Então, eu também digo “Graças a Deus” — sussurrou ela quando a puxei para perto de mim.

Fosse quem fosse que perdera um tesouro, eu soube que naquela noite havia ganhado um.

A estranha história de Jonathan Small



Muito paciente era o inspetor que me acompanhara no cabriolé, pois levei um bom tempo até regressar. Suas feições enevoaram quando lhe mostrei a arca vazia.

— E lá se vai minha recompensa! — disse ele, entristecido. — Onde não há dinheiro, não há pagamento. O trabalho dessa noite teria valido uma nota de dez libras para mim e outra para Sam Brown, se o tesouro estivesse aqui.

— O Sr. Thaddeus Sholto é um homem rico — disse eu. — Ele cuidará de recompensá-los, com ou sem tesouro.

Mas o inspetor meneou a cabeça, desanimado.

— Foi um serviço malfeito — repetiu ele — e é isso que o Sr. Athelney Jones vai achar.

Sua previsão provou-se correta, pois o detetive pareceu perplexo quando cheguei a Baker Street e lhe mostrei a caixa vazia. Eles tinham acabado de chegar, Holmes, o prisioneiro e ele, pois haviam mudado seus planos e se apresentado em uma delegacia policial no caminho. Meu companheiro estava esparramado em uma poltrona, com sua habitual expressão de indiferença, e Small sentado à sua frente, impassível, a perna de pau cruzada por cima da perna boa. Quando mostrei a arca vazia, ele se recostou na cadeira e deu uma gargalhada.

— Isso foi obra sua, Small — disse Athelney Jones, irritado.

— Sim, eu o escondi em um lugar onde jamais hão de pôr as mãos! — exclamou ele, exultante. — O tesouro é meu e se eu não puder ficar com a bolada, cuidarei bem para que ninguém mais fique. Eu lhe garanto que

nenhum homem vivo tem qualquer direito sobre ele, a não ser três homens que estão no presídio de Andamão e eu mesmo. Sei agora que não posso usá-lo, e sei que eles também não. Tudo que fiz foi por eles, tanto quanto por mim mesmo. O que sempre valeu para nós foi o signo dos quatro. Pois bem, sei que eles iriam querer que eu fizesse exatamente o que fiz, e jogado o tesouro no Tâmis, em vez de deixá-lo ir para amigos e parentes de Sholto ou Morstan. Não foi para enriquecê-los que demos cabo de Achmet. O senhor pode encontrar o tesouro no mesmo local onde está a chave e Tonga. Quando percebi que sua lancha ia nos alcançar, tratei de colocar a bolada em um lugar seguro. Não há rupias para o senhor nesta viagem.

— Está tentando nos enganar, Small — disse Athelney Jones em tom sério. — Se quisesse jogar o tesouro no Tâmis, teria sido mais fácil atirá-lo com a arca e tudo.

— Para mim, mais fácil jogá-lo e mais fácil para os senhores o encontrarem — respondeu ele, olhando de canto de olho de forma astuciosa. — O homem que foi esperto o bastante para me caçar é esperto o bastante para tirar uma arca de ferro do fundo de um rio. Agora que as coisas estão espalhadas por uns oito quilômetros, talvez seja um trabalho mais difícil. Mas me doeu o coração fazer isso. Quase fiquei maluco quando nos descobriram. De todo modo, de nada adianta lamentar. Tive altos e baixos em minha vida, mas aprendi a não chorar pelo leite derramado.

— Esse é um assunto muito sério, Small — disse o detetive. — Se você tivesse ajudado a justiça, em vez de frustrá-la dessa forma, teria tido mais sorte em seu julgamento.

— Justiça! — rugiu o prisioneiro. — Bela justiça! De quem é essa bolada, se não é nosso? Que justiça é essa, que manda entregá-lo a quem nada fez para conquistá-lo? Ouçam como o conquistei! Passei vinte longos anos naquele charco infestado pela febre, trabalhando o dia todo no manguezal, passando a noite acorrentado nas choupanas imundas dos prisioneiros, picado por mosquitos, maltratado por todos os guardas negros que gostavam de desdenhar de um homem branco. Foi assim que consegui o tesouro de Agra e agora os senhores me falam de justiça só porque não suporto a ideia de que eu tenha passado por tudo isso para que outro o desfrute! Prefiro ser enforcado muitas vezes, ou ter um dos dardos de Tonga fincado no couro, a viver preso em uma cela sabendo que um homem está tranquilamente em um palácio com o dinheiro que deveria ser meu.

Small deixara cair sua máscara de estoicismo, e tudo isso saiu em uma torrente desenfreada de palavras, ao passo que seus olhos faiscavam e suas algemas tiniam ao roçar uma na outra, com o movimento fervoroso de suas mãos. Compreendi, ao ver a fúria e a paixão do homem, que não fora um terror infundado ou anormal que possuísse o major Sholto quando ficara sabendo que o prisioneiro ferido estava em seu encalço.

— Esquece que não sabemos nada a respeito de tudo isso — disse Holmes, calmamente. — Não ouvimos sua história e não podemos saber até que ponto a justiça pode ter estado inicialmente ao seu lado.

— Bem, senhor, tem sido muito gentil comigo, embora eu possa ver que não devo agradecer a outra pessoa por estar com estas pulseiras nos punhos. Mas não tenho nenhum ressentimento por isso. É tudo justo e claro. Se quiser ouvir minha história, não tenho desejo algum de escondê-la. O que lhe conto é a mais pura verdade, palavra por palavra. Obrigado, pode colocar o copo aqui ao meu lado e eu bebo, se tiver sede.

“Sou um homem de Worcestershire, nascido perto de Pershore. Tenho certeza de que encontrariam um monte de Small vivendo lá agora caso procurassem. Muitas vezes pensei em dar uma volta por lá, mas a verdade é que nunca fui motivo de muito orgulho para a família e duvido que ficariam muito satisfeitos em me ver. Eram pessoas equilibradas, frequentavam a igreja, pequenos fazendeiros conhecidos e respeitados na zona rural, enquanto eu era ligeiramente inclinado à vagabundagem. Mas por fim, quando eu tinha cerca de dezoito anos, parei de lhes dar preocupação, pois me envolvi em uma confusão por causa de uma moça e só pude escapar recebendo o xelim da rainha e ingressando nos Thrid Buffs, que estava de partida para a Índia.

“Mas eu não estava destinado a servir muito tempo como soldado. Mal aprendera a marchar com passo de ganso e manejar o mosquete, cometi a insanidade de ir nadar no Ganges. Para minha sorte, o sargento da minha companhia, John Holder, estava na água naquele momento, e era um dos melhores nadadores do exército. Um crocodilo me atacou quando eu estava no meio do rio e arrancou minha perna direita com a destreza de um cirurgião, logo acima do joelho. Com o choque e a perda de sangue, eu desmaiei e teria me afogado se Holder não tivesse me agarrado e levado até a margem. Passei cinco meses no hospital por conta disso e quando finalmente estava apto a sair, mancando, com este pedaço de pau preso ao

meu coto, descobri que havia sido excluído do exército por invalidez e era considerado inapto para qualquer ocupação.

“Como podem imaginar, fiquei muito infeliz, à época, pois era um aleijado inútil, e ainda nem tinha chegado aos vinte anos de idade. Logo, porém, meu infortúnio provou-se uma bênção disfarçada. Um homem chamado Abel White, que aparecera por lá como plantador de índigo, queria um supervisor para tomar conta de seus cules e mantê-los trabalhando. Por acaso era amigo de nosso coronel, que havia se interessado por mim desde o acidente. Encurtando uma longa história, o coronel me recomendou insistentemente para o cargo, já que o trabalho devia ser feito mais a cavalo e minha perna não representava grande obstáculo, pois me sobrava coxa suficiente para me manter firme na sela. O que eu tinha que fazer era percorrer a plantação, ficar de olho nos homens, enquanto labutavam, e denunciar os que não faziam o serviço direito. O salário era justo, meu alojamento era confortável e, no geral, eu me contentaria em passar o resto da vida em plantações de índigo. O Sr. Abel White era um homem bondoso e muitas vezes aparecia na minha cabaninha para fumar um cachimbo comigo, pois por lá os brancos se afeiçoam uns aos outros, como nunca fazem aqui.

“Mas a sorte nunca me sorriu por muito tempo. De repente, sem mais nem menos, um grande motim irrompeu sobre nós. Em um mês, a Índia estava aparentemente tão tranquila e pacífica quanto Surrey ou Kent; no mês seguinte, havia duzentos mil demônios negros à solta e o país era um inferno absoluto. Claro que sabem sobre tudo isso, cavalheiros, muito mais que eu, provavelmente, já que não sou muito dado a leituras. Só sei o que vi com meus próprios olhos. Nossa plantação ficava em um lugar chamado Muttra, próximo à fronteira das Províncias Noroeste. Todas as noites o céu ficava iluminado pelo incêndio dos bangalôs, e, dia após dia, tínhamos pequenos grupos de europeus passando por nossa propriedade com suas mulheres e filhos, a caminho de Agra, onde estavam as tropas mais próximas. O Sr. Abel White era um homem teimoso. Havia se convencido de que a insurreição era exagerada e que se dissiparia com a mesma velocidade que surgira. Ficava sentado na varanda, tomando uísque com soda e fumando charutos, enquanto o país pegava fogo ao seu redor. Claro que ficamos ao seu lado, eu e Dawson, que, com sua mulher, cuidava da contabilidade e da administração. Bem, um belo dia, aconteceu o desastre.

Eu tinha ido a uma plantação distante e lentamente voltava a cavalo para casa, ao entardecer, quando avistei um amontoado ao pé de um barranco íngreme. Cavalguei até lá para ver o que era e o sangue gelou em minhas veias quando descobri que era a mulher de Dawson, toda retalhada e semidevorada por chacais e cães nativos. Um pouco adiante, na estrada, o próprio Dawson, de bruços, morto, com um revólver descarregado na mão e quatro cipaíes caídos uns sobre os outros, diante dele. Esporeei o cavalo, pensando que rumo seguir. Nesse instante, porém, vi rolos densos de fumaça subindo do bangalô de Abel White e as chamas começando a lamber o telhado. Eu sabia que nada podia fazer pelo meu patrão, e que perderia minha vida à toa se me metesse no assunto. De onde eu estava, dava para ver as centenas de demônios negros, com seus paletós vermelhos ainda nas costas, dançando e gritando em volta da casa em chamas. Alguns deles apontaram para mim e um par de balas passou zunindo rente à minha cabeça. Então, saí a galope pelos arrozais, e tarde da noite me vi em segurança dentro dos muros de Agra.

“Contudo, como veio a se provar, ali tampouco havia grande segurança. O país inteiro estava alvoroçado como um enxame de abelhas. Onde conseguiam se reunir em pequenos bandos, os ingleses simplesmente tentavam defender o terreno que suas armas comandavam. Nos outros lugares, eram fugitivos indefesos. Era uma luta de milhões contra centenas; e a parte mais cruel disso era que esses homens contra os quais lutávamos, da infantaria, da cavalaria e da artilharia, eram nossos próprios soldados escolhidos, que havíamos ensinado e treinado, manejando nossas próprias armas e dando nossos próprios toques de corneta. Em Agra, encontravam-se o Terceiro Regimento de Fuzileiros de Bengala, alguns siques, duas companhias de cavalaria e uma bateria de artilharia. Um corpo voluntário de empregados administrativos e comerciantes havia se formado, e nele eu ingressei, de perna de pau e tudo. Fomos ao encontro dos rebeldes, em Shahgunge, no início de julho, e conseguimos os repelir por algum tempo, mas nossa pólvora acabou e tivemos que regressar à cidade.

“As piores notícias chegavam de toda parte, o que não era de se espantar, pois, olhando o mapa, é possível ver que estávamos bem no centro do motim. Lucknow fica a bem mais de cento e sessenta quilômetros a leste, e Cawpore mais ou menos à mesma distância, ao sul. De todos os pontos cardeais, não chegava nada senão tortura, assassinato e violência.

“Agra é uma cidade grande, fervilhando de fanáticos de toda espécie e de ferozes adoradores do diabo. Nosso punhado de homens estava perdido entre as ruas estreitas e tortuosas. Então, nosso comandante atravessou o rio e tomou posição no antigo forte de Agra. Não sei se algum de vocês, cavalheiros, já leu ou ouviu falar algo sobre esse velho forte. É um lugar bem esquisito... o mais estranho em que já estive, e já estive em locais bastante estranhos. Para começar, é enorme. Eu diria que o recinto abrange muitos e muitos acres. Há uma parte moderna, que abrigou toda nossa guarnição, mulheres, crianças, víveres, munições e tudo o mais, e ainda sobrou muito espaço. Mas a parte moderna não é nada comparada ao tamanho da antiga, aonde ninguém vai, e que está entregue aos escorpiões e lacraias. É repleta de salões imensos e desertos, passagens sinuosas e longos corredores que serpenteiam para cá e para lá, de modo que é muito fácil para uma pessoa perder-se ali. Por esse motivo, raramente alguém vai lá, embora, vez ou outra, um grupo munido de tochas fosse explorá-la.

“O rio passa em frente ao velho forte, provendo-lhe proteção, mas dos dois lados e atrás há muitas portas e estas precisam de vigia, claro, tanto na parte antiga quanto naquela efetivamente ocupada por nossas tropas. Não tínhamos tanta gente, mal havendo soldados suficientes para guarnecer os ângulos da construção e manejar os canhões. Para nós, portanto, era impossível estacionar um guarda forte a cada um dos inúmeros portões. Os que fizemos foi organizar uma casa da guarda central no meio do forte e deixar cada portão sob vigilância de um homem branco e dois ou três nativos. Fui designado para vigiar durante certas horas da noite uma portinha isolada que desembocava para o lado sudoeste da edificação. Dois soldados de cavalaria siques foram postos sob meu comando, e recebi ordens de disparar meu mosquete se algo de errado acontecesse, caso em que poderia estar certo de receber ajuda imediata da guarda central. No entanto, como a guarda ficava a mais de cento e cinquenta metros de distância, e como o espaço intermediário era recortado por um labirinto de passagens e corredores, eu duvidava muito que pudessem chegar a tempo de nos prestar auxílio caso houvesse de fato um ataque.

“Bem, eu já estava bastante orgulhoso por terem me concedido esse pequeno comando, já que era um recruta novato, e, ainda por cima aleijado de uma das pernas. Durante duas noites, eu montei guarda com meus panjabis. Eram uns camaradas altos, de ar feroz, chamados Mahomet Singh

e Abdullah Khan, ambos velhos guerreiros que haviam empunhado armas contra nós em Chilian Wallah. Falavam bem inglês, mas eu não conseguia lhes arrancar muita coisa, porque preferiam ficar juntos e papear a noite toda em seu estranho dialeto sique. Quanto a mim, costumava ficar do lado de fora do portão, admirando o rio largo e sinuoso sob as luzes tremulantes da cidade grande. O rufar dos tambores, o alvoroço dos tantãs e os gritos e uivos dos rebeldes, inebriados de ópio e banguê, eram suficientes para nos lembrar, todas as noites, de nossos perigosos vizinhos do lado oposto do rio. De duas em duas horas, o oficial da noite costumava fazer a ronda pelos postos para se certificar de que tudo estava bem.

“Minha terceira noite de vigília foi escura e feia, com uma garoa insistente. Foi tedioso passar hora após hora junto ao portão com aquele tempo. Tentei puxar conversa com meus siques várias vezes, mas sem muito sucesso. Às duas da madrugada, a ronda passou quebrando o tédio noturno por um momento. Constatando que meus companheiros não queriam conversa, peguei meu cachimbo e pousei o mosquete para riscar o fósforo. Em um átimo, os dois siques saltaram sobre mim. Enquanto um deles atracou minha espingarda de pederneira e a apontou para minha cabeça, o outro me encostou um facão no pescoço e jurou, por entre os dentes, que me furaria se eu me movesse.

“Meu primeiro pensamento foi que aqueles sujeitos estavam de conluio com os rebeldes, e que aquilo era o início de um ataque. Se nossa porta caísse nas mãos dos cipaio, o forte seria invadido e as mulheres e crianças seriam tratadas como o foram em Kanpur. Talvez os senhores pensem que estou apenas tentando me defender, mas eu lhes dou minha palavra de que, ao pensar nisso, embora sentisse a ponta do facão no pescoço, abri a boca com a intenção de dar um grito, ainda que fosse o último, para poder alertar a guarda principal. O homem que me segurava pareceu ler meus pensamentos, pois, assim que tomei essa decisão, ele sussurrou: ‘Não grite. O forte está seguro. Não há cães rebeldes deste lado do rio’. Havia um tom de verdade no que ele dizia, e constatei que se eu elevasse o tom de voz, seria um homem morto. Podia ler isso nos olhos castanhos do sujeito. Dessa forma, aguardei em silêncio para ver o que queriam de mim.

“‘Ouça-me, sahib’, disse o mais alto e mais feroz dos dois, aquele a quem chamavam de Abdullah Khan. ‘Ou você fica do nosso lado ou o calaremos para sempre. A coisa é importante demais para hesitarmos. Ou fica de corpo

e alma conosco, jurando sobre a cruz dos cristão, ou seu corpo será jogado no fosso esta noite, e nós passaremos para nossos irmãos do exército rebelde. Não há meio-termo. Então, o que vai escolher... a morte ou a vida? Só podemos lhe dar três minutos para decidir, porque o tempo está passando e tudo deve ser feito antes que a ronda volte.’

“Como posso escolher?’ perguntei. ‘Não me disseram o que querem de mim. Mas fiquem sabendo que se for alguma coisa contra a segurança do forte, não quero participação nisso, portanto, podem tratar de cravar essa faca de uma vez.’

“Não é nada contra o forte’, disse ele. ‘Só lhe pedimos que faça aquilo que seus compatriotas vêm fazer neste país. Que fique rico. Se você se juntar a nós esta noite, nós lhe juraremos sobre a faca nua e pelo tríplice juramento, que nunca se soube que um sique tenha quebrado, que terá seu quinhão da bolada. Um quarto do tesouro será seu. Nada pode ser mais justo.’

“Mas que tesouro é esse?’ perguntei. ‘Estou tão disposto a ficar rico quanto vocês, se quiserem, mas mostrem-me como isso pode ser feito.’

“Jure, então’, disse ele ‘pelos ossos de seu pai, pela honra de sua mãe, pela cruz de sua fé, que não levantará a mão, nem dirá uma palavra contra nós, nem agora, nem depois?’

“Juro’, respondi, ‘contanto que o forte não corra perigo.’

“Nesse caso, meu camarada e eu juramos que você terá um quarto do tesouro, que será dividido igualmente entre nós quatro.’

“Mas somos só três’, contestei.

“Não, Dost Akbar deve ter sua parte. Podemos contar a história a você enquanto os esperamos. Fique no portão, Mahomet Singh, e avise-nos quando chegarem. A coisa está no seguinte pé, sahib, e eu lhe conto isto porque sei que um juramento é sagrado para um feringhee, e que podemos confiar em você. Se fosse um hindu mentiroso, mesmo que tivesse jurado por todos os deuses de seus templos falsos, seu sangue já estaria nesta faca e seu corpo, na água. Mas o sique conhece o inglês e o inglês conhece o sique. Ouça bem, portanto, o que tenho a dizer.

“Há um rajá nas províncias do norte que possui uma imensa fortuna, embora suas terras sejam pequenas. Muito ele herdou do pai, e mais ainda, ele acumulou por si mesmo, porque tem uma natureza mesquinha e guarda seu ouro em vez de gastá-lo. Quando o motim estourou, ele quis ser amigo tanto do leão, quanto do tigre... dos cipaios e do domínio da Companhia.

Não tardou, no entanto, para que o dia dos homens brancos chegara, pois em todo o país não se ouvia falar de outra coisa, senão de sua morte e deposição. Contudo, sendo um homem cauteloso, fez planos tais que, acontecesse o que acontecesse, preservaria pelo menos metade de seu tesouro. O que estava em ouro e prata ele guardou a seu alcance, nos cofres do palácio, mas guardou em uma arca de ferro as pedras mais preciosas e as pérolas mais raras que possuía, e entregou-a a um criado de confiança que, disfarçado de mercador, deveria levá-la para o forte de Agra, onde permaneceria até que o país estivesse em paz. Desse modo, se os rebeldes vencessem, ele teria conservado seu dinheiro. Porém, se a Companhia saísse vitoriosa, suas joias estariam a salvo. Tendo assim dividido sua fortuna, lançou-se na causa dos cipaio, pois eles estavam fortes em suas fronteiras. Ao proceder dessa forma, note bem, sahib, seus bens passam a pertencer por direito àqueles que se mantiveram leais à sua causa.

“Esse falso mercador, que viajava sob o nome de Achmet, está agora na cidade de Agra e deseja chegar ao forte. Tem como companheiro de viagem meu irmão de criação, Dost Akbar, que conhece o seu segredo. Dost Akbar prometeu conduzi-lo esta noite a uma porta lateral do forte, e escolheu a que guardamos para seu propósito. Chegará dentro em pouco e aqui encontrará Mahomet Singh e a mim à sua espera. O lugar é isolado e ninguém o verá chegando. O mundo não saberá mais nada sobre o mercador Achmet, mas o grande tesouro do rajá será dividido entre nós. O que me diz, sahib?”

“Em Worcestershire, a vida de um homem parece algo precioso e sagrado, mas tudo é diferente quando se está cercado de fogo e sangue e nos acostumamos a encontrar a morte a todo instante. Que Achmet, o mercador, vivesse ou morresse pouco me importava, mas ao ouvir falar do tesouro entusiasmei-me e pensei no que poderia fazer na velha pátria com ele, e como minha gente ficaria espantada ao ver este vadio voltar com os bolsos cheios de moidores de ouro. Eu já havia, portanto, me decidido. Abdullah Khan, porém, pensando que eu hesitava, continuou insistindo.

“Pense, sahib, disse ele, ‘que se esse homem for pego pelo comandante, ele será enforcado ou fuzilado, e suas joias tomadas pelo governo, de forma que ninguém ganhará uma rupia. Agora, se nós tratarmos de capturá-lo, por que não deveríamos fazer o resto também? As joias ficarão tão bem conosco quanto nos cofres da Companhia. Haverá o bastante para fazer de cada um de nós homens ricos e grandes chefes. Ninguém terá conhecimento de nada,

pois aqui estamos nós, isolados de todos. O que poderia ser melhor para nosso objetivo? Diga então novamente, sahib, se está conosco, ou se devemos vê-lo como um inimigo.’

“Eu estou de corpo e alma com vocês’, disse eu.

“Muito bem’, respondeu ele, devolvendo-me meu mosquete. ‘Veja que confiamos em você, porque sua palavra, como a nossa, não pode ser quebrada. Agora só nos resta esperar pelo meu irmão e o mercador.’

“Então seu irmão sabe o que vão fazer?’, perguntei.

“O plano foi concebido por ele. Vamos para o portão montar guarda com Mahomet Singh.’

“A chuva não dera trégua, pois estávamos no início da estação chuvosa. Nuvens escuras e carregadas forravam o céu e era difícil enxergar alguns metros adiante. Havia um fosso profundo diante de nossa porta, mas a água estava quase seca em alguns pontos, permitindo que ele fosse transposto com facilidade. Para mim, era estranho estar ali com aqueles dois ferozes panjabis, esperando um homem que viria a morrer.

“De repente, avistei o lampejo de uma lanterna velada do outro lado do fosso. Sumiu entre os montes de terra e depois reapareceu, vindo lentamente em nossa direção.

“Aí estão eles!’, exclamei.

“Trate de interrogá-lo, sahib, como de costume’, sussurrou Abdullah. ‘Não lhe dê motivos para temer. Mande-nos entrar com ele e faremos o resto, enquanto você continua aqui de guarda. Fique a postos com a lanterna, para podermos ter certeza de que é de fato o homem.’

“A luz continuou a tremular, ora parando, ora avançando, até que consegui distinguir dois vultos escuros do outro lado do fosso. Deixei-os escorregar pela ribanceira, passar pela lama e subir metade do caminho até a porta antes de interrogá-los.

“Quem vem chegando?’ perguntei em tom baixo.

“Amigos’, foi a resposta. Saquei minha lanterna e lancei um facho de luz sobre eles. O primeiro era um sique enorme, com uma barba preta que quase alcançava sua cintura. Eu nunca vira um homem tão alto, a não ser em espetáculos. O outro era um sujeito baixote, gordo, redondo, com um grande turbante amarelo e uma trouxa na mão, feita com um xale. Parecia apavorado, pois suas mãos tremiam como se sofresse da febre do sezão, e virava a cabeça para a esquerda e direita, com dois olhinhos vivos piscantes,

como um camundongo que se aventurava fora de sua toca. A ideia de matá-lo me dava calafrios, mas pensei no tesouro e senti meu coração endurecer no peito. Quando viu meu rosto branco, ele soltou um gritinho de alegria e correu em minha direção.

“Sua proteção, sahib’, disse com a voz ofegante, ‘sua proteção para o pobre mercador Achmet. Atravessei toda a Rajputana para vir buscar abrigo no forte de Agra. Fui roubado, espancado e insultado por ser amigo da Companhia. Que seja abençoada esta noite em que me encontro novamente em segurança... eu e minhas posses.’

“O que carrega nessa trouxa?’, perguntei.

“Uma arca de ferro’, ele respondeu, ‘que contém um ou dois pequenos objetos de família sem valor algum, mas que eu lamentaria muito perder. Não sou nenhum mendigo, porém. Eu lhe darei uma recompensa, sahib, e também ao seu comandante, se me der o abrigo que peço.’

“Não me arrisquei a falar mais tempo com o homem. Quanto mais olhava para seu rosto gordo e assustado, mais cruel parecia que fôssemos matá-lo a sangue frio. Era melhor acabar logo com aquilo.

“Levem-no à guarda principal’, disse eu. Os dois siques se aproximaram dele, um de cada lado e, com o gigante seguindo atrás, adentraram o portão escuro. Nunca um homem foi tão envolto pela morte. Permaneci no portão com minha lanterna.

“Eu podia ouvir o som ritmado dos passos pelos corredores desertos. De repente, o barulho cessou e ouvi vozes, um tumulto, com o som dos golpes. Logo depois, para meu horror, uma correria que seguia em minha direção e a respiração ofegante de um homem a correr. Virei minha lanterna para o corredor longo e reto, e lá estava o gorducho, rápido como um raio, com o rosto manchado de sangue, e, logo atrás dele, saltando como um tigre, o imenso sique barbudo, com uma faca reluzente na mão. Jamais vi um homem correr tão depressa quanto o pequeno mercador. Estava levando a dianteira do sique, e vi que se conseguisse passar por mim e chegar ao descampado ainda poderia se salvar. Senti pena dele, mas a lembrança do tesouro voltou a me deixar cruel. Conforme ele passou correndo, lancei meu mosquete entre suas pernas e ele rolou duas vezes no chão, como um coelho ferido. Antes que conseguisse se equilibrar de pé, o sique estava em cima dele e cravou-lhe a faca duas vezes na lateral. O homem não soltou um gemido, nem moveu um músculo, só se manteve inerte onde caiu. Tenho

para mim que pode ter quebrado o pescoço na queda. Como estão vendo, cavalheiros, estou cumprindo a minha promessa. Conto-lhes cada palavra caso, exatamente como ocorreu, quer me favoreça ou não.”

Ele parou e estendeu as mãos algemadas até o uísque com água que Holmes havia lhe preparado. Quanto a mim, confesso que a essa altura sentia um pavor absoluto pelo homem, não apenas por essa aventura sanguinária em que participara, mas ainda mais pela maneira tão indiferente como a narrara. Independentemente da punição que o aguardasse, senti que ele não podia esperar qualquer compaixão de minha parte. Sherlock Holmes e Jones permaneciam sentados, com as mãos nos joelhos, profundamente interessados na história, mas com a mesma aversão estampada em seus rostos. Talvez ele o tivesse notado, pois havia um ar desafiador em sua voz e em seus modos quando voltou a falar.

— Tudo aquilo era horrível, sem dúvida — disse ele. — Mas gostaria de saber quantos sujeitos em meu lugar teriam recusado sua partilha nessa bolada, sob a ameaça de ter seu pescoço cortado como recompensa. Além disso, levando em conta que ele estava no forte, era minha vida ou a dele. Se ele tivesse escapado, todo o caso teria sido descoberto e eu seria submetido à corte marcial e muito provavelmente fuzilado, já que as pessoas não eram muito tolerantes em um momento como aquele.

— Prossiga com sua história — disse Holmes, sucinto.

— Bem, nós o carregamos para dentro, Abdullah, Akbar e eu. Aliás, ele era bem pesado, apesar de ser tão baixo. Mahomet Singh ficou vigiando a porta. Levamos o corpo para um lugar em que os siques já haviam preparado. Era um ponto afastado, onde uma passagem sinuosa levava a um grande salão desocupado, cujas paredes de tijolo estavam ruindo. O chão de terra havia afundado em um ponto, fazendo um túmulo natural, e foi ali que deixamos o mercador Achmet, depois de cobri-lo com tijolos soltos. Então, voltamos todos ao tesouro.

“Estava onde havia caído quando o homem fora atacado pela primeira vez. A arca era a mesma que agora está aberta sobre sua mesa. Havia uma chave pendurada em um cordão de seda àquela alça entalhada na tampa. Quando a abrimos, a luz da lanterna brilhou sobre uma coleção de gemas como aquelas sobre as quais eu lera e pensara, quando era um garotinho, em Pershore. Era uma visão ofuscante. Depois de banquetear nossos olhos, tiramos todas elas e fizemos uma lista. Havia cento e quarenta e três

diamantes de primeira grandeza, inclusive aquele apelidado, se não me engano, “O Grande Magnata”, e considerado a segunda maior pedra que existe. Também havia noventa e sete belíssimas esmeraldas e cento e setenta rubis, embora alguns fossem pequenos. Havia quarenta carbúnculos, duzentas e dez safiras, sessenta e uma ágatas e grande quantidade de berilos, ônix, olhos de gato, turquesas e outras pedras, cujos nomes, à época, eu sequer conhecesse, embora tenha me familiarizado com elas desde então. Além disso, havia quase trezentas belíssimas pérolas, doze das quais estavam encrustadas em um diadema de ouro. Por sinal, estas últimas haviam sido retiradas da arca e não estavam lá quando o recuperei.

“Depois de contabilizar nossas preciosidades, nós as colocamos de volta na arca e levamos até o portão para mostrar a Mahomet Singh. Em seguida, renovamos solenemente o juramento de lealdade uns aos outros e prometemos guardar nosso segredo. Concordamos em esconder nossa bolada em um local seguro até que a paz voltasse ao país e depois dividi-la igualmente entre nós. De nada adiantaria dividi-la naquele momento porque, se gemas daquele valor fossem encontradas conosco, despertaríamos desconfianças e no forte não havia nenhuma privacidade, ou lugar algum onde pudéssemos guardá-las. Assim, levamos a caixa para o mesmo salão onde havíamos enterrado o corpo e ali, sob certos tijolos da parede mais preservada, fizemos um buraco e pusemos nosso tesouro. Gravamos bem o local e, no dia seguinte, eu desenhei quatro plantas, uma para cada um de nós, e pus ao pé delas o signo dos quatro, pois havíamos jurado agir cada um de nós sempre pelos quatro, de modo que nenhum pudesse se aproveitar. Posso afirmar, com a mão no peito, que esse é um juramento que nunca violei.

“Bem, é desnecessário que eu conte a vocês, cavalheiros, qual foi o desfecho do motim indiano. Depois que Wilson tomou Délhi e Sir Colin substituiu Lucknow, a espinha dorsal da revolta estava quebrada. Novas tropas chegaram maciçamente e o próprio Nana Sahib desapareceu além da fronteira. Sob o comando do coronel Greathed, um destacamento aéreo avançou até Agra e expulsou os pandies de lá. A paz parecia estar se estabelecendo no país, e nós quatro começávamos a ter esperança de que se aproximava o momento em que poderíamos partir em segurança com nossa parte do tesouro. Porém, para nossa desgraça, de uma hora para outra, nós fomos presos como assassinos de Achmet.

“Aconteceu da seguinte maneira. Ao colocar suas preciosidades nas mãos de Achmet, o rajá o fez porque sabia que ele era confiável. Mas aquela gente do leste é desconfiada. Portanto, que fez esse rajá, senão chamar um segundo criado, ainda mais confiável, e incumbi-lo de espionar o primeiro? Esse segundo homem recebeu ordens para jamais perder Achmet de vista e o seguiu como uma sombra. Naquela noite, foi atrás dele e viu-o entrar pelo portal. Pensou, é claro, que ele havia se refugiado no forte e, no dia seguinte, também pediu para ser admitido lá, mas não encontrou nenhum sinal de Achmet. Isso lhe pareceu tão estranho que comentou sobre isso com um sargento dos Guias, e este levou o caso ao comandante. Imediatamente foi realizada uma busca completa no forte e o corpo foi descoberto. Assim, exatamente quando pensávamos que tudo estava certo, nós quatro fomos presos e levados a julgamento sob acusação de assassinato; três de nós, por termos vigiado o portão, e o quarto por ter sido visto na companhia do homem assassinado. Nenhuma palavra sobre as joias surgiu no julgamento, pois, como o rajá fora deposto e expulso da Índia, ninguém tinha interesse particular nelas. Contudo, o assassinato foi claramente desvendado e não havia dúvidas de que estivéramos todos envolvidos. Os três siques receberam pena perpétua de trabalhos forçados e eu fui condenado à morte, embora mais tarde minha sentença tenha sido transformada na mesma imposta aos outros.

“A posição em que nos encontramos, então, era bastante estranha. Lá estávamos os quatro, acorrentados pela perna e com muito pouca chance de escapar, ao passo que cada um de nós guardava um segredo que poderia nos levar para um palácio, se pudéssemos desfrutar dele. Era de desesperar um homem ter que suportar os chutes e bofetadas de cada insolente insignificante, ter que passar a arroz e água, quando aquela magnífica fortuna estava à sua espera lá fora, apenas esperando para ser apanhada. Isso poderia ter me enlouquecido, mas, como sempre fui muito obstinado, resisti e esperei o momento propício.

“Finalmente pareceu-me que o momento chegara. Fui transferido de Agra para Madras, e de lá para Blair, nas ilhas Andamão. Há muito poucos sentenciados brancos nessa colônia e, como me comportei bem desde o início, logo me vi na condição de uma espécie de privilegiado. Deram-me uma cabana em Hope Town, que é um lugarejo nas encostas do monte Harriet, e fui deixado por minha conta. Era um lugar triste, assolado pela

febre, e a mata acima de nossas pequenas clareiras era toda infestada de canibais nativos, sempre prontos para soprar um dardo envenenado sobre nós, se tivessem chance. Tínhamos que escavar, abrir valas e fazer mais uma dúzia de tarefas, de modo que ficamos bastante ocupados o dia todo. No entanto, ao cair da noite tínhamos algum tempo para nós. Entre outras coisas, aprendi a aviar medicamentos para o cirurgião, e adquiri um pouco de seu conhecimento. Eu ficava o tempo todo à espreita de uma oportunidade para fugir, mas a ilha fica a centenas de quilômetros de qualquer outra e há pouco ou nenhum vento naqueles mares. Sendo assim, escapar seria uma tarefa das mais difíceis.

“O cirurgião, Sr. Somerton, era um rapaz amistoso e alegre, e o os outros jovens oficiais costumavam se reunir à noite em seus aposentos para um carteadado. A sala de cirurgia, onde eu costumava manipular meus remédios, ficava ao lado de sua sala de estar, com uma janelinha entre nós. Muitas vezes, quando sentia-me muito solitário, eu apagava a luz da sala de cirurgia e ficava ali, ouvindo as conversas deles e observando o jogo. Eu mesmo sou chegado em um carteadado e assisti-los jogando era quase tão bom quanto jogar. Costumavam aparecer por lá o major Sholto, o capitão Morstan e o tenente Bromley Brown, que estavam no comando das tropas nativas, e lá se encontrava sempre o próprio cirurgião e dois ou três funcionários do presídio, homens experientes e sagazes que jogavam com muita tarimba e segurança. Formavam um grupinho bem entrosado.

“Bem, havia mais uma coisa que logo me deixou impressionado, e era que os soldados sempre perdiam e os civis ganhavam. Olhem, não estou dizendo que houvesse algo desleal, mas acontecia assim. Aqueles camaradas do presídio pouco tinham feito na vida além de jogar cartas, desde que haviam chegado às ilhas Andamão, e conheciam perfeitamente o jogo uns dos outros, enquanto outros jogavam apenas como passatempo e baixavam as cartas de qualquer maneira. Noite após noite, os soldados empobreciam e, quanto mais pobres ficavam, mais avidez eles tinham por jogar. O major Sholto era a maior vítima. De início, ele costumava pagar em notas e ouro, mas logo passou a usar notas promissórias e de grandes somas. Às vezes ganhava algumas partidas, apenas o suficiente para se animar, depois a sorte virava contra ele e ficava pior do que nunca. Ele passava o dia perambulando desnorteado, de cara fechada, e passou a beber mais do que lhe convinha.

“Uma noite, ele perdeu ainda mais que o habitual. Eu estava em minha cabana, quando ele e o capitão Morstan se aproximaram, cambaleantes, a caminho de seus aposentos. Eram muito amigos, aqueles dois, e estavam sempre juntos. O major vociferava sobre suas perdas.

“Está tudo acabado, Morstan’, dizia ele, quando passaram por minha cabana. ‘Terei que me reformar. Sou um homem arruinado.’

“Não diga tolices, meu velho!’, disse o outro, dando-lhe um tapinha no ombro. ‘Eu também sofri um prejuízo enorme, no entanto...’ Só consegui ouvir isso, mas foi o suficiente para me fazer pensar.

“Alguns dias depois, eu vi o major Sholto passeando na praia e aproveitei a oportunidade para falar-lhe.

“Gostaria de lhe pedir um conselho, major’, disse eu.

“Bem, Small, do que se trata?’ perguntou ele, tirando o charuto da boca.

“Queria lhe perguntar, senhor’, respondi, ‘quem é a pessoa mais indicada a receber um tesouro. Sei onde está um que vale meio milhão, e, como eu mesmo não posso desfrutá-lo, pensei que talvez o melhor a fazer seja entregá-lo às autoridades e assim talvez reduzissem a minha pena.’

“Meio milhão, Small?’ perguntou ele, com a voz falhada, fitando-me fixamente para ver se eu estava falando sério.

“Isso mesmo, senhor... em gemas e pérolas. Ele está lá, a postos para qualquer um. E o mais incrível é que o verdadeiro dono está banido e não pode ter bens, então o tesouro pertence a quem chegar primeiro.’

“Ao governo, Small’, gaguejou ele, ‘ao governo.’ Mas disse isso de forma muito hesitante e, em meu coração, eu soube que o fagara.

“Acha, então, senhor, que eu deveria dar a informação ao governador-geral?’ perguntei tranquilamente.

“Bem, não faça nada precipitado, ou de que possa vir a arrepender-se. Conte-me tudo a respeito, Small. Diga-me os fatos.’

“Narrei-lhe a história toda, com ligeiras alterações, para que não identificasse os lugares. Quando terminei, ele estava imóvel e pensativo. A julgar pelos espasmos em seus lábios, vi que relutava intimamente.

“Esse é um assunto muito importante, Small’, disse ele por fim. ‘Não deve contar uma palavra disso a ninguém, e quero vê-lo novamente em breve.’

“Duas noites depois, ele e seu amigo, o capitão Morstan, vieram à minha cabana, já tarde da noite, com uma lanterna.

“Quero apenas que o capitão Morstan escute aquela história dos seus próprios lábios, Small’, disse ele.

“Repeti conforme lhe contara.

“Soa verdadeiro, não é?’ perguntou ele. ‘Será convincente o bastante para entrarmos em ação?’

“O capitão Morstan assentiu.

“Preste atenção, Small’, disse o major. ‘Estivemos conversando sobre isso, meu amigo aqui e eu, e chegamos à conclusão de que esse assunto, no fim das contas, está longe de ser dá conta do governo. Trata-se de um assunto de seu interesse pessoal, em que, é claro, você tem o direito de decidir o que achar melhor. Agora, a questão é: que preço você pediria por ele? Nós talvez estivéssemos propensos a assumi-lo, ao menos examiná-lo, se concordássemos com as condições.’ Ele falava em um tom indiferente, mas seus olhos cintilavam de ansiedade e cobiça.

“Ora, quanto a isso, cavalheiros’, respondi, tentando também parecer tranquilo, mas tão agitado quanto ele, ‘só há um acordo que um homem em minha condição possa fazer. Quero que me ajudem com minha libertação e que ajudem meus três companheiros da mesma forma. Dessa forma, nós incluiremos os senhores na parceria e lhes daremos uma parcela de um quinto para que dividam entre si.’

“Hum!’ – fez ele. ‘Um quinto! Isso não é muito tentador.’

“Corresponderia a cinquenta mil para cada um,’ respondi.

“Mas como faremos para libertá-los? Sabe muito bem que nos pede algo impossível.’

“Nada disso’, retruquei. ‘Já pensei em tudo, até o último detalhe. O único empecilho para nossa fuga é não conseguirmos um barco apropriado para a viagem, nem provisões para um tempo tão longo. Em Calcutá, ou Madras, há muitos pequenos iates e barquinhos que nos serviriam muito bem. Tragam um para cá. Podemos nos comprometer de embarcar à noite, e se nos deixarem em qualquer lugar da costa indiana, já terão cumprido sua parte da barganha.’

“Se fosse só um’, disse ele.

“Nenhum ou todos’, respondi. ‘Juramos isso. Nós quatro devemos agir sempre juntos.’

“Como vê, Morstan’, disse ele, ‘Small é um homem de palavra. Não quer se livrar dos amigos. Acho que podemos confiar nele.’

“É um negócio sujo”, respondeu o outro. ‘No entanto, como você diz, o dinheiro vai salvar nossos postos.’

“Bem, Small”, disse o major, ‘creio que podemos tentar atendê-lo. Mas primeiro, é claro, temos que constatar a veracidade de sua história. Diga-me onde está escondida a caixa e pedirei uma licença para ir à Índia, no barco mensal de rendição e investigar o assunto.’

“Vamos com calma”, disse eu, agindo mais friamente à medida que ele se empolgava. ‘Preciso do consentimento dos meus três camaradas. Como lhes disse, conosco são os quatro, ou nenhum.’

“Bobagem!” exclamou ele. ‘O que têm esses pretos a ver com nosso acordo?’

“Pretos ou azuis”, disse eu, ‘estão no negócio comigo e fazemos tudo juntos.’

“Bem, a questão terminou em um segundo encontro, em que estavam presentes Mahomet Singh, Abdullah Khan e Dost Akbar. Discutimos o assunto novamente até que, enfim, chegamos a um acordo. Deveríamos fornecer aos dois oficiais mapas da parte do forte de Agra e indicar o local da parede onde o tesouro estava escondido. O major Sholto iria à Índia para verificar a história. Se encontrasse a arca, deveria deixá-la no lugar, enviar um pequeno iate com provisões para uma viagem, que deveria estar nas cercanias da ilha de Rutland, para onde seguiríamos, e finalmente retomar seu serviço. O capitão Morstan pediria então uma licença para ir ao nosso encontro em Agra, e lá deveríamos realizar a divisão final do tesouro, ele levando a parte do major, assim com a sua própria. Esse acordo foi selado com os mais solenes juramentos que a mente pode conceber e os lábios podem pronunciar. Passei a noite em claro com papel e tinta, e, pela manhã, terminara os dois mapas, assinados com o signo dos quatro, isto é, de Abdullah, Akbar, Mahomet e eu.

“Bem, cavalheiros, não quero cansá-los com minha longa história e sei que meu amigo, o Sr. Jones, está impaciente para me ver seguro atrás das grades. Serei o mais sucinto possível. O canalha do Sholto partiu para a Índia, mas nunca mais voltou. Pouco tempo depois, o capitão Morstan mostrou-me o nome dele na lista de passageiros de um dos barcos-correio. Um tio seu morrera, deixando-lhe uma fortuna, e ele abandonara o exército. Apesar disso, foi capaz da temeridade de tratar cinco homens como nos tratou. Pouco tempo depois, Morstan foi a Agra e constatou, como já

esperávamos, que o tesouro realmente havia desaparecido. O canalha o roubara, sem cumprir uma só das condições sob as quais lhe havíamos revelado o segredo. Desde então, eu vivo apenas para me vingar. Pensava nisso durante o dia todo e acolhia a ideia durante a noite. Para mim, aquilo havia se tornado uma paixão esmagadora, absorvente. Não dava a mínima importância à lei... a mínima importância à força. Fugir, encontrar a pista de Sholto, botar a mão em seu pescoço... esse era meu único pensamento. Em minha mente, até o tesouro de Agra tornou-se menor que a morte de Sholto.

“Bem, tomei muitas decisões na vida e não deixei de cumprir nenhuma. Mas passei anos enfadonhos antes que meu momento chegasse. Contei-lhes que havia aprendido alguma coisa na medicina. Um dia, quando o Dr. Somerton estava febril, de cama, um pequeno ilhéu andamanês foi recolhido na mata por uma turma de prisioneiros. Estava agonizando e tinha ido para um lugar solitário para morrer. Decidi cuidar dele, embora fosse peçonhento como uma cobra, e, passados cerca de dois meses, deixei-o em bom estado e capaz de andar. Ele passou a ter uma espécie de afeição por mim, e resistia a regressar à sua mata, permanecendo sempre a rondar minha cabana. Apreendi com ele um pouco de seu dialeto, o que o fez afeiçoar-se ainda mais por mim.

“Tonga era o seu nome, e ele era um excelente barqueiro, dono de uma canoa grande e espaçosa. Quando descobri que me era devotado e faria qualquer coisa para me servir, vi minha chance de escapar. Conversei sobre o assunto com ele. Certa noite, ele deveria levar seu barco a um antigo cais que nunca era vigiado, onde me pegaria. Expliquei-lhe para colocar no barco várias cabaças de água e grandes quantidades de inhames, cocos e batatas-doces.

“O pequeno Tonga era fiel e verdadeiro. Nunca um homem teve um companheiro mais leal. Na noite combinada, ele chegou ao cais com seu barco. No entanto, casualmente, um homem da guarda dos prisioneiros estava lá, um pathan cruel que nunca perdera uma chance de me insultar e ferir. Eu sempre jurava vingança e agora tinha minha oportunidade. Era como se o destino o tivesse posto em meu caminho para que eu pudesse cobrar minha dívida antes de deixar a ilha. Ele estava na beirada da água, de costas para mim, com a carabina no ombro. Procurei uma pedra para lhe esmagar a cabeça, mas não vi nenhuma.

“Então, um estranho pensamento me ocorreu e indicou-me como poderia recorrer a uma arma. Sentei-me no escuro e desprendi minha perna de pau. Com três largos pulos, eu estava em cima dele. Ele tentou pegar a carabina, mas eu o acertei em cheio e afundei toda a parte frontal de seu crânio. Podem ver agora a rachadura na madeira, no lugar eu o atingi. Nós dois caímos ao mesmo tempo, porque não consegui manter o equilíbrio, mas, quando me levantei, ele continuava deitado, bem quieto. Fui para o barco e decorrida uma hora já estávamos bem afastados mar adentro. Tonga havia levado consigo todos os seus bens terrenos, suas armas, seus deuses. Entre outras coisas, havia uma longa lança de bambu e umas esteiras de fibra de coco, com as quais fiz uma espécie de vela. Navegamos sem rumo por dez dias, confiando na sorte, e, no décimo primeiro, fomos recolhidos por um navio mercante que ia de Cingapura para Jiddah, com um punhado de peregrinos malaaios. Eles formavam uma aglomeração bizarra e eu e Tonga logo conseguimos nos entrosar em meio a eles. Tinham uma excelente qualidade: deixavam-nos em paz e não faziam perguntas.

“Bem, se eu fosse lhes contar todas as aventuras vividas por meu amiguinho e eu, os senhores não seriam gratos, pois ficaríamos aqui até o amanhecer. Perambulamos por aqui e ali mundo afora, e alguma coisa sempre acabava nos impedindo de chegar a Londres. Durante o tempo todo, no entanto, jamais perdi meu objetivo de vista. Sonhava com Sholto à noite. Matei-o cem vezes em meu sono. Finalmente, porém, três ou quatro anos atrás, nós nos vimos na Inglaterra. Não tive grande dificuldade em descobrir onde Sholto morava, e entrei em ação para apurar se havia convertido o tesouro em dinheiro, ou se ainda o guardava. Fiz amizade com alguém que pôde me ajudar, não citarei nomes, porque não desejo comprometer mais ninguém, e logo descobri que as joias ainda estavam em posse dele. Então, tentei alcançá-lo de inúmeras maneiras, mas era muito esperto e sempre andava com dois pugilistas, além dos filhos e de seu khitmutgar, para protegê-lo.

“Um dia, porém, eu soube que ele estava morrendo. Corri imediatamente para o jardim, enlouquecido por constatar que ele me escaparia e, olhando pela janela, pude vê-lo na cama, com um filho de cada lado. Eu teria entrado e arriscado a sorte com os três, mas no mesmo instante em que olhei para ele, seu queixo tombou e eu vi que havia partido. Naquela mesma noite, eu entrei em seu quarto e vasculhei seus papéis para

ver se havia algum registro de onde escondera as nossas joias. Mas não havia nada, de modo que fui embora, tão amargurado e furioso quanto um homem pode ficar. No entanto, antes de sair, pensei que se algum dia encontrasse de novo os meus amigos siques seria para eles uma satisfação saber que eu tinha deixado alguma marca de nosso ódio. Dessa forma, rabisquei o nosso signo dos quatro, como o fizera nos mapas, e o espetei em seu peito. Não conseguia suportar que ele fosse levado ao túmulo sem qualquer lembrança dos homens a quem roubara e enganara.

“Nessa época, nós ganhávamos a vida exibindo o pobre Tonga em feiras e outros lugares do gênero como um canibal negro. Ele comia carne crua e dançava sua dança de guerra. Dessa forma, ao fim do dia, nós sempre tínhamos um chapéu repleto de moedas. Continuei tendo notícias de Pondicherry Lodge e, durante alguns anos, não houve nenhuma novidade, exceto que estavam à procura do tesouro. Finalmente, porém, chegou o momento que havíamos esperado por tanto tempo. O tesouro havia sido encontrado. Estava no topo da casa, no laboratório químico do Sr. Bartholomew Sholto. Imediatamente fui até lá e dei uma olhada no lugar, mas não consegui assimilar como, com minha perna de pau, eu poderia subir até lá. Soube, contudo, da existência de um alçapão no teto, e também da hora em que o Sr. Sholto jantava. Tive a impressão de que conseguiria providenciar a coisa com facilidade se empregasse Tonga. Levei-o comigo, com uma corda comprida amarrada à cintura. Ele tinha habilidade de felino para escalar e logo chegou ao telhado, mas, para meu azar e sua infelicidade, Bartholomew Sholto ainda estava no quarto. Tonga pensou que havia feito algo ótimo matando-o, pois quando subi pela corda, encontrei-o orgulhoso feito um pavão. Ficou muito surpreso quando investi contra ele, com a ponta da corda, e o praguejei como um diabinho sanguinário. Peguei a arca do tesouro e a desci com a corda, e em seguida eu próprio desci, tendo primeiro deixado o signo dos quatro sobre a mesa para mostrar que as joias haviam finalmente voltado àqueles que tinham direito a elas. Depois Tonga puxou a corda, fechou a janela e saiu sorrateiramente, da forma como havia entrado.

“Acho que não resta mais nada a lhes contar. Como eu ouvira um barqueiro comentar sobre a rapidez da lancha de Smith, a Aurora, achei que ela seria uma ótima opção para nossa fuga. Contratei o velho Smith e deveria lhe dar uma gorda quantia se ele nos levasse em segurança até nosso

navio. Ele sabia, sem dúvida, que havia algo errado na história, mas ignorava nossos segredos. Essa é toda a verdade, e não conto para entretê-los, cavalheiros, pois me armaram uma bela armadilha, mas porque creio que minha melhor defesa é não esconder nada, e deixar que todos saibam o quanto eu mesmo penei nas mãos do major Sholto, e como sou inocente da morte de seu filho.”

— Um relato notável — disse Sherlock Holmes. — Um desfecho apropriado para um caso extremamente interessante. Não há nada de novo para mim, na última parte de sua narrativa, exceto que você levou sua própria corda. Isso eu não sabia. A propósito, tinha a esperança de que Tonga tivesse perdido todos os seus dardos, mas ele conseguiu lançar um em nós na lancha.

— Ele havia perdido todos eles, senhor, exceto o que estava em sua zarabatana naquele momento.

— Ah, é claro — disse Holmes. — Não tinha pensado nisso.

— Há algum outro ponto sobre o qual gostaria de perguntar? — indagou o prisioneiro de modo afável.

— Creio que não, obrigado — respondeu meu companheiro.

— Bem, Holmes — disse Athelney Jones —, você é um homem a quem devemos ser gratos e todos sabemos que é um connaisseur do crime. Mas dever é dever e eu já fui bem longe fazendo o que você e seu amigo me pediram. Vou me sentir melhor quando tivermos nosso contador de histórias seguro atrás das grades. O cabriolé permanece à espera e há dois inspetores lá embaixo. Estou muito grato a vocês dois, por sua ajuda. Claro que haverá necessidade dos senhores no julgamento. Boa noite aos dois.

— Boa noite, cavalheiros — disse Jonathan Small.

— Você primeiro, Small — disse o cauteloso Jones quando saíram da sala. — Tomarei grande cuidado para que você não me atinja com sua perna de pau, seja o que for que tenha feito com o cavalheiro nas ilhas Andamão.

— Bem, este é o fim do nosso pequeno drama — comentei, depois que havíamos passado algum tempo fumando em silêncio. — Receio que talvez seja a minha última investigação em que eu tenha a chance de estudar seus métodos. A Srta. Morstan me fez a honra de me aceitar como seu futuro marido.

Ele soltou um gemido extremamente melancólico.

— Eu temia isso — disse ele. — Realmente não consigo para- benizá-lo.

Senti-me ligeiramente magoado.

— Tem alguma razão para estar insatisfeito com a minha escolha? — perguntei.

— Em absoluto. Acho que ela é uma das jovens mais encantadoras que já conheci e poderia ter sido extremamente útil em um trabalho como o que temos feito. Tem um talento incontestável para esse campo. Veja a maneira como manteve aquele mapa de Agra, encontrado no meio de toda a papelada de seu pai. Mas o amor é algo emocional e tudo que é emocional é contrário àquela razão fria e verdadeira que ponho acima de todas as coisas. Eu nunca me casaria de modo que meu discernimento jamais seria distorcido.

— Tenho certeza — disse eu, rindo — que meu discernimento pode sobreviver à provação. Mas você parece exausto.

— Sim, já estou sentindo a reação. Vou passar uma semana sem energia feito um trapo.

— Estranho — disse eu — como os períodos que em outro homem eu chamaria de preguiça, você alterna com acessos de esplêndida energia e vigor.

— Sim — respondeu ele —, existe em mim a essência de um grande vadio, assim como a de um sujeito bem vigoroso. Muitas vezes, eu penso naqueles versos do velho Goethe...

Schade, dass die Natur nur
einen Mensch aus Dir schuf,
Denn zum würdigen Mann war
und zum Schelmen der Stoff.^[6]

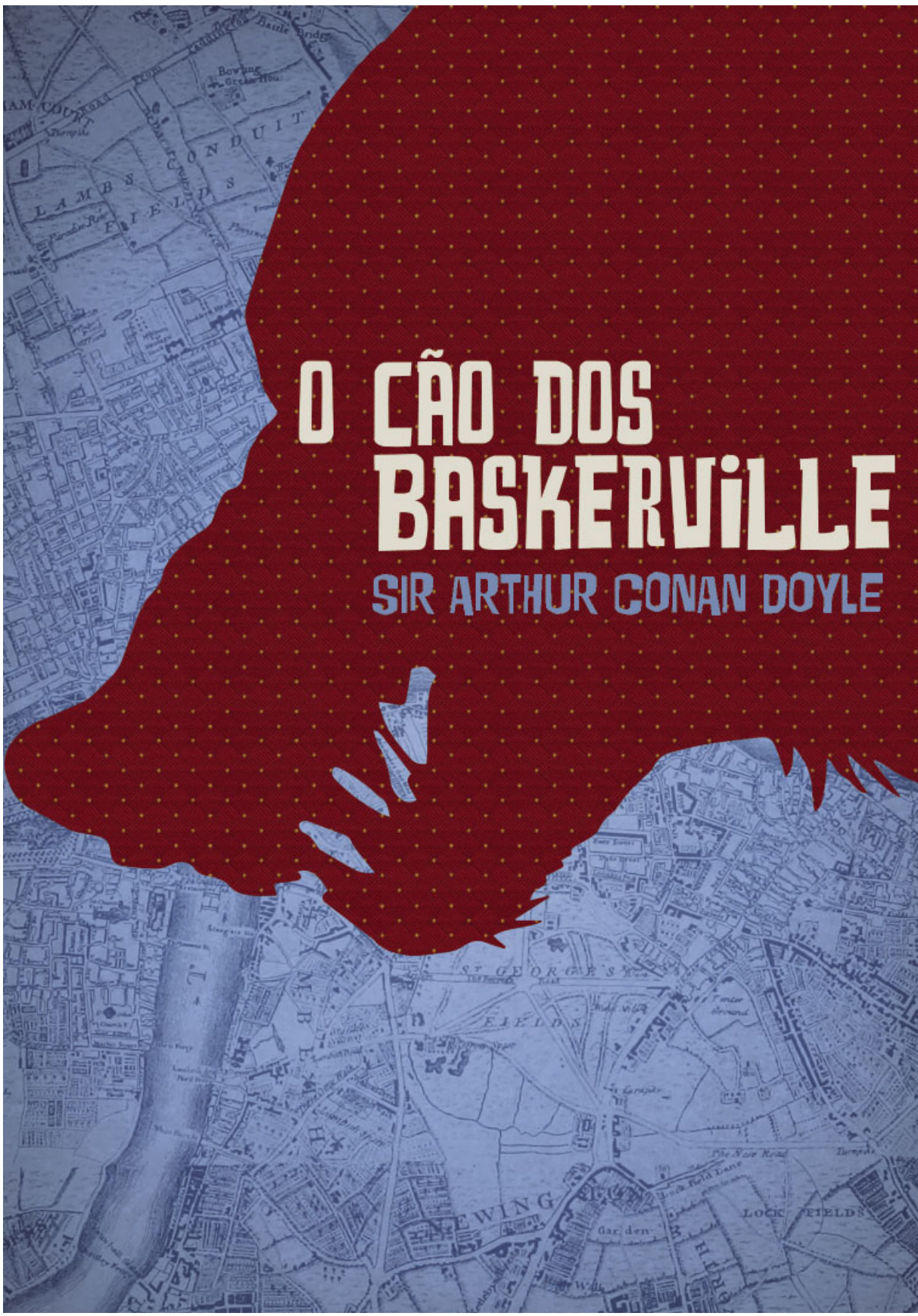
— A propósito, quanto a esse caso de Norwood, você viu que eles tinham, como eu supus, um aliado na casa, que não podia ser outro senão Lal Rao, o mordomo. Então, realmente cabe a Jones todo o mérito por ter apanhado um peixe em seu arrastão.

— A divisão parece injusta — observei. — Você fez todo o trabalho neste caso. Eu arranjei uma esposa com ele e Jones abocanhrou o mérito. Conte-me, o que sobrou para você?

— Para mim — disse Sherlock Holmes —, ainda resta o frasco de cocaína.

E estendeu a mão branca e comprida para pegá-lo.

[6] Em tradução livre: “É uma pena que a natureza tenha feito de você uma pessoa só; havia material suficiente para um homem de bem e um patife”.



O CÃO DOS BASKERVILLE

SIR ARTHUR CONAN DOYLE



O CÃO DOS BASKERVILLE



Direção Editorial: *Silvia Vasconcelos*

Produção Editorial: *Equipe Editora Pandorga*

Tradução: *Tania Costa Nezio*

Preparação e Revisão: *Gabriela Peres Gomes*

Diagramação: *Cristiane Saavedra* | Saavedra Edições

Composição de Capa: *Lumiar Design*



Sr. Sherlock Holmes



Sr. Sherlock Holmes, que costumava acordar muito tarde, a não ser nas frequentes ocasiões em que passava a noite em claro, estava agora sentado à mesa fazendo seu desjejum. Em pé no tapetinho junto à lareira, peguei a bengala que nosso visitante esquecera ali na noite anterior. Era peça de madeira grossa e de boa qualidade, com o cabo bulboso, do tipo conhecido como Penang lawyer^[1]. Logo abaixo da ponta, via-se uma larga faixa de prata de mais de dois centímetros de largura, em que estava gravado: “Para James Mortimer, M.R.C.S., de seus amigos do C.C.H.,” com a data “1884.” Era exatamente o tipo de bengala que costumavam usar os antiquados médicos de família: digna, sólida e reconfortante.

— Então, Watson, o que você deduz sobre ela?

Holmes estava sentado de costas para mim, e eu não lhe dera nenhuma indicação do que estava fazendo.

— Como você soube o que eu estava fazendo? Acho que você tem olhos na sua nuca.

— Eu tenho, pelo menos, um bule de prata bem polido à minha frente — replicou. — Mas, diga-me, Watson, o que você deduz sobre a bengala de nosso visitante? Já que tivemos o infortúnio de não encontrá-lo e não temos a menor ideia de sua missão, esse souvenir acidental adquire uma grande importância. Deixe-me ouvi-lo descrever o homem mediante um exame da bengala.

— Acho — comecei, seguindo na medida do possível os métodos do meu companheiro — que o Dr. Mortimer é um homem idoso e bem-sucedido, e muito estimado já que seus amigos lhe dão essa prova de estima.

— Muito bem! — disse Holmes. — Excelente!

— Também acho que existe uma grande probabilidade de ele ser um médico rural que faz várias visitas aos seus pacientes a pé.

— E por quê?

— Porque esta bengala, embora originalmente tenha sido muito elegante, já levou tantas pancadas que não consigo imaginar um médico da cidade carregando-a. A grossa ponteira de ferro está tão gasta que é evidente que ele fez inúmeras caminhadas com ela.

— Perfeitamente lógico! — disse Holmes.

— Além disso, tem os amigos do C.C.H. Eu diria que é algo relacionado à caça, o grupo local de caçadores a cujos membros ele possivelmente prestou alguma assistência cirúrgica, e recebeu um pequeno presente em retribuição.

— Francamente, Watson, você se supera — disse Holmes, empurrando a cadeira para trás e acendendo um cigarro. — Sou obrigado a lhe dizer que, de todos os relatos que você teve a bondade de fazer sobre as minhas pequenas façanhas, em geral você subestimou suas próprias aptidões. Pode ser que você não seja luminoso, mas é um condutor de luz. Há pessoas que, sem possuir gênio, têm o extraordinário poder de estimulá-lo. Confesso, meu caro amigo, que tenho uma grande dívida para com você.

Ele nunca tinha dito isso antes, e devo admitir que suas palavras me deram um grande prazer, pois muitas vezes me senti magoado por sua indiferença à minha admiração e às tentativas que eu fizera para divulgar seus métodos. Também senti-me orgulhoso de pensar que tinha conseguido dominar seu sistema a ponto de aplicá-lo de uma maneira digna de sua aprovação. Então, ele pegou a bengala de minhas mãos e a examinou por alguns minutos a olho nu. Então, com uma expressão de interesse, ele largou o cigarro e, carregando a bengala até a janela, voltou a examiná-la com uma lente convexa.

— Interessante, apesar de ser elementar — disse enquanto voltava para seu canto favorito do sofá. — Tem certamente um ou dois indícios na bengala. Isso nos serve de base para várias deduções.

— Alguma coisa me escapou? — perguntei com certa presunção. — Eu espero que não tenha deixado passar nada de importante!

— Receio, meu caro Watson, que a maioria de suas conclusões tenha sido errônea. Quando eu disse que você me estimulou, para ser franco, eu

quis dizer que, ao notar suas falácias, fui guiado ocasionalmente para a verdade. Não que você esteja completamente errado neste caso. O homem é certamente um médico rural. E ele realmente anda muito.

— Então eu estava certo.

— Até certo ponto.

— Mas isso não é tudo.

— Não, não, meu caro Watson, não é tudo, de forma alguma. Eu gostaria de sugerir, por exemplo, que é mais provável que um presente para um médico tenha vindo de um hospital, e não de um grupo de caçadores, e, quando vejo as iniciais “C.C.” antes das iniciais desse Hospital, as palavras “Charing Cross” se insinuam muito naturalmente.

— Você pode estar certo.

— As probabilidades indicam essa direção. E, se tomarmos isso como uma hipótese para o nosso trabalho, temos uma nova base para começar a construção desse visitante desconhecido.

— Bem, então supondo que “C.C.H.” represente “Charing Cross Hospital”, que outras conclusões podemos extrair?

— Não lhe vem nada à mente? Você conhece meus métodos. Aplique-os!

— Eu só consigo pensar na conclusão óbvia de que o homem clinicou na cidade antes de ir para a zona rural.

— Acho que podemos nos aventurar um pouco mais além. Olhe por esta luz. Em que ocasião seria mais provável que tal presente lhe fosse dado? Quando seus amigos se uniriam para lhe dar uma promessa de sua estima? Obviamente, no momento em que o Dr. Mortimer parou de trabalhar no hospital para começar a clinicar por conta própria. Nós sabemos que teve um presente. Acreditamos que houve uma mudança de um hospital na cidade para uma clínica na zona rural. Então, seria levar longe demais a nossa conclusão e dizer que o presente foi dado por essa ocasião?

— Certamente parece provável.

— Agora, você precisa observar que ele não podia estar na equipe do hospital, já que apenas um médico com uma boa clientela em Londres poderia ter tal posição, e tal pessoa não se mudaria para a zona rural. O que ele era então? Se ele estava no hospital, mas não pertencia à equipe, ele só podia ser um médico ou um cirurgião residente, pouco mais do que um estudante. E ele saiu há cinco anos, a data está na bengala. Então seu médico de família circunspecto, de meia-idade, desaparece no ar, meu caro Watson,

e surge um jovem com menos de trinta anos, amável, sem nenhuma ambição, distraído e dono de um cão de estimação, que posso descrever como sendo maior que um terrier e menor que um mastim.

Ri, incrédulo, quando Sherlock Holmes se recostou no sofá e soprou pequenos anéis de fumaça para o teto.

— Quanto à última parte, não tenho como verificá-la — disse eu —, mas pelo menos não é difícil descobrir alguns detalhes sobre a idade e carreira profissional do homem.

De minha pequena estante com livros de medicina, peguei o Medical Directory e localizei o nome. Tinham vários Mortimer, mas apenas um que podia ser o nosso visitante. Li sua ficha em voz alta:

“Mortimer, James, M.R.C.S., 1882, Grimpen, Dartmoor, Devon. Cirurgião residente de 1882 a 1884, no Charing Cross Hospital. Vencedor do prêmio Jackson de Patologia Comparada, com o ensaio intitulado ‘É a doença uma reversão?’, Membro correspondente da Sociedade Sueca de Patologia. Autor de ‘Alguns caprichos do atavismo’ (Lancet, 1882), e de ‘Estamos progredindo?’ (Journal of Psychology, março de 1883). Médico encarregado das paróquias de Grimpen, Thorsley e High Barrow.”

— Nenhuma menção à caça local, Watson — disse Holmes com um sorriso travesso —, mas um médico rural, como você muito astutamente observou. Acredito que estou razoavelmente justificado em minhas conclusões. Quanto aos adjetivos, eu disse, se bem me lembro, amável, sem nenhuma ambição e distraído. É minha experiência que apenas um homem amável neste mundo recebe homenagens, apenas um homem sem nenhuma ambição abandona uma carreira em Londres para clinicar na zona rural, e apenas um homem distraído deixa sua bengala e não seu cartão de visita após esperar uma hora pelo dono da casa.

— E o cão?

— Tem o hábito de carregar esta bengala atrás de seu dono. Sendo uma bengala pesada, o cão a segura com força no meio e as marcas de seus dentes são bem visíveis. A mandíbula do cachorro, como mostrado no espaço entre essas marcas, é muito ampla, em minha opinião, para um terrier e não suficientemente ampla para um mastim. Poderia ser... sim, por Deus, é um spaniel de pelo encaracolado.

Ele tinha se levantado e andava pela sala enquanto falava. Nesse instante, parou no recuo da janela. Tinha tanta convicção em sua voz que olhei para ele, surpreso.

— Meu caro amigo, como você pode ter tanta certeza disso?

— Pela simples razão de ver o próprio cachorro à nossa porta, com o seu dono tocando a campainha. Não se mova, eu imploro, Watson. Ele é seu irmão de profissão, e sua presença pode ser útil para mim. Agora é o momento dramático do destino, Watson, quando ouvimos na escada passos que entram em nossas vidas, e não sabemos se para o bem ou para o mal. O que o Dr. James Mortimer, um homem da ciência, vem pedir a Sherlock Holmes, especialista em crime? Entre!

A aparência do nosso visitante foi uma surpresa para mim, já que eu esperava um típico médico rural. Ele era um homem muito alto e magro, com um nariz comprido e adunco que se projetava entre dois olhos cinzentos e aguçados, muito próximos um do outro, e que cintilavam por trás de um par de óculos de aros dourados. Estava vestido de maneira profissional, mas desleixada, porque sua sobrecasaca estava suja e as calças, puídas. Embora jovem, suas longas costas já estavam curvadas, e ele andava espichando a cabeça para frente, com um ar de perscrutadora benevolência. Quando entrou, seus olhos recaíram sobre a bengala na mão de Holmes, e ele correu em direção a ela com uma exclamação de alegria.

— Estou muito feliz — disse ele. — Eu não tinha certeza se a tinha deixado aqui ou na Agência Marítima. Eu não gostaria de perder essa bengala por nada neste mundo.

— Um presente, pelo que vejo — falou Holmes.

— Sim, senhor.

— Do Charing Cross Hospital?

— De um ou dois amigos de lá por ocasião do meu casamento.

— Oh, Deus, isso é ruim! — disse Holmes, meneando a cabeça.

O Dr. Mortimer piscou através dos óculos e olhou para ele, espantado.

— Por que é ruim?

— Apenas porque você desarrumou nossas pequenas conclusões. Você disse que se casou?

— Sim, senhor. Casei-me e por isso saí do hospital, e, com a saída, deixei toda a esperança de um consultório. Foi necessário criar um lar para mim.

— Bem, então não estamos tão errados, afinal — disse Holmes. — E agora, Dr. James Mortimer...

— Senhor, por favor, senhor, um humilde M.R.C.S^[2].

— É um homem de mente precisa, evidentemente.

— Um diletante na ciência, Sr. Holmes, um catador de conchas nas margens do grande oceano desconhecido. Presumo que seja o Sr. Sherlock Holmes a quem estou me dirigindo, e não...

— Não, esse é meu amigo Dr. Watson.

— Prazer em conhecê-lo, senhor. Eu ouvi o seu nome mencionado em conexão com o do seu amigo. Você me interessa muito, Sr. Holmes. Na verdade, eu não esperava um crânio tão dolicocefalo ou um desenvolvimento supraorbital tão acentuado. O senhor faria alguma objeção a que eu passe o dedo ao longo de sua fissura parietal? Um molde de seu crânio, senhor, até que o original esteja disponível, seria um ornamento para qualquer museu antropológico. Não é minha intenção ser adulator, mas confesso que cobiço seu crânio.

Sherlock Holmes apontou uma cadeira para nosso estranho visitante.

— Posso perceber que o senhor é um entusiasta em sua linha de pensamento, como eu na minha — disse ele. — Observo por seu dedo indicador que faz seus próprios cigarros. Não hesite em acender um.

O homem tirou papel e tabaco e enrolou um no outro com surpreendente destreza. Ele tinha dedos longos e trêmulos, tão ágeis e inquietos quanto às antenas de um inseto.

Holmes ficou em silêncio, mas seus pequenos olhares rápidos me mostraram o interesse que sentia por nosso curioso visitante.

— Presumo, senhor — disse ele por fim —, que não foi apenas com o propósito de examinar meu crânio que me deu a honra de sua visita ontem à noite e de novo hoje, certo?

— Não, senhor, não, embora me sinta feliz por ter tido essa oportunidade. Vim procurá-lo, Sr. Holmes, porque reconheço que sou um homem pouco prático e porque, de repente, deparei-me com um problema extremamente sério e extraordinário. Reconhecendo, como reconheço, que o senhor é o segundo maior especialista da Europa...

— Realmente, senhor? Posso perguntar quem tem a honra de ser o primeiro? — perguntou Holmes com certa aspereza.

— Para o homem de mente rigorosamente científica, o trabalho de Monsieur Bertillon tem um apelo demasiadamente forte.

Então não seria melhor consultá-lo?

— Eu disse, senhor, para a mente rigorosamente científica. Mas, como um homem prático, é reconhecido que ninguém iguala o senhor. Eu espero, senhor, não ter inadvertidamente...

— Só um pouco — disse Holmes. — Eu acho, Dr. Mortimer, que seria sábio se você, sem mais delongas, gentilmente me dissesse claramente qual é a natureza exata do problema para o qual você pede minha ajuda.

[1] Uma bengala feita da haste de uma palmeira do leste asiático. (N. T.)

[2] Member of the Royal College of Surgeons – Membro do Instituto Real de Cirurgiões. (N.T)

A maldição dos Baskerville



— Tenho um manuscrito no bolso — disse o Dr. James Mortimer.

— Eu observei quando você entrou na sala — disse Holmes.

— É um manuscrito antigo.

— Do início do século XVIII, a menos que seja uma falsificação.

— Como pode saber isso, senhor?

— O senhor exibiu uns cinco centímetros dele ao meu exame todo o tempo em que esteve falando. Somente um pífio especialista não poderia precisar a data de um documento dentro de uma margem de erro de cerca de uma década. Talvez tenha lido minha pequena monografia sobre o assunto. Estimo que a data é 1730.

— A data exata é 1742. — Dr. Mortimer tirou-o do bolso interno do paletó. — Este documento de família foi confiado aos meus cuidados por Sir Charles Baskerville, cuja morte súbita e trágica, há cerca de três meses, gerou muita comoção em Devonshire. Posso dizer que eu era seu amigo pessoal e também seu médico particular. Ele era um homem de mente forte, senhor, astuto, prático e tão desprovido de imaginação quanto eu próprio. No entanto, levava este documento muito a sério, e sua mente estava preparada para um fim semelhante ao que acabou lhe acontecendo.

Holmes estendeu a mão para o manuscrito e alisou-o no joelho.

— Você pode observar, Watson, o uso alternativo do s longo e do curto. É uma das várias indicações que me permitiram estimar a data.

Olhei por cima do ombro para o papel amarelo e a escrita desbotada. No cabeçalho estava escrito: “Solar Baskerville”, e, abaixo, em grandes figuras rabiscadas: “1742.”

- Parece ser uma espécie de relato.
- Sim, é o relato de uma certa lenda que corre na família Baskerville.
- Mas suponho que seja sobre algo mais recente e prático que você deseja me consultar?
- Bem mais recente. Um assunto extremamente prático, urgente, que deve ser decidido dentro de vinte e quatro horas. Mas o manuscrito é curto e está intimamente ligado ao caso. Com sua permissão, vou lê-lo para o senhor.

Holmes recostou-se na cadeira, juntou as pontas dos dedos e fechou os olhos, com ar de resignação. O Dr. Mortimer virou o manuscrito para a luz e leu em voz alta e trêmula a seguinte curiosa e antiquada narrativa:

Tem havido muitos relatos acerca da origem do Cão dos Baskerville, no entanto, como descendente direto de Hugo Baskerville, e como ouvi a história do meu pai, que também a ouviu do seu, tenho plena convicção de que isso ocorreu como está aqui registrado. E gostaria que acreditásseis, meus filhos, que a mesma Justiça que pune o pecado também pode muito graciosamente perdoá-lo, e que nenhuma condenação é tão pesada que não possa, mediante oração e arrependimento, ser removida. Aprendei, então, com esta história a não temer os frutos do passado, mas a serdes prudentes no futuro, a fim de que as piores paixões pelas quais nossa família sofreu tão gravemente não venham a ser novamente libertadas para nossa ruína.

Saibam que no tempo da Grande Rebelião (cujo registro feito pelo sábio Lord Clarendon eu sinceramente recomendo à vossa atenção) esta Mansão de Baskerville pertencia ao Hugo desse nome, e ninguém podia negar que ele era um homem selvagem, profano e sem Deus. Isso, na verdade, seus vizinhos poderiam ter perdoado, visto que os santos nunca floresceram nessas regiões, mas havia nele certa disposição desumana e cruel que tornou seu nome proverbial no Oeste. Aconteceu que esse Hugo veio a amar (se, de fato, uma paixão tão nefasta pode ser conhecida com um nome tão brilhante) a filha de um proprietário de terras próximas às de Baskerville. Mas a jovem donzela, sendo discreta e de boa reputação, sempre o evitava, pois temia sua má fama. Então, aconteceu que na festa de São Miguel, esse Hugo, com cinco ou seis de seus companheiros ociosos e devassos, invadiu a fazenda e raptou a donzela, estando ou pai e irmãos dela fora de casa, como ele bem sabia. Quando a levaram para o Solar, a donzela foi colocada em um

quarto no andar superior, enquanto Hugo e seus amigos se sentaram para uma grande bebedeira, como era seu costume noturno. Ora, a pobre moça no andar de cima quase enlouqueceu com os cantos, gritos e terríveis juramentos que vinham da parte de baixo, pois dizem que as palavras usadas por Hugo Baskerville, quando estava embriagado, eram tão pesadas que podiam explodir o homem que as dizia. Finalmente, na tensão de seu medo, ela fez o que poderia ter intimidado o homem mais corajoso ou mais ágil, pois, com a ajuda da hera que cobria (e ainda cobre) a parede sul, desceu pendurando-se no beiral e, assim, voltou para casa através da charneca, três léguas separando o Solar da fazenda de seu pai.

Aconteceu que, pouco tempo depois, Hugo deixou seus convidados para levar comida e bebida – com outras coisas piores, talvez – à sua cativa, e, assim, encontrou a gaiola vazia e viu que o pássaro tinha escapado. Então, ao que parece, ele ficou endemoniado, pois, correndo escada abaixo em direção à sala de jantar, saltou sobre a mesa, jarras e travessas voando diante dele, e gritou diante de todos que, se conseguisse alcançar a moça, ele daria seu corpo e alma às Forças do Mal naquela mesma noite. E, enquanto seus companheiros ficavam horrorizados com a fúria do homem, um mais perverso ou, talvez, um mais bêbado do que os outros, clamou que eles deviam pôr os cães atrás dela. Hugo saiu correndo da casa, gritando para seus criados que selassem sua égua e soltassem os cães. Dando aos cães um lenço da jovem, atçou-os, fazendo-os sair em grande velocidade pela charneca enluarada.

Por algum tempo, seus companheiros ficaram boquiabertos, incapazes de entender tudo o que tinha sido feito com tanta pressa. Mas logo eles tomaram consciência do ato que estava prestes a ter lugar nas charnecas. Tudo transformou-se em um grande alvoroço, alguns pedindo por suas pistolas, alguns por seus cavalos, e alguns por outra garrafa de vinho. Mas finalmente algum sentido voltou para suas mentes enlouquecidas, e todos eles, em número de treze, cavalgaram e iniciaram a perseguição. A lua brilhava acima deles, e cavalgaram rapidamente, tomando o rumo que a jovem devia ter tomado para chegar à sua casa.

Eles tinham percorrido dois ou três quilômetros quando passaram por um dos pastores noturnos nas charnecas e perguntaram-lhe aos gritos se tinha visto a caçada. E o homem, segundo relatam, ficou com tanto medo que mal conseguia falar, mas por fim disse que realmente vira a donzela

infeliz com os cães em seu rastro. “Mas eu vi mais do que isso”, disse ele, “pois Hugo Baskerville passou por mim em sua égua negra, e atrás dele corria, em silêncio, um cão do inferno que Deus me livre de o ter um dia a meu encalço.” Então, os companheiros bêbados amaldiçoaram o pastor e seguiram adiante. Mas logo suas peles se enregelaram, pois eles ouviram um galope vindo pela charneca, e a égua negra, mergulhada em espuma branca, passou arrastando as rédeas e com a sela vazia. Assim, os companheiros começaram a cavalgar mais próximos um do outro, pois um grande medo se abateu sobre eles, mas ainda seguiam pela charneca, embora, se estivessem sozinhos, teriam ficado felizes em dar meia-volta no cavalo. Cavalgando devagar dessa maneira, finalmente alcançaram os cães. Estes, embora conhecidos por seu valor e sua raça, ganiam amontoados no alto de um profundo barranco na charneca, alguns se esquivando e alguns com o pelo eriçado e olhos arregalados, fitando o estreito vale diante deles.

O grupo de homens parou, agora mais sóbrios, como podeis imaginar, do que quando começaram. A maioria deles não avançaria de forma alguma, mas três deles, os mais ousados, ou os mais embriagados, seguiram em frente na direção do barranco. Ele se abria em um amplo espaço onde ficavam duas daquelas grandes pedras, que ainda podem ser vistas ali, que foram colocadas por certos povos esquecidos nos tempos antigos. A lua brilhava sobre a clareira e, no centro, jazia a infeliz donzela caída, morta de medo e fadiga. Mas não foi a visão de seu corpo, ou do corpo de Hugo Baskerville, estendido ao lado dela, que arrepiou os três destemidos gozadores, mas o que viram em cima de Hugo, agarrado à sua garganta, uma coisa horrenda, uma fera enorme e negra, com a forma de um cão de caça, bem maior do que qualquer cão que o olho de um mortal já tenha visto. E mesmo enquanto eles olhavam, a coisa arrancou parte da garganta de Hugo Baskerville, e, quando a besta virou seus olhos ardentes e a mandíbula ensanguentada para eles, os três começaram a berrar de medo e fugiram gritando desesperados pela charneca. Um deles, contam, morreu naquela mesma noite por conta do que tinha visto, e os outros dois permaneceram com espíritos avariados pelo resto de seus dias.

Esta é a história, meus filhos, da vinda do cão que dizem que, desde então, atormenta a família tão dolorosamente. Se a registrei por escrito é porque aquilo que é claramente conhecido causa menos terror do que o que é insinuado e sugerido. Tampouco se pode negar que muitas pessoas da

família foram infelizes em suas mortes, que foram súbitas, sangrentas e misteriosas. No entanto, possamos nos abrigar na infinita bondade da Providência, que não puniria para sempre os inocentes além da terceira ou quarta geração que é ameaçada nas Sagradas Escrituras.

A essa Providência, meus filhos, recomendo-vos e aconselho, por medida de cautela, que evitem cruzar a charneca naquelas horas sombrias, quando os poderes do mal estão exaltados.

[De Hugo Baskerville a seus filhos Rodger e John, com instruções de que nada digam a sua irmã Elizabeth.].

Quando o Dr. Mortimer terminou de ler essa singular narrativa, ele ergueu os óculos na testa e olhou para Sherlock Holmes. Este último bocejou e jogou a ponta do cigarro no fogo.

— Bem? — perguntou ele.

— Você não acha interessante?

— Para um colecionador de contos de fadas.

O Dr. Mortimer tirou um jornal dobrado do bolso.

— Agora, Sr. Holmes, nós lhe daremos algo um pouco mais recente. Este é o Devon County Chronicle de 14 de maio deste ano. É uma breve descrição dos fatos que vieram à tona quando da morte de Sir Charles Baskerville, ocorrida alguns dias antes dessa data.

Meu amigo inclinou-se um pouco para frente e sua expressão se tornou atenta. Nosso visitante reajustou os óculos e começou:

A recente morte súbita de Sir Charles Baskerville, cujo nome foi mencionado como provável candidato liberal para Mid-Devon na próxima eleição, fez com que uma tristeza pairasse sobre o condado. Embora Sir Charles tenha residido no Solar Baskerville por um período relativamente curto, sua amabilidade de caráter e extrema generosidade conquistaram o afeto e o respeito de todos que entraram em contato com ele. Nesses dias de novos ricos, é reconfortante encontrar um caso em que o descendente de uma antiga família do condado acometida pela adversidade é capaz de fazer sua própria fortuna e trazê-la de volta consigo para restaurar a grandeza de sua linhagem.

Sir Charles, como é bem conhecido, ganhou grandes somas de dinheiro em especulações na África do Sul. Mais sábio do que aqueles que continuam até a roda da fortuna se voltar contra eles, ele converteu seus ganhos em

dinheiro e retornou para a Inglaterra. Faz apenas dois anos que passou a morar no Solar Baskerville, e dizem que grandes projetos de reconstrução e melhorias foram interrompidos por sua morte. Não tendo filhos, era seu desejo que toda a região, durante sua vida, se beneficiasse de sua boa fortuna, e muitos vão ter motivos pessoais para lamentar seu fim prematuro. Suas generosas doações para instituições de caridade locais e as do condado foram frequentemente registradas nestas colunas.

Não se pode dizer que as circunstâncias relacionadas à morte de Sir Charles tenham sido inteiramente esclarecidas pelo inquérito, mas pelo menos o suficiente foi feito para eliminar os rumores que a superstição local deu origem. Não há razão alguma para suspeitar de crime ou para imaginar que possa ter sido produzida por outra coisa senão causas naturais. Sir Charles era um viúvo e um homem que se pode dizer que, de certa forma, tinha disposições um tanto excêntricas. Apesar de sua considerável fortuna, ele era simples em seus gostos pessoais, e sua criadagem no Solar Baskerville consistia em um casal chamado Barrymore, o marido atuando como mordomo e a esposa como governanta. Seus testemunhos, corroborados pelos seus vários amigos, tendem a mostrar que a saúde de Sir Charles estava, já há algum tempo, prejudicada, e apontam especialmente para alguma afecção do coração, manifestando-se em mudanças de cor, falta de ar e ataques agudos de depressão nervosa. O Dr. James Mortimer, amigo e médico particular do falecido, testemunhou o mesmo.

Os fatos do caso são simples. Sir Charles Baskerville tinha o hábito de todas as noites, antes de ir para a cama, andar pela famosa Aleia de Teixos^[3] do Solar Baskerville. O testemunho dos Barrymore mostra que era esse o seu costume. No dia 4 de maio, Sir Charles declarou sua intenção de partir no dia seguinte para Londres e ordenou que Barrymore preparasse sua bagagem. Naquela noite, ele saiu como de costume para a sua caminhada noturna, durante a qual tinha o hábito de fumar um charuto. Ele nunca voltou. À meia-noite, Barrymore, encontrando a porta do solar ainda aberta, ficou alarmado e, acendendo uma lanterna, foi em busca de seu patrão. Havia chovido naquele dia e as pegadas de Sir Charles foram facilmente localizadas na Aleia. Na metade do caminho, há um portão que leva à charneca.

Havia indícios de que Sir Charles ficara por algum tempo ali. Ele então desceu a Aleia, e foi na extremidade dela que seu corpo foi encontrado. Um fato não elucidado foi a declaração de Barrymore de que as pegadas de seu patrão se modificaram a partir do momento em que ele transpôs o portão da charneca, e que daquele ponto em diante parecia que ele tinha caminhado na ponta dos pés. Um homem chamado Murphy, um cigano negociante de cavalos, estava na charneca naquele momento, não muito distante dali, mas confessou que estava um pouco bêbado. Declarou ter ouvido gritos, mas foi incapaz de afirmar de que direção eles vieram. Nenhum sinal de violência foi descoberto no corpo de Sir Charles, embora o depoimento do médico apontasse para uma distorção facial quase inacreditável, tão grande que a princípio o Dr. Mortimer se recusou a acreditar que era de fato seu amigo e paciente que estava diante dele, foi explicado que esse é um sintoma que não é incomum em casos de dispneia e morte por exaustão cardíaca. Essa explicação foi corroborada pelo exame post-mortem, que mostrou doença orgânica de longa data, e o júri de instrução pronunciou um veredicto de acordo com o depoimento do médico. É bom que assim seja, pois é obviamente de extrema importância que o herdeiro de Sir Charles se estabeleça no Solar e continue o bom trabalho que foi tão tristemente interrompido. Se o resultado prático do legista não tivesse finalmente posto fim às histórias românticas que foram sussurradas em conexão com o caso, poderia ter sido difícil encontrar um inquilino para o Solar Baskerville. Entende-se que o parente mais próximo é o Sr. Henry Baskerville, se ainda estiver vivo, filho do irmão mais novo de Sir Charles Baskerville. O rapaz, quando se teve notícias dele pela última vez, estava na América, e investigações estão sendo feitas com o objetivo de lhe informar sua boa sorte.

O Dr. Mortimer dobrou o jornal e guardou-o no bolso.

— Esses são os fatos públicos, Sr. Holmes, conectados com a morte de Sir Charles Baskerville.

— Devo lhe agradecer — disse Sherlock Holmes — por chamar minha atenção para um caso que certamente apresenta algumas características de interesse. Na época, eu tinha observado alguns comentários no jornal, mas estava extremamente preocupado com aquele pequeno caso dos camafeus do Vaticano e, em minha ansiedade em servir ao papa, perdi contato com

vários casos ingleses interessantes. Este artigo, você diz, contém todos os fatos públicos?

— Sim, contém.

— Então, conte-me os privados. — Ele se inclinou para trás, juntou as pontas dos dedos e assumiu sua expressão mais impassível e crítica.

— Ao fazê-lo — disse o Dr. Mortimer, que começava a mostrar sinais de alguma forte emoção —, estou contando aquilo que não confiei a ninguém. Meu motivo para recusar a revelar isso ao júri de instrução é que um homem de ciência se esquivava de colocar-se na posição pública de endossar uma superstição popular. Eu tinha o motivo adicional de que o Solar Baskerville, como diz o jornal, certamente permaneceria desabitado se algo fosse feito para aumentar sua já sombria reputação. Por esses dois motivos, achei que tinha justificativa em dizer muito menos do que sabia, já que nenhum bem prático poderia resultar disso, mas, para você, não existe nenhuma razão para que eu não seja franco.

“A charneca é muito pouco habitada e os que moram perto são muito unidos. Por essa razão, eu estava frequentemente com Sir Charles Baskerville. Com exceção do Sr. Frankland, do Solar Lafter, e do Sr. Stapleton, o naturalista, não tinha nenhum outro homem instruído em muitos quilômetros. Sir Charles era um homem reservado, mas a sua doença nos uniu e interesses comuns na ciência nos mantiveram assim. Ele trouxera muitas informações científicas da África do Sul, e passamos muitas noites encantadoras discutindo a anatomia comparada dos bosquímanos e dos hotentotes.

“Nos últimos meses, ficou cada vez mais claro para mim que o sistema nervoso de Sir Charles estava tenso a ponto de um colapso. Ele tinha levado demasiado a sério essa lenda que li para o senhor, tanto que, embora ele andasse por sua propriedade, nada o induziria a sair na charneca à noite. Por mais incrível que possa parecer a você, Sr. Holmes, ele estava sinceramente convencido de que um destino terrível ameaçava sua família, e certamente os registros que ele tinha de seus antepassados não eram encorajadores. A ideia de alguma presença medonha constantemente o assombrava, e em mais de uma ocasião, ele me perguntou se eu, nas jornadas noturnas para as minhas visitas médicas, já vira alguma criatura estranha ou ouvira o latido de um cão. Repetiu-me essa pergunta várias vezes, e sempre com uma voz que vibrava de agitação.

“Eu me lembro de ter ido à sua casa certa noite, umas três semanas antes do evento fatal. Por acaso, ele estava parado à porta do solar. Eu tinha descido do meu cabriolé e estava em pé na frente dele, quando vi seus olhos se fixarem acima do meu ombro, e ele olhou além de mim com uma expressão de intenso horror. Virei-me rapidamente e tive apenas tempo para vislumbrar algo que tomei como um grande bezerro preto passando na frente da entrada. Ele ficou tão agitado e alarmado que fui compelido a seguir até o local onde o animal estivera e procurar por ele. No entanto, desaparecera, e o incidente pareceu causar a pior impressão em sua mente. Fiquei com ele a noite toda, e foi nessa ocasião, para explicar a emoção que ele demonstrara, que me confidenciou a narrativa que li para o senhor quando cheguei. Menciono esse pequeno episódio porque ele assume alguma importância em vista da tragédia que se seguiu, mas na época eu estava convencido de que o assunto era totalmente trivial e que seu estado de agitação não tinha justificativa.

“Foi a meu conselho que Sir Charles estava prestes a ir para Londres. Seu coração estava, eu sabia, afetado, e a ansiedade constante em que ele vivia, por mais quimérica que fosse a sua causa, evidentemente estava afetando sua saúde em demasia. Pensei que alguns meses entre as distrações da cidade poderiam trazê-lo de volta como um novo homem. Sr. Stapleton, um amigo em comum, que também estava muito preocupado com seu estado de saúde, compartilhava da mesma opinião que eu. No último instante, aconteceu essa terrível catástrofe.

“Na noite da morte de Sir Charles, Barrymore, o mordomo, que encontrou o corpo, mandou Perkins, o cavaleiro, ir até a minha casa, e, como eu estava acordado, consegui chegar ao Solar Baskerville uma hora após o ocorrido. Verifiquei e corroborei todos os fatos que foram mencionados no inquérito. Segui as pegadas ao longo da Aleia dos Teixos, vi o local perto do portão da charneca onde ele parecia ter esperado, observei a mudança na forma das pegadas depois desse ponto, constatei que não havia outros passos além dos de Barrymore no cascalho macio, e finalmente examinei cuidadosamente o corpo, que não tinha sido tocado até a minha chegada. Sir Charles estava deitado de bruços, os braços abertos, os dedos enterrados no chão, e suas feições estavam tão convulsionadas por alguma emoção forte que eu mal podia atestar sua identidade. Certamente não houve ferimento físico de nenhum tipo. Mas uma declaração falsa foi feita

por Barrymore no inquérito. Ele disse que não havia vestígios no chão ao redor do corpo. Ele não observou nenhuma. Mas eu, sim... um pouco distantes, mas frescas e nítidas.”

— Pegadas?

— Pegadas.

— De homem ou de mulher?

O Dr. Mortimer fitou-nos estranhamente por um instante, e sua voz era quase um sussurro ao responder:

— Eram as pegadas de um gigantesco cão de caça, Sr. Holmes!

[3] Teixo é o nome popular de uma árvore da família das Texáceas, originária da região mediterrânea e do sudoeste da Ásia. (N.T)

O problema



Confesso que após essas palavras um arrepio passou por mim. Tinha uma emoção na voz do médico que mostrava que ele estava profundamente comovido pelo o que tinha nos dito. Holmes inclinou-se para frente em seu entusiasmo e seus olhos tinham o brilho duro e seco que adquiriam quando ele estava profundamente interessado.

— Você viu isso?

— Tão claramente como estou lhe vendo.

— E não disse nada?

— De que adiantaria?

— Como foi que ninguém mais viu isso?

— As marcas estavam a uns vinte metros do corpo e ninguém deu a menor atenção. Acredito que eu também não teria dado se não conhecesse essa lenda.

— Há muitos cães pastores na charneca?

— Sem dúvida, mas não era um cão pastor.

— Você disse que era grande?

— Enorme.

— Mas ele não se aproximou do corpo?

— Não.

— Como estava o clima naquela noite?

— Úmido e frio.

— Mas não estava chovendo?

— Não.

— Como é a Aleia?

— Há duas linhas de sebes de teixo velho, de três metros e meio de altura e impenetráveis. O caminho no centro tem cerca de dois metros e meio de largura.

— Existe alguma coisa entre as sebes e o caminho?

— Sim, uma faixa de grama com cerca de dois metros de largura em ambos os lados.

— Pelo que entendi a sebe de teixos é interrompida em um ponto por um portão?

— Sim, a cancela que leva à charneca.

— Existe alguma outra abertura?

— Nenhuma.

— Então, para se chegar à Aleia de Teixos, é preciso descer a partir da casa ou entrar pelo portão da charneca?

— Tem uma saída através de um chalé na outra extremidade.

— Sir Charles chegou até lá?

— Não, ele estava a uns cinquenta metros.

— Agora, diga-me, Dr. Mortimer, e isso é importante, as marcas que você viu estavam no caminho e não na grama?

— Não tinha nenhuma marca na grama.

— Elas estavam do mesmo lado do caminho em que fica o portão da charneca?

— Sim, elas estavam na beira do caminho, do mesmo lado do portão da charneca.

— O senhor está me deixando muito interessado. Outro ponto. A cancela estava fechada?

— Fechada e trancada com cadeado.

— Qual é a altura dela?

— Cerca de um metro e vinte.

— Então qualquer pessoa seria capaz de passar por cima dela?

— Seria.

— E que marcas você viu perto da cancela?

— Nenhuma em particular.

— Meu Deus! Ninguém a examinou?

— Sim, eu mesmo examinei.

— E não encontrou nada?

— Estava tudo muito confuso. Sir Charles ficou evidentemente ali por cinco ou dez minutos.

— Como você sabe disso?

— Porque as cinzas de seu charuto tinham caído duas vezes.

— Excelente! Este é um colega, Watson, como nós poderíamos desejar. Mas e as marcas?

— Ele tinha deixado suas próprias marcas por todo aquele pequeno trecho de cascalho. Eu não pude ver nenhuma outra.

Sherlock Holmes bateu a mão no joelho com um gesto impaciente.

— Se ao menos eu tivesse estado lá! — exclamou. — É evidentemente um caso de extraordinário interesse, e que apresenta imensas oportunidades para um perito científico. Aquela página de cascalho em que eu poderia ter lido tanta coisa agora está borrada pela chuva e desfigurada pelos tamancos de camponeses curioso. Oh, Dr. Mortimer, Dr. Mortimer, pensar que o senhor não me chamou! Você realmente tem que prestar contas por muita coisa.

— Eu não poderia lhe chamar, Sr. Holmes, sem divulgar esses fatos para o mundo, e eu já dei meus motivos para não desejar fazê-lo. Além disso, além disso...

— Por que você hesita?

— Há um campo no qual até mesmo o mais arguto e experiente dos detetives se torna impotente.

— Está insinuando que a coisa é sobrenatural?

— Eu não disse isso.

— Não, mas evidentemente é o que você pensa.

— Desde a tragédia, Sr. Holmes, chegaram aos meus ouvidos vários incidentes difíceis de conciliar com a ordem estabelecida da natureza.

— Por exemplo?

— Fiquei sabendo que, antes do terrível acontecimento, várias pessoas tinham visto uma criatura na charneca que corresponde a esse demônio de Baskerville, e que não poderia ser um animal conhecido pela ciência. Todos concordaram que era uma enorme criatura, luminosa, medonha e espectral. Eu interroguei esses homens, um deles um camponês perspicaz, os outros dois, um ferreiro e um fazendeiro da charneca, todos contando a mesma história dessa terrível aparição, correspondendo exatamente à criatura

infernais da lenda. Eu lhe asseguro que o terror reina no distrito e que apenas um homem intrépido seria capaz de atravessar a charneca à noite.

— E o senhor, um cientista experiente, acredita que isso seja sobrenatural?

— Não sei em que acreditar.

Holmes encolheu os ombros.

— Até agora confinei minhas investigações a este mundo — disse ele. — De maneira modesta, combati o mal, mas enfrentar o próprio Pai do Mal seria, talvez, uma tarefa demasiadamente ambiciosa. No entanto, o senhor deve admitir que a pegada possa ser material.

— O cão original era material o suficiente para arrancar a garganta de um homem, e ainda assim também era diabólico.

— Percebo que o senhor passou para o lado dos sobrenaturalistas. Mas agora, Dr. Mortimer, diga-me. Se tem essas opiniões, por que veio me consultar? Ao mesmo tempo que o senhor me diz que é inútil investigar a morte de Sir Charles, também pede para que eu o faça.

— Eu não disse que queria que você fizesse isso.

— Então, como posso ajudá-lo?

— Aconselhando-me sobre o que devo fazer com Sir Henry Baskerville, que chega na Waterloo Station — o Dr. Mortimer olhou para o relógio — exatamente dentro de uma hora e um quarto.

— Ele é o herdeiro?

— É. Com a morte de Sir Charles, procuramos por esse jovem cavalheiro e descobrimos que ele era fazendeiro no Canadá. Pelas notícias que chegaram, é um excelente sujeito em todos os aspectos. Não falo como médico, mas como curador e executor da vontade de Sir Charles.

— Não há outro pretendente, presumo?

— O único outro parente que conseguimos rastrear foi Rodger Baskerville, o mais novo dos três irmãos dos quais o pobre Sir Charles era o mais velho. O segundo irmão, que morreu jovem, é o pai desse menino, Henry. O terceiro, Rodger, era a ovelha negra da família. Ele pertencia à velha linhagem arrogante dos Baskerville, e era a própria imagem, conforme fiquei sabendo, do velho Hugo. Ele tornou sua vida na Inglaterra impossível, fugiu para a América Central e morreu em 1876, de febre amarela. Henry é o último dos Baskerville. Em uma hora e cinco minutos vou encontrá-lo na Waterloo Station. Recebi um telegrama avisando que ele chegou a

Southampton esta manhã. Agora, Sr. Holmes, o que você me aconselha a fazer com ele?

— Por que ele não deveria ir para a casa de seus ancestrais?

— Parece natural, não é? E ainda assim, considere que todo Baskerville que vai lá encontra um destino maligno. Tenho certeza de que se Sir Charles pudesse ter falado comigo antes de sua morte, ele teria me avisado para não levar esse jovem, o último da velha raça, e herdeiro de grande riqueza, para aquele lugar mortal. E, no entanto, não se pode negar que a prosperidade de toda aquela pobre e árida região depende de sua presença. Todo o bom trabalho que foi feito por Sir Charles cairá por terra se não houver nenhum inquilino no Solar. Temo ser muito influenciado pelo meu óbvio interesse pessoal no assunto, e é por isso que trago o caso para você e peço seu conselho.

Holmes passou alguns instantes refletindo sobre aquilo.

— Em poucas palavras, a questão é que — disse ele —, em sua opinião, existe uma força diabólica que faz de Dartmoor uma residência insegura para um Baskerville. É essa a sua opinião?

— Pelo menos, arrisco dizer que há alguma evidência de que isso possa ser verdade.

— Exatamente. Mas certamente, se a sua teoria sobrenatural estiver correta, isso pode fazer mal ao jovem tanto em Londres quanto em Devonshire. Um demônio com poderes meramente locais, como um conselho paroquial, seria algo inconcebível.

— Você coloca o assunto de uma maneira leviana, Sr. Holmes, do que provavelmente faria se tivesse contato direto com essas coisas. Seu conselho, então, pelo que entendi, é que o jovem estará tão seguro em Devonshire quanto em Londres. Ele chega em cinquenta minutos. O que o senhor recomenda?

— Eu recomendo, senhor, que pegue um carruagem, chame seu spaniel que está arranhando a minha porta da frente e vá até Waterloo para encontrar Sir Henry Baskerville.

— E depois?

— Depois o senhor não vai dizer nada a ele até que eu tenha tomado uma decisão a respeito do assunto.

— Quanto tempo você vai levar para tomar uma decisão?

— Vinte e quatro horas. Amanhã às dez horas, Dr. Mortimer, serei muito grato a você se vier até aqui, e será de grande ajuda para mim e meus planos para o futuro se você trazer Sir Henry Baskerville junto.

— Farei isso, Sr. Holmes.

Ele rabiscou a hora marcada no punho de sua camisa e correu à sua maneira estranha, perscrutadora e distraída. Holmes o deteve no alto da escada.

— Só mais uma pergunta, Dr. Mortimer. Você disse que antes da morte de Sir Charles Baskerville várias pessoas viram essa aparição na charneca?

— Três pessoas a viram.

— Alguém a viu depois?

— Não ouvi ninguém falando sobre tê-la visto.

— Obrigado. Bom dia.

Holmes voltou ao seu assento com aquele ar calmo de satisfação interior, o que significava que tinha uma tarefa agradável diante dele.

— Vai sair. Watson?

— A menos que eu possa ajudá-lo.

— Não, meu caro amigo, é na hora da ação que eu recorro a você por ajuda. Mas isso é esplêndido, realmente único de alguns pontos de vista. Quando você passar por Bradley, poderia pedir a ele para que mande uma libra do fumo mais forte? Obrigado. Seria muito bom também, se não lhe for inconveniente, que voltasse antes da noite. Então ficarei muito feliz em comparar as impressões quanto ao problema interessantíssimo que nos foi submetido hoje de manhã.

Eu sabia que a reclusão e a solidão eram extremamente necessárias para o meu amigo naquelas horas de intensa concentração mental, durante as quais ele pesava cada partícula de evidência, concebia teorias alternativas, comparava uma com a outra e decidia quais pontos eram essenciais e quais eram irrelevantes. Portanto, passei o dia no clube e não retornei a Baker Street até o anoitecer. Eram quase nove horas quando me encontrei na sala de estar mais uma vez.

Minha primeira impressão quando abri a porta foi que havia um incêndio, pois a sala estava tão cheia de fumaça que mal se podia distinguir a luz da lâmpada sobre a mesa. Ao entrar, porém, meus medos se aquietaram, pois foram os vapores acres de tabaco forte que me atacaram a garganta e me fizeram tossir. Através da névoa, tive um vislumbre de

Holmes em seu roupão, aninhado em uma poltrona com o cachimbo preto de barro entre os lábios. Vários rolos de papel estavam espalhados ao seu redor.

— Apanhou um resfriado, Watson? — perguntou ele.

— Não, é essa atmosfera venenosa.

— Eu suponho que está mesmo bastante carregada, agora que você mencionou.

— Carregada? Está intolerável.

— Abra a janela, então! Você esteve no seu clube o dia todo, percebo.

— Meu caro Holmes!

— Estou certo?

— Certamente, mas como?

Ele riu da minha expressão perplexa.

— Há um frescor delicioso em você, Watson, o que faz com que seja um prazer exercitar quaisquer poderes que possuo à sua custa. Um cavalheiro sai em um dia chuvoso e lamacento. Ele retorna imaculado à noite com o brilho ainda em seu chapéu e suas botas. Portanto, passou o dia todo no mesmo lugar. Ele não é um homem com amigos íntimos. A que lugar, então, ele poderia ter ido? Não é óbvio?

— Bem, é bastante óbvio.

— O mundo está cheio de coisas óbvias que ninguém jamais observa. Onde você acha que eu estive?

— Aqui mesmo.

— Pelo contrário, estive em Devonshire.

— Em espírito?

— Exatamente. Meu corpo permaneceu nesta poltrona e, lamento observar, consumiu na minha ausência dois grandes bules de café e uma incrível quantidade de tabaco. Depois que você partiu, mandei apanhar no Stamford's o mapa Ordnance dessa parte da charneca, e meu espírito pairou sobre ela o dia todo. Eu me orgulho de ter conseguido localizar o que eu queria.

— Um mapa em grande escala, eu presumo?

— Muito grande. — Ele desenrolou uma seção e segurou-a sobre o joelho. — Aqui você tem o distrito particular que interessa a nós. Isso aqui bem no meio é o Solar Baskerville.

— Com uma floresta ao redor?

— Exatamente. Imagino que a Aleia dos Teixos, embora não esteja marcada sob esse nome, deva estender-se ao longo desta linha, com a charneca, como você percebe, à direita dela. Este pequeno aglomerado de construções aqui é o povoado de Grimpen, onde fica o quartel-general de nosso amigo Dr. Mortimer. Em um raio de oito quilômetros, como vê, há apenas algumas poucas habitações dispersas. Aqui está o Solar Lafter, que foi mencionado na narrativa. Tem uma casa marcada aqui que pode ser a residência do naturalista... Stapleton, se bem me lembro, é o nome dele. Aqui estão duas casas de fazenda na charneca, High Tor e Foulmire. Depois, a quase vinte e três quilômetros de distância, a grande prisão de Princetown. Entre e ao redor desses pontos dispersos estende-se a charneca desolada e sem vida. Este, então, é o palco em que a tragédia foi encenada, e sobre o qual podemos ajudar a reencená-la.

— Deve ser um lugar selvagem.

— Sim, o cenário é apropriado. Se o demônio desejasse interferir nos assuntos dos homens...

— Então você está se inclinando para a explicação sobrenatural.

— Os agentes do demônio podem ser de carne e osso, não podem? Há duas perguntas à nossa espera. A primeira é se algum crime foi cometido; a segunda é: qual foi o crime e como foi cometido? É claro que, se a suposição do Dr. Mortimer estiver correta, e estivermos lidando com forças que escapam das leis comuns da natureza, nossa investigação está encerrada. Mas somos obrigados a esgotar todas as outras hipóteses antes de voltarmos a essa. Acho que vamos fechar a janela novamente, se você não se importar. É uma coisa singular, mas acho que uma atmosfera densa ajuda a concentrar o pensamento. Eu ainda não cheguei ao ponto de me enfiar em uma caixa para pensar, mas esse é o resultado lógico de minhas convicções. Refletiu sobre o caso?

— Sim, pensei muito nele no decorrer do dia.

— E o que acha dele?

— É muito desconcertante.

— Certamente tem um caráter bem peculiar. Apresenta pontos singulares. Essa mudança nas pegadas, por exemplo. O que você acha sobre isso?

— Mortimer disse que o homem andou na ponta dos pés naquela parte da aleia.

— Ele apenas repetiu o que algum idiota disse no inquérito. Por que um homem andaria na ponta dos pés pela aleia?

— O que foi então?

— Ele estava correndo, Watson; correndo desesperadamente, correndo para salvar sua vida, correndo até que seu coração estourou e ele caiu de bruços, morto.

— Correndo do quê?

— Aí reside nosso problema. Há indícios de que o homem estava enlouquecido de medo antes mesmo de começar a correr.

— Como você pode dizer isso?

— Estou presumindo que a causa de seus medos chegou a ele do outro lado da charneca. Se foi isso mesmo, e parece ser o mais provável, só um homem que perdeu o juízo teria corrido da casa em vez de ir em direção a ela. Se o depoimento do cigano pode ser considerado verdadeiro, ele correu gritando por socorro na direção em que a ajuda era menos provável. Então, novamente, a quem ele estava esperando naquela noite, e por que ele estava esperando por essa pessoa na Aleia dos Teixos e não em sua própria casa?

— Você acha que ele estava esperando por alguém?

— O homem era idoso e enfermo. Podemos compreender seu passeio noturno, mas o chão estava úmido e a noite, inclemente. É natural que ele tenha ficado por cinco ou dez minutos parado, como o Dr. Mortimer, com mais senso prático do que eu lhe teria atribuído, deduziu por causa das cinzas de charuto?

— Mas ele saía todas as noites.

— Acho improvável que ele esperasse no portão da charneca todas as noites. Pelo contrário, a evidência é que ele evitava a charneca. Naquela noite, ele esperou lá. Era a véspera de sua partida para Londres. A coisa toma forma, Watson. Torna-se coerente. Posso pedir-lhe que me entregue o meu violino e vamos adiar todas as outras reflexões sobre esse assunto até o nosso encontro com o Dr. Mortimer e Sir Henry Baskerville amanhã de manhã.

Sir Henry Baskerville



Nossa mesa de desjejum foi tirada cedo, e Holmes, vestido com seu roupão, aguardava a entrevista prometida. Nossos clientes chegaram na hora marcada, pois o relógio tinha acabado de marcar dez horas quando o Dr. Mortimer apareceu, seguido pelo jovem baronete. Este último era um homem pequeno, alerta, de olhos escuros, com cerca de trinta anos de idade, robusto, com sobrancelhas grossas e negras e um rosto forte e belicoso. Usava um terno de tweed de cor avermelhada e tinha uma aparência desgastada de alguém que passou a maior parte da vida ao ar livre; ainda assim, tinha algo em seu olhar firme e na segurança silenciosa de seu porte que indicava que era um cavalheiro.

— Este é Sir Henry Baskerville — disse o Dr. Mortimer.

— Sim — disse ele —, e o estranho é, Sr. Sherlock Holmes, que se meu amigo aqui não tivesse proposto virmos vê-lo esta manhã, eu viria por conta própria. Entendo que o senhor desvenda pequenos enigmas, e deparei-me com um hoje de manhã que requer mais reflexão do que posso dedicar.

— Por favor, sente-se, Sir Henry. Está me dizendo que teve uma experiência notável depois que chegou a Londres?

— Nada de muita importância, Sr. Holmes. Apenas uma piada, muito provavelmente. Foi esta carta, se você pode chamá-la de carta, que chegou até mim esta manhã.

Ele colocou um envelope sobre a mesa, e nos inclinamos sobre ela. Era de qualidade comum, pardo. O endereço, “Sir Henry Baskerville, Northumberland Hotel”, tinha sido escrito em caracteres grosseiros; o carimbo era “Charing Cross” e a data da postagem, a noite anterior.

— Quem sabia que o senhor estava indo para o Northumberland Hotel?
— perguntou Holmes olhando atentamente para o nosso visitante.

— Ninguém poderia ter sabido. Nós só decidimos depois que me encontrei com o Dr. Mortimer.

— Mas o Dr. Mortimer sem dúvida já estava hospedado lá?

— Não, eu estava com um amigo — respondeu o médico. — Não havia nenhuma indicação de que pretendíamos ficar nesse hotel.

— Hum! Alguém parece estar profundamente interessado em seus movimentos. — Tirou do envelope meia folha de papel ofício dobrado em quatro. Abriu-a e a estendeu sobre a mesa. No meio dela, uma única frase tinha sido formada com letras impressas recortadas e coladas no papel. Estava escrito:

SE DER VALOR À SUA VIDA OU À SUA RAZÃO, DEVE SE MANTER
LONGE DA CHARNECA.

A palavra “charneca” era a única escrita em tinta.

— Agora — disse Sir Henry Baskerville —, talvez você possa me dizer, Sr. Holmes, o que diabo significa isso, e quem é que tem tanto interesse em meus assuntos?

— O que você acha disso, Dr. Mortimer? Você deve admitir que, pelo menos nisso, não existe nada de sobrenatural, não é?

— Não, senhor, mas pode muito bem ter vindo de alguém que estivesse convencido de que o caso é sobrenatural.

— Que caso? — perguntou Sir Henry bruscamente. — Parece-me que todos os senhores sabem muito mais do que eu sobre meus assuntos.

— O senhor ficará a par de tudo antes de sair desta sala, Sir Henry. Eu lhe prometo — disse Sherlock Holmes. — Por ora, vamos nos ater, com a sua permissão, a este documento muito interessante, que deve ter sido preparado ontem à noite. Você tem o Times de ontem, Watson?

— Está aqui no canto.

— Posso lhe incomodar e pedir... a página interna, por favor, com o editorial? — Ele a relanceou rapidamente, passando os olhos para cima e para baixo nas colunas. — Excelente artigo sobre comércio livre. Permitam-me ler para vocês um trecho.

Talvez haja alguma razão para que sejam induzidos a pensar que seu comércio especial, ou sua própria indústria, será estimulado por uma tarifa protecionista, mas é lógico que tal legislação, a longo prazo, poderá manter longe da nação a riqueza, diminuir o valor de nossas importações e rebaixar as condições gerais de vida nesta ilha.

— O que você acha disso, Watson? — exclamou Holmes em grande alegria, esfregando as mãos com satisfação. — Não lhes parece um sentimento admirável?

O Dr. Mortimer olhou para Holmes com ar de interesse profissional, e Sir Henry Baskerville me encarou com olhos escuros confusos.

— Eu não sei muito sobre tarifas e coisas desse tipo — disse ele —, mas parece-me que nos afastamos um pouco de nosso propósito no que diz respeito a essa nota.

— Pelo contrário, acho que estamos particularmente em uma pista bem quente, Sir Henry. Watson aqui sabe mais sobre meus métodos do que você, mas temo que nem ele tenha compreendido o significado dessa frase.

— Não, confesso que não vejo conexão.

— E, no entanto, meu caro Watson, existe uma conexão tão próxima que uma coisa foi extraída da outra. “Seu”, “sua”, “vida”, “razão”, “valor”, “manter”, “longe”, “da”. Não notaram de onde essas palavras foram tiradas?

— Por Deus, você está certo! Bem, mas que esperteza! — exclamou Sir Henry.

— Se ainda restasse qualquer dúvida, ela seria resolvida pelo fato de que “manter longe da” estão cortadas em um único pedaço.

— Mas é isso mesmo!

— Realmente, Sr. Holmes, isso excede tudo o que eu poderia ter imaginado — disse o Dr. Mortimer, olhando para o meu amigo com espanto. — Eu posso entender alguém dizendo que as palavras são de um jornal, mas saber de qual jornal e acrescentar que veio do editorial, é realmente uma das coisas mais notáveis que já presenciei. Como você fez isso?

— Eu presumo, doutor, que você pode dizer se um crânio pertence a um negro ou a um esquimó?

— Com certeza.

— Mas como consegue?

— Porque esse é meu hobby especial. As diferenças são óbvias. A crista supraorbital, o ângulo facial, a curva maxilar, o...

— E esse é meu hobby especial, e as diferenças são igualmente óbvias. Para mim, há tanta diferença entre o tipo bourgeois interlinear de um artigo do Times e a impressão desleixada de um jornal vespertino de meio centavo quanto pode haver entre seu negro e seu esquimó. A detecção de tipos é um dos ramos mais elementares do conhecimento para o especialista em crimes, embora confesse que, uma vez, quando eu era muito jovem, confundi o Leeds Mercury com o Western Morning News. Mas um editorial do Times é totalmente distinto, e essas palavras só podiam ter sido tiradas dele. Como foi feito ontem, a forte probabilidade era que nós encontrássemos as palavras na edição de ontem.

— Até onde entendi, então, Sr. Holmes — disse Sir Henry Baskerville —, alguém cortou esta mensagem com uma tesoura...

— Tesoura de unha — disse Holmes. — Você pode ver que era uma tesoura de lâmina muito curta, já que foi preciso duas tentativas para cortar “manter longe da”.

— Exatamente. Alguém, então, recortou a mensagem com uma tesoura de lâmina curta, colou-a com pasta...

— Cola — disse Holmes.

— Com cola no papel. Mas eu quero saber por que a palavra “charneca” teria sido escrita?

— Porque ele não conseguiu encontrar essa palavra impressa. As outras palavras eram comuns e podiam ser encontradas em qualquer assunto, mas “charneca” não é muito usual.

— Claro, é uma ótima explicação. Você percebeu mais alguma coisa nesta mensagem, Sr. Holmes?

— Há uma ou duas indicações, embora tenham tomado todo o cuidado para remover todas as pistas. O endereço, como vocês podem ver, está escrito em letras de uma forma grosseira. Mas o Times é um jornal que quase sempre é encontrado em mãos de pessoas com instrução superior. Podemos considerar, portanto, que a carta foi composta por um homem instruído que desejava se passar por um ignorante, e seu esforço para ocultar sua própria escrita sugere que ela pode ser conhecida ou vir a ser reconhecida por você. Novamente, você pode observar que as palavras não estão coladas em uma linha precisa, mas que algumas estão mais altas do

que as outras. “Vida”, por exemplo, está completamente fora de seu devido lugar. Isso pode indicar descuido ou pode indicar agitação e pressa por parte do remetente. No geral, eu me inclino para esta segunda hipótese, já que a questão era evidentemente importante, e é improvável que o autor de tal carta fosse descuidado. Se ele estivesse com pressa, isso abriria a interessante questão de por que estaria apressado, já que qualquer carta postada até o início da manhã chegaria até Sir Henry antes que ele deixasse seu hotel. O autor temia ser interrompido? E por quem?

— Estamos entrando agora no campo da adivinhação — disse o Dr. Mortimer.

— Digamos, sim, no campo em que equilibramos as probabilidades e escolhemos as mais prováveis. É o uso científico da imaginação, mas sempre temos alguma base material sobre a qual começar nossa especulação. Agora, você diria que é um palpite, sem dúvida, mas tenho quase certeza de que esse endereço foi escrito em um hotel.

— Como você pode dizer isso?

— Se você examinar cuidadosamente verá que tanto a caneta quanto a tinta causaram problemas ao escritor. A caneta respingou duas vezes em uma única palavra e secou três vezes em um endereço curto, mostrando que havia pouca tinta no tinteiro. Ora, raramente se permitiria que uma caneta ou um tinteiro privado ficassem em tal estado, e a combinação dos dois deve ser bastante rara. Mas vocês conhecem as tintas e as canetas dos hotéis, onde é raro conseguir qualquer outra coisa melhor. Sim, tenho muito pouca hesitação em dizer que poderíamos examinar os cestos de lixo dos hotéis em torno de Charing Cross até encontrarmos os restos do editorial do Times mutilado e poderíamos colocar as mãos diretamente na pessoa que enviou essa mensagem singular. Opa! O que é isso?

Ele estava examinando cuidadosamente o papel ofício, sobre o qual as palavras foram coladas, segurando-o a apenas uns cinco centímetros do rosto.

— Então?

— Nada — respondeu ele, colocando-o na mesa. — É uma meia folha de papel em branco, sem sequer uma marca d’água sobre ela. Acho que tiramos o máximo que podemos dessa curiosa carta. E agora, Sir Henry, mais alguma coisa de interesse aconteceu a você desde que chegou a Londres?

— Não, Sr. Holmes. Eu acho que não.

— Você não observou ninguém o seguindo ou vigiando?

— Parece que entrei direto no meio de um romance barato — disse o nosso visitante. — Por que alguém deveria me seguir ou me vigiar?

— Estamos chegando a isso. Você não tem mais nada para nos informar antes de entrarmos nesse assunto?

— Bem, depende do que você acha que vale a pena ser informado.

— Acho que qualquer coisa fora da rotina comum da vida vale a pena ser informada.

Sir Henry sorriu.

— Ainda não conheço muito a vida britânica, pois passei quase a vida toda nos Estados Unidos e no Canadá. Mas torço para que perder uma das suas botas não faça parte da rotina da vida aqui.

— Você perdeu uma de suas botas?

— Meu caro senhor! — exclamou o Dr. Mortimer. — Foi apenas extraviada. E vai encontrá-la quando voltar para o hotel. De que adianta preocupar o Sr. Holmes com ninharias desse tipo?

— Bem, ele me pediu para relatar qualquer coisa fora da rotina comum.

— Exatamente — concordou Holmes —, por mais tolo que o incidente possa parecer. Então você perdeu uma das suas botas?

— Bem, ou ela se extraviou. Coloquei o par do lado de fora da minha porta ontem à noite e só havia um pé pela manhã. O rapaz que as limpa não conseguiu dizer nada sobre o sumiço. O pior de tudo é que só comprei o par ontem à noite no Strand e nunca as usei.

— Se você nunca as usou, por que as colocou para serem limpas?

— Eram botas de couro curtido e nunca tinham sido lustradas. Foi por isso que as coloquei do lado de fora da porta.

— Então, pelo que entendi, ontem, ao chegar a Londres, você saiu e comprou um par de botas?

— Eu fiz muitas compras. O Dr. Mortimer foi comigo. Você vê, se vou ser um fidalgo rural, devo me vestir de acordo, e pode ser que eu tenha me descuidado um pouco com os meus hábitos do Oeste. Entre outras coisas, comprei essas botas marrons, paguei seis dólares por elas, e tive um pé roubado antes de poder calçá-las.

— Parece uma coisa singularmente inútil para roubar — disse Sherlock Holmes. — Confesso que compartilho da crença do Dr. Mortimer de que não demorará muito para que a bota perdida seja encontrada.

— E agora, senhores — disse o baronete, decidido —, parece-me que falei o suficiente sobre o pouco que sei. É hora de vocês cumprirem sua promessa e me darem um relato completo daquilo a que todos estamos aludindo.

— Seu pedido é bastante razoável — respondeu Holmes. — Dr. Mortimer, acho que seria melhor contar sua história conforme nos contou.

Assim encorajado, nosso amigo científico tirou os papéis do bolso e apresentou o caso todo como fizera na manhã anterior. Sir Henry Baskerville ouviu com a máxima atenção e ocasionais exclamações de surpresa.

— Bem, parece-me que recebi uma herança bastante perigosa — disse ele assim que a longa narrativa terminou. — Claro que ouço falar do cão desde que eu estava no berço. É a história preferida da família, embora eu nunca tenha levado isso a sério. Mas quanto à morte do meu tio... bem, tudo parece estar fervilhando em minha mente, e não consigo ver nada com clareza. Você não parece ter decidido se é um caso para um policial ou para um clérigo.

— Precisamente.

— E agora tem essa questão da carta para mim no hotel. Eu suponho que se encaixa no quadro.

— Parece indicar que alguém sabe mais do que sabemos sobre o que aconteceu na charneca — disse o Dr. Mortimer.

— E também — disse Holmes —, que esse alguém não está mal-intencionado em relação ao senhor, pois o informa sobre o perigo.

— Ou pode ser que eles desejem, para seus próprios motivos, assustar-me.

— Bem, claro, isso é possível também. Estou muito grato a você, Dr. Mortimer, por me apresentar um problema que tem tantas alternativas interessantes. Mas o ponto prático que agora temos que decidir, Sir Henry, é se é ou não aconselhável que você vá para o Solar Baskerville.

— Por que eu não deveria ir?

— Parece haver perigo.

— Você quer dizer perigo referente a esse demônio da família ou perigo causado por seres humanos?

— Bem, é isso que temos que descobrir.

— De toda forma, minha resposta é uma só. Não tem nenhum demônio no inferno, Sr. Holmes, e não há homem na terra que possa me impedir de ir para a casa da minha própria família, e você pode tomar isso como minha resposta final. — Suas sobrancelhas escuras se franziram e seu rosto corou enquanto ele falava. Era evidente que o temperamento intenso dos Baskerville não estava extinto no seu último representante. — Enquanto isso — continuou —, mal tive tempo de pensar sobre tudo o que você me contou. É muita coisa para um homem entender e decidir de uma só vez. Eu gostaria de ter uma hora tranquila, sozinho, para me decidir. Agora, olhe aqui, Sr. Holmes, já são onze e meia e estou voltando imediatamente para o meu hotel. Que tal se você e seu amigo, o Dr. Watson, fossem almoçar conosco às duas? Vou poder lhes dizer exatamente o que penso sobre tudo isso.

— Isso é conveniente para você, Watson?

— Perfeitamente.

— Então você pode nos esperar. Devo mandar chamar uma carruagem?

— Eu prefiro caminhar, porque esse caso me deixou muito transtornado.

— Eu o acompanho em uma caminhada, com prazer — disse seu companheiro.

— Então nos encontramos novamente às duas horas. Au revoir e bom dia!

Ouvimos os passos de nossos visitantes descendo a escada e a porta da frente se fechando.

Rapidamente, Holmes mudou do sonhador lânguido para o homem de ação.

— Seu chapéu e botas, Watson, rápido! Não temos nem um momento a perder! — Ele entrou correndo em seu quarto, ainda trajando seu roupão, e voltou em alguns segundos com uma sobrecasaca. Corremos juntos pelas escadas e fomos para a rua. O Dr. Mortimer e Baskerville ainda estavam visíveis, a cerca de duzentos metros à nossa frente, na direção da Oxford Street.

— Devo correr e pará-los?

— De forma alguma, meu caro Watson. Estou perfeitamente satisfeito com a sua companhia, se você tolerar a minha. Nossos amigos são sábios, pois é certamente uma ótima manhã para uma caminhada.

Ele acelerou o passo até que diminuímos pela metade a distância que nos separava. Então, ainda nos mantendo cem metros atrás, seguimos para Oxford Street e descemos a Regent Street. Uma vez nossos amigos pararam e olharam para uma vitrine, e Holmes fez o mesmo. Um instante depois, ele soltou um pequeno grito de satisfação e, seguindo a direção de seus olhos ansiosos, vi que uma carruagem de aluguel, com um homem dentro, parara do outro lado da rua e agora voltava a avançar lentamente.

— Lá está o nosso homem, Watson! Venha comigo! Vamos dar uma boa olhada nele, se não pudermos fazer mais nada além disso.

Naquele instante, avistei uma espessa barba negra e um par de olhos penetrantes virado para nós pela janela lateral da carruagem. Instantaneamente a portinhola no topo se abriu, algo foi gritado para o cocheiro, e a carruagem pôs-se a disparar loucamente pela Regent Street. Holmes olhou ansiosamente procurando por outra, mas nenhuma vazia estava à vista. Então, ele se atirou em uma perseguição selvagem em meio ao fluxo do tráfego, mas a dianteira era muito grande, e a carruagem já estava fora de vista.

— Pronto! — disse Holmes amargamente quando emergiu ofegante e branco com o vexame por causa da maré de veículos. — Já viu maior azar e incompetência? Watson, Watson, se você é um homem honesto, vai registrar isso também e confrontá-lo com os meus sucessos!

— Quem era o homem?

— Eu não tenho ideia.

— Um espião?

— Bem, ficou evidente, pelo que ouvimos, que Baskerville tem sido seguido de perto por alguém desde que chegou à cidade. De que outro modo se teria podido saber tão rapidamente que ele escolhera se hospedar no Northumberland Hotel? Se eles o tivessem seguido no primeiro dia, acredito que também o seguiriam no segundo. Você deve ter observado que caminhei duas vezes até a janela enquanto o Dr. Mortimer lia sobre a sua lenda.

— Sim, eu me lembro.

— Eu estava procurando vagabundos na rua, mas não vi nenhum. Estamos lidando com um homem esperto, Watson. Esse caso é muito intrincado, e embora eu não tenha ainda me decidido se é uma força benévola ou malévola que está em contato conosco, estou sempre consciente

do poder e da maquinação. Quando nossos amigos partiram, segui-os imediatamente na esperança de distinguir seu acompanhante invisível. Ele é tão esperto que não se atreveu a segui-los a pé, mas usou uma carruagem e aluguel para poder andar vagorosamente atrás deles ou ultrapassá-los correndo para evitar que o percebessem. Seu método tinha a vantagem adicional de que, se pegassem uma carruagem, ele estava pronto para segui-los. Tinha, no entanto, uma desvantagem óbvia.

— Isso o coloca nas mãos do cocheiro.

— Exatamente.

— Que pena que não anotamos o número!

— Meu caro Watson, por mais desastrado que eu tenha sido, você certamente não acha que deixei de anotar o número? Número 2704 é o nosso homem. Mas isso não nos serve de nada nesse momento.

— Eu não consigo ver o que mais você poderia ter feito.

— Ao observar a carruagem, eu deveria ter instantaneamente me virado e andado na outra direção. Assim, poderia ter contratado uma segunda carruagem e seguido a primeira a uma distância respeitosa, ou, melhor ainda, ter ido ao Northumberland Hotel e ficar lá esperando. Quando nosso desconhecido seguiu Baskerville para casa, deveríamos ter tido a oportunidade de jogar seu jogo contra ele mesmo, e ver para onde iria. Na verdade, por uma ansiedade indiscreta, de que nosso adversário tirou proveito com extraordinária rapidez e energia, nós nos traímos e perdemos o nosso homem.

Havíamos andado devagar pela Regent Street durante essa conversa, e o Dr. Mortimer, com seu companheiro, desaparecera havia muito à nossa frente.

— Não há nenhum objetivo em segui-los — disse Holmes. — A sombra partiu e não vai retornar. Temos que ver de quais cartas dispomos e jogá-las com precisão. Você poderia jurar ter visto o rosto daquele homem dentro da carruagem?

— Posso jurar apenas que vi a barba.

— E eu também poderia, e concluo que, com toda a probabilidade, era falsa. Um homem inteligente em uma tarefa tão delicada não tem utilidade para uma barba, exceto para ocultar suas feições. Venha aqui, Watson!

Ele entrou em uma das agências distritais de mensageiros, onde foi calorosamente recebido pelo gerente.

— Ah, Wilson, vejo que você não esqueceu o pequeno caso em que tive a sorte de ajudá-lo?

— Não, senhor, realmente não me esqueci. Você salvou minha reputação e talvez a minha vida.

— Meu caro amigo, você exagera. Recordo-me, Wilson, de que você tinha entre seus rapazes um chamado Cartwright, que mostrou certa habilidade durante a investigação.

— Sim, senhor, ele ainda está conosco.

— Você poderia chamá-lo? Obrigado! E gostaria de trocar essa nota de cinco libras.

Um rapaz de quatorze anos, com um rosto brilhante e aguçado, obedeceu à convocação do gerente. Ficou parado olhando com grande reverência para o famoso detetive.

— Dê-me o Catálogo de Hotéis — pediu Holmes. — Obrigado! Agora, Cartwright, aqui tem os nomes de vinte e três hotéis, todos na vizinhança de Charing Cross. Você vê?

— Sim, senhor.

— Você vai visitar cada um deles.

— Sim, senhor.

— Você começará dando um xelim ao porteiro externo de cada hotel. Aqui estão vinte e três xelins.

— Sim, senhor.

— Você vai dizer a ele que quer ver a lata de lixo de ontem. Dirá que um importante telegrama se extraviou e que está procurando por ele. Você me entendeu?

— Sim, senhor.

— Mas o que você está realmente procurando é a página central do Times com alguns buracos cortados com uma tesoura. Aqui está um exemplar do Times. Esta é a página. Conseguirá reconhecê-la facilmente, não é?

— Sim, senhor.

— Em cada caso, o porteiro externo o enviará para o porteiro do saguão, para quem você também dará um xelim. Aqui estão mais vinte e três xelins. Em seguida, você será informado em possivelmente vinte dos vinte e três hotéis que o lixo do dia anterior foi queimado ou retirado. Nos outros três, vão lhe mostrar um monte de papel e você vai procurar por esta página do

Times. É extremamente improvável que a encontre. Pegue mais dez xelins para alguma emergência. Mande-me um relatório por telegrama para Baker Street antes do anoitecer. E agora, Watson, só nos resta descobrir a identidade do cocheiro, nº 2704. Depois iremos a uma das galerias de fotos da Bond Street e passaremos o tempo até que chegue a hora de irmos para o hotel.

Três fios partidos



Sherlock Holmes tinha, em um grau muito notável, o poder de desligar sua mente sempre que queria. Durante duas horas, o estranho negócio em que estivemos envolvidos pareceu esquecido, e ele ficou inteiramente absorto nas fotos dos modernos mestres belgas. Não falou de nada além de arte, sobre a qual ele tinha as mais toscas ideias, até deixarmos a galeria e chegarmos ao Northumberland Hotel.

— Sir Henry Baskerville está lá em cima esperando por vocês — informou o recepcionista. — Pediu-me que os levasse até lá assim que chegassem.

— Você tem alguma objeção a que eu olhe o seu registro? — perguntou Holmes.

— De maneira alguma.

O livro mostrava que dois nomes tinham sido adicionados depois da chegada de Baskerville. Um era Theophilus Johnson e sua família, de Newcastle; o outro era a Sra. Oldmore e sua criada, de High Lodge, Alton.

— Certamente deve ser o mesmo Johnson que eu conheço — disse Holmes ao recepcionista. — Um advogado, certo, de cabelos grisalhos, e anda mancando?

— Não, senhor, este é o Sr. Johnson, o proprietário de uma mina de carvão, um cavalheiro muito ativo, não mais velho do que o senhor.

— Você não está enganado quanto à ocupação dele?

— Não, senhor! Ele usa este hotel há muitos anos, e é muito conhecido por todos nós.

— Ah, isso resolve tudo. A Sra. Oldmore também. Lembro-me desse nome. Desculpe a minha curiosidade, mas muitas vezes ao visitar um amigo, encontramos outro.

— Ela é uma senhora inválida, senhor. Seu marido foi prefeito de Gloucester. Ela sempre se hospeda aqui quando está na cidade.

— Obrigado. Não posso dizer que a conheço. Acabamos de estabelecer um fato muito importante, Watson — continuou ele em voz baixa enquanto subíamos juntos. — Sabemos agora que as pessoas que estão tão interessadas em nosso amigo não se hospedaram aqui neste hotel. Isso significa que, apesar de, como vimos, estarem muito ansiosos para vê-lo, estão igualmente ansiosos para que ele não os veja. Agora, isso é um fato muito sugestivo.

— O que isso sugere?

— Isso sugere... Ora, meu caro amigo, que diabo é o problema?

Ao chegarmos ao topo da escada, encontramos o próprio Sir Henry Baskerville. Seu rosto estava vermelho de raiva e ele segurava uma bota velha e empoeirada em uma das mãos. O homem estava tão furioso que mal conseguia falar e, quando falava, era em um dialeto mais típico do Oeste que qualquer outra coisa que tivéssemos ouvido dele pela manhã.

— Tenho a sensação de que eles estão me fazendo de otário neste hotel — gritou ele. — Eles vão descobrir que estão brincando com o homem errado, a menos que sejam cuidadosos. Por Deus, se aquele sujeito não conseguir encontrar minha bota, vai ter confusão. Posso aceitar uma brincadeira tão bem quanto qualquer um, Sr. Holmes, mas desta vez eles foram um longe demais.

— Ainda está procurando a sua bota?

— Sim, senhor, e quero encontrá-la.

— Mas, pelo que lembro, você disse que era uma bota nova e marrom?

— Isso mesmo, senhor. E agora é uma preta e velha.

— Você não está querendo dizer...?

— Isso é exatamente o que eu quero dizer. Eu só tinha três pares no mundo: a bota nova marrom, a preta velha e a de couro envernizado, que estou usando. Ontem à noite eles pegaram um pé da minha bota marrom, e hoje eles roubaram um pé da bota preta. Então, você a encontrou? Fale, homem, e não fique parado aí olhando!

Um agitado camareiro alemão apareceu em cena.

— Não, senhor. Fiz perguntas em todo o hotel, mas não consegui nenhuma informação.

— Bem, ou aquela bota volta antes do pôr do sol ou eu vou até o gerente e digo a ele que eu saio imediatamente deste hotel.

— Ela será encontrada, senhor, prometo-lhe que, se tiver paciência, será encontrada.

— Pois trate de encontrá-la, pois é a última coisa que vou perder neste covil de ladrões. Bem, bem, Sr. Holmes, desculpe-me por lhe incomodar com esse problema tão simples...

— Acho que vale a pena ser incomodado por isso.

— O senhor parece levar o caso muito a sério.

— Como você explica isso?

— Simplesmente não tento explicar. Parece a coisa mais louca e esquisita que já me aconteceu.

— Provavelmente a mais esquisita — disse Holmes, pensativo.

— E o que você deduz do incidente?

— Bem, de fato eu ainda não o compreendo. Este seu caso é muito complexo, Sir Henry. Quando tomado em conjunto com a morte do seu tio, não tenho a certeza de que, de todos os quinhentos casos de importância capital que tratei até hoje, haja um tão enigmático. Mas temos vários fios em nossas mãos, e as chances são de que um ou outro nos guie à verdade. Podemos desperdiçar tempo seguindo o caminho errado, mas mais cedo ou mais tarde devemos nos aproximar do certo.

Tivemos um almoço agradável em que pouco se falou do negócio que nos unia. Foi na sala de estar privada para qual nos retiramos que Holmes perguntou a Baskerville quais eram suas intenções.

— Ir para o Solar Baskerville.

— E quando?

— No fim da semana.

— No geral — disse Holmes —, acho que sua decisão é sensata. Tenho amplas evidências de que você está sendo perseguido em Londres e, em meio aos milhões de habitantes desta grande cidade, é difícil descobrir quem são essas pessoas e qual pode ser seu objetivo. Se tiverem más intenções, podem lhe causar mal, e seríamos impotentes para evitá-lo. Você sabia, Dr. Mortimer, que foram seguidos esta manhã quando saíram da minha casa?

O Dr. Mortimer teve um violento sobressalto.

— Seguidos! Por quem?

— Isso, infelizmente, eu não posso lhe dizer. Você tem entre seus vizinhos ou conhecidos em Dartmoor qualquer homem com uma barba preta e cheia?

— Não. Ou, deixe-me pensar... Sim. Barrymore, o mordomo de Sir Charles, é um homem com barba negra e cheia.

— Oh! Onde está Barrymore?

— Está cuidando do Solar.

— É melhor verificar se ele está realmente lá, ou se há alguma chance que ele possa estar em Londres.

— Como posso fazer isso?

— Dê-me um formulário para telegrama. “Está tudo pronto para Sir Henry?” Isso serve. Mande para o Sr. Barrymore, em Solar Baskerville. Qual é a agência telegráfica mais próxima? Grimpen. Muito bem, enviaremos um segundo telegrama para o agente de correio de Grimpen: “Telegrama para o Sr. Barrymore deverá ser entregue em mãos. Se ele estiver ausente, por favor, o devolva para Sir Henry Baskerville, no Northumberland Hotel.” Isso deve nos informar antes da noite se Barrymore está em seu posto em Devonshire ou não.

— Isso mesmo — disse Baskerville. — A propósito, Dr. Mortimer, quem é esse Barrymore?

— Ele é o filho do antigo zelador, que morreu. Eles vêm cuidando do Solar há quatro gerações. Tanto quanto sei, ele e a esposa são um dos casais mais respeitáveis do condado.

— Ao mesmo tempo — disse Baskerville —, está claro o suficiente que, enquanto não houver ninguém da família no Solar, essas pessoas têm uma casa muito boa e nada para fazer.

— Isso é verdade.

— Barrymore foi beneficiado de alguma forma no testamento de Sir Charles? — perguntou Holmes.

— Ele e a esposa receberam quinhentas libras cada um.

— Ah! Eles sabiam que iam receber isso?

— Sabiam. Sir Charles gostava muito de falar sobre seu testamento.

— Isso é muito interessante.

— Espero — disse o Dr. Mortimer — que você não olhe com desconfiança para todos que receberam um legado de Sir Charles, pois eu

também fui contemplado com mil libras.

— Não diga! E mais alguém?

— Ele deixou muitas quantias insignificantes para algumas pessoas e para um grande número de instituições de caridade públicas. Todo o resto foi para Sir Henry.

— E quanto foi esse resto?

— Setecentas e quarenta mil libras.

Holmes levantou as sobrancelhas, surpreso.

— Eu não tinha ideia de que uma soma tão vultuosa estava envolvida — disse.

— Sir Charles tinha fama de ser rico, mas não sabíamos o quanto ele era rico até que examinamos seus títulos. O valor total da herança é de quase um milhão.

— Meu Deus! É um valor pelo qual um homem pode, sem dúvida nenhuma, arriscar-se em um jogo desesperado. E mais uma pergunta, Dr. Mortimer. Suponhamos que alguma coisa aconteça com nosso jovem amigo aqui... perdoe-me pela desagradável hipótese! Quem herdaria a propriedade e os bens?

— Uma vez que Rodger Baskerville, irmão mais novo de Sir Charles, morreu solteiro, a propriedade iria para os Desmond, que são primos distantes. James Desmond é um clérigo idoso em Westmoreland.

— Obrigado. Esses detalhes são todos de grande interesse. Você já conheceu o Sr. James Desmond?

— Sim. Certa vez ele foi visitar Sir Charles. Ele é um homem de aparência venerável e de vida virtuosa. Lembro-me que ele se recusou a aceitar qualquer doação de Sir Charles, apesar de ele ter insistido.

— E esse homem de gostos tão simples seria o herdeiro dos bens de Sir Charles?

— Ele seria o herdeiro da propriedade, porque está vinculada. Também herdaria o dinheiro, a menos que o proprietário atual fizesse testamento em contrário, o que tem todo direito de fazer.

— E você fez seu testamento, Sir Henry?

— Não, Sr. Holmes, não fiz. Não tive tempo, pois foi apenas ontem que fiquei a par da situação. Mas, de qualquer forma, sinto que o dinheiro deve acompanhar o título e a propriedade. Essa foi a ideia do meu pobre tio. Como o proprietário será capaz de restaurar as glórias dos Baskerville se não

tiver dinheiro suficiente para manter a propriedade? Casa, terra e dólares devem andar juntos.

— Muito bem, Sir Henry, estou de acordo com você sobre a conveniência de ir para Devonshire sem demora. Há apenas uma condição que devo impor. Você certamente não deve ir sozinho.

— Dr. Mortimer voltará comigo.

— Mas o Dr. Mortimer tem sua clientela para atender e a casa dele fica a quilômetros de distância da sua. Por mais que tenha toda a boa vontade do mundo, ele pode ser incapaz de ajudá-lo. Não, Sir Henry, deve levar com você um homem de confiança, que possa estar sempre ao seu lado.

— É possível que vá comigo, Sr. Holmes?

— Se as coisas chegarem a um ponto de crise, eu vou me esforçar para comparecer pessoalmente. Mas deve entender que, com minha extensa prática de consultoria e com os constantes apelos que me chegam de muitos lugares, é impossível que eu me ausente de Londres por tempo indeterminado. No presente momento, um dos nomes mais reverenciados da Inglaterra está sendo ofendido por um chantagista, e só eu posso parar um escândalo desastroso. Espero que você compreenda como é impossível que eu vá para Dartmoor.

— Então, quem você recomendaria?

Holmes pôs a mão no meu braço.

— Se meu amigo aceitar, não há homem que valha mais a pena ter ao seu lado em momentos de apuros. Ninguém pode afirmar isso com mais confiança do que eu.

A proposta me pegou completamente de surpresa, mas antes que eu tivesse tempo de responder, Baskerville me agarrou pela mão e apertou-a com entusiasmo.

— Bem, isso é muito gentil da sua parte, Dr. Watson — disse ele. — O senhor conhece o meu jeito e sabe tanto sobre o assunto quanto eu. Se me acompanhar até o Solar Baskerville e me ajudar, nunca vou me esquecer.

A promessa de uma aventura sempre foi fascinante para mim, e fiquei lisonjeado pelas palavras de Holmes e pela ânsia com que o baronete me saudava como acompanhante.

— Eu irei com prazer — falei. — Não sei como eu poderia empregar melhor o meu tempo.

— E você vai relatar tudo com detalhes para mim — disse Holmes. — Quando acontecer uma crise, como certamente acontecerá, eu lhe direi como deve agir. Suponho que no sábado tudo já esteja arranjado?

— Isso é conveniente para o Dr. Watson?

— Perfeitamente.

— Então, no sábado, a menos que lhe comuniquemos algo ao contrário, nós nos encontraremos no trem que sai de Paddington às 10h30.

Tínhamos nos levantado para partir quando Baskerville soltou um grito de triunfo e, mergulhando em um dos cantos da sala, tirou uma bota marrom de debaixo de um armário.

— Minha bota perdida! — exclamou.

— Que todas as nossas dificuldades desapareçam tão facilmente! — disse Sherlock Holmes.

— Mas é algo muito singular — observou o Dr. Mortimer. — Fui muito cuidadoso em minha busca pela bota neste cômodo antes do almoço.

— E eu também — disse Baskerville. — Cada centímetro dele.

— Definitivamente não tinha nenhuma bota aqui àquela hora.

— Nesse caso, o camareiro deve tê-la colocado ali enquanto almoçávamos.

O camareiro alemão foi chamado, mas declarou não saber nada do assunto, e não pôde esclarecer nenhuma outra indagação. Outro item tinha sido acrescentado àquela série constante e aparentemente sem propósito de pequenos mistérios que se sucediam tão rapidamente. Deixando de lado toda a sombria história da morte de Sir Charles, tivemos uma sucessão de incidentes inexplicáveis, todos dentro do intervalo de dois dias, que incluíam o recebimento da carta com palavras recortadas, o espião de barba negra na carruagem, a perda da nova bota marrom, a perda da velha bota preta e agora o retorno da nova bota marrom. Holmes ficou em silêncio na carruagem enquanto voltávamos para Baker Street, e eu sabia, pelas sobranceiras franzidas e pelo semblante aguçado, que sua mente, como a minha, estava ocupada no esforço de formular algum esquema em que todos esses episódios estranhos e aparentemente desconexos pudessem ser encaixados. Ele ficou sentado a tarde inteira e toda a noite, fumando e pensando.

Pouco antes do jantar, dois telegramas foram entregues. O primeiro dizia:

“Acabei de saber que Barrymore está no Solar.
Baskerville”

O segundo:

“Visitei vinte e três hotéis como orientado, mas lamento relatar incapaz de achar páginas cortadas de Times.

Cartwright”

— Lá vão dois dos meus fios, Watson. Não há nada mais estimulante do que um caso em que tudo vai contra você. Temos que procurar outra pista.

— Nós ainda temos o cocheiro que estava conduzindo para o espião.

— Exatamente. Passei um telegrama para obter seu nome e endereço do Registro Oficial. Eu não ficaria surpreso se isso fosse uma resposta à minha pergunta.

A campainha provou ser ainda mais satisfatória do que uma resposta, pois a porta se abriu e um sujeito de aparência rude entrou, evidentemente o próprio cocheiro.

— Recebi uma mensagem da sede dizendo que um senhor deste endereço estava perguntando pelo 2704 — falou ele. — Faz sete anos que conduzo minha carruagem e nunca recebi uma reclamação. Vim direto do pátio para lhe perguntar o que você tem contra mim.

— Não tenho nada no mundo contra você, meu bom homem — disse Holmes. — Pelo contrário, tenho meio soberano para você se responder às minhas perguntas com clareza.

— Bem, não há dúvida de que hoje é um bom dia — disse o cocheiro com um sorriso. — O que você quer me perguntar, senhor?

— Primeiro de tudo, o seu nome e endereço, no caso de eu precisar encontrá-lo novamente.

— John Clayton, Turpey Street, número 3, no Borough. Minha carruagem sai do Shipley's Yard, perto da Waterloo Station.

Sherlock Holmes tomou nota.

— Agora, Clayton, conte-me tudo sobre o seu passageiro que veio aqui e ficou observando esta casa às dez horas da manhã e depois seguiu os dois cavalheiros pela Regent Street.

O homem pareceu surpreso e um pouco envergonhado.

— Ora, não há motivo para lhe contar, pois você parece saber tanto quanto eu — disse ele. — A verdade é que o cavalheiro me disse que ele era um detetive e que eu não deveria dizer nada sobre ele a ninguém.

— Meu bom companheiro, este é um caso muito sério, e você pode se encontrar em uma posição muito ruim se tentar esconder algo de mim. Você está me dizendo que seu passageiro lhe disse que era detetive?

— Sim, disse.

— Quando ele disse isso?

— Quando ele me deixou.

— E disse mais alguma coisa?

— Mencionou o nome dele.

Holmes lançou um rápido olhar de triunfo para mim.

— Oh, ele mencionou o nome dele, não é? Isso foi imprudente. Qual foi o nome que ele mencionou?

— O nome dele — disse o cocheiro — era Sherlock Holmes.

Nunca vi meu amigo mais surpreso do que com a resposta do cocheiro. Por um instante, ficou em um perplexo silêncio. Então, explodiu em uma gargalhada.

— Um toque de mestre, Watson! Um toque inegável de mestre! — exclamou. — Sinto um florete tão rápido e flexível como o meu. Ele me acertou em cheio desta vez. Então o nome dele era Sherlock Holmes, não é?

— Sim, senhor, esse era o nome do cavalheiro.

— Excelente! Diga-me onde você o pegou e tudo o que aconteceu.

— Ele me chamou às nove e meia em Trafalgar Square. Disse que era detetive e me ofereceu dois guinéus se eu fizesse exatamente o que ele pedisse o dia todo e não fizesse perguntas. Fiquei feliz o suficiente para concordar. Primeiro nós fomos até o Northumberland Hotel e esperamos lá até que dois cavalheiros saíssem e pegassem uma carruagem. Nós seguimos a carruagem até que ela parou aqui.

— Nesta mesma porta — disse Holmes.

— Bem, não posso ter certeza disso, mas ousou dizer que meu passageiro sabia tudo a esse respeito. Mas paramos aqui perto e esperamos uma hora e meia. Então os dois cavalheiros passaram por nós, andando, e seguimos pela Baker Street e ao longo...

— Eu sei — disse Holmes.

— Até que chegamos à metade da Regent Street. Então, meu passageiro abriu a portinhola e gritou que eu devia ir imediatamente para a Waterloo Station o mais rápido que eu pudesse. Fustiguei a égua e nós chegamos em dez minutos. Ele me deu os dois guinéus, como um homem de bem, e foi para a estação. Já ia se afastando quando se virou e disse: “Pode ser interessante saber que você esteve conduzindo o Sr. Sherlock Holmes.” Foi assim que ele disse o nome.

— Entendo. E você não o viu mais?

— Não mais, depois que ele entrou na estação.

— E como você descreveria o Sr. Sherlock Holmes?

O cocheiro coçou a cabeça.

— Bem, ele não é um cavalheiro muito fácil de descrever. Eu diria que tem quarenta anos de idade, de estatura mediana, dois ou três centímetros mais baixo que o senhor. Estava vestido como um dândi, e tinha uma barba preta, quadrada na ponta, e um rosto pálido. Acho que não sou capaz de dizer mais nada além disso.

— Qual era a cor dos olhos dele?

— Não, não saberia dizer isso.

— Não há mais nada de que você se lembre?

— Não, senhor, nada.

— Bem, então aqui está seu meio soberano. Há outro esperando por você se puder trazer mais alguma informação. Boa noite!

— Boa noite, senhor, e obrigado!

John Clayton partiu rindo e Holmes virou-se para mim com um encolher de ombros e um sorriso triste.

— Lá se vai o nosso terceiro fio, e voltamos ao começo — disse ele. — O patife astuto! Ele conhecia nosso número, sabia que Sir Henry Baskerville tinha me consultado, descobriu quem eu era na Regent Street, conjecturou que eu tinha conseguido o número da carruagem e colocaria minhas mãos no cocheiro, então mandou de volta essa mensagem audaciosa. Eu lhe digo, Watson, desta vez nós temos um inimigo que é digno da nossa espada. Levei um xeque-mate em Londres. Só posso desejar-lhe melhor sorte em Devonshire. Mas estou incomodado quanto a isso.

— Quanto ao quê?

— Quanto a enviar você. É um caso feio, Watson, um caso feio e perigoso, e quanto mais eu vejo, menos gosto. Sim, meu caro amigo, você

pode rir, mas dou a minha palavra de que ficarei muito feliz em ter você de volta são e salvo em Baker Street.

O Solar Baskerville



Sir Henry Baskerville e o Dr. Mortimer estavam prontos no dia marcado, e partimos como combinado para Devonshire. Sherlock Holmes foi comigo até a estação e me deu suas últimas instruções e conselhos.

— Não vou influenciar sua mente sugerindo teorias ou suspeitas, Watson — disse. — Eu desejo que você simplesmente relate os fatos da maneira mais completa possível para mim, e pode deixar que me encarrego da teorização.

— Que tipo de fatos? — perguntei.

— Qualquer coisa que pareça ter uma influência indireta sobre o caso, e especialmente as relações entre o jovem Baskerville e seus vizinhos ou quaisquer novos detalhes sobre a morte de Sir Charles. Eu mesmo fiz algumas perguntas nos últimos dias, mas temo que os resultados tenham sido negativos. Só uma coisa parece certa, e é que o Sr. James Desmond, que é o próximo herdeiro, é um senhor idoso de índole muito amável, de modo que essa perseguição não pode vir dele. Eu realmente acho que podemos eliminá-lo inteiramente de nossas conjecturas. Restam as pessoas que realmente ficarão em torno de Sir Henry Baskerville na charneca.

— Não seria bom, em primeiro lugar, livrar-se desse casal Barrymore?

— De jeito nenhum. Você não poderia cometer um erro maior. Se eles forem inocentes, seria uma injustiça vil, e se eles forem culpados, estaríamos desistindo de todas as chances de acusá-los. Não, não, vamos mantê-los em nossa lista de suspeitos. Além disso, tem um cavaliário no Solar, se bem me lembro. Existem dois fazendeiros na charneca. Tem o nosso amigo Dr. Mortimer, a quem acredito ser totalmente honesto, e tem a esposa dele, de quem nada sabemos. Há o naturalista, Stapleton, e sua irmã, que dizem ser

uma jovem atraente. Há o Sr. Frankland, do Solar Lafter, que também é um fator desconhecido, e há um ou dois outros vizinhos. Estas são as pessoas que você deve estudar de um modo muito cuidadoso.

— Eu farei o meu melhor.

— Você está levando suas armas, suponho?

— Sim, eu achei melhor levá-las.

— Certamente. Mantenha seu revólver perto de você noite e dia e nunca relaxe suas precauções.

Nossos amigos já tinham conseguido um vagão de primeira classe e estavam esperando por nós na plataforma.

— Não, não temos notícias de qualquer tipo — disse o Dr. Mortimer em resposta às perguntas do meu amigo. — Eu posso jurar uma coisa: nós não fomos seguidos nos últimos dois dias. Não saímos sem manter uma intensa vigilância, e ninguém poderia ter escapado à nossa atenção.

— Vocês sempre se mantiveram juntos, presumo?

— Exceto ontem à tarde. Eu sempre dedico um dia para me divertir quando venho à cidade, então o passei no Museu do Colégio de Cirurgiões.

— E eu fui olhar as pessoas no parque — disse Baskerville. — Mas não tivemos nenhum problema de qualquer espécie.

— Mesmo assim, foi uma imprudência — disse Holmes, meneando a cabeça e parecendo muito sério. — Eu lhe imploro, Sir Henry, que você não saia sozinho. Alguma grande desgraça poderá acontecer se o fizer. Conseguiu encontrar sua outra bota?

— Não, senhor, ela se foi para sempre.

— De fato isso é muito interessante. Bem, adeus — disse ele quando o trem começou a deslizar pela plataforma. — Tenha em mente, Sir Henry, uma das frases daquela velha e estranha lenda que o Dr. Mortimer nos leu e evite a charneca naquelas horas de escuridão quando as forças do mal estão exaltadas.

Olhei de volta para a plataforma quando a deixamos bem para trás e vi a figura alta e austera de Holmes imóvel, fitando-nos.

A viagem foi rápida e agradável, e passei-a conhecendo mais intimamente meus dois companheiros e brincando com o spaniel do Dr. Mortimer. Em poucas horas a terra marrom tornara-se avermelhada, o tijolo transformara-se em granito e as vacas de pelagem acastanhada pastavam em campos bem protegidos, onde a grama e uma vegetação exuberante falavam

de um clima mais rico, ainda que mais úmido. O jovem Baskerville olhou ansioso pela janela e soltava exclamações de prazer ao reconhecer as características familiares do cenário de Devon.

— Conheci boa parte do mundo desde que fui embora, Dr. Watson — disse ele —, mas nunca vi um lugar que se compare a esse.

— Eu nunca vi um homem de Devonshire que não exaltasse seu condado — comentei.

— Isso depende tanto da estirpe dos homens quanto do condado — disse Mortimer. — Um olhar para o nosso amigo aqui revela a cabeça arredondada do celta, que carrega dentro de si o entusiasmo celta e a capacidade de se apegar. A cabeça do pobre Sir Charles era de um tipo muito raro, metade gaélica, e metade hibernica em suas características. Mas você era muito jovem quando viu pela última vez o Solar Baskerville, não era?

— Eu era um adolescente quando meu pai morreu e nunca tinha visto o Solar, pois ele morava em um chalé na costa sul. De lá, fui direto encontrar um amigo na América. Eu lhe digo que tudo é tão novo para mim como é para o Dr. Watson, e estou tão ansioso quanto possível para ver a charneca.

— Você está? Então o seu desejo será facilmente concedido, pois aí está a sua primeira visão da charneca — disse o Dr. Mortimer, apontando para fora da janela do trem.

Acima dos quadrados verdes dos campos e da curva baixa de um bosque, erguia-se à distância uma colina cinzenta e melancólica, com um estranho cume irregular, escura e indistinta ao longe, como uma paisagem fantástica de um sonho. Baskerville passou muito tempo com os olhos pregados nela, e vi no seu semblante ansioso o quanto ela significava para ele, a primeira visão daquele estranho lugar onde os homens de seu sangue tinham dominado por tanto tempo e deixado uma marca profunda. Lá estava ele, com seu terno de tweed e seu sotaque americano, no canto de um vagão prosaico, e ainda assim, enquanto olhava para seu rosto sombrio e expressivo, eu sentia mais do que nunca que ele era o verdadeiro descendente daquela longa linhagem de homens temperamentais, impetuosos e dominadores. Havia orgulho, coragem e força em suas sobranceiras espessas, suas narinas sensíveis e seus grandes olhos castanho-esverdeados. Se naquela charneca assustadora uma busca difícil e perigosa se estendia à nossa frente, esse era pelo menos um camarada por quem

podíamos ousar nos arriscar com a certeza de que ele nos acompanharia com bravura.

O trem parou em uma pequena estação à beira do caminho e nós descemos. Lá fora, além de uma cerca branca baixa, uma carroça puxada por uma robusta parelha de cavalos nos aguardava. A nossa vinda era, evidentemente, um grande evento, uma vez que tanto o chefe da estação quanto os carregadores se aglomeraram à nossa volta para levar a bagagem. Era um local agradavelmente simples, mas fiquei surpreso ao observar que, no portão, tinha dois soldados de uniforme escuro, que se apoiavam em seus rifles e olharam para nós intensamente quando passamos. O cocheiro, um sujeitinho de rosto duro e retorcido, saudou Sir Henry Baskerville e, em poucos minutos, estávamos seguindo com velocidade pela estrada larga e branca. Terras de pastagens se curvavam para cima de ambos os lados, e velhas casas triangulares apareciam no meio da densa folhagem verde, mas por trás da pacífica e ensolarada paisagem rural iluminada pelo sol erguia-se sempre, escura contra o céu vespertino, a curva longa e sombria da charneca, quebrada pelos morros recortados e lúgubres.

A carroça virou em uma estrada lateral, e fizemos uma curva ascendente através de sendas profundas gastas por séculos de rodas, ribanceiras altas dos dois lados, carregadas de musgos e avenças gotejantes. Samambaias cor de bronze e sarças mosqueadas cintilavam à luz do sol poente. Sempre subindo, passamos sobre uma estreita ponte de granito e margeamos um riacho ruidoso que descia impetuosamente, espumando e rugindo entre os penedos. Tanto a estrada quanto o riacho passavam por um vale denso com matagal e abetos. A cada curva, Baskerville soltava uma exclamação de prazer, olhando ansiosamente ao redor e fazendo inúmeras perguntas. Para os olhos dele tudo parecia bonito, mas para mim havia um toque de melancolia no campo, que mostrava tão nitidamente a marca do ano minguante. Folhas amarelas recobriam as pistas e desciam sobre nós quando passávamos. O ruído de nossas rodas desapareceu quando nos dirigimos a montes de vegetação apodrecida, um presente triste, como me pareceu, que a natureza lançava diante da carruagem do herdeiro dos Baskerville que retornava.

— Oh! — exclamou o Dr. Mortimer. — O que é isso?

Uma curva íngreme de terra coberta de urzes, uma projeção periférica da charneca, surgiu à nossa frente. No cume, duro e claro como uma estátua

equestre sobre seu pedestal, estava um soldado montado, escuro e severo, com o fuzil pronto sobre o antebraço. Ele estava observando a estrada pela qual viajávamos.

— O que é isso, Perkins? — perguntou o Dr. Mortimer.

Nosso cocheiro virou-se em seu assento.

— Um prisioneiro escapou de Princetown, senhor. Faz três dias que está solto, e os guardas vigiam todas as estradas e a estação, mas até agora não viram sinal dele. Os fazendeiros daqui não estão gostando disso, senhor, não estão mesmo.

— Bem, pelo que sei, eles ganham cinco libras se puderem dar informações.

— Sim, senhor, mas a chance de cinco libras é muito pouco em comparação com a chance de ter sua garganta cortada. Você vê, não é um condenado qualquer. Esse é um homem que não hesitaria diante de nada.

— Mas quem é ele?

— É Selden, o assassino de Notting Hill.

Recordava-me bem do caso, porque Holmes tinha se interessado pela ferocidade peculiar dos crimes e pela brutalidade desenfreada que havia caracterizado todas as ações do assassino. A comutação de sua sentença de morte se dera por conta de algumas dúvidas quanto à sua completa sanidade, tão atroz era sua conduta. Nossa carroça chegara ao topo de uma elevação e diante de nós erguia-se a imensa expansão da charneca, manchada por montes de pedras e toras retorcidas e escarpadas. Um vento frio veio de lá, fazendo-nos estremecer. Em algum lugar daquela planície desolada, estava à espreita aquele homem diabólico, escondido em uma toca como uma besta selvagem, com o coração cheio de maldade contra toda a raça que o expulsara. Era necessário, porém, completar a sugestão sombria do deserto estéril, o vento gelado e o céu sombrio. Até mesmo Baskerville ficou em silêncio e apertou ainda mais o sobretudo à volta do corpo.

Nós tínhamos deixado o terreno fértil para trás e abaixo de nós. Olhávamos para trás agora, os raios oblíquos de um sol baixo transformava os riachos em fios de ouro e brilhavam sobre a terra vermelha revirada pelo arado e sobre o emaranhado largo dos bosques. A estrada diante de nós ficava mais deserta e agreste por sobre enormes encostas castanho-avermelhadas e verde-oliva, salpicadas por penedos gigantescos. De vez em quando passávamos por uma cabana na charneca, murada e coberta de

pedra, sem trepadeira para quebrar sua fachada severa. De repente, olhamos para uma depressão parecida com uma xícara, remendada com carvalhos e abetos que haviam sido torcidos e curvados pela fúria de anos de tempestade. Duas torres altas e estreitas erguiam-se sobre as árvores. O cocheiro apontou com o chicote.

— O Solar Baskerville — disse ele.

Seu patrão tinha se levantado e fitava a mansão com as bochechas coradas e os olhos cintilando. Poucos minutos depois, chegamos aos portões, um intrincado arabesco em ferro forjado, com pilares corroídos pelo tempo de ambos os lados, cobertos de líquens e coroados pelas cabeças de javali dos Baskerville. A casa do porteiro era uma ruína de granito preto, mas em frente havia uma construção inacabada, o primeiro fruto do ouro sul-africano de Sir Charles.

Através do portão, entramos na alameda, onde as rodas foram novamente silenciadas pelas folhas, as velhas árvores estendendo seus galhos para formar um túnel sombrio sobre nossas cabeças. Baskerville estremeceu quando olhou para o longo e escuro caminho onde a casa brilhava como um fantasma na extremidade mais distante.

— Foi aqui? — perguntou ele em voz baixa.

— Não, não, a Aleia dos Teixos fica do outro lado.

O jovem herdeiro olhou em volta com um rosto sombrio.

— Não me admira meu tio achar que fosse ter problemas em um lugar como este — falou. — É o suficiente para assustar qualquer homem. Vou mandar instalar uma fileira de lâmpadas elétricas aqui dentro de seis meses, e vocês não vão reconhecer o lugar com uma Swan e Edison de mil velas bem aqui diante da porta do solar.”

A alameda se abria para uma ampla extensão de grama e a casa jazia diante de nós. À luz esmaecida, pude ver que o centro era um bloco pesado de construção do qual se projetava um alpendre. Toda a frente estava coberta de hera, com um pedaço de pano aparente aqui e ali, onde uma janela e um brasão de armas atravessavam o véu escuro. Desse bloco central erguiam-se as torres gêmeas, antigas, crenuladas e perfuradas por muitas brechas. À direita e à esquerda das torrinhas estavam as alas mais modernas em granito preto. Uma luz fraca brilhava através de grandes janelas gradeadas e, das altas chaminés que se erguiam do telhado íngreme e alto, saía uma única coluna negra de fumaça.

— Bem-vindo, Sir Henry! Bem-vindo ao Solar Baskerville!

Um homem alto saiu da sombra da varanda para abrir a porta da carroça. A figura de uma mulher delineava-se contra a luz amarela do salão. Ela saiu e ajudou o homem a pegar nossas malas.

— Você não se importa se eu for direto para casa, Sir Henry? — perguntou o Dr. Mortimer. — Minha esposa está me esperando.”

— Certamente você vai ficar e jantar conosco?

— Não, eu devo ir. Provavelmente vou encontrar algum trabalho esperando por mim. Eu ficaria para mostrar-lhe a casa, mas Barrymore será um guia melhor do que eu. Adeus, e nunca hesite, noite ou dia, em me chamar se eu puder ser útil.

O barulho das rodas desapareceu no caminho enquanto Sir Henry e eu entramos no corredor e a porta bateu fortemente atrás de nós. Era um belo aposento aquele em que nos encontrávamos, grande e fortemente cercado de enormes carreiras de carvalho escurecido pela idade. Na grande e antiga lareira atrás dos cães de ferro, uma fogueira crepitava. Sir Henry e eu estendemos os braços para ela, pois nossas mãos estavam dormentes após a nossa longa viagem. Depois olhamos ao nosso redor, a janela alta de vitrais antigos, os painéis de carvalho, as cabeças dos cervos, os brasões de armas sobre as paredes, todos escuros e sombrios à luz suave da lâmpada central.

— É exatamente como eu imaginei — disse Sir Henry. — Não é a própria imagem de uma antiga casa de família? Pensar que este deve ser o mesmo salão em que, durante quinhentos anos, minha família viveu. Parece-me solene pensar nisso.

Vi seu rosto escuro se iluminar com um entusiasmo juvenil enquanto ele contemplava tudo à sua volta. A luz batia sobre ele, mas longas sombras desciam pelas paredes e o encimavam como um dossel preto. Barrymore voltara após levar nossa bagagem para nossos quartos. Parou à nossa frente com o jeito moderado de um servo bem treinado. Ele era um homem de aparência notável, alto, bonito, com uma barba preta quadrada e traços distintos e pálidos.

— Gostaria que o jantar fosse servido agora, senhor?

— Já está pronto?

— Em poucos minutos, senhor. Vocês encontrarão água quente em seus quartos. Minha esposa e eu ficaremos felizes, Sir Henry, de permanecer com o senhor até que tenha feito seus novos arranjos, mas o senhor deve

entender que, sob as novas condições, esta casa exigirá uma equipe considerável.

— Que novas condições?

— Quero dizer, senhor, que Sir Charles levou uma vida reclusa, e fomos capazes de cuidar de seus desejos. O senhor, naturalmente, deve gostar de ter mais companhia e, portanto, precisará de mudanças em sua casa.

— Quer dizer que você e sua esposa querem ir embora?

— Somente quando for conveniente para o senhor.

— Mas sua família tem estado conosco por várias gerações, certo? Eu lamentaria iniciar minha vida aqui rompendo uma antiga ligação de família.

Tive a impressão de discernir alguns sinais de emoção no rosto pálido do mordomo.

— Também sinto isso, senhor, e minha esposa também. Mas para falar a verdade, senhor, ambos nos apegamos muito a Sir Charles, e sua morte nos chocou e tornou este lugar muito doloroso para nós. Temo que nunca mais nos sentiremos tranquilos no Solar Baskerville.

— Mas o que você pretende fazer?

— Não tenho dúvidas, senhor, de que conseguiremos nos estabelecer em algum negócio próprio. A generosidade de Sir Charles nos deu os meios para fazê-lo. E agora, senhor, talvez seja melhor eu lhe mostrar seus quartos.

Uma galeria quadrada com balaustrada rodeava o topo do velho salão, acessada por um par de escadas. Desse ponto central, dois longos corredores se estendiam por toda a extensão do edifício, nos quais se abriam todos os quartos. O meu próprio estava na mesma ala que o de Baskerville e quase ao lado do dele. Esses quartos pareciam muito mais modernos do que a parte central da casa, e o papel brilhante e as inúmeras velas contribuíram para afastar a sombria impressão que nossa chegada deixara em minha mente.

A sala de jantar que se abria para fora do salão, no entanto, era um lugar sombrio e triste. Era um recinto comprido com um degrau separando o estrado onde a família se sentava da parte inferior reservada para os seus dependentes. Era dominada, em uma de suas extremidades, por um balcão para os músicos. Traves negras corriam sobre nossas cabeças, com um teto escurecido pela fumaça acima delas. Com fileiras de archotes para iluminá-la, e a cor e a alegria rude de um banquete de outros tempos, a sala poderia parecer mais suave; mas agora, com dois cavalheiros vestidos de preto sentados no pequeno círculo de luz projetado por um abajur velado, nossa

voz era silenciada e o espírito, reprimido. Uma linha obscura de ancestrais, em toda variedade de vestimenta, desde o cavaleiro elisabetano até o fanfarrão da regência, olhava para nós e nos assustava com sua companhia silenciosa. Conversamos pouco, e eu, por um lado, fiquei contente quando a refeição terminou e pudemos seguir para a moderna sala de bilhar a fim de fumar um cigarro.

— Definitivamente não é um lugar muito alegre — disse Sir Henry. — Eu suponho que se pode atenuar isso, mas eu me sinto um pouco deslocado no momento. Não me surpreende que meu tio tenha ficado um pouco nervoso de morar sozinho em uma casa como esta. No entanto, se for melhor para você, vamos nos retirar cedo e talvez as coisas pareçam mais alegres de manhã.

Afastei minhas cortinas antes de ir para a cama e olhei para fora da minha janela. Ela dava para um gramado que ficava em frente à porta do solar. Do outro lado, dois bosques de árvores gemiam e balançavam em um vento crescente. Uma meia-lua rompeu as fendas das nuvens. Em sua luz fria, vi além das árvores uma franja quebrada de pedras e a curva longa e baixa da charneca melancólica. Fechei a cortina, sentindo que minha última impressão estava de acordo com o resto.

E ainda assim não era a última. Eu me vi cansado e, no entanto, desperto, agitado e me revirava na cama de um lado para o outro, em busca de um sono que não vinha. Ao longe, um relógio soou os quartos das horas, mas, a não ser por isso, um silêncio mortal jazia sobre a velha casa. E então, de repente, na própria madrugada, veio um som aos meus ouvidos, claro, ressonante e inconfundível. Era o soluço de uma mulher, o suspiro abafado e estrangulado de alguém que está dilacerada por uma tristeza incontável. Sentei-me na cama e ouvi atentamente. O barulho não podia estar longe e certamente vinha de dentro da casa. Esperei durante meia hora, cada nervo em estado de alerta, mas não houve outro som, a não ser o ruído do relógio e o farfalhar da hera na parede.

Os Stapleton da Casa Merripit



O frescor e a beleza da manhã seguinte conseguiram apagar de nossas mentes a impressão sombria e cinzenta que tinha sido deixada em nós dois por nossa primeira experiência no Solar Baskerville. Enquanto Sir Henry e eu tomávamos nosso desjejum, a luz do sol entrava pelas janelas altas, jogando manchas de cor nos brasões que cobriam as paredes. Os painéis escuros brilhavam como bronze aos raios dourados, e era difícil perceber que aquele era, de fato, o aposento que tinha colocado tanta melancolia em nossas almas na noite anterior.

— Eu acho que somos nós mesmos, e não a casa que temos que culpar! — disse o baronete. — Estávamos cansados por conta da nossa jornada e gelados por causa da viagem na carroça, então tivemos uma visão cinzenta do lugar. Agora estamos frescos e nos sentindo bem, então tudo está alegre novamente.

— E, no entanto, não era inteiramente uma questão de imaginação — respondi. — Por acaso ouviu alguém, acho que era uma mulher, soluçando durante a noite?

— Isso é curioso, pois quando eu estava meio adormecido, imaginei ter ouvido algo do tipo. Esperei bastante tempo, mas não ouvi mais nada, então concluí que tudo tinha sido um sonho.

— Eu ouvi claramente, e tenho certeza de que era realmente o soluço de uma mulher.

— Precisamos perguntar sobre isso imediatamente.

Ele tocou a campainha e perguntou a Barrymore se ele podia explicar nossa experiência. Pareceu-me que os traços pálidos do mordomo ficaram

ainda mais pálidos enquanto ouvia a pergunta do seu patrão.

— Há apenas duas mulheres na casa, Sir Henry — respondeu. — Uma é a copeira, que dorme na outra ala. A outra é minha esposa e posso lhe afirmar que o som não podia ter vindo dela.

E, no entanto, ele mentiu ao dizer isso, pois por acaso, depois do desjejum, encontrei a Sra. Barrymore no longo corredor, com o sol batendo em seu rosto. Ela era uma mulher impassível e pesada, com uma expressão severa e firme na boca. Mas seus olhos estavam vermelhos e olhavam para mim por entre as pálpebras inchadas. Fora ela, então, que chorara à noite e, se o fez, o marido devia saber disso. No entanto, ele correria o risco óbvio de ser desmascarado ao declarar que as coisas não tinham ocorrido dessa forma. Por que o fizera? E por que ela havia chorado tão amargamente? Ao redor daquele homem bonito, de barba preta e rosto pálido, reunia-se uma atmosfera de mistério e tristeza. Ele foi o primeiro a descobrir o corpo de Sir Charles, e tínhamos apenas a sua palavra a respeito de todas as circunstâncias que levaram à morte do velho. Seria possível que fosse Barrymore que tínhamos visto na carruagem na Regent Street? A barba podia muito bem ser a mesma. O cocheiro tinha descrito um homem um pouco mais baixo, mas tal impressão podia facilmente ter sido errônea. Como elucidar essa questão de uma vez por todas? Obviamente, a primeira coisa a fazer era procurar o agente do correio de Grimpen e descobrir se o telegrama tinha realmente sido entregue nas próprias mãos de Barrymore. Não importava qual fosse a resposta, pelo menos eu teria algo para relatar a Sherlock Holmes.

Sir Henry tinha vários papéis para examinar depois do desjejum, de modo que o momento era propício para minha excursão. Foi um agradável passeio de pouco mais de seis quilômetros ao longo da borda da charneca, levando-me finalmente a uma pequena aldeia monótona, em que duas construções maiores, que se provaram ser a estalagem e a casa do Dr. Mortimer, destacavam-se do resto. O agente do correio, que também era o merceiro da aldeia, tinha uma lembrança clara do telegrama.

— Certamente, senhor — disse ele. — Recebi o telegrama e mandei entregá-lo ao Sr. Barrymore exatamente como foi pedido.

— Quem entregou?

— Meu menino aqui. James, você entregou aquele telegrama ao Sr. Barrymore no Solar na semana passada, não foi?

— Sim, pai, eu entreguei.

— Nas mãos dele? — perguntei.

— Bem, como ele estava no sótão, não consegui entregá-lo diretamente a ele, mas entreguei nas mãos da Sra. Barrymore, e ela prometeu que levaria a ele imediatamente.

— Você viu o Sr. Barrymore?

— Não, senhor. Como eu lhe disse, ele estava no sótão.

— Se você não o viu, como sabe que ele estava no sótão?

— Bem, certamente a esposa dele devia saber onde ele estava — disse o agente do correio, irritado. — Ele não recebeu o telegrama? Se houve algum problema, o próprio Barrymore deve reclamar.

Parecia inútil prosseguir com a investigação, mas estava claro que, apesar do artifício de Holmes, não tínhamos provas de que Barrymore não estivesse em Londres o tempo todo. Supondo que fosse assim... supondo que o mesmo homem tenha sido o último a ver Sir Charles vivo e o primeiro a perseguir o novo herdeiro quando ele retornou à Inglaterra. O que concluir? Seria ele um intermediário, ou tinha algum motivo sinistro próprio? Que interesse ele podia ter em perseguir a família Baskerville? Lembrei-me do estranho aviso retirado do editorial do Times. Aquilo fora obra sua, ou quem sabe o gesto de alguém decidido a contrariar seus planos? O único motivo concebível era o que havia sido sugerido por Sir Henry, de que, se a família pudesse ser afugentada, um lar confortável e permanente estaria assegurado para os Barrymore. Mas certamente uma explicação como essa seria bastante inadequada para explicar as intrigas profundas e sutis que pareciam estar tecendo uma rede invisível ao redor do jovem baronete. O próprio Holmes dissera que nenhum caso mais complexo lhe ocorrera em toda a longa série de investigações sensacionais a que se dedicara. Rezei, enquanto seguia de volta pela estrada cinzenta e solitária, para que meu amigo logo se libertasse de suas preocupações e pudesse vir para tirar esse pesado fardo de responsabilidade dos meus ombros.

De repente, meus pensamentos foram interrompidos pelo som de pés correndo atrás de mim e por uma voz que me chamou pelo nome. Eu me virei, esperando ver o Dr. Mortimer, mas, para minha surpresa, era um estranho que estava a me perseguir. Era um homem baixo, magro, com a barba feita e de rosto esbelto, cabelo louro e queixo pequeno, entre trinta e quarenta anos de idade, vestindo um terno cinza e usando um chapéu de

palha. Uma caixa de lata para espécimes botânicos estava pendurada em seu ombro e ele carregava uma rede verde de borboletas em uma das mãos.

— Estou certo de que o senhor vai desculpar a minha presunção, Dr. Watson — disse ele quando veio ofegante até onde eu estava. — Aqui na charneca somos gente caseira e não esperamos por apresentações formais. Você pode ter ouvido meu nome de nosso amigo Mortimer. Eu sou Stapleton, da Casa Merripit.

— Sua rede e caixa teriam me dito isso — disse eu —, porque eu soube que o Sr. Stapleton é naturalista. Mas como você me identificou?

— Fiz uma visita ao Mortimer, e ele apontou para você da janela de sua sala de cirurgia, enquanto o senhor passava. Como o nosso caminho era o mesmo, pensei em alcançá-lo para me apresentar. Espero que Sir Henry já tenha se restaurado da viagem.

— Ele está muito bem, obrigado.

— Estávamos todos receosos de que, após a triste morte de Sir Charles, o novo baronete se recusasse a morar aqui. É pedir muito para um homem rico se enterrar em um lugar como esse, mas não preciso lhe dizer que isso significa muito para a região. Suponho que Sir Henry não tenha medos supersticiosos no assunto.

— Eu não acho que isso seja provável.

— É claro que você conhece a lenda do cão diabólico que assombra a família, não conhece?

— Já ouvi a respeito.

— É extraordinário como os camponeses são crédulos por aqui! Qualquer um deles está pronto para jurar que viu uma criatura assim na charneca. — Ele disse isso com um sorriso, mas li em seus olhos que ele levava o assunto mais a sério. — A história teve grande influência sobre a imaginação de Sir Charles, e não tenho dúvidas de que isso o levou ao seu fim trágico.

— Mas como?

— Seus nervos estavam tão tensos que a aparência de qualquer cachorro poderia ter um efeito fatal sobre seu coração doente. Eu imagino que ele realmente tenha visto algo do tipo na Aleia dos Teixos em sua última noite. Eu temia que algum desastre pudesse acontecer, pois tinha grande afeição pelo velho e sabia que seu coração estava fraco.

— Como você sabia disso?

— Meu amigo Mortimer me disse.

— Então, você acha que algum cachorro perseguiu Sir Charles e que ele morreu de medo em consequência disso?

— Você tem alguma explicação melhor?

— Não cheguei a nenhuma conclusão.

— E o Sr. Sherlock Holmes chegou?

As palavras tiraram meu fôlego por um instante, mas bastou um olhar para o rosto plácido e para os olhos firmes do meu companheiro para que eu percebesse que não tivera a intenção de me surpreender.

— É inútil fingir que não conhecemos você, Dr. Watson — disse ele. — Todas as histórias do seu detetive chegaram até nós, e você não poderia celebrá-lo sem também ser conhecido. Quando Mortimer me disse seu nome, ele não pôde negar sua identidade. Se você está aqui, é porque o próprio Sr. Sherlock Holmes está interessado no assunto, e estou naturalmente curioso para saber que opinião ele pode ter.

— Receio não poder responder a essa pergunta.

— Posso perguntar se ele vai nos dar a honra de uma visita?

— Ele não pode sair da cidade no momento. Ele tem outros casos que requerem sua atenção.

— Que pena! Ele podia lançar alguma luz sobre o que é tão sombrio para nós. Mas, quanto às suas próprias investigações, se houver alguma maneira possível para ajudá-lo, confio que você vai me requisitar. Se eu tivesse alguma indicação da natureza de suas suspeitas ou de como você se propõe a investigar o caso, eu talvez pudesse lhe dar agora mesmo alguma ajuda ou conselho.

— Garanto-lhe que estou aqui simplesmente em uma visita ao meu amigo, Sir Henry, e que não preciso de nenhum tipo de ajuda.

— Excelente! — disse Stapleton. — Você está perfeitamente certo em ser cauteloso e discreto. Eu sou justamente repreendido pelo que considero uma intromissão injustificável, e prometo que não mencionarei o assunto novamente.

Chegamos a um ponto em que um caminho estreito de grama saía da estrada e atravessava a charneca. Uma colina íngreme e salpicada de penedos erguia-se à direita, a qual, em tempos passados, havia sido uma pedreira de granito. A face voltada para nós formava um penhasco escuro,

com samambaias e arbustos crescendo em seus nichos. De uma distante elevação, pairava uma nuvem cinzenta de fumaça.

— Um passeio ao longo deste caminho nos leva até a Casa Merripit — disse ele. — Talvez você reserve uma hora para que eu tenha o prazer de apresentá-lo à minha irmã.

Meu primeiro pensamento foi que eu deveria estar ao lado de Sir Henry. Mas então me lembrei da pilha de papéis e notas que cobria a sua mesa. Era certo que eu não poderia ajudá-lo. E Holmes me orientara expressamente disse a estudar os vizinhos na charneca. Aceitei o convite de Stapleton e percorremos o caminho juntos.

— É um lugar maravilhoso, a charneca — comentou ele, olhando em volta para os declives ondulados, longas ondas verdes, com cristas de granito serrilhado espumando em fantásticos vagalhões. — Não tem como se cansar da charneca. Não faz ideia dos maravilhosos segredos que ela contém. É tão vasta, tão inóspita e tão misteriosa.

— Então a conhece bem?

— Eu só estou aqui há dois anos. Os moradores me chamariam de recém-chegado. Chegamos pouco depois de Sir Charles se estabelecer. Mas meus gostos me levaram a explorar cada recanto desta área, e acho que há poucos homens que a conhecem melhor do que eu.

— É tão difícil assim conhecê-la?

— Muito difícil. Veja, por exemplo, essa grande planície ao norte daqui, com os estranhos morros saindo dela. Você observa alguma coisa notável sobre isso?

— Seria um lugar maravilhoso para um galope.

— É natural que pense assim, e essa ideia já custou a vida de algumas pessoas. Está vendo aqueles pontos verdes brilhantes que se espalham densamente por toda sua extensão?

— Sim, eles parecem mais férteis do que o resto.

Stapleton riu.

— Aquele é o grande charco de Grimpen — disse. — Um passo em falso significa a morte para um homem ou animal. Ontem mesmo vi um dos pôneis da charneca se arriscar a passar por ele. Nunca mais saiu. Durante muito tempo vi sua cabeça se esticando para fora do lodaçal, mas acabou sendo tragado. Já é um perigo atravessá-lo mesmo em estações secas, mas depois dessas chuvas de outono é um lugar muito perigoso. E ainda assim

posso encontrar meu caminho até o coração dele e retornar vivo. Meu Deus, lá está outro desses infelizes pôneis!

Algo marrom rolava e se jogava entre os juncos verdes. Então, um longo e agoniado pescoço se contorceu e um grito terrível ecoou sobre a charneca. Isso me deixou gelado de terror, mas os nervos do meu companheiro pareciam ser mais fortes do que os meus.

— Acabou! — disse ele. — O charco o tragou. Foram dois em dois dias, e muitos mais, talvez, pois eles se habituariam a ir até lá no tempo seco e não reconhecem a diferença até que caíam nas garras do charco. É um lugar ruim, o grande charco de Grimpen.

— E você diz que pode penetrar nele?

— Sim, há um ou dois caminhos que um homem muito ativo pode seguir. Eu os descobri.

— Mas por que você desejaria entrar em um lugar tão horrível?

— Bem, você vê as colinas além? Elas são na verdade ilhas isoladas por todos os lados pelo charco intransponível, que se espalhou em torno delas no decorrer dos anos. É ali que estão as plantas e as borboletas raras, se você for astuto o suficiente para alcançá-las.

— Vou tentar a minha sorte algum dia.

Ele olhou para mim com uma expressão surpresa.

— Pelo amor de Deus, tire essa ideia de sua mente — disse ele. — A responsabilidade da sua morte recairia sobre mim. Garanto-lhe que não haveria a menor chance de você voltar vivo. Só consigo fazer isso me lembrando de certos pontos de referência complexos.

— Deus! — exclamei. — Mas o que é isso?

Um longo e baixo gemido, indescritivelmente triste, varreu a charneca. Encheu todo o ar, e ainda assim era impossível dizer de onde vinha. De um murmúrio surdo transformou-se em um rugido intenso e depois esmoreceu novamente em um murmúrio melancólico e palpitante. Stapleton olhou para mim com uma expressão curiosa no rosto.

— Lugar estranho, o charco! — disse ele.

— Mas o que foi isso?

— Os camponeses dizem que é o Cão dos Baskerville chamando por sua presa. Já ouvi isso uma ou duas vezes antes, mas nunca tão alto.

Com o coração enregelado de pavor, observei a planície enorme e ondulada à minha volta, sarapintada de manchas verdes de juncos. Nada se

movia naquela vasta extensão, exceto um par de corvos, que grasnavam alto de um pico rochoso atrás de nós.

— Você é um homem instruído. Não acredita em bobagens como essa, não é? — perguntei. — A seu ver, qual pode ser a causa de um som tão estranho?

— Charcos fazem barulhos estranhos às vezes. É a lama se estabelecendo, ou a água subindo, ou algo assim.

— Não, não, essa era uma voz viva.

— Bem, talvez fosse. Você alguma vez já ouviu uma galinhola-real gritando?

— Não, nunca ouvi.

— É uma ave muito rara, praticamente extinta na Inglaterra agora, mas todas as coisas são possíveis na charneca. Sim, não me surpreenderia saber que o que ouvimos é o grito da última delas.

— É a coisa mais estranha e inusitada que já ouvi na vida.

— Sim, de fato é um lugar inquietante. Olhe para além da colina. O que você acha que seja?

Toda a encosta íngreme estava coberta de anéis circulares cinzentos de pedra, pelo menos uma dúzia deles.

— O que eles são? Currais de ovelhas?

— Não, são a morada de nossos dignos antepassados. O homem pré-histórico povoou a charneca, e como ninguém em particular viveu ali desde então, é possível encontrar seus pequenos arranjos exatamente como foram deixados. Aquelas ali são suas cabanas sem os telhados. É possível ver até a lareira e a cama, se você tiver a curiosidade de entrar.

— Mas é uma cidade e tanto. Quando foi habitada?

— Homem do período neolítico. Não há data.

— O que ele fazia?

— Pastoreava seu rebanho nestas encostas, e aprendeu a escavar à procura de estanho quando a espada de bronze começou a sobrepujar o machado de pedra. Olhe aquela grande trincheira no morro oposto. Essa é a sua marca. Sim, o senhor encontrará alguns pontos muito singulares na charneca, Dr. Watson. Oh, desculpe-me um instante! Certamente é uma Cyclopedes.

Uma pequena mosca ou mariposa percorreu nosso caminho e, em um instante, Stapleton corria com extraordinária energia e velocidade em seu

encalço. Para minha aflição, a criatura voou direto para o grande charco, mas meu conhecido não hesitou por um momento sequer, e seguiu a saltar de moita em moita atrás dela, agitando sua rede verde no ar. Sua roupa cinza e seu progresso irregular, aos arrancos e em zigue-zague, faziam-no parecer uma enorme mariposa. Parado, eu assistia a essa perseguição com uma mistura de admiração por sua extraordinária energia e medo de ele se perder no charco traiçoeiro. Ouvi o som de passos e, ao me virar, avistei uma mulher perto de mim na trilha. Ela tinha vindo da direção em que a fumaça indicava a posição da Casa Merripit, mas a depressão da charneca me impedira de avistá-la até estar bem perto.

Não havia dúvidas de que aquela era a Srta. Stapleton, de quem me haviam falado, pois senhoras de qualquer espécie devem ser poucas na charneca, e lembro-me de ter ouvido alguém descrevê-la como uma beldade. A mulher que se aproximou de mim era certamente muito bonita, e de um tipo incomum. Não podia ter um contraste maior entre irmão e irmã, pois Stapleton tinha um colorido neutro, com cabelo claro e olhos cinza, ao passo que ela era mais escura que qualquer morena que já vi na Inglaterra, e magra, elegante e alta. Sua expressão era ativa e tinha um rosto finamente talhado, tão regular que podia parecer impassível, não fosse pela boca sensível e os lindos e irrequietos olhos escuros. Com sua figura perfeita e vestido elegante, ela era, de fato, uma estranha aparição na solitária trilha da charneca. Ela fitava o irmão atentamente quando me virei, e então ela se pôs a caminhar em minha direção. Ergui o chapéu e estava prestes a me apresentar quando suas próprias palavras desviaram todos os meus pensamentos para uma nova direção.

— Volte! — disse ela. — Volte direto para Londres! Volte imediatamente.

Não pude evitar de olhar para ela, totalmente surpreso. Seus olhos luziam e ela batia no chão impacientemente com o pé.

— Por que eu deveria voltar? — indaguei.

— Eu não posso explicar. — Ela disse isso com uma voz baixa e ansiosa, balbuciante. — Mas, pelo amor de Deus, faça o que eu estou lhe pedindo. Volte e nunca mais pise na charneca.

— Mas eu acabei de chegar.

— Ah! Meu Deus! — exclamou ela. — Você não percebe quando um aviso é para o seu próprio bem? Volte para Londres! Hoje à noite! Afaste-se

deste lugar a qualquer custo! Silêncio, meu irmão está chegando! Nem uma palavra do que eu disse. Você se importaria de pegar aquela orquídea para mim, aquela que está bem ali adiante? Temos uma profusão de orquídeas na charneca, embora, é claro, o senhor tenha chegado muito tarde para ver as belezas do lugar.

Stapleton tinha abandonado a perseguição e voltou para nós respirando com dificuldade e com o rosto vermelho por conta de seus esforços.

— Olá, Beryl! — cumprimentou-a, e pareceu-me que o tom de sua saudação não era de todo cordial.

— Bem, Jack, você parece estar acalorado.

— Sim, eu estava perseguindo uma Cyclopides. Ela é muito rara e dificilmente encontrada no fim do outono. Que pena que eu a perdi! — Ele falou despreocupadamente, mas seus pequenos olhos claros olhavam incessantemente da mulher para mim. — Vocês se apresentaram, eu posso ver.

— Sim. Eu estava dizendo a Sir Henry que ele chegou tarde para apreciar as verdadeiras belezas da charneca.

— Ora, quem você acha que ele é?

— Acredito que ele seja Sir Henry Baskerville.

— Não, não — disse eu. — Sou apenas um plebeu humilde, mas amigo dele. Meu nome é Dr. Watson.

Um rubor de vexação passou por seu rosto expressivo.

— Tivemos uma conversa confusa — disse ela.

— Ora, mas não tiveram muito tempo para conversar — observou o irmão com um olhar inquisitivo.

— Conversei com o Dr. Watson como se ele fosse um residente, em vez de ser apenas um visitante — disse ela. — Não será de muita importância a ele que seja cedo ou tarde para ver as orquídeas. Mas você vem até a Casa Merripit, não vem?

Uma curta caminhada nos levou a ela, uma sombria casa mourisca, outrora a fazenda de algum criador de gado nos tempos de prosperidade, mas agora reformada e transformada em uma residência moderna. Um pomar a rodeava, mas as árvores, como habitual na charneca, eram raquíticas e mirradas, e o efeito de todo o lugar era rude e melancólico. Fomos recebidos por um criado velho, estranho, coberto de rugas e trajando em um casaco cor de ferrugem que parecia combinar com a casa. No

interior, no entanto, havia grandes salas mobiliadas com uma elegância em que eu parecia reconhecer o gosto da senhora. Quando olhei de suas janelas para a interminável charneca salpicada de granito que avançava ininterrupta até o horizonte mais distante, não pude deixar de me maravilhar com o que poderia ter levado esse homem altamente instruído e essa linda mulher a viverem em tal lugar.

— Lugar estranho para se escolher, não é? — perguntou ele como se respondesse ao meu pensamento. — E ainda assim conseguimos ser bastante felizes aqui, não é mesmo, Beryl?

— Muito felizes — respondeu ela, mas não havia convicção em suas palavras.

— Eu tive uma escola — contou Stapleton. — Ficava no norte do país. O trabalho, para um homem do meu temperamento, era mecânico e desinteressante, mas o privilégio de conviver com jovens, de ajudar a moldar suas mentes joviais e de influenciá-las com seu próprio caráter e ideais me era muito caro. No entanto, o destino estava contra nós. Uma grave epidemia estourou na escola e três meninos morreram. Nunca me recuperei do golpe, e muito do meu capital foi irremediavelmente perdido. E, no entanto, se não fosse pela perda da agradável companhia dos meninos, eu poderia me regozijar com o meu próprio infortúnio, pois, com meus fortes gostos de botânica e zoologia, encontro aqui um campo ilimitado de trabalho, e minha irmã é tão dedicada à natureza quanto eu. Digo tudo isso, Dr. Watson, por conta da expressão com que contemplou a charneca pela janela.

— Certamente passou pela minha cabeça que poderia ser um pouco monótono... menos para o senhor, talvez, do que para sua irmã.

— Não, não, eu nunca acho monótono — replicou ela rapidamente. — Temos livros, temos nossos estudos e temos vizinhos interessantes. O Dr. Mortimer é um homem muito culto em sua área. O pobre Sir Charles também era um companheiro admirável. Nós o conhecíamos bem e sentimos a falta dele mais do que eu posso expressar. Acha que seria indiscreto se eu fosse visitar Sir Henry hoje à tarde para conhecê-lo?

— Tenho certeza de que ele ficará encantado.

— Então, talvez você pudesse mencionar minha intenção a ele. Talvez possamos, de uma maneira humilde, fazer algo para facilitar as coisas para ele, até que se acostume com o novo ambiente. Quer subir, Dr. Watson, e ver

minha coleção de Lepidoptera? Acho que é a mais completa no sudoeste da Inglaterra. Quando você acabar de examiná-la, o almoço estará quase pronto.

Mas eu estava ansioso para voltar ao meu posto. A melancolia da charneca, a morte do pônei infeliz, o som estranho que fora associado à lenda sombria dos Baskerville, todas essas coisas conferiam um toque de tristeza aos meus pensamentos. Então, no topo dessas impressões mais ou menos vagas, estava a advertência clara e distinta da Srta. Stapleton, proferida com tanta sinceridade que não pude duvidar de que alguma razão séria e profunda estivesse por trás dela. Recusei todos os convites insistentes para ficar para o almoço, e parti imediatamente na minha viagem de volta, tomando o caminho de grama por onde tínhamos vindo.

Parecia, no entanto, que devia ter algum atalho para aqueles que conheciam o local, pois antes de eu ter chegado à estrada, fiquei surpreso ao ver a Srta. Stapleton sentada em cima de uma pedra ao lado da trilha. Seu rosto estava lindamente corado com seus esforços e ela estava com a mão em seu colo.

— Eu corri todo o caminho a fim de interceptá-lo, Dr. Watson — disse-me ela. — Nem tive tempo de colocar meu chapéu. Eu não posso me demorar, ou meu irmão pode notar minha ausência. Eu queria dizer a você como lamento pelo estúpido erro que cometi ao pensar que o senhor era Sir Henry. Por favor, esqueça as palavras que eu disse, pois não se aplicam ao senhor.

— Mas eu não posso esquecê-las, Srta. Stapleton — repliquei. — Sou amigo de Sir Henry, e seu bem-estar é uma grande preocupação para mim. Diga-me por que você estava tão ansiosa para que Sir Henry voltasse para Londres.

— Capricho de uma mulher, Dr. Watson. Quando me conhecer melhor, entenderá que nem sempre posso dar razões para o que digo ou faço.

— Não, não. Eu me lembro da emoção na sua voz. Lembro-me do seu olhar. Por favor, seja franca comigo, Srta. Stapleton, pois desde que estou aqui, tenho consciência de sombras ao meu redor. A vida tornou-se como aquele grande charco de Grimpen, com pequenas manchas verdes por toda parte, nas quais se pode afundar, sem um guia para apontar a trilha. Diga-me então o que você quis dizer e prometo transmitir sua advertência para Sir Henry.

Uma expressão de indecisão trespassou seu rosto por um instante, mas seus olhos se endureceram novamente quando ela me respondeu.

— Você está dando demasiada importância a tudo isso, Dr. Watson — disse ela. — Meu irmão e eu ficamos muito chocados com a morte de Sir Charles. Nós o conhecíamos muito intimamente, pois a sua caminhada favorita era pela charneca até a nossa casa. Ele ficou profundamente impressionado com a maldição que pairava sobre a sua família e, quando veio essa tragédia, naturalmente senti que devia haver algum fundamento para seus medos. Fiquei angustiada, portanto, quando outro membro da família veio morar aqui, e senti que ele deveria ser advertido sobre o perigo que poderia estar correndo. Isso foi tudo o que eu pretendia transmitir.

— Mas qual é o perigo?

— O senhor conhece a história do cão?

— Eu não acredito em tal absurdo.

— Mas eu, sim. Se o senhor exerce alguma influência sobre Sir Henry, leve-o para longe de um lugar que sempre foi fatal para sua família. O mundo é grande. Por que ele desejaria morar em um lugar perigoso?

— Porque é um lugar perigoso. Essa é a natureza de Sir Henry. Temo que, a menos que possa me dar alguma informação mais precisa que esta, vá ser impossível convencê-lo a ir embora.

— Eu não posso dizer nada de preciso, pois não sei nada de preciso.

— Vou lhe fazer mais uma pergunta, Srta. Stapleton. Se não tinha a intenção de revelar mais do que isso quando falou comigo pela primeira vez, por que não desejaria que seu irmão ouvisse a nossa conversa? Não há nada a que ele ou qualquer outra pessoa possa se opor.

— Meu irmão está muito ansioso para ver o Solar habitado, pois acha que é para o bem dos pobres da região. Ele ficaria muito zangado se soubesse que eu disse qualquer coisa que pudesse induzir Sir Henry a ir embora. Mas já cumpri meu dever e agora não direi mais nada. Preciso voltar ou ele sentirá minha falta e suspeitará que eu tenha vindo me encontrar com o senhor. Adeus!

Ela se virou e desapareceu em poucos minutos entre os penedos esparsos, enquanto eu, com a alma apinhada de temores, segui em direção ao Solar Baskerville.

CAPÍTULO VIII

Primeiro relatório do Dr. Watson



Deste ponto em diante, seguirei o curso dos acontecimentos, transcrevendo minhas cartas para Sr. Sherlock Holmes, que estão na mesa à minha frente. Falta uma página, mas, exceto isso, elas estão exatamente como foram escritas e revelam meus sentimentos e desconfiâncias do momento mais do que minha memória desses eventos trágicos, por mais clara que seja, o poderia fazer.

Solar Baskerville, 13 de outubro.

Meu caro Holmes,

Minhas cartas e telegramas anteriores o mantiveram bastante atualizado quanto a tudo o que tem ocorrido nesse canto do mundo tão esquecido por Deus. Quanto mais tempo ficamos aqui, mais o espírito da charneca, sua vastidão e seu encanto sombrio se afunda na nossa alma. Quando você está bem em seu seio, deixa para trás todos os vestígios da moderna Inglaterra, mas, por outro lado, tomamos consciência em todos os lugares das moradas e do trabalho do povo pré-histórico. Por onde quer que se ande, avistamos as moradas dessa gente esquecida, com seus túmulos e os enormes monólitos que supostamente marcam seus templos. Quando se olha para as cabanas de pedra cinzenta contra as encostas escarpadas das colinas, deixamos nosso próprio tempo para trás, e se víssemos um homem peludo trajando peles, saindo da porta baixa, empunhando um arco e flecha, sua presença seria mais natural que a nossa própria. O estranho é que tenham

vivido em tão grande número sobre o que sempre deve ter sido um solo dos mais insólitos. Não sou um estudioso de coisas antigas, mas imagino que eles eram despojados e pacíficos, e que foram obrigados a aceitar terras que ninguém mais ocuparia.

Tudo isso, no entanto, nada tem a ver com a missão a qual você me incumbiu e é provável que não desperte interesse à sua mente extremamente prática. Ainda me lembro de sua total indiferença quanto ao fato de o Sol se move em volta da Terra ou da Terra em torno do Sol. Permita-me, portanto, retornar aos fatos relativos a Sir Henry Baskerville.

Se você não recebeu nenhum relato nos últimos dias, foi porque até hoje não tive nada importante para narrar. Então, ocorreu uma circunstância muito surpreendente, que eu lhe contarei no devido tempo. Mas, em primeiro lugar, devo colocá-lo a par de alguns outros fatores na situação.

Um desses, sobre o qual pouco falei, é o prisioneiro fugitivo na charneca. Há um forte motivo para se acreditar que ele fugiu e foi embora, o que é um alívio considerável para os proprietários solitários deste distrito. Uma quinzena se passou desde a sua fuga, e ele não mais foi visto e nada mais foi ouvido sobre ele. É certamente inconcebível que ele pudesse ter resistido na charneca durante todo esse tempo. É claro que ele não teria tido absolutamente nenhuma dificuldade para se esconder. Qualquer uma dessas cabanas de pedra lhe daria um ótimo esconderijo. Mas não há nada para comer a menos que ele capturasse e abatesse uma das ovelhas da charneca. Pensamos, portanto, que ele foi embora, e os donos das fazendas distantes têm dormido muito mais tranquilos.

Somos quatro homens robustos nesta casa, então podemos cuidar muito bem de nós mesmos, mas confesso que tenho ficado apreensivo ao pensar nos Stapleton. Eles vivem a quilômetros de distância de qualquer ajuda. Lá moram uma criada e um velho empregado, e os dois irmãos, sendo que o naturalista não é um homem muito forte. Eles estariam perdidos nas mãos de um sujeito desesperado como esse criminoso de Notting Hill, caso ele conseguisse entrar lá. Sir Henry e eu estávamos preocupados com a situação deles, e sugeriu-se que Perkins, o cavaleiro, fosse dormir lá, mas Stapleton não quis nem ouvir falar disso.

A verdade é que nosso amigo, o baronete, começa a demonstrar um interesse considerável pela nossa linda vizinha. Não é de se admirar, pois o tempo custa a passar neste local solitário para um homem ativo como ele, e

ela é uma mulher muito fascinante e bonita. Tem algo tropical e exótico nela que forma um contraste singular ao seu irmão frio e sem emoção. Apesar disso, ele também parece ocultar um temperamento inflamável. Ele certamente tem uma influência muito forte sobre ela, pois a vejo olhando-o continuamente enquanto fala como se procurasse sua aprovação para o que diz. Espero que ele seja gentil com ela. Há um brilho seco nos olhos dele, e uma dureza em seus lábios finos, que indicam uma natureza pragmática e possivelmente severa. Você o consideraria um objeto de estudo interessante.

Ele veio visitar Baskerville naquele primeiro dia, e na manhã seguinte nos levou para nos mostrar o local onde a lenda do perverso Hugo deve ter tido sua origem. Foi uma excursão de alguns quilômetros através da charneca até um lugar tão lúgubre que poderia ter sugerido a história. Encontramos um curto vale entre penhascos irregulares que levava a um espaço relvado aberto salpicado com plantas brancas. No meio dele erguem-se duas grandes pedras, desgastadas e afiadas na extremidade superior, que parecerem enormes presas corroídas de alguma fera monstruosa. Em todos os sentidos, corresponde à cena da velha tragédia. Sir Henry ficou muito interessado e mais de uma vez perguntou a Stapleton se realmente acreditava na possibilidade da interferência do sobrenatural nos assuntos dos homens. Ele falou com indiferença, mas era evidente que levava aquilo a sério. Stapleton respondia com cautela, mas era fácil ver que ele dizia menos do que poderia, e que não expressava toda a sua opinião por consideração aos sentimentos do baronete. Ele nos contou sobre casos semelhantes, em que famílias sofriam de alguma influência maligna, e nos deixou com a impressão de que compartilhava da visão popular sobre o assunto.

No caminho de volta, paramos para almoçar na Casa Merripit e foi lá que Sir Henry conheceu a Srta. Stapleton. Desde o primeiro momento em que a viu, ele pareceu ficar profundamente atraído por ela, e, se não estou enganado, o sentimento foi recíproco. Ele se referiu a ela de novo e de novo em nossa caminhada de volta para casa, e desde então quase não se passou um dia que não tenhamos visto o irmão ou a irmã. Eles vêm jantar aqui esta noite, e vamos jantar com eles na semana que vem. Seria de imaginar que um casamento como esse seria muito bem-vindo a Stapleton, e, no entanto, mais de uma vez captei um olhar de profunda reprovação em sua face, quando Sir Henry dava alguma atenção maior a sua irmã. Não há dúvida de que o irmão é muito ligado à donzela, e levaria uma vida solitária sem ela,

mas acredito que seria o auge do egoísmo se ele ficasse no caminho dela impedindo-a de fazer um casamento tão brilhante. No entanto, tenho certeza de que ele não deseja que a intimidade dos dois amadureça em amor, e observei várias vezes que ele se esforça para impedi-los de ficar tête-à-tête. A propósito, suas instruções a respeito de que eu nunca permita que Sir Henry saia sozinho se tornarão muito mais difíceis de cumprir se um caso de amor for acrescentado às nossas outras dificuldades. Minha popularidade sofreria se eu cumprisse suas ordens ao pé da letra.

Outro dia, quinta-feira, para ser mais preciso, o Dr. Mortimer almoçou conosco. Esteve escavando um túmulo em Long Down e encontrou um crânio pré-histórico que o encheu de grande alegria. Nunca houve um entusiasta tão sincero quanto ele! Os Stapleton vieram depois, e o bom doutor levou-nos a todos à Aleia dos Teixos, a pedido de Sir Henry, para nos mostrar exatamente como tudo ocorreu naquela noite fatal. É um longo e triste passeio, a Aleia dos Teixos, entre duas altas paredes de sebe, com uma estreita faixa de grama de cada lado. No outro extremo, há um velho chalé de verão em ruínas. Na metade do caminho fica o portão da charneca, onde o velho cavalheiro deixou cair a cinza de seu charuto. É um portão de madeira branca com um trinco. Além disso, fica a longa charneca. Lembrei-me da sua teoria a respeito do caso e tentei imaginar tudo o que ocorrera. Quando o velho ficou ali, viu algo atravessando a charneca, algo que o aterrorizou a ponto de ele perder o juízo e correr em disparada até morrer de puro horror e exaustão. Lá estava o longo e escuro corredor por onde ele fugiu. Mas do quê? De um cão pastor da charneca? Ou um cão espectral, negro, silencioso e monstruoso? Teria havido interferência humana no assunto? O pálido e vigilante Barrymore saberia mais do que revelara? Tudo era confuso e vago, mas a sombra escura do crime estava sempre por trás.

Conheci outro vizinho desde que lhe escrevi na última vez. O Sr. Frankland, do Solar Lafter, que mora cerca de seis quilômetros ao sul de nós. Ele é um homem idoso, de rosto vermelho, cabelos brancos e colérico. Tem paixão pela lei britânica e gastou uma grande fortuna em litígios. Ele luta pelo mero prazer de lutar e está igualmente pronto para assumir um dos lados de uma questão, de modo que não é de se admirar que ele tenha achado uma diversão cara. Às vezes, ele fecha uma determinada passagem e desafia a paróquia a fazê-lo abrir. Outras vezes, com as próprias mãos, ele derruba o portão de outro homem e declara que sempre tinha existido um

caminho ali, e desafia o proprietário a processá-lo por transgressão. Ele é versado em antigos direitos senhoriais e comunais, e aplica seus conhecimentos por vezes em favor dos aldeões de Fernworthy, por vezes contra eles, de modo que é periodicamente ou carregado em triunfo pela rua da aldeia ou queimado em efígie, conforme sua mais recente façanha. Diz-se que ele tem cerca de sete ações judiciais em suas mãos no momento, o que provavelmente vai engolir o resto de sua fortuna e assim vai arrancar o seu ferrão e deixá-lo inofensivo para o futuro. Afora a predileção pelas leis, ele me parece uma pessoa gentil e bem-humorada, e só o mencionei porque você insistiu que eu mandasse uma descrição das pessoas que nos cercam. Atualmente, ele se dedica a uma curiosa ocupação, pois, sendo um astrônomo amador, ele tem um telescópio excelente, com o qual ele se deita no telhado de sua própria casa e varre a charneca o dia todo na esperança de ter um vislumbre do prisioneiro que escapou. Se ele confinasse suas energias nisso, tudo estaria bem, mas há rumores de que ele pretende processar o Dr. Mortimer por ter aberto uma sepultura sem o consentimento do parente mais próximo do falecido, porque desenterrou o crânio neolítico em um túmulo em Long Down. Ele ajuda a manter nossas vidas longe da monotonia e nos proporciona um pequeno e muito necessário alívio cômico.

E agora, depois de tê-lo atualizado a respeito do prisioneiro fugitivo, dos Stapleton, do Dr. Mortimer e de Frankland, do Solar Lafter, deixe-me terminar com o que é mais importante e falar mais sobre os Barrymore, e especialmente sobre o surpreendente desenvolvimento da noite passada.

Primeiro, sobre o telegrama que você enviou de Londres como teste, para se certificar de que Barrymore estava realmente aqui. Já expliquei que o testemunho do agente do correio provou que o teste não tinha valor e que não temos provas de uma forma ou de outra. Eu contei para Sir Henry como estava a questão, e ele imediatamente, à sua maneira direta, chamou Barrymore e perguntou se ele próprio recebera o telegrama. Barrymore respondeu que sim.

— O menino entregou o telegrama em suas próprias mãos? — perguntou Sir Henry.

Barrymore pareceu surpreso e refletiu por um tempo.

— Não — respondeu. — Eu estava no sótão, e minha esposa o levou para mim.

— Você mesmo o respondeu?

— Não. Eu disse à minha esposa o que responder e ela desceu para escrever.

À noite, ele retornou ao assunto por conta própria.

— Não consegui entender completamente o objeto de suas perguntas esta manhã, Sir Henry — disse ele. — Espero que elas não significam que eu fiz algo para perder sua confiança.

Sir Henry teve que assegurar-lhe que não para acalmá-lo, dando-lhe uma parte considerável de seu antigo guarda-roupa, uma vez que as roupas de Londres chegaram.

A Sra. Barrymore é de interesse para mim. Ela é uma pessoa pesadona e sólida, muito limitada, intensamente respeitável e inclinada a ser puritana. Seria difícil conceber alguém menos emotivo. No entanto, já lhe contei como, na primeira noite aqui, ouvi-a soluçar amargamente e, desde então, observei mais de uma vez traços de lágrimas em seu rosto. Alguma dor profunda está sempre atormentando o seu coração. Às vezes me pergunto se a lembrança de alguma culpa a persegue, e às vezes suspeito que Barrymore seja um tirano doméstico. Sempre tive a impressão de que havia algo singular e questionável no caráter desse homem, mas a aventura da noite passada concretizam todas as minhas suspeitas.

Isso pode parecer, contudo, um assunto pouco importante em si mesmo. Você sabe que não tenho o sono muito profundo, e desde que estou de guarda aqui nesta casa meu sono tem sido ainda mais leve. Ontem à noite, por volta das duas horas da manhã, fui despertado por um passo furtivo passando pelo meu quarto. Eu me levantei, abri a porta e espiei. Uma longa sombra negra percorria o corredor. Era projetada por um homem que caminhava suavemente pelo corredor com uma vela na mão. Ele estava de camisa e calças, e sem sapatos. Pude discernir apenas seu contorno, mas sua altura me dizia que era Barrymore. Andava de um modo devagar e circunspecto, e tinha algo indescritivelmente culpado e dissimulado em toda a sua atitude.

Já lhe contei que o corredor é interrompido pela galeria que contorna o salão, mas recomeça do outro lado. Esperei até que ele tivesse desaparecido e então o segui. Quando cheguei à galeria, ele chegara à extremidade do outro corredor, e pude ver pela luz fraca através de uma porta aberta que ele tinha entrado em um dos quartos. Bom, todos esses quartos estão desocupados e

sem mobília, de modo que sua expedição se tornou ainda mais misteriosa. A luz brilhava firmemente, como se ele estivesse imóvel. Eu me esgueirei pela passagem o mais silenciosamente que pude e espiei pelo canto da porta.

Barrymore estava agachado perto da janela, segurando a vela contra a vidraça. Seu perfil estava meio virado para mim, e seu rosto parecia estar rígido de expectativa enquanto olhava para a escuridão da charneca. Por alguns minutos, ele ficou observando atentamente. Então, soltou um profundo gemido e, com um gesto impaciente, apagou a chama da vela. Imediatamente voltei para o meu quarto e, logo depois, ouvi novamente os passos rápidos, em seu trajeto de volta. Muito tempo depois, quando caí em um sono leve, ouvi uma chave girando em uma fechadura em algum lugar, mas não pude distinguir de onde vinha o som. O que tudo isso significa, eu não posso adivinhar, mas tem algo secreto acontecendo nesta casa sombria que, mais cedo ou mais tarde, vamos descobrir. Não quero incomodá-lo com minhas teorias, porque você me pediu para lhe fornecer apenas fatos. Tive uma longa conversa com Sir Henry esta manhã e fizemos um plano baseado em minhas observações da noite anterior. Não vou falar sobre ele agora, mas creio que tornará o meu próximo relatório uma leitura interessante.

CAPÍTULO IX

A luz sobre a charneca

(SEGUNDO RELATÓRIO DO DR. WATSON)



Solar Baskerville, 15 de outubro.

Meu caro Holmes,

Se fui obrigado a deixá-lo sem muitas notícias durante os primeiros dias de minha missão, você deve reconhecer que estou compensando o tempo perdido e que os eventos agora estão se acumulando rapidamente sobre nós. Meu último relatório terminou com o clímax de Barrymore à janela, e agora já tenho um verdadeiro sortimento que, ou muito me engano, muito o surpreenderá. As coisas tomaram um rumo que eu não poderia ter antecipado. De certa forma, nas últimas quarenta e oito horas, tudo se tornou mais claro e, em outros pontos, mais complicado. Mas vou lhe contar tudo, e você julgará por si mesmo.

Antes do desjejum no dia seguinte à minha aventura, desci o corredor e examinei o quarto em que Barrymore estivera na noite anterior. Percebi que a janela oeste, pela qual ele olhava tão atentamente, apresenta uma peculiaridade que a distingue de todas as outras janelas da casa: ela domina a vista mais próxima da charneca. Uma abertura entre duas árvores permite que qualquer pessoa desse ponto de vista olhe diretamente para baixo, ao passo que de todas as outras janelas é apenas um vislumbre distante que se pode ser obtido. Portanto, conclui-se que Barrymore, uma vez que apenas essa janela serviria ao propósito, devia estar procurando na charneca algo ou alguém. A noite estava muito escura, de modo que mal posso imaginar como ele podia esperar ver alguém. Ocorreu-me que talvez uma intriga

amorosa estivesse em andamento. Isso seria a explicação de seus movimentos furtivos e também do desconforto de sua esposa. O homem é um sujeito de uma excelente e impressionante aparência, muito bem equipado para roubar o coração de uma camponesa, de modo que essa teoria parece ter algum embasamento. Aquela abertura da porta que eu ouvira depois de voltar para o meu quarto podia significar que ele tinha saído para algum encontro clandestino. Foi assim que raciocinei comigo mesmo de manhã, e conto-lhe a razão de minhas suspeitas, por mais que o resultado possa ter provado que elas eram infundadas.

Mas seja qual for a verdadeira explicação dos movimentos de Barrymore, senti a responsabilidade de mantê-la para mim até conseguir explicá-la, apesar de ser mais do que eu possa suportar. Tive uma conversa com o baronete em seu escritório depois do desjejum, e contei a ele tudo o que tinha visto. Ele ficou menos surpreso do que eu esperava.

— Eu já sabia que Barrymore perambulava durante a noite e tive vontade de falar com ele sobre isso — disse ele. — Duas ou três vezes ouvi seus passos no corredor, indo e vindo, quase exatamente na hora que você menciona.

— Talvez então ele faça uma visita todas as noites àquela janela em particular — sugeri.

— Talvez ele faça. Se assim for, poderíamos segui-lo e ver o que ele procura. Eu me pergunto o que seu amigo Holmes faria, se ele estivesse aqui.

— Creio que faria exatamente o que você sugere — disse eu. — Ele seguiria Barrymore para ver o que ele procura.

— Então vamos fazer isso juntos.

— Mas certamente ele vai nos ouvir.

— O homem é um pouco surdo e, em todo caso, temos que nos arriscar. Ficaremos em meu quarto esta noite e esperaremos até que ele saia.

Sir Henry esfregou as mãos com prazer, e era evidente que ele considerava a aventura como um alívio para sua vida um tanto monótona na charneca.

O baronete entrou em contato com o arquiteto que preparou as plantas para Sir Charles e com um empreiteiro de Londres, então acredito que possamos esperar que grandes mudanças aconteçam por aqui em breve. Vieram decoradores e tapeceiros de Plymouth, e é evidente que nosso amigo tem grandes ideias e meios para não poupar esforços ou despesas para

restaurar a grandeza de sua família. Quando a casa estiver renovada e remodelada, ele precisará de uma esposa para torná-la completa. Cá entre nós, existem sinais bastante claros de que a procura não será necessária se a dama estiver disposta, pois raramente vi um homem mais apaixonado por uma mulher do que Sir Henry pela nossa bela vizinha, a Srta. Stapleton. E, no entanto, o caminho do amor verdadeiro não corre tão suavemente quanto se esperaria nas circunstâncias. Hoje, por exemplo, sua superfície foi agitada por uma ondulação muito inesperada, que causou ao nosso amigo considerável perplexidade e aborrecimento.

Depois da conversa sobre Barrymore, que já lhe contei, Sir Henry colocou seu chapéu e se preparou para sair. Naturalmente, fiz o mesmo.

— Ora, você também vem, Watson? — perguntou, lançando-me um olhar curioso.

— Isso depende de o senhor estar indo ou não para a charneca — respondi.

— Sim, eu estou.

— Bem, você sabe quais foram as minhas instruções. Lamento me intrometer, mas ouviu a seriedade com que Holmes insistiu em que eu não deveria deixá-lo sair sozinho, especialmente à charneca.

Sir Henry colocou a mão no meu ombro com um sorriso agradável.

— Meu caro amigo — disse ele. — Holmes, com toda a sua sabedoria, não previu algumas coisas que aconteceram desde que aqui cheguei. Você me entende? Tenho certeza de que você é o último homem do mundo que gostaria de ser um desmancha-prazeres. Preciso ir sozinho.

Isso me colocou em uma posição muito desconfortável. Eu estava sem saber o que dizer ou fazer, e, antes de me decidir, ele pegou a bengala e foi embora.

Quando refleti sobre o assunto, porém, minha consciência me censurou severamente por ter, sob qualquer pretexto, permitido que ele sumisse da minha vista. Eu imaginava quais seriam os meus sentimentos se tivesse que voltar para você e confessar que alguma desgraça ocorrera por conta do meu desrespeito às suas instruções. Garanto-lhe que as minhas bochechas ficaram coradas com esse pensamento. Talvez não fosse tarde demais para alcançá-lo, então parti imediatamente em direção à Casa Merripit.

Corri ao longo da estrada, o mais depressa que podia, sem ver nenhum sinal de Sir Henry, até chegar ao ponto em que o caminho da charneca se

ramifica. Ali, temendo que, afinal de contas, eu tivesse tomado a direção errada, subi em uma colina de onde podia ter uma visão ampla, a mesma colina que é cortada na pedreira escura. Vi-o imediatamente. Ele estava na trilha da charneca, a uns quatrocentos metros de distância, e ao seu lado havia uma dama que só podia ser a Srta. Stapleton. Era evidente que já tinha um entendimento entre eles e que estavam se encontrando com hora marcada. Caminhavam devagar, muito entretidos na conversa, e eu a vi fazendo pequenos movimentos rápidos com suas mãos como se falasse muito sério, enquanto ele ouvia atentamente, e uma ou duas vezes meneou a cabeça em discordância. Fiquei entre as rochas observando-os, muito intrigado com o que deveria fazer em seguida.

Segui-os e interromper sua conversa íntima parecia uma afronta, mas meu dever era claramente não perdê-lo de vista por um só instante. Espiar um amigo era uma tarefa odiosa. Apesar disso, não me ocorria alternativa melhor que observá-lo da colina, e depois limpar minha consciência confessando-lhe o que tinha feito. É verdade que se algum perigo repentino o ameaçasse eu estava longe demais para ser útil, mas você há de concordar que era uma situação muito delicada, não havendo mais nada que eu pudesse fazer.

Nosso amigo Sir Henry e a dama tinham parado na trilha e estavam profundamente absortos em sua conversa, quando de repente percebi que eu não era a única testemunha. Uma mancha verde flutuando no ar chamou minha atenção, e logo notei que estava presa a uma vara carregada por um homem que se movia pelo terreno acidentado. Era Stapleton com sua rede de borboletas. Ele estava muito mais perto dos dois do que eu e parecia seguir na direção deles. Nesse momento, Sir Henry subitamente puxou a Srta. Stapleton para o seu lado. Envolveu-a com um dos braços, mas pareceu-me que ela tentava se afastar dele e desviava o rosto. Ele inclinou seu rosto sobre o dela, mas a moça ergueu a mão, como se estivesse protestando. No instante seguinte, vi-os se separarem de súbito e se virarem às pressas. Stapleton fora a causa da interrupção. Ele estava correndo descontroladamente em direção a eles, sua rede esvoaçando atrás de si. Ele gesticulava e quase dançou, tamanha era sua alteração diante do casal. Não fui capaz de imaginar o significado daquela cena, mas tive a impressão de que Stapleton ofendia Sir Henry enquanto este oferecia explicações, que se tornaram mais exaltadas à medida que o outro se recusava a aceitá-las. A

Srta. Stapleton permanecia de lado em um silêncio altivo. Finalmente, Stapleton virou-se e acenou de um jeito peremptório para a irmã, que, depois de um olhar indeciso para Sir Henry, partiu ao lado do irmão. Os gestos furiosos do naturalista mostraram que a dama estava incluída em seu descontentamento. O baronete ficou parado por um minuto, olhando para eles, e então caminhou lentamente de volta pela trilha que ele tinha percorrido, a cabeça caída, a própria imagem do abatimento.

O significado de tudo isso eu não podia imaginar, mas estava profundamente envergonhado por ter assistido a uma cena tão íntima sem que meu amigo soubesse. Corri colina abaixo e encontrei o baronete ao sopé. Seu rosto estava vermelho de raiva e a testa, franzida, como uma pessoa que não tem a menor ideia do que fazer.

— Olá, Watson! De onde você saiu? — perguntou. — Não me diga que veio atrás de mim apesar de tudo?

Expliquei tudo a ele: como eu achara impossível permanecer para trás, como o havia seguido e como testemunhara tudo o que tinha acontecido. Por um instante, seus olhos faiscaram para mim, mas minha franqueza desarmou sua raiva, e ele finalmente deu uma risada bastante triste.

— Era de se esperar que o meio da pradaria fosse um lugar bastante seguro para um homem gozar de intimidade — disse ele. — Mas, que diabo, parece que a região inteira saiu para me ver cortejando uma dama... e um cortejo que não deu certo! Onde você estava escondido?

— Eu estava naquela colina.

— Bem na fila de trás, certo? Mas o irmão dela estava bem na frente. Você o viu se aproximar de nós?

— Sim, eu vi.

— Alguma vez lhe ocorreu que ele pode ser louco... esse irmão dela?

— Não posso dizer que sim.

— Certamente não. Eu também o julgava bastante são de espírito até hoje, mas acredite quando digo que ele ou eu devia estar em uma camisa de força. Qual é o problema comigo, de qualquer forma? Você está morando perto de mim há algumas semanas, Watson. Diga-me honestamente agora! Existe alguma coisa que me impeça de ser um bom marido para uma mulher que eu amo?

— Eu diria que não.

— Como ele não pode se opor à minha posição social, acredito que deve ser de mim mesmo que ele se ressentir. O que ele tem contra mim? Até onde sei, nunca machuquei homem ou mulher em minha vida. E, no entanto, ele não me deixa tocar nas pontas dos dedos da irmã.

— Ele disse isso?

— Isso e muito mais. Eu lhe digo, Watson, eu só a conheço há algumas semanas, mas desde o início eu senti que ela foi feita para mim, e ela... também parecia feliz em minha companhia, eu poderia jurar. Há uma luz nos olhos de uma mulher que fala mais alto que palavras. Mas ele nunca permitiu que nos aproximássemos, e só hoje, pela primeira vez, vi uma oportunidade de trocar algumas palavras a sós com ela. Ela estava contente por me encontrar, mas, quando chegou, não era de amor que queria falar, e não teria me deixado falar também, se tivesse podido impedir. Ficou repetindo que este era um lugar perigoso, e que nunca se sentiria feliz até que eu partisse. Respondi que, após vê-la, não tinha nenhuma pressa em ir embora, e que se ela realmente quisesse que eu me fosse, a única forma de conseguir isso seria ir comigo. Assim, propus com todas as letras para me casar com ela, mas antes que ela pudesse responder, surgiu aquele irmão dela, correndo em nossa direção como um louco. Ele estava lívido de raiva, seus olhos claros estavam ardendo em fúria. O que eu estava fazendo com a senhorita? Como me atrevi a oferecer-lhe atenções que eram desagradáveis para ela? Achava eu que, porque era um baronete, podia fazer o que bem entendesse? Se ele não fosse seu irmão, eu saberia como lhe responder. Quando lhe contei que meus sentimentos em relação à irmã eram tais que não me envergonhava deles, e que esperava que ela me desse à honra de se tornar minha esposa, isso pareceu não melhorar o assunto. Então, eu também perdi a paciência e respondi a ele de uma maneira mais acalorada do que deveria, considerando que ela estava ali ao lado. Assim terminou com ele indo embora com ela, como você viu, e aqui estou eu mais perplexo do que qualquer outro homem neste condado. Apenas me diga o que tudo isso significa, Watson, que ficarei lhe devendo mais do que jamais poderei lhe pagar.

Tentei fornecer uma ou duas explicações, mas, para ser sincero, também estava eu completamente intrigado. O título de nosso amigo, sua fortuna, sua idade, seu caráter e sua aparência, tudo está a seu favor, e eu não sei nada que o desabone, a menos que seja esse destino sombrio que corre em

sua família. Que seus avanços devam ser rejeitados tão bruscamente, sem qualquer referência aos desejos da própria dama, e que a dama deva aceitar a situação sem protestar, é muito surpreendente. No entanto, nossas conjecturas foram aquietadas por uma visita do próprio Stapleton naquela mesma tarde. Ele tinha vindo pedir desculpas por sua grosseria da manhã, e depois de uma longa entrevista privada com Sir Henry em seu escritório, o desentendimento foi totalmente sanado e ficou combinado que jantaremos na Casa Merripit na próxima sexta-feira.

— Eu não digo agora que ele não é um homem louco — explicou-me Sir Henry. — Pois não posso esquecer seu olhar quando correu em minha direção esta manhã, mas devo admitir que nenhum homem podia fazer um pedido de desculpas mais bonito do que ele fez.

— Ele deu alguma explicação sobre sua conduta?

— A irmã é tudo em sua vida, ele diz. Isso é bastante natural, e fico feliz por ele reconhecer o valor dela. Eles sempre estiveram juntos e, de acordo com seu relato, ele tem sido um homem muito solitário, com apenas ela como companhia, de modo que a ideia de perdê-la é realmente terrível para ele. Disse que não percebera que eu estava me apegando a ela, mas quando viu com seus próprios olhos que era realmente assim, e que ela podia ser tirada dele, teve um choque tão grande que por um tempo ele não foi responsável pelo que disse ou fez. Confessou que sentia muito por tudo o que tinha acontecido, e reconheceu o quão tolo e egoísta ele é por imaginar que pode segurar uma mulher bonita como sua irmã por toda a sua vida. Se ela tinha que deixá-lo, ele preferia que fosse para um vizinho como eu do que para qualquer outra pessoa. Mas, em todo caso, foi um golpe para ele, e disse que levará algum tempo antes que esteja preparado para enfrentá-lo. Ele retiraria toda a oposição de sua parte se eu promettesse por três meses deixar o assunto descansar e me contentasse em cultivar a amizade da dama sem reivindicar seu amor. Isso eu prometi, e assim a questão repousa.

Então, um dos nossos pequenos mistérios foi esclarecido. Certamente é notável termos atingido o âmago de uma questão em meio a esse atoleiro em que nos encontramos. Sabemos agora por que Stapleton parecia desfavorável ao pretendente de sua irmã, mesmo quando esse pretendente é um homem tão aceitável quanto Sir Henry. E agora eu passo para outro fio que consegui desembaraçar, o mistério dos soluços à noite, do rosto manchado de lágrimas da Sra. Barrymore, da jornada secreta do mordomo para a janela

de treliça na parte oeste da casa. Felicite-me, meu caro Holmes, e diga-me que não o decepcionei como agente, que você não se arrepende da confiança que demonstrou em mim quando me enviou para cá. Todas essas coisas foram esclarecidas com o trabalho de uma noite.

Eu disse “com o trabalho de uma noite”, mas, na verdade, foram duas noites, pois na primeira não conseguimos absolutamente nada. Sentei-me com Sir Henry em seus aposentos até quase três horas da manhã, mas não ouvimos nenhum tipo de som a não ser o relógio de carrilhão junto à escada. Foi uma vigília melancólica e terminou com cada um de nós adormecendo em nossas poltronas. Felizmente não desanimamos, e resolvemos tentar novamente. Na noite seguinte, reduzimos a luz da lâmpada e nos sentamos fumando cigarros sem fazer o menor som. Era incrível a lentidão com que as horas se arrastavam, e mesmo assim fomos ajudados pelo mesmo tipo de interesse paciente que o caçador deve sentir quando vigia a armadilha em que espera que a caça possa cair. Uma badalada, duas, e quase desistimos pela segunda vez, sem esperança alguma, quando de súbito ambos nos sentamos empertigados em nossas poltronas, com todos os nossos sentidos cansados totalmente alertas de novo. Tínhamos ouvido o ruído de passos no corredor.

Nós o ouvimos passar muito furtivamente por nossa porta até desaparecer a distância. Então o baronete abriu a porta com delicadeza e partimos em perseguição. Nosso homem já contornara a galeria e o corredor estava mergulhado na escuridão. Suavemente nós avançamos até que chegamos à outra ala. Chegamos a tempo de vislumbrar a figura alta e de barba negra, os ombros caídos, enquanto percorria o corredor na ponta dos pés. Então ele passou pela mesma porta que antes, e a luz da vela a emoldurou na escuridão e disparou um único raio amarelo através da escuridão do corredor. Nós nos arrastamos cautelosamente em direção a ela, experimentando cada tábuia antes de nos atrevermos a colocar todo o nosso peso sobre ela. Nós tínhamos tomado a precaução de deixar nossas botas para trás, mas, mesmo assim, as velhas tábuas rangiam sob o nossos passos. Às vezes parecia impossível que ele não percebesse nossa aproximação. No entanto, felizmente o homem é bastante surdo e estava totalmente preocupado com o que estava fazendo. Quando finalmente chegamos à porta e espiamos, vimos que ele se encontrava agachado junto à janela, a

vela na mão, o rosto atento e pressionado contra o vidro, exatamente como eu o vira duas noites antes.

Não tínhamos traçado nenhum plano, mas o baronete é um homem para quem o caminho mais direto é sempre o mais natural. Adentrou o cômodo e, ao fazê-lo, Barrymore saltou da janela com um suspiro agudo e ficou de pé, lívido e trêmulo diante de nós. Seus olhos escuros, brilhando na máscara branca de seu rosto, estavam cheios de horror e surpresa quando ele olhou de Sir Henry para mim.

— O que faz aqui, Barrymore?

— Nada, senhor.

Seu nervosismo era tão grande que ele mal conseguia falar, e as sombras projetadas por sua vela trêmula saltavam para cima e para baixo.

— É a janela, senhor. Eu passo todas as noites para ver se elas estão trancadas.

— No segundo andar?

— Sim, senhor, todas as janelas.

— Ouça, Barrymore — disse Sir Henry com firmeza —, estamos dispostos a lhe arrancar a verdade, de modo que, para evitar problemas, é melhor confessar o quanto antes. Vamos! Nada de mentiras. O que você estava fazendo naquela janela?

O sujeito nos lançou um olhar desamparado, torcendo as mãos como alguém que se encontra no mais alto grau de dúvida e aflição.

— Eu não estava fazendo mal nenhum, senhor. Apenas segurava a vela junto à janela.

— E por que você estava fazendo tal coisa?

— Não me pergunte, Sir Henry, não me pergunte! Eu dou a minha palavra, senhor, que esse segredo não me pertence, e eu não posso revelá-lo. Se dissesse respeito apenas a mim, eu não tentaria escondê-lo do senhor.

Uma ideia repentina me ocorreu, e peguei a vela da mão trêmula do mordomo.

— Ele devia estar usando isso como um sinal — sugeri. — Vamos ver se há alguma resposta.

Segurei a vela como ele tinha feito, e olhei para a escuridão da noite. Pude discernir vagamente a barreira escura das árvores e a extensão mais clara da charneca, pois a lua estava por trás das nuvens. E então dei um grito de exultação, pois um minúsculo ponto de luz amarela subitamente

trespassou o véu escuro e brilhou firmemente no centro do quadrado preto emoldurado pela janela.

— Lá está! — exclamei.

— Não, não, senhor, isso não é nada! Absolutamente nada! — interrompeu-me o mordomo. — Eu lhe garanto, senhor...

— Mova a vela diante da janela, Watson! — exclamou o baronete. — Veja, a outra se move também! Agora, seu patife, você nega que é um sinal? Vamos, diga! Quem é o seu cúmplice lá fora, e que conspiração é essa?

A expressão no rosto do homem tornou-se abertamente desafiadora.

— É um assunto meu, não seu. Não vou falar.

— Então deixe esse emprego imediatamente.

— Muito bem, senhor. Se assim tem que ser, será.

— E você vai em desgraça. Por Deus, você devia ter vergonha de si mesmo. Sua família tem vivido com a minha por mais de cem anos sob este teto, e aqui eu lhe encontro em meio a uma trama sombria contra mim.

— Não, não, senhor! Não é contra o senhor!

Uma voz de mulher dissera isso, e a Sra. Barrymore, mais pálida e mais horrorizada do que o marido, estava em pé à porta. Sua figura corpulenta, de saia e enrolada em um xale, podia ser cômica, não fosse pela intensidade da emoção que ela expressava em seu rosto.

— Temos que ir, Eliza. É o fim. Você pode arrumar nossas coisas — disse o mordomo.

— Oh, John, John, fui eu que o levei a isso? A culpa é minha, Sir Henry, toda minha. Ele fez tudo isso por mim, e porque eu lhe pedi.

— Fale, então! O que isso significa?

— Meu pobre irmão está morrendo de fome lá na charneca. Nós não podemos deixá-lo morrer em nosso próprio portão. A luz é um sinal para lhe dizer que há comida pronta para ele, e a luz dele lá longe mostra o local para o qual ela deve ser levada.

— Então seu irmão é...

— O prisioneiro que fugiu, senhor... Selden, o criminoso.

— Essa é a verdade, senhor — disse Barrymore. — Eu disse que não era meu segredo e que não podia contá-lo. Mas agora você ouviu e sabe que, se houvesse uma conspiração, não seria contra você.

Essa era, então, a explicação das expedições furtivas à noite e da luz na janela. Sir Henry e eu olhamos, espantados, para a mulher. Seria possível

que essa mulher impiedosamente respeitável tivesse o mesmo sangue de um dos criminosos mais notórios do país?

— Sim, senhor, meu sobrenome de solteira era Selden, e ele é meu irmão mais novo. Nós o mimamos demais quando ele era mais jovem, e sempre fizemos todas as suas vontades, até que ele passou a pensar que o mundo foi feito para o seu prazer, e que ele podia fazer o que quisesse. Então, quando ficou mais velho, ele conheceu companheiros perversos, e o diabo se apossou dele. Então, partiu o coração de minha mãe e arrastou nosso nome para a lama. Afundou-se cada vez mais, de crime em crime, e foi apenas a misericórdia de Deus que o livrou do cadafalso. Mas para mim, senhor, ele sempre foi o pequeno garoto de cabelos cacheados de quem eu cuidava e com quem brincava, como convém a uma irmã mais velha. Foi por isso que ele fugiu da prisão, senhor. Ele sabia que eu estava aqui e que não poderíamos recusar a ajudá-lo. Quando ele se arrastou até aqui uma noite, exausto e faminto, com os guardas em seus calcanhares, o que podíamos fazer? Nós o acolhemos e o alimentamos e cuidamos dele. Então o senhor voltou, e meu irmão achou que ele estaria mais seguro na charneca do que em qualquer outro lugar até que tudo se acalmasse, então se escondeu lá. Mas a cada duas noites nós verificamos se ele ainda estava lá, colocando uma luz na janela, e se recebêssemos uma resposta, meu marido levava um pouco de pão e carne para ele. Todos os dias nós desejávamos que ele fosse embora, mas, enquanto lá estiver, não podemos abandoná-lo. Essa é toda a verdade, como eu sou uma mulher cristã honesta, o senhor verá que, se há culpa nesse assunto, não é do meu marido, mas minha, pois foi por mim que ele fez tudo o que fez.

As palavras da mulher transmitiam uma sinceridade tão intensa que as tornavam convincentes.

— Isso é verdade, Barrymore?

— Sim, Sir Henry. Cada palavra.

— Bem, eu não posso culpá-lo por ficar ao lado de sua própria esposa. Esqueça o que eu disse. Vá para o seu quarto, vocês dois, e falaremos mais sobre esse assunto amanhã de manhã.

Quando eles se foram, olhamos de novo pela janela. Sir Henry abriu-a e o vento frio da noite bateu em nossos rostos. Longe, na distância negra, ainda brilhava aquele minúsculo ponto de luz amarela.

— Não sei como ele tem coragem — comentou Sir Henry.

— Talvez esteja escondido de um modo que a vela só seja visível daqui.
— Muito provavelmente. A que distância você calcula que esteja?
— Perto de Cleft Tor, eu acho.
— A apenas uns dois quilômetros daqui.
— Talvez menos.
— Bem, não pode ser muito longe, já que Barrymore tinha que levar a comida até lá. E o canalha está esperando junto da vela. Por Deus, Watson, eu vou sair para pegar esse homem!

O mesmo pensamento passou pela minha cabeça. Não era como se os Barrymore nos tivessem feito uma confidência. Tínhamos-lhe arrancado o segredo. O homem era um perigo para a comunidade, um canalha sem escrúpulos para quem não havia nem piedade nem desculpa. Nós estávamos apenas fazendo o nosso dever em aproveitar essa chance de mandá-lo de volta onde ele não podia fazer nenhum mal. Com sua natureza brutal e violenta, outros teriam que pagar o preço se nos abstivéssemos. Qualquer noite, por exemplo, nossos vizinhos, os Stapleton, podiam ser atacados por ele, e pode ter sido esse pensamento que fez Sir Henry ficar tão ávido pela aventura.

— Eu irei com você — avisei.
— Então pegue seu revólver e calce suas botas. Quanto mais depressa partirmos, melhor, uma vez que o sujeito pode apagar a luz e fugir.

Em cinco minutos tínhamos saídos da casa, dando início à nossa expedição. Nós nos apressamos pelo matagal escuro, em meio ao gemido monótono do vento do outono e do farfalhar das folhas que caíam. O ar da noite estava pesado com o cheiro de umidade e podridão. De vez em quando, a lua espreitava por um instante, mas as nuvens se moviam depressa pelo céu e, assim que entramos na charneca, uma chuva fina começou a cair. A luz ainda brilhava à nossa frente.

— Você está armado? — perguntei.
— Tenho um chicote de caça.
— Temos que nos aproximar dele rapidamente, pois dizem que ele é um sujeito violento. Vamos pegá-lo de surpresa e ficará à nossa mercê antes que tenha tempo de resistir.

— Então, Watson — disse o barão —, o que Holmes diria disso? E quanto a esta hora escura em que a força do mal está exaltada?

Como se em resposta às suas palavras, subitamente surgiu da vasta escuridão da charneca aquele estranho grito que eu já tinha ouvido à beiras do grande charco de Grimpen. Vinha com o vento através do silêncio da noite, um longo e profundo murmúrio, depois um uivo crescente, e depois o triste gemido que desaparecia pouco a pouco. Soou muitas vezes, todo o ar palpitando com ele, estridente, selvagem e ameaçador. O baronete segurou minha manga e seu rosto pálido brilhou em meio à escuridão.

— Meu Deus, Watson, o que é isso?

— Não sei. É um som que existe na charneca. Já o ouvi uma vez antes.

O som desapareceu e fomos envolvidos por um silêncio absoluto. Aguçamos nossos ouvidos, mas foi em vão.

— Watson — disse o baronete —, foi o uivo de um cão.

O sangue gelou em minhas veias, pois houve uma alteração em sua voz que revelava o súbito horror que tinha se apoderado dele.

— Como eles chamam esse som? — perguntou ele.

— Quem?

— O povo da região.

— Oh, eles são pessoas ignorantes. Por que você se importaria com o nome que lhe dão?

— Diga-me, Watson. O que dizem eles?

Hesitei, mas não pude escapar da pergunta.

— Dizem que é o uivo do Cão dos Baskerville.

Ele gemeu e permaneceu em silêncio por alguns instantes.

— Era um cão, sim — disse ele por fim. — Mas parecia estar a muitos quilômetros de distância, eu acho.

— Difícil dizer de onde vinha.

— Ele surgiu e desapareceu com o vento. Aquela não é a direção do charco de Grimpen?

— Sim, é.

— Bem, veio de lá. Mas vamos, Watson, você também não acha que foi o uivo de um cão? Não sou uma criança. Não precisa ter medo de dizer a verdade.

— Stapleton estava comigo quando o ouvi da outra vez. Disse que podia ser o chamado de uma ave estranha.

— Não, não, era um cão. Meu Deus, poderia haver alguma verdade em todas essas histórias? É possível que eu esteja realmente em perigo por uma

razão tão misteriosa? Você não acredita, não é, Watson?

— Não, não.

— E, no entanto, uma coisa era rir disso em Londres, e outra é estar aqui exposto na escuridão da charneca e ouvir um grito como esse. E meu tio! Tinha uma pegada de cão ao lado de onde ele caiu. Tudo se encaixa. Não me julgo um covarde, Watson, mas esse som pareceu congelar meu próprio sangue. Sinta minha mão!

Estava tão fria quanto um bloco de mármore.

— Você vai ficar bem amanhã.

— Creio que não conseguirei tirar esse grito da minha cabeça. O que você aconselha que façamos agora?

— Vamos voltar?

— Não, por Deus. Nós saímos para pegar o nosso homem, e vamos fazê-lo. Estamos atrás do prisioneiro e um cão do inferno provavelmente está atrás de nós. Vamos, Watson. Vamos até o fim, mesmo que todos os demônios do inferno estejam soltos na charneca.

Avançamos devagar pela escuridão, com o vulto negro das colinas escarpadas ao nosso redor, e a mancha amarela de luz queimando constantemente na frente. Não há nada tão ilusório quanto a distância de uma luz em uma noite escura como breu, e às vezes o brilho parecia estar longe no horizonte, ora a poucos metros de nós. Mas finalmente pudemos ver de onde vinha, e então sabíamos que estávamos realmente muito próximos. Uma vela gotejante estava presa na fenda de rochas que a flanqueava de cada lado, de modo a evitar o vento e impedir que fosse visível, exceto na direção do Solar Baskerville. Uma grande pedra de granito ocultava nossa aproximação e, agachado atrás dela, olhamos para o sinal luminoso. Era estranho ver aquela única vela ardendo ali no meio da charneca, sem nenhum sinal de vida perto dela... apenas uma chama amarela e o brilho da rocha de ambos os lados.

— O que faremos agora? — sussurrou Sir Henry.

— É melhor esperar aqui. Ele deve estar perto da vela. Vamos ver se conseguimos avistá-lo.

As palavras mal saíram da minha boca quando nós dois o vimos. Sobre as pedras em cuja fenda a vela ardia, surgiu um rosto amarelo e cruel, uma feição terrível e bestial, marcada pelas paixões mais vis. Sujo de lama, com uma barba eriçada e o cabelo desgrehado, poderia muito bem ter

pertencido a um daqueles antigos selvagens que moravam outrora nas cabanas das encostas. A luz abaixo dele refletia-se em seus pequenos e ardilosos olhos que espreitavam ferozmente para a direita e para a esquerda, através da escuridão, como um animal astuto e selvagem que tinha ouvido os passos dos caçadores.

Algo evidentemente tinha despertado suas suspeitas. Podia ser que Barrymore tivesse algum sinal particular que tínhamos deixado de dar, ou talvez ele tivesse algum outro motivo para pensar que nem tudo estava bem, mas eu podia ler seus medos em seu rosto perverso. A qualquer momento ele podia apagar a luz e desaparecer na escuridão. Assim, saltei à frente e Sir Henry fez o mesmo. De imediato o condenado gritou uma maldição contra nós e lançou uma pedra que se estilhaçou contra a rocha que nos protegia. Vi de relance sua figura baixa, atarracada, de compleição forte quando ele se levantou e se virou para correr. No mesmo momento, por sorte, a lua atravessou as nuvens. Corremos pelo topo da colina, e lá estava o nosso homem descendo em grande velocidade pelo outro lado, saltando sobre as pedras em seu caminho com a agilidade de um cabrito-montês. Um tiro certo do meu revólver poderia tê-lo aleijado, mas eu o trouxera apenas para me defender e não para atirar em um homem desarmado que estava fugindo.

Nós dois éramos corredores velozes e estávamos em uma forma razoavelmente boa, mas logo percebemos que não tínhamos nenhuma chance de alcançá-lo. Nós o vimos por um longo tempo ao luar, até que ele era apenas um pequeno ponto movendo-se rapidamente entre as pedras do lado de uma colina distante. Corremos até ficarmos completamente exauridos, mas o espaço entre nós somente crescia. Finalmente paramos e nos sentamos em duas pedras, arquejando, enquanto o observávamos desaparecendo ao longe.

E foi nesse momento que ocorreu uma coisa muito estranha e inesperada. Tínhamos nos levantado de nossas pedras e estávamos prestes a virar para ir para casa, tendo abandonado a perseguição inútil e sem esperança. A lua estava baixa à direita, e o cume irregular de um penhasco de granito se erguia contra a curva inferior de seu disco prateado. Ali, com uma silhueta tão negra quanto uma estátua de ébano contra aquele pano de fundo brilhante, vi a figura de um homem no cume. Não pense que foi uma ilusão, Holmes. Garanto-lhe que nunca na minha vida vi algo mais claro. Até

onde eu podia julgar, a figura era de um homem alto e magro. Ele estava com as pernas um pouco separadas, os braços cruzados, a cabeça inclinada, como se estivesse meditando sobre aquele enorme deserto de turfa e granito que se estendia diante dele. Ele podia ser o próprio espírito daquele lugar terrível. Não era o prisioneiro. O homem estava longe do lugar onde este último tinha desaparecido. Além disso, era muito mais alto. Com um grito de surpresa, apontei-o para o baronete, mas no instante em que me virei para agarrar seu braço, o homem desapareceu. Lá estava o ápice do granito ainda cortando a borda inferior da lua, mas seu pico não mostrava nenhum vestígio daquele vulto silencioso e imóvel.

Eu queria ir nessa direção e procurar no penhasco, mas estava a alguma distância. Os nervos do baronete ainda estavam abalados pelo uivo do cão, que lembrava a sombria história de sua família, e ele não estava com disposição para novas aventuras. Ele não vira o homem solitário no penhasco e não podia sentir a emoção que sua estranha presença e sua atitude dominadora tinham me causado.

— Um guarda, com certeza — disse ele. — A charneca está cheia deles desde que esse sujeito escapou.

Bem, talvez sua explicação fosse correta, mas eu gostaria de ter mais uma prova disso. Hoje temos a intenção de comunicar ao pessoal de Princetown onde eles devem procurar o homem desaparecido, já que infelizmente não tivemos o triunfo de trazê-lo de volta como nosso próprio prisioneiro. Tais são as aventuras da noite passada, e você deve reconhecer, meu caro Holmes, que lhe fiz um excelente relatório. Muito do que lhe digo é, sem dúvida, irrelevante, mas ainda assim sinto que é melhor deixar que você tenha todos os fatos e permitir que você selecione para si aqueles que lhe serão mais úteis em suas conclusões. Estamos certamente fazendo algum progresso. No que diz respeito aos Barrymore, descobrimos o que motivava suas ações, e isso esclareceu muito a situação. Mas a charneca com seus mistérios e seus estranhos habitantes permanecem tão incompreensíveis quanto antes. Talvez no meu próximo relatório eu possa ser capaz de lançar alguma luz sobre isso também. O melhor seria se você pudesse se juntar a nós. De qualquer forma, você ouvirá de mim novamente nos próximos dias.

Extrato do diário do Dr. Watson



Até agora, consegui citar os relatórios que enviei durante esses primeiros dias a Sherlock Holmes. Agora, porém, cheguei a um ponto de minha narrativa em que sou compelido a abandonar esse método e a confiar mais uma vez em minhas lembranças, auxiliado pelo diário que mantive na época. Alguns trechos deste último me levarão àquelas cenas que estão indelevelmente fixadas em cada detalhe na minha memória. Continuo, portanto, a partir da manhã que se seguiu à nossa perseguição malograda ao prisioneiro e às nossas outras estranhas peripécias na charneca.

16 de outubro. — Um dia monótono, nublado e com chuvisco. A casa está envolta em rolos de nuvens, que de vez em quando se dissipam para mostrar as curvas sombrias da charneca, com finos veios prateados nas laterais das colinas e as rochas distantes brilhando onde a luz incide sobre suas faces molhadas. A melancolia reina dentro e fora. O baronete está deprimido após as excitações da noite. Eu mesmo sinto um peso em meu coração e um sentimento de perigo iminente, um perigo sempre presente, o que é terrível, pois sou incapaz de defini-lo.

Não teria eu motivo para tal sensação? Consideremos a longa sucessão de incidentes que apontam para alguma influência sinistra que está em ação ao nosso redor. A morte do último ocupante do Solar, preenchendo exatamente as condições da lenda da família, e os repetidos relatos de camponeses sobre a aparição de uma estranha criatura na charneca. Duas vezes ouvi com meus próprios ouvidos o som que se assemelhava ao latido distante de um cão. É incrível, é impossível, que isso escape realmente às leis ordinárias da natureza. Um cão espectral que deixa pegadas materiais e

enche o ar com seus uivos certamente não é concebível. Stapleton pode acreditar em tal superstição, e Mortimer também. Mas, se eu tenho uma qualidade na terra, é bom senso, e nada me persuadirá a acreditar em tal coisa. Fazê-lo seria descer ao nível desses pobres camponeses, que não se contentam com um mero cão diabólico, mas precisam descrevê-lo soltando fogo do inferno pela boca e pelos olhos. Holmes não daria ouvidos a essas fantasias e eu sou seu agente. Mas fatos são fatos, e eu ouvi esse uivo na charneca. Suponhamos que haja realmente algum enorme cão solto ali; isso explicaria muita coisa. Mas onde poderia tal cão se esconder, onde obteria sua comida, de onde viria, e como se explicaria o fato de que só é visto durante a noite? Devo confessar que a explicação natural oferece quase tantas dificuldades quanto a outra. E sempre, além do cão, há o fato da ação humana em Londres, o homem na carruagem e a carta que preveniu Sir Henry contra a charneca. Isso pelo menos era real, mas podia ter sido obra de um amigo protetor tão facilmente quanto de um inimigo. Onde está esse amigo ou inimigo agora? Ele permaneceu em Londres ou nos seguiu até aqui? Poderia ele ser o estranho que eu vi no penhasco?

É verdade que o vi apenas de relance, no entanto, há algumas coisas as quais estou disposto a jurar. Ele não é ninguém que eu tenha visto por aqui, e a esta altura já conheço todos os vizinhos. A figura era muito mais alta do que Stapleton, e muito mais esguio do que Frankland. Poderia ter sido Barrymore, mas nós o havíamos deixado em casa e tenho certeza de que ele não poderia ter nos seguido. Um estranho ainda está nos perseguindo, exatamente como em Londres. Nunca o despistamos. Se eu pudesse colocar minhas mãos naquele homem, finalmente poderíamos nos encontrar no fim de todas as nossas dificuldades. A este único propósito, devo agora dedicar todas as minhas energias.

Meu primeiro impulso foi contar para Sir Henry todos os meus planos. O meu segundo e mais sensato foi agir sozinho e falar o mínimo possível para qualquer um. Ele anda silencioso e distraído. Seus nervos foram estranhamente abalados por aquele uivo na charneca. Não direi nada para aumentar sua ansiedade, mas vou dar meus próprios passos para alcançar meu objetivo.

Tivemos uma pequena cena esta manhã após o desjejum. Barrymore pediu licença para falar com Sir Henry, e eles ficaram fechados em seu escritório por algum tempo. Sentado na sala de bilhar, ouvi, mais de uma

vez, o tom das vozes se elevar e pude ter uma ideia bastante boa do assunto em discussão. Depois de algum tempo, o baronete abriu a porta e me chamou.

— Barrymore está descontente — disse ele. — Julga que foi injusto de nossa parte perseguir seu cunhado quando ele, de livre e espontânea vontade, nos contara o segredo.

O mordomo estava diante de nós, muito pálido, mas também muito controlado.

— Talvez eu tenha me exaltado, senhor — disse ele —, e se o fiz, certamente lhe peço perdão. Por outro lado, fiquei muito surpreso quando ouvi vocês dois voltarem esta manhã e descobri haviam saído em perseguição de Selden. O pobre sujeito já tem muitos a quem enfrentar sem que eu coloque mais gente em seu encalço.

— Se você tivesse nos contado de livre e espontânea vontade, teria sido uma coisa diferente — replicou o baronete. — Você apenas nos contou, ou melhor, sua esposa nos contou, quando se viu obrigada e você não pôde evitar.

— Não achei que o senhor fosse tirar proveito disso, Sir Henry, realmente não achei.

— O homem é uma ameaça pública. Há casas isoladas espalhadas pela charneca, e ele é um sujeito que não hesitaria diante de nada. Basta vislumbrar seu rosto para ver isso. Veja a casa do Sr. Stapleton, por exemplo, sem ninguém além dele para defendê-la. Não há segurança para ninguém até que o foragido esteja novamente trancado e fechado a sete chaves.

— Ele não vai entrar na casa de ninguém, senhor. Eu lhe dou minha palavra de honra. E nunca mais incomodará ninguém neste país. Asseguro-lhe, Sir Henry, que em poucos dias os arranjos necessários terão sido feitos e ele estará a caminho da América do Sul. Pelo amor de Deus, peço-lhe que não deixe a polícia saber que ele ainda está na charneca. Eles desistiram da perseguição, e ele poderá ficar quieto até que o navio esteja pronto para ele partir. Você não pode contar sobre ele sem colocar eu e minha esposa em apuros. Peço-lhe, senhor, que não conte nada à polícia.

— O que você acha, Watson?

Encolhi os ombros.

— Se ele estivesse com certeza fora do país, isso aliviaria o contribuinte de um fardo.

— Mas e quanto à possibilidade de ele assaltar alguém antes de partir?

— Ele não faria uma insanidade dessas. Já lhe demos tudo de que pode precisar. Cometer um crime seria revelar onde está se escondendo.

— Isso é verdade — disse Sir Henry. — Bem, Barrymore...

— Deus o abençoe, senhor, e obrigado de coração! Se ele fosse preso de novo isso mataria a minha pobre esposa.

— Eu acho que estamos sendo cúmplices de um crime, hein, Watson? Mas, depois do que ouvimos, não sinto como se pudesse entregar o homem, portanto a questão está encerrada. Tudo bem, Barrymore, você pode ir.

Gaguejando algumas palavras de gratidão, o homem se virou, mas então hesitou e voltou.

— Você tem sido tão gentil conosco, senhor, que, em retribuição, gostaria de agir da melhor maneira possível com o senhor. Eu sei de uma coisa, Sir Henry, e talvez eu devesse tê-la contado antes, mas foi muito depois do inquérito que descobri. Nunca disse uma palavra a respeito para ninguém. É sobre a morte do pobre Sir Charles.

O baronete e eu nos levantamos.

— Você sabe como ele morreu?

— Não, senhor, isso eu não sei.

— O que sabe, então?

— Sei por que ele estava no portão àquela hora. Era para encontrar uma mulher.

— Encontrar uma mulher? Ele?

— Sim, senhor.

— E qual é o nome da mulher?

— Eu não posso lhe dar o nome, senhor, mas posso dar as iniciais. Eram L. L.

— Como você sabe disso, Barrymore?

— Bem, Sir Henry, seu tio recebeu uma carta naquela manhã. Ele costumava receber muitas cartas, pois era um homem público e muito conhecido por sua bondade, de modo que todos os que estavam com problemas gostavam de recorrer a ele. Mas naquela manhã, por acaso, tinha apenas uma carta, então despertou minha atenção. Vinha de Coombe Tracey, e estava escrita com letra de mulher.

— Bem?

— Bem, senhor, não pensei mais sobre o assunto e nunca o teria se não fosse por minha mulher. Apenas algumas semanas atrás, ela estava limpando o escritório de Sir Charles, que não tinha sido tocado desde sua morte, e encontrou as cinzas de uma carta queimada no fundo da lareira. A maior parte estava carbonizada, mas uma pequena tira, o fim de uma página, tinha ficado inteira e a ainda podia ser lida, embora em cinza contra um fundo preto. Pareceu-nos ser um pós-escrito e dizia: “Por favor, por favor, como você é um cavalheiro, queime esta carta e esteja no portão às dez horas.” Abaixo vinham as iniciais L. L.

— Você guardou essa tira?

— Não, senhor, ela se desfez depois que a removemos.

— Sir Charles recebeu alguma outra carta com a mesma letra?

— Bem, senhor, eu não dava atenção especial às cartas dele. Eu não teria notado essa, caso não tivesse chegado sozinha.

— E você não tem ideia de quem seja L. L.?

— Não, senhor. Não mais do que o senhor. Mas acho que, se pudéssemos colocar as mãos sobre essa senhora, saberíamos mais sobre a morte de Sir Charles.

— Eu não consigo entender, Barrymore, como foi capaz de esconder essa importante informação.

— Bem, senhor, foi imediatamente depois de termos sido vítimas de nosso próprio infortúnio. E, além do mais, senhor, nós dois gostávamos muito de Sir Charles, como não podia deixar de ser, considerando tudo o que ele fez por nós. Trazer isso à luz não podia ajudar nosso pobre patrão, e convém agir com cuidado quando há uma dama no caso. Até os melhores de nós...

— Você pensou que isso poderia prejudicar a reputação dele?

— Bem, senhor, pensei que nada de bom poderia sair daí. Mas o senhor tem sido tão bondoso conosco, que eu julgaria estar sendo injusto com o senhor se não lhe dissesse tudo que sei sobre o assunto.

— Muito bem, Barrymore, você pode ir.

Quando o mordomo nos deixou, Sir Henry se virou para mim.

— Bem, Watson, o que você acha dessa nova luz?

— Parece que deixa a escuridão ainda mais sombria do que antes.

— Penso o mesmo. Mas se ao menos pudéssemos localizar L. L., isso esclareceria todo o caso. Sabemos que há alguém que tem os fatos, se

pudermos encontrá-la. O que você acha que devemos fazer?

— Ela parece deixar a escuridão mais negra que antes.

— É o que penso. Mas se pudéssemos pelo menos localizar L. L. isso elucidaria todo o caso. Temos essa vantagem. Sabemos que há alguém que detém os fatos, tomara que possamos encontrá-la. Que pensa que deveríamos fazer?

— Deixe Holmes saber de tudo isso imediatamente. Isso lhe dará a pista que vem procurando. Ou muito me engano, ou isso o trará para cá.

Fui imediatamente ao meu quarto e redigi meu relatório da conversa da manhã para Holmes. Era evidente para mim que ele estivera muito ocupado ultimamente, pois os bilhetes que eu recebera de Baker Street tinham sido poucos e curtos, sem nenhum comentário sobre as informações que eu tinha fornecido e quase nenhuma referência à minha missão. Sem dúvida, seu caso de chantagem devia estar absorvendo todas as suas competências. E, no entanto, esse novo fator certamente devia prender sua atenção e renovar seu interesse. Eu queria que ele estivesse aqui.

17 de outubro. — A chuva caiu o dia todo, farfalhando na hera e pingando dos beirais. Pensei no prisioneiro na triste, fria e desabrigada charneca. Pobre sujeito! Fossem quais fossem seus crimes, ele estava sofrendo para expiá-los. E então pensei naquele outro, o rosto que víamos na carruagem, e a figura contra a lua. Estaria ele também lá fora naquele dilúvio, o vigia invisível, o homem das trevas? À noite, vesti meu impermeável e fiz uma longa caminhada pela charneca, repleto de pensamentos sombrios, a chuva batendo em meu rosto e o vento assobiando em meus ouvidos. Que Deus ajude aqueles que andem pelo grande charco agora, pois até os terrenos elevados estão se tornando um pântano. Encontrei o pico Negro sobre o qual vira o observador solitário e, de seu cume escarpado, contemplei eu mesmo o terreno ondulado e melancólico. Rajadas de chuva açoitavam sua face castanho-avermelhada, e nuvens pesadas da cor de ardósia pendiam baixas sobre a paisagem, arrastando-se em espirais cinzentas pelas encostas dos morros fantásticos. Na depressão distante à esquerda, semiescondida pela névoa, avistei as duas torres finas do Solar Baskerville que erguiam-se acima das árvores. Eles eram os únicos sinais de vida humana que eu podia ver, exceto aquelas cabanas pré-históricas que se aglomeravam nas encostas dos morros. Em nenhum lugar

havia qualquer vestígio daquele homem solitário que eu tinha visto no mesmo lugar duas noites antes.

Ao voltar, fui surpreendido pelo Dr. Mortimer dirigindo sua carroça por uma acidentada trilha da charneca que levava à distante fazenda de Foulmire. Ele tem sido muito atencioso conosco, e quase não se passa um dia sem que ele apareça no Solar para ver como estamos passando. Ele insistiu em que eu subisse em sua carroça e me deu uma carona para casa. Notei que estava muito incomodado com o desaparecimento de seu pequeno spaniel. O animal fugira para a charneca e nunca mais voltou. Tentei lhe consolar da melhor maneira possível, mas pensei no pônei no charco de Grimpen e creio que ele não voltará a ver seu cachorrinho.

— Aliás, Mortimer — disse eu, enquanto avançávamos ao longo da estrada —, suponho que não tenha muitas pessoas morando por estas bandas que você não conheça, não é?

— Provavelmente nenhuma.

— Você pode, então, me dizer o nome de qualquer mulher cujas iniciais sejam L. L.?

Ele refletiu por alguns minutos.

— Não — respondeu. — Há algumas ciganas e trabalhadoras que não conheço bem, mas entre os fazendeiros ou a pequena nobreza não há ninguém cujas iniciais sejam essas. Espere um pouco — acrescentou depois de uma pausa. — Tem a Laura Lyons. Suas iniciais são L. L.... mas ela mora em Coombe Tracey.

— Quem é ela? — perguntei.

— Ela é filha de Frankland.

— Do velho Frankland, o excêntrico?

— Exatamente. Ela se casou com um artista chamado Lyons, que veio desenhar na charneca. O sujeito se provou um patife e a abandonou. Mas, pelo o que ouvi, talvez não tenha sido o único culpado. O pai se recusou a ter qualquer relação com ela, já que havia se casado sem seu consentimento, e talvez por mais uma ou duas outras razões também. Então, entre o velho e o jovem pecador, a moça passou por um mau momento.

— Como ela vive?

— Creio que o velho Frankland lhe dê uma ninharia, mas não pode lhe dar mais, porque seus próprios negócios estão bastante complicados. Seja o que for que ela tenha merecido, não se poderia permitir que seguisse

irremediavelmente pelo mau caminho. Sua história se espalhou, e várias pessoas aqui fizeram alguma coisa para lhe permitir ganhar a vida honestamente. Stapleton foi uma delas, e Sir Charles outra. Também eu contribuí com uma bagatela. Foi para colocá-la em um negócio de datilografia.

Mortimer queria saber o objetivo de minhas perguntas, mas consegui satisfazer sua curiosidade sem lhe dizer muito, pois não há razão alguma para confiarmos em ninguém. Amanhã de manhã, seguirei rumo a Coombe Tracey, e se eu puder ver essa Sra. Laura Lyons, de reputação duvidosa, um grande passo será dado rumo ao esclarecimento de um incidente nessa cadeia de mistérios. É certo que estou desenvolvendo a astúcia de uma serpente, pois quando Mortimer levou suas perguntas longe demais, perguntei-lhe casualmente a que tipo pertencia o crânio de Frankland de modo que não ouvi nada além de craniologia no restante da nossa jornada. Eu não tenho vivido por anos com Sherlock Holmes para nada.

Só há mais um incidente para registrar neste dia tempestuoso e melancólico. Foi minha conversa com Barrymore agora há pouco, a qual me dá mais um trunfo que poderei jogar no devido tempo.

Mortimer ficou para jantar, e ele e o baronete jogaram écarté depois. O mordomo levou meu café para a biblioteca e aproveitei para lhe fazer algumas perguntas.

— Bem — disse eu —, esse precioso parente de vocês foi embora, ou ainda está se escondendo lá na charneca?

— Eu não sei, senhor. Espero em Deus que ele tenha partido, pois não nos trouxe nada além de problemas! Não ouvi nada a respeito dele desde que lhe deixei comida, e isso foi há três dias.

— Você o viu então?

— Não, senhor, mas a comida tinha sumido quando passei por aquele caminho outra vez.

— Então ele estava certamente lá?

— Eu diria que sim, senhor, a menos que o outro homem o tenha pegado.

Sentei-me com a xícara de café a meio caminho dos lábios e olhei para Barrymore.

— Você sabe que há outro homem então?

— Sim, senhor. Há outro homem na charneca.

— Você o viu?

— Não, senhor.

— Então como é que sabe dele?

— Selden me falou dele, senhor, há mais ou menos uma semana. Ele também está se escondendo, mas não é um prisioneiro, até onde sei. Eu não gosto disso, Dr. Watson. Digo-lhe francamente, senhor, que isso não me agrada — disse o mordomo com uma súbita seriedade.

— Agora, escute-me, Barrymore! Não tenho interesse neste assunto além do seu patrão. Eu vim aqui sem nenhum objetivo exceto ajudá-lo. Diga-me, francamente, o que é que o desagrada?

Barrymore hesitou por um momento, como se estivesse arrependido de seu ímpeto, ou achasse difícil expressar seus próprios sentimentos em palavras.

— São todas essas coisas estranhas, senhor! — exclamou ele por fim, apontando para a janela fustigada pela chuva que dava para a charneca. — Há algo perverso em algum lugar, e há uma vilania sinistra se preparando, isso eu posso jurar! Eu ficaria muito contente, senhor, se Sir Henry voltasse a Londres!

— Mas o que é que o deixa tão assustado?

— Veja a morte de Sir Charles! Aquilo foi bastante ruim, apesar de tudo o que o investigador disse. Pense nos ruídos na charneca à noite. Não há um homem que ousaria atravessá-la depois do pôr do sol nem que seja pago. Veja esse estranho que está se escondendo e observando e esperando! O que ele está esperando? O que significa isso? Não significa nada de bom para alguém com o nome Baskerville, e ficarei muito feliz por deixar tudo isso no dia em que os novos criados de Sir Henry estiverem prontos para me substituírem aqui no Solar.

— Mas sobre esse estranho — disse eu. — Você pode me dizer alguma coisa sobre ele? O que Selden disse? Descobriu onde ele se escondia, ou o que ele estava fazendo?

— Ele o viu uma ou duas vezes, mas o sujeito é muito astuto, e não dá nada a perceber. A princípio Selden pensou que ele era da polícia, mas logo descobriu que ele tem algum objetivo próprio. Era uma espécie de cavalheiro, pelo que pôde ver, mas o que estava fazendo Selden não conseguiu descobrir.

— E onde ele disse que morava?

— Entre as velhas cabanas na encosta do morro, aquelas de pedra onde o povo antigo costumava viver.

— Mas e quanto à sua comida?

— Selden descobriu há um rapaz que trabalha para ele e lhe traz tudo de que precisa. Suponho que vai a Coombe Tracey quando quer buscar alguma coisa.

— Muito bem, Barrymore. Podemos conversar mais sobre isso em outro momento.

Quando o mordomo se foi, aproximei-me da janela escura e espiei através de uma vidraça embaçada para as nuvens e para o contorno das árvores varridas pelo vento. Já era uma noite tenebrosa dentro de casa, então imagine como devia ser em uma cabana de pedra na charneca? Que ódio apaixonado pode ser esse que leva um homem a se esconder em tal lugar com um tempo como esse? E que objetivo profundo e importante ele pode ter, que exija tamanha provação? Lá, naquela cabana na charneca, parece estar o centro desse problema que tanto me atormenta. Juro que nem mais um dia se passará sem que eu faça tudo que é humanamente possível para chegar ao âmago do mistério.

O homem sobre o penhasco



O trecho do meu diário particular, que formou o último capítulo, levou minha narrativa até o dia 18 de outubro, época em que esses estranhos acontecimentos começaram a avançar rapidamente rumo sua terrível conclusão. Os incidentes dos próximos dias estão indelevelmente gravados em minha lembrança que posso narrá-los sem recorrer às anotações feitas na época. Começo então a partir do dia que sucedeu àquele em que eu tinha estabelecido dois fatos de grande importância, primeiro que a Sra. Laura Lyons de Coombe Tracey tinha escrito para Sir Charles Baskerville e marcado um encontro com ele no mesmo lugar e hora que ele encontrou sua morte, e segundo, que o homem que se escondia na charneca podia ser encontrado entre as cabanas de pedra no lado da colina. De posse desses dois fatos, senti que ou minha inteligência ou minha coragem deviam ser deficientes se eu não conseguisse lançar mais luz sobre esses pontos obscuros.

Não tive oportunidade de contar ao baronete, na noite anterior, o que ficara sabendo sobre a Sra. Lyons, pois o Dr. Mortimer ficou jogando cartas com ele até muito tarde. No desjejum, porém, informei-o da minha descoberta e perguntei-lhe se gostaria de me acompanhar até Coombe Tracey. No começo, ele estava muito ansioso para ir, mas, pensando melhor, pareceu-nos que, se eu fosse sozinho, os resultados podiam ser mais satisfatórios. Quanto mais formal tornássemos a visita, menos informação nós poderíamos obter. Portanto, deixei Sir Henry para trás, não sem algum remorso, e parti para minha nova missão.

Quando cheguei a Coombe Tracey, pedi a Perkins para guardar os cavalos e fiz perguntas sobre a senhora a quem eu desejava interrogar. Não tive dificuldade em encontrar sua casa, que era central e bem equipada. Uma criada recebeu-me sem cerimônia e, ao entrar na sala de estar, uma senhora, que estava sentada diante de uma máquina de escrever Remington, levantou-se de imediato e deu um agradável sorriso de boas-vindas. No entanto, ficou desapontada quando viu que eu era um desconhecido e, tornando a se sentar, perguntou-me o motivo da minha visita.

A primeira impressão que tive da Sra. Lyons foi de grande beleza. Seus olhos e cabelos tinham a mesma cor de avelã, e suas bochechas, embora consideravelmente sardentas, estavam coradas pelo viço delicado das morenas, e o rosado delicado que se esconde no coração da rosa sulfurosa. A admiração foi, repito, a primeira impressão. Mas a segunda foi de desaprovação. Tinha algo sutilmente errado com o rosto, uma vulgaridade de expressão, alguma dureza, talvez, no olhar, alguma frouxidão dos lábios que desfigurava sua beleza perfeita. Mas essas, claro, são reflexões posteriores. Na ocasião eu estava apenas consciente de que estava na presença de uma mulher muito bonita e que ela estava me perguntando o motivo de minha visita. Até aquele momento, eu não tinha entendido o quanto era delicada a minha missão.

— Eu tive o prazer — disse eu — de conhecer seu pai.

Foi uma introdução desajeitada, e a dama me fez sentir isso.

— Não há nada em comum entre meu pai e eu — respondeu-me. — Não lhe devo nada e seus amigos não são meus amigos. Se não fosse pelo falecido Sir Charles Baskerville e outros corações bondosos, eu poderia ter passado fome e meu pai pouco teria se importado.

— É a respeito do finado Sir Charles Baskerville que vim procurá-la.

As sardas começaram a sobressair em seu rosto.

— O que eu posso lhe dizer sobre ele? — indagou ela, seus dedos remexendo nervosamente sobre as teclas da máquina de escrever.

— A senhora o conhecia, não é?

— Eu já disse que devo muito à bondade dele. Se sou capaz de me sustentar, é em grande parte devido ao interesse que ele demonstrou por minha infeliz situação.

— A senhora se correspondia com ele?

A dama ergueu rapidamente o olhar com um brilho zangado em seus olhos cor de avelã.

— Qual é o objetivo dessas perguntas? — perguntou ela bruscamente.

— O objetivo é evitar um escândalo público. É melhor que eu as faça aqui do que vermos o assunto escapar do nosso controle.

Ela ficou em silêncio, com o rosto muito pálido. Por fim, levantou os olhos com algo imprudente e desafiador em seus modos.

— Bem, eu vou responder — disse ela. — Quais são as suas perguntas?

— A senhora se correspondia com Sir Charles?

— Certamente lhe escrevi uma ou duas vezes para agradecer sua delicadeza e generosidade.

— Sabe a data dessas cartas?

— Não.

— Você já se encontrou com ele?

— Sim, uma ou duas vezes, quando ele veio a Coombe Tracey. Era um homem muito reservado, e preferia fazer o bem com discrição.

— Mas se você o via tão raramente e escrevia tão raramente, como ele poderia conhecer tanto a respeito de seus problemas para ajudá-la, como você diz que ele fez?

Ela enfrentou minha pergunta com a maior prontidão.

— Vários cavalheiros sabiam da minha triste história e se uniram para me ajudar. Um deles foi o Sr. Stapleton, vizinho e amigo íntimo de Sir Charles. Ele é excessivamente gentil e foi por intermédio dele que Sir Charles ficou sabendo dos meus problemas.

Eu já sabia que em várias ocasiões Sir Charles Baskerville fizera com que Stapleton distribuísse seus donativos, de modo que a declaração da dama soou verdadeira.

— Você já escreveu para Sir Charles pedindo para ele se encontrar com você? — continuei.

A Sra. Lyons ficou vermelha de raiva novamente.

— Realmente, senhor, esta é uma questão muito inusitada.

— Sinto muito, senhora, mas devo repeti-la.

— Então eu respondo, certamente que não.

— Nem mesmo no dia da morte de Sir Charles?

O rubor desapareceu em um instante, substituído por um rosto mortalmente pálido. Seus lábios secos não podiam falar o “Não” que eu vi

em vez de ouvir.

— Certamente sua memória lhe engana — disse eu. — Eu poderia até mesmo citar uma passagem de sua carta. Ela dizia: “Por favor, por favor, como você é um cavalheiro, queime esta carta e esteja no portão às dez horas”.

Pensei que ela fosse desmaiar, mas recuperou-se com um esforço supremo.

— Será que não cavalheiros no mundo? — perguntou, ofegante.

— A senhora faz uma injustiça ao Sir Charles. Ele queimou a carta. Mas às vezes uma carta pode ser legível mesmo quando queimada. Então confessa que a escreveu?

— Sim, eu a escrevi! — exclamou ela, extravasando sua alma em uma torrente de palavras. — Eu a escrevi. Por que eu deveria negar isso? Não tenho motivos para sentir vergonha. Eu queria que ele me ajudasse. Pensava que, se conversássemos, poderia obter sua ajuda, por isso pedi a ele que fosse ao meu encontro.

— Mas por que àquela hora?

— Porque eu tinha acabado de saber que ele partiria para Londres no dia seguinte e poderia se ausentar por meses. Havia razões que me impediam de chegar mais cedo.

— Mas por que um encontro no jardim em vez de uma visita à casa?

— Você acha que uma mulher pode ir sozinha àquela hora à casa de um homem solteiro?

— Bem, o que aconteceu quando você chegou lá?

— Eu não fui.

— Sra. Lyons!

— Não, eu lhe juro por tudo o que considero sagrado. Não fui. Aconteceu algo que me impediu de ir.

— O que foi?

— Esse é um assunto particular. Não posso revelar.

— Você admite, então, que marcou um encontro com Sir Charles na mesma hora e no local em que ele encontrou sua morte, mas nega que tenha ido a esse encontro?

— Essa é a verdade.

De novo e de novo eu a interroguei, mas não consegui nada além disso.

— Sra. Lyons — disse eu, levantando-me após essa longa e inconclusiva entrevista —, você está assumindo uma responsabilidade muito grande e se colocando em uma posição muito errada ao não confessar minuciosamente tudo o que sabe. Se eu tiver que pedir a ajuda da polícia, você vai descobrir como está seriamente comprometida. Se a senhora é inocente, por que, em primeiro lugar, negou ter escrito para Sir Charles naquela data?

— Porque eu temia que alguma conclusão errada pudesse ser tirada disso e que eu pudesse me ver envolvida em um escândalo.

— E por que você insistiu para que Sir Charles destruísse a carta?

— Se a leu, o senhor deve saber.

— Eu não disse que tinha lido toda a carta.

— Você citou parte dela.

— Citei o pós-escrito. A carta, como eu disse, foi queimada e não era toda legível. Pergunto-lhe mais uma vez por que é que você insistiu para que Sir Charles destruísse essa carta que recebeu no dia de sua morte?

— É um assunto muito particular.

— Mais um motivo para a senhora evitar uma investigação pública.

— Então vou lhe contar. Se você ouviu alguma coisa sobre minha infeliz história, sabe que me casei precipitadamente e tive motivos para me arrepender.

— Eu soube.

— Minha vida tem sido uma perseguição incessante por parte de um marido a quem detesto. A lei está do lado dele e todos os dias enfrento a possibilidade de ele me forçar a voltar a viver ao seu lado. Na época em que escrevi a carta para Sir Charles, soube que existia uma perspectiva de recuperar minha liberdade se eu pudesse arcar com certas despesas. Isso significava tudo para mim: paz de espírito, felicidade, respeito próprio... tudo. Eu conhecia a generosidade de Sir Charles e pensei que, se ele ouvisse a história de meus próprios lábios, ele me ajudaria.

— Então por que você não foi?

— Porque nesse intervalo eu recebi ajuda de outra fonte.

— Por que, então, você não escreveu para Sir Charles e lhe explicou?

— Era o que eu teria feito se não tivesse lido sobre sua morte no jornal na manhã seguinte.

A história era coerente, e nenhuma de minhas perguntas foi capaz de abalá-la. Eu só podia tentar descobrir se ela havia, de fato, movido um

processo de divórcio contra o marido no momento da tragédia ou por volta dele.

Era improvável que ela se atrevesse a dizer que não fora ao Solar Baskerville se realmente tivesse ido, pois certamente precisaria de uma carruagem para levá-la até lá, e não poderia ter voltado para Coombe Tracey antes das primeiras horas da manhã. Tal excursão não poderia ter sido mantida em segredo. A probabilidade era, portanto, que ela estivesse dizendo a verdade ou, pelo menos, uma parte da verdade. Eu saí de sua casa confuso e desanimado. Mais uma vez eu me deparara com um muro alto que parecia se erguer em todos os caminhos que eu percorria em minha tentativa de alcançar o objetivo de minha missão. E, no entanto, quanto mais eu pensava no rosto e nos modos dela, mais eu sentia que alguma coisa estava sendo escondida de mim. Por que ela ficara tão pálida? Por que tentara lutar contra cada confissão até que fosse forçada a respondê-la? Por que ela deveria ter sido tão reticente no momento da tragédia? Certamente a explicação de tudo isso não podia ser tão inocente quanto ela queria que eu acreditasse. Naquele momento, eu não podia mais avançar nessa direção, e tinha de retornar àquela outra pista que devia ser procurada entre as cabanas de pedra da charneca.

E essa era uma direção muito vaga. Percebi isso na viagem de volta e observei como colina após colina mostrava vestígios do povo antigo. A única indicação de Barrymore fora que o estranho morava em uma dessas cabanas abandonadas, e centenas delas estavam salpicadas por toda a extensão da charneca. Mas eu tinha a minha própria experiência como guia, já que vira o homem em pé sozinho no alto do pico Negro. Ali, portanto, deveria ser o centro da minha pesquisa. A partir dali, eu deveria explorar cada cabana na charneca até encontrar a certa. Se esse homem estivesse dentro dela, eu descobriria de seus próprios lábios, apontando meu revólver, se necessário, quem ele era e por que ele nos perseguira por tanto tempo. Ele podia ter nos escapado em meio à multidão da Regent Street, mas isso não seria fácil na charneca deserta. Por outro lado, se eu encontrasse a cabana e seu morador não estivesse dentro dela, eu deveria permanecer lá, por mais longa que fosse a vigília, até que ele retornasse. Holmes o deixara escapar em Londres. Seria realmente um triunfo para mim se eu conseguisse capturá-lo quando meu mestre tinha fracassado.

A sorte estivera contra nós muitas vezes nessa investigação, mas finalmente veio em meu auxílio. E o mensageiro da boa sorte não foi outro senão o Sr. Frankland, que estava de pé, bigodes grisalhos e rosto vermelho, do lado de fora do portão de seu jardim, que se abria para a estrada ao longo da qual eu viajava.

— Bom dia, Dr. Watson — cumprimentou-me ele com um desusado bom humor. — Você deve realmente dar descanso aos seus cavalos e entrar para tomar um copo de vinho e me parabenizar.

Meus sentimentos em relação a ele estavam muito longe de ser amistosos depois que eu soubera da forma como havia tratado a filha, mas estava ansioso para mandar Perkins e a carruagem para casa, e a oportunidade me convinha. Desci e mandei uma mensagem para Sir Henry dizendo que eu voltaria a tempo para o jantar. Então, segui Frankland até a sala de jantar.

— É um grande dia para mim, senhor. Um dos dias mais importantes da minha vida — exclamou ele em meio a risadas. — Consegui uma dupla vitória. Quero ensinar a todos nestas bandas que lei é lei, e que há um homem aqui que não tem medo de invocá-la. Eu estabeleci um direito de passagem pelo centro do antigo parque de Middleton, bem no meio dele, a menos de cem metros de sua própria porta da frente. O que você acha? Vou ensinar a esses magnatas que eles não podem atropelar os direitos dos cidadãos comuns! E fechei o bosque onde o pessoal de Fernworthy costumava fazer piquenique. Essas pessoas infernais parecem pensar que não há direitos de propriedade, e que eles podem invadir o lugar em grande número com seus papéis e garrafas. Ambos os casos foram resolvidos, Dr. Watson, e ambos a meu favor. Eu não tenho um dia como esse desde que consegui a condenação de Sir John Morland por violação da propriedade alheia por ele ter atirado em suas próprias terras.

— Mas por que diabos você fez isso?

— Consulte os autos, senhor. Vale a pena ler. Frankland versus Morland, Tribunal Superior de Justiça. Custaram-me duzentas libras, mas recebi o meu veredicto.

— Teve alguma vantagem com isso?

— Nenhuma, senhor, nenhuma. Tenho orgulho de dizer que não tinha nenhum interesse no assunto. Eu ajo inteiramente por conta do dever cívico. Não tenho dúvidas, por exemplo, de que o povo de Fernworthy me queimará em efígie esta noite. Da última vez que fizeram isso, eu disse à

polícia que ela deveria parar essas exposições vergonhosas. A polícia do condado anda em um estado lastimável, senhor, e não me oferece a proteção a que tenho direito. O caso Frankland versus Regina levará o assunto à atenção do público. Eu disse a eles que teriam a oportunidade de se arrepender do tratamento que me deram, e minhas palavras já se tornaram realidade.

— Como assim? — perguntei.

O velho assumiu uma expressão muito astuta.

— Porque eu poderia lhes contar o que estão loucos para saber, mas nada vai me induzir a ajudar esses patifes de novo.

Eu estivera procurando alguma desculpa para escapar de suas fofocas, mas comecei a desejar ouvir mais. Já tinha visto o suficiente da natureza caprichosa do velho pecador para entender que qualquer sinal forte de interesse seria o caminho mais seguro para parar suas confidências.

— Algum caso de caça furtiva, sem dúvida? — perguntei de maneira indiferente.

— Ah, meu rapaz, um assunto muito mais importante do que esse! O que me diz do prisioneiro na charneca?

Tive um sobressalto.

— Não vá me dizer que sabe onde ele está? — indaguei.

— Posso não saber exatamente onde ele está, mas tenho certeza de que poderia ajudar a polícia a apanhá-lo. Nunca lhe ocorreu que o jeito de pegar aquele homem seria descobrir onde ele consegue sua comida e, assim, rastreá-la até ele?

Ele certamente, para nosso desconforto, parecia estar chegando perto da verdade.

— Sem dúvida — respondi. — Mas como sabe que ele está em algum lugar na charneca?

— Sei disso porque vi com os meus próprios olhos o mensageiro que leva sua comida.

Meu coração se apiedou de Barrymore. Era uma coisa séria ficar nas garras desse velho intrometido e rancoroso. Mas sua próxima observação tirou um peso da minha mente.

— O senhor ficará surpreso ao ouvir que quem lhe leva a comida é uma criança. Eu o vejo todos os dias com meu telescópio lá no telhado. Ele passa

pelo mesmo caminho na mesma hora, e com quem ele iria se encontrar, senão com o prisioneiro?

A sorte estava mesmo me sorrindo! E, no entanto, reprimi qualquer manifestação de interesse. Uma criança! Barrymore dissera que nosso desconhecido era fornecido por um menino. Foi com a pista deste, e com a do prisioneiro, que Frankland topara. Inteirando-me do que ele sabia, eu poderia ser poupado de uma longa e cansativa caçada. Mas incredulidade e indiferença eram evidentemente meus artifícios mais fortes.

— Devo dizer que provavelmente seja o filho de um dos pastores da charneca levando a comida de seu pai.

O menor indício de oposição bastava para deixar o velho autocrata em polvorosa. Ele me lançou um olhar maligno, e seus bigodes grisalhos eriçaram-se como os de um gato raivoso.

— De fato, senhor! — exclamou ele, apontando para a larga charneca. — Você vê aquele pico negro lá longe? Bem, você vê a colina abaixo com o espinheiro sobre ela? É a parte mais pedregosa de toda a charneca. Que pastor se instalaria em um lugar assim? Sua sugestão, senhor, me parece extremamente absurda.

Eu docilmente respondi que tinha falado sem conhecer todos os fatos. Minha submissão o agradou e o levou a mais confidências.

— Pode ter certeza, senhor, de que me fundamento em bases muito sólidas antes de chegar a uma opinião. Eu vi o menino muitas vezes com seu pacote. Todos os dias, e às vezes duas vezes por dia, fui capaz de ver... Mas espere um momento, Dr. Watson. Meus olhos me enganam, ou há algo se movendo, neste exato momento, naquela encosta?

Estávamos a vários quilômetros de distância, mas eu podia ver distintamente um pequeno ponto escuro contra o verde e o cinza foscos.

— Venha, senhor, venha! — gritou Frankland, correndo escada acima. — Você vai ver com seus próprios olhos e julgar por si mesmo.

O telescópio, um instrumento formidável montado sobre um tripé, ficava sobre as folhas de chumbo do telhado. Frankland espiou pelo telescópio e deu um grito de satisfação.

— Rápido, Dr. Watson, rápido, antes que ele passe para o outro lado da colina!

Lá estava ele, sem dúvida alguma, um garotinho com um pequeno embrulho no ombro, subindo lentamente a colina. Quando alcançou o

cume, vi a figura rudimentar e esfarrapada delineada por um instante contra o frio céu azul. Observou os arredores com um ar furtivo, como alguém que teme ser seguido. Então, desapareceu no outro lado da colina.

— E então? Estou certo?

— Sem dúvida e o menino parece ter alguma missão secreta.

— E que missão é essa, até mesmo um guarda do condado poderia adivinhar. Mas nem uma palavra eles terão de mim, e quero que se comprometa a manter sigilo também, Dr. Watson. Nenhuma palavra! Compreende?

— Como o senhor desejar.

— Eles me trataram de maneira vergonhosa, vergonhosa. Quando os fatos vierem à luz em Frankland versus Regina, eu me atrevo a pensar que a indignação se espalhará por todos os lados. De qualquer maneira, nada me induziria a ajudar a polícia. Eles não teriam dado à mínima se eu mesmo, em vez de minha efígie, tivesse sido queimado na fogueira por esses patifes. Mas certamente o senhor não está indo! Vai me ajudar a esvaziar a garrafa em homenagem a esta grande ocasião!

Resisti a todos os seus apelos e consegui dissuadi-lo de sua intenção de me acompanhar até o Solar. Mantive-me na estrada enquanto ele ficou de olho em mim, e então atravessei a charneca e fui para a colina de pedra sobre a qual o garoto tinha desaparecido. Tudo estava funcionando a meu favor, e jurei que não ia ser por falta de energia ou perseverança que eu perderia a chance que a sorte jogara no meu caminho.

O sol já se punha quando cheguei ao topo da colina, e as longas encostas abaixo de mim eram de um verde-dourado de um lado e mergulhadas na sombra do outro. Uma névoa se estendia sobre a linha do horizonte, da qual sobressaíam as formas fantásticas dos picos Belliver e Vixen. Em toda a vastidão da charneca, não tinha nenhum som ou movimento. Um grande pássaro cinzento, uma gaivota ou maçarico, pairava alto no céu azul. Ele e eu parecíamos ser os únicos seres vivos entre o enorme arco do céu e o deserto abaixo dele. A cena inóspita, a sensação de solidão, o mistério e a urgência da minha tarefa enregelaram meu coração. O menino não podia ser visto em lugar nenhum. Mas, abaixo de mim, em uma fenda das colinas, tinha um círculo de velhas cabanas de pedra, e no meio delas notei uma que conservara uma parte suficiente de teto para servir de proteção contra as intempéries. Meu coração deu um salto quando a vi. Devia ser aquela a toca

onde o estranho se escondia. Finalmente eu estava com o meu pé na soleira de seu esconderijo; seu segredo estava ao meu alcance.

Ao me aproximar da cabana, andando com cautela, como Stapleton fazia quando, com a rede equilibrada, aproximava-se de uma borboleta, fiquei satisfeito de constatar que o lugar realmente fora usado como habitação. Um trilha entre os pedregulhos levava à abertura dilapidada que servia de porta. Dentro, tudo estava em silêncio. O desconhecido podia estar escondido ali, ou podia estar andando a esmo na charneca. Meus nervos formigaram com a sensação de aventura. Jogando fora meu cigarro, fechei a mão no cano do meu revólver e, caminhando rapidamente até a porta, olhei para dentro. A cabana estava vazia.

Mas havia amplos sinais de que eu não estava seguindo uma pista falsa. Este era certamente o lugar em que o homem vivia. Algumas mantas enroladas em uma capa impermeável jaziam sobre a mesma laje de pedra sobre a qual o homem neolítico dormira outrora. As cinzas de uma fogueira estavam amontoadas em uma grelha rústica. Ao lado, havia alguns utensílios de cozinha e um balde com água pela metade. Uma pilha de latas vazias mostrava que o lugar tinha sido ocupado por algum tempo, e, quando meus olhos se acostumaram à escuridão, vi uma canequinha e uma garrafa semicheia de bebida alcoólica em um canto. No meio da cabana, uma pedra chata servia como mesa, e sobre ela tinha um pequeno embrulho de pano, o mesmo, sem dúvida, que eu tinha visto através do telescópio no ombro do menino. Continha um pedaço de pão, uma lata com língua em conserva e duas latas de pêssegos em conserva. Quando coloquei de novo o embrulho na pedra, depois de examiná-lo, meu coração saltou ao ver que por baixo havia uma folha de papel com algo escrito. Ergui-a e li, rabiscado a lápis:

O Dr. Watson foi a Coombe Tracey.

Por alguns instantes fiquei ali parado com o papel em minhas mãos, pensando no significado dessa breve mensagem. Era eu, portanto, e não Sir Henry, que estava sendo perseguido por esse homem misterioso. Ele não tinha me seguido sozinho, mas tinha colocado um agente, talvez o menino, no meu rastro, e esse era o seu relatório. Possivelmente, eu não tinha dado nenhum passo desde que chegara à charneca, que não tivesse sido observado e relatado. Lembrei-me daquela sensação de uma força desconhecida, uma fina rede lançada em volta de mim com infinita habilidade e delicadeza, segurando-me tão levemente que foi apenas em

algum momento supremo que percebi que realmente estava emaranhado em suas malhas.

Se existia esse relatório, podia ter outros, então vasculhei a cabana em busca deles. Não vi nenhum vestígio, no entanto, de qualquer coisa desse tipo, e tampouco pude descobrir qualquer sinal que pudesse indicar o caráter ou as intenções do homem que vivia nesse local singular, a não ser que devia ter hábitos espartanos e dar pouca importância aos confortos da vida. Quando me lembrei das fortes chuvas e olhei para o telhado aberto, entendi o quão forte e imutável devia ser o propósito que o mantinha nesta morada inóspita. Seria ele nosso inimigo malévolo ou seria por acaso nosso anjo da guarda? Eu jurei não sair da cabana até descobrir.

Do lado de fora, o sol se punha e o oeste ardia em rubro e ouro. Seu reflexo era lançado de volta em manchas avermelhadas pelas lagoas distantes que ficavam no meio do grande charco de Grimpen. Lá estavam as duas torres do Solar Baskerville, e mais além um distante borrão de fumaça que marcava a aldeia de Grimpen. Entre os dois, atrás da colina, ficava a casa dos Stapleton. Tudo era doce, suave e pacífico na luz dourada da noite, e ainda assim, ao olhar para aquela vista, minha alma não compartilhava da paz da natureza, mas tremia diante da imprecisão e do terror daquele encontro que se aproximava a cada instante. Com os nervos à flor da pele, mas resolutos, sentei-me no recesso escuro da cabana e esperei com paciência a chegada de seu morador.

E então finalmente eu o ouvi. De longe, veio o ruído de uma bota que golpeava uma pedra. Então outro e ainda outro, chegando cada vez mais perto. Recuei de volta para o canto mais escuro e engatilhei a pistola no bolso, determinado a não me mostrar até ter a oportunidade de ver alguma coisa do estranho. Houve uma longa pausa que mostrou que ele tinha parado. Então, mais uma vez, os passos se aproximaram e uma sombra caiu sobre a abertura da cabana.

— Está uma tarde linda, meu caro Watson — disse uma voz muito conhecida. — Tenho certeza de que você se sentirá mais confortável aqui fora do que aí dentro.

Morte na charneca



Por um momento ou dois, fiquei sem fôlego, mal conseguindo acreditar nos meus ouvidos. Então meus sentidos e minha voz voltaram, enquanto um peso esmagador de responsabilidade parecia ter sido tirado dos meus ombros. Aquela voz fria, incisiva e irônica poderia pertencer a apenas um homem em todo o mundo.

— Holmes! — exclamei. — Holmes!

— Saia — disse ele. — E, por favor, tenha cuidado com o revólver.

Inclinei-me sob o rude lintel, e fui me encontrar com ele lá fora, sentado em uma pedra, seus olhos cinzentos dançando com diversão quando viu meu semblante espantado. Estava magro, exausto, mas lúcido e alerta, seu rosto bronzeado pelo sol e maltratado pelo vento. Vestido com um terno de tweed e chapéu de pano, ele parecia com qualquer outro turista visitando a charneca, e tinha conseguido, com aquele amor felino pela limpeza pessoal, que era uma de suas características, manter seu queixo tão liso e sua roupa branca tão impecável como se estivesse em Baker Street.

— Eu nunca fiquei mais feliz em ver alguém na minha vida — disse eu, enquanto lhe cumprimentava.

— Ou mais surpreso, hein?

— Bem, devo confessar que sim.

— A surpresa não foi só de um lado, garanto-lhe. Não fazia ideia de que você tinha encontrado meu abrigo ocasional, menos ainda que você estivesse dentro dele, até que cheguei a vinte passos da porta.

— Minha pegada, presumo?

— Não, Watson, temo não conseguir reconhecer sua pegada entre todas as pegadas do mundo. Se você quiser mesmo me enganar, deve mudar de tabacaria. Quando vejo o toco de um cigarro marcado Bradley, Oxford Street, sei que meu amigo Watson está por perto. Está bem ali ao lado da trilha. Você jogou o cigarro no chão, sem dúvida, naquele momento supremo quando entrou na cabana vazia.

— Exatamente.

— Foi o que pensei... e conhecendo sua admirável tenacidade, fiquei convencido de que você estava de tocaia, com uma arma à mão, esperando o morador retornar. Então você realmente achou que eu era o criminoso?

— Eu não sabia quem você era, mas estava determinado a descobrir.

— Excelente, Watson! E como me localizou? Você me viu, talvez, na noite da caçada ao prisioneiro, quando fui tão imprudente a ponto de permitir que a lua surgisse atrás de mim?

— Sim, eu o vi naquele momento.

— E certamente procurou em todas as cabanas até chegar a esta aqui?

— Não, seu menino foi observado e isso me deu uma pista de onde procurar.

— O velho cavalheiro com o telescópio, sem dúvida. Eu não consegui entender o que era quando vi a luz brilhando na lente pela primeira vez. — Ele se levantou e espiou o interior da cabana. — Ah, vejo que Cartwright trouxe algumas provisões. Que papel é esse? Então você esteve em Coombe Tracey?

— Estive.

— Para ver a Sra. Laura Lyons?

— Exatamente.

— Muito bem! Nossas pesquisas têm evidentemente corrido em linhas paralelas e, quando juntarmos nossos resultados, espero que tenhamos um conhecimento bastante completo do caso.

— Bem, sinto-me realmente contente por você estar aqui, pois de fato a responsabilidade e o mistério estavam se tornando excessivos para os meus nervos. Mas como é que veio parar aqui, e o que você anda fazendo? Pensei que estava em Baker Street, desvendando aquele caso de chantagem.

— Era isso que eu queria que pensasse.

— Então você me usa, mas mesmo assim não confia em mim! — exclamei com certa amargura. — Acho que mereço coisa melhor de você,

Holmes.

— Meu caro amigo, você tem sido inestimável para mim neste, como em muitos outros casos, e eu imploro que você me perdoe se parece que lhe preguei uma peça. Na verdade, foi em parte para o seu próprio bem que fiz isso, e foi minha avaliação do perigo que você corria que me fez vir examinar o assunto por mim mesmo. Se eu estivesse com Sir Henry e com você, é claro que o meu ponto de vista teria sido o mesmo que o seu, e minha presença teria induzido nossos terríveis adversários a ficarem alertas. Da maneira que agi, pude andar por aí como possivelmente não teria podido se estivesse morando no Solar, e continuo sendo um fator surpresa no caso, pronto para investir com toda a minha força em um momento crítico.

— Mas por que esconder isso de mim?

— O fato de você saber não poderia ter nos ajudado, e possivelmente teria revelado a minha presença. Você teria desejado me contar alguma coisa, ou, com a sua gentileza, teria me trazido algum conforto ou outro, e assim correríamos um risco desnecessário. Trouxe Cartwright comigo; você se lembra do rapazinho na agência de mensageiros? Ele cuidou das minhas necessidades básicas: um pedaço de pão e um colarinho limpo. Que mais quer um homem? Ele me proporcionou um par extra de olhos sobre um par de pés muito ativo, e ambos foram inestimáveis.

— Então meus relatórios foram todos inúteis!

Minha voz tremeu quando me lembrei do esmero e do orgulho com que os compusera.

Holmes pegou um maço de papéis do bolso.

— Aqui estão os seus relatórios, meu caro amigo, e muito manuseados, eu lhe asseguro. E por causa deles tomei providências excelentes, e eles só chegaram com um dia de atraso. Devo cumprimentá-lo calorosamente pelo zelo e a inteligência que você demonstrou em um caso extraordinariamente difícil.

Eu ainda estava bastante magoado com a decepção que me fora causada, mas o calor do elogio de Holmes tirou a raiva da minha mente. Senti também em meu coração que ele estava certo no que dissera e que era realmente melhor para o nosso propósito que eu não soubesse que ele estava na charneca.

— Assim está melhor — disse ele, vendo que minha expressão desanuviara. — Agora me diga o resultado da sua visita à Sra. Laura Lyons. Não tive dificuldade para adivinhar que você foi até lá para vê-la, pois já estou ciente de que ela é a única pessoa em Coombe Tracey que pode ser útil para nosso caso. Na verdade, se você não tivesse ido hoje, é extremamente provável que eu tivesse ido amanhã.

O sol se escondera e o crepúsculo caía sobre a charneca. O ar ficou frio e nós nos retiramos para a cabana em busca de calor. Ali, sentados juntos na penumbra, contei a Holmes minha conversa com a dama. Ele ficou tão interessado que tive que contar parte dela duas vezes antes de ele ficar satisfeito.

— Isso é de extrema importância — disse ele depois que concluí o relato. — Isso preenche uma lacuna que eu não consegui superar, neste caso tão complexo. Você está ciente de que talvez exista uma estreita intimidade entre essa senhora e aquele Stapleton?

— Não sabia que eles tinham uma estreita intimidade.

— Não há dúvidas quanto a isso. Eles se encontram, se correspondem, há um completo entendimento entre os dois. Ora, esse fato coloca uma arma muito poderosa em nossas mãos. Se eu pudesse usá-la para desvencilhar a mulher dele...

— A mulher dele?

— Estou lhe dando algumas informações agora, em troca de tudo o que você me deu. A senhora que aqui se passa por Srta. Stapleton é, na realidade, a esposa dele.

— Bom Deus, Holmes! Tem certeza do que você diz? Como ele pôde ter permitido que Sir Henry se apaixonasse por ela?

— O fato de Sir Henry se apaixonar não podia fazer mal a ninguém, exceto ao próprio Sir Henry. Ele tomou muito cuidado para que Sir Henry não fizesse juras de amor a ela, como você mesmo observou. Repito que a dama é sua esposa, e não sua irmã.

— Mas por que essa farsa tão elaborada?

— Porque ele previu que ela seria muito mais útil para ele na condição de uma mulher livre.

Todos os meus instintos não formulados, minhas vagas desconfianças, de repente tomaram forma e se centraram no naturalista. Nesse homem impassível, sem cor, com seu chapéu de palha e sua rede para caçar

borboletas, tive a impressão de ver algo terrível, uma criatura de infinita paciência e astúcia, de rosto sorridente e coração assassino.

— É ele, então, que é nosso inimigo. Foi ele quem nos seguiu em Londres?

— É assim que interpreto o enigma.

— E a advertência... deve ter vindo dela!

— Exatamente.

A forma de alguma vilania monstruosa, meio vista, meio adivinhada, pairou em meio à escuridão que me circundava havia tanto tempo.

— Mas tem certeza disso, Holmes? Como você sabe que a mulher é a esposa dele?

— Porque ele se distraiu a ponto de lhe contar um trecho verdadeiro de sua autobiografia quando se encontraram pela primeira vez, e imagino que se arrependeu disso muitas vezes desde então. Ele foi outrora diretor de um colégio no norte da Inglaterra. Ora, não há nada mais fácil do que rastrear o diretor de um colégio. Existem agências escolares por meio das quais se pode identificar qualquer homem que tenha exercido a profissão. Uma pequena investigação me mostrou que uma escola fechou as portas em circunstâncias atroz, e que seu proprietário, o nome era diferente, tinha desaparecido com a esposa. As descrições batiam. Quando eu soube que o homem desaparecido era dedicado à entomologia, a identificação estava completa.

A escuridão se dissipava, mas ainda tinha muita coisa escondida pelas sombras.

— Se essa mulher é, na verdade, sua esposa, onde entra a Sra. Laura Lyons? — perguntei.

— Esse é um dos pontos sobre os quais suas próprias investigações lançaram uma luz. Sua entrevista com a dama esclareceu muito a situação. Eu não tinha conhecimento de que ela e o marido pretendiam se divorciar. Nesse caso, considerando Stapleton como um homem solteiro, ela certamente esperava se tornar sua esposa.

— E quando ela se desiludir?

— Então, poderá vir a nos ser útil. Nossa primeira tarefa será procurá-la amanhã, nós dois. Você não acha, Watson, que já passou muito tempo longe de seu protegido? Seu lugar é no Solar Baskerville.

As últimas faixas vermelhas tinham desaparecido no oeste e a noite se instalara na charneca. Algumas estrelas fracas brilhavam no céu violeta.

— Uma última pergunta, Holmes — disse eu ao me levantar. — Certamente não há nenhuma necessidade de segredo entre mim e você. Qual é o sentido de tudo isso? O que ele quer?

Holmes baixou a voz ao responder:

— É assassinato, Watson, um assassinato deliberado, refinado e a sangue-frio. Não me peça detalhes. Minhas redes estão se fechando sobre ele, assim como as dele sobre Sir Henry, e com sua ajuda ele já está quase em minhas mãos. Existe apenas um perigo que pode nos ameaçar. É que ele ataque antes de estarmos prontos para fazê-lo. Mais um dia, no máximo dois, e vou ter o caso completo. Mas, até lá, cuide de seu protegido com o mesmo desvelo que uma mãe carinhosa vela seu filho doente. Sua missão hoje se justificou e, no entanto, eu quase poderia desejar que você não tivesse saído do lado dele. Ouça!

Um grito terrível, um prolongado uivo de horror e angústia, irrompeu do silêncio da charneca. O sangue gelou em minhas veias.

— Meu Deus! — exclamei, ofegante. — O que é isso? O que isso significa?

Holmes levantou-se de um salto e eu vi seu contorno escuro e atlético na porta da cabana, os ombros curvados, a cabeça para frente, o rosto espiando a escuridão.

— Silêncio! — sussurrou ele. — Silêncio!

O grito tinha sido alto em razão de sua veemência, mas saíra de algum lugar bem distante da planície sombria. E agora tinha explodido em nossos ouvidos, mais perto, mais alto, mais urgente do que antes.

— De onde saiu isso? — sussurrou Holmes e eu sabia, pela emoção de sua voz, que ele, o homem de ferro, estava profundamente abalado. — Onde foi isso, Watson?

— Ali, eu acho — respondi e apontei para a escuridão.

— Não. Lá!

Mais uma vez o grito angustiado quebrou o silêncio da noite, mais alto e mais próximo do que nunca. E um novo som misturou-se com ele, um murmúrio profundo e musical, ainda que ameaçador, subindo e descendo como o murmúrio baixo e constante do mar.

— O cão! — exclamou Holmes. — Venha, Watson, venha! Deus queira que não cheguemos tarde demais!

Ele tinha começado a correr rapidamente pela charneca, e eu nos seus calcanhares. Mas agora, de algum lugar no terreno acidentado imediatamente à nossa frente, veio um último grito desesperado e, depois, um baque surdo e pesado. Nós paramos e ouvimos. Nenhum outro som quebrou o pesado silêncio da noite sem vento.

Vi Holmes levar a mão à testa, como um homem perturbado. Ele bateu com os pés no chão.

— Ele nos derrotou, Watson. Estamos muito atrasados.

— Não, não, certamente que não!

— Como fui tolo em me conter! E você, Watson, veja o que aconteceu por abandonar seu protegido! Mas, por Deus, se o pior aconteceu, nós vamos vingá-lo!

Cegamente, corremos pela escuridão, topando contra pedregulhos, forçando nosso caminho em meio a arbustos de tojo, ofegando colinas acima e correndo encostas abaixo, sempre na direção de onde aqueles sons horríveis tinham vindo. Em cada elevação, Holmes olhava ansiosamente à sua volta, mas a escuridão era densa sobre a charneca, e nada se movia em sua face árida.

— Consegue ver alguma coisa?

— Nada.

— Mas, ouça, o que é isso?

Um gemido baixo chegou aos nossos ouvidos. Lá estava novamente, à nossa esquerda! Naquele lado, uma cadeia de rochedos terminava em um penhasco escarpado, que dominava uma encosta pedregosa. Sobre sua face recortada esparramava-se um objeto escuro e irregular. Enquanto corríamos em direção a ele, o contorno vago assumiu uma forma definida. Era um homem prostrado de bruços no chão, a cabeça enfiada sob o corpo em um ângulo horrível, os ombros encolhidos e o corpo curvado como se estivesse dando uma cambalhota. Era uma postura tão grotesca que no momento não compreendi que aquele gemido fora o passamento de sua alma. Nem um sussurro, nem um farfalhar se erguiam agora da figura escura sobre a qual nos debruçávamos. Holmes pousou a mão sobre ele e ergueu-a novamente, com uma exclamação de horror. A débil chama do fósforo que acendeu brilhou em seus dedos e na poça de sangue horripilante que se alargava

lentamente a partir do crânio esmagado da vítima. E brilhou sobre mais alguma coisa que fez nosso coração afundar no peito: o corpo de Sir Henry Baskerville!

Nenhum de nós poderia ter esquecido aquele peculiar terno de tweed avermelhado, o mesmo que ele usara naquela primeira manhã em que o víramos em Baker Street. Pudemos vê-lo de relance, antes que a chama do fósforo tremesse e se apagasse, no momento em que a esperança abandonava as nossas almas. Holmes gemeu e seu rosto pálido brilhou na escuridão.

— O animal! O animal! — gritei, com os punhos cerrados. — Oh, Holmes, nunca me perdoarei por tê-lo abandonado à própria sorte.

— Sou mais culpado do que você, Watson. Para ter meu caso bem amarrado e completo, joguei fora a vida do meu cliente. É o maior golpe que aconteceu em minha carreira. Mas como eu poderia saber, como eu poderia saber, que ele se arriscaria sozinho à noite na charneca apesar de todas as minhas advertências?

— E pensar que ouvimos seus gritos! Meu Deus, aqueles gritos! E, ainda assim, fomos incapazes de salvá-lo! Onde estará esse pérfido cão que o levou à morte? Talvez escondido entre essas pedras enquanto falamos. E Stapleton, onde ele está? Ele vai ter que responder pelo seu ato.

— Ele vai. Cuidaremos disso. Tio e sobrinho foram assassinados; um apavorado até a morte pela simples visão de um animal que pensou ser sobrenatural, o outro conduzido para seu fim em uma fuga para escapar dele. Mas agora temos que provar a conexão entre o homem e a besta. Salvo pelo que ouvimos, não podemos sequer jurar a existência deste último, uma vez que Sir Henry, evidentemente, morreu da queda. Mas, por Deus, por mais astuto que ele seja, o sujeito estará em meu poder antes que se passe mais um dia!

Com o coração dilacerado, abalados por esse súbito e irrevogável desastre que punha fim de maneira tão lastimável a todos os nossos longos e cansativos esforços, postamo-nos de cada lado do corpo desfigurado. Então, à medida que a lua surgia, subimos até o topo da rocha de onde nosso pobre amigo tinha caído, e do cume olhamos para a charneca sombria, em parte prateada e em parte escura. Ao longe, a quilômetros de distância, na direção de Grimpen, uma única luz amarela constante brilhava. Só podia vir da

morada solitária dos Stapleton. Com uma maldição amarga, agitei o punho enquanto a olhava.

— Por que não o agarramos imediatamente?

— Nosso caso não está completo. O sujeito é cauteloso e astuto no mais elevado grau. Não se trata do que sabemos, mas do que podemos provar. Se fizermos um movimento em falso, pode ser que o patife escape.

— O que podemos fazer?

— Haverá muito a fazer amanhã. Hoje só podemos executar os últimos serviços ao nosso pobre amigo.

Juntos, descemos a encosta íngreme e nos aproximamos do corpo, negro e nítido contra as pedras prateadas. A agonia daqueles membros contorcidos causou-me um espasmo de dor e encheu meus olhos de lágrimas.

— Precisamos pedir ajuda, Holmes! Não podemos levá-lo até o Solar. Bom Deus, você está louco?

Ele soltara um grito e se inclinara sobre o corpo. Agora ele estava dançando e rindo e apertando minha mão. Seria aquele meu amigo severo e reservado? Essa realmente era uma face oculta!

— Uma barba! Uma barba! O homem tem uma barba!

— Uma barba?

— Não é o baronete! É... é o meu vizinho, o prisioneiro!

Viramos o corpo com uma pressa febril, e a barba encharcada apontou para a lua fria e clara. Não restava dúvida quanto à testa saliente, os olhos fundos, animalescos. Era, de fato, o mesmo rosto que brilhara sobre mim à luz da vela de cima da pedra; o rosto de Selden, o prisioneiro.

Então, em um instante, tudo ficou claro para mim. Lembrei-me de como o baronete me dissera que tinha entregado seu antigo guarda-roupa a Barrymore. Este entregara as roupas adiante para ajudar Selden em sua fuga. Botas, camisa, boné, era tudo de Sir Henry. A tragédia ainda era bastante lúgubre, mas esse homem pelo menos merecia a morte pelas leis de seu país. Conteí a Holmes o que acontecera, meu coração fervilhando de gratidão e alegria.

— Então as roupas foram a causa da morte do pobre diabo — disse ele.

— Não há dúvida de que deram ao cão algum artigo de Sir Henry para cheirar, muito provavelmente a bota que foi furtada no hotel, e assim ele partiu em perseguição a esse homem. Há uma coisa muito singular, no entanto: como Selden, na escuridão, soube que o cão estava em seu rastro?

— Ele o ouviu.

— Ouvir um cão na charneca não lançaria um homem endurecido como este prisioneiro em tal estado de terror a ponto de ele se arriscar a ser recapturado gritando desesperadamente por ajuda. Pelos seus gritos, ele deve ter corrido muito depois de saber que o cão o perseguia. Como ficou sabendo?

— Um maior mistério para mim é por que esse cão, presumindo que todas as nossas conjecturas estejam corretas...

— Eu não presumo nada.

— Bem, então por que esse cão estaria solto hoje à noite? Suponho que ele não corra sempre solto pela charneca. Stapleton não o soltaria a menos que tivesse razões para pensar que Sir Henry estaria lá.

— A minha dificuldade aqui é a maior das duas, pois acho que em breve obteremos uma explicação para a sua, enquanto a minha pode permanecer para sempre um mistério. A questão agora é: o que faremos com o corpo deste pobre coitado? Não podemos deixar aqui para as raposas e os corvos.

— Eu sugiro que nós coloquemos em uma das cabanas até que possamos nos comunicar com a polícia.

— Exatamente. Não tenho dúvidas de que você e eu podemos carregá-lo até lá. Mas quem vem lá, Watson? É o homem em pessoa, por mais assombroso e atrevido que isso pareça! Nem uma palavra que mostre suas suspeitas... nem uma palavra ou meus planos vão por água abaixo.

Um vulto se aproximava de nós pela charneca, e vi o fulgor vermelho e fosco de um charuto. A lua o iluminava, e consegui distinguir a forma garbosa e o andar saltitante do naturalista. Quando nos viu, ele parou, e então continuou a se aproximar.

— Ora, Dr. Watson, é mesmo o senhor? Você é o último homem que eu podia esperar ver na charneca a essa hora da noite. Mas, meu Deus, o que é isso? Alguém se machucou? Não, não me diga que é nosso amigo Sir Henry!

Ele passou apressado por mim e se inclinou sobre o homem morto. Ouvi uma exclamação aguda e o charuto caiu de seus dedos.

— Quem... quem é esse? — gaguejou.

— É Selden, o homem que fugiu de Princetown.

Stapleton virou um rosto lívido para nós, mas, por um esforço supremo, foi capaz de esconder sua surpresa e seu desapontamento. Ele olhou nitidamente de Holmes para mim.

— Meu Deus! Que coisa horrorosa! Como ele morreu?

— Ele parece ter quebrado o pescoço ao cair desses rochedos. Meu amigo e eu estávamos passeando na charneca quando ouvimos um grito.

— Eu também ouvi um grito. Foi por isso que vim até aqui. Eu estava preocupado com Sir Henry.

— Por que com Sir Henry em particular? — não pude deixar de perguntar.

— Porque eu sugeri que ele viesse nos visitar. Quando ele não veio, fiquei surpreso, e naturalmente fiquei alarmado por sua segurança quando ouvi gritos na charneca. A propósito — seus olhos dispararam de novo do meu rosto para o de Holmes — vocês ouviram mais alguma coisa além de um grito?

— Não — respondeu Holmes. — O senhor ouviu?

— Não.

— Por que a pergunta, então?

— Oh, os senhores conhecem as histórias que os camponeses contam sobre um cão fantasma, e assim por diante. Dizem que o ouvem à noite na charneca. Estava pensando se teria havido algum indício desse som hoje à noite.

— Não ouvimos nada desse tipo — disse eu.

— E qual é sua teoria sobre a morte deste pobre homem?

— Não tenho dúvida de que a ansiedade e a exposição às intempéries foram suficientes para deixá-lo louco. Ele correu desvairado pela charneca, e acabou caindo aqui e quebrando o pescoço.

— Parece a teoria mais razoável — disse Stapleton, e deu um suspiro que, a meu ver, indicava seu alívio. — Que pensa sobre isso, Sr. Sherlock Holmes?

Meu amigo curvou-se em um cumprimento.

— O senhor é rápido na identificação — disse ele.

— Nós esperamos por você desde que o Dr. Watson veio para cá. Você chegou a tempo de ver uma tragédia.

— Sim, de fato. Não tenho dúvidas de que a explicação do meu amigo cobrirá os fatos. Vou levar uma lembrança desagradável a Londres comigo amanhã.

— Oh, você volta amanhã?

— Essa é a minha intenção.

— Espero que a sua visita tenha lançado alguma luz sobre as ocorrências que nos deixaram tão perplexos.

Holmes encolheu os ombros.

— Nem sempre se pode ter o sucesso pelo qual se espera. Um investigador precisa de fatos e não de lendas ou rumores. Não foi um caso satisfatório.

Meu amigo falou de uma maneira franca e desinteressada. Stapleton ainda o fitava intensamente. Então, ele se virou para mim.

— Eu sugeriria que levássemos esse pobre homem para minha casa, mas minha irmã ficaria tão atemorizada que sinto que não tenho o direito de fazê-lo. Acho que, se colocarmos alguma coisa no rosto dele, ele estará a salvo até o amanhecer.

E assim foi feito. Resistindo à oferta da hospitalidade de Stapleton, Holmes e eu partimos para Solar Baskerville, deixando o naturalista voltar sozinho para casa. Olhando para trás, vimos a figura se afastando lentamente pela charneca e, atrás dele, uma mancha negra na encosta prateada que mostrava onde jazia o homem que encontrara a morte de forma tão terrível.

Armando as redes



— Estamos finalmente próximos — disse Holmes enquanto caminhávamos juntos pela charneca. — Que nervos esse sujeito tem! Como ele recobrou o autocontrole diante do que deve ter sido um choque paralisante, quando descobriu que o homem errado tinha sido a vítima de sua trama. Eu lhe disse em Londres, Watson, e lhe digo agora, que nunca tivemos um inimigo mais digno para a nossa espada.

— Eu sinto muito que ele tenha visto você.

— A princípio, eu também lamentei. Mas não tinha como evitar.

— Que efeito você acha que terá nos planos de Stapleton agora que ele sabe que você está aqui?

— Isso pode fazer com que ele fique mais cauteloso, ou pode levá-lo a medidas desesperadas de imediato. Como a maioria dos criminosos inteligentes, ele pode estar confiante demais em sua própria esperteza e imaginar que nos enganou por completo.

— Por que não o prendemos imediatamente?

— Meu caro Watson, você nasceu para ser um homem de ação. Seu instinto é sempre tomar uma atitude enérgica. Mas vamos supor, para efeito de raciocínio, que o prendêssemos esta noite. Do que nos adiantaria? Nós não podemos provar nada contra ele. Há uma astúcia diabólica neste caso! Se ele estivesse agindo por meio de um agente humano, poderíamos obter algumas provas, mas se formos arrastar esse grande cão para a luz do dia, isso não nos ajudaria a colocar uma corda no pescoço de seu dono.

— Certamente nós temos base para um processo.

— Temos apenas suposições e conjecturas. Seríamos expulsos do tribunal às risadas se chegássemos com tale história e tais evidências.

— Há a morte de Sir Charles.

— Encontrado morto sem uma marca sobre si. Você e eu sabemos que ele morreu de puro medo e também sabemos o que o assustou. Mas como conseguiremos convencer doze impassíveis jurados? Que sinais há de um cão? Onde estão as marcas de suas presas? É claro que sabemos que um cão não morde um cadáver e que Sir Charles estava morto antes que a criatura o alcançasse. Mas temos que provar tudo isso e não estamos em condições de fazê-lo.

— Mas e esta noite?

— Não estamos em situação muito melhor esta noite. Novamente, não existe nenhuma conexão direta entre o cão e a morte do homem. Nós nunca vimos o cão. Nós apenas o ouvimos. Mas não teríamos como provar que estava perseguindo esse homem. Há uma completa ausência de motivação. Não, meu caro amigo, devemos aceitar o fato de que não temos nenhum caso no momento, e que vale a pena correr algum risco para estabelecer um.

— E como você propõe fazer isso?

— Tenho grandes esperanças no que a Sra. Laura Lyons poderá fazer por nós quando ficar a par da situação. E tenho meus próprios planos também. Para o dia de amanhã, basta o mal disso tudo. Mas espero que, antes de o dia terminar, eu finalmente leve a melhor.

Não consegui arrancar mais nada dele, e caminhamos, absortos em pensamentos, até os portões de Baskerville.

— Vai entrar?

— Vou, não vejo nenhum motivo para continuar me escondendo. Mas uma última palavra, Watson. Não diga nada a Sir Henry a respeito do cão. Deixe-o pensar que a morte de Selden foi como Stapleton gostaria que acreditássemos. Dessa forma, ele terá mais coragem para a provação que precisará enfrentar amanhã, quando tiver, se me lembro bem do seu relatório, que ir jantar com aquelas pessoas.

— E eu também.

— Nesse caso, você deve apresentar suas desculpas e deixar que ele vá sozinho. Isso será facilmente arranjado. E agora, já que nos atrasamos para o jantar, acredito estarmos ambos prontos para nossas ceias.

Sir Henry ficou mais satisfeito do que surpreso ao ver Sherlock Holmes, pois esperava havia alguns dias que os eventos recentes o trouxessem de Londres. No entanto, ficou de sobrelhas arqueadas quando descobriu que meu amigo não tinha nenhuma bagagem e nenhuma explicação para a ausência dela. Logo atendemos às suas necessidades, e durante uma ceia tardia, explicamos ao baronete o que parecia desejável que ele soubesse da nossa experiência. Antes, porém, coube-me a desagradável tarefa de comunicar a morte de Selden a Barrymore e sua mulher. Para ele, pode ter sido um alívio completo, mas ela chorou amargamente em seu avental. Aos olhos do mundo, aquele era um homem violento, meio animal e meio demônio, mas, para a irmã, no entanto, seria sempre o garotinho voluntarioso de sua própria infância, a criança que costumava se agarrar à sua mão. Desgraçado é o homem que não tem nenhuma mulher para pranteá-lo.

— Passei o dia todo à toa pela casa desde que Watson saiu de manhã — disse o baronete. — Creio que mereço ser parabenizado, pois cumpri minha promessa. Se não tivesse jurado não sair sozinho, podia ter passado uma noite mais animada, pois recebi um recado de Stapleton convidando-me para ir até lá.

— Não tenho a menor dúvida que teria passado uma noite mais animada — disse Holmes secamente. — A propósito, suponho que não saiba que estivemos a prantear sua morte por causa de um pescoço quebrado?

Sir Henry arregalou os olhos.

— Como assim?

— O pobre infeliz estava vestido com as suas roupas. Receio que o criado que as deu para ele possa se ver em apuros com a polícia.

— Isso não é muito provável. Pelo que sei, nenhuma delas tinha qualquer tipo de marca.

— Sorte dele. Na verdade, sorte de todos vocês, porque estão todos contra a lei nessa questão. Não sei se, como um detetive consciencioso, meu primeiro dever não seria prender a casa inteira. Os relatórios de Watson são documentos extremamente incriminadores.

— Mas e quanto ao caso? — perguntou o baronete. — Conseguiu desembaraçar esse terrível emaranhado? Parece-me que Watson e eu não descobrimos praticamente nada desde que chegamos aqui.

— Acredito que em breve terei condições de tornar a situação muito mais clara a seus olhos. Foi um caso extremamente difícil e complicado. Existem vários pontos que ainda precisam ser deslindados... mas vamos conseguir.

— Tivemos uma experiência desagradável, como Watson deve ter lhe contado. Ouvimos o cão na charneca, de modo que posso jurar que nem tudo é superstição. Lidei um pouco com cachorros quando estava no Oeste, e sei quando ouço um. Se o senhor conseguir colocar uma focinheira e correntes nesse aí, estarei pronto a jurar que é o maior detetive de todos os tempos.

— Creio que consigo amordaçá-lo e acorrentá-lo se você me ajudar.

— Farei qualquer coisa que pedir.

— Ótimo. E vou lhe pedir que o faça cegamente, sem perguntar o motivo.

— Como queira.

— Se o fizer, acredito que teremos chance de resolver nosso problema em breve. Não duvido...

Holmes parou de falar de repente, os olhos fixos no ar por sobre a minha cabeça. A luz batia sobre seu rosto e sua expressão estava tão absorta que podia ser confundido com uma estátua clássica bem-delineada, uma personificação de vigilância e expectativa.

— O que foi? — exclamamos os dois.

Quando baixou os olhos, pude ver que tentava reprimir uma forte emoção. Seus traços ainda estavam controlados, mas seus olhos brilhavam com divertido júbilo.

— Perdoem a admiração de um connaisseur — disse ele, apontando a linha de retratos que cobria a parede oposta. — Watson não admite que eu entenda nada de arte, mas isso é pura inveja, porque nossos gostos sobre o assunto divergem. Ora, essa é realmente uma belíssima coleção de retratos.

— Bem, fico feliz de ouvi-lo dizer isso — disse Sir Henry, olhando com certa surpresa para meu amigo. — Não tenho intenção de saber muito sobre essas coisas, e saberia julgar melhor um cavalo ou um bezerro do que um quadro. Não sabia que o senhor tinha tempo para essas coisas.

— Eu sei se algo é bom quando vejo, como estou vendo agora. Esse é um Kneller, eu posso jurar, e aquela dama de vestido de seda azul lá adiante, e o

corpulento cavalheiro com a peruca deve ser um Reynolds. Todos são retratos de família, presumo?

— Todos.

— Você sabe os nomes?

— Barrymore andou me ensinando sobre eles, e acho que aprendi minhas lições muito bem.

— Quem é o cavalheiro com a luneta?

— Aquele é o contra-almirante Baskerville, que serviu sob as ordens de Rodney nas Índias Ocidentais. O homem de casaco azul e com o rolo de papel é Sir William Baskerville, que foi Presidente dos Comitês da Câmara dos Comuns durante o governo de Pitt.

— E esse cavaleiro à minha frente... aquele com veludo preto e a renda?

— Ah, o senhor tem o direito de saber sobre ele. Esse é a causa de todo o mal, o perverso Hugo, que provocou o surgimento do Cão dos Baskerville. Provavelmente não o esqueceremos.

Olhei o retrato com interesse e alguma surpresa.

— Meu Deus! — exclamou Holmes. — Ele parece um homem calmo, de maneiras tranquilas, mas ousou dizer que existe um demônio escondido em seus olhos. Eu o imaginava como uma pessoa mais robusta e valentona.

— Não há dúvidas sobre a autenticidade, pois o nome e a data, 1647, estão no verso da tela.

Holmes pouco falou além disso, mas a imagem do velho fanfarrão parecia exercer certo fascínio sobre ele, e seus olhos permaneceram fixos nele durante a ceia. Só mais tarde, quando Sir Henry foi para o seu quarto, que eu fui capaz de seguir o fio de seus pensamentos. Ele me levou de volta para o salão de banquetes, com a vela do quarto na mão, e segurou-a contra o retrato na parede, manchado pelo tempo.

— Você vê alguma coisa ali?

Olhei para o chapéu com plumas, os cabelos encaracolados, a gola de renda branca emoldurando um rosto honesto e severo. Não era um semblante brutal, mas duro, severo e austero, com uma boca firme, lábios finos e um olhar friamente intolerante.

— Parece-se com alguém que você conheça?

— Há alguma coisa de Sir Henry no queixo.

— Só uma ligeira semelhança, talvez. Mas espere um instante!

Ele subiu em uma cadeira e, erguendo a vela na mão esquerda, curvou o braço direito sobre o amplo chapéu e em torno dos longos cachos.

— Valha-me Deus! — exclamei, espantado.

O rosto de Stapleton surgira na tela.

— Ah, agora você percebe. Meus olhos foram treinados para examinar rostos, e não seus remates. A primeira qualidade de um investigador criminal é ser capaz de ver através de um disfarce.

— Mas isso é extraordinário. Poderia ser o retrato dele.

— Sim, é um exemplo interessante de atavismo, que parece ser tanto físico quanto espiritual. Um estudo de retratos de família é suficiente para converter um homem à doutrina da reencarnação. O sujeito é um Baskerville, isso é evidente.

— Com interesses na sucessão.

— Exatamente. Esse acaso da pintura nos fornece um de nossos elos perdidos mais óbvios. Ele está em nossas mãos, Watson, e eu ousou jurar que antes de amanhã à noite ele vai estar se debatendo em nossa rede, tão impotente quanto uma de suas próprias borboletas. Um alfinete, uma rolha e um cartão e nós vamos acrescentá-lo à coleção de Baker Street!

Ao se desviar da pintura, explodiu em um de seus raros acessos de riso. Não o ouço rir muitas vezes, e isso era sempre de mau agouro para alguém.

Acordei cedo na manhã seguinte, mas Holmes tinha acordado ainda mais cedo, pois o vi caminhando pela trilha, subindo a estrada.

— Sim, nós vamos ter dia cheio hoje — observou, esfregando de contentamento. — As redes estão todas em posição e o arrastão está prestes a começar. Saberemos antes do fim do dia se pegamos nosso grande patife de mandíbula magra ou se ele conseguiu escapar por entre as malhas.

— Você já esteve na charneca?

— Enviei um relatório de Grimpen para Princetown sobre a morte de Selden. Eu acho que posso prometer que nenhum de vocês dois será incomodado sobre o assunto. E também me comuniquei com meu fiel Cartwright, que certamente teria se consumido na porta da minha cabana, como um cão no túmulo do seu dono, se eu não o tivesse tranquilizado quanto à minha segurança.

— Qual é o próximo passo?

— Ver Sir Henry. Ah, aqui está ele!

— Bom dia, Holmes — disse o baronete. — Está parecendo um general a planejar uma batalha com o seu chefe do estado maior.

— Essa é exatamente a situação. Watson estava esperando as minhas ordens.

— E eu também estou.

— Muito bem. Você prometeu, pelo que eu entendi, jantar com nossos amigos, os Stapleton, esta noite.

— Eu espero que você venha também. Eles são pessoas muito hospitaleiras, e tenho certeza de que ficariam muito felizes em vê-lo.

— Temo que Watson e eu devemos ir a Londres.

— Para Londres?

— Sim, acredito que vamos ser mais úteis lá na atual conjuntura.

O baronete ficou visivelmente decepcionado.

— Eu esperava que vocês fossem me ajudar a levar a cabo esse caso. O Solar e a charneca não são lugares muito agradáveis quando se está sozinho.

— Meu caro amigo, você deve confiar em mim e fazer exatamente o que eu lhe disser. Pode dizer a seus amigos que teríamos ficado muito contentes em acompanhá-lo, mas que negócios urgentes exigiram que fôssemos à cidade. Esperamos muito em breve retornar a Devonshire. Você vai se lembrar de dar a eles essa mensagem?

— Se insiste nisso.

— Não há alternativa, asseguro-lhe.

Pela expressão anuviada do baronete, vi que ele estava profundamente magoado com o que considerava nossa deserção.

— Quando você deseja ir? — perguntou ele friamente.

— Imediatamente depois do desjejum. Nós vamos de carruagem até Coombe Tracey, mas Watson vai deixar suas coisas aqui como uma promessa de que ele voltará para você. Watson, você vai enviar um bilhete para Stapleton para dizer que você lamenta não poder ir.

— Gostaria muito de ir para Londres com vocês — disse o baronete. — Por que eu devo ficar aqui sozinho?

— Porque este é o seu posto. Porque você me deu sua palavra de que faria o que eu pedisse e eu lhe peço para ficar.

— Tudo bem, então, vou ficar.

— Mais uma instrução! Eu desejo que você vá de charrete à Casa Merripit. Mas mande-a de volta, no entanto, e deixe-os saber que você

pretende voltar a pé para casa.

— Caminhar pela charneca?

— Sim.

— Mas isso é exatamente o que você sempre me recomendou que não fizesse.

— Desta vez você pode fazer isso com segurança. Se eu não tivesse toda a confiança em sua fibra e coragem, eu não faria tal sugestão, mas é essencial que você faça isso.

— Então é o que vou fazer.

— E, se der valor à sua vida, não atravesse a charneca em nenhuma outra direção, a não ser ao longo da trilha reta que leva da Casa Merripit à estrada de Grimpen, e é o seu caminho natural para casa.

— Farei exatamente o que pede.

— Muito bem. Eu ficaria feliz em sair logo após o desjejum, para chegar a Londres à tarde.

Fiquei muito impressionado com o que ele tinha acabado de falar, embora me lembrasse de que Holmes dissera a Stapleton na noite anterior que sua visita terminaria no dia seguinte. Não me passou pela cabeça, no entanto, que ele desejasse que eu fosse com ele, nem pude entender como poderíamos estar ambos ausentes em um momento que ele mesmo declarou ser crítico. Não havia nada a fazer, a não ser obediência implícita. Por isso, despedimo-nos de nosso pesaroso amigo e, algumas horas depois, estávamos na estação de Coombe Tracey e mandáramos a charrete de volta. Um garotinho estava esperando na plataforma.

— Alguma ordem, senhor?

— Você vai pegar este trem para a cidade, Cartwright. No momento em que você chegar, vai enviar um telegrama para Sir Henry Baskerville, em meu nome, para dizer que, caso ele encontre a caderneta que eu deixei cair, deve enviá-la, registrada, para Baker Street.

— Sim, senhor.

— E pergunte no escritório da estação se há alguma mensagem para mim.

O menino voltou com um telegrama, que Holmes me mostrou. Ele dizia:

Telegrama recebido. Vou com um mandado não assinado. Chego às cinco e quarenta.

Lestrade.

— Isso é em resposta ao que enviei esta manhã. Ele é o melhor dos profissionais, acredito, e podemos precisar da ajuda dele. Agora, Watson, eu acho que não podemos empregar nosso tempo melhor do que fazendo uma visita à sua conhecida, a Sra. Laura Lyons.

Seu plano estava começando a ficar evidente. Ele usaria o baronete para convencer os Stapleton de que realmente havíamos partido, ao passo que deveríamos retornar assim que pudéssemos ser necessários. Esse telegrama de Londres, se mencionado por Sir Henry aos Stapleton, afastaria as últimas suspeitas de suas mentes. Eu já podia ver nossas redes se apertando em torno daquele patife de face encovada.

A Sra. Laura Lyons estava em seu escritório e Sherlock Holmes abriu sua entrevista com uma franqueza e objetividade que a impressionaram consideravelmente.

— Estou investigando as circunstâncias da morte do falecido Sir Charles Baskerville — disse ele. — Meu amigo aqui, Dr. Watson, contou-me sobre o que a senhora lhe comunicou e também sobre o que escondeu em relação ao assunto.

— O que foi que eu escondi? — perguntou ela desafiadoramente.

— A senhora confessou que pediu a Sir Charles para estar no portão às dez horas. Sabemos que esse foi o lugar e a hora da sua morte. A senhora escondeu a relação entre esses dois eventos.

— Não há relação nenhuma.

— Nesse caso, a coincidência deve, de fato, ser extraordinária. Mas acho que conseguiremos estabelecer uma conexão depois de tudo. Eu desejo ser inteiramente franco com você, Sra. Lyons. A nosso ver, esse foi um caso de assassinato, e as evidências podem implicar não apenas seu amigo, o Sr. Stapleton, mas também sua esposa.

A dama levantou-se de um salto.

— Sua esposa! — exclamou ela.

— Não é mais um segredo. A pessoa que se passa por sua irmã na verdade é sua esposa.

A Sra. Lyons voltou a se sentar. Suas mãos estavam segurando os braços da cadeira, e vi que suas unhas estavam brancas com a pressão de seu aperto.

— Sua esposa! — repetiu ela. — A esposa dele! Ele não é casado.

Sherlock Holmes encolheu os ombros.

— Prove-me isso! Prove-me isso! E, se conseguir...

O brilho feroz de seus olhos dizia mais do que quaisquer palavras.

— Vim preparado para fazer isso — disse Holmes, tirando vários papéis do bolso. — Aqui está uma foto do casal tirada em York há quatro anos. Atrás está escrito “Sr. e Sra. Vandeleur”, mas você não terá dificuldade em reconhecê-lo, e a ela também, se você a conhece de vista. Aqui estão três descrições por escrito de testemunhas confiáveis que conheceram o Sr. e a Sra. Vandeleur, que na época dirigiam o colégio particular de St. Oliver. Leia-as e veja se você pode duvidar da identidade dessas pessoas.

Ela passou os olhos nos papéis e depois olhou para nós com o semblante resoluto, rígido, de uma mulher desesperada.

— Sr. Holmes — disse ela —, esse homem se ofereceu para se casar comigo com a condição de que eu me divorciasse do meu marido. Ele mentiu para mim, o canalha, de todas as maneiras possíveis. Jamais me disse uma verdade. E por quê? Por quê? Pensei que era tudo para o meu próprio bem. Mas agora vejo que nunca fui nada além de uma ferramenta em suas mãos. Por que eu deveria continuar fiel a ele, que nunca me foi fiel? Por que eu deveria tentar protegê-lo das consequências de suas próprias crueldades? Pergunte-me o que você quiser e não vou esconder nada. Uma coisa eu lhe juro, quando escrevi a carta, sequer sonhava em fazer algum mal ao velho cavalheiro que fora meu mais bondoso amigo.

— Acredito inteiramente no que diz, senhora — disse Sherlock Holmes. — A narrativa desses eventos deve lhe ser muito dolorosa, e talvez seja mais fácil se eu lhe disser o que aconteceu, e a senhora poderá me corrigir se eu cometer algum erro importante. O envio desta carta foi sugerido a você por Stapleton?

— Ele a ditou para mim.

— Eu presumo que a razão que ele deu foi que você receberia ajuda de Sir Charles para as despesas legais relacionadas com o seu divórcio?

— Exatamente.

— E depois que a senhora enviou a carta, ele a dissuadiu de comparecer ao encontro?

— Ele me disse que eu ofenderia seu amor-próprio se qualquer outro homem me fornecesse o dinheiro para esse objetivo, e que, embora fosse um

homem pobre, ele dedicaria até seu último centavo para remover os obstáculos que nos separavam.

— Ele parece ter um caráter muito firme. E a senhora não soube mais nada até ler as notícias da morte no jornal?

— Não.

— E ele a fez jurar que não diria nada sobre o seu encontro com Sir Charles?

— Sim. Disse que foi uma morte muito misteriosa, e que eu certamente seria suspeita se os fatos viessem à luz. Ele me assustou para que eu permanecesse em silêncio.

— Naturalmente. Mas a senhora teve suas desconfianças?

Ela hesitou e desviou o olhar.

— Eu o conhecia — disse ela. — Mas se ele tivesse se mantido fiel a mim, eu sempre teria sido fiel a ele.

— Acho que, no geral, a senhora se saiu muito bem — disse Sherlock Holmes. — A senhora o teve em suas mãos, e ele sabia disso, e no entanto está viva. Durante meses a senhora andou à beira de um precipício. Agora devemos lhe desejar um bom dia, Sra. Lyons, e é provável que volte a ter notícias nossas muito em breve.

— Nosso caso está se completando, e as dificuldades se dissipando, uma após a outra, bem diante de nós — disse Holmes, quando esperávamos que o expresso chegasse da cidade. — Logo conseguirei colocar, em uma única narrativa coerente, um dos crimes mais singulares e sensacionais dos tempos modernos. Os estudiosos em criminologia se lembram dos incidentes análogos em Grodno, na Pequena Rússia, no ano de 1866, e claro que existem os assassinatos de Anderson na Carolina do Norte, mas este caso apresenta algumas características que são inteiramente peculiares. Por enquanto não temos evidências o suficiente para acusar esse espertíssimo homem. Mas ficarei muito surpreso se tudo não estiver claro o suficiente antes de irmos dormir esta noite.

O expresso de Londres chegou rugindo na estação, e um homenzinho vigoroso, com cara de buldogue, saltou de um vagão da primeira classe. Nós três nos apertamos as mãos e percebi imediatamente a maneira reverente com que Lestrade olhava para o meu companheiro, pois ele tinha aprendido muito desde o dia em que trabalharam juntos pela primeira vez. Ainda me

lembro do desdém que as teorias do intelectual costumavam despertar no homem prático.

— Alguma coisa boa? — perguntou ele.

— A maior coisa em anos — respondeu Holmes. — Temos duas horas antes de pensarmos em começar. Acho que podemos gastá-las em um jantar e, depois, Lestrade, tiraremos a névoa de Londres de sua garganta, fazendo-o respirar o ar puro da noite de Dartmoor. Nunca esteve lá? Ah, bem, eu suponho que você não vai se esquecer de sua primeira visita.

O cão dos Baskerville



Um dos defeitos de Sherlock Holmes, se é que podemos chamá-lo de defeito, era que sempre ficava excessivamente relutante em comunicar seus planos completos a qualquer outra pessoa até o instante de executá-los. Em parte, sem dúvida, vinha de sua natureza autoritária, que gostava de dominar e surpreender aqueles que estavam ao seu redor. Em parte também por sua cautela profissional, que o impelia a nunca correr riscos. O resultado, entretanto, era muito difícil para aqueles que estavam atuando como seus agentes e assistentes. Muitas vezes sofri com isso, porém, nunca tanto quanto durante aquela longa viagem de carruagem na escuridão. A grande provação estava diante de nós. Finalmente, estávamos prestes a fazer o nosso esforço final, e, no entanto, Holmes não dizia nada e eu só podia conjecturar qual seria o seu curso de ação. Meus nervos vibravam de antecipação quando por fim o vento frio em nossos rostos e os espaços escuros e vazios em ambos os lados da estrada estreita me disseram que estávamos de volta à charneca. Cada passo dos cavalos e cada giro das rodas nos aproximava de nossa suprema aventura.

Nossa conversa foi dificultada pela presença do cocheiro da carruagem alugada, de modo que fomos forçados a falar de assuntos triviais quando nossos nervos se retesavam de emoção e expectativa. Senti alívio quando, depois daquela restrição, finalmente passamos pela casa de Frankland e eu soube que estávamos nos aproximando do Solar e do cenário da ação. Não fomos de carruagem até a porta, mas descemos perto do portão da alameda. A carruagem foi paga e mandada retornar a Coombe Tracey imediatamente, enquanto começamos a caminhar para a Casa Merripit.

— Você está armado, Lestrade?

O pequeno detetive sorriu.

— Enquanto eu tiver as minhas calças, tenho um bolso traseiro, e enquanto tiver meu bolso traseiro, sempre vou ter algo dentro dele.

— Ótimo! Meu amigo e eu também estamos prontos para emergências.

— Você está muito fechado com relação a esse caso, Sr. Holmes. Qual é o jogo desta vez?

— Um jogo de espera.

— Palavra, este não parece ser um lugar muito alegre — disse o detetive e estremeceu, contemplando as encostas sombrias da colina e o imenso lago de neblina que jazia sobre o charco de Grimpen. — Eu vejo as luzes de uma casa à nossa frente.

— Essa é a Casa Merripit e o fim da nossa jornada. Eu devo lhes pedir que andem nas pontas dos pés e falem sussurrando.

Seguimos cautelosamente ao longo da trilha como se estivéssemos indo para a casa, mas Holmes nos parou quando estávamos a cerca de duzentos metros dela.

— Aqui está bem — disse ele. — Essas pedras à direita servirão como um anteparo admirável.

— Devemos esperar aqui?

— Sim, faremos nossa pequena emboscada aqui. Entre nesse buraco, Lestrade. Você esteve dentro da casa, certo, Watson? Você pode nos dizer a posição dos quartos? A que cômodo pertencem àquelas janelas com treliça naquela extremidade?

— Acho que são as janelas da cozinha.

— E aquela outra mais adiante, tão iluminada?

— Aquela é certamente a da sala de jantar.

— As persianas estão levantadas. Você conhece melhor a disposição do terreno. Aproxime-se em silêncio e veja o que eles estão fazendo, mas, pelo amor de Deus, não deixe que percebam que estão sendo observados!

Segui na ponta dos pés e me inclinei atrás do muro baixo que cercava o mirrado pomar. Rastejando em sua sombra, cheguei a um ponto de onde podia olhar diretamente através da janela aberta.

Só havia dois homens na sala, Sir Henry e Stapleton. Estavam sentados, de perfil para mim, dos dois lados da mesa redonda. Ambos estavam fumando charuto, e havia café e vinho à frente deles. Stapleton falava com

animação, mas o baronete parecia pálido e distraído. Talvez o pensamento daquele passeio solitário pela charneca agourenta o oprimisse.

Enquanto eu os observava, Stapleton se levantou e saiu da sala, enquanto sir Henry enchia o copo de novo e recostava-se na cadeira, fumando um charuto. Ouvi o rangido de uma porta e o som de botas no cascalho. Os passos ressoaram ao longo da trilha do outro lado do muro sob a qual eu estava agachado. Espiando por cima, vi o naturalista parar à porta de uma casinha em um canto do pomar. Uma chave girou na fechadura e, quando ele entrou, ouvi um curioso som de discussão vindo de dentro. Ele ficou apenas cerca de um minuto no interior, e então ouvi a chave girar mais uma vez e ele passou por mim e voltou para a casa. Eu o vi se juntar ao seu convidado, e rastejei silenciosamente de volta para onde meus companheiros estavam esperando para que eu lhes contasse o que tinha visto.

— Está dizendo, Watson, que a senhora não está lá? — perguntou Holmes quando terminei meu relato.

— Não está.

— Onde ela pode estar, se não há luz em nenhum outro cômodo, exceto na cozinha?

— Não faço ideia.

Já mencionei que uma densa névoa branca pairava sobre o grande charco de Grimpen. Ela estava vindo lentamente em nossa direção, e se acumulava como um muro daquele lado de nós, baixa, mas espessa e bem-definida. A lua brilhava sobre ela, que se assemelhava a um grande e bruxuleante campo de gelo, com os cumes dos penhascos ao longe parecendo rochas que despontavam em sua superfície. O rosto de Holmes estava virado para ela, e ele murmurou impaciente enquanto observava a lentidão com que ela se movia.

— Ela está se movendo em nossa direção, Watson.

— Acha isso sério?

— Muito sério, de fato; a única coisa neste mundo que poderia perturbar meus planos. Agora não falta muito tempo. Já são dez horas. Nosso sucesso e até mesmo a vida dele podem depender de que ele saia antes que a neblina cubra a trilha.

A noite estava límpida e bela acima de nós. As estrelas brilhavam frias e nítidas, enquanto uma meia-lua banhava toda a cena em uma luz suave e

incerta. Diante de nós, erguia-se a parte escura da casa, seu telhado serrilhado e as chaminés eriçadas delineadas contra o céu prateado e cintilante. Largas barras de luz dourada, vindas das janelas inferiores, estendiam-se pelo pomar e pela charneca. Uma delas foi subitamente desligada. Os criados tinham saído da cozinha. Restava apenas a lâmpada na sala de jantar, onde os dois homens, o anfitrião assassino e o hóspede ingênuo, ainda conversavam e fumavam seus charutos.

A cada minuto aquela planície branca que cobria metade da charneca chegava cada vez mais perto da casa. Seus primeiros farrapos finos já espiralavam através do quadrado dourado da janela iluminada. O muro do outro lado do pomar tornara-se invisível, e as árvores despontavam de um turbilhão de vapor branco. Enquanto observávamos, as espirais de neblina se aproximaram rastejando de ambos os cantos da casa e rolaram lentamente para formar uma nuvem densa, sobre a qual o andar superior e o telhado flutuavam como um estranho navio sobre um mar sombrio. Holmes socou a pedra à nossa frente e bateu os pés no chão em sua impaciência.

— Se ele não sair dentro de um quarto de hora, a trilha estará coberta. Em meia hora, não poderemos ver nossas mãos diante de nós.

— Devemos recuar para um terreno mais alto?

— Sim, acho que seria melhor.

Assim, à medida que a neblina se alastrava, nós recuávamos à frente dela, até que estávamos a oitocentos metros da casa, e aquele denso mar branco, com a lua prateada brilhando no céu, avançava de forma lenta e inexorável.

— Estamos nos afastando demais — disse Holmes. — Não podemos correr o risco de deixá-lo ser alcançado antes de conseguir chegar até nós. A todo custo devemos nos manter onde estamos. — Ele se ajoelhou e colou o ouvido ao chão. — Graças a Deus, acho que ouço seus passos se aproximando.

O som de passos rápidos rompeu o silêncio da charneca. Agachados entre as pedras, olhávamos diretamente para a barreira prata à nossa frente. Os passos ficaram mais audíveis, e através da neblina, como através de uma cortina, apareceu o homem a quem estávamos esperando. Ele olhou em volta, surpreso, ao emergir na clara noite estrelada. Então, seguiu rapidamente pela trilha, passou perto de onde estávamos e subiu a longa encosta atrás de nós. Enquanto andava, olhava diversas vezes por cima do ombro, revelando sua intranquilidade.

— Psiu! — exclamou Holmes, e ouvi o estalo brusco de uma pistola sendo engatilhada. — Tenham cuidado! Ele está vindo!

Ouviu-se um ruído de passos firmes e contínuos vindo de algum lugar em meio àquela cortina de névoa. A nuvem estava a cinquenta metros de onde estávamos, e nós olhamos para ela, todos os três, sem saber ao certo que horror estava prestes a acontecer. Eu estava ao lado de Holmes e olhei de relance para seu rosto. Estava pálido e exultante, os olhos brilhando intensamente ao luar. Mas, de repente, seu olhar tornou-se rígido, fixo, e seus lábios se entreabriram de espanto. No mesmo instante, Lestrade soltou um grito de terror e se jogou de bruços no chão. Levantei-me de um salto, minha mão inerte agarrando o revólver, minha mente paralisada pela forma pavorosa que surgira diante de nós, saída das sombras da neblina. Era um cão, um enorme cão negro como carvão, mas não um cão como olhos mortais já tivessem visto. Sua boca aberta cuspiu fogo, seus olhos brilhavam como brasas vivas, seu focinho, os pelos eriçados do seu dorso e a barbela eram delineados por chamas bruxuleantes. Nunca, nem no sonho delirante de um cérebro perturbado algo mais selvagem poderia ter sido concebido, algo mais aterrador, mais diabólico que aquela forma escura que se precipitou da cortina de névoa.

Com longos saltos, a enorme criatura negra percorria a trilha, seguindo de perto os passos de nosso amigo. Ficamos tão paralisados pela aparição que permitimos que ele passasse antes de termos recuperado nosso sangue-frio. Então Holmes e eu atiramos juntos, e a criatura deu um uivo hediondo, indicando que pelo menos um de nós a acertara. O cão não parou, no entanto, mas seguiu em frente. Bem longe, na trilha, vimos Sir Henry olhando para trás, o rosto branco à luz da lua, as mãos erguidas em horror, olhando impotente para a coisa assustadora que o perseguia.

Mas aquele grito de dor da criatura dissipara todos os nossos medos. Se ela era vulnerável, era mortal, e podíamos feri-la, podíamos matá-la. Nunca vi um homem correr como Holmes naquela noite. Sou reconhecidamente veloz, mas ele me ultrapassou tanto quanto eu ultrapassei a figura miúda de Lestrade. À nossa frente, enquanto voávamos pela trilha, ouvimos o grito de Sir Henry e o rugido profundo do cão. Cheguei a tempo de ver a fera atacar sua vítima, jogá-la no chão e investir contra a sua garganta. Mas, no instante seguinte, Holmes atirou cinco vezes sobre o flanco da criatura. Com um último uivo de agonia e uma feroz dentada no ar, o cão tombou de costas, as

quatro patas se debatendo furiosamente, e depois caiu de lado, inerte. Eu me inclinei, ofegante e pressionei o revólver na cabeça que ainda tremia, mas não era preciso apertar o gatilho. O cão gigantesco estava morto.

Sir Henry jazia desacordado onde tinha caído. Rasgamos seu colarinho e Holmes fez uma oração de gratidão quando verificou que não tinha sinal de ferida e que o resgate chegara a tempo. As pálpebras do nosso amigo já tremiam e ele fez esforço para se mover. Lestrade enfiou seu frasco de conhaque entre os dentes do baronete, e dois olhos assustados estavam olhando para nós.

— Meu Deus! — sussurrou ele. — O que foi isso? Em nome de Deus, o que foi isso?

— Está morto, o que quer que fosse — disse Holmes. — Derrubamos o fantasma da família de uma vez por todas.

Só pelo tamanho e força, era um animal terrível que estava estendido diante de nós. Não era um cão de caça puro, nem um mastim puro. Parecia ser uma combinação dos dois: descarnado, selvagem e do tamanho de uma leoa jovem. Mesmo agora, na quietude da morte, as enormes mandíbulas pareciam gotejar uma chama azulada e os pequenos olhos profundos e cruéis estavam rodeados de fogo. Coloquei minha mão no focinho brilhante e, quando a ergui, meus próprios dedos ardiam e brilhavam na escuridão.

— Fósforo — disse eu.

— Uma preparação habilidosa — disse Holmes, cheirando o animal morto. — Nenhum cheiro poderia interferir em seu faro. Nós lhe devemos sinceras desculpas, Sir Henry, por tê-lo exposto a esse pavor. Eu esperava um cão, não uma criatura como esta. E o nevoeiro nos deu pouco tempo para recebê-lo.

— Os senhores salvaram a minha vida.

— Tendo primeiro a colocado em perigo. Você está forte o suficiente para ficar de pé?

— Dê-me outro gole daquele conhaque e eu estarei pronto para qualquer coisa. Assim! Agora, se puderem me ajudar a me levantar. O que você propõe fazer?

— Deixar o senhor aqui. Não me parece em condições para outras aventuras esta noite. Se você esperar, um de nós o acompanhará até o Solar.

Sir Henry tentou ficar de pé, mas ainda estava horrivelmente pálido e tremia da cabeça aos pés. Nós o ajudamos a chegar até uma pedra, na qual

se sentou, trêmulo e com o rosto enterrado nas mãos.

— Devemos deixá-lo agora — disse Holmes. — O resto do nosso trabalho deve ser feito e cada minuto é muito importante. Temos o nosso caso, e agora só precisamos do nosso homem. A probabilidade de não o encontrarmos em casa é de mil contra um — continuou ele, enquanto voltávamos rapidamente pela trilha. — Aqueles tiros certamente o informaram de que o jogo terminou.

— Estávamos a alguma distância, e essa névoa pode ter abafado o som.

— Ele seguiu o cão para chamá-lo de volta, podem ter certeza. Não, não, a esta altura ele já fugiu! Mas nós vamos revistar a casa para ter certeza.

Como a porta da frente estava aberta, entramos às pressas e corremos de cômodo em cômodo, para espanto de um velho e trôpego empregado que nos encontrou no corredor. Não havia luz alguma a não ser na sala de jantar, mas Holmes pegou o lampião e não deixou um canto da casa inexplorado. Não vimos nenhum sinal do homem que estávamos perseguindo. No andar superior, no entanto, uma das portas do quarto estava trancada.

— Tem alguém aqui! — exclamou Lestrade. — Consigo ouvir uma movimentação. Abra esta porta!

Um fraco gemido e um farfalhar veio de dentro. Holmes golpeou a porta logo acima da fechadura com o pé e ela se abriu. De revólver em punho, todos nós três corremos para o quarto.

Mas não tinha sinal daquele patife desesperado e desafiador que esperávamos ver. Em vez disso, fomos confrontados por um objeto tão estranho e tão inesperado que ficamos parados por um momento, espantados.

O quarto tinha sido transformado em um pequeno museu, e as paredes eram revestidas por uma série de expositores com tampo de vidro, cheios daquela coleção de borboletas e mariposas cuja formação tinha sido a distração desse homem complexo e perigoso. No centro do quarto via-se uma viga vertical, colocada ali um dia como suporte para as velhas e carcomidas traves de madeira que atravessavam o telhado. Nesse poste estava presa uma figura, tão enfaixada e encoberta pelos lençóis que tinham sido usados para amarrá-la que, no primeiro momento, não soubemos se estávamos diante de um homem ou de uma mulher. Uma toalha cingia-lhe o pescoço. Outra cobria a parte inferior do rosto e, acima dela, dois olhos escuros, olhos cheios de aflição, vergonha e uma terrível indagação, nos

fitavam. Em um minuto, arrancamos a mordaca, soltamos as amarras e a Srta. Stapleton afundou-se no chão à nossa frente. Quando sua linda cabeça caiu sobre o peito, vi o vergão vermelho de uma chicotada em seu pescoço.

— O animal! — exclamou Holmes. — Depressa, Lestrade, sua garrafa de conhaque! Coloque a moça na cadeira! Ela desmaiou por causa dos maus-tratos e exaustão.

Ela abriu os olhos novamente.

— Ele está em segurança? — perguntou ela. — Ele escapou?

— Ele não vai conseguir escapar de nós, senhora.

— Não, não, não quis dizer meu marido. Sir Henry? Ele está ileso?

— Sim.

— E o cão?

— Está morto.

Ela soltou um longo suspiro de satisfação.

— Graças a Deus! Graças a Deus! Oh, esse miserável! Vejam como ele me tratou! — Ela arregaçou as mangas e pudemos ver como seus braços estavam cobertos de hematomas. — Mas isso não é nada... nada! Foram a minha mente e a minha alma que ele torturou e profanou. Eu podia suportar tudo, maus-tratos, solidão, uma vida de decepção, tudo, contanto que eu ainda pudesse me apegar à esperança de que eu tivesse o seu amor, mas agora sei que também nisso fui seu brinquedo e instrumento. — E rompeu em soluços amargurados enquanto falava.

— Não tenha nenhuma benevolência em relação a ele, senhora — disse Holmes. — Conte-nos, portanto, onde podemos encontrá-lo. Se alguma vez o ajudou no mal, ajude-nos agora e poderá se redimir.

— Só há um lugar para onde pode ter fugido — respondeu ela. — Há uma velha mina de estanho em uma ilha no coração do charco. Era lá que ele mantinha o seu cão, e foi lá também que fez arranjos para usá-la como refúgio. É para lá que ele fugiria.

A neblina parecia uma lã branca contra a janela. Holmes ergueu o lampião.

— Vejam — disse ele. — Ninguém seria capaz de penetrar no charco de Grimpen esta noite.

Ela riu e bateu palmas. Seus olhos e dentes cintilaram com uma alegria feroz.

— Ele pode encontrar o seu caminho para entrar, mas nunca para sair!
— exclamou ela. — Como ele seria capaz de enxergar as varas que indicam o caminho esta noite? Nós as fincamos juntas, ele e eu, para marcar o caminho pelo charco. Ah, se eu pudesse apenas tê-las arrancado hoje. Então, os senhores o teriam à sua mercê!

Era evidente para nós que qualquer perseguição seria impossível até que a névoa se dissipasse. Então, deixamos Lestrade tomando conta da casa, enquanto Holmes e eu voltamos com o baronete para o Solar Baskerville. Não era mais possível esconder-lhe a história dos Stapleton, mas ele enfrentou bravamente o golpe quando soube a verdade a respeito da mulher que amava. Mas o choque das aventuras da noite abalara seus nervos e, antes do amanhecer, ele delirava com febre alta, sob os cuidados do Dr. Mortimer. Os dois estavam destinados a viajar juntos pelo mundo e, só então, Sir Henry voltaria a ser o homem forte e saudável que fora antes de se tornar dono daquela propriedade agourenta.

E agora chego rapidamente à conclusão dessa singular narrativa, na qual tentei fazer com que o leitor compartilhasse dos medos soturnos e das suposições vagas que anuviaram nossas vidas por tanto tempo e terminaram de maneira tão trágica. Na manhã seguinte à morte do cão, a neblina havia se dissipado e fomos guiados pela Sra. Stapleton até o ponto onde eles tinham encontrado um caminho através do charco. A ansiedade e a alegria com que essa mulher nos pôs na pista do marido ajudou-nos a compreender o horror de sua vida. Nós a deixamos na estreita península de terra firme que se afunilava pelo vasto lodaçal. A partir do ponto em que ela terminava, uma pequena vara fincada aqui e ali mostrava por onde o caminho se estendia em zigue-zague de tufo em tufo de juncos por entre aqueles buracos cheios de espuma verde e atoleiros fétidos que bloqueavam o caminho para um forasteiro. Caniços exuberantes e plantas aquáticas lançavam odores de decomposição e um pesado vapor miasmático em nossos rostos, enquanto, mais de uma vez, um passo em falso nos mergulhou até a coxa no charco escuro, que se agitava em suaves ondulações em torno de nossos pés. Seu aperto tenaz agarrava nossos calcanhares enquanto andávamos, e quando nos afundávamos nele era como se alguma mão maligna nos puxasse para aquelas profundezas repugnantes, tão implacáveis e sinistra era a pressão com que nos segurava. Apenas uma vez vimos um traço de que alguém tinha passado por esse caminho perigoso

antes de nós. Do meio de um tufo de grama de algodão que o sustentava do lodo, alguma coisa escura se projetava. Holmes afundou-se até a cintura enquanto saía do caminho para pegá-la, e se não estivéssemos lá para arrastá-lo para fora, ele nunca mais teria colocado os pés em terra firme. Ele segurava uma velha bota preta no ar. “Meyers, Toronto” estava impresso no forro do couro.

— Valeu o banho de lama — disse ele. — É a bota perdida do nosso amigo Sir Henry.

— Stapleton a jogou fora em sua fuga.

— Exatamente. Ele a manteve para colocar o cão no rastro dele. Fugiu quando soube que o jogo estava terminado, ainda segurando-a. E a jogou fora neste ponto de sua fuga. Sabemos pelo menos que ele chegou até aqui em segurança.

Mas não estávamos destinados a saber mais do que isso, embora houvesse muito que pudéssemos conjecturar. Não havia chance de encontrar pegadas no charco, pois a lama estava subindo rapidamente. Mas, quando finalmente chegamos a um terreno mais firme além do charco, todos olhamos ansiosos por pegadas. Mas não vimos nenhum sinal delas. Se a terra contava uma história verdadeira, então Stapleton nunca alcançou àquela ilha de refúgio em direção à qual partira na noite anterior, enfrentando a neblina. Em algum lugar no coração do grande charco de Grimpen, no fundo do lodo fétido do enorme pântano que o sugara, esse homem frio e cruel está enterrado para sempre.

Encontramos muitos vestígios dele na ilha suja onde ele escondeu seu aliado selvagem. Uma enorme roda propulsora e um poço cheio de lixo mostravam a posição de uma mina abandonada. Ao lado dela, estavam os escombros dos galpões dos mineiros, expulsos, sem dúvida, pelo fedor asqueroso do charco ao redor. Uma argola de ferro e uma corrente com uma quantidade de ossos roídos indicavam onde o animal ficara confinado. Um esqueleto com um emaranhado de cabelos castanhos aderidos a ele estava entre os detritos.

— Um cão! — exclamou Holmes. — Por Deus, um spaniel de pelo ondulado. O pobre Mortimer nunca mais verá seu animal de estimação. Bem, parece-me que este lugar não esconde nenhum segredo que ainda não tenhamos compreendido. Ele podia esconder seu cão de caça, mas não conseguia silenciar sua voz e, portanto, vinham aqueles uivos que, mesmo à

luz do dia, não eram agradáveis de se ouvir. Em uma emergência, ele podia manter o cão na casinhola de Merripit, mas isso era sempre um risco, e ele só ousou fazê-lo no dia supremo, que ele considerou como o fim de todos os seus esforços. Esta pasta na lata é, sem dúvida, a mistura luminosa com a qual a criatura foi pintada. Isso foi sugerido, é claro, pela história do cão infernal da família e pelo desejo de matar de susto o velho Sir Charles. Não me admira que o pobre diabo de um prisioneiro corresse e gritasse, assim como fez nosso amigo, e como nós mesmos podíamos ter feito, quando ele viu uma criatura tão perigosa atravessando a escuridão da charneca em seu encalço. Foi um stratagem astuto, pois, afora a possibilidade de ocasionar a morte da vítima, que camponês se aventuraria a investigar tão de perto um animal como esse caso o avistasse, como muitos fizeram, na charneca? Eu disse isso em Londres, Watson, e repito agora, que nunca ajudamos a caçar um homem mais perigoso do que esse o que jaz ali — disse e apontou seu braço comprido em direção à enorme vastidão de charco salpicada de manchas verdes que se estendia a distância até se misturar às encostas avermelhadas da charneca.

Uma retrospectiva



Era fim de novembro e Holmes e eu estávamos sentados, em uma noite fria e nevoenta, ao lado de um fogo ardente em nossa sala de estar em Baker Street. Desde o trágico desfecho da nossa visita a Devonshire, ele estivera envolvido em dois assuntos de extrema importância. No primeiro, denunciara a conduta atroz do Coronel Upwood em relação ao famoso escândalo das cartas do Nonpareil Club. E, no segundo, defendera a desafortunada Madame Montpensier da acusação de assassinato que pairou sobre ela em conexão com a morte de sua enteada, Mademoiselle Carère, a jovem dama que, como todos devem se lembrar, foi encontrada seis meses depois viva e casada em Nova York. Meu amigo estava de excelente humor com o sucesso de casos difíceis e importantes, de modo que consegui induzi-lo a discutir os detalhes do mistério de Baskerville. Eu estava esperando pacientemente por essa oportunidade, pois sabia que ele nunca permitiria que casos se sobrepusessem, e que sua mente clara e lógica não se desviasse de seu trabalho atual para se deter em lembranças do passado. Sir Henry e o Dr. Mortimer estavam em Londres, a caminho daquela longa viagem que fora recomendada para a restauração dos nervos abalados do baronete. Tendo os dois nos feito uma visita naquela mesma tarde, era natural que o assunto fosse discutido.

— Todo o curso dos acontecimentos — disse Holmes —, do ponto de vista do homem que dizia se chamar Stapleton, foi simples e direto, embora para nós, que no começo não tínhamos meios de conhecer o que motivava suas ações e só podíamos conhecer parte dos fatos, tudo parecia extremamente complexo. Tive a vantagem de duas conversas com a Sra.

Stapleton, e agora que o caso foi completamente esclarecido, não me parece ter restado nenhum segredo para nós. Você encontrará algumas notas sobre o assunto sob a letra B em minha lista de casos.

— Talvez você pudesse fazer a gentileza de me dar, de memória, um resumo do curso dos acontecimentos.

— Certamente, embora eu não possa garantir ter todos os fatos em minha mente. A concentração mental intensa tem uma maneira curiosa de apagar o que passou. O advogado que tem seu caso na ponta da língua, e é capaz de discutir com um especialista sobre seu próprio assunto, descobre que uma semana ou duas semanas podem ser suficientes para expulsar tudo aquilo de sua cabeça. Então cada um dos meus casos apaga o anterior, e Mademoiselle Carère confundiu minha lembrança com o caso do Solar Baskerville. Amanhã, algum outro pequeno problema pode ser submetido à minha atenção, que por sua vez vai desalojar a bela dama francesa e o abominável Upwood. No que diz respeito ao caso do Cão dos Baskerville, porém, eu vou lhe dar o curso dos acontecimentos tão bem quanto eu possa, e você pode sugerir qualquer coisa que eu possa ter me esquecido.

“Minhas investigações mostram, sem nenhuma dúvida, que o retrato de família não mentia, e que aquele sujeito era de fato um Baskerville. Ele era filho daquele Rodger Baskerville, o irmão mais novo de Sir Charles, que fugiu com uma reputação sinistra para a América do Sul, onde, segundo os relatos, teria morrido solteiro. Mas, na verdade, ele se casara e tivera um filho, esse sujeito, cujo nome verdadeiro é igual ao de seu pai. Ele se casou com Beryl Garcia, uma das beldades da Costa Rica, e, tendo roubado uma quantia considerável de dinheiro público, mudou seu nome para Vandeleur e fugiu para a Inglaterra, onde fundou uma escola no leste de Yorkshire. Sua razão para tentar essa linha especial de negócios foi ter feito amizade com um preceptor tuberculoso na viagem para casa, e usado a habilidade desse homem para tornar o empreendimento um sucesso. Mas Fraser, o preceptor, morreu, e a escola, que tinha começado bem, decaiu da má reputação para a infâmia. Os Vandeleur acharam conveniente mudar seu nome para Stapleton, e ele trouxe o resto de sua fortuna, seus planos para o futuro e seu gosto pela entomologia para o sul da Inglaterra. Eu soube no Museu Britânico que ele era uma autoridade reconhecida no assunto, e que o nome Vandeleur ficou permanentemente associado a uma mariposa que ele, em seus dias em Yorkshire, foi o primeiro a descrever.

“Chegamos agora àquela parte de sua vida que provou ser de tanto interesse para nós. O sujeito evidentemente fez investigações e descobriu que apenas duas vidas se interpunham entre ele e uma valiosa herança. Quando ele foi para Devonshire, seus planos eram, creio eu, extremamente vagos, mas, pelo modo como trouxe sua mulher disfarçada como sua irmã, fica evidente que tinha más intenções desde o início. A ideia de usá-la como chamariz já estava definida em sua mente, embora ele não tivesse certeza de como os detalhes de sua trama iriam se encaixar. Ele pretendia pôr as mãos na herança, e estava pronto para lançar mão de qualquer instrumento ou correr qualquer risco. Seu primeiro ato foi se estabelecer o mais próximo possível de sua casa ancestral, e o segundo foi cultivar amizade com Sir Charles Baskerville e os vizinhos.

“O próprio baronete contou-lhe sobre o cão da família, e assim preparou o caminho para a sua própria morte. Stapleton, como continuarei a chamá-lo, sabia que o coração do velho era fraco e que um choque o mataria. Ficou sabendo disso pelo Dr. Mortimer. Também ouvira dizer que Sir Charles era supersticioso e que levava a sério essa lenda funesta. Sua mente engenhosa instantaneamente concebeu uma maneira pela qual o baronete pudesse ser levado à morte, de tal modo que fosse praticamente impossível condenar o verdadeiro assassino.

“Tendo concebido a ideia, ele passou a colocá-la em prática com considerável astúcia. Um golpista comum teria se contentado em trabalhar com um cão feroz. O uso de meios artificiais para tornar o animal diabólico foi um golpe de genialidade de sua parte. Ele comprou o cão em Londres, de Ross e Mangles, os comerciantes de Fulham Road. Era o maior e o mais forte que possuíam. Stapleton levou-o pela linha de North Devon e caminhou uma grande distância pela charneca, de modo a levá-lo para casa sem despertar nenhum comentário. Em suas caçadas a insetos, já tinha aprendido a penetrar no charco de Grimpen, e assim encontrou um esconderijo seguro para a criatura. Ali o abrigou e esperou sua oportunidade.

“Mas ela demorou um pouco a chegar. Ele não conseguia atrair o velho cavalheiro para fora de suas terras à noite. Várias vezes Stapleton se escondeu nas redondezas com seu cão, mas sem sucesso. Foi durante essas buscas infrutíferas que ele, ou melhor, seu aliado, foi visto pelos camponeses e a lenda do cão demoníaco recebeu uma nova confirmação. Ele esperava

que sua esposa pudesse atrair Sir Charles para a sua ruína, mas nesse ponto ela se mostrou inesperadamente independente. Ela não se empenharia em enredar o velho cavalheiro em um apego sentimental que pudesse entregá-lo a seu inimigo. Ameaças e até, lamento dizer, golpes foram incapazes de forçá-la. Ela não queria saber dessa trama e, por algum tempo, Stapleton se viu em um impasse.

“Ele encontrou uma saída para suas dificuldades graças a uma casualidade, pois Sir Charles, que nutria amizade por ele, tornou-o encarregado de suas ações de caridade no caso dessa infeliz mulher, a Sra. Laura Lyons. Apresentando-se como um homem solteiro, ele adquiriu completa influência sobre ela, e lhe deu a entender que, no caso de ela obter um divórcio de seu marido, ele se casaria com ela. Seus planos foram repentinamente trazidos à tona quando soube que Sir Charles estava prestes a deixar o Solar a conselho do Dr. Mortimer, com cuja opinião ele próprio fingiu concordar. Ele tinha que agir imediatamente ou sua vítima podia escapar de suas garras. Por isso, pressionou a Sra. Lyons a escrever aquela carta, implorando ao velho que lhe concedesse uma entrevista na noite anterior à sua partida para Londres. Então, mediante uma argumentação capciosa, impediu-a de ir, e assim teve a chance pela qual esperava.

“Voltando de carruagem à noite de Coombe Tracey, ele teve tempo de pegar seu cão, lambuzá-lo com sua tinta infernal, e levar a fera até o portão, onde tinha razões para acreditar que encontraria o velho cavalheiro esperando. O cão, incitado por seu mestre, saltou por cima do portão e perseguiu o desafortunado baronete, que fugiu gritando pela Aleia dos Teixos. Naquele túnel sombrio, deve ter sido de fato terrível ver aquele enorme animal preto, com suas mandíbulas e olhos flamejantes, saltando atrás de sua vítima. Sir Charles caiu morto no fim da aleia de ataque cardíaco e terror. Como o cão se mantivera sobre a margem da grama enquanto o baronete corria pelo caminho, só as pegadas do homem eram visíveis. Ao vê-lo caído imóvel, o animal provavelmente se aproximou para farejá-lo, mas constatando que estava morto, afastou-se. Foi então que deixou a pegada vista pelo Dr. Mortimer. O cão foi chamado e levado às pressas para seu covil no charco de Grimpen, e restou um mistério que confundiu as autoridades, alarmou a região e, por fim, trouxe o caso para o escopo de nossa observação.

“Isso quanto à morte de Sir Charles Baskerville. Você percebe a astúcia diabólica da trama, pois, na verdade, seria quase impossível incriminar o verdadeiro assassino. Seu único cúmplice jamais poderia denunciá-lo, e a natureza grotesca e inconcebível do estratagema só servia para torná-lo mais eficaz. Ambas as mulheres envolvidas no caso, a Sra. Stapleton e a Sra. Laura Lyons, ficaram com uma forte desconfiança de Stapleton. A Sra. Stapleton sabia que ele tinha planos em relação ao velho, e também sobre a existência do cão. A Sra. Lyons não conhecia nenhuma dessas coisas, mas ficara impressionada com o fato de a morte ocorrer na hora de seu encontro não cancelado, do qual somente ele sabia. No entanto, ambas estavam sob sua influência, e ele não tinha nada a temer delas. A primeira metade de sua tarefa foi realizada com sucesso, mas ainda restava a mais difícil.

“É possível que Stapleton não soubesse da existência de um herdeiro no Canadá. De qualquer forma, ele logo tomaria conhecimento dela pelo seu amigo Dr. Mortimer, que lhe contou todos os detalhes sobre a chegada de Henry Baskerville. A primeira ideia de Stapleton foi que esse jovem desconhecido do Canadá poderia ser morto em Londres, antes mesmo de chegar a Devonshire. Ele desconfiava de sua esposa desde que ela se recusara a ajudá-lo a preparar uma armadilha para o velho, e ele não ousava deixá-la longe de sua vista por medo de perder a influência que exercia sobre ela. Foi por esse motivo que a trouxe para Londres com ele. Hospedaram-se, acho, no Mexborough Private Hotel, em Craven Street, que na verdade foi um dos visitados pelo meu agente em busca de provas. Ali ele manteve sua esposa presa em seu quarto enquanto ele, disfarçado com uma barba, seguia o Dr. Mortimer até Baker Street e depois para a estação e para o Northumberland Hotel. Sua esposa tinha alguma ideia de seus planos, mas tinha tanto medo do marido, um medo baseado em maus-tratos brutais, que não ousou escrever para advertir o homem a quem ela sabia estar em perigo. Se a carta caísse nas mãos de Stapleton, sua própria vida não estaria segura. Finalmente, como sabemos, ela adotou o método de cortar as palavras que formariam a mensagem e endereçar a carta com uma letra disfarçada. A mensagem chegou ao baronete e deu-lhe o primeiro aviso do perigo.

“Era imprescindível para Stapleton conseguir alguma peça de vestuário de Sir Henry, de modo que, caso ele fosse obrigado a usar o cão, poderia sempre ter os meios de lançá-lo em seu rastro. Com prontidão e audácia peculiares, ele tratou disso imediatamente, e não podemos duvidar que o

engraxate ou a camareira do hotel tenham recebido um belo suborno para ajudá-lo em seu plano. Um acaso, no entanto, fez com que a primeira bota que ele conseguiu fosse a nova e, portanto, inútil para o seu propósito. Ele então a devolveu e conseguiu outra, um incidente muito instrutivo, uma vez que provou conclusivamente em minha mente que estávamos lidando com um cão verdadeiro, pois nenhuma outra suposição podia explicar essa ansiedade para obter uma bota velha e essa indiferença para com uma nova. Quanto mais bizarro e grotesco é um incidente, mais cuidadosamente merece ser examinado, e o próprio ponto que parece complicar um caso é, quando devidamente considerado e cientificamente tratado, o que tem mais chances de elucidá-lo.

“Depois tivemos a visita de nossos amigos na manhã seguinte, sempre seguidos por Stapleton na carruagem. O fato de ele conhecer meu apartamento e minha aparência, bem como sua conduta geral, levou-me a pensar que a carreira de crime de Stapleton não se limitou de modo algum a esse único caso de Baskerville. É sugestivo que durante os últimos três anos tenha havido seis roubos consideráveis na região Oeste, pelos quais nenhum criminoso jamais foi preso. O último deles, em Folkestone Court, em maio, chamou a atenção pelo tiro dado a sangue-frio no mensageiro que surpreendeu o ladrão mascarado e solitário. Não duvido que Stapleton tivesse reunido seus recursos em declínio dessa forma, e que por anos ele tenha sido um homem desesperado e perigoso.

“Tivemos um exemplo de sua disponibilidade de recursos naquela manhã, quando escapou de nós com tanto sucesso, e também de sua audácia em enviar de volta meu próprio nome para mim por meio do cocheiro. A partir daquele momento, ele entendeu que eu tinha assumido o caso em Londres, e que, portanto, não havia nenhuma chance para ele aqui. Ele então voltou para Dartmoor e esperou a chegada do baronete.”

— Um momento! — disse eu. — Você, sem dúvida, descreveu a sequência dos eventos corretamente, mas há um ponto que deixou sem explicação. O que aconteceu com o cão quando seu dono estava em Londres?

— Eu dei alguma atenção a esse assunto e é realmente importante. Não pode haver dúvida de que Stapleton tinha um confidente, embora seja improvável que ele compartilhasse todos os seus planos com ele. Havia um velho criado na Casa Merripit, cujo nome era Anthony. Sua conexão com os

Stapleton pode ser rastreada há vários anos, desde os seus dias de diretor de colégio, de modo que ele devia saber que seus patrões eram na verdade marido e mulher. Esse homem desapareceu do país. Repare que Anthony não é um nome comum na Inglaterra, enquanto Antônio o é em todos os países hispânicos e hispano-americanos. O homem, como a própria Sra. Stapleton, falava um bom inglês, mas com um curioso sotaque. Eu mesmo vi esse velho atravessar o charco de Grimpen pela trilha que Stapleton demarcara. É muito provável, portanto, que, na ausência de seu patrão, fosse ele quem cuidasse do cão, embora talvez nunca tenha sabido qual seria o objetivo do animal.

“Os Stapleton então foram para Devonshire, sendo logo seguidos por Sir Henry e por você. Uma palavra agora sobre a minha posição naquele momento. Talvez seja possível que se recorde de que, quando examinei o papel no qual as palavras impressas estavam pregadas, fiz uma inspeção minuciosa da marca d’água. Ao fazê-lo, segurei-o a poucos centímetros dos meus olhos e logo fiquei consciente de um leve cheiro do perfume conhecido como jasmim branco. Há setenta e cinco perfumes, e é muito importante que um especialista em criminalidade seja capaz de distinguir um do outro, e mais de uma vez, em minha experiência, casos dependeram de seu pronto reconhecimento. O cheiro sugeria a presença de uma dama, e meus pensamentos já começaram a girar em direção aos Stapleton. Assim, eu tinha certeza do cão e tinha adivinhado o criminoso antes de irmos para o Oeste.

“Meu plano era vigiar Stapleton. No entanto, era evidente que eu não podia fazer isso se estivesse com você, já que ele estaria bem atento. Enganei todo mundo, portanto, você mesmo incluído, e fui para lá secretamente quando todos supunham que eu estava em Londres. Minhas dificuldades não foram tão grandes quanto você imaginou, embora esses detalhes insignificantes nunca devam interferir na investigação de um caso. Permaneci a maior parte do tempo em Coombe Tracey, e só usava a cabana na charneca quando era necessário estar perto da cena da ação. Cartwright tinha ido comigo e, disfarçado de camponês, foi de grande ajuda para mim. Eu dependia dele para comida e roupa limpa. Quando eu estava vigiando Stapleton, Cartwright estava frequentemente vigiando você, de modo que eu pude controlar todos os cordões.

“Eu já disse a você que seus relatórios chegaram a mim rapidamente, sendo encaminhados instantaneamente de Baker Street para Coombe Tracey. Eles me foram muito úteis, em especial aquele trecho incidentalmente verdadeiro da biografia de Stapleton. Consegui estabelecer a identidade do homem e da mulher e finalmente soube exatamente qual era a minha posição. O caso tinha se tornado consideravelmente complicado pelo incidente do prisioneiro fugitivo e pelas relações entre ele e os Barrymore. Isso também você esclareceu de uma maneira muito eficaz, embora eu já tivesse chegado às mesmas conclusões a partir de minhas próprias observações.

“No momento em que você me descobriu na charneca, eu tinha um conhecimento completo de todo o caso, mas não tinha uma acusação que pudesse ser apresentada a um júri. Nem mesmo a tentativa de Stapleton contra Sir Henry naquela noite, que terminou com a morte do infeliz prisioneiro, não nos ajudava a provar que nosso homem era culpado de assassinato. Parecia não haver alternativa a não ser pegá-lo em flagrante, e para isso tínhamos que usar Sir Henry, sozinho e aparentemente desprotegido, como isca. Fizemos isso e, ao custo de um grave choque para nosso cliente, conseguimos concluir nosso caso e levar Stapleton à sua ruína. Que Sir Henry tenha sido exposto a isso é, devo confessar, uma mancha na minha condução do caso, mas não tínhamos meios de prever o terrível e paralisante espetáculo que o animal ia apresentar, nem poderíamos prever a neblina que lhe permitiu saltar sobre nós tão repentinamente. Conseguimos nosso objetivo a um custo que tanto o especialista quanto o Dr. Mortimer me garantem ser temporário. Uma longa viagem pode permitir que nosso amigo se recupere não só de seus nervos abalados, mas também de seus sentimentos feridos. Seu amor pela dama era profundo e sincero, e para ele a parte mais triste de todo esse caso funesto foi ter sido enganado por ela.

“Só resta indicar o papel que ela desempenhou durante todo o tempo. Não pode haver dúvida de que Stapleton exercia sobre ela uma influência que talvez fosse amor, talvez fosse medo, ou muito possivelmente ambos, já que essas não são de forma alguma emoções incompatíveis. Era, pelo menos, absolutamente eficaz. Ao seu comando, ela consentiu em se passar por sua irmã, embora ele tenha encontrado os limites de seu poder sobre ela quando tentou torná-la sua cúmplice direta em um assassinato. Ela estava pronta para advertir Sir Henry até onde podia, sem implicar o marido, e

estava sempre tentando fazê-lo. O próprio Stapleton parece ter sido capaz de ter tido ciúme, e quando viu o baronete cortejando sua esposa, muito embora isso fizesse parte de seu plano, não conseguiu se impedir de interferir com uma explosão apaixonada que revelou a alma irascível que suas maneiras controladas ocultavam tão habilmente. Ao encorajar a intimidade, assegurou-se de que Sir Henry iria com frequência à Casa Merripit e que, mais cedo ou mais tarde, teria a oportunidade que desejava. No dia da crise, porém, sua esposa se voltou subitamente contra ele. Ela tinha ouvido sobre a morte do condenado e sabia que o cão estava sendo mantido na casinhola na noite em que Sir Henry viria jantar. Ela acusou o marido pelo crime que pretendia cometer, e seguiu-se uma cena furiosa, em que ele lhe mostrou pela primeira vez que ela tinha uma rival em seu amor. Em um instante, a fidelidade da mulher transformou-se em amargo ódio e ele viu que ela o trairia. Ele a amarrou, portanto, para que ela não tivesse nenhuma chance de avisar Sir Henry, e ele esperava, sem dúvida, que quando toda a região atribuísse a morte do baronete à maldição de sua família, como certamente faria, seria capaz de convencer a mulher a aceitar um fato consumado e permanecer em silêncio a respeito do que sabia. Com isso, imagino que, de qualquer modo, ele tenha cometido um erro de cálculo e que mesmo que não estivéssemos ali, sua condenação teria sido selada. Uma mulher de sangue espanhol não tolera uma afronta como essa tão facilmente. E agora, meu caro Watson, sem me referir às minhas anotações, não posso lhe dar uma descrição mais detalhada desse curioso caso. Parece-me que nada de essencial ficou sem explicação.”

— Ele não podia esperar matar Sir Henry de medo, como fizera com o velho tio com seu cão funesto.

— A besta era selvagem e estava quase sempre faminta. Se a aparência não assustasse a vítima até a morte, pelo menos paralisaria a resistência que poderia ser oferecida.

— Sem dúvida. Só resta uma questão. Se Stapleton recebesse a herança, como ele poderia explicar o fato de que ele, o herdeiro, estava vivendo sob outro nome tão perto da propriedade? Como ele poderia reivindicá-la sem causar suspeita e indagação?

— De fato é uma questão de dificuldade tremenda, e receio que você esteja pedindo muito de mim ao esperar que eu a resolva. O passado e o presente estão no campo da minha pesquisa, mas o que um homem pode

fazer no futuro é uma questão difícil de responder. A Sra. Stapleton ouviu o marido discutir o problema em várias ocasiões. Havia três cursos possíveis. Ele poderia reivindicar a propriedade a partir da América do Sul, comprovando sua identidade perante as autoridades britânicas de lá e assim obter a fortuna sem jamais pôr os pés na Inglaterra; ou ele poderia adotar um elaborado disfarce durante o pouco tempo que ele precisasse permanecer em Londres; ou, então, ele poderia fornecer as provas a um cúmplice, estabelecendo-o como o herdeiro, e conservando o direito sobre certa proporção de sua renda. Não podemos duvidar, pelo que conhecemos do homem, que ele teria encontrado alguma saída para a dificuldade. E agora, meu caro Watson, tivemos algumas semanas de trabalho pesado e, por uma noite, acho que podemos voltar nossos pensamentos para coisas mais agradáveis. Eu tenho um camarote para Les Huguenots. Você já ouviu falar de De Reszkes? Poderia então lhe pedir que esteja pronto em meia hora, de modo a podermos passar no Marcini's para um jantarzinho no caminho?

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS



-  editorapandorga.com.br
-  [/editorapandorga](https://www.facebook.com/editorapandorga)
-  [pandorgaeditora](https://www.instagram.com/pandorgaeditora)
-  [editorapandorga](https://twitter.com/editorapandorga)

